UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

REJANE CENTURION GAMBARRA e GOMES

GÂNDAVO E A *HISTORIA DA PROUINCIA SÃCTA CRUZ A QUE VULGARMETE CHAMAMOS BRASIL*: ESTUDO DO LÉXICO E DAS MARCAS DE AUTORIA

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GÂNDAVO E A *HISTORIA DA PROUINCIA SÃCTA CRUZ A QUE VULGARMETE CHAMAMOS BRASIL*: ESTUDO DO LÉXICO E DAS MARCAS DE AUTORIA

REJANE CENTURION GAMBARRA e GOMES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

São Paulo
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

GAMBARRA e GOMES, Rejane Centurion. **Gândavo e a *Historia da Prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*: estudo do léxico e das marcas de autoria**. 391p.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Aprovada em: 22/05/2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas Instituição: UFSCar

Assinatura: _____

Prof. Dr. João Antonio de Santana Neto Instituição: UEB

Assinatura: _____

Prof. Dra. Ieda Maria Alves Instituição: USP

Assinatura: _____

Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin Instituição: USP

Assinatura: _____

Aos meus Pedros (meu “porto seguro”), por todos os sentidos que [se/me] fizeram produzir durante o curso.

Aos nativos de Pindorama, pelos sentidos que foram silenciados e pelos que perpassaram e se fazem presentes na língua e no discurso.

AGRADECIMENTOS

Ao Pedr[inh]o, pela torcida incondicional.

Ao Pedr[ã]o, pelo decisivo e fundamental apoio desde o processo pré-seleção; por ter se anulado profissionalmente para me auxiliar; pela compreensão, companheirismo, carinho e amor constantes.

Ao professor Mourivaldo, pela acolhida da pesquisa, apoio, atenção, direcionamentos e compreensão nos momentos de dificuldades; por ter acreditado em mim, desde a primeira conversa, em Tangará da Serra (MT), e instigado a possibilidade de trabalho conjunto. Pelo profissionalismo junto à condução dos papéis de orientador e professor, o que fez com que se tornasse, para mim, um exemplo a seguir.

Ao professor Roberto, por se fazer presente em todas as etapas do meu percurso acadêmico; pelas sugestões no projeto inicial; pela leitura do texto de qualificação e contribuições; pelo apoio constante; pela amizade.

Ao professor Phablo, pelas contribuições na etapa de qualificação, as quais me permitiram compreender pegadas filológicas a serem trilhadas.

À professora Ieda, por ter contribuído para que a minha concepção sobre o "mundo das palavras" passasse a receber um novo olhar.

À Milena, companheira de curso, de área, de orientador, de eventos, de disciplinas, de aflições, de viagens, de andanças, de risadas... Obrigada pelo companheirismo e amizade, os quais se fortaleceram para a caminhada que segue.

À UNEMAT, pelos três anos de afastamento concedidos para dedicação exclusiva à pesquisa.

À FAPESP, pela bolsa de estudos concedida nos últimos dezoito meses.

Ao mar de Caraguá, que se permitiu relaxar minha mente esgotada nas inúmeras vezes nas quais o procurei.

À Serra do Mar, por, diariamente, inspirar-me e fazer-me "viajar" para o século XVI.

Aos familiares e amigos, que torceram [de verdade] pela realização desta.

A Deus, pela luz e graças concedidas em meu caminho acadêmico; pela saúde, sabedoria e tranquilidade junto à condução do trabalho nestes três anos e três meses.

O lutador (ANDRADE, 2008)

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.
Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue…
Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafias,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor

de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,
aquela sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo apresentar um estudo interdisciplinar da obra *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo, publicada em 1576, e os manuscritos que a antecederam: *Tractado da prouinçia do Brasil*, *Tractado da terra do Brasil* e *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. A referida obra trata de aspectos diversos da nova província: fauna, flora, capitanias, riquezas naturais, habitantes, entre outros, sendo selecionados como recorte para amostragem analítica, os capítulos comuns relacionados aos nativos. Sob os fundamentos da Filologia, estudamos a tradição textual, analisamos as dedicatórias e editamos semidiplomaticamente o recorte. Para a discussão da tradição textual, consultamos, além de bibliografia específica, as versões tomadas como *corpus*, algumas edições das versões e contatamos bibliotecas do Brasil (edição príncipe) e da Europa (versões manuscritas). Fundamentados nos estudos do léxico, elaboramos um Índice de frequência e ocorrência dos substantivos empregados no recorte e categorizamos setenta e uma lexias em seis campos léxicos, de modo a compreender o processo de nomeação do nativo, implementado pelo não nativo. Inventariamos as lexias utilizando o programa de estatística textual "Léxico 3"; e analisamos os semas das lexias utilizando obras lexicográficas coetâneas e não coetâneas de Gândavo. Tomando conceitos da análise de discurso, analisamos a cena enunciativa do *corpus* e comparamos o emprego das lexias de um dos campos léxicos nas quatro versões. Entre os resultados atingidos, destacamos: houve diversidade lexical junto ao tratamento sobre o nativo; os campos léxicos indicaram a construção de imagens descaracterizadoras do nativo; o locutor autoapresenta seu texto como História, mas "mostra" as cenografias de tratados e narração oral de casos; o processo de nomeação não se restringe ao âmbito linguístico, mas também ao discursivo; as dedicatórias e a frequência de lexias em campo léxico puderam indicar marcas autorais.

Palavras-chave: tradição textual; edição semidiplomática; léxico; discurso; marcas autorais

ABSTRACT

This thesis aims to present an interdisciplinary study of the work *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brazil*, by Pero de Magalhães de Gândavo, published in 1576, and the manuscripts that came before it: *Tractado da prouinçia do Brasil*, *Tractado da terra do Brasil* and *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. This work deals with various aspects of the new province: fauna, flora, captaincies, natural resources, inhabitants, among others, being selected for analytical sampling, the common chapters about the natives. Under the fundamentals of Philology, we studied the textual tradition, analyzed the dedications and edited semidiplomatically the selected parts. To discuss the textual tradition, we consulted, in addition to the specific bibliography, the versions taken as *corpus*, some editions of the versions and contacted libraries in Brazil (prince edition) and Europe (manuscript versions). Based on studies of the lexicon, we developed an index of frequency and occurrence of nouns employed in the selected parts and categorized seventy-one lexias in six lexical fields, in order to understand the process of naming the native implemented by the non-native. We inventoried the lexias using the textual statistical program "Lexicon 3"; and analyzed the semes of the lexias using Gândavo's coeval and not coeval lexicographical works. Based on discourse analysis concepts, we analyzed the enunciative scene of the *corpus* and compared the use of lexias of one of the lexical fields in the four versions. Among the results achieved, we include the following: there was a lexical diversity on the treatment of the native; the lexical fields indicated the construction of native's mischaracterizing images; the enunciator presents his text as History, but "shows" the scenographies as treaties and oral narration of stories; the nomination process is not restricted to linguistic, but also to discursive scope; the dedications and the frequency of lexias in lexical field could indicate authorship marks.

Keywords: textual tradition; semidiplomatic edition; lexicon; discourse; authorship marks

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Fases de elaboração da “Historia”.....43
Gráfico 2 – Proporção de substantivos por ocorrência(s) no texto.....165
Gráfico 3 – Frequência dos substantivos.....166
Gráfico 4 – Campo léxico “nomeação para nativo”.....192
Gráfico 5 – Utilização dos objetos.....196
Gráfico 6 – Objetos utilizados em combates e em situações de vingança e/ou morte.....200
Gráfico 7 – Objetos utilizados em situações não envolvendo combate e morte.....202
Gráfico 8 – Campo léxico “alimentos”.....207
Gráfico 9 – Campo léxico “aspectos da terra”.....211
Gráfico 10 – Campo léxico “espaço”.....219
Gráfico 11 – Campo léxico “autoridades”.....223
Gráfico 12 – Instâncias do *ethos*.....250
Gráfico 13 – Lexias do CL “nomeação para nativo” em ordem crescente de emprego.....258
Gráfico 14 – Ocorrências das lexias **gente**, **índio** e **pessoa** nas quatro versões.....263
Gráfico 15 – Lexias do CL “nomeação para nativo” nas quatro versões.....267

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dissertações acerca da “Historia”.....36
Tabela 2 – Teses acerca da “Historia”.....37
Tabela 3 – Comparação entre ms.1 e ms.2.....54
Tabela 4 – Indícios de não autografia do ms.3.....58
Tabela 5 – Comparação entre ms.2 e ms.3.....61
Tabela 6 – Acepções para fases da obra.....65
Tabela 7 – Comparação entre ms.3 e edição príncipe.....71
Tabela 8 – Monstro Hipupiára.....74
Tabela 9 – Comparação entre as quatro versões.....82
Tabela 10 – Referências breves aos homenageados.....90
Tabela 11 – Dedicatória do ms.1.....92
Tabela 12 – Dedicatória do ms.2.....93
Tabela 13 – Dedicatória do ms.3.....94
Tabela 14 – Dedicatória da edição príncipe.....95
Tabela 15 – Dedicatória da obra “Regras”.....98
Tabela 16 – Proporção de substantivos por ocorrência(s) no texto.....163
Tabela 17 – Substantivos com frequências altíssima e alta.....167
Tabela 18 – Formações imaginárias.....168
Tabela 19 – Campo léxico “nomeação para nativo”.....186
Tabela 20 – Campo léxico “objetos”.....194
Tabela 21 – Campo léxico “alimentos”.....204
Tabela 22 – Campo léxico “aspectos da terra”.....208
Tabela 23 – Campo léxico “espaço”.....212
Tabela 24 – Campo léxico “autoridades”.....220
Tabela 25 – Imagens que o locutor faz do referente.....253
Tabela 26 – Frequência e ocorrência das lexias do CL “nomeação para nativo” nas quatro versões.....257

LISTA DE ABREVIATURAS

cf.	conferir
CL	campo léxico
e.p.	edição príncipe
ms.	manuscrito
mss.	manuscritos
oc.	ocorrência
r.	recto
v.	verso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....16

1. OLHARES INICIAIS AO LOCUTOR E À OBRA.....22

1.1GÂNDAVO: VIDA E[NTRE] ESCRITOS.....22

1.2 *HISTORIA DA PROUINCIA SÃCTA CRUZ A QUE VULGARMETE CHAMAMOS BRASIL:* PRODUÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA N[D]O BRASIL.....27

1.3 PRODUÇÃO ACADÊMICA REFERENTE À "HISTORIA".....35

2. MANUSCRITOS E IMPRESSO DO SÉCULO XVI: DISCUSSÃO FILOLÓGICA.....41

2.1 A "HISTORIA" TEM UMA HISTÓRIA: TRADIÇÃO TEXTUAL.....41

2.1.1 ***Tractado da prouinçia do Brasil***.....44

2.1.2 ***Tractado da terra do Brasil***.....50

2.1.3 ***Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*: o manuscrito**.....55

2.1.4 ***Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*: a edição príncipe**.....69

2.2 TRÊS DIFERENTES DEDICATÓRIAS: BEM MAIS QUE GENTILEZA E PROTEÇÃO.....84

3. A EDIÇÃO.....101

3.1 ESCOLHA DO *CORPUS* E DELIMITAÇÃO DO RECORTE.....101

3.2 EDIÇÃO: PRESSUPOSTOS E NORMAS.....103

3.3 EDIÇÕES SEMIDIPLOMÁTICAS DO *CORPUS*.....107

3.3.1 Transcrição referente ao *Tractado da prouinçia do Brasil* (ms.1).....107

3.3.2 Transcrição referente ao *Tractado da terra do Brasil* (ms.2).....114

3.3.3 Transcrição referente à *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (ms.3).....121

3.3.4 Transcrição referente à *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil* (edição príncipe).....134

4. ÍNDICE DE FREQUÊNCIA E DE OCORRÊNCIA DE ITENS LEXICAIS: LEVANTAMENTO DE VOCABULÁRIO EMPREGADO POR GÂNDAVO.147
4.1 ÍNDICE: CRITÉRIOS, IMPORTÂNCIA, ESTRUTURA.....147
4.2 ÍNDICE DE FREQUÊNCIA E DE OCORRÊNCIA DE ITENS LEXICAIS.....150
4.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FREQUÊNCIA DOS ITENS LEVANTADOS.....163

5. VOCABULÁRIO DO SÉCULO XVI: CATEGORIZAÇÃO DE SUBSTANTIVOS EM CAMPOS LÉXICOS.....171
5.1 A "PALAVRA" DIANTE DIFERENTES PERSPECTIVAS.....171
5.2 CAMPOS LÉXICOS E RELAÇÕES DE SENTIDO.....176
5.3 CATEGORIZAÇÃO DE SUBSTANTIVOS.....183
5.3.1 Campo léxico "nomeação para nativo".....186
5.3.2 Campo léxico "objetos".....194
5.3.3 Campo léxico "alimentos".....204
5.3.4 Campo léxico "aspectos da terra".....208
5.3.5 Campo léxico "espaço".....212
5.3.6 Campo léxico "autoridades".....224
5.4 ANÁLISE ESTRUTURAL DE LEXIAS: ALGUNS APONTAMENTOS.....224

6. DISCURSO NO SÉCULO XVI: O QUE SE "MOSTRA"?.....228
6.1 POR QUE A INTERDISCIPLINARIDADE? POR QUE EXPLORAR O *CORPUS* DISCURSIVAMENTE?.....228
6.2 A "HISTORIA DA PROUINCIA SÃCTA CRUZ" EM CENA[S].....237
6.2.1 Cenografia e *ethos*.....247
6.2.2 Campos léxicos: formações imaginárias e construção de *ethé*.....251
6.3 A NOMEAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO.....255
6.3.1 Campo léxico "nomeação para nativo": as quatro versões.....256

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....269

REFERÊNCIAS.....274

ANEXOS.....280
ANEXO A – Mensagem eletrônica I.....281
ANEXO B – Mensagem eletrônica II.....282
ANEXO C – Primeira versão manuscrita.....283
ANEXO D – Segunda versão manuscrita.....314
ANEXO E – Terceira versão manuscrita.....342
ANEXO F – Edição príncipe.....366

INTRODUÇÃO

No século XVI, é a província de Santa Cruz, em si, que move a produção escrita sobre si... Hoje, escrever sobre textos do século XVI [que, não por acaso, tratem da província de Santa Cruz] tem como motor o oferecimento e a amostragem de respostas a muitas perguntas acerca de diversos aspectos da linguagem. Assim, o objetivo principal desta pesquisa é o de apresentar um estudo interdisciplinar tomando como objeto a *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, do português Pero de Magalhães de Gândavo, publicada em 1576, e os manuscritos que a antecederam. Nesta obra, considerada a primeira história sobre o Brasil em língua portuguesa, seu locutor escreve acerca de vários aspectos da terra então descoberta: frutas, animais, sistema de governo, habitantes, capitanias, entre outros. Antes de sua publicação, o texto passa, num intervalo de aproximadamente dez anos de trabalho, por um processo de escrita e reescrita, conhecendo-se três versões manuscritas anteriores à edição príncipe (PEREIRA FILHO, 1965; HUE, 2004). A existência de diferentes versões instiga-nos à investigação da tradição do texto, tomando como fundamentos alguns dos pressupostos teóricos da Filologia. Desta, passamos a analisar o conteúdo lexical do *corpus*, e, então, a relacionar tal análise ao discurso constitutivo.

A partir de Spina (1994), mobilizamos as funções substantiva e transcendente da filologia. Pela primeira, fazemos um estudo do texto explorando sua tradição e editando-o. Pela segunda, o *corpus* deixa de ser tomado apenas com fim filológico passando a estabelecer um diálogo com os estudos lexicais e discursivos. Assim, a interdisciplinaridade da tese se dá pela relação que um estudo filológico pode estabelecer com léxico e discurso.

Entre as cópias manuscritas existentes, tomamos (fundamentados em diversos estudos anteriores) a que consideramos mais antiga para cada versão: *Tractado da prouinçia do Brasil* (ms.1), arquivada na Inglaterra; *Tractado da terra do Brasil* (ms.2); arquivada em Portugal; e *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (ms.3), arquivada na Espanha. Em relação à disponibilização das cópias para leitura e trabalho, procedemos da seguinte forma: para a leitura do ms.1, tomamos seu fac-símile junto à publicação de Pereira Filho (1965); para a do ms.2, acessamos cópia digitalizada, disponível ao público geral na página eletrônica da Biblioteca Nacional de Portugal; já, para lermos o ms.3, tivemos de adquirir uma cópia em formato PDF, por compra, diretamente da Biblioteca do Escorial. Quanto à versão impressa, acessamos cópia digitalizada, disponível ao público geral na página eletrônica da Biblioteca Nacional de Portugal.

Como recorte para amostragem analítica, selecionamos capítulos comuns às quatro versões, a saber, os capítulos referentes aos nativos (percorrendo-se cento e vinte e seis dos fólios do conjunto de textos), com a proposta de tentarmos compreender o processo de nomeação[1] do nativo (e demais referentes a ele relacionados) pelo não nativo. A opção por tais capítulos decorre, inicialmente, do fato de concentrarem um considerável conteúdo lexical a ser categorizado em campos léxicos. Em termos quantitativos, é importante ressaltarmos que, devido ao grande número de páginas dedicadas ao assunto, é, entre os assuntos abordados, o que ocupa maior espaço na obra. Somado a isso, havia um interesse anterior em tomar como objeto de pesquisa algo relacionado aos nativos. Tomando a pesquisa no panorama do estado do Mato Grosso (caracterizado por seu grande número de agrupamentos indígenas), acreditamos que o foco de investigação contribua para pesquisas futuras, esboçando-se já, questões do tipo: como é construída a imagem do nativo pelas lexias empregadas nos textos referentes à história do estado? qual é o perfil do escrevente dos primeiros textos a circularem neste estado?

Justificamos a investigação do *corpus* em questão, haja vista sua importância junto aos textos produzidos no século XVI (marco do contato entre nativos e não nativos, e início da formação do português brasileiro), sobre o qual a produção acadêmica ainda vem a ser em número reduzido, conforme atestamos em consulta ao Banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)[2]. De acordo com Hue (2004), por um período de quase três séculos, a obra ficou "esquecida" entre as publicações quinhentistas, tendo como provável motivo o impedimento de sua propagação pela Coroa Portuguesa, haja vista a relevância econômico-financeira das informações a respeito da nova província portuguesa. Deixa entrever, portanto, muitas possibilidades de recortes de investigação.

A investigação filológica e a lexical se justificam pelo fato de muito contribuírem para as pesquisas nas respectivas áreas no âmbito da Universidade do Estado de Mato Grosso (instituição na qual nos vinculamos), já que não apresentam quadro considerável. E, especificamente, em relação à Universidade de São Paulo, Xavier (2012, p. 15) afirma "serem ainda poucos os trabalhos de edição de documentos, desenvolvidos no Programa de Filologia e Língua Portuguesa, que se fazem acompanhar de uma análise lexical". Ademais, optamos pelo conteúdo lexical por se encontrar no léxico a riqueza "livre" da língua (BIDERMAN,

---

[1] Embora optemos pelo emprego do termo "nomeação", após a análise lexical, na seção 5.4, mostramos que a partir dos nomes utilizados, o locutor "designa", processo este que envolve "uma relação tomada na história" (GUIMARÃES, 2005, p. 9).
[2] Cf. seção 1.3

1999). Já em relação à investigação discursiva, apesar de haver uma tradição de estudos discursivos nas universidades brasileiras, inclusive nas do Mato Grosso, de acordo com Baronas (2012), são poucas as pesquisas voltadas ao projeto "Para a História do Português Brasileiro" (PHPB) que procuram explicar a constituição histórica da referida língua a partir do âmbito discursivo. Apesar de o texto em estudo ser um exemplo de português europeu, fora produzido (em parte, no Brasil) em período no qual línguas nativas e não nativas entram em contato, período no qual começa a se configurar um quadro inicial de formação de um português brasileiro, podendo, a nosso ver, contribuir para explicações voltadas à constituição histórica deste, especificamente, em seu viés discursivo.

A investigação filológica concentra o comentário da tradição textual, a análise das quatro dedicatórias e a edição do recorte. A primeira se dá por termos visto no histórico de elaboração da obra muitas lacunas, de modo que procuramos, então, levantar informações a respeito de cada uma das versões manuscritas, bem como dos exemplares impressos existentes para que pudéssemos apresentar um quadro de sua tradição. Como há poucas informações acerca das versões manuscritas, além da consulta às cópias mais antigas de cada versão, tomamos apresentações de edições e contatamos bibliotecas dos países nos quais se encontram arquivadas suas cópias, para tratamento e esboço de estemas de cada uma das três versões. Sobre a edição príncipe, consultamos algumas apresentações de edições e os dois exemplares originais arquivados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A análise das dedicatórias se dá por apresentarem indícios de marcas autorais. A edição do recorte para análise, por sua vez, se faz necessária, pois entendemos que assim podemos dar fidedignidade às citações e mobilizações textuais que a pesquisa implica, além de ser um procedimento que nos leva a conhecer melhor as especificidades do *corpus*. O tipo de edição escolhido é o semidiplomático, com vistas a conservar a ortografia do período da publicação, fazendo-se alterações de acordo com as devidas permissões do tipo de edição em questão.

A investigação lexical concentra a elaboração de um Índice de frequência e ocorrência e a análise de lexias inventariadas em campos léxicos. O Índice é elaborado com o intuito de demonstrar todos as lexias empregadas com função de substantivo, haja vista um dos objetivos ser o de tentarmos compreender o processo de nomeação empreendido pelo não nativo. As lexias são apresentadas em sua forma lematizada, com a indicação da quantidade de ocorrências no texto e a devida localização na edição semidiplomática. Dessa forma, o Índice tem função abrangente, já que, da forma como é elaborado, não se limita apenas ao consulente desta pesquisa, podendo ter seus dados utilizados como referência a estudos futuros. Para levantar a totalidade dos substantivos empregados, submetemos o material

editado a um programa de estatística textual (o "Léxico 3"), os quais são inventariados apenas da edição príncipe para que sejam, em momento posterior, comparados às versões manuscritas. Investigar, num primeiro momento, as escolhas lexicais do locutor implica considerar a legitimidade de obra publicada. Seis campos léxicos são compostos, tomando lexias do Índice: nomeação para nativo, objetos, alimentos, aspectos da terra, espaço e autoridades, os quais procuram representar nosso estudo em relação ao processo de nomeação que o não nativo empreende ao nativo e seu mundo referencial, procedendo-se à análise dos semas distintivos das lexias constituintes tomando como referência obras lexicográficas coetâneas e não coetâneas do *corpus*. Entendemos que apresentar uma descrição lexical de vocabulário empregado no século XVI venha contribuir para o entendimento da atribuição de sentidos estabelecidos no período de formação do português brasileiro, especificamente, de seu léxico.

A investigação discursiva concentra a análise da cena enunciativa e da nomeação, colocando em discussão, sob um viés complementar, o que é visto, anteriormente, pela Filologia e Léxico. Considerando que o emprego do vocabulário não se faz alheio à sua cena enunciativa, e que a publicação da obra em estudo se deu há mais de quatrocentos anos, justificamos a análise das cenas nas quais a obra se configura, haja vista possibilitar: conhecer o *ethos* do enunciador do século XVI; mostrar a construção de imagens a partir das escolhas lexicais; entender a contribuição que a circulação de determinados semas trouxe à irrupção de discursos a respeito do nativo brasileiro; ver na nomeação mais que um processo lingúistico. Utilizando, novamente, o programa de estatística textual "Léxico 3", fazemos a comparação das lexias constituintes do primeiro campo léxico analisado, em relação aos seus respectivos empregos nas versões manuscritas, e procuramos, pelo léxico, identificar marcas de autoria, amparando-nos, pois, na regularidade enunciativa do discurso.

Como aporte teórico, entre as obras consultadas, destacamos: na filologia, Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012), Cambraia (2005), Candido (2005), Hue (2004), Machado (1747 e 1752), Pereira Filho (1965), Silva (1862), Spaggiari e Perugi (2004) e Spina (1994); na lexicologia, Biderman (1978, 1998 e 1999), Coseriu (1977) e Pottier (1974); e na análise de discurso, Foucault (2000), Maingueneau (1993, 2001, 2005, 2008, 2010, 2012 e 2013) e Pêcheux (1997). Como obras lexicográficas, utilizamos: Bluteau (1712-1721), Cardosi (1562), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Pereyra (1647).

Distribuímos o conteúdo da pesquisa em seis capítulos. No primeiro, apresentamos um estudo relacionado à obra e ao seu locutor. Pelo fato de haver poucas informações biográficas, procuramos, a partir das próprias publicações de Gândavo, e de obras portuguesas e

brasileiras de referência no assunto, construir seu quadro biográfico. Feito isso, discutimos a inserção da obra junto à produção escrita colonial, comentando sua literariedade, e seu tratamento pela historiografia literária. Finalizamos, apresentando um levantamento feito acerca da produção acadêmica, no Brasil, que toma a obra em estudo como *corpus* (ou como parte deste), constante no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No segundo capítulo, investigamos a obra a partir de pressupostos teóricos da Filologia, comentando sua tradição textual e, especificamente, um de seus elementos destextuais. No terceiro capítulo, apresentamos a edição semidiplomática do recorte selecionado para amostragem analítica, bem como seus pressupostos e normas. No quarto capítulo, temos o Índice de frequência e ocorrência dos substantivos, seguido de considerações a respeito da frequência dos itens levantados. No quinto capítulo, trazemos a investigação lexical de substantivos por meio de sua categorização em campos léxicos. Finalmente, no sexto capítulo, relacionamos a análise estrutural do *corpus* à sua discursividade, com a análise da cena enunciativa e a discussão do processo da nomeação tomando as lexias de um dos campos léxicos em suas quatro versões[3].

A proposta da tese é uma investigação interdisciplinar. Após estudarmos a tradição textual do *corpus*, apresentamos os substantivos empregados neste e analisamos os semas distintivos de lexias categorizadas em campos léxicos. Depois, tomando a análise estrutural como referência, analisamos a cena de enunciação e os *ethé*, e, finalmente, comparamos algumas das lexias analisadas, da versão príncipe, ao seu emprego nas versões manuscritas. Os resultados esperados para os objetivos propostos são os de: conhecer a tradição da obra em estudo; apresentar as lexias com função de substantivo empregadas no recorte estabelecido; confirmar (ou não) a diversidade lexical para tratar do nativo; identificar imagens construídas dos nativos equivalentes a cada campo léxico categorizado; entender como o emprego de lexias pode contribuir para a construção de imagens e para a irrupção de discursos a respeito do nativo brasileiro; compreender o processo de nomeação do nativo nos primórdios da formação do léxico do português brasileiro; identificar marcas autorais.

Entre as perguntas de pesquisa, destacamos: onde está o autor a partir dos [anônimos] manuscritos? É possível identificar marcas autorais pelo léxico e por elementos pré-textuais? Campos lexicais apontam a construção de imagens e de *ethé*? A irrupção de discursos sobre o nativo brasileiro se relaciona ao emprego do léxico no período colonial? A nomeação é um processo estritamente linguístico?

---

[3] Optamos por não reservar uma seção específica para discussão de indícios de autoria, apresentando-os à medida que as análises, em diferentes capítulos, se desenvolvem.

Pretendemos, portanto, apresentar uma pesquisa que possa mobilizar léxico e discurso junto ao estudo filológico, a partir de textos do século XVI, de forma a contribuir para a compreensão do material analisado, o qual é produzido em período inicial de formação do português brasileiro, podendo, dessa forma, responder às perguntas estabelecidas, e, ainda, oferecer ao conjunto de pesquisas da Universidade do Estado de Mato Grosso e da Universidade de São Paulo, um trabalho que possa contribuir tanto para os estudos filológicos, quanto léxico-discursivos.

1. OLHARES INICIAIS AO LOCUTOR[4] E À OBRA

Neste primeiro capítulo, pretendemos apresentar informações a respeito de Pero de Magalhães de Gândavo, bem como estabelecer uma discussão a respeito da obra selecionada para estudo no que se refere ao seu pertencimento ao conjunto dos escritos produzidos no Brasil, no período colonial, conforme tratamento dispensado em algumas obras de historiografia literária tomadas como referência no ensino de Literatura no Brasil. Ao final, mostramos a produção acadêmica acerca do nosso objeto de estudo.

1.1 GÂNDAVO: VIDA E[NTRE] ESCRITOS

A biografia de Gândavo, assim como a de muitos autores de sua época, é permeada por hipóteses e poucas certezas. Entre estas, consta a publicação de duas obras: *Regras qve ensinam a maneira de escrever e orthographia da língua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua*[5] (1574) e *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*[6] (1576), impressas na mesma oficina, em Lisboa.

A primeira delas (GÂNDAVO, 1574), dedicada ao rei, e contemporânea das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros, publicadas em 1536 e 1540, respectivamente, revela a preocupação com a escrita. No prólogo, o locutor afirma que uma coisa que lhe é muito "necessaria e conueniente" é o escritor conhecer bem a ortografia, apontando o fato de haver portugueses "muy estragados e viciosos". Por isso, "a rogo de algũs amigos", elaborou a obra direcionando-a àqueles que "per descuido" ou "por não saberem latim [...] costumão trocar muitas vezes hũas letras por outras", vindo a afetar a pronúncia dos vocábulos. Assim, a obra funcionaria como um manual para aprender a ortografia portuguesa, a única (BUESCU, 1981), a propósito, entre as dos gramáticos portugueses, a ter mais de uma edição no século XVI (1574, 1590 e 1592), sendo, portanto, o livro de regras gramaticais mais editado em Portugal em sua época. Finalizada a explicação das regras, há, na sequência, um diálogo entre Petrônio (nacionalidade portuguesa) e Falêncio (nacionalidade castelhana), a partir do qual Petrônio defende a superioridade do português frente ao castelhano devido à sua maior semelhança com o latim; Falêncio, por sua vez, argumenta contrariamente, em favor do castelhano. Podemos relacionar a proposta à obra *Crátilo*, de Platão (1973), a qual se estrutura

[4] Ao nos referirmos a Gândavo, empregamos a categoria de "locutor", e não a de "enunciador", já que são vários os enunciadores; e a proposta (nas referências a Gândavo) é especificar a voz que "diz".
[5] Doravante "Regras".
[6] Doravante "Historia".

a partir de um diálogo entre os personagens Crátilo e Hermógenes, cujo conteúdo principal vem a ser a arbitrariedade ou não dos nomes. Hermógenes defende a arbitrariedade, e Crátilo, a motivação. A inserção do diálogo em tal formato pode ter se dado em função de a tendência, principalmente, cultural, do século XVI (Renascimento) caracterizar-se pela valorização dos clássicos, o que implica, também, de certa forma, sua imitação (*mimese*).

Sobre a segunda obra, optamos não tratá-la neste momento, haja vista seu estudo específico a partir da próxima seção.

Diogo Barbosa Machado (1752, p. 591), em sua célebre publicação *Bibliotheca Lusitana*, a qual trata de autores portugueses e respectivas obras, assim apresenta Gândavo:

> Pedro de Magalhaens Gandavo, natural da augusta Cidade de Braga, e filho de Pay Flamengo, como denota o seu segundo apellido. Foi insigne Humanista, e excellente Latino, de cuja lingoa abrio escola publica entre Douro, e Minho, onde foy casado. Asistio alguns annos no Brasil, onde observou com judiciosa curiosidade tudo quanto era digno de memória sendo o primeiro que depois de setenta annos de descuberta tão vasta Provincia escrevesse.

Após apresentar dados biográficos do autor, Machado (1752) aponta as obras, informando, a respeito de cada uma, o título completo, oficina responsável pela impressão, local e ano de publicação, pessoa a quem foi dedicada e referência por outros autores. Sobre a "Historia", chega a transcrever alguns versos de Camões (dos quais se encontram na apresentação da obra) e comentários de autores contemporâneos: para Gil Gonçalves de Ávila, trata-se de "muy erudita, e curiosa"; e para Antonio de Leão, "Curiosa, y unica".

Machado (1747) tomou como uma das fontes para escrever sua *Bibliotheca Lusitana*, a *Bibliotheca Portugueza*, de João Franco Barreto[7], a qual não chegou a ser publicada, e sobre a qual assim se refere: "Huma copia desta obra, que está na Bibliotheca do Excellentissimo Duque do Cadaval Estribeiro mòr de S. Magestade me foy comunicada donde extrahi muitas noticias, que seu Author colhera com incansável disvelo" (p. 665). N'*Os manuscritos do Arquivo da Casa de Cadaval Respeitantes ao Brasil*, organizados por Virgínia Rau e Maria Fernanda Gomes da Silva (*apud* PEREIRA FILHO, 1965, p. 15), eis o seguinte texto sobre Gândavo:

> Pedro de Magalhães Gândavo (*sic*), natural de Braga e filho de um estrangeiro, fôra moço da câmara del-Rei, grande humanista. Escrevera entre outras obras um *Tratado da História de Santa Cruz*, vulgarmente chamada

[7] João Franco Barreto vivera entre 1600 e 1671.

> Brasil, e que dizia ter feito como *testimunha de vista*. Era dirigida a D. Leonis Pereira, que fôra governador de Malaca, e impressa em Lisboa, na oficina de Antônio Gonçalves, em 1576.

Além desta referência indicando ter sido "moço da câmara" do rei D. Sebastião, atesta-se a existência de um documento oficial, o qual informa que trabalhara na Torre do Tombo com a função de "trelladar" livros e papéis, também vindo a ser nomeado provedor da fazenda da cidade de Salvador. A partir de Pereira Filho (1965, p. 14), foi possível transcrever o alvará de D. Sebastião, datado de 1576:

> Eu el-Rei faço saber aos que este aluara uirem que auendo eu rrespeito a Pero de magalhães meu moço da camara serujr na torre do Tombo em trelladar alguuns Livros e papeis de meu seruiço e por confiar delle que no que o emcarregar me seruyraa bem e fielmente ey por bem por lhe fazer mercê que elle sjrua de prouedor da minha fazenda na Cappitania da cidade de saluador da bahya de todos os sanctos nas partes do Brasil por tempo de seis annos não temdo primeiro prouydo a pessoa que tem o dito cargo per minha prouisão ou não mandando eu no dito tempo o contrario o qual cargo seruiraa conforme ao Regimento dos prouedores da dita cappitania e auera com elle de ordenado em cada huum Anno trimta mil reis Pello que mando ao gouernador das ditas partes e ao prouedor moor dellas que lhe dem a posse do Dito cargo e lho deixem seuir (*sic*) e auer o dito mantimento o qual lhe pagaraa o almoxarifado Da dita capitania e com seu conhecimento e o trellado deste que seraa Registrado no liuro de sua despesa pelo escriuão de seu cargo lhe seraa leuado em despesa o que lhe pella dita maneira pagar E elle jurara em minha chancelarja que serujraa bem e uerdadeiramente guardando a mjm meu Seruiço e as partes seu direito E este ualleraa como carta posto que o esprito delle aja de durar majs de humm Anno sem embargo da ordenação
>
> Jeronimo de Sequeira o fez em Lixboa a vinte e noue de Agosto de mil quinhentos setenta e seis Gaspar Rebello o fez escrever

A ausência do último nome no alvará gera certa dúvida, mas as outras informações, como a função de moço da câmara, ajudam a construir o quadro biográfico desta tão importante figura do século XVI, que foi Gândavo. O fato de ter estado ou não no Brasil é um dos pontos que mais levantam dúvidas entre os seus estudiosos. De acordo com Viana (1953), é certo que Gândavo esteve em terras brasileiras. E como "insigne humanista" (MACHADO, 1752, p. 591) que o era, acreditamos ser prudente concordar com o referido autor. Muitas das informações descritas na "Historia" devem ter sido obtidas ou confirmadas em Portugal, já que foram poucos os anos passados no Brasil, no entanto, a "grande maioria delas, (...), só poderia ter sido recolhida aqui: dados geográficos, produções locais, condições de vida, número de engenhos e de habitantes, às vezes de povoados ainda insignificantes, não seria em Portugal que êle iria apurar" (PEREIRA FILHO, 1965, p. 17).

Por ser um humanista, ao tomar o Brasil como objeto, Gândavo procura escrever a respeito do que vivera pessoalmente, como ele próprio faz questão de informar no texto da dedicatória de sua segunda obra: "[...] assi por ser cousa nova, e eu a escrever como testemunha de vista [...]" (GÂNDAVO, 1576, f. 4v[8]); ou do que ouvira de fontes fidedignas, como a descrição que faz da fauna e flora da nova província.

> Era um humanista na ampla acepção do termo, alguém vinculado à divulgação dos novos saberes para esse novo público-leitor que se ampliava juntamente com o desenvolvimento da imprensa; um espírito da Renascença, atuante na defesa da língua portuguesa — então ameaçada ou diminuída pela hegemonia do castelhano — e adepto da história pautada na observação, na experiência, no vivido (HUE, 2004, p. 17).

Suas obras foram destinadas a um público comum e não intelectual, caracterizando-se pelo estilo simples. Além de cronista e historiador, Gândavo fora professor de latim, tendo fundado escola em Braga, e também gramático, o que justifica sua preocupação com o "bom português", língua neolatina superior às outras, como defende na primeira obra publicada. De acordo com Hue (2004, p.16), havia, entre os autores de sua época, muito receio de que seus textos viessem a receber críticas dos leitores, e temendo a divulgação que a imprensa possibilitava, deixavam de enviá-los às tipografias, bem diferente do que acontecia com Gândavo, cuja pretensão era a de que seus textos fossem acessíveis a todos, sendo possuidor de uma independência e convicção pouco comuns se comparado aos seus contemporâneos. O estilo "fácil e chão" de seus textos justificava-se, certamente, por querer ser compreendido por todos, não escrevendo, portanto, à aristocracia ou aos intelectuais:

> [...] nam busquey epitetos exquisitos, nem outra fermosura de vocabulos de q*ue* os eloquentes oradores costumão vsar, pera com artificio de palauras engrandecerem suas obras. Somente procurey escreuer esta na verdade, per hum estillo facil e chão, como meu fraco ingenho me ajudou, desejoso de agradar a todos os que della quiserem ter noticia. Pelo que deuo ser desculpado das faltas que aqui me podem notar: digo dos discreto, que com sam zelo o custumão fazer, que dos idiotas e maldizentes bem sey que nam hey descapar, pois está certo nam perdoarem a ninguem (GÂNDAVO, 1576, f. 5v).

Para Pereira Filho (1965, p. 4), uma carta de D. Sebastião, de 17 de março de 1568, indica que Gândavo esteve no Oriente neste ano, "onde deve ter travado conhecimento ou estreitado relações com Luís de Camões e D. Leonis Pereira" – a este foi dedicada a "Historia"; aquele prefaciou a referida obra com tercetos e um soneto. A relação com Camões

[8] Utilizamos f. para indicar a folha tanto na edição príncipe quanto nos manuscritos.

já aparece em “Regras”, na qual Gândavo cita o poeta como referência, ao que prontamente responde a partir de seus versos, destacando o feito de Gândavo ao elaborar a “Historia” com ciência e arte. Os tercetos são elaborados de forma que narrem a decisão de Gândavo ao escolher a pessoa a quem dedicará a obra: após terminá-la, repousa num sono e, em sonho, lhe aparecem Marte, Apolo e Mercúrio. O primeiro defende que a obra seja oferecida a alguém resplandecido pelas armas; o segundo, pela eloquência; e o último, pela junção das duas artes, sugerindo, pois, o nome de D. Leonis (“Saber e esforço no sereno peito,/ Que he Dom Lionis que faz ao mundo enueja” (GÂNDAVO, 1576, f. 3r)). Ao final da argumentação, Marte e Apolo se conformam com a sugestão de Mercúrio, e Gândavo desperta do sono: “Acorda Magalhães, e ja se parte/ A vos offerecer Senhor famoso/ Tudo o que nelle pos, sciencia e arte” (GÂNDAVO, 1576, f. 3v).

A relação com Camões faz com que a “Historia” detenha uma preciosa importância junto às obras camonianas:

> Nela estão os últimos poemas que Luís de Camões publicou em vida, os tercetos e o soneto que dedicam o livro a d. Leonis Pereira. O autor do recém-publicado *Os Lusíadas* ainda não contava com a unanimidade de seus contemporâneos, e Gândavo, ao lado de Garcia de Orta, foi um dos únicos a incluir poemas de Camões nas páginas preliminares de um livro e, também, a reconhecer o seu valor ao incluí-lo na lista dos grandes autores de sua época, no *Diálogo em defesa da língua portuguesa* (HUE, 2004, p. 25).

Gândavo, que viveu aproximadamente entre 1540 e 1580, cuja estadia pelo Brasil deve ter ocorrido entre 1568 e 1571, não se tratava, pois, de um vassalo qualquer como se autoapresenta – “Posto que os dias passados apresentei outro sũmario da terra do brasil a elRei nosso s*enh*or, foi por comprir primeiro com esta obrigação de vassallo que todos deuemos a nosso Rei” (GÂNDAVO, ms2, f. 1v) – , mas um escritor, gramático, bom conhecedor de latim, professor, entre as outras funções comentadas, que demonstrou em suas duas obras, respectivamente, a preocupação com o “bom português” e com a divulgação da história da nova terra que se apresentava aos portugueses.

Candido (2005, p. 80-1) acredita que a autoria venha a ser parte integrante da obra, “sendo um dos seus elementos constitutivos, pois ela recebe em grande parte as características do escritor que a fez, e isto, mais do que coisa qualquer, a distingue das demais, marcando a sua individualidade própria”. É, portanto, a partir das informações arroladas que podemos depreender quem vem a ser o locutor da “Historia”, de onde produz e para quem produz.

1.2 *HISTORIA DA PROUINCIA SÃCTA CRUZ A QUE VULGARMETE CHAMAMOS BRASIL:* PRODUÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA N[D]O BRASIL

A "Historia" encontra-se inserida em muitas das obras de historiografia literária brasileira, o que nos levou a desenvolver esta discussão de forma a visualizá-la em meio ao que se produziu no respectivo período histórico e atentar à maneira como é citada em algumas delas, a saber: Bosi (2003), Moisés (2008) e Roncari (1995).

Com a chegada dos portugueses em território brasileiro, em 1500, a partir da elaboração d'*A Carta*, de Pero Vaz de Caminha (2001), dá-se início uma produção escrita sobre o Brasil, caracterizada pela relação dos textos produzidos com a expansão ultramarina de Portugal, vindo a receber a denominação de Literatura de Informação (BOSI, 2003). De acordo com Moisés (2008, p. 28):

> A chamada atividade literária das primeiras décadas de nossa formação histórica caracterizou-se por seu cunho pragmático estrito, seja a circunscrita ao parímetro jesuítico, seja a decorrente de viagens de reconhecimento e informação da terra.

Os textos produzidos se encaixam ou na esfera informativa ou na religiosa, caracterizando-se o escrevente, ou como um viajante, ou missionário, e assim passam a circular gêneros como cartas, crônicas, sermões, relatos de viagens, tratados descritivos, poemas, entre outros. Para Bosi (2003, p. 13), "são *informações* que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro".

A produção sobre a terra, especificamente, inicia-se a partir de objetivos estritamente comerciais da coroa portuguesa, a qual enviava escrivães nas armadas para que registrassem o que fosse de interesse ao projeto ultramarino:

> tratava-se de simples reportagens ou registros de viagens com o fito de melhor conhecer a terra, e, dando-a a conhecer aos superiores de Lisboa, possibilitar-lhe a exploração e, com isso, colaborar na empreitada expansionista da Metrópole. [...] porém, a feição literária dos escritos era aleatória, ou resultava do emprego, quiçá involuntário, de recursos estilísticos animados de estesia. De qualquer maneira, essa massa documental articulava-se às metas concretas que a expansão portuguesa teve em mira no Brasil, [...]. Por isso, os documentos do nosso Quinhentismo carecem de maior relevância literária (MOISÉS, 2008, p. 28-9).

Salientamos, no entanto, que além do valor como documentos históricos, os textos passam a representar a literatura que se produzia naquele momento específico, ainda que "carecendo de maior relevância literária". Segundo Bosi (2003, p. 13),

> [...] a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte.

As obras elaboradas em solo brasileiro, neste período, refletem a necessidade de dar a conhecer o então conhecido pelo não nativo, de forma que nessa literatura quem enuncia é sempre o explorador, o viajante, o estrangeiro, o missionário, não mencionando este as impressões que o nativo fazia do invasor:

> Talvez aqui se encontre um dos aspectos de maior exclusão presente na colonização lingüística, pois frente à construção desses dizeres não há um "direito lingüístico de resposta": os índios não podem nem contestar a interpretação portuguesa, uma vez que não sabem o que está sendo dito sobre eles, nem têm como deixar na memória sua interpretação sobre esse desconhecido português, já que sua língua não tem escrita (MARIANI, 2004, p. 29).

Candido (1999, p. 19), por sua vez, destaca que "uma das funções da literatura culta no Brasil Colonial" foi a de "impor a língua portuguesa e registrá-la em escritos que ficassem como marcos, ressaltando a sua dignidade de idioma dos senhores, ao qual todos deveriam submeter-se, como afinal acabou acontecendo".

As primeiras produções escritas funcionam, portanto, como inauguradoras do silenciamento indígena. Dessa forma, a literatura que se inicia na nova terra, constitui-se junto a um discurso colonial o qual concebe as ações do explorador como justificáveis e necessárias, e as dos nativos como condenáveis, como aponta um trecho da obra estudada, a partir do qual nos possibilita ler, pela voz do colonizador, o nativo sendo responsabilizado pelo não crescimento da colônia:

> E huã das cousas porq*ue* o Brasil naõ floreçe muito mais, he pellos escrauos que se alleuantaraõ e fogiraõ pera suas terras, e fogem cada dia: E se estes indios naõ foraõ tam fogitiuos e mudaveis, naõ teuera comparaçaõ a Riqueza do Brasil (GÂNDAVO, ms2, f. 18r).

Tal apontamento nos faz entender que desenvolver um estudo de textos produzidos no século XVI, como o então proposto, vem a ser uma forma de retratar a sociedade brasileira do referido século, e tentar compreender aspectos culturais e sociais da atualidade relacionados ao da época descrita no texto analisado. Segundo Santiago-Almeida (2007, p. 132),

> [...] através de textos manuscritos e impressos de natureza variada, podemos trazer, para o presente, elementos da nossa história social em determinado momento passado e, no seu interior, rememorar nosso itinerário cultural e linguístico. Memórias capazes de desvendar o que, numa leitura apressada, pode parecer inteligível para muitos de nós, podendo também possibilitar a (re)interpretação de conceitos e preceitos que nos são ditados às vezes como dogmas ou verdades absolutas. No mínimo, as memórias registradas nesses textos nos fazem interrogar os tais ditos dogmáticos.

De acordo com Bosi (2003, p. 13), os textos quinhentistas não valem apenas como testemunhos do tempo, mas também como sugestões temáticas e formais:

> Em mais de um momento a inteligência brasileira, reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e do nativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro: então, os cronistas voltaram a ser lidos, e até glosados, tanto por um Alencar romântico e saudosista como por um Mário ou um Oswald de Andrade modernistas. Daí o interesse obliquamente estético da 'literatura' de informação.

Os textos do período colonial revelam-se, portanto, como um dos meios a partir dos quais nos utilizamos para conhecermos a história e cultura brasileiras desde o contato com o europeu. E a memória registrada nesses textos informativos mostra que além do olhar sobre o homem e a terra, uma importante característica presente era o ufanismo:

> [...] Gândavo tornou-se não só o primeiro autor de obra publicada em Português acerca do Brasil, como o primeiro escritor ufanista de nossas letras: nele tem início uma linhagem que se manterá firme no curso dos séculos, a ponto de constituir uma das características fundamentais da nossa cultura literária. Ao mesmo tempo, mas com menos relevância, pode ser tido como o precursor da atividade historiográfica entre nós, cujos começos efetivos datam da centúria seguinte (MOISÉS, 2008, p. 60).

Para Stetson Jr.[9] (1978, p. 28-9, tradução nossa), o reconhecimento da "Historia" como obra literária surge em 1793, quando a Academia de Ciências de Lisboa publica um dicionário, o qual trazia em sua introdução "um catálogo de autores que deveriam ser lidos":

---

[9] John B. Stetson Jr., um dos mais reconhecidos estudiosos da obra de Gândavo, publicou, em 1922, a tradução da "Historia" à língua inglesa, junto ao seu fac-símile.

> A proposta deste dicionário foi a de fixar o uso correto de palavras e a ortografia da língua; e os autores citados eram aqueles que, na opinião dos compiladores, usavam a boa língua e as melhores expressões. Tanto na primeira quanto na segunda edição desta lista de livros, aparece o nome de Magalhães com sua *História*, assim como suas *Regras*, as quais colocam o selo de aprovação literária tanto sobre o homem quanto sobre sua obra[10].

De acordo com os compiladores, Gândavo era um autor que se preocupava com a elaboração das expressões e usuário da boa língua, devendo estar incluído entre os autores a serem lidos.

É importante ressaltarmos que Gândavo produziu suas obras durante o Renascimento, período no qual se buscava a imitação aos clássicos, os quais primavam pelo "bom" uso da língua já que a concepção de linguagem que tinham associava esta ao pensamento, o que os levava a aprimorar a linguagem estampada nas obras no intuito de que esta refletisse a sua imagem. Dessa forma, seria imprescindível que uma obra, para que fosse incluída entre as que devessem ser lidas, primasse, entre outros recursos, pelo uso da língua em sua variedade culta, preocupação esta fundamental para Gândavo, como sua primeira obra ("Regras") já adianta. Em suma, de acordo com a concepção de muitos de seus contemporâneos, uma boa obra seria aquela que atendesse às normas de escrita; um bom autor seria aquele que se preocupasse com o uso culto da língua, exalando erudição.

Compreendemos que o fato de Stetson Jr. (1978) reconhecer a obra como literária a partir de sua citação em um dicionário não seja o suficiente para garantir-lhe o estatuto de literatura aos moldes do que apregoa a estética literária, no entanto, é importante salientarmos que, considerando a concepção de linguagem que se tinha naquele momento, a citação do nome de Gândavo já é uma indicação da importância que sua obra representava.

Camões, em um dos versos elaborados para introduzir a "Historia", afirma que Gândavo "tem claro estylo, ingenho curioso" (GÂNDAVO, 1576, f. 4r); e este, quando afirma que procurou escrever "per hum estillo facil e chão [...] desejoso de agradar a todos" (Gândavo, 1576, p. 5v), mostra que, para alcançar o objetivo de ser lido por todos, necessita fazer uso de um estilo mais simples, o que não implica descomprometimento com a escrita.

De acordo com Stetson Jr. (1978, p. 35, tradução nossa): "No curso de sua investigação, o Visconde de Juromenha descobriu que Magalhães fora o primeiro crítico a

---

[10] "The purpose of this dictionary was to fix the proper use of words and the proper orthography of the language; and the authors quoted were those who, in the opinion of the compilers, used the best language and the best expressions. Both in the first and the second editions of this list of books, appears the name of Magalhães with his *Historia*, as well as his *Regras*, which sets the seal of literary approval both upon the man and upon his work" (STETSON Jr., 1978, p. 28-9).

mencionar a obra de Camões"[11], fato indicador do entendimento literário de Gândavo, que apesar de não ser poeta e assumir um estilo bem diferente do de Camões, soube reconhecer pela produção deste, precocemente, que viria a ser um dos maiores escritores de seu país. Apesar da diferença entre os dois escritores em relação ao estilo e à proporção da obra e de seu reconhecimento, há a semelhança em destacar os grandes feitos dos portugueses, imortalizando-os a partir de suas produções, tentando, de certa forma, imitar aos gregos e romanos, como afirma o próprio Gândavo (1576, f. 5r-5v):

> E se os antiguos Portugueses, e ainda os modernos nam foram tam pouco affeiçoados a escriptura como sam, nam se perderam tantas antiguidades entre nôs de que agora carecemos, nem ouuera tam profundo esquecimento de muitas cousas, em cujo estudo tem muitos homẽs doctos cansado, e reuoluido grande copia de liuros sem as poderem descubrir, nem recuperar da maneira que passaram. Daqui vinha aos Gregos e Romanos auerem todas as outras nações por barbaras, e na verdade cõ rezã lhes podiã dar este nome pois eram tam pouco solicitos e cobiçosos de honra que por sua mesma culpa deixauão morrer aquellas cousas que lhes podiam dar nome e fazelos immortaes.

Roncari (1995, p. 49-50) afirma que um humanista de Renascença, como o autor em questão, aprendera com os clássicos que a escrita seria a forma de não deixar que o que fosse importante para a humanidade e digno de memória caísse no esquecimento, permitindo revelar "para o leitor atual de Gândavo, por um lado, suas intenções de não escrever apenas para os homens do seu tempo [...] e, por outro, de registrar e imortalizar a memória e a imagem de algo que se poderia perder". Quanto ao valor literário, Roncari (1995, p. 55-6) destaca o cuidado de Gândavo na elaboração das representações, assim como a força e poder evocativos destas, já que se trata de uma obra de informação sobre uma terra, e não uma obra "propriamente literária", residindo justamente nesta força e poder, o valor literário da obra. Ressalta que para que o encontro entre homens e culturas diferentes viesse a despertar inquietações envoltas a certa problematização, Gândavo deveria descer de sua posição e o índio ascender, mas o fato de o locutor da "Historia" assumir certa rigidez ao expressar juízos de valor sobre os indígenas poderia impedir

> que o registro da memória que pretendia eternizar transcendesse seu caráter documental. [...] No entanto, suas descrições dos costumes indígenas são inquietantes, por si e pela agudeza e penetração de suas observações, e contrastam fortemente com os julgamentos que faz delas. [...], o que

[11] "In the course of his investigation the Viscount of Juromenha found that Magalhães was the first critic to mention the works of Camões" (STETSON Jr., 1978, p. 35).

> Gândavo conta adquire certa autonomia e desmente as formas preconceituosas que ele próprio usa para julgar. O ritual antropofágico que descreve é tão emocionante porque ele o faz de modo com que tudo pareça estar acontecendo no momento da leitura e nós tendemos a nos colocar no lugar da vítima. [...] ele encena um sacrifício para falar do ritual. [...]. Gândavo deixou em seu livro a possibilidade de o relermos e reinterpretarmos, não o reduziu a seus juízos e, por isso, agregou também valor literário a um texto que pretendia apenas informar.

Com o objetivo inicial de informar, a "Historia" juntou-se aos escritos do século XVI, no Brasil, dotados de valor literário, o que acrescenta, especificamente, uma justificativa ao seu estudo, haja vista o texto literário ser um *corpus* fundamental à filologia (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009).

Tais escritos, elaborados, inicialmente, com o intuito de informar, passam a compor o conjunto da atividade literária inicial na colônia. Os textos da esfera historicoinformativa (entre os quais, a "Historia") são, vez por outra, questionados quanto à sua literariedade, e tomados, por vezes, simplesmente como crônicas históricas. Diante da questão de se "classificar" os escritos do período colonial como literários ou não – e considerando, pois, que Bosi (2003) insere aspas ao se referir à "literatura" de informação, Moisés (2008) usa a expressão "feição literária" para se referir aos textos do período em questão, e Roncari (2005) se refere à "Historia" como uma obra não "propriamente literária" – nos amparamos em Candido (1999) e Zumthor (1993) para definirmos tal classificação.

Para Candido (1999, p. 20), tais escritos representavam um conjunto de "manifestações literárias":

> No conjunto, eram manifestações literárias que ainda não correspondiam a uma etapa plenamente configurada da literatura, pois os pontos de referência eram externos, estavam na Metrópole, onde os homens de Letras faziam os seus estudos superiores e de onde recebiam prontos os instrumentos de trabalho mental.

Zumthor (1993), por sua vez, já no título de sua obra (*A letra e a voz: a "literatura" medieval*), adianta a avaliação que faz dos textos do período, haja vista inserir aspas ao termo literatura. Para ele: "*Literatura* e sua família lexical davam assim, pouco antes de 1800, forma e rosto a um conjunto de representações e tendências errantes - e tardiamente associadas - na consciência européia desde quatro, cinco ou seis séculos" (p. 278-9), destacando, portanto, que o que houve antes de 1800 foram tendências. Apesar de sua obra dar ênfase ao gênero poema, consideramos importantes as afirmações acerca das produções do período medieval,

de forma que nos possibilitou a visualização da "Historia" e de seu locutor junto aos escritos e escritores medievais. Segundo Zumthor (1993, p. 284):

> O texto poético medieval não foi em seu tempo hegemônico; simplesmente foi útil. A literatura serve quase inevitavelmente ao Estado. Desde o fim do século XV, reis e príncipes confiam aos *rhétoriqueurs* o cuidado de sua propaganda [...],

o que nos reporta à obra, em prosa, de Gândavo (1576), a qual surgiu, de certa forma, para servir ao Estado, como propaganda da nova terra.

Entendemos que as obras da denominada Literatura de Informação tenham tido sua função "utilitária" à Coroa portuguesa, no entanto, não deixaram também de representar uma "tendência" no conjunto dos escritos do período. Acreditamos, então, que com o termo "manifestação literária" (CANDIDO, 1999) possamos "classificar" este conjunto de textos, entre eles, a "Historia", o qual não apenas trata da história da província Santa Cruz, mas agrega também seu valor literário específico. Não podemos deixar de considerar que, independentemente das obrigações burocráticas, ao tomar a terra como seu objeto, o locutor da "Historia" oferecia ao leitor não apenas uma narrativa objetiva, mas também um texto marcado por certa subjetividade ao olhar para esse novo objeto. Para ilustrar nossa observação, destacamos o seguinte trecho:

> E neste interualo sopra hum vento brando que na terra se géra, ate que o Sol cõ seus rayos o acalma, e entrando o vento do mar acostumado, torna o dia claro e sereno, e faz ficar a terra limpa e desempedida de todas estas exhalações (GÂNDAVO, 1576, f. 8v).

Dessa forma, o fato de agregar conteúdo históricoinformativo, não pode ser fator para desmerecê-la literariamente. Portanto, para nós, a "Historia" é um texto histórico, mas também literário, inserindo-se, portanto, às duas esferas. Surge como um relato de viagem, passando a ser considerado como "manifestação literária" do período colonial. Caso fosse totalmente desprovida de literariedade, não estaria inserida em diversas obras de historiografia literária, o que comprova sua importância.

Como os textos da Literatura de Informação marcam os primórdios da produção escrita no país, isso deveria ser condição necessária para que se dispensasse um tratamento mais cuidadoso às obras. Somado ao fato de Gândavo ser pouco conhecido na academia, obras de referência em ensino de literatura no país trazem equívocos quanto à sua produção bibliográfica:

> Escreveu a *História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (1576), as *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortografia da Língua Portuguesa* (1590) e o *Tratado da Província do Brasil* (publicado apenas em 1826, mas talvez redigido em 1569, ou mesmo 1568, antes, pois, da *Historia da Província Santa Cruz*) (MOISÉS, 2008, p. 58).

Como exposto na seção anterior, Gândavo publicara apenas duas obras: "Historia" e "Regras", sendo esta de 1574, e não 1590. A "Historia", antes de ser impressa, passou por três versões manuscritas: *Tractado da prouinçia do Brasil*, *Tractado da terra do Brasil* e *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. O *Tractado da prouinçia do Brasil* fora publicado em 1965, e não em 1826. A publicação de 1826 refere-se ao *Tractado da terra do Brasil*. Apesar de o autor em questão citar que o *Tractado da prouinçia do Brasil* fora redigido antes da "Historia" e ter citado a obra de Pereira Filho (1965) como referência (a qual aponta especificidades de cada versão), passa a informação ao leitor de que foram três obras, incluindo uma das versões como uma obra independente. Em nota de rodapé, ao citar Pereira Filho (1965), informa que, como texto, o *Tractado da prouinçia do Brasil* é inédito até a edição de 1965, e que a "Historia" passara por duas fases de elaboração apresentando quatro redações diferentes, no entanto, não é o que pode ser lido conforme citação anterior, o que torna as informações desta, além de equivocadas, contraditórias em relação à referida nota de rodapé.

O fato de o *Tractado da prouinçia do Brasil* poder ser concebido como uma obra independente pode, sim, ser defendido, já que é uma fase diferente de elaboração, porém, caso essa seja a ideia a se conceber, é necessário que fique esclarecido, de alguma forma, que a segunda versão possa representar tal fase, já que está completa em sua segunda parte (como mostramos no capítulo seguinte).

A seguir, temos a citação de outro autor de referência no ensino de literatura no Brasil, o qual informa como obras de Gândavo, o *Tractado da terra do Brasil* e a "Historia":

> Quanto a Pero de Magalhães de Gândavo [...] devem-se-lhe os primeiros informes sistemáticos sobre o Brasil. [...] O Tratado foi redigido por volta de 1570, mas não se publicou em vida do autor, vindo à luz só em 1826, por obra da Academia Real das Ciências de História de Portugal; quanto à História, saiu em Lisboa, em 1576, com o título completo História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil (BOSI, 2003, p. 15).

Neste caso, não há referência à obra de 1574 ("Regras"), talvez por ser um manual de regras ortográficas, e, novamente, uma das versões da "Historia" é concebida como uma obra independente.

Roncari (1995, p. 48), por sua vez, cita o *Tractado da terra do Brasil* e a "Historia" (utilizando uma edição modernizada dos textos, cujo volume traz as duas versões citadas):

> O *Tratado da terra do Brasil* [...] tem uma intenção bastante clara: a de exaltar aos portugueses a abundância e qualidades das terras do Brasil, com o fito de atraí-los para aqui se fixarem. [...]. Em outro livro que escreveu sobre o Brasil, a *História da Província Santa Cruz*, que mereceu um poema de Luís de Camões, de quem foi amigo, Gândavo discorre mais extensamente sobre as intenções que tinha ao escrever sobre o Brasil.

Vemos que uma das versões manuscritas é concebida como uma obra independente, não havendo referência às outras duas.

Diante do que apresentamos, vemos importância em acrescentar às justificativas deste trabalho a necessidade de revisão do tratamento dispensado às informações sobre a bibliografia de Gândavo em obras de historiografia literária brasileira.

1.3 PRODUÇÃO ACADÊMICA REFERENTE À "HISTORIA"

Como já afirmamos, Gândavo e sua obra são pouco estudados pela academia. A partir de consulta ao banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)[12], podemos encontrar os trabalhos elencados a seguir[13].

O método de busca utilizado foi o seguinte: inserimos o nome Gândavo no campo "assunto" e marcamos para que a busca não filtrasse uma universidade, ano, autor ou nível específicos, de forma que tal busca apresentasse todas as ocorrências existentes e, assim, obtivemos um total de dezessete resultados entre teses e dissertações, envolvendo as obras "Historia" e "Regras". Organizamos, então, as informações relacionadas à obra "Historia", apresentando título da pesquisa, nome do pesquisador responsável, universidade na qual a pesquisa é vinculada, data de defesa e, a partir do resumo informado no sistema, breve resenha a respeito da maneira pela qual a obra é mobilizada na pesquisa. Os nomes de Gândavo e da obra são mantidos (tanto nos títulos das pesquisas quanto nas resenhas) como estão no sistema; e a ordem dos trabalhos apresentados vai do mais atual ao menos atual.

---

[12] Disponível em: http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses.
[13] Busca realizada no mês de outubro do ano de 2012, e atualizada em janeiro de 2015.

Entre as dissertações, temos quatro trabalhos:

Pero de Magalhães Gandavo: um cronista beletrista no Brasil colonial Pesquisador: Alexandre José Barboza da Costa Universidade de vínculo da pesquisa: USP – Literatura Brasileira Defesa: 01/07/2010 O pesquisador analisa as obras *História da Província de Santa Cruz* e *Tratado da Terra do Brasil*, nas quais afloram o discurso encomiástico de Gândavo em relação ao Brasil, para discutir o gênero epidítico procurando compreender como este autor, um beletrista, construiu a imagem do Brasil.
A interface entre o paradisíaco e o bestiário na cronística colonial brasileira Pesquisador: Eduardo Vieira Gervásio Universidade de vínculo da pesquisa: UFG – Letras e Linguística Defesa: 01/09/2009 A partir de crônicas de viajantes europeus ao Brasil colonial, o pesquisador analisa o mito do Paraíso. Os cronistas selecionados são dois franceses (André Thévet e Jean de Léry) e quatro portugueses (Ambrósio Fernandes Brandão, Fernão Cardim, Gabriel Soares de Souza e Pêro de Magalhães Gândavo). Da obra de Gândavo, o pesquisador utiliza o *Tratado da terra do Brasil*, o qual é tomado por este como um dos capítulos da obra *História da Província da Santa Cruz*.
Edição crítica dos Tratado da terra do Brasil – contribuições para o estudo do português brasileiro do século XVI Pesquisadora: Simone Bastos Rodrigues Universidade de vínculo da pesquisa: UFRJ – Letras Vernáculas Defesa: 01/01/2000 A pesquisadora utiliza o *Tratado da Terra do Brasil*, edição de 1924, para tratar da formação do português brasileiro, destacando a importância do texto literário junto aos estudos do português no Brasil e à história cultural deste. A partir da análise, ela pretendeu levantar informações acerca da história brasileira quinhentista e dados linguísticos do português no referido período no sentido de observar influências, especialmente indígenas, exercidas sobre este.
Gandavo: uma lente sobre os trópicos Pesquisador: Valdemar Ferreira Valente Júnior

Universidade de vínculo da pesquisa: UFRJ – Letras (Ciência da Literatura) Defesa: 01/08/1996 As obras *Tratado da terra do Brasil* e *História da província de Santa Cruz* são tomadas como *corpus* para mostrar o resultado da permanência de Gândavo no Brasil, demonstrando uma visão geral do discurso etnocêntrico europeu no século XVI.

Tabela 1 – Dissertações acerca da "Historia"

E entre as teses, são sete os trabalhos:

Os árabes e nós – a presença árabe na Literatura Brasileira Pesquisador: Valter Luciano Gonçalves Villar Universidade de vínculo da pesquisa: UFPB – Letras Defesa: 01/09/2012 O pesquisador se propõe a estudar configurações árabes através da dicção de diversos poetas e escritores, direcionando a atenção às manifestações escriturais, vindo a destacar os principais representantes dos períodos literários que compõem a história da Literatura Brasileira, entre os quais o colono Pero de Magalhães Gandavo.
A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade Pesquisadora: Rosana Ferreira Alves Universidade de vínculo da pesquisa: UNICAMP – Linguística Defesa: 01/09/2009 A pesquisadora apresenta uma investigação acerca da expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português (século XVI e contemporaneidade) utilizando-se de pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos da Sociolinguística Quantitativa, analisando os contextos de tempo presente das sentenças completivas, adverbiais e relativas. A obra *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* é tomada como referência à discussão dos dados do século XVI. O ano da obra é informado como o de 1556.
Non ti scordar di me: presença de italianismos no português do Brasil Pesquisadora: Lilian Manes de Oliveira Universidade de vínculo da pesquisa: UFRJ – Letras Vernáculas

Defesa: 01/12/2003

A pesquisadora faz um estudo lexical apresentando um elenco de italianismos do português brasileiro. A obra *História da Província de Santa Cruz* é utilizada para mostrar o primeiro registro de um desses vocábulos a partir do qual a referida pesquisadora buscou a comprovação de um registro permanente e quantitativamente progressivo dos empréstimos de origem italiana.

Memória de nós: o discurso possível e o silêncio Tupinambá nos relatos de viagem do século XVI

Pesquisadora: Wilma Martins de Mendonça

Universidade de vínculo da pesquisa: UFPE – Letras

Defesa: 01/06/2002

A pesquisadora estuda a representação do homem da Floresta Tropical através da dicção dos viajantes do século XVI tomando como *corpora* narrativas de Hans Staden (*Duas viagens ao Brasil*), Jean de Lery (*Viagem a terra do Brasil*), Pero de Magalhães Gândavo (*Tratado da terra do Brasil* e *História da província Santa Cruz*) e Gabriel Soares de Sousa (*Tratado descritivo de Brasil*), objetivando estampar as diferentes formas com as quais se formou uma brasilidade reveladora do conflito cultural entre o europeu e o americano. Consoante à perspectiva teórica de Antonio Cândido e Flora Sussekind, as narrativas supracitadas foram selecionadas pelo fato de a pesquisadora acreditar que constituem linhas literárias recorrentemente presentes nos mais variados momentos da vida literária brasileira.

O olhar português sobre o Brasil recém-descoberto: procedimentos discursivos em relatos cronistas europeus do século XVI

Pesquisador: Luiz Carlos Fernandes

Universidade de vínculo da pesquisa: UNESP/Araraquara – Letras

Defesa: 01/07/2000

Voltado ao tema da formulação de um discurso de reconhecimento da terra brasileira em textos da época da descoberta do Brasil, o pesquisador procede à uma análise linguística a partir de obras de Gândavo e Gabriel Soares de Sousa, buscando explicitar as estruturas de representação do novo mundo no discurso cronístico quinhentista e a constituição do olhar do homem europeu sobre a realidade inédita como atitude de reconhecimentos do espaço físico, da fauna e da flora, bem como do tempo histórico e do índio brasileiro.

Construindo um mundo novo: os escritos coloniais do Brasil nos séculos XVI e XVII

Pesquisador: Claudinei Magno Magre Mendes

Universidade de vínculo da pesquisa: USP – História Social

Defesa: 01/04/1996

O pesquisador analisa vários textos referentes ao Brasil colônia, datados entre a segunda metade do século XV e a primeira do século XVII, entre os quais, o *Tratado da Província do Brasil*, o *Tratado da Terra do Brasil* e a *História da Província de Santa Cruz*, de Gândavo, tratando de questões relacionadas à colonização, do ponto de vista historiográfico e histórico. Ao examinar os textos, considera a constituição das relações sociais e economia do período colonial e discute a análise que os historiadores, inclusive da literatura, fizeram de textos coloniais e dos autores examinados.
Projetos de promissão: a literatura da expansão ultramarina portuguesa no Brasil (século XVI) Pesquisador: Odil José Oliveira Filho Universidade de vínculo da pesquisa: USP – Literatura Portuguesa Defesa: 01/08/1993 O pesquisador propõe-se a realizar uma reinterpretação de textos sobre o Brasil, produzidos por escritores portugueses no século XVI, a saber: *A carta*, de Pero Vaz de Caminha; *O diário de Navegação*, de Pero Lopes de Sousa; *A História da província Santa Cruz*, de Gândavo; e o *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa, analisando-os como manifestações exemplares da literatura relacionada ao expansionismo português e apontando semelhanças e diferenças em relação ao restante da produção que trata da temática ultramarina.

Tabela 2 – Teses acerca da "Historia"

Pelo exposto, e também pelo que observamos nos cursos de graduação[14], apesar de a "Historia" ser considerada uma obra literária por muitos organizadores de volumes de historiografia literária, o nome de Gândavo soa com pouca frequência na academia. Comparado a escritores de períodos posteriores, certamente o valor literário de sua obra ficaria comprometido, mas o que é preciso ressaltar é que uma das funções da literatura relaciona-se à exteriorização de sentimentos, e, no século XVI, na terra de Santa Cruz, um sentimento presente era justamente a admiração perante o novo, sentimento este que se faz presente nas muitas obras produzidas no referido período, caracterizando-se como uma "tendência". A voz ainda não é brasileira, mas o objeto é a terra de Santa Cruz. A leitura de obras do período colonial (enquanto precursoras de uma produção escrita no país), a partir de suas edições príncipes, seria fundamental para uma reflexão mais afinada acerca da formação do português brasileiro.

[14] Consideramos, para essa afirmação, nossa experiência de treze anos no Ensino Superior. Apesar de atuarmos na área de Língua Portuguesa, a prática das outras áreas não nos passa alheia.

Algumas das resenhas apresentadas, relacionadas às pesquisas já desenvolvidas a respeito de Gândavo, mostram que, além de obras de historiografia literária, até em trabalhos de pós-graduação é possível encontrarem-se equívocos quanto à sua produção. Nesse sentido, se esta pesquisa alcançar o êxito de possibilitar que a obra em questão passe a ser mais investigada do que já o é, e alguns dos equívocos possam ser evitados, cumprir-se-á um papel importante, que é o de fazer com que a tese alcance uma proporção que ultrapasse a sua aprovação e arquivamento.

Após tratarmos do locutor da "Historia" e desta, considerando sua importância histórico-literária junto aos escritos coloniais do século XVI, apresentamos, no capítulo seguinte, um estudo do objeto enunciado pelo sujeito Gândavo a partir de pressupostos teóricos da Filologia.

2. MANUSCRITOS E IMPRESSO DO SÉCULO XVI: DISCUSSÃO FILOLÓGICA

Neste segundo capítulo, com o objetivo de dar a conhecer o nosso objeto sob o viés da Filologia, tomando conceitos desta área, pretendemos, na primeira seção, comentar a tradição textual referente à "História"; e, na segunda, discutir um de seus elementos pré-textuais: a dedicatória.

2.1 A "HISTORIA" TEM UMA HISTÓRIA: TRADIÇÃO TEXTUAL

A história de elaboração de uma obra é envolta de curiosidades (e, por que não, mistérios?) e informações nem sempre conhecidas pelos seus leitores. Ao referir-nos a obras antigas, a proporção se acentua. "[...] é complexa a história que um texto pode ter no processo de sua transmissão ao longo dos tempos" (CAMBRAIA, 2005, p. 63).

A obra pesquisada, publicada em 1576, disponibiliza ao leitor três versões manuscritas, oportunizando o conhecimento de parte do histórico de sua elaboração e parte de suas condições de produção, sendo, pois, um diferencial, haja vista não ser uma regra as obras antigas e raras oferecerem tal histórico. Gândavo teria dedicado em torno de dez anos de sua vida para elaborá-la, preparando três versões manuscritas (PEREIRA FILHO, 1965; HUE, 2004), até que a enviasse para impressão, havendo, portanto, quatro versões da obra em questão: os manuscritos *Tractado da prouinçia do Brasil* (ms.1), *Tractado da terra do Brasil* (ms.2) e *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (ms.3); e a edição príncipe *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*.

> Estamos, portanto, diante de um dêsses casos raríssimos de documentação integralmente conservada, de molde a permitir a reconstituição do roteiro, exato e ao vivo, de um caso de gênese literária. Um mundo de fascinantes curiosidades, não só históricas, como literárias e estilísticas, inclusive lingüístico-filológicas, palpita no seio dêsses quatro textos. Além do que, representam êles quatro monumentos preciosos do patrimônio cultural e afetivo de todos os brasileiros, quatro retratos vivos e de corpo inteiro das fases de elaboração de uma obra que havia de ser o marco da nossa Historiografia (PEREIRA FILHO, 1965, p. 12).

De acordo com Spaggiari e Perugi (2004, p. 19), a tradição de um texto pode ser direta ou indireta. A primeira refere-se ao "conjunto dos manuscritos e edições antigas, que se conservam até hoje", de uma determinada obra; a segunda indica os casos das "traduções, ou então as citações, os resumos, os fragmentos que da obra em questão se conservam em

exemplares de obras diferentes". Nesta pesquisa, tratamos das três versões manuscritas que se tem conhecimento, anteriores à edição príncipe da "Historia", bem como à própria edição príncipe, ou seja, textos de sua tradição direta.

Em relação aos manuscritos, a existência de "variantes amplas" determinou o número de versões. Candido (2005, p. 35-6) esclarece que os termos "variante" e "versão" não devem ser tratados como sinônimos, considerando como variantes "as diferentes formas que, dentro de um mesmo trecho, aparecem nos mss. ou edições de um mesmo texto [...], é a versão diferente de uma palavra ou grupo de palavras"; e como versões, "o conjunto do escrito, geralmente com muitas variantes, e às vezes com redação diversa". A versão vem a ser uma "modalidade muito mais ampla" (CANDIDO, 2005, p. 37) de variante, podendo "constituir verdadeira revolução no texto".

Cambraia (2005, p. 64) explica que:

> Levando-se em conta a natureza do processo de registro dos textos, os testemunhos são tradicionalmente classificados em manuscritos (registrados por meio de instrumentos de escrita tradicionais como pena, lápis, caneta, etc.) e impressos (registrados por meio de algum tipo de sistema mecânico de impressão). Modernamente devem-se reconhecer duas novas categorias de testemunhos: os datiloscritos (registrados por meio de máquina de escrever) e os digitoscritos (registrados por meio de computador).

Pelo estudo empreendido a respeito da "Historia", tomamos conhecimento de que, das três versões manuscritas, conservam-se mais de um testemunho para duas delas, assim como também em relação à edição príncipe. Sob registro manuscrito, são sete testemunhos (ms.1, com duas cópias; ms.2, com quatro cópias; ms.3, com uma cópia), e em impresso, oito, totalizando, portanto, quinze testemunhos.

Especificamente, no que concerne aos registros manuscritos, Spaggiari e Perugi (2004, p. 19) estabelecem uma diferença entre *original* e *cópia*, podendo o primeiro ser um *autógrafo* (quando "escrito pelo próprio autor") ou um *idiógrafo* (quando "escrito sob o controle direto" do autor). Os originais "registram efetivamente a vontade do autor em função do controle exercido pelo próprio de forma direta [...] ou indireta [...] (CAMBRAIA, 2005, p. 63-4). O termo *cópia*, por sua vez,

> indica tanto as cópias derivadas diretamente do original, como as que derivam de outras cópias intermediárias. A primeira cópia derivada do original chama-se apógrafo, mas o termo passou a indicar em geral qualquer cópia tirada de outro exemplar. Chama-se habitualmente antígrafo o exemplar do qual se tira uma cópia, mesmo se o vocábulo tem um

> significado etimológico oposto; seria então preferível usarmos o termo exemplar, no sentido de exemplar do qual se copia (SPAGGIARI e PERUGI, 2004, p. 19).

A elaboração da "Historia" passou por duas fases: a primeira, nos moldes de tratado, e, depois, assumindo caráter de história. O "esquema" abaixo, elaborado por Pereira Filho (1965, p. 11), pode representar as etapas de elaboração do trabalho:

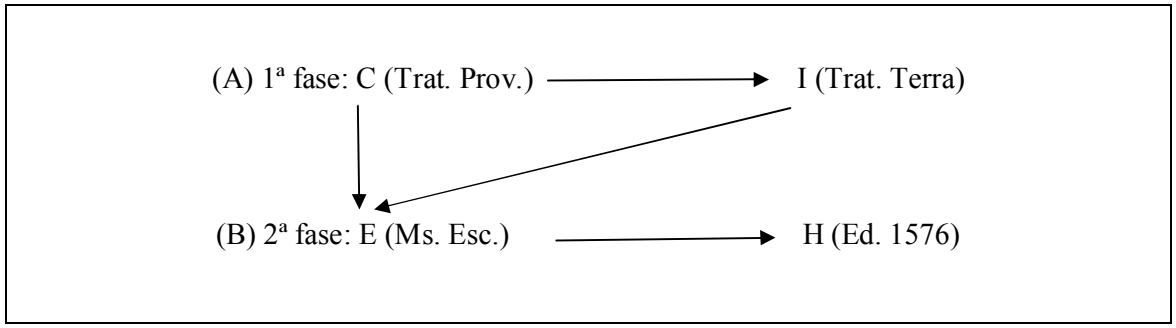


Gráfico 1 – Fases de elaboração da "Historia"

Pelo esquema supracitado, "C" representa o ms. *Tractado da prouinçia do Brasil*, e "I", o ms. *Tractado da terra do Brasil*, os quais pertencem à fase enquanto tratado. "E", por sua vez, representa o ms. *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, o qual foi elaborado a partir da retomada de "C" e "I". "H" representa a edição príncipe, *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, e junto a "E" pertence à fase enquanto história.

As diferentes redações não são excludentes, mas complementares. Pereira Filho (1965, p. 11) acredita que

> de um ponto de vista estritamente ecdótico, só um texto contaria para uma edição crítica, porque só êle retrata a vontade definitiva do autor: é o da *História da Província*, conforme a ed. *princeps* de 1576; e todos os mais, está claro, seriam indispensáveis, sim, mas apenas como elementos auxiliares para o estabelecimento criterioso do outro.

Nas subseções seguintes, apresentamos informações específicas a cada uma das quatro versões.[15]

[15] Ressaltamos que nosso trabalho foi o de procurar por informações em bibliografia específica a respeito dos manuscritos e da edição impressa, no sentido de contextualizar filologicamente nosso leitor acerca do conjunto dos textos, não se caracterizando este capítulo como um trabalho de crítica textual.

2.1.1 *Tractado da prouinçia do Brasil*

É conhecida a existência de duas cópias do *Tractado da prouinçia do Brasil*. A primeira delas, a qual tomamos como ms.1, encontra-se arquivada na Coleção Sloaniana da Biblioteca do Museu Britânico, na Inglaterra, sob o número 2026, e fora publicada em 1965, pelo Instituto Nacional do Livro, em edição (fac-similada e anotada) preparada por Emmanuel Pereira Filho (1965). Conta com dezessete capítulos: nove na primeira parte, e oito na segunda, distribuídos em quarenta e oito fólios, em recto[16] e verso[17].

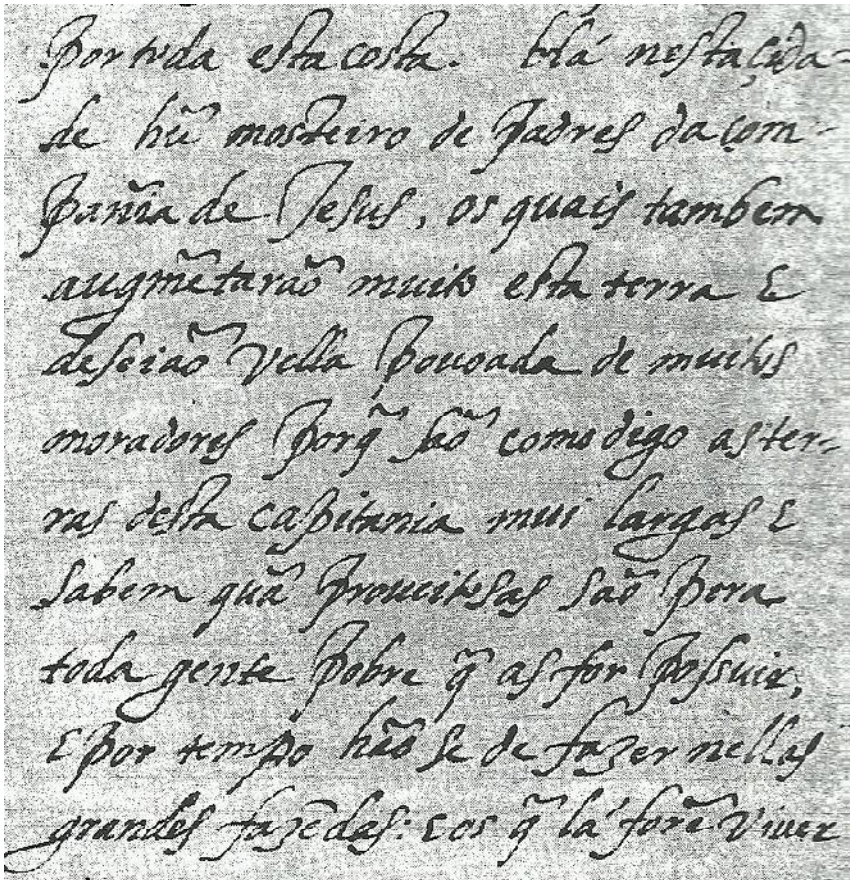
A seguir, a forma de organização da obra e a nomeação de seus capítulos:

[Folha de rosto]
[Dedicatória]
Prollogo ao lector.
Declaraçaõ da costa.
Capitullo. 1º. da capitania de Tamaracá.
Cap. 2º. da capitania de phernãbuco.
Cap. 3º da capitania da Bahia de todollos sanctos.
Cap. 4º. da capitania dos ilheos.
Cap. 5. dũa çerta nação de gentio que se acha nesta capitania.
Cap. 6º. da capitania de porto Seguro.
Cap. 7º. da capitania do spirito Sãto.
Cap. 8º da capitania do Rio de Janeiro.
Cap. 9º. da capitania de Saõ Viçente.

Tractado segundo das cousas q̃ saõ gerais por toda côsta do Brasil.
Cap. 1º. das fazendas da terra.
Cap. 2º. dos custumes da terra.
Cap. 3º. das quallidades da terra.
Cap. 4º. dos mantimẽtos da terra.
Cap. 5º. da caça da terra.
Cap. 6º. das fruitas da terra.
Cap. 7º. da condição e custumes dos indios da terra.
Cap. 8º. dos Bichos da terra.
[Epílogo]

Para o estabelecimento de sua datação, podemos nos auxiliar da seguinte passagem:

[16] "Face externa de um fólio; frente; com o livro aberto, corresponde sempre à página da direita, à de número ímpar. É o oposto de verso" (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 233).
[17] "Face interna de um fólio; com o livro aberto, corresponde sempre à página da esquerda, à de número par. É o oposto de recto" (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 234).



[...] Há nesta çidade hũ mosteiro de padres da compañia de Jesus, os quais tambem augmẽtaraõ muito esta terra E deseiaõ vella pouoada de muitos moradores porq*ue* saõ como digo as terras desta capitania mui largas E sabem quã proueitosas saõ pera toda gente pobre q*ue* as for possuir, E por tempo hão se de fazer nellas grandes fazẽdas [...] (GÂNDAVO, ms.1, f. 16v).

Como o locutor faz referência ao Mosteiro dos Jesuítas, na capitania do Rio de Janeiro, a elaboração da versão original deste texto só pode ter se dado após o início da construção de tal mosteiro, sendo muito provável que tenha sido, em parte, elaborada em território brasileiro.

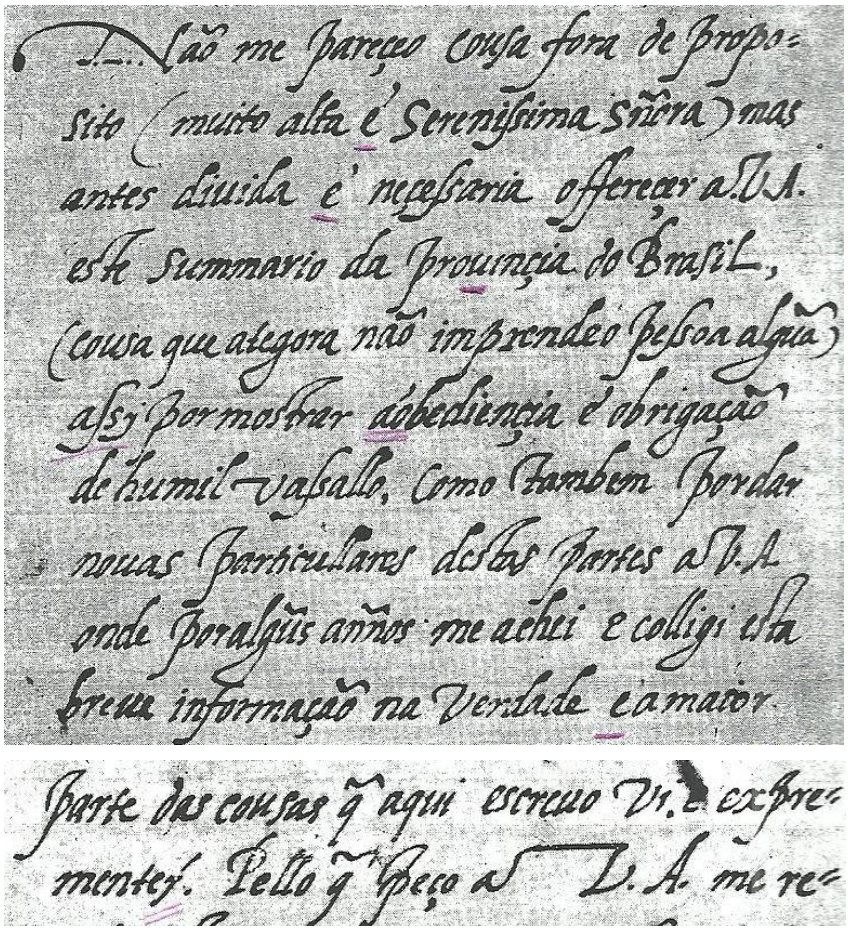
[...] o informe não se limita apenas à existência do mosteiro, pois vai ao ponto de manifestar também o pensamento dos padres que o habitavam; é dado que só com a presença se pode obter. E se assim é, automaticamente poderemos concluir que ele esteve por aqui em época posterior à da construção do referido mosteiro, cujo início teve lugar em 1567 (PEREIRA FILHO, 1965, p. 17).

Sobre o estabelecimento da Companhia de Jesus, no Rio de Janeiro, Leite (1938) se refere à construção de um edifício (junto à igreja de São Sebastião), iniciada em agosto de 1567:

> [...] no dia 24 de Julho de 1567 chegavam ao Rio, vindos de S. Vicente, alguns Padres, entre os quais Inácio de Azevedo, Visitador, e Manuel da Nóbrega, que vinha assumir o Reitorado do futuro Colégio. E logo em Agôsto, ao tomarem posse da igreja de S. Sebastião, principiaram a construir, junto dela, um edifício acomodado, onde morassem e que servisse depois de Colégio, quando se ultimassem as negociações com Lisboa.

Apesar de não empregar o vocábulo "mosteiro", entendemos se tratar do mesmo objeto de referência. Para isso, nos fundamentamos em Bluteau (1716, p. 600), o qual afirma que mosteiro vem a ser: "Casa de Monge, ou Freiras".

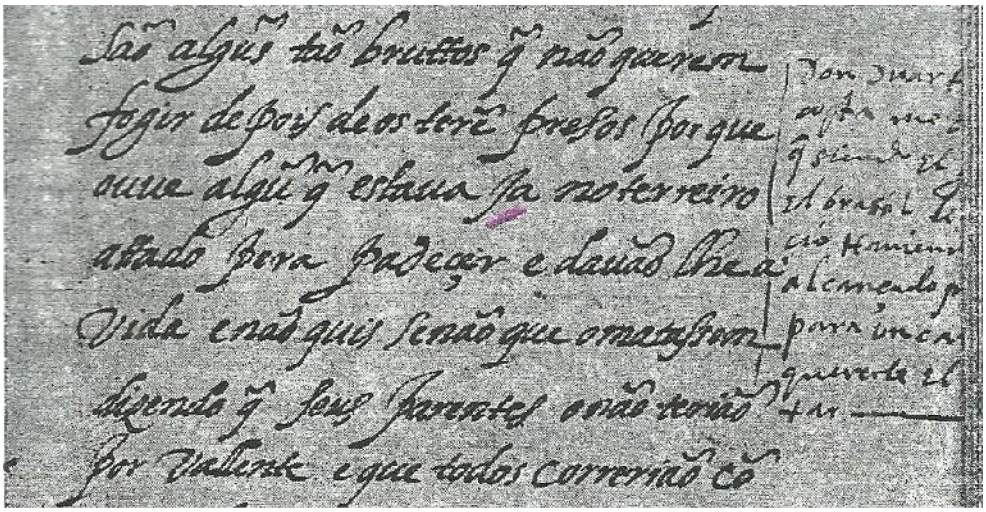
De acordo com nosso levantamento, muitos estudiosos creditam a esta versão a confirmação de que Gândavo esteve em terras brasileiras, haja vista a afirmação a seguir:


Não me parece cousa fora de propo-
sito (muito alta e Serenissima Sñora) mas
antes duvida e necessaria offerecer a V.A.
este Summario da Provincia do Brasil,
(cousa que ategora não imprendeo pessoa alguã)
assy por mostrar obediencia e obrigação
de humil vassallo, como tambem por dar
novas particulares destas partes a V.A.
onde por alguns annos me achei e colligi esta
breve informação na verdade e a maior
parte das cousas q̃ aqui escreuo vi. e expre-
mentey. Pello q̃ peço a V.A. me re-

> Naõ me pareçeo cousa fora de proposito (muito alta e Serenissima S*enh*ora) mas antes diuida e neçessaria offereçer aV*ossa* A*lteza* este summario da prouinçia do Brasil, (cousa que ategora naõ imprendeo pessoa alguã) assý por mostrar áobediençia e obrigaçaõ de humil vassalo, como tambem por dar nouas particullares **destas partes** aV*ossa* A*lteza* **onde por algũs anños me achei E colligi esta breue informaçaõ** na verdade e **a maior parte das cousas q*ue* aqui escreuo vi. e exprementeý** [...] (GÂNDAVO, ms.1, f. 1v-2r, grifos nossos).

A outra cópia encontra-se na Biblioteca da Ajuda, em Portugal, registrada sob o número 51-VII-31 [18] (constante no *Inventário dos manuscritos da Biblioteca da Ajuda referentes à América do Sul, de* Carlos Alberto Ferreira, 1946). De acordo com Viana (1953, p. 92): "Do conhecimento dessa cópia do apógrafo de Londres, enviada pelo Barão do Rio Branco [...], deve ter resultado, para Capistrano de Abreu, a certeza da vinda, ao Brasil, de Gandavo. Certeza que também tinha Oliveira Lima [...]".

O que diferencia as duas cópias e confere autoridade a do Museu Britânico, de acordo com estudo de Pereira Filho (1965, p. 21-2), é, principalmente, que nesta, no fólio 39r, há uma nota em espanhol com letra cursiva do século XVI de um contemporâneo de D. Duarte da Costa[19], "da maior importância, porque não só identifica o cód., como é um dos elementos fundamentais para a sua datação", vindo a diferir da mesma nota no exemplar da Biblioteca da Ajuda, tratando-se esta última "de cópia, mal feita e inçada de portuguesismos, da outra [...]". Abaixo, o trecho no qual se encontra a referida nota, conforme cópia do Museu Britânico:



(GÂNDAVO, ms.1, f. 39r)

[18] Como complemento, em conteúdos de mensagens eletrônicas trocadas a partir do endereço oficial da Biblioteca da Ajuda, recebemos a informação de que se trata de uma cópia do século XVII (cf. anexo A).
[19] Dom Duarte da Costa vivera entre o início do século XVI e o ano de 1560.

"As margens foram aparadas pelo encadernador, do que resultou a mutilação de quase tôdas as notas", como aponta Pereira Filho (1965, p. 21), impedindo sua leitura total, o qual a editou (auxiliando-se pela transcrição que Hélio Viana fizera da nota que consta na cópia da Biblioteca da Ajuda) da seguinte forma: "Don Duart[e da] / costa me c[ontó] / q̃ siendo el [g.^{or} en] / el brasil le [aconte] / çio Hauiend[o el] / alcançado p[erdon] / para vn ca[utiuo no] / quererle el [acep] / tar".

Além da expressiva nota, outros indícios apontam que a cópia do Museu Britânico seja do século XVI, como a caligrafia e hábitos ortográficos do copista. Segundo Pereira Filho (1965, p. 38-44), como não há autógrafos de Gândavo para que estudos paleográficos sejam possíveis, outros meios são buscados para enumerar as razões pelas quais defenda tratar-se de um apógrafo, e não autógrafo. Algumas delas são as seguintes: o copista emprega *c* cedilhado antes de *-e* e de *-i*, constantemente; emprega *g*, e não *gu*, antes de *-e* e *-i*, para representar oclusiva velar sonora; deixa de usar o sinal diacrítico correspondente à crase nos casos indicados; faz uso algumas vezes da prática arcaizante do *R* maiúsculo em início de palavra; e ainda há casos de nomes próprios e princípio de período com letra minúscula.

Em relação ao *c* cedilhado (um plebeísmo arcaizante da ortografia contemporânea), o fato não ocorre nas redações publicadas da "Historia" e de "Regras". Já os outros casos, são tratados de forma taxativa por Gândavo, em "Regras", obra publicada dois anos antes da "Historia", servindo, pois, como referência, como "subsídio inestimável e definitivo" (PEREIRA FILHO, 1965, p. 38) para compreender fatos relacionados à tradição textual da "Historia". As orientações de Gândavo acerca do emprego de *gu* antes de *-e* e *-i*, do sinal diacrítico da crase e das maiúsculas e minúsculas contrastam com o apresentado no ms.1, levando Pereira Filho (1965, p. 41) a concluir que: "Não há, pois, como aceitar que as hesitações apontadas pudessem vir de quem tanto, e tão acertadamente, se preocupava com o assunto; só a intromissão de um escriba poderá justificar-lhes a presença no texto". Dessa forma, os exemplos apresentados "são mais do que suficientes para assegurar de maneira definitiva que estamos diante de um apógrafo. Quanto a isto não pode haver dúvida" (PEREIRA FILHO, 1965, p. 43).

A partir do exposto, sugerimos um estema representativo da tradição deste texto (assim como também o faremos para as versões seguintes). Para Cambraia (2005, p. 136-7): "A *estemática* constitui a subfase em que se determina a relação genealógica entre os testemunhos de um texto", definindo, em seguida, um estema como "árvore genealógica que se constrói graficamente para representar a relação entre os testemunhos de um dado texto".

Como critérios para seu estabelecimento, utilizamos letras latinas maiúsculas, do tipo topográfico, indicando a cópia da Biblioteca do Museu Britânico como BMB e a da Biblioteca da Ajuda como BA; e traços indicando "transmissão vertical", já que sugerimos que "cada testemunho derivou apenas de um modelo" (CAMBRAIA, 2005, 143). Para o original perdido, utilizamos a letra grega minúscula ômega (também utilizada para representação de arquétipos):

Do original perdido, surge a cópia da Biblioteca do Museu Britânico, da qual é feita a cópia da Biblioteca da Ajuda.

Sobre o manuscrito estar sob posse da Inglaterra, resta um comentário. Para isso, precisamos recorrer, a partir de Stetson Jr. (1978, p. 32, tradução nossa), ao período histórico no qual os ingleses agiam em torno da busca de informações sobre o Novo Mundo, com seus navios piratas frequentemente chegando à costa brasileira:

> Entre 1530 e 1540, os mercadores de Southampton enviavam ingleses à Espanha para participarem de expedições ao Novo Mundo, com o objetivo de receberem deles, em seu retorno, informações acerca do comércio do extremo oriente. De um período breve, cerca de 1545, há registros de ingleses que se estabeleceram como comerciantes no Brasil; e de 1580 em diante, piratas britânicos visitavam regularmente a costa do país, destruindo navios espanhóis e portugueses que encontravam, e saqueando as principais cidades[20].

Em 1601, na viagem de volta do Brasil, a nau do jesuíta Fernão Cardim fora assaltada por um desses navios piratas e os seus manuscritos foram levados, sendo publicados em inglês no ano

[20] "Between 1530 and 1540 the merchants of Southampton sent Englishmen to Spain to participate in the expeditions to the New World, with the object of receiving from them on their return information regarding far eastern trade. From an early period, about 1545, there are records of Englishmen who were established as traders in Brazil; and from 1580 on, British pirates regularly visited the coast of the country, destroying Spanish or Portuguese ships they encountered, and sacking the principal cities" (STETSON Jr., 1978, p.32).

de 1625 sob a autoria de Manoel Tristão. É possível, portanto, que o manuscrito de Gândavo tenha sido "tomado" da mesma forma em meio ao jogo de interesses comerciais da época.

2.1.2 *Tractado da terra do Brasil*

O *Tractado da Terra do Brasil*, em função das variantes textuais e alterações em relação ao ms.1, é considerado (HUE, 2004; PEREIRA FILHO, 1965; STETSON Jr., 1978) como segunda versão de elaboração da "Historia", entre as quais destacamos: alteração no título, dedicatória direcionada à pessoa diferente e acréscimo de um capítulo ao final da segunda parte. É composto por quarenta e seis fólios com registro em recto e verso, e um (o último) com registro apenas em recto. Ainda estruturado em duas partes, mas dessa vez com nove capítulos em cada uma, está organizado da seguinte maneira:

[Folha de rosto]
[Dedicatória]
Prollogo Ao lector
Declaracaõ da costa
Cap. 1º. da capitania de Tamaracá
Cap. 2º. da capitania de Phernãbuco
Cap. 3º. da capitania da Bahýa de Todollos Sanctos
Cap. 4º. da capitania dos jlheos
Cap. 5º. dũa nascaõ de gentio q̃ se acha nesta capitania
Cap. 6º. da capitania de Porto Seguro
Cap. 7º. da capitania do Spirito Sancto
Cap. 8º. da capitania do Rio de Janeiro
Cap. 9º. da capitania de San Viçente

Tractado segundo das, cousas que são, gerais por toda, costa do Brasil
Cap. 1º. das fazendas da terra
Cap. 2º. dos custumes da terra
Cap. 3º. das callidades da terra
Cap. 4º. dos mantimentos da terra
Cap. 5º. da caça da terra
Cap. 6º. das fruitas da terra
Cap. 7º. da condiçaõ E custumes dos indios da terra
Cap. 8º. dos bichos da terra
Cap. 9º. da terra q̃ çertos homẽs da capitania de porto Seguro foraõ a descobrir, e do q̃ acharaõ nella
[Epílogo]

Desta segunda versão do trabalho, de acordo com Pereira Filho (1965, p. 19-20), são conhecidos quatro testemunhos manuscritos, todos apógrafos. O primeiro, "quinhentista, contemporâneo do autor" e anônimo, se encontra arquivado na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob o número 552. O segundo pertence à Série Vermelha dos arquivos da Biblioteca da

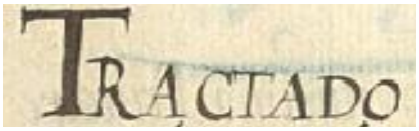
Academia de Ciências de Lisboa, sob o número 165, e se trata de: "Cópia tardia, realizada por Fr. VICENTE SALGADO, que declara tê-la acabado em 19-2-1800". O terceiro, anônimo, também pertence à Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, mas à Série Azul, sob o número 937 (*sic*)[21], se tratando de: "Cópia tardia e pouco cuidada". O quarto, finalmente, anônimo e do século XIX, se encontra arquivado na Biblioteca Municipal do Porto, sob o número 597.

Tomamos como ms.2, a partir do estudo supracitado, o primeiro dos testemunhos listados, haja vista se tratar de cópia quinhentista. Um dos indícios apontados por Pereira Filho (1965) para assim considerá-la vem a ser a letra do copista, semelhante a da cópia do ms.1, pertencente à Biblioteca do Museu Britânico, aventando, pois, a possibilidade de o copista ser o mesmo. Para ilustrar tal argumento, selecionamos alguns exemplos:

(GÂNDAVO, ms.1, f. 2r)

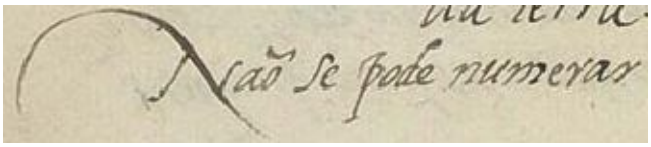
(GÂNDAVO, ms.2, f. 2v)

(GÂNDAVO, ms.1, f. 1r)



(GÂNDAVO, ms.2, f. 1r)

(GÂNDAVO, ms.1, f. 32r)



(GÂNDAVO, ms.2, f. 29v)

Esta versão é de extrema importância, pois representa de forma completa a primeira fase de elaboração do trabalho, sobre a qual Stetson Jr. (1978, p. 29, tradução nossa) destaca: "Esta obra mais curta é um complemento necessário à *Historia* para a base de um estimado

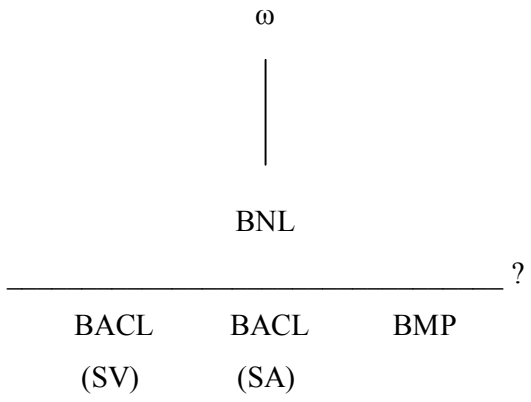
[21] Apesar de Pereira Filho (1965, p. 20) informar essa numeração, pela consulta ao arquivo referente à Série Azul de Manuscritos da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (p. 240-1), a partir de sua página eletrônica oficial, atestamos que a numeração do manuscrito é a de 739. Disponível em: http://www2.acad-ciencias.pt/joomla/images/Documentos/Biblioteca/Cat%C3%A1logos/catalogoma.pdf Acesso em: 26.set.2012

conhecimento de Magalhães com o Brasil, na qual ele dá muitos detalhes de informações que estão ausentes na *Historia*[22].

Em 1826, o texto do "Tratado" fora publicado pela primeira vez (GÂNDAVO, 1826) pela Academia Real das Ciências de Lisboa, junto à *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios Portuguezes, ou lhe são visinhas*, tomando como referência um dos manuscritos da Academia, "sem critério seguro e, ao que parece, com má revisão tipográfica" (PEREIRA FILHO, 1965, p. 20). Na introdução desta publicação, cujo locutor não é informado, podemos ler:

> Apezar porém de ser o Escrito que agora offerecemos, mais rezumido, que o que anda impresso, nem por isso se póde reputar destituido de interesse pois nelle refere o Author algumas particularidades, que no outro ommittio, e ainda quando conta os mesmo factos, he não sómente com diversidade de expressões, mas até muitas vezes de circunstancias. O Leitor que quizer comparar estas duas obras, se convencerá facilmente da sua diversidade, e importancia (COLLECÇÃO, 1826, p. 184).

Para o estema dessa versão, utilizamos letras latinas maiúsculas, do tipo topográfico, indicando a cópia da Biblioteca Nacional de Lisboa como BNL, a da Série Vermelha da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa como BACL (SV), a da Série Azul, também desta biblioteca, como BACL (SA) e a da Biblioteca Municipal do Porto como BMP. Utilizamos um traço vertical para indicar a transmissão do original perdido (representado pela letra minúscula ômega) à cópia quinhentista, e um traço horizontal acompanhado de um ponto de interrogação entre esta e as outras três cópias haja vista desconhecermos a transmissão das últimas:



[22] "This shorter work is a necessary complement to the *Historia* for the basis of an estimate of Magalhães' acquaintance with Brazil, for in it he gives many details of information which are lacking in the *Historia*" (STETSON Jr., 1978, p. 29).

Pelo estema, o original perdido teria sido referência ao testemunho BNL. Como esta é a única cópia quinhentista que se tem conhecimento, pode ter sido tomada como referência às cópias BACL (SV), BACL (SA) e BMP, mas também pode ser que alguma destas três tenha sido referência para uma (ou duas) delas. O traço horizontal separa, portanto, o testemunho contemporâneo de Gândavo dos outros três, copiados em momentos posteriores.

Pereira Filho (1965, p. 23) aventa que é muito provável que as cópias do ms.2 e do ms.1 (no caso, os testemunhos BMB e BNL) tenham sido encomendadas pelo próprio Gândavo, pois apenas este se interessaria em mandar copiar textos quase idênticos. E o mais coerente seria que tais textos tivessem sido copiados antes da publicação de 1576:

> Ora, ninguém, no século XVI, a não ser Gândavo, poderia ter interêsse em mandar copiar dois textos que, por sua quase identidade, praticamente se anulam, mormente se relembrarmos que o de I supera o de C. E muito mais absurdo ainda seria admitir que alguém o fizesse depois de 1576, ano em que foi publicada a *História da Província Santa Cruz*, cujo texto em tudo e por tudo (inclusive pelo conteúdo informativo) supera muito de longe o dos dois *Tratados*.

Junto a essa possibilidade, acrescentamos que, em função do jogo de interesses e busca por informações a respeito das terras do Novo Mundo no período em questão, não podemos descartar que as cópias podem ter sido encomendadas por outra pessoa, como um dos comuns casos de espionagem à época (cf. seção 2.1.3). Devemos lembrar, pois, que o ms.2 continha informações inexistentes no ms.1, como o último capítulo (referente às riquezas que se podem encontrar no sertão), assim, seria possível haver outro(s) interessado(s) além de Gândavo, no século XVI, em copiar o texto.

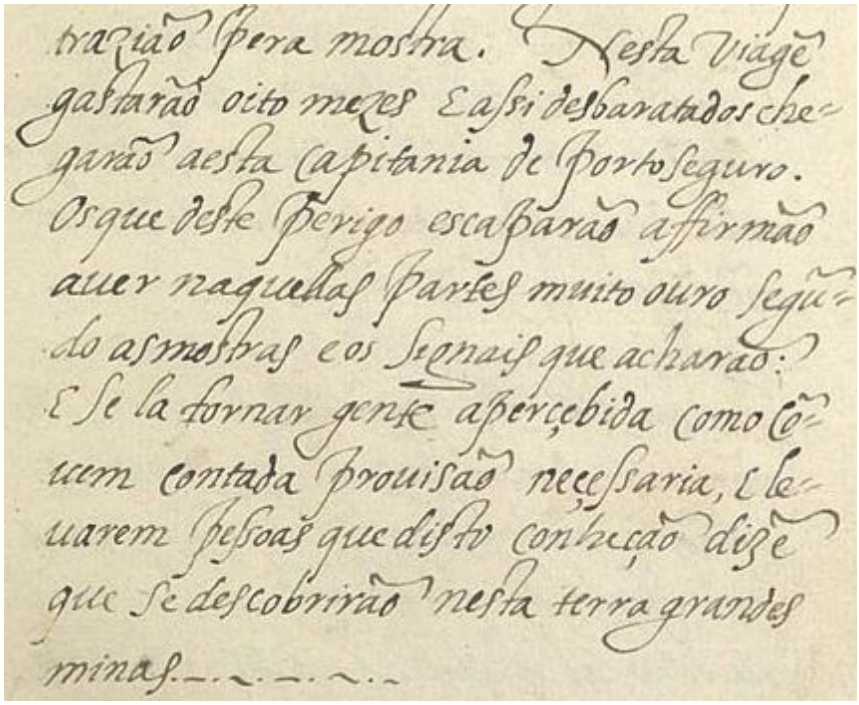
Apresentamos, a seguir, uma tabela comparativa com o intuito de representar, metonimicamente, a partir da estrutura organizacional dos capítulos das duas versões (ms.1 e ms.2), o processo de escrita da obra nesta fase. Em negrito, destacamos o capítulo acrescentado ao final da segunda parte:

ms.1	ms.2
[Folha de rosto] [Dedicatória] Prollogo ao lector. Declaraçaõ da costa. Capitullo. 1º. da capitania de Tamaracá. Cap. 2º. da capitania de phernãbuco. Cap. 3º da capitania da Bahia de todollos	[Folha de rosto] [Dedicatória] Prollogo Ao lector Declaracaõ da costa Cap. 1º. da capitania de Tamaracá Cap. 2º. da capitania de Phernãbuco Cap. 3º. da capitania da Bahýa de Todollos

sanctos. Cap. 4º. da capitania dos ilheos. Cap. 5. dũa çerta nação de gentio que se acha nesta capitania. Cap. 6º. da capitania de porto Seguro. Cap. 7º. da capitania do spirito Sãto. Cap. 8º da capitania do Rio de Janeiro. Cap. 9º. da capitania de Saõ Viçente. Tractado segundo das cousas q̃ saõ gerais por toda côsta do Brasil. Cap. 1º. das fazendas da terra. Cap. 2º. dos custumes da terra. Cap. 3º. das quallidades da terra. Cap. 4º. dos mantimẽtos da terra. Cap. 5º. da caça da terra. Cap. 6º. das fruitas da terra. Cap. 7º. da condição e custumes dos indios da terra. Cap. 8º. dos Bichos da terra. [Epílogo]	Sanctos Cap. 4º. da capitania dos jlheos Cap. 5º. dũa nascaõ de gentio q̃ se acha nesta capitania Cap. 6º. da capitania de Porto Seguro Cap. 7º. da capitania do Spirito Sancto Cap. 8º. da capitania do Rio de Janeiro Cap. 9º. da capitania de San Viçente Tractado segundo das, cousas que são, gerais por toda, costa do Brasil Cap. 1º. das fazendas da terra Cap. 2º. dos custumes da terra Cap. 3º. das callidades da terra Cap. 4º. dos mantimentos da terra Cap. 5º. da caça da terra Cap. 6º. das fruitas da terra Cap. 7º. da condiçaõ E custumes dos indios da terra Cap. 8º. dos bichos da terra **Cap. 9º. da terra q̃ çertos homẽs da capitania de porto Seguro foraõ a descobrir, e do q̃ acharaõ nella** [Epílogo]

Tabela 3 – Comparação entre ms.1 e ms.2

A inserção do referido capítulo representa, para Pereira Filho (1965, p. 36), a passagem de Tratado para História, já que, segundo ele, "a índole da obra, nessa primeira fase, é puramente descritiva". Acrescentamos que o fato de incluir um capítulo a respeito do que se achou na capitania ("esmeraldas", "ouro", outros m*ui*tos metais") foi uma forma de firmar o caráter propagandístico do texto:



[...] Nesta viagẽ gastarão oito mezes E assi desbaratados chegaraõ a esta capitania de porto seguro. Os que deste perigo escaparão affirmão auer naquellas partes muito ouro segũdo as mostras e os signais que acharaõ: E se la tornar gente aperçebida como cõuem contada prouisaõ neçessaria, E leuarem pessoas que disto conheçaõ dizẽ que se descobrirão nesta terra grandes minas (GÂNDAVO, ms.2, f. 46r).

Assim, ao final do tratamento do objeto, o locutor oferece [mais] um atrativo de forma a tentar despertar o "interesse" do seu leitor pela nova terra.

2.1.3 *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*: o manuscrito

O texto que tomamos como ms.3 trata-se de um apógrafo (HUE, 2004; PEREIRA FILHO, 1965) conservado na Biblioteca do Mosteiro do Escorial, na Espanha, sob o registro b-IV-28[23]. O manuscrito autógrafo entregue à tipografia provavelmente fora descartado, já que esta era uma prática comum nas oficinas tipográficas, como apontam Spaggiari e Perugi (2004, p. 22):

[23] Como complemento, em conteúdos de mensagens eletrônicas trocadas a partir do endereço oficial da Biblioteca Escurialense, recebemos a informação de que se trata de cópia do século XVI, sendo 1575 o ano de sua entrada na Biblioteca (cf. anexo B).

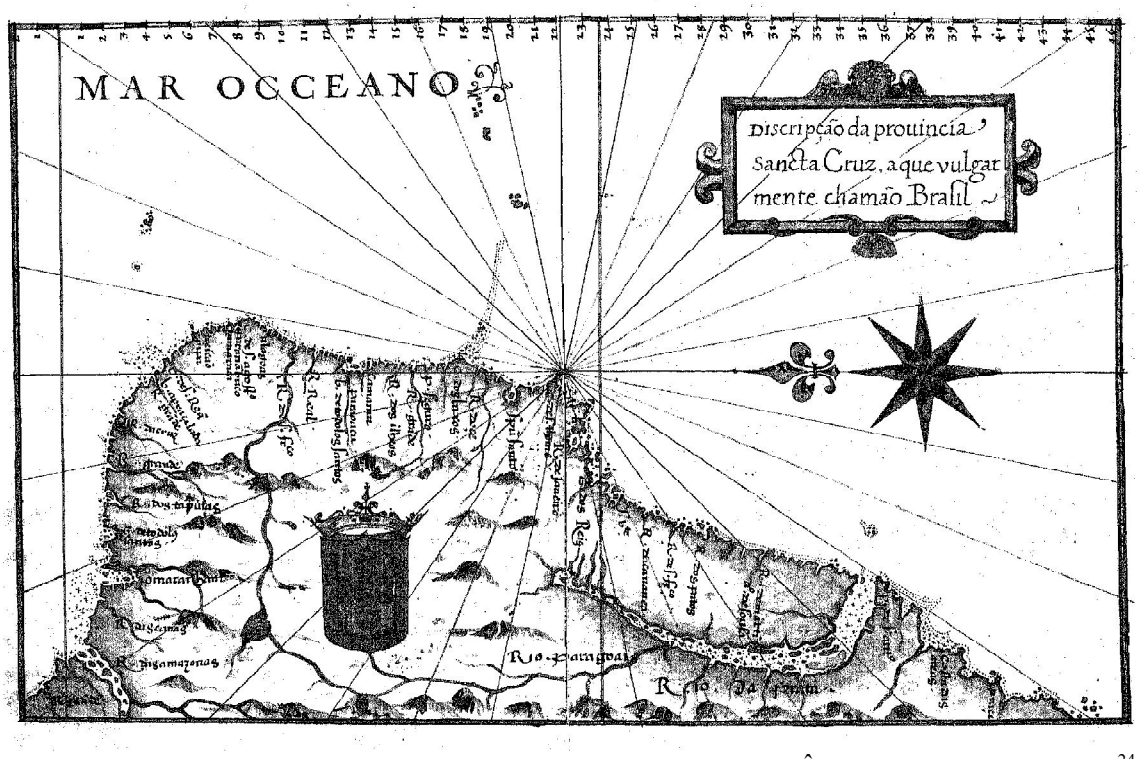
> [...] o(s) manuscrito(s) que servia(m) de base para a imprensa eram [*sic*] normalmente destruídos [*sic*] depois da publicação do livro: essa é a razão por que as edições mais antigas duma obra são consideradas testemunhos da sua transmissão ao mesmo título que os eventuais testemunhos manuscritos.

De acordo com HUE (2004, p. 19):

> O manuscrito chegou à Espanha junto com um lote de impressos e manuscritos trazidos de Portugal, em 1573, pelo florentino Giovanni Bautista Gesio, misto de emissário e espião de Felipe II em Lisboa, com a missão de adquirir, secretamente, as obras mais significativas para as negociações dos disputados limites entre as terras espanholas e portuguesas no Novo Mundo,

vindo a esconder "uma das histórias mais incríveis de espionagem levada a cabo por Felipe II em relação às novas terras da Coroa portuguesa" (COSTA, 2010, p. 27-8).

Considerada bela (HUE, 2004), comparada aos textos do gênero, a cópia traz duas ilustrações em cores: um monstro marinho e um mapa do Brasil, sendo que este é exclusivo do ms.3 e ilustra o segundo capítulo. Segundo análise de Costa (2010, p. 32-3), a moldura desta ilustração é a mesma empregada nos títulos dos capítulos, comprovando sua feitura para o manuscrito, porém, as informações do mapa não conferem com as informações do capítulo em questão, já que, além de não haver a representação das lagoas descritas pelo locutor, "as dimensões do Brasil são bastante ampliadas (ou deformadas), incluindo um longo trecho de costa abaixo do rio da Prata, estendendo a linha do Tratado de Tordesilhas":



(GÂNDAVO, ms.3, f. 12v-13r)[24]

Para Costa (2010, p. 33), o mapa fora inserido por Giovanni Batista Gesio, ou alguém a este relacionado, "na intenção de enriquecer o códice e agregar um material altamente valorizado para as discussões sobre a demarcação da fronteira entre as possessões portuguesas e espanholas", isso por considerar que o referido espião reunira um acervo de mapas, roteiros e descrições geográficas com a ajuda do cartógrafo jesuíta português Jorge Luís Barbuda (tendo este sido preso e processado por traição, em Lisboa, conseguindo, em seguida, fugir para a Espanha).

A ausência do mapa na edição príncipe ajuda a apoiar a indicação de o testemunho de ms.3 existente ser um apógrafo. O episódio da espionagem apontaria, pois, que a cópia teria sido feita para Felipe II sem o conhecimento de Gândavo, o qual ainda não teria concluído o texto, o que justificaria as diferenças entre as terceira e quarta versões.

Acreditamos, portanto, que o ms.3 seja mesmo uma cópia e não o próprio texto em fase de elaboração. Para sustentar nossa afirmação, selecionamos alguns trechos da terceira versão para compará-los aos da edição príncipe:

[24] A ilustração é representada em preto e branco, pois o arquivo disponibilizado pela Biblioteca Escurialense está nessas cores.

ms.3	edição príncipe
"**Nesti** pequeno seruiço; muito illustre **sñor**, **qui** offereço a **vossa merci** das premicias de meu fraco **entendimeto**, poderá nalgũa maneira conhecer os desejos **qui** tenho de pagar **cõ** minha **possibilidadi** algũa parte do muito que se deue á ínclita fama de vosso **heroýco nomi**" (GÂNDAVO, ms.3, f. 6r, grifos nossos)	"**NESTE** pequeno seruiço (muito illustre **senhor**) **que** offereço a **V.M**. das premicias de meu fraco **entendimento**, poderá nalgũa maneira conhecer os desejos **que** tenho de pagar **com** minha **possibilidade** algũa parte do muito que se deue á ínclita fama de vosso **heroyco nome**" (GÂNDAVO, 1576, f. 4v, grifos nossos).
"Reinando aquelli muy catholico e serenissimo Principi elRey Dom Manuel, fez se hũa frota pera a India, di qui hia por capitaõ mor Pedraluarez Cabral, qui foy a segunda nauegaçaõ que fezeram os Portugueses pera aquellas partes do Orienti. A qual partio da cidadi de Lixboa a noui de Marco, no anno de **mil e quinhentos e tres**" (GÂNDAVO, ms.3, f. 9v, grifo nosso).	"Reinando aquelle muy catholico e serenissimo Principe elRey Dom MANVEL, fezse hũa frota pera a India, de que hia por capitam mór Pedraluarez Cabral: que foy a segunda nauegaçaõ que fezeram os Portugueses pera aquellas partes do Oriente. A qual partio da cidade de Lixboa a noue de Março no anno de **1500**" (GÂNDAVO, 1576, f. 6r, grifo nosso).
"A qual tocando a **America** (que he huã das quatro partes do mundo ondi cae esta prouincia, **cujo nomi se diriuou de Americo Vispucio seu descobridor**) a corta na forma ja dita, mostrando a raya e lemiti por onde partem os Reis de Portugal e Castella" (GÂNDAVO, ms.3, f. 14r, grifos nossos).	"Esta prouincia Sancta Cruz está situada naquella grande **America**, hua das quatro partes do mundo" (GÂNDAVO, 1576, f. 7v, grifo nosso).

Tabela 4 – Indícios de não autografia do ms.3

Em relação à ortografia (primeiro exemplo), como Gândavo publicara em 1574 uma obra de regras ortográficas, não seria esperado que não fosse fiel a tais, como acontece com "nesti", "qui", "possibilidadi" e "nomi", cuja ortografia empregada diverge da edição príncipe, a qual consideramos como referência. Sugerimos, então, que o texto tenha sido ditado no processo de cópia, pois assim se justificariam as trocas de "e" por "i" e o desenvolvimento da abreviatura "V.M.", que pode ter sido registrada conforme se ouviu. Ou ainda que tenha ocorrido o erro de ditado interior, sobre o qual Cambraia (2005, p. 80) afirma: "Seria atribuível ao momento do *ditado interior* a maior parte dos erros de cópia, segundo Dain (1975:44): o copista dita para si internamente o texto que vai escrever, mas o faz segundo sua própria forma de o pronunciar".

Sobre o processo de cópia de uma obra, Zumthor (1993, p. 102-3) aponta que:

> O *scriptor* recebe, em geral, auditivamente, o texto a reproduzir. As grafias mesmo, e suas alterações, parecem implicar que ele interiorizava uma imagem das palavras mais sonora do que visual. Nos *scriptoria* onde se mantinha o sistema antigo da *pronunciatio*, uma equipe escrevia por ditado; funcionava então, num primeiro momento, como receptora em situação oral-

> auditiva. A duração, às vezes considerável, do ditado de textos longos não podia deixar de mostrar fortemente esse efeito.

Para ele (ZUMTHOR, 1993), a imprensa, em princípio, eliminaria os filtros entre a mensagem a transmitir e seu receptor, introduzidos pela produção do manuscrito, "mas que, em contrapartida, são estreitamente análogos aos ruídos que parasitam a comunicação oral" (p. 99), ressaltando, pois, que "a escrita, salvo exceções, constitui-se por contágio corporal a partir da voz" (p. 103).

Sobre o segundo exemplo, o fato de o texto apontar o ano da descoberta como o de 1503, diferentemente do que ocorre com a versão príncipe, reforça o argumento de que não fora copiado por Gândavo, o que também se aplica ao terceiro exemplo, presente apenas no ms.3, o qual aponta Américo Vespúcio como descobridor da América:

> Tal falta de precisão, talvez, advém de um "revisor" envolvido na produção do manuscrito escurialense que, não tendo conhecimento dessas fontes de informação usadas por Gandavo, incorreu em um erro comum na época: 1503 é o ano da então afamada viagem de Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio ao Brasil, além de ser o ano do estabelecimento da primeira feitoria brasileira (COSTA, 2010, p. 29).

Sobre isso, Cambraia (2005, p. 78) aponta que: "No processo de transmissão dos textos é inevitável a ocorrência do *erro*, entendido aqui como modificação não-autoral do texto".

Ao referir-se a esta cópia, Stetson Jr. (1978, p. 48-9, tradução nossa) cita a carta de uma bibliotecária endereçada ao Visconde de Juromenha (publicada por este em *Obras de Camões*, Lisboa, 1860-70, vol. I):

> Quanto ao manuscrito de Magalhães de Gandavo, é um volume em quarto, escrito sobre papel numa grafia muito boa do final do século XVI; a página de rosto é adornada com um desenho em pena e tinta pintado em cores, como são também algumas das letras capitulares nos inícios de capítulos, os quais contêm os títulos dos capítulos. No final do capítulo oito [...], há um desenho do monstro. Junto ao fólio 12, há um mapa da província de sãcta Cruz vulgarmente chamada Brasil. Não há outras indicações a respeito de onde veio o manuscrito, nem para quem ele foi escrito, nem se ele é cópia do autor[25].

[25] "As for the MS. of Magalhães de Gandavo, it is a volume in 4to, written on paper in a very good clear hand of the end of the XVI century, the title page adorned with a sketch in pen and ink painted in colours, as are also some of the headpieces at the beginnings of chapters, which contain the chapter headings. At the end of chapter VIII […] there is a design of the monster. On f. 12 there is a map of the province of sãcta Cruz commonly called Brazil. There are no other indications as to where the MS. came from, nor for whom it was written, nor whether it is the author's copy" (STETSON Jr., 1978, p. 48-9).

O texto se compõe de oitenta e um fólios, sendo que os de número 4, 5 e 81 são registrados apenas em recto; os outros, em recto e verso. Sobre sua datação, Pereira Filho (1965, p. 36) afirma que

> a primeira redação da *História* [...] não pode ultrapassar de muito a faixa 1572/1573, dado que nela não figura ainda o capítulo referente à divisão da Governança Geral do Brasil. Mesmo que se admita um certo retardo em o Autor tomar conhecimento do fato, não pode ele ter sido muito prolongado, pois GÂNDAVO estava em Portugal e pesquisava com cuidado os fatos que acêrca do Brasil queria narrar. Além do que, de 1573 para 1574 devia estar cuidando de suas *Regras de Ortografia*, que já aparecem impressas neste último ano [...].

Com nova disposição do texto, a terceira versão está organizada em treze capítulos, não mais distribuídos em duas partes, a saber:

[Tercetos de Luis de Camões a D. Lionis, sobre o livro]
[Soneto de Luis de Camões a D. Lionis, sobre a vitória em Malaca]
[Folha de rosto]
[Dedicatória]
Prologo ao lector.
Capitulo primeiro de como se descobrio esta prouincia, e a razão por que se deue chamar Sancta Cruz, e nã Brasil
Cap. ij. em que se descreue o sitio, demarcação, e qualidades desta prouincia
Cap. iij. das capitanias e pouoaçoes de Portugueses que ha nesta prouincia
Cap. iiij. das plantas, mãtimentos e fruitas que ha nesta prouincia
Cap. v. dos animaes e bichos venenosos que ha nesta prouincia
Cap. vj. das aues que ha nesta prouincia
Cap. vij. de algũs peixes notaueis, baleas e ambar que ha nestas partes
Cap. viij. do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente. no año de 61
Cap. ix. em que se dá noticia da gente que ha nesta prouincia, da condiçaõ e costumes della, e de como se gouernaõ na paz
Cap. x. das guerras que tem hũs contra os outros, e a maneira de como se haõ nellas
Cap. xi. da morte que daõ aos captiuos e crueldades que vsaõ cõ elles
Cap. xii. do fruito q̃ fazem nestas partes os Padres da companhia com sua doctrina
Cap. xiij. das grandes riquezas que se esperaõ da terra do sertaõ

Houve um grande diferencial na passagem da segunda versão à terceira, sendo o texto reelaborado a partir da retomada das duas redações anteriores: "o trabalho passa por uma profunda reformulação, e daí surge uma obra de maior fôlego e mais bem acabada estilisticamente" (HUE, 2004, p. 19). A seguir, comparamos a estrutura organizacional dos capítulos do ms.2 a do ms.3, de forma a tentar representar, metonimicamente, pela nova disposição do texto, o processo de reelaboração textual:

ms.2	ms.3
[Folha de rosto]	[Tercetos de Luis de Camões a D. Lionis, sobre o livro]
[Dedicatória]	[Soneto de Luis de Camões a D. Lionis, sobre a vitória em Malaca]
Prollogo Ao lector	[Folha de rosto]
Declaracaõ da costa	[Dedicatória]
Cap. 1º. da capitania de Tamaracá	Prologo ao lector.
Cap. 2º. da capitania de Phernãbuco	Capitulo primeiro de como se descobrio esta prouincia, e a razão por que se deue chamar Sancta Cruz, e nã Brasil
Cap. 3º. da capitania da Bahýa de Todollos Sanctos	
Cap. 4º. da capitania dos jlheos	Cap. ij. em que se descreue o sitio, demarcação, e qualidades desta prouincia
Cap. 5º. dũa nascaõ de gentio q̃ se acha nesta capitania	
Cap. 6º. da capitania de Porto Seguro	Cap. iij. das capitanias e pouoaçoes de Portugueses que ha nesta prouincia
Cap. 7º. da capitania do Spirito Sancto	
Cap. 8º. da capitania do Rio de Janeiro	Cap. iiij. das plantas, mãtimentos e fruitas que ha nesta prouincia
Cap. 9º. da capitania de San Viçente	Cap. v. dos animaes e bichos venenosos que ha nesta prouincia
	Cap. vj. das aues que ha nesta prouincia
Tractado segundo das, cousas que são, gerais por toda, costa do Brasil	Cap. vij. de algũs peixes notaueis, baleas e ambar que ha nestas partes
Cap. 1º. das fazendas da terra	Cap. viij. do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente. no año de 61
Cap. 2º. dos custumes da terra	
Cap. 3º. das callidades da terra	Cap. ix. em que se dá noticia da gente que ha nesta prouincia, da condiçaõ e costumes della, e de como se gouernaõ na paz
Cap. 4º. dos mantimentos da terra	
Cap. 5º. da caça da terra	Cap. x. das guerras que tem hũs contra os outros, e a maneira de como se haõ nellas
Cap. 6º. das fruitas da terra	
Cap. 7º. da condiçaõ E custumes dos indios da terra	Cap. xi. da morte que daõ aos captiuos e crueldades que vsaõ cõ elles
Cap. 8º. dos bichos da terra	Cap. xii. do fruito q̃ fazem nestas partes os Padres da companhia com sua doctrina
Cap. 9º. da terra q̃ çertos homẽs da capitania de porto Seguro foraõ a descobrir, e do q̃ acharaõ nella	Cap. xiij. das grandes riquezas que se esperaõ da terra do sertaõ
[Epílogo]	

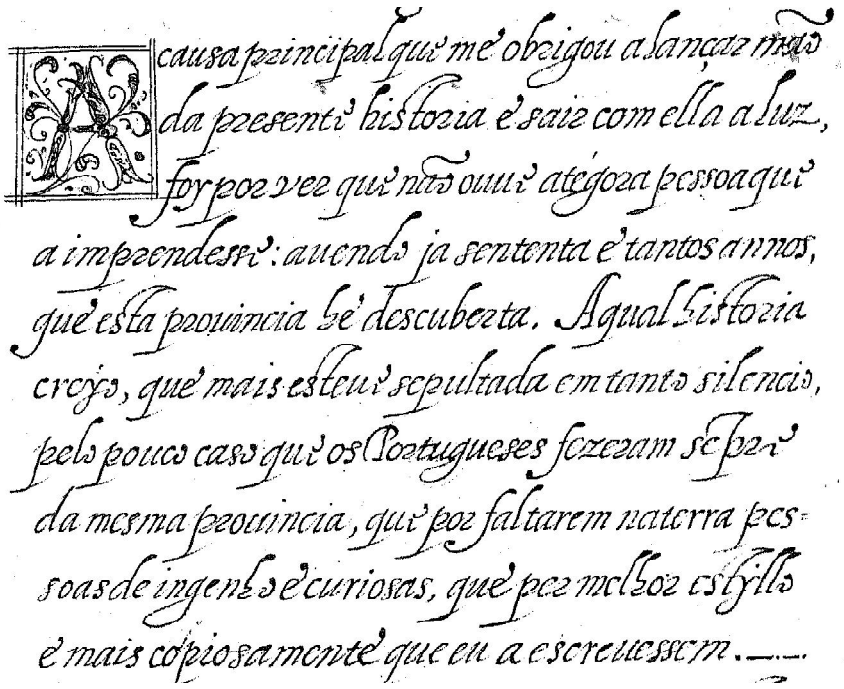
Tabela 5 – Comparação entre ms.2 e ms.3

Assinalamos, com setas, algumas das alterações: o terceiro capítulo do ms.3, sobre as capitanias, passou a reunir informações referentes a oito capítulos da primeira parte do ms.2; o quinto capítulo da primeira parte e o sétimo capítulo da segunda parte do ms.2, sobre os nativos, passaram a compor três capítulos na nova versão; os capítulos sobre mantimentos e frutas, antes independentes, se tornaram apenas um no ms.3, junto às plantas; os capítulos sobre caça e bichos (quinto e oitavo, no ms.2) passaram ao de "animais e bichos venenosos" (quinto capítulo, ms.3); as "callidades" da terra (terceiro capítulo, ms.2), foram inseridas no capítulo sobre "sitio, demarcação, e qualidades" (segundo capítulo, ms.3).

Não indicamos setas nos primeiro e segundo capítulos da segunda parte do ms.2, haja vista seu conteúdo se distribuir em diferentes trechos do ms.3.

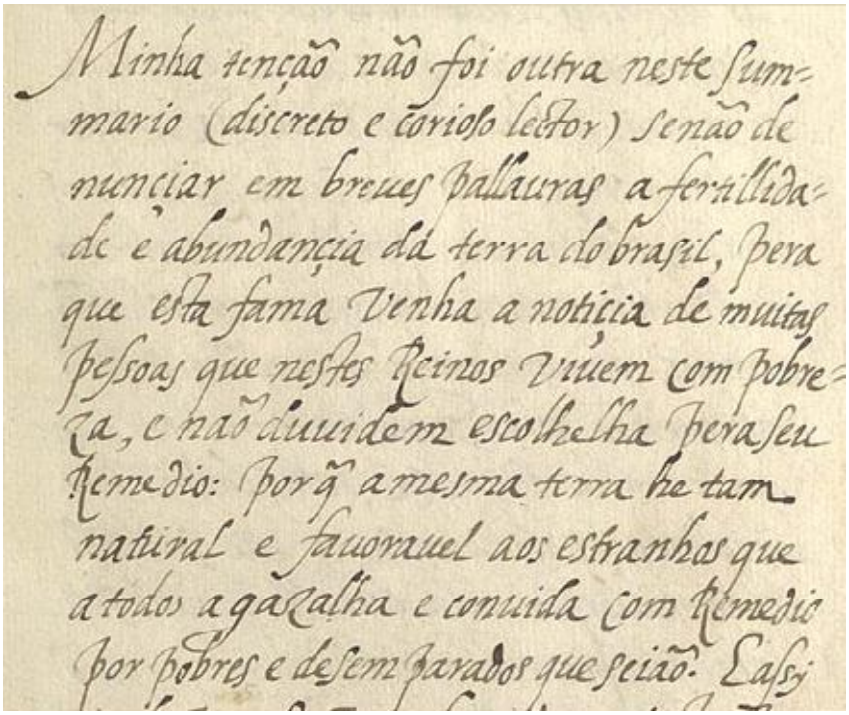
Destacamos, ainda: o ms.3 é apresentado a partir de tercetos de Camões; a dedicatória é direcionada a D. Leonis Pereira, a quem também Camões oferece um soneto fazendo referência à vitória em Malaca; inserção do primeiro capítulo para tratar da descoberta e nome da província; segundo capítulo reservado à descrição, demarcação e qualidades da província; tratamento de aves e peixes em capítulos específicos; destinação de um dos capítulos para narrar a morte de um monstro marinho; inserção de um capítulo para enaltecer os feitos dos padres da Companhia de Jesus.

Conforme já afirmado, a terceira versão pertence à segunda fase de elaboração da escrita da obra, passando a se revestir do caráter de história, e não mais tratado. No primeiro parágrafo do "Prologo ao lector", assim é apresentado o texto (GÂNDAVO, ms.3, f. 7v, grifos nossos):


A causa principal qui me obrigou a lançar mão
da presenti historia e saiz com ella a luz,
foy por ver qui não ouui atégora pessoa qui
a impreendessi: auendo ja sententa e tantos annos,
que esta prouincia he descuberta. A qual historia
creyo, que mais estevi sepultada em tanto silencio,
pelo pouco caso qui os Portugueses fezeram sepri
da mesma prouincia, qui por faltarem na terra pes-
soas de ingenho e curiosas, que per melhor estýllo
e mais copiosamente que eu a escreuessem.

A causa principal qui me obrigou a lançar mão da presenti **historia** e sair com ella a luz, foy por ver qui não ouui atégora pessoa qui a impreendessi: auendo ja sententa e tantos annos, que esta prouincia he descuberta. A qual **historia** creyo, que mais estevi sepultada em tanto silencio, pelo pouco caso qui os Portugueses fezeram sepri da mesma prouincia, qui por faltarem na terra pessoas de ingenho e curiosas, que per melhor estýllo e mais copiosamente que eu a escreuessem.

Ao consultarmos o primeiro parágrafo do “Prollogo Ao lector” da segunda versão (GÂNDAVO, ms.2, f. 3r, grifos nossos), assim podemos ler a apresentação desta:



Minha tençaõ não foi outra neste **summario** (discreto e corioso lector) senão denunçiar em **breues pallauras** a fertillidade e abundançia dá terra do Brasil, pera que esta fama venha a notiçia de muitas pessoas que nestes Reinos viuem com pobreza, e não duuidem escolhelha pera seu Remedio: porq*ue* a mesma terra he tam natural e fauorauel aos estranhos que a todos agazalha e conuida com Remedio por pobres e desemparados que seiaõ [...].

Pelo título e apresentação da terceira versão, o locutor já adianta que houve uma mudança na perspectiva do texto – de tratado/sumário para história. Para desenvolvermos este apontamento, nos apoiamos nas acepções dos termos "história", "sumário" e "tratado", a partir de Bluteau (1712-1721) e Houaiss (2009):

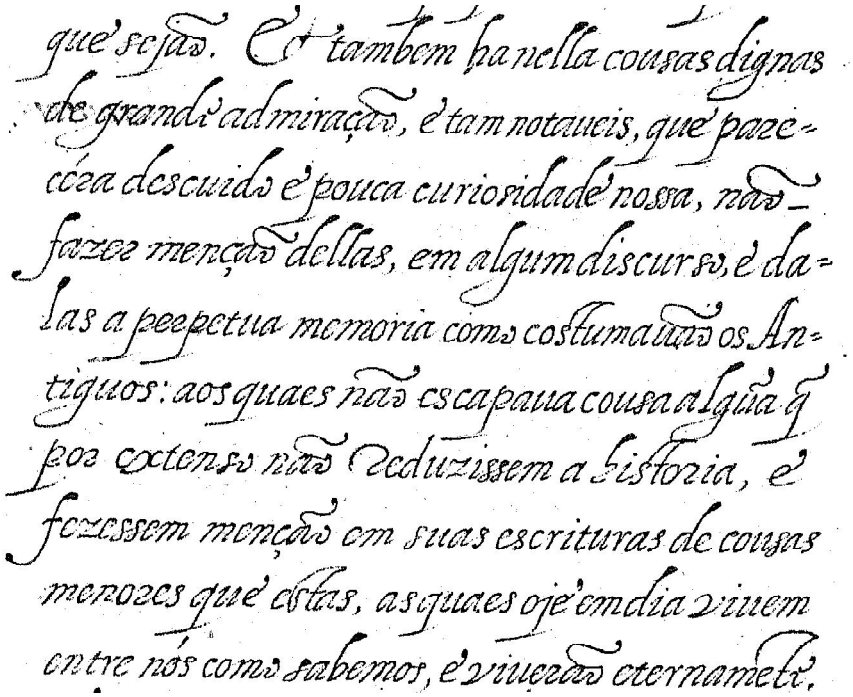
História	"[...] narração de cousas memoraveis, que tem a contecido em algum lugar, em certo tempo, e com certas pessoas, ou naçoens. [...]. Todas as naçoens tem Authores, q̃ escreveraõ as suas historias. [...]. A historia he a testemunha do tempo, a luz da verdade, a vida da memória, a mestra da vida, e a messageira da Antiguidade" (BLUTEAU, 1713, p. 39-40). "1. conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade e sua evolução, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido; 2. ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico; 3. compêndio que trata desses fatos e eventos [...]" (HOUAISS, 2009).
Sumário	"Especie de compendio, formado dos principaes pontos de hũa causa, historia, discurso, etc. brevemente tocados. [...] dá Seneca a entender, que esta palavra foy usada no tempo da boa Latinidade" (BLUTEAU, 1720, p. 784). "1. feito resumidamente; resumido, breve; 2. pequeno, que cobre pouco; 3.

	executado rapidamente e sem formalidades; 4. resumo dos pontos principais de livro, discurso, exposição etc; suma [...]" (HOUAISS, 2009).
Tratado	"Dissertação, lançada em papel sobre algũa materia" (BLUTEAU, 1721, p. 233). "[...] 4. obra que expõe de forma didática um ou vários assuntos a respeito de uma ciência, arte etc." (HOUAISS, 2009).

Tabela 6 – Acepções para fases da obra

Diante das acepções supracitadas, entendemos que a proposta inicial do texto de Gândavo fora a de "tratar" da nova terra numa obra didática e resumida, mas depois, em meio à elaboração, resolveu "contar" a história da província, haja vista que após "mais de setenta e tantos anos" de descoberta, ninguém ainda o havia feito. Assim, uma das alterações que destacamos é que, diferentemente da segunda versão, a qual traz em sua primeira parte o tratamento das capitanias, a terceira versão inicia contando "como se descobrio esta prouincia, e a razão por que se deue chamar Sancta Cruz, e nã Brasil" (conforme título do seu primeiro capítulo). Outra importante alteração, segundo Hue (2004, p. 21), é a de o locutor retirar "do texto tudo o que lhe parecia fantástico ou duvidoso".

Vemos na mudança de Gândavo um projeto não apenas ambicioso, mas considerando a época renascentista na qual vivera, uma tentativa de imitação aos escritores da antiguidade, e ao mesmo tempo, a autoindicação do seu papel de historiador, registrando a história junto à "perpétua memória", como assim faziam os antigos, os quais registraram feitos menores como histórias, cujo valor carregarão eternamente:


que sejão. E tambem ha nella cousas dignas
de grande admiração, e tam notaueis, que pare-
cera descuido e pouca curiosidade nossa, não
fazer menção dellas, em algum discurso, e da-
las a perpetua memoria como costumauão os An-
tiguos: aos quaes não escapaua cousa alguã q
por extenso não reduzissem a historia, e
fazessem menção em suas escrituras de cousas
menores que estas, as quaes oje em dia viuem
entre nós como sabemos, e viuerão eternamete.

> [...] ha nella cousas dignas de grandi admiração, e tam notaueis, que parecéra descuido e pouca curiosidade nossa, não fazer mençaõ dellas, em algum discurso, e dalas a perpetua memoria como costumauão os Antiguos: aos quaes não escapaua cousa algũa q*ue* por extenso não Reduzissem a historia, e fezessem menção em suas escrituras de cousas menores que estas, as quaes oje em dia viuem entre nós como sabemos, e viuerão eternameti (GÂNDAVO, ms.3, f. 8r).

Tais afirmações levam-nos a compreender que o conceito de história do locutor está ligado ao de memória do monumento, e esta à imortalidade: "Como pois a escritura seja vida da memoria, e a memoria huã semelhança da immortalidadi, a que todos deuemos aspirar pela parte que della nos cabe: quis, mouido destas Razoẽs, fazer esta breue historia" (GÂNDAVO, ms.3, f. 8v). Apesar de "breue", "historia", e não mais tratado, já que a proposta passa a se mostrar numa dimensão mais ampla do que a de tratado/sumário.

Por não descrever processos políticos e batalhas, a "Historia" é criticada por alguns estudiosos os quais conferem ao frei Vicente do Salvador o papel de ter escrito a primeira obra sobre o Brasil, datada de 1627, no entanto, para Hue (2004) cabe discutir o conceito de história para Gândavo, já que na época em questão as histórias oficiais podiam ser intituladas como décadas e crônicas, além dos tratados, sumários, roteiros ou descrições. O fato de, na reformulação da versão dois a três, alterar o título de "tratado" para "história" e retirar o que parecia duvidoso corrobora a preocupação em caracterizar o texto como uma história. Hue (2004, p. 21) acredita que:

> A "história" do livro de Gândavo é múltipla, como eram múltiplos os interesses dos homens na Renascença. Se nela não encontramos o processo histórico em que o homem é o agente ou a descrição dos feitos de capitães, donatários, clérigos e colonos, como faziam naquela época as "crônicas", encontramos uma obra escrita por um autor que era ao mesmo tempo botânico, zoólogo, geólogo, etnólogo e cronista.

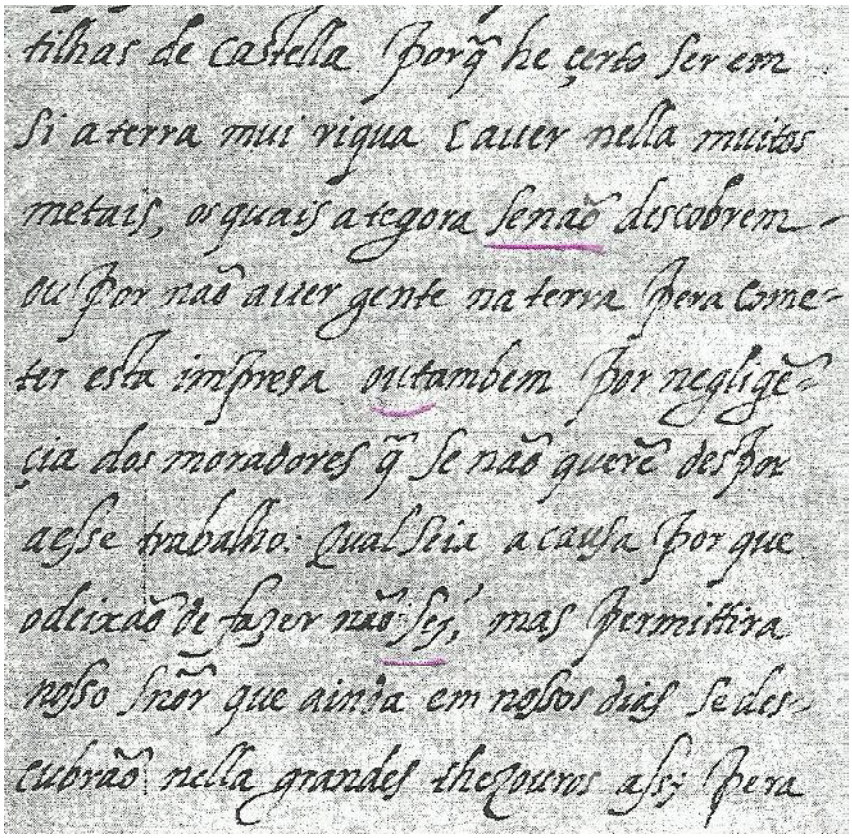
Tal afirmação, faz com que possamos considerar seu texto, primeiramente, como uma obra historiográfica (a primeira, portanto, sobre o Brasil), indo ao encontro da afirmação de Stetson Jr. (1978, p. 47, tradução nossa): "De todas as coisas a se considerar, Magalhães deixou, em sua *Historia*, um relato que é digno de um lugar notável entre os muitos registros feitos por viajantes europeus relativos ao Novo Mundo, no século dezesseis"[26]. Depois, junta-se às

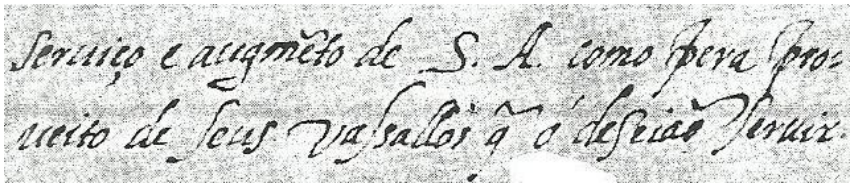
[26] "All things considered, Magalhães left behind him in his *Historia* an account which is worthy of a notable place among the many records made by European voyagers to the New World in the sixteenth century" (STETSON Jr., 1978, p. 47).

manifestações literárias do período colonial, revestindo-se, portanto, de importância histórico-literária.

Em relação ao uso do termo “sumário”, ao invés de “tratado”, em alguns trechos deste (em suas duas versões), acreditamos que se deva pela referência de seu uso “no tempo da boa Latinidade” (BLUTEAU, 1720, p. 784), o que corrobora a busca pela imitação aos clássicos.

Como no ms.2, o capítulo final da terceira versão continua sendo o das riquezas que se podem encontrar no sertão. Apesar de alterar a proposta, oferecendo, agora, uma história, não deixa de, ao mesmo tempo, apresentar uma propaganda da nova terra no intuito de atrair colonos. Podemos ver nesse capítulo uma marca de autoria representativa da passagem da primeira à segunda fase. No processo de reelaboração, o capítulo é inserido e se mantém até a versão príncipe. Como a segunda versão representa a primeira fase de elaboração da obra, podemos afirmar que ele se encontra nas duas fases. A primeira versão não apresenta tal capítulo, mas a apelo propagandístico se faz presente, o que corrobora nossa constatação:


tilhas de castella porq̃ he certo ser em
si a terra mui rigua e auer nella muitos
metais, os quais ate agora senão descobrem
ou por não auer gente na terra para come-
ter esta impresa ou tambem por negligẽ-
cia dos moradores q̃ se não querẽ desfor
ar se trabalho. Qual seja a causa porque
o deixão de fazer não sey, mas permittira
nosso Senhor que ainda em nossos dias se des-
cubrão nella grandes thesouros assy para


seruiço e augmẽto de S. A. como para pro-
ueito de seus vassallos q̃ o desejão seruir.

> [...] porq*ue* he çerto ser em si a terra mui riqua E auer nella muitos metais, os quais ategora senaõ descobrem ou por naõ auer gente na terra pera cometer esta impresa outambem por negligẽçia dos moradores q*ue* se naõ querẽ despor a esse trabalho: Qual seia a causa por que o deixaõ de fazer naõ seý, mas permittira nosso s*enh*or que ainda em nossos dias se descubraõ nella grandes thezouros assý pera seruiço e augmẽto de S*ua* A*lteza* como pera proueito de seus vassalos q*ue* o deseiaõ seruir (GÂNDAVO, ms.1, f. 3r-3v).

Ao tratar desta versão, Stetson Jr. (1978, p. 49, tradução nossa) ainda comenta que havia uma cópia no antigo Convento de Jesus, porém não encontrara nenhum traço de seu paradeiro:

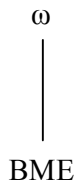
> O segundo manuscrito é o referido por Innocencio como anteriormente existente no antigo Convento de Jesus, a partir do qual a reimpressão lisboense da *Historia* foi feita em 1858. Até onde eu pude pesquisar neste país, todos os traços do presente paradeiro deste manuscrito estão perdidos[27].

Apesar da utilização do termo "reimpressão", o que houve em 1858 foi uma nova edição da "Historia", tanto no Brasil como em Portugal, sendo que a edição portuguesa se baseara, conforme Silva (1862, p. 430), no manuscrito perdido que havia no referido convento:

> N'esse mesmo ano 1858, a Academia R. das Sciencias de Lisboa publicou por sua parte outra reimpressão do mesmo livro, com título conforme ao da edição de 1576; servindo para a nova uma copia manuscripta que da antiga existia na livraria do extincto convento de Jesus.

Dessa forma, a cópia escurialense é o único testemunho do qual temos conhecimento, a respeito da presente versão.

Como critérios para o estabelecimento do estema desta versão, utilizamos letras latinas maiúsculas, do tipo topográfico, indicando o testemunho como BME (Bilioteca do Museu do Escorial) e um traço vertical para indicar o tipo de transmissão. Para representar o original perdido, utilizamos a letra grega minúscula ômega:



[27] "The second manuscript is the one referred to by Innocencio as formerly existing in the ancient Convento of Jesus, from which the Lisbon reprint of the *Historia* was made in 1858. As far I can learn in this country, all traces of the present whereabouts of this manuscript are lost" (STETSON JR., 1978, p. 49).

Do original de Gândavo, ainda em fase de elaboração, acreditamos que tenha sido copiado o apógrafo em questão.

2.1.4 *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*: a edição príncipe

Em 1576, da oficina tipográfica de Antonio Gonsalvez, Gândavo finalmente publica a edição príncipe da obra que lhe tomara anos de dedicação. De acordo com Hue (2004, p. 13), o referido tipógrafo produziu, em sua oficina, aproximadamente 38 livros, e costumava preparar edições caprichadas e bonitas para a Igreja, o que não aconteceu com a "Historia", que contou com uma edição bem modesta, assim como a de *Os Lusíadas*, impressa na mesma oficina.

Com quatorze capítulos, a obra se estrutura da seguinte forma:

[Folha de rosto]
[Folha de] Aprouaçam
[Tercetos de Luis de Camões a D. Lionis, sobre o livro]
[Soneto de Luis de Camões a D. Lionis, acerca da vitória em Malaca]
[Dedicatória]
Prologo ao lector.
Capit. Primeiro, De como se descobrio esta prouincia, e a razam porque se deue chamar Sancta Cruz, e nam Brasil.
Capit. 2. Em que se descreve o sitio e qualidades desta prouincia
Capitulo 3. Das capitanias e pouoações de Portugueses que ha nesta prouincia.
Capitulo 4. Da gouernança que os moradores destas capitanias tem nestas partes, e a maneira de como se hão em seu modo de viuer.
Capit. 5. Das plantas, mantimentos, e fruitas que ha nesta prouincia.
Capit. 6. Dos animaes e bichos venenosos que ha nesta prouincia.
Capitulo 7. Das aues que ha nesta prouincia.
Capitulo 8. De algũs peixes notaueis, baleas e ambar que ha nestas partes.
Capit. 9. Do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente no anno de 1564.
Capit. 10. Do gentio que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz.
Capitu. 11. Das guerras que tem hũs com outros e a maneira de como se hão nellas.
Capitulo 12. Da morte que dam aos catiuos e crueldades que vsam com elles.
Capitulo 13. Do fruito que fazem nestas partes os Padres da Companhia com sua doctrina.
Capitulo 14. Das grandes riquezas que se esperam da terra do sertam.

Comparando o ms.3 à edição príncipe, é possível visualizar, ainda, várias modificações, entre as quais, um capítulo a mais:

> Ávido de perfeição como era, porém, quando teve ensejo de editar o livro, não se pôde limitar ao que já estava feito. Reescreveu-lhe todo o capítulo segundo, acrescentou-lhe um outro narrando a divisão do Govêrno Geral do Brasil, e, depois de repassar e corrigir todo o texto, entregou-o afinal à imprensa. Surgiu assim a edição de 1576 (PEREIRA FILHO, 1965, p. 11).

Pelo quadro a seguir, podemos comparar a estrutura organizacional dos capítulos da terceira versão em relação à edição príncipe. Destacamos, em negrito, os acréscimos (folha de aprovação e quarto capítulo) e uma supressão (item "demarcação"); e no modo sublinhado, outros dois itens:

ms.3	edição príncipe
[Tercetos de Luis de Camões a D. Lionis, sobre o livro] [Soneto de Luis de Camões a D. Lionis, sobre a vitória em Malaca] [Folha de rosto] [Dedicatória] Prologo ao lector. Capitulo primeiro de como se descobrio esta prouincia, e a razão por que se deue chamar Sancta Cruz, e nã Brasil Cap. ij. em que se descreue o sitio, **demarcação**, e qualidades desta prouincia Cap. iij. das capitanias e pouoaçoes de Portugueses que ha nesta prouincia Cap. iiij. das plantas, mãtimentos e fruitas que ha nesta prouincia Cap. v. dos animaes e bichos venenosos que ha nesta prouincia Cap. vj. das aues que ha nesta prouincia Cap. vij. de algũs peixes notaueis, baleas e ambar que ha nestas partes Cap. viij. do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente. no año de 61 Cap. ix. em que se dá noticia da gente que ha nesta prouincia, da condiçaõ e costumes della, e de como se gouernaõ na paz Cap. x. das guerras que tem hũs contra os outros, e a maneira de como se haõ nellas Cap. xi. da morte que daõ aos captiuos e crueldades que vsaõ cõ elles Cap. xii. do fruito q̃ fazem nestas partes os Padres da companhia com sua doctrina Cap. xiij. das grandes riquezas que se esperaõ da terra do sertaõ	[Folha de rosto] **[Folha de] Aprouaçam** [Tercetos de Luis de Camões a D. Lionis, sobre o livro] [Soneto de Luis de Camões a D. Lionis, acerca da vitória em Malaca] [Dedicatória] Prologo ao lector. Capit. Primeiro, De como se descobrio esta prouincia, e a razam porque se deue chamar Sancta Cruz, e nam Brasil. Capit. 2. Em que se descreve o sitio e qualidades desta prouincia Capitulo 3. Das capitanias e pouoações de Portugueses que ha nesta prouincia. **Capitulo 4. Da gouernança que os moradores destas capitanias tem nestas partes, e a maneira de como se hão em seu modo de viuer.** Capit. 5. Das plantas, mantimentos, e fruitas que ha nesta prouincia. Capit. 6. Dos animaes e bichos venenosos que ha nesta prouincia. Capitulo 7. Das aues que ha nesta prouincia. Capitulo 8. De algũs peixes notaueis, baleas e ambar que ha nestas partes. Capit. 9. Do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente no anno de 1564. Capit. 10. Do gentio que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz. Capitu. 11. Das guerras que tem hũs com outros e a maneira de como se hão nellas. Capitulo 12. Da morte que dam aos catiuos e crueldades que vsam com elles. Capitulo 13. Do fruito que fazem nestas partes os Padres da Companhia com sua doctrina. Capitulo 14. Das grandes riquezas que se esperam da terra do sertam.

Tabela 7 – Comparação entre ms.3 e edição príncipe

Logo no início, percebemos a diferença na ordem dos elementos destextuais: os tercetos e soneto de Camões aparecem após a folha de rosto, o que pode indicar, na cópia do ms.3, ordenação aleatória por ser um "rascunho", ou alteração por conta do copista. A folha de aprovação é inserida, indicando a licença da Inquisição. No segundo capítulo, há a omissão do termo "demarcação" em relação ao respectivo capítulo do ms.3, "em que se descreue o sitio, **demarcação**, e qualidades desta prouincia", sobre a qual Costa (2010, p. 30) aponta:

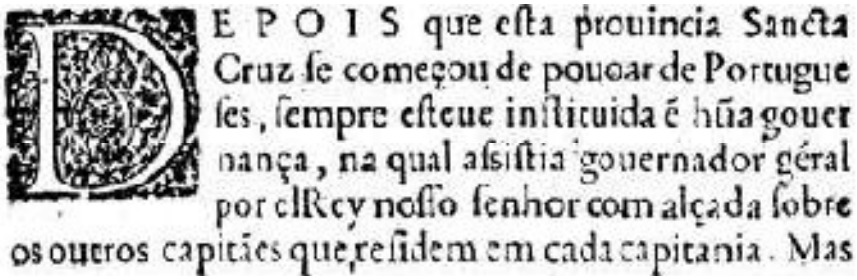
> A "demarcação" da nova terra (um longo trecho presente no manuscrito e não incluído na última versão) mostrava-se matéria não adequada a um livro impresso e na versão impressa não temos, como indica o novo título, as informações relativas à demarcação de fronteiras, matéria esta de disputa entre as duas coroas ibéricas. Seria uma inteligente alteração, tendo em vista a aprovação do livro pela censura do paço.

O mesmo estudioso destaca ainda que

> [...] a longa e detalhada "demarcação" da província do manuscrito escurialense dá lugar a uma sumária "demarcação", na versão impressa de 1576. Quando aprontou o texto destinado ao prelo Gandavo retirou o trecho que não era conveniente divulgar e que era de conhecimento da Coroa espanhola contrabandeado por Gesio (COSTA, 2010, p. 32).

Comparado à edição príncipe, o testemunho disponível da terceira versão poderia estar incompleto, faltando um dos capítulos, já que esta tem treze, e aquela, quatorze. Se fosse ao final, poderíamos sugerir que houve perda de páginas, mas o capítulo em questão fora inserido após o terceiro, sendo que no ms.3 apresenta-se sequência correta na numeração dos capítulos e das páginas. Assim, a versão príncipe tem um capítulo a mais em relação à terceira versão, o que reforça a hipótese de o ms.3 ter sido copiado de uma versão ainda em fase de elaboração, e como Gândavo entregara o autógrafo "final" à tipografia, e esta provavelmente o descartara, acreditamos que dificilmente tenha chegado a haver cópia manuscrita deste.

O capítulo inserido trata da divisão do governo geral em "duas gouernações":


DEPOIS que esta prouincia Sancta Cruz se começou de pouoar de Portugueses, sempre esteue instituida ẽ hũa gouernança, na qual assistia gouernador géral por elRey nosso senhor com alçada sobre os outros capitães que residem em cada capitania. Mas

porque de hũas a outras ha muita diſtancia, & a gente
vay em muito crecimento, repartioſe agora em duas go
uernações, conuem a ſaber, da capitania de Porto ſegu-
ro pera o Norte fica hũa, & da do Spirito Sancto pera o
Sul fica outra: & em cada hũa dellas aſsiſte ſeu gouerna
dor com a mesma alçada. O da banda do Norte reſide

Depois que esta prouincia Sancta Cruz se começou de pouoar de Portugueses, sempre esteve instituida ẽ hũa gouernança, na qual assistia gouernador géral por elRey nosso senhor com alçada sobre os outros capitães que residem em cada capitania. Mas porque de hũas a outras ha muita distancia, e a gente vay em muito crecimento, repartiose agora em duas gouernações, conuem a saber, da capitania de Porto seguro pera o Norte fica hũa, e da do Spirito Sancto pera o Sul fica outra: e em cada hũa dellas assiste seu gouernador com a mesma alçada [...] (GÂNDAVO, 1576, f. 14v-15r).

Como a divisão da referida forma de governo se deu a partir de 1572, a preparação definitiva da versão em questão não pode ter se dado antes deste ano e "em 1575 já estaria pronta a segunda e definitiva redação da *História*, pois dêsse ano datam as licenças do Santo Ofício, que aparecem no verso da folha" (PEREIRA FILHO, 1965, p. 36).

No capítulo que trata da morte do monstro marinho informa-se, no ms.3, como o ano de 1561 e, na edição príncipe, como 1564, mais um indício de possível erro por parte do copista. A ilustração do monstro se mantém nesta edição, a propósito, de forma muito parecida à constante na versão anterior, com o diferencial de haver a inserção da figura humana, o que se relaciona à tendência humanista em vigor:

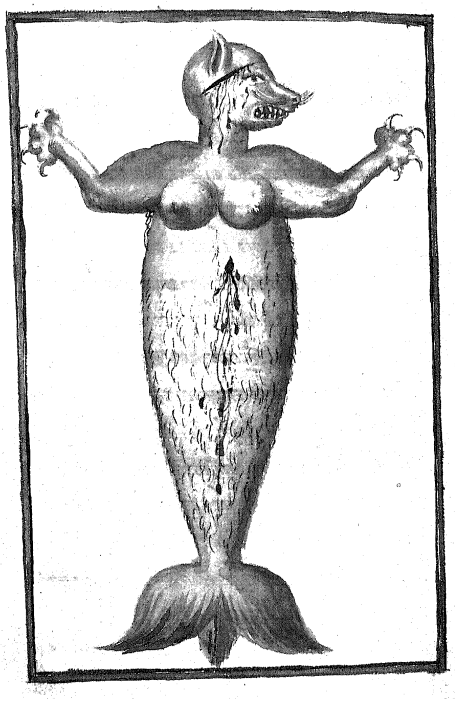
ms.3	edição príncipe
	

Tabela 8 – Monstro Hipupiára

Stetson Jr. (1978) atestou a existência de oito exemplares da edição príncipe, classificados em dois tipos: os que têm duas licenças do Santo Ofício e os que têm três. Entre os primeiros, estavam as cópias de: Huntington Memorial Library, Stetson e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; e do segundo tipo estavam os exemplares de: John Carter Brown Library, British Museum, New York Public Library, The Bodleian Library e Biblioteca Nacional de Lisboa.[28] O estudioso inglês afirmara que o exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro era o mais interessante de todos os oito então conhecidos, haja vista o histórico lhe associado:

> Ele pertenceu primeiramente ao grande historiador e bibliógrafo Diogo Barbosa Machado, o qual, com muita paciência e discernimento, reuniu uma coleção muito importante de obras portuguesas, incluindo entre elas algumas de rara existência. Na coleção, havia centenas de panfletos e folhas separadas (*opúsculos avulsos*), os quais, quando finalmente encadernados,

[28] Além dos exemplares impressos, tomamos conhecimento de que duas bibliotecas de Portugal arquivam cópia manuscrita elaborada a partir da publicação de 1576. A primeira está arquivada sob o número 1780, na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, junto à Série Azul de manuscritos (Informação disponível em: http://www2.acad-ciencias.pt/joomla/images/Documentos/Biblioteca/Cat%C3%A1logos/catalogoma.pdf p.487); e a segunda, copiada no século XVIII, encontra-se arquivada na Biblioteca Nacional de Évora, apresentando o seguinte registro: códice CXVI/1-32 (Informação disponível em: http://www.evora.net/bpe/Catalogos/Catalogo%20Manuscritos_TomoI.pdf p. 12).

> chegaram a mais de cem volumes. Após a destruição da Biblioteca do rei de Portugal pelo terremoto de 1755, Barbosa Machado ofereceu sua coleção ao rei Dom José, o qual aceitou o presente e instalou a coleção em seu palácio. Lá ela permaneceu até que Dom João VI, sob pressão de Napoleão, decidiu mudar sua corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1807, levando a biblioteca inteira consigo para o Brasil. Ela manteve-se como propriedade para os imperadores subsequentes do Brasil até a república ser criada, quando a biblioteca do imperador se tornou o núcleo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro[29] (p. 51-2, tradução nossa).

Atualmente, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui dois exemplares, ambos microfilmados. O exemplar ao qual se referiu Stetson Jr. encontra-se encadernado junto a outras obras num dos volumes da Coleção Barbosa Machado, cuja folha de rosto traz a inscrição "Noticias Historicas, e Militares da America, Collegidas por Diogo Barbosa Machado, Abbade da Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico da Academia Real. Comprehende do ano de 1576, até 1757", sendo o volume 23,5,1 (estante 023, prateleira 005, volume 001), número 001 e registrado sob o número 813.998 AA 14.07.92, com 329 páginas. Seu índice é manuscrito, e na última folha há o Brasão da Real Biblioteca, confirmando seu histórico. A "Historia" é a primeira obra do volume, ocupando a paginação 4 a 51, sendo considerado como exemplar 2. O outro, classificado como exemplar principal, encontra-se arquivado no cofre (volume C,003,020, exemplar 1), sob o número de registro 36413 C 1948, encadernado em pergaminho e, de acordo com Pereira Filho (1965, p. 9), pertenceu à biblioteca particular de Stetson Jr. Os exemplares contêm 48 fólios, capitais ornamentadas, vinhetas e cercaduras. Sobre a folha de rosto, convém destacar que, conforme registro, é gravada a buril contendo as armas dos Pereira. A medida do exemplar 1 é de 20 centímetros; o 2, como foi aparado para ser encadernado junto a outras obras, mede 17,2 centímetros.

De acordo com Hue (2004), apesar de a obra inaugurar a historiografia e geografia brasileiras, juntou-se aos impressos quinhentistas que se tornaram esquecidos. Um dos prováveis motivos teria sido o fato de a Coroa Portuguesa tentar impedir o conhecimento de informações a respeito das terras brasileiras, por interesses econômico-financeiros, intervindo

---

[29] It belonged at one time to that great Portuguese historian and bibliographer, Diogo Barbosa Machado, who with much patience and discernment brought together a very important collection of Portuguese books, including among them some of the rarest in existence. In the collection were hundreds of pamphlets and separate sheets (*opusculos avulsos*), which, when finally bound, made up over one hundred volumes. After the destruction of the Library of the King of Portugal by the earthquake of 1755, Barbosa Machado offered his collection to King Dom Jose who accepted the gift and installed the collection in his palace. There it remained until King Dom João VI, under pressure from Napoleon, decided to move up his court from Lisbon to Rio de Janeiro in 1807. He took the entire library with him to Brazil. It remained the property to the subsequent emperors of Brazil until the republic was created, when the emperor's library became the nucleus of the Bibliotheca Nacional de Rio de Janeiro (STETSON JR., 1978, p. 51-2).

junto à não propagação da obra. A hipótese parece proceder, pois ao preparar a terceira versão,

> Gândavo suprime alguns dados que certamente julgava não ser de interesse português ver divulgados, tais como algumas coordenadas na descrição geográfica da costa brasileira, o número de engenhos em cada capitania, e a quantidade de cana-de-açúcar e algodão produzida anualmente (p. 22).

Ao afirmar que a "Historia" se tratava de um livro extremamente raro, Stetson Jr. (1978, p. 19-20) apresenta como alguns dos fatores o fato de a publicação ter estado sujeita às condições de impressão do período, as quais se caracterizavam como "edições pequenas" (*small editions*): pouquíssimas vezes uma obra excedia trezentos exemplares, sendo que na maioria das vezes apresentava uma quantidade tão baixa como cem, conforme também o atesta Zumthor (1993, p. 99): "Quanto à tiragem do que sai das oficinas dos copistas, ela raramente ultrapassa um número muito pequeno de exemplares". Stetson (1978) aponta também o fato de a obra ter sido publicada quatro anos antes do domínio espanhol sobre Portugal (1580 a 1640), durante o qual, uma grande quantidade de material literário pode ter se perdido, haja vista a transferência da sede do governo e, consequentemente, dos registros escritos. Ademais, ele também via na rivalidade comercial entre os países europeus um dos fatores causadores da escassez de obras desse gênero.

> Os soberanos destes dois países [Espanha e Portugal] proibiam seus pilotos e capitães do mar de tomarem serviço de outro príncipe, e de tempos em tempos, quando uma descrição de suas províncias era tão exata e transmitia informações muito valiosas para seus concorrentes, ordenavam que os próprios livros fossem suprimidos, sendo esta considerada a forma mais barata e fácil de prevenir a competição (STETSON Jr., 1978, p. 20, tradução nossa)[30].

No século XIX, a obra é, então, redescoberta pelo historiador francês Henri Ternaux, tendo sido traduzida ao francês e publicada em 1837, junto ao volume II da coleção *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique*. O estudioso francês, no prefácio da tradução, lamentava o fato de a indiferença de portugueses e espanhóis impedir que a obra fosse reimpressa sendo esta tão rara que não mais que três ou quatro cópias eram conhecidas, não podendo ser encontrada em nenhuma livraria pública de

[30] "The sovereigns of these two countries forbade their pilots and sea captains taking service under any other prince, and from time to time when a description of their provinces was too exact and conveyed too valuable information to their competitors, the books themselves were ordered suppressed, as this was considered the cheapest and easiest way to prevent competition" (STETSON Jr., 1978, p. 20).

Paris e raramente citada por autores portugueses que escreviam a respeito do Brasil, enfatizando ainda que:

> Sua história do Brasil, publicada em Lisboa, por Antonio Gonsalvez, em 1576, é certamente uma das obras mais notáveis que apareceram no século dezesseis, sobre a descrição dos países distantes: o estilo é simples, mérito bem raro entre os escritores da sua nação. [...] todos os que nela falam concordam em lhe fazer louvor. [...] Por isso, apresento essa obra como um dos livros sobre a América menos conhecidos e mais dignos de o ser (TERNAUX, 1837, p. 4-5, tradução nossa)[31].

A tradução francesa proporcionou o acesso à obra de Gândavo sendo que, de acordo com Stetson Jr. (1978, p. 31), a maioria dos bibliógrafos, após 1837, passou a fazer referência à tradução francesa. Tal tradução também provocou uma busca dos colecionadores aos raros exemplares da edição príncipe, tendo como consequência duas publicações em português, no ano de 1858, em Portugal e no Brasil. "Finalmente, vinte e um anos após o resgate de Terneaux, e quase trezentos anos depois da primeira edição, a primeira História do Brasil ganhava uma segunda edição em sua língua original" (HUE, 2004, p. 15).

A edição portuguesa foi impressa em Lisboa, na "Typographia da Academia Real das Sciencias", como parte da *Collecção de Opusculos Reimpressos Relativos á Historia das Navegações, Viagens e Conquistas dos Portuguezes* e teve como referência "uma copia manuscripta que da antiga existia na livraria do extincto convento de Jesus" (SILVA, 1862, p. 430). A edição brasileira, por sua vez, foi impressa no Rio de Janeiro, na "Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro", junto à Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo como referência o exemplar da Biblioteca do Rio de Janeiro.

Innocencio Silva (1862, p. 430), estudioso que continuou a proposta de Barbosa Machado, listando os principais autores portugueses e respectivas obras, ao tratar das edições de 1858 da "Historia", afirmara: "A nova edição do Brasil deve [...] considerar-se mais correcta que a de Lisboa, visto ser feita sobre um exemplar da primeira edição, e a outra sobre copia manuscripta, onde como de costume é provavel que existissem alguns erros". Como a edição brasileira se baseara na edição príncipe, Silva (1862) pode ter-lhe conferido mais correção pelo fato de presumir ter sido preparada por seu autor, diferentemente da edição

[31] Son histoire du Brésil, publiée à Lisbonne chez Antonio Gonsalvez en 1576, est certainement un des ouvrages les plus remarquables qui aient paru dans le seizième siècle, sur la description des pays èloignés: le style en est simple, mérite bien rare chez les écrivains de sa nation. [...] tous ceux qui en parlent s'accordent-ils á en faire l'éloge" [...]. Je puis donc présenter cet ouvrage comme un des livres sur l'Amérique les moins connus et les plus dignes de l'être (TERNAUX, 1837, p. 4-5).

portuguesa, a qual, baseada num manuscrito não autógrafo, poderia mais facilmente apresentar erros de copista.

Depois disso, outras edições foram apresentadas aos leitores, mas vale ressaltar que, mesmo com as publicações supracitadas, Gândavo e sua "Historia" continuam pouco conhecidos no Brasil, um dos motivos pelos quais justificamos esta pesquisa.

Sobre a edição príncipe, importa-nos, ainda, tratar da folha de aprovação, tanto pelo fato de que venha contribuir para a compreensão do histórico da obra, como por acreditarmos na sua relação direta com um dos recortes estabelecidos à pesquisa, o estudo do léxico.

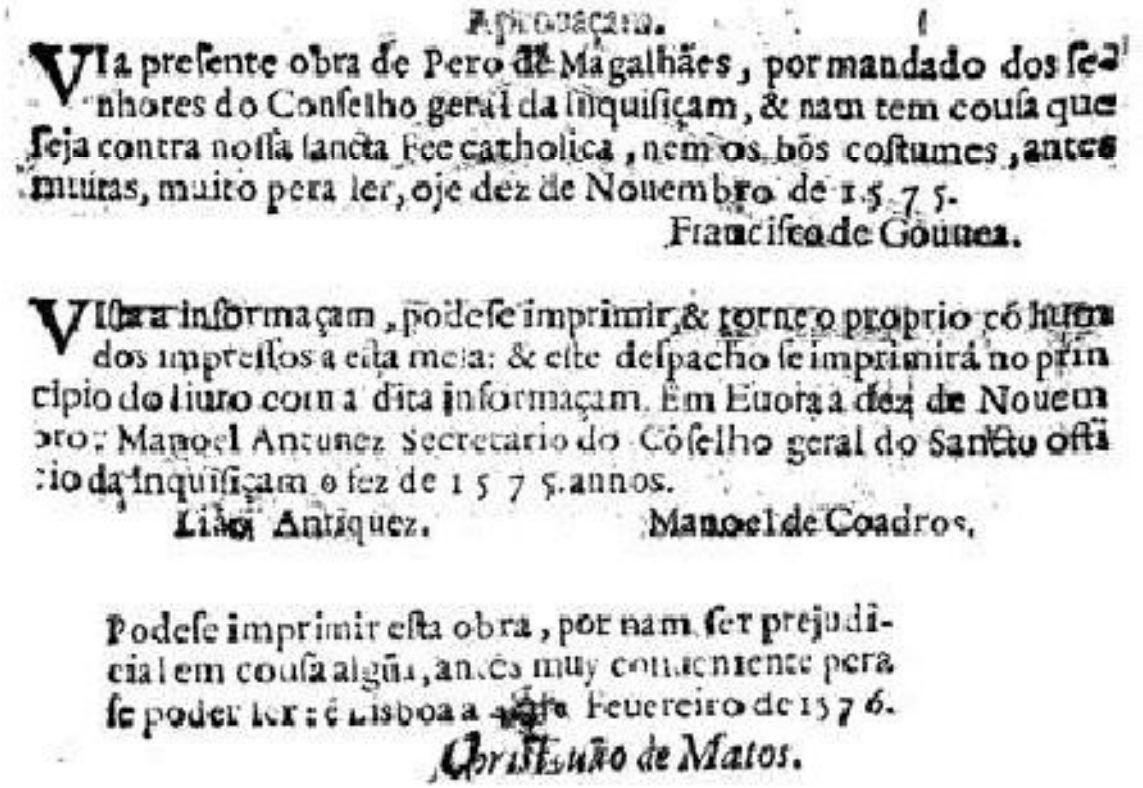
Em 1536 (SPAGGIARI, 2004, p. 315-6), em Portugal, foi criado o Santo Ofício, em consonância à carta pontifícia de Leão X, de 1515, a partir da qual as obras deveriam passar por exame preventivo e autorização prévia à sua publicação, sob pena de excomunhão. No entanto, apenas a partir de 22 de junho de 1539, com a nomeação do Inquisidor Geral Cardeal-Infante Dom Henrique, é que uma "censura inquisitorial, preventiva e repressiva" passou a existir de fato, materializada com a aprovação explícita do Santo Ofício em todos os livros editados em Portugal a partir de 1540, indicando, portanto, a censura preventiva em etapa anterior à publicação. O atraso da aplicação da bula pode estar relacionado ao fato de a imprensa portuguesa ter se iniciado tardiamente acarretando pouca produtividade no início do século em questão.

> O atraso inicial foi rapidamente compensado pelo rigor e a severidade excepcionais com que a censura inquisitorial foi aplicada em Portugal. A censura tornou-se então um caráter específico da cultura portuguesa, a partir dos meados do século XVI até a criação, pelo Marquês de Pombal, em 1768, da Real Mesa Censória: essa instituição devia, no tempo, substituir-se à outra, transferindo assim ao poder secular e laico as prerrogativas da Inquisição religiosa (SPAGGIARI, 2004, p. 315).

Portugal foi o único país europeu a aplicar totalmente o Índice do Concílio de Trento, em 1564, adotado e publicado por Dom Henrique. Uma das normas prescrevia que as obras deveriam passar por aprovação episcopal, além da já em exercício pelo inquisidor local. Finalmente, em 4 de dezembro de 1576, foi promulgado um alvará de Dom Sebastião, o qual determinava que toda obra deveria receber aprovação dos oficiais do Tribunal Superior da Justiça, o Desembargo do Paço. Dessa forma, a partir de 1576, qualquer obra em Portugal passava a ser submetida a uma tríplice censura: a do Santo Ofício (a Inquisição central), a do Ordinário (o Bispo local) e a do Desembargo do Paço (o poder do rei). Dada a severidade e rigor da inquisição portuguesa, "foi então preparado o mais importante Índice português das

obras proibidas, o de 1581, que compreende um comentário das regras previstas pelo Concílio de Trento, além dum elenco de advertências" (SPAGGIARI, 2004, p. 316).

A seguir, a reprodução da folha de aprovação (GÂNDAVO, 1576, f. 1v), seguida de sua transcrição:


Aprouaçam.

VIa presente obra de Pero de Magalhães, por mandado dos se-
nhores do Conselho geral da Inquisiçam, & nam tem cousa que
seja contra nossa sancta Fee catholica, nem os bõs costumes, antes
muitas, muito pera ler, oje dez de Nouembro de 1575.
Francisco de Gouuea.

VIsta informaçam, podese imprimir, & torne o proprio cõ hum
dos impressos a esta mesa: & este despacho se imprimirá no prin
cipio do liuro com a dita informaçam. Em Euora a dez de Nouem
bro. Manoel Antunez Secretario do Cõselho geral do Sancto offi
cio da Inquisiçam o fez de 1575. annos.
Lião Antiquez. Manoel de Coadros.

Podese imprimir esta obra, por nam ser prejudi-
cial em cousa algũa, antes muy conueniente pera
se poder ler: é Lisboa a [illegible] Feuereiro de 1576.
Christouão de Matos.

1v. Aprouaçam. |

Vi a presente obra de Pero de Magalhães, por mandado dos se- | nhores do Conselho geral da Inquisiçam, e nam tem cousa que | seja contra nossa sancta Fee catholica, nem os bõs costumes, antes | muitas, muito pera ler, oje dez de Nouembro de 1575. | Francisco de Gouuea. |

Vista a informaçam, podese imprimir, e torne o proprio cõ hum | dos impressos a esta mesa: e este despacho se imprimirá no prin- | cipio do liuro com a dita informaçam. Em Euora a dez de Nouem- | bro. Manoel Antunez Secretario do Cõselho geral do Sancto offi- | cio da Inquisiçam o fez de 1575 annos. | Lião Anriquez. Manoel de Coadros. |

Podese imprimir esta obra, por nam ser prejudi- | cial em cousa algũa, antes muy conueniente pera | se poder ler: ẽ Lisboa a 4 de Feuereiro de 1576. | Christouão de Matos. ||

Como já informado, dos exemplares da "Historia" que se tem conhecimento, há os que trazem duas aprovações e os que trazem três. "O fato de a última *aprovação* não estar alinhada com o restante superior da página sugeriria que ela fora adicionada depois que o livro estava impresso. [...] Não há outras diferenças tipográficas" (STETSON JR., 1978, p. 38, tradução nossa)[32], hipótese aceitável, já que a censura do Desembargo do Paço fora estabelecida apenas em 1576, ano da publicação da obra. Como a referida aprovação data de 4 de fevereiro de 1576 e o estabelecimento da censura do Desembargo do Paço ocorrer, por lei, a partir de 4 de dezembro de 1576, resta a hipótese de que na data de sua elaboração já se dava andamento ao processo de estabelecimento da terceira censura, e esta já se praticava informalmente. Ou, ainda, após a lei, a data pode ter sido inserida aleatoriamente apenas para constar a licença.

A consulta às edições portuguesa e brasileira de 1858 (GÂNDAVO, 1858a e 1858b) nos aponta que a primeira apresenta cópia da folha de aprovação, no entanto, a última licença consta do ano de 1575, e não de 1576, como em sua edição príncipe. Anteriormente, mostramos que Silva (1862) informara que a edição portuguesa se baseara num manuscrito que havia no extinto Convento de Jesus do qual Stetson Jr. (1978) afirma não haver nenhum vestígio. Desta forma, acreditamos que a folha de aprovação possa oferecer uma indicação acerca da tradição textual: ao tomarmos a edição príncipe como referência e considerarmos que a última das licenças é do ano de 1576, o manuscrito em questão pode apresentar erro de cópia.

O fato de a obra ter de passar por censura prévia implica, consequentemente, na escolha do léxico. Assim, devido às condições de produção oferecidas ao locutor, ao preparar o texto para publicação, pode ter alterado determinados trechos não apenas para conferir-lhe caráter de história, mas também por ser desejoso da sua aprovação, como no décimo capítulo, no qual passa a apresentar o nativo a partir da lexia **gentio**, e não mais da lexia **gente**, conforme o faz no ms.3. Acreditamos que a reformulação léxica se deva à tentativa de adequar o texto de forma a conquistar a aprovação dos avaliadores da inquisição, já que a igreja concebia os nativos como gentios (pagãos). Algumas informações precisas sobre o território brasileiro, a propósito, são omitidas, como tratamos anteriormente, dado o não

[32] "The fact that the last *aprobaçam* does not line up with the rest of the page would suggest that it was added after the book was printed. […] There are no other typographical differences" (STETSON JR., 1978, p. 38).

interesse da coroa em vê-las divulgadas – omitindo-as, estaria "conquistando" a aprovação do Desembargo do Paço.

As quatro versões oferecem um importante e rico material para estudo do processo de elaboração da "Historia" em seus mais diversos aspectos. Segundo Pereira Filho (1965, p. 45), "as duas redações do *Tratado* e as duas da *História* longe estão de representar quatro textos quaisquer, alheios e sem ligações; mas, muito ao contrário, entrosam-se intimamente uns aos outros pelo nexo de uma sequência, que traduz um desenvolvimento orgânico".

Para encerrar a seção, apresentamos uma tabela comparativa procurando representar, metonimicamente, a partir da estrutura organizacional dos capítulos das quatro versões, o processo de escrita e reescrita da obra:

ms.1	ms.2	ms.3	edição príncipe
[Folha de rosto] [Dedicatória] Prollogo ao lector. Declaraçaõ da costa. Capitullo. 1º. da capitania de Tamaracá. Cap. 2º. da capitania de phernãbuco. Cap. 3º da capitania da Bahia de todollos sanctos. Cap. 4º. da capitania dos ilheos. Cap. 5. dũa çerta nação de gentio que se acha nesta capitania. Cap. 6º. da capitania de porto Seguro. Cap. 7º. da capitania do spirito Sãto. Cap. 8º da capitania do Rio de Janeiro. Cap. 9º. da capitania de Saõ Viçente. Tractado segundo das cousas q̃ saõ gerais por toda côsta do Brasil. Cap. 1º. das fazendas da terra. Cap. 2º. dos custumes da terra. Cap. 3º. das quallidades da terra. Cap. 4º. dos mantimẽtos da terra. Cap. 5º. da caça da terra. Cap. 6º. das fruitas da terra.	[Folha de rosto] [Dedicatória] Prollogo Ao lector Declaracaõ da costa Cap. 1º. da capitania de Tamaracá Cap. 2º. da capitania de Phernãbuco Cap. 3º. da capitania da Bahýa de Todollos Sanctos Cap. 4º. da capitania dos jlheos Cap. 5º. dũa nascaõ de gentio q̃ se acha nesta capitania Cap. 6º. da capitania de Porto Seguro Cap. 7º. da capitania do Spirito Sancto Cap. 8º. da capitania do Rio de Janeiro Cap. 9º. da capitania de San Viçente Tractado segundo das, cousas que são, gerais por toda, costa do Brasil Cap. 1º. das fazendas da terra Cap. 2º. dos custumes da terra Cap. 3º. das callidades da terra Cap. 4º. dos mantimentos da terra Cap. 5º. da caça da terra Cap. 6º. das fruitas da terra Cap. 7º. da condiçaõ E custumes	[Tercetos de Luis de Camões a D. Lionis, sobre o livro] [Soneto de Luis de Camões a D. Lionis, sobre a vitória em Malaca] [Folha de rosto] [Dedicatória] Prologo ao lector. Capitulo primeiro de como se descobrio esta prouincia, e a razão por que se deue chamar Sancta Cruz, e nã Brasil Cap. ij. em que se descreue o sitio, demarcação, e qualidades desta prouincia Cap. iij. das capitanias e pouoaçoes de Portugueses que ha nesta prouincia Cap. iiij. das plantas, mãtimentos e fruitas que ha nesta prouincia Cap. v. dos animaes e bichos venenosos que ha nesta prouincia Cap. vj. das aues que ha nesta prouincia Cap. vij. de algũs peixes notaueis, baleas e ambar que ha nestas partes Cap. viij. do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente. no año de 61 Cap. ix. em que se dá noticia da gente que ha nesta prouincia, da	[Folha de rosto] [Folha de] Aprouaçam [Tercetos de Luis de Camões a D. Lionis, sobre o livro] [Soneto de Luis de Camões a D. Lionis, acerca da vitória em Malaca] [Dedicatória] Prologo ao lector. Capit. Primeiro, De como se descobrio esta prouincia, e a razam porque se deue chamar Sancta Cruz, e nam Brasil. Capit. 2. Em que se descreve o sitio e qualidades desta prouincia Capitulo 3. Das capitanias e pouoações de Portugueses que ha nesta prouincia. Capitulo 4. Da gouernança que os moradores destas capitanias tem nestas partes, e a maneira de como se hão em seu modo de viuer. Capit. 5. Das plantas, mantimentos, e fruitas que ha nesta prouincia. Capit. 6. Dos animaes e bichos venenosos que ha nesta prouincia. Capitulo 7. Das aues que ha nesta prouincia. Capitulo 8. De algũs peixes

Cap. 7º. da condição e custumes dos indios da terra. Cap. 8º. dos Bichos da terra. [Epílogo]	dos indios da terra Cap. 8º. dos bichos da terra Cap. 9º. da terra q̃ çertos homẽs da capitania de porto Seguro foraõ a descobrir, e do q̃ acharaõ nella [Epílogo]	condiçaõ e costumes della, e de como se gouernaõ na paz Cap. x. das guerras que tem hũs contra os outros, e a maneira de como se haõ nellas Cap. xi. da morte que daõ aos captiuos e crueldades que vsaõ cõ elles Cap. xii. do fruito q̃ fazem nestas partes os Padres da companhia com sua doctrina Cap. xiij. das grandes riquezas que se esperaõ da terra do sertaõ	notaueis, baleas e ambar que ha nestas partes. Capit. 9. Do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente no anno de 1564. Capit. 10. Do gentio que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz. Capitu. 11. Das guerras que tem hũs com outros e a maneira de como se hão nellas. Capitulo 12. Da morte que dam aos catiuos e crueldades que vsam com elles. Capitulo 13. Do fruito que fazem nestas partes os Padres da Companhia com sua doctrina. Capitulo 14. Das grandes riquezas que se esperam da terra do sertam.

Tabela 9 – Comparação entre as quatro versões

2.2 TRÊS DIFERENTES DEDICATÓRIAS: BEM MAIS QUE GENTILEZA E PROTEÇÃO

Ao estudarmos a tradição textual da "Historia", um aspecto que nos instigou foi o fato de que as versões manuscritas foram dedicadas a personalidades diferentes (mantendo-se na edição príncipe o homenageado da terceira versão), sobre as quais apresentamos algumas informações.

A primeira versão manuscrita é dedicada à **Dona Catarina** de Áustria, que se casou com o rei João III em 1525, o qual reinou entre 1521 e 1557. Após a morte deste, assumiu D. Sebastião (de 1557 a 1578), neto de D. Catarina, a qual assumiu a regência do reino entre 1557 e 1562. **Dom Henrique**, segundo homenageado, no ms.2, foi o sucessor de Dom Sebastião, reinando entre 1578 e 1580. **Dom Leonis Pereira**, homenageado na terceira versão manuscrita e também na edição príncipe, não pertencia à família real. Fora governador de Malaca e lutou contra o sultão de Achém, sendo o principal herói da defesa do território. A elaboração da obra se deu, portanto, durante o reinado de Dom Sebastião .

A partir de tal constatação, refletimos acerca dos motivos pelos quais o locutor pode ter decidido dedicar as versões da primeira fase (enquanto Tratado) a representantes da realeza, e as da segunda fase (enquanto História) a um então ex-governador, procurando ler especificamente a respeito deste elemento pré-textual tão importante ao panorama da obra, mas muitas vezes desconsiderado – a dedicatória.

Chartier (1998) aborda o fato de o autor da Idade Média estar entre a punição e a proteção. Punição devido às ações da Inquisição, as quais o forçavam, antes mesmo do reconhecimento do direito que tinha sobre sua obra, a ater-se à censura e interdição dos textos como primeira afirmação da sua identidade, o que corrobora a afirmação de que "a cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem" (p. 23). Em relação à proteção, destaca a função da dedicatória, a qual passa a ser utilizada como uma espécie de gesto de gentileza e respeito como estratégia para receber algo em troca. Determinado trecho da obra de Chartier (1998, p. 36-7) traz como ilustrações cenas de dedicatória do século XV, extraídas de manuscritos do referido século, nas quais seu autor entrega um manuscrito a quem se dedica a obra, nos casos ilustrados, uma duquesa e um rei, dos quais se espera proteção como forma de retribuir a oferta. Para Chartier (1998, p. 23), "as perseguições são como que o reverso das proteções, privilégios, recompensas ou pensões concedidas pelos poderes eclesiásticos e pelos príncipes. O espetáculo público do castigo inverte a cena da dedicatória". É como se esta servisse como uma forma estratégica de fugir ao "castigo" de não receber permissão para a publicação de uma obra que não representasse os interesses da Inquisição, o

que, de certa forma, funcionaria como proibição à sua leitura. Assim, ao se dedicar uma obra buscava-se, sobretudo, sua proteção.

Ao estabelecer a função autor, Chartier (1998, p.39) coloca em questão a "condição" de autor, destacando que somente no século XVIII surgem autores que tentam viver de sua escrita. No século XVII, a cessão dos manuscritos aos livreiros-editores não proporciona uma renda suficiente[33], então, ao escritor desta época restam duas possibilidades:

> Uma é que ele seja provido de benefícios, cargos, postos, caso ele não pertença a uma linhagem aristocrática ou burguesa, dispondo de uma fortuna patrimonial. Ou ele é obrigado a entrar nas relações de patrocínio e recebe uma remuneração não imediata de seu trabalho como escritor, sob a forma de pensão, de recompensa ou de emprego.

A dedicatória passa a funcionar, dessa forma, como um rito que inicia as relações de clientela ou patrocínio, podendo ser representada, tratando-se de um impresso, pelo oferecimento de uma cópia manuscrita com bela grafia e ricamente ornamentada ou um exemplar do livro impresso, luxuosamente encadernado e impresso sobre pergaminho, e não em papel, como as edições eram preparadas. Assim, o autor da Idade Média, a partir da dedicatória, tenta se proteger de uma provável punição ou ser recompensado por seus méritos:

> No século XVII, no Ocidente, se o autor é um culpado em potencial, ele se vê também como um pensionista virtual. Ele teme que se lhe impute uma responsabilidade política ou religiosa, que lhe valeria uma punição, mas espera também que seus méritos sejam recompensados por uma pensão (CHARTIER, 1998, p. 38).

Relacionando as afirmações de Chartier ao objeto desta pesquisa, é possível afirmar que as dedicatórias, nos quatro textos, tenham sido direcionadas aos seus homenageados não por mera gentileza, mas com a função de pedido de proteção, primeiramente ao poder real, e depois, a um "herói", o que pode ser comprovado pelos seguintes versos de Camões, o qual pede pelo livro do amigo Gândavo: "E seja elle com vosco defendido, Como o foy de Malaca o fraco muro" (GÂNDAVO, 1576, f. 4r); e também pela seguinte afirmação de Gândavo (1576, f. 4v) na epístola a Dom Leonis: "Poronde com muita razam fauorecido desta confiança possa seguramente sair a luz com esta pequena empresa e diuulgala pela terra sem nenhum receo, tendo por defensor della a V*ossa* M*erce*". Tal relação de interesse por proteção

[33] Apesar de o *corpus* de nossa pesquisa ser do século XVI, utilizamos a referência de Chartier (1998) ao século XVII, pois acreditamos poder se enquadrar aquele, já que entendemos que no século XVI tal cessão também não rendesse suficientemente.

se reforça se considerarmos o fato de a segunda versão ser dedicada a alguém que ocupava o cargo de Inquisidor Geral. É como se Gândavo já estivesse adiantando um pedido de proteção disfarçado de gentileza.

Convém destacar que de acordo com Moura (2000, p. 131-2), "este D. Leonis Pereira, conquanto ilustrado pelos seus feitos guerreiros, com certeza não regressava a Lisboa propriamente coberto de retumbâncias da glória militar", de forma que:

> Muito provavelmente teremos de ver na dedicatória de Gândavo e nos versos de Camões que a acompanham um gesto de utilização da pena em prol de alguém que em tempos tivera um comportamento valoroso no Oriente e que, em Lisboa, estivesse porventura a atravessar uma situação próxima do desfavor, ou pelo menos da indiferença real, de modo a pôr-lhe os feitos em relevo e a auferir algum estipêndio condigno da solidariedade assim manifestada.

Como D. Leonis era rico (MOURA, 2000), existe a hipótese de que financiara a edição príncipe da "Historia", corroborando as afirmações de Chartier (2008), para quem a dedicatória poderia funcionar como um gesto para receber algo em troca, neste caso, o "estipêndio" e a proteção do defensor de Malaca. Dessa forma, a afirmação de que a função da dedicatória seria a de pedido de proteção funciona, na verdade, no sentido de "passar como" pedido de proteção, pois Gândavo teria encontrado na dedicatória a contrapartida da "negociação". Nos ms.1 e ms.2, por sua vez, ela "passa como" uma obrigação de vassalo, como o próprio locutor enfatiza nas quatro versões, no entanto, a partir dela estaria, indiretamente, tentando encontrar um financiador para sua publicação: "[...] e o pobre do Gândavo surge com ar pedinchão e seu quê de sabujo, a distribuir *Tratados* a todos, como diva de alegoria barata, cornucópia na mão e sendais duvidosos, jogando flores por todos os lados" (PEREIRA FILHO, 1965, p. 45).

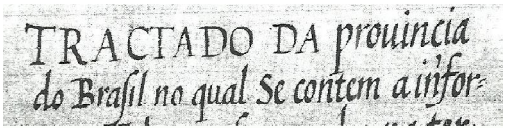
Comumente concebida como um componente de obras literárias, trabalhos acadêmicos, entre outros, a dedicatória, conforme apresentada no material em estudo, faz-nos pensá-la, a partir de Cox (2014), como um "gênero discursivo independente" junto a cada uma das versões na qual se encontra. Considerando que o locutor a inclui nas quatro versões com traços similares, e que os manuscritos sejam apógrafos e anônimos, seu estudo pode fornecer pistas para a investigação de indícios da voz do locutor da edição príncipe nas versões manuscritas, nos auxiliando a responder: onde está Gândavo nos manuscritos?

A seguir, a citação dos nomes dos homenageados como apresentados nas quatro versões. Três das versões trazem-nos já na folha de rosto; depois, nas quatro versões, de

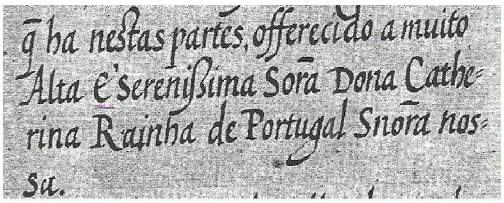
forma específica, junto à página reservada à dedicatória, na qual o locutor direciona um texto ao homenageado. Em relação às terceira e quarta versões, o nome do homenageado também é visível antes da apresentação dos tercetos e soneto de Camões:

a) primeira versão manuscrita:

a.1) folha de rosto:

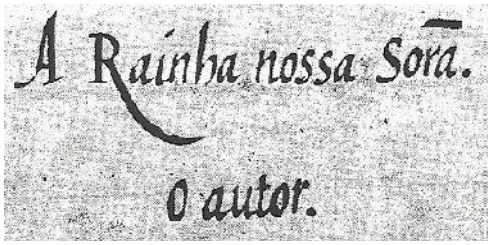

TRACTADO DA prouincia
do Brasil no qual se contem a infor=

[...]


q̃ ha nestas partes, offerecido a muito
Alta e serenissima Sorã Dona Cathe=
rina Rainha de Portugal Snorã nos=
sa.

(GÂNDAVO, ms.1, f. 1r)

a.2) página da dedicatória:

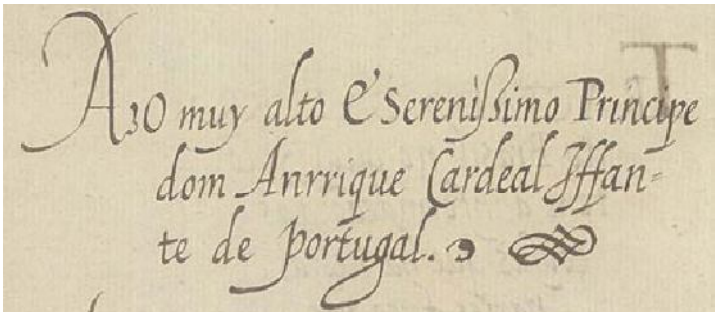

A Rainha nossa Sorã.

O autor.

(GÂNDAVO, ms.1, f. 1v)

b) segunda versão manuscrita:

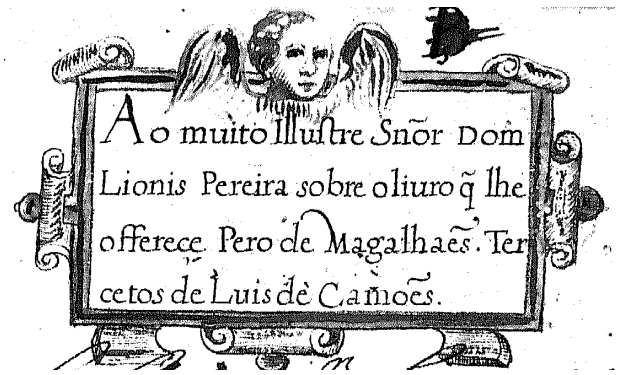
b.1) página da dedicatória:


Ao muy alto e serenissimo Principe
dom Anrrique Cardeal Iffan=
te de portugal.

(GÂNDAVO, ms.2, f. 1v)

c) terceira versão manuscrita:

c.1) página inicial dos tercetos de Camões:


Ao muito Illustre Snõr Dom
Lionis Pereira sobre o liuro q̃ lhe
offerece Pero de Magalhaẽs. Ter
cetos de Luis de Camoẽs.

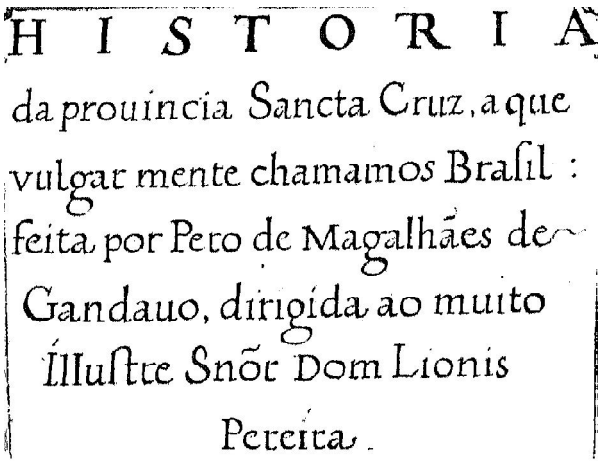
(GÂNDAVO, ms.3, f. 1r)

c.2) página do soneto de Camões:

Soneto do mesmo autor ao
snõr Dom Lionis, acerca da vic
toria q̃ ouue contra ElRey do
Achem e Malaca.

(GÂNDAVO, ms.3, f. 4r)

c.3) folha de rosto:


HISTORIA
da prouincia Sancta Cruz, a que
vulgar mente chamamos Brasil:
feita por Pero de Magalhães de
Gandauo, dirigida ao muito
Illustre Snõr Dom Lionis
Pereira.

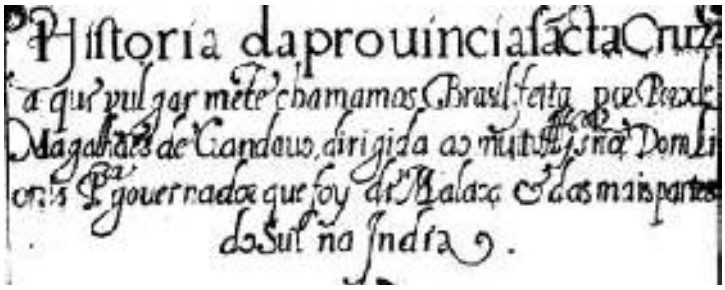
(GÂNDAVO, ms.3, f. 5r)

c.4) página da dedicatória:

(GÂNDAVO, ms.3, f. 5r)

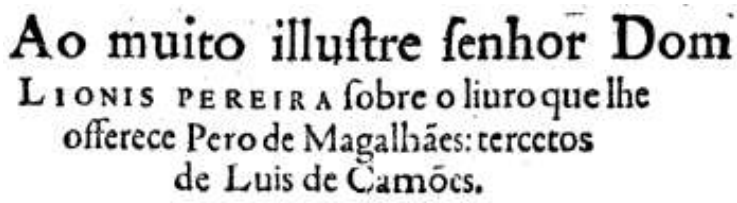
d) edição príncipe:

d.1) folha de rosto:


Hiſtoria da prouincia ſancta Cruz
a que vulgarmẽte chamamos Brasil feita por Pero
Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito illustre Senhor Dom Li
onis Pera gouernador que foy da Malaca e das mais partes
do Sul na India.

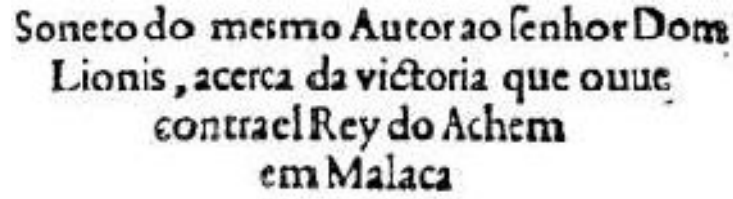
(GÂNDAVO, 1576, f. 1r)

d.2) página inicial dos tercetos de Camões:


Ao muito illuſtre ſenhor Dom
LIONIS PEREIRA ſobre o liuro que lhe
offerece Pero de Magalhães: tercetos
de Luis de Camões.

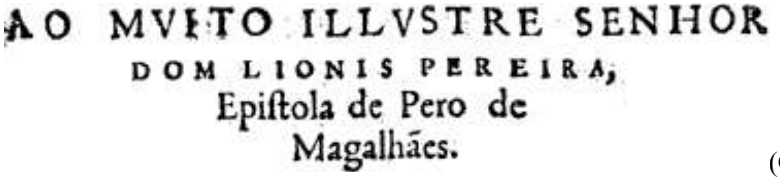
(GÂNDAVO, 1576, f. 2r)

d.3) página do soneto de Camões:


Soneto do mesmo Autor ao ſenhor Dom
Lionis, acerca da victoria que ouue
contra el Rey do Achem
em Malaca

(GÂNDAVO, 1576, f. 4r)

d.4) página da dedicatória:


AO MVITO ILLVSTRE SENHOR
DOM LIONIS PEREIRA,
Epiſtola de Pero de
Magalhães.

(GÂNDAVO, 1576, f. 4v)

Um gênero discursivo, segundo Bakhtin (1997, p. 279), se constrói a partir de três constituintes: estrutura composicional, conteúdo temático e estilo:

> A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – , mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

Para este teórico, os três constituintes "fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação", a qual elabora seus "tipos relativamente estáveis de enunciados" – os gêneros do discurso.

Para sustentar nossa proposição de vermos na dedicatória um gênero discursivo independente, procuramos mostrar, por referências textuais, sua constituição, a qual se dá por traços específicos no conjunto dos quatro textos, cuja composição se caracteriza por referências breves e não breves aos homenageados. As primeiras, no formato de frases curtas, se encontram em páginas diferentes à da dedicatória e numa espécie de cabeçalho na seção específica. As não breves são representadas pelo texto ao homenageado na página da dedicatória.

A tabela, a seguir, representa as referências breves:

	folha de rosto	**página da dedicatória**	**página inicial dos tercetos**	**página do soneto**
ms.1	[...] offerecido a muito Alta e Serenissima Sor̃a Dona Catherina Rainha de Portugal Snor̃a nossa.	A Rainha nossa Sor̃a. O autor.		
ms.2		Ao muy alto e Serenissimo Principe dom Anrrique Cardeal Jffante de portugal		
ms.3	[...] dirigida ao muito Íllustre Snõr Dom Lionis Pereira.	Epístola ao Senhor Dom Lionís.	Ao muito illustre Snõr Dom Lionis Pereira sobre o liuro q̃ lhe offerece Pero de Magalhaẽs. [...]	[...] ao snõr Dom Lionis, açerca da victoria q̃ ouue contra ElRey do Achem ẽ Malaca.
e.p.	[...] dirigida ao	AO MVITO	Ao muito illustre	[...] ao senhor Dom

	muito Ill snõr Dom Lionis P^{ra} gouernador que foy di Malaca E das mais partes do Sul na India.	ILLVSTRE SENHOR DOM LIONIS PEREIRA, Epistola de Pero de Magalhães.	senhor Dom LIONIS PEREIRA sobre o liuro que lhe offerece Pero de Magalhães [...].	Lionis, acerca da victoria que ouue contra elRey do Achem em Malaca.

Tabela 10 – Referências breves aos homenageados

Nas versões da fase "tratado", a relação de similaridade se dá a partir da relevância que o locutor pretende conferir aos atributos dos homenageados: "muito Alta e Serenissima" (ms.1) e "muy alto e Serenissimo" (ms.2); e ainda na necessidade de apontar o reino ao qual pertencem: "de Portugal" (ms.1) e "de portugal (ms.2).

Na fase "história", por sua vez, a relação entre as duas versões é marcada por:

a) lexia "illustre": "Íllustre" e "illustre" (ms.3); "Ill", "ILLVSTRE" e "illustre" (e.p.);

b) concepção do texto da dedicatória como uma epístola;

c) destaque aos atributos do homenageado: "muito Íllustre" e "muito illustre" (ms.3); "muito Ill", "MVITO ILLVSTRE" e "muito illustre" (e.p.);

d) indicação de feito glorioso do homenageado: "açerca da victoria q̃ ouue contra ElRey do Achem ẽ Malaca" (ms.3) e "acerca da victoria que ouue contra elRey do Achem em Malaca" (e.p.);

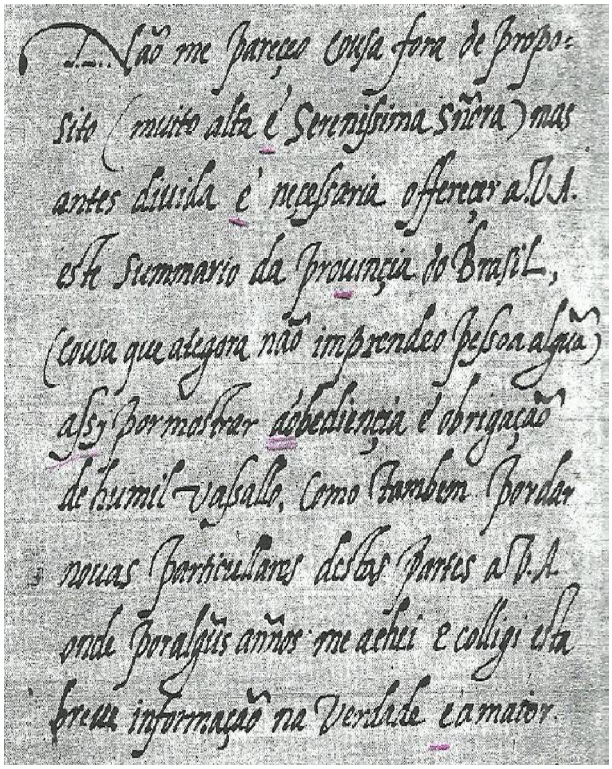
e) indicação da dedicatória, na folha de rosto, a partir do verbo "dirigir": "dirigida" (ms.3 e e.p.);

f) indicação da dedicatória, na página inicial dos tercetos, a partir do verbo "oferecer": "offerece" (ms.3 e e.p.).

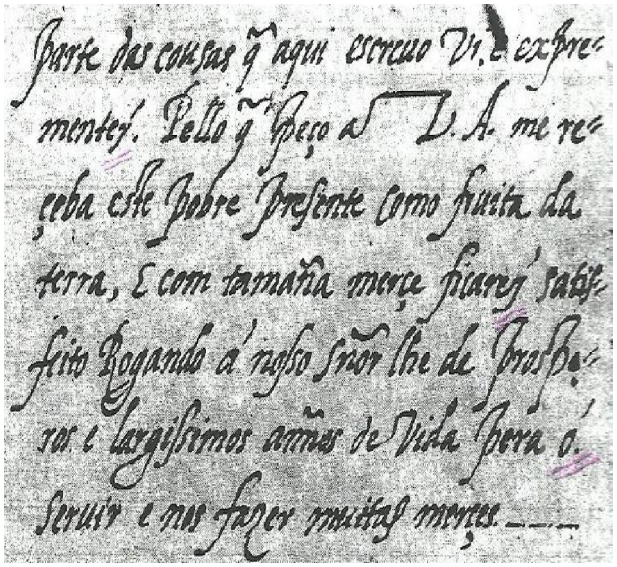
Na comparação entre as fases, destacamos a indicação da dedicatória, a partir do verbo "oferecer": "offerecido" (1ª fase – ms.1) e "offerece" (2ª fase – ms.3 e e.p.); e também o fato de o locutor se incluir nos textos: "O autor" (1ª fase – ms.1) e "Pero de Magalhaẽs"/ "Pero de Magalhães" (2ª fase – ms.3 e e.p.).

Citando, finalmente, similaridades entre as quatro versões, temos: necessidade de ressaltar as qualidades dos homenageados; intensificação dos atributos destes a partir do advérbio "muito"; e indicação topográfica.

As próximas tabelas representam as referências não breves, tomando, pois, os textos constantes à seção da dedicatória de cada versão. Como método, apresentamos, à esquerda de cada tabela, o fac-símile do texto, e, à direita, nossa transcrição semidiplomática – com conservação da ortografia; desenvolvimento das abreviaturas; e indicação de mudança de linha com um traço vertical, e de página, com dois.



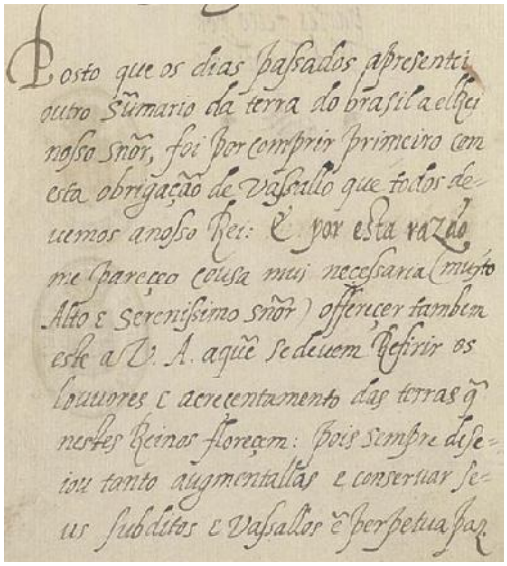
Não me pareçeo cousa fora de propo=
sito (muito alta e Serenissima Sñora) mas
antes diuida e neçessaria offereçer a V.A.
este Summario da prouinçia do Brasil,
(cousa que ategora não imprendeo pessoa alguã)
assy por mostrar aobediençia e obrigaçaõ
de humil vassalo, como tambem por dar
nouas particullares destas partes a V.A.
onde por algũs annos me achei E colligi esta
breue informaçaõ na verdade e a maior



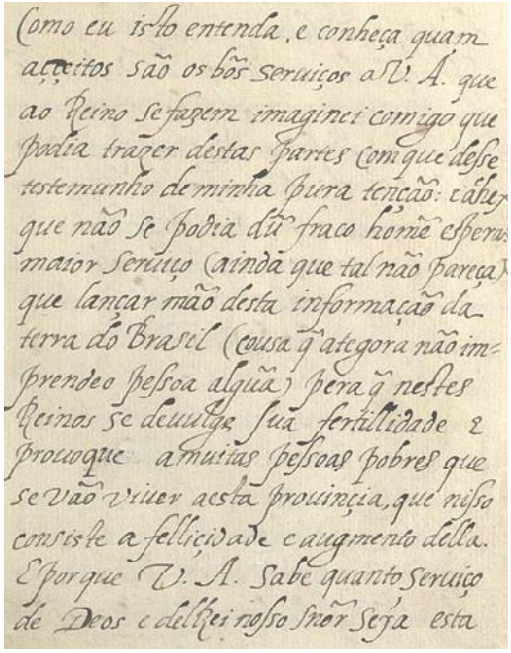
parte das cousas q̃ aqui escreuo Vi. e expre=
menteý. Pello q̃ peço a V.A. me re=
çeba este pobre presente como fruita da
terra, E com tamaña merçe ficareý satis=
feito Rogando a nosso Snor lhe de prospe=
ros e largissimos annos de Vida pera o.
seruir e nos fazer muitas merçes ____

1v. Naõ me pareçeo cousa fora de propo= | sito (muito alta e Serenissima S*enh*ora) mas | antes diuida e neçessaria offereçer aV*ossa* A*lteza* | este summario da prouinçia do Brasil, | (cousa que ategora naõ imprendeo pessoa alguã) | assý por mostrar aobediençia e obrigaçaõ | de humil vassalo, como tambem por dar | nouas particullares destas partes aV*ossa* A*lteza* | onde por algũs annos me achei E colligi esta | breue informaçaõ na verdade e a maior || 2r. parte das cousas q*ue* aqui escreuo vi. e expre= | menteý. Pello q*ue* peço aV*ossa* A*lteza* me re= | çeba este pobre presente como fruita da | terra, E com tamaña merçe ficareý satis= | feito Rogando a nosso s*enh*or lhe de prospe= | ros e largissimos annos deVida pera o. | seruir e nos fazer muitas merçes. || (GÂNDAVO, ms.1, f. 1v-2r).

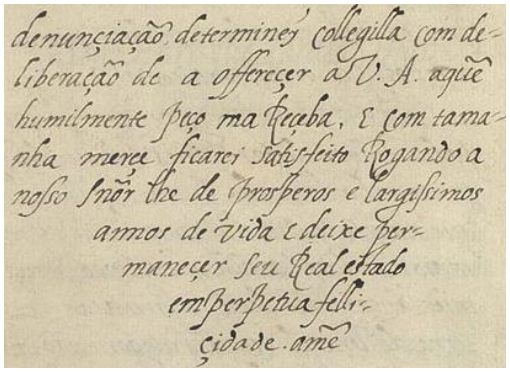
Tabela 11 – Dedicatória do ms.1



Posto que os dias passados apresentei
outro sũmario da terra do brasil a elRei
nosso Snõr, foi por comprir primeiro com
esta obrigação de Vassallo que todos de-
uemos a nosso Rei: E por esta razão
me pareçeo cousa mui necessaria (muyto
Alto E serenissimo Snõr) offereçer tambem
este a V. A. aquẽ se deuem Refirir os
louuores E acreçentamento das terras q̃
nestes Reinos floreçem: pois sempre dese-
iou tanto augmentallas e conseruar se-
us subditos E Vassallos ẽ perpetua paz.



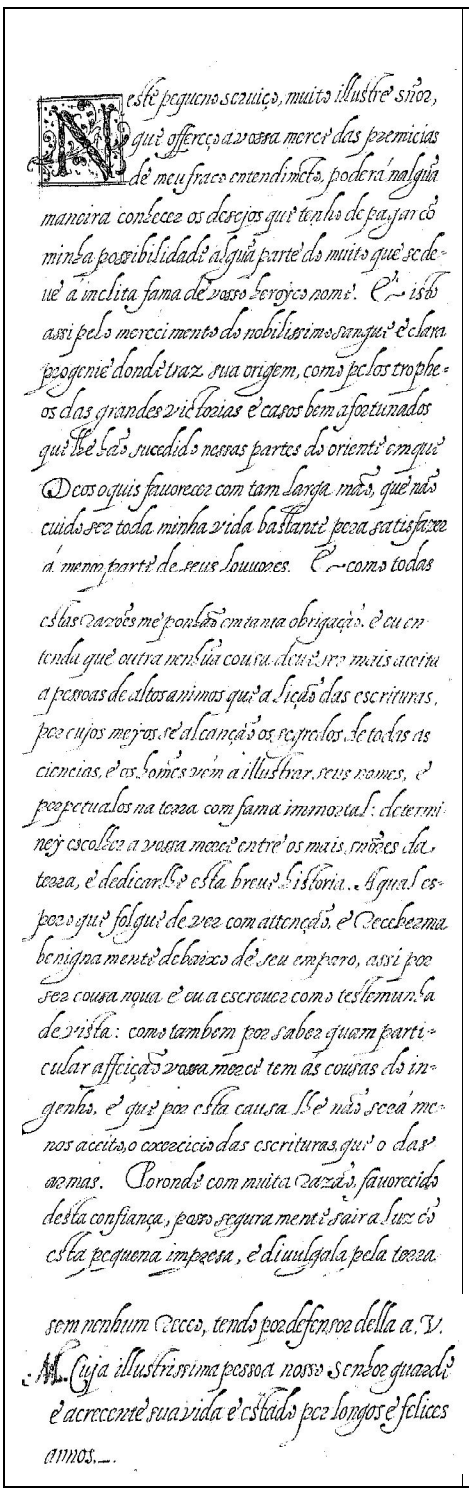
Como eu isto entenda, e conheça quam
açceitos são os bõs seruiços a V. A. que
ao Reino se fazem imaginei comigo que
podia trazer destas partes com que desse
testemunho de minha pura tenção: cahe-
que não se podia dũ fraco homẽ esperar
maior Seruiço (ainda que tal não pareça)
que lançar mão desta informação da
terra do Brasil (cousa q̃ ategora não im-
prendeo pessoa algũa) pera q̃ nestes
Reinos se deuulge sua fertillidade E
prouoque a muitas pessoas pobres que
se vão viuer a esta prouinçia, que nisso
consiste a felliçidade e augmento della.
E porque V. A. sabe quanto seruiço
de Deos e delRei nosso Snõr seya esta



denunçiação determineý collegilla com de-
liberação de a offereçer a V. A. aquẽ
humilmente peço ma Reçeba, E com tama-
nha merce ficarei satisfeito Rogando a
nosso Snõr lhe de prosperos e largissimos
annos de vida E deixe per-
maneçer seu Real estado
em perpetua felli-
çidade. amẽ

1v. Posto que os dias passados apresentei | outro sũmario da terra do brasil a elRei | nosso s*enh*or, foi por comprir primeiro com | esta obrigação de vassallo que todos de= | uemos a nosso Rei: e por esta razão | me pareçeo cousa mui necessaria (muýto | Alto E serenissimo s*enh*or) offereçer tambem | este a V*ossa* A*lteza* a quẽ se deuem Refirir os | louuores E acreçentamento das terras q*ue* | nestes Reinos floreçem: pois sempre dese= | iou tanto augmentallas e conseruar se= | us subditos E vassalos ẽ perpetua paz. || 2r. Como eu isto entenda, e conheça quam | açceitos são os bõs seruiços a V*ossa* A*lteza* que | ao Reino se fazem imaginei comigo que | podia trazer destas partes com que desse | testemunho de minha pura tenção: e acheý | que não se podia dũ fraco homẽ esperar | maior seruiço (ainda que tal não pareça) | que lançar mão desta informaçaõ da | terra do Brasil (cousa q*ue* ategora não im= | preendeo pessoa algũa) pera q*ue* nestes | Reinos se deuulge sua fertillidade E | prouoque a muitas pessoas pobres que | se vaõ viuer a esta prouinçia, que nisso | consiste a felliçidade e augmento della. | E porque V*ossa* A*lteza* sabe quanto seruiço | de Deos e delRei nosso s*enh*or seýa esta || 2v. denunçiação determineý collegilla com de= | liberaçaõ de a offereçer a V*ossa* A*lteza* a quẽ | humilmente peço ma Reçeba, E com tama= | nha merçe ficarei satisfeito Rogando a | nosso s*enh*or lhe de prosperos e largissimos | annos de vida E deixe per= | maneçer seu Real estado | em perpetua felli= | çidade. amẽ | Humilde vassalo de V*ossa* A*lteza* Pero de Magalhães || (GÂNDAVO, ms.2, f. 1v-2v).

Tabela 12 – Dedicatória do ms.2



6r. Nesti pequeno seruiço, muito illustre s*enh*or, | qui offereço a vossa merci das premicias | de meu fraco entendimeto, poderá nalguã | maneira conhecer os desejos qui tenho de pagar cõ | minha possibilidadi alguã parte do muito que se de= | ue á inclita fama de vosso heroýco nomi. E isto | assi pelo merecimento do nobilissimo sangui e clara | progenie dondi traz sua origem, como pelos trophe= | os das grandes victorias e casos bem afortunados | qui lhe haõ sucedido nessas partes do orienti em qui | Deos o quis fauorecer com tam larga maõ, que naõ | cuido ser toda minha vida bastanti para satisfazer | á menor parti de seus louuores. E como todas || 6v. estas razoẽs me ponhaõ em tanta obrigação, e eu en= | tenda que outra nenhuã cousa devi ser mais aceita | a pessoas de altos animos qui a lição das escrituras, | per cujos meýos se alcançaõ os segredos de todas as | ciencias, e os homẽs vém a illustrar seus nomes, e | perpetualos na terra com fama immortal: determi= | neý escolher a vossa merci entre os mais s*enh*ores da | terra, e dedicarlhi esta breui historia. A qual es= | pero qui folgui de ver com attençaõ, e Receberma | benignamenti debaixo de seu emparo, assi por | cousa noua e eu a escreuer como testemunha | de vista: como tambem por saber quam parti= | cular affeiçaõ vossa merci tem ás cousas do in= | genho, e qui por esta causa lhe naõ será me= | nos aceito, o exercicio das escrituras, qui o das | armas. Porondi com muita razão, fauorecido | desta confiança, posso seguramenti sair a luz cõ | esta pequena impresa, e diuulgala pela terra || 7r. sem nenhum receo, tendo por defensor della a. V*ossa* | M*erci*. Cuja illustrissima pessoa nosso senhor guardi | e acrecente sua vida e estado por longos e felices | annos. || (GÂNDAVO, ms.3, f. 6r-7r).

Tabela 13 – Dedicatória do ms.3

ESTE pequeno ſeruiço (muito illuſtre ſenhor) que offereço a V.M. das premicias de meu fraco entendimento, poderá nalgũa maneira conhecer os deſejos que tenho de pagar com minha poſsibilidade algũa parte do muito que ſe deue á inclita fama de voſſo heroyco nome. E iſto aſsi pelo merecimẽto do nobiliſsimo ſangue & clara progenie donde traz ſua origem, como pelos tropheos das grandes victorias, & caſos bem afortunados que lhe hão ſuccedido neſſas partes do Oriente em que Deos o quis fauorecer com tam larga mão, que nam cuido ſer toda minha vida baſtante pera ſatisfazer á menor parte de ſeus louuores. E como todas eſtas razões me ponham em tanta obrigaçam, & eu entenda que outra nenhũa couſa deue ſer mais aceita a peſſoas de altos animos que a liçam das eſcrituras, per cujos meyos ſe alcançam os ſegredos de todas as ſciencias, & os homẽs vém a illuſtrar ſeus nomes & perpetualos na terra com fama immortal, determiney escolher a V. M. entre os mais ſenhores da terra, & dedicarlhe eſta breue hiſtoria. A qual eſpero que folgue de ver cõ attençam & receberma benignamente debaixo de ſeu empara: aſsi por ſer couſa noua, & eu a eſcreuer como teſtemunha de viſta: como por ſaber quam particular affeiçam V. M. tem ás couſas do ingenho, & que por eſta cauſa lhe nam ſera menos aceito o exercicio das eſcrituras, que o das armas. Poronde com muita razam fauorecido deſta confiança poſſa ſeguramente ſair a luz com eſta pequena empreſa & diuulgala pela terra ſem nenhum receo, tendo por defenſor della a V. M. Cuja muito illuſtre peſſoa noſſo Senhor guarde & acrecẽte ſua vida & eſtado por longos & felicis annos.

4v. NESTE pequeno seruiço | (muito illustre senhor) que offere= | ço a V*ossa* M*erce* das premicias de meu fra= | co entendimento, poderá nalgũa | maneira conhecer os desejos que | tenho de pagar com minha possibi= | lidade algũa parte do muito que se | deue á inclita fama de vosso heroy= | co nome. E isto assi pelo mereci= | mẽto do nobilissimo sangue e cla= | ra progenie donde traz sua origem, | como pelos tropheos das grandes | victorias, e casos bem afortunados que lhe hão succedido nessas par= | tes do Oriente em que Deos o quis fauorecer com tam larga mão, | que nam cuido ser toda minha vida bastante pera satisfazer á menor | parte de seus louuores. E como todas estas razões me ponham em | tanta obrigaçam, e eu entenda que outra nenhũa cousa deue ser | mais aceita a pessoas de altos animos que a liçam das escrituras, per | cujos meyos se alcançam os segredos de todas as sciencias, e os ho= | mẽs vém a illustrar seus nomes e perpetualos na terra com fama im= | mortal, determiney escolher a V*ossa* M*erce* entre os mais senhores da ter= | ra, e dedicarlhe esta breue historia. A qual espero que folgue de | ver cõ attençam e receberma benignamente debaixo de seu empa= | ro: assi por cousa noua, e eu a escreuer como testemunha de vi= | sta: como por saber quam particular affeiçam V*ossa* M*erce* tem ás cousas | do ingenho, e que por esta causa lhe nam sera menos aceito o exer= | cicio das escrituras, que o das armas. Poronde com muita razam | fauorecido desta confiança possa seguramente sair a luz com esta pe= | quena empresa e diuulgala pela terra sem nenhum receo, ten= | do por defensor della a V*ossa* M*erce*. Cuja muito illustre pes= | soa nosso Senhor guarde e acrecẽte sua | vida e estado por longos e | felicis annos. || (GÂNDAVO, 1576, f. 4v).

Tabela 14 – Dedicatória da edição príncipe

As referências não breves, conforme pudemos observar, não apenas se mantêm no processo de elaboração da obra, como também se tornam mais amplas, como ocorre com a obra como um todo[34], representando, pois, uma marca autoral.

A primeira observação que fazemos é em relação ao locutor tomar o gesto do oferecimento da obra como uma "obrigação":

a) "Naõ me pareçeo cousa fora de proposito [...] mas antes diuida e neçessaria offereçer a V*ossa* A*lteza* este summario da prouinçia do Brasil, [...] por mostrar aobediençia e **obrigaçaõ** de humil vassalo, [...]" (GÂNDAVO, ms.1, f. 1v, grifo nosso);

b) "Posto que os dias passados apresentei outro sũmario da terra do brasil a elRei nosso s*enh*or, foi por comprir primeiro com esta **obrigação** de vassallo que todos deuemos a nosso Rei: e por esta razão me pareçeo cousa mui necessaria [...] offereçer tambem este a V*ossa* A*lteza* (GÂNDAVO, ms.2. f. 1v, grifo nosso);

c) "E como todas estas razoẽs me ponhaõ em tanta **obrigação** [...] determineý escolher a vossa merci entre os mais s*enh*ores da terra, e dedicarlhi esta breui historia" (GÂNDAVO, ms.3, f. 6v, grifo nosso);

d) "E como todas estas razões me ponham em tanta **obrigaçam**, [...] determiney escolher a V*ossa* M*erce* entre os mais senhores da terra, e dedicarlhe esta breue historia" (GÂNDAVO, 1576, f. 4v, grifo nosso).

É como se a "obrigação" em dedicar a obra fosse o preço a se pagar pelo que se supunha receber em troca: apoio, financiamento, proteção, entre outros.

Assim como nas referências breves, são enfatizadas as qualidades dos homenageados, o que já era de se esperar haja vista as especificidades do gênero em questão, concentrando-se nesse aspecto o conteúdo temático esperado. Entre as tais qualidades, enfatizamos:

a) Dona Catherina: "muito alta e Serenissima Sñora";

b) Dom Anrique: "muýto Alto e serenissimo snõr", "a quẽ se deuem Refirir os louuores E acreçentamento das terras q̃ nestes Reinos floreçem: pois sempre deseiou tanto augmentallas e conseruar seus subditos E vassalos ẽ perpetua paz";

c) Dom Lionis/ms.3: "muito illustre sñor", "inclita fama", "heroýco nomi", "nobilissimo sangui e clara progenie", "tropheos das grandes victorias e casos bem afortunados", "Deos o quis fauorecer com tam larga maõ", "naõ cuido ser toda minha vida bastanti para satisfazer á menor parti de seus louuores", "pessoa de alto animo", "defensor", "illustrissima pessoa";

[34] Cf. tabela 9.

d) Dom Lionis/e.p.: “muito illustre senhor”, “inclita fama”, “heroýco nome”, “nobilissimo sangue e clara progenie”, “tropheos das grandes victorias, e casos bem afortunados”, “Deos o quis fauorecer com tam larga mão”, “nam cuido ser toda minha vida bastante para satisfazer á menor parte de seus louuores”, “pessoa de alto animo”, “defensor”, “muito illustre pessoa”.

Além das referências aos homenageados, mostramos, a seguir, que o locutor também faz referências a si e à sua obra.

Ao se referir a si, pelos adjetivos e expressões utilizadas, o locutor tenta se colocar numa situação de inferioridade em relação aos seus homenageados:

a) ms.1: humil vassalo;

b) ms.2: vassalo, fraco homẽ, humilmente peço, Humilde vassalo;

c) ms.3: fraco entendimento, debaixo de seu emparo;

d) e.p.: fraco entendimento; debaixo de seu emparo.

E ao se referir à obra e ao seu trabalho, a tentativa de parecer humilde se repete:

a) ms.1: breue informaçaõ, pobre presente, fruita da terra;

b) ms.2: informaçaõ, denunçiaçaõ;

c) ms.3: pequeno seruiço, breui historia, pequena impresa;

d) e.p.: pequeno seruiço, breue historia, pequena empresa.

Entendemos que apesar de o conteúdo temático esperado para o gênero dedicatória venha a ser o conjunto das referências (breves e não breves) à pessoa a quem se dedica a obra, ao inserir as referências supracitadas a si e à obra, o locutor o faz para dar mais ênfase ainda às qualidades de seus homenageados, colocando-os na qualidade de imortais e ele, na de mero humilde mortal. Na redação da edição príncipe, há a seguinte referência à fama imortal que se pode alcançar pelas escrituras:

> E como todas estas razões me ponham em tanta obrigaçam, e eu entenda que outra nenhũa cousa deue ser mais aceita a pessoas de altos animos que a liçam das escrituras, per cujos meyos se alcançam os segredos de todas as sciencias, e os homẽs vém a illustrar seus nomes e perpetualos na terra com fama immortal, determiney escolher a V*ossa* M*erce* entre os mais senhores da terra, e dedicarlhe esta breue historia (GÂNDAVO, 1576, f. 4v).

Podemos notar que embora Gândavo acredite nisso para si, destaca e busca despertar no homenageado tal interesse, haja vista seu interesse próprio na publicação e proteção de sua obra. Assim, a partir da dedicatória, “vende” a fama imortal em troca do apoio à publicação.

Com o objetivo de reunirmos mais indícios que exemplifiquem, por referências textuais, a constituição do gênero em questão, consultamos a dedicatória constante à obra "Regras" (GÂNDAVO, 1574):

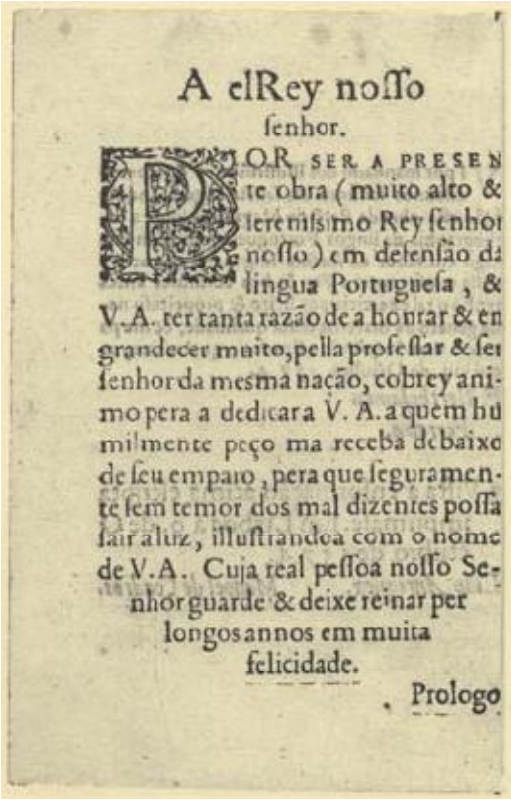
 A elRey noſſo ſenhor. POR SER A PRESEN te obra (muito alto & ſereniſsimo Rey ſenhor noſſo) em defenſão da lingua Portugueſa , & V.A. ter tanta razão de a honrar & en grandecer muito, pella profeſſar & ſer ſenhor da mesma nação, cobrey ani- mo pera a dedicar a V. A. a quem hu milmente peço ma receba debaixo de ſeu emparo , pera que ſeguramen- te ſem temor dos mal dizentes poſſa ſair aluz, illuſtrandoa com o nome de V.A. Cuja real peſſoa noſſo Se- nhor guarde & deixe reinar per longos annos em muita felicidade. Prologo	A elRey nosso | senhor.| POR SER A PRESEN= | te obra (muito alto e | serenissimo Rey senhor | nosso) em defensão da | lingua Portuguesa, e | V*ossa* A*lteza* ter tanta razão de a honrar e en= | grandecer muito, pella professar e ser | senhor da mesma nação, cobrey ani= | mo pera a dedicar a V*ossa* A*lteza* a quem hu= | milmente peço ma receba debaixo | de seu emparo, pera que seguramen= | te sem temor dos mal dizentes possa | sair a luz, illustrandoa com o nome | de V*ossa* A*lteza*. Cuja real pessoa nosso Se= | nhor guarde e deixe reinar per | longos annos em muita | felicidade. | Prologo

Tabela 15 – Dedicatória da obra "Regras"

Constatamos, junto às referências breves e não breves dessa, algumas semelhanças com as dedicatórias estudadas, as quais contribuem não apenas para sustentar a constituição do gênero, mas apoiar a regularidade enunciativa:

a) relevância às qualidades e importância do homenageado: "muito alto e sereníssimo Rey senhor nosso", "V*ossa* A*lteza* ter tanta razão", "real pessoa";

b) indicação topográfica: "ser senhor da mesma nação" – [Portuguesa]

c) lexia "illustre": "**illustr**andoa com o nome de V*ossa* A*lteza*";

d) emprego do advérbio "muito" para intensificar a qualidade do rei;

e) apesar de não empregar o termo "epístola" junto às referências não breves, é possível entender que o locutor concebe o texto como uma carta ao rei;

f) pedido de proteção: “ma receba debaixo de seu emparo, pera que seguramente sem temor dos mal dizentes possa sair a luz, illustrandoa com o nome de V*ossa* A*lteza*”;
g) referência a si em situação de inferioridade em relação ao homenageado, tentando parecer humilde: “a quem humilmente peço ma receba debaixo de seu emparo”;
h) referência à relevância da obra: “POR SER A PRESENte obra [...] em defensão da lingua Portuguesa, e V*ossa* A*lteza* ter tanta razão de a honrar e engrandecer muito”.

Os indícios apontados nos mostram similaridades às dedicatórias da “História”, havendo, portanto, uma relação de regularidade enunciativa entre os cinco textos. Assim, ao mobilizarmos este exemplo da primeira obra de Gândavo (1574), reunimos traços que confirmem a função da dedicatória como indício de marca autoral.

Ainda sobre este elemento destextual, importa um esclarecimento. Na segunda versão (GÂNDAVO, ms.2, f. 1v), temos: “Posto que os dias passados apresentei outro sũmario da terra do brasil a elRei nosso s*enh*or, foi por comprir primeiro com esta obrigação de vassallo que todos deuemos a nosso Rei [...]”, no entanto, o texto anterior fora dedicado à D. Catarina e trazia no título o termo “tratado”, e não “sumário”. Assim, alguns estudiosos desta obra passaram a cogitar a possibilidade de haver uma versão entre as duas supracitadas. Pereira Filho (1965, p. 44-8), com quem concordamos, descarta tal possibilidade elencando as seguintes razões: pelo nexo que as versões representam entre si, o tal sumário só poderia estar antes do ms.1 ou entre este e o ms.2. A primeira opção é descartada haja vista o ms.1 deixar indícios de que o assunto está sendo tratado pela primeira vez e também pelo fato de, se o ms.1 já fosse uma segunda versão, Gândavo teria feito alguma referência, como o fez no ms.2. Também descarta a possibilidade de haver outra versão entre os ms.1 e ms.2, pois não há, na tradição textual, nenhum indício ou alusão de outra versão, sendo que tudo o que há se enquadra em alguma das versões conhecidas, além do fato de haver um lapso de tempo muito curto entre estas. A duvidosa expressão do autor é o que restou, dessa forma, como parâmetro de análise para Pereira Filho (1965, p. 47), o qual cita Gândavo, a partir de exemplos das duas redações do Tratado, para mostrar que este usava o termo “sumário” de forma genérica, como um vocábulo para aludir às referidas redações. Sobre o fato de se referir à “Terra do Brasil”, e não “Província do Brasil”, o estudioso justifica como uma escolha lexical, a qual foi introduzida no próprio título do ms.2.

Acrescentamos, pois, que pode ter “apresentado” ao rei o texto ora “dedicado” à Dona Catarina, cumprindo com a obrigação de vassalo, já que à sua época, todo o bem comum era antes proclamado como serviço prestado ao rei. Assim, estaria “avisando” a Dom Henrique (o homenageado em questão) que o rei estava ciente do “assunto”. Quanto ao emprego dos

termos “tratado” e “terra”, o primeiro pode ter sido empregado por fazer referência aos clássicos, já que era muito usado nos tempos da boa latinidade[35]; o segundo, por sua vez, pelo fato de, na reescrita, o locutor entender que província fizesse referência a algo menor do que “terra”, lexia denotadora de algo mais amplo.

Considerando a hipótese de os manuscritos em estudo serem considerados anônimos e apógrafos, e encontrarmos pela análise da dedicatória marcas do discurso do locutor da edição príncipe, vemos nela bem mais que gentileza e proteção, mas um indício de autoria, conceito este que, para Foucault (2001, p. 26), vem a ser um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”[36]. Tal constatação leva-nos, então, a entender que o estudo do *corpus* direciona a uma relação com os estudos discursivos (indícios de autoria e tomadas de si). Dessa forma, em etapa posterior, após a análise do léxico (nosso projeto inicial), mobilizamos o estudo da cena de enunciação, importando-nos, portanto, não apenas os textos em si, em sua materialidade linguística, mas também a cena na qual se constroem, contribuindo para que tenhamos um estudo no qual importe a imagem da obra de forma interdisciplinar, e não a partir de um olhar específico. Nesse sentido, entendemos que o estudo da cena de enunciação se mostra extremamente relevante e importante junto aos estudos filológicos, já que não é apenas a materialidade textual que “diz” a respeito dos manuscritos e impressos, mas a cena enunciativa como um todo.

Concluímos este capítulo esperando que o conteúdo nele discorrido tenha mostrado, sob o olhar filológico, com matizes discursivas, algumas condições que cercearam a elaboração da obra em estudo e a sua transmissão ao longo de mais de quatrocentos anos. No capítulo seguinte, apresentamos a edição do recorte estabelecido para amostragem analítica, bem como seus pressupostos teóricos e normas.

---

[35] Cf. seção 2.1.3

[36] Além de as dedicatórias indicarem marcas autorais, comentamos, anteriormente, a respeito do último capítulo do ms.2 (sobre as possíveis riquezas do sertão), o qual se mantém nas versões seguintes, textual e discursivamente, cujo discurso também se faz presente no ms.1, vindo a se tratar de mais uma marca autoral.

3. A EDIÇÃO

Neste capítulo, apontamos, inicialmente, os critérios utilizados à escolha do *corpus* para a pesquisa e a delimitação do recorte para amostragem analítica. Depois, apresentamos as normas de edição adotadas para a transcrição dos textos, seguidas dos textos editados.

3.1 ESCOLHA DO *CORPUS* E DELIMITAÇÃO DO RECORTE

O interesse de pesquisa pela obra de Gândavo surge diante do contato inicial com o texto *Tractado da terra do Brasil*, o qual, em função do desconhecimento do histórico de elaboração da "Historia", era por nós concebido como mais um entre os importantes documentos do século XVI a tratar da terra brasileira em seu período colonial. As leituras iniciais sobre o texto e o conhecimento de seu histórico e relação com as outras versões mostraram que a investigação que passamos a propor, a partir das quatro versões, poderia contribuir muito para a academia (conforme justificativas já comentadas).

Como as quatro versões compõem um material extenso, totalizando 445 páginas (ms.1, 96 páginas; ms.2, 93 páginas; ms.3, 161 páginas; e edição príncipe, 95 páginas), estabelecemos um recorte para, após a edição, submetê-lo a procedimento analítico. A justificativa científica para o recorte é a necessidade de tomar partes/capítulos comuns às quatro versões já que um dos objetivos da pesquisa é o da busca por indícios autorais do locutor. Dessa forma, tomando partes comuns, podemos verificar como este se posiciona, sob determinado aspecto, nos quatro diferentes momentos do processo de elaboração da obra, procurando entrever suas marcas.

Tomamos, portanto, como recorte para amostragem analítica, os capítulos referentes aos nativos, e justificamos tal escolha, primeiramente, pela ênfase dada ao referente nas quatro versões, sendo que o que logo nos chama a atenção é a quantidade de páginas dedicadas, vindo a destoar do tratamento dos outros referentes, e, principalmente, a diversidade de campos léxicos mobilizados, o que favorece a investigação lexical que pretendemos desenvolver, haja vista esta poder contemplar aspectos da terra, alimentação, hábitos, utensílios, espaço, entre outros. Salientamos que a escolha considera, ainda, o fato de podermos lidar com capítulos nos quais temos o não nativo escrevendo sobre o nativo, um referente novo da nova terra que se apresenta, o que pode contribuir para a compreensão do processo de nomeação deste por aquele.

A seguir, informamos, de acordo com cada versão, os capítulos selecionados para edição e tratamento analítico. Conforme já mostramos, considerando o processo de elaboração da obra, as diferenças mais significativas encontram-se na passagem da segunda à terceira versão. Como as duas primeiras são divididas em duas partes, temos um dos capítulos na primeira parte, e outro, na segunda:

a) ms.1:
1ª parte: Cap. 5º. dũa çerta nação de gentio que se acha nesta capitania.
2ª parte: Cap. 7º. da condição e Custumes dos indios da terra.

b) ms.2:
1ª parte: Cap. 5º. dũa nascaõ de gentio q*ue* se acha nesta capitania.
2ª parte: Cap. 7º. da Condiçaõ E Custumes dos indios da terra.

c) ms.3:
Cap. ix. em que se dá noticia da gente que ha nesta prouincia, da condiçaõ e costumes della, e de como se gouernaõ na paz
Cap. x. das guerras que tem hũs contra os outros, e a maneira de como se haõ nellas
Cap. xi. da morte que daõ aos captiuos e crueldades que vsaõ cõ elles

d) edição príncipe:
Capit. 10. Do gentio que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz.
Capitu. 11. Das guerras que tem hũs com outros e a maneira de como se hão nellas.
Capitulo 12. Da morte que dam aos catiuos e crueldades que vsam com elles.

Três motivos justificam a edição. O primeiro é o de que vemos no exercício desta a melhor forma para conhecermos o material de pesquisa. Ainda que todas as quatro versões em estudo tenham sido lidas integralmente, a edição é uma minuciosa etapa da pesquisa que pode revelar detalhes e indícios textuais os quais podem passar despercebidos no exercício da leitura. O outro motivo é o de que estabelecemos como um dos procedimentos metodológicos a leitura dos textos por um programa de estatística textual – o "Léxico 3" – o qual não reconhece arquivos manuscritos e impressos antigos. E, finalmente, para darmos fidedignidade às citações mobilizadas na tese.

3.2 EDIÇÃO: PRESSUPOSTOS E NORMAS

Os estudos filológicos têm suas origens há mais de dois mil anos (CAMBRAIA, 2005). A crítica textual, especificamente, tem seu início a partir de fontes de natureza diversa (textos pagãos gregos e latinos, textos religiosos e textos em vernáculo), heterogeneidade esta que veio a constituir técnicas, sedimentar práticas, consolidar métodos e produzir polêmicas. Seu primeiro grande momento no Ocidente foi entre os séculos III e I a.C., época dos primeiros diretores da Biblioteca de Alexandria, período no qual estudiosos dedicaram-se especialmente à obra de Homero e à "constituição de um sistema de crítica baseado na utilização de sinais com a finalidade de explicitar seu julgamento quanto à genuinidade do texto" (CAMBRAIA, 2005, p. 38-9), impactando significativamente sobre a tradição dos textos gregos clássicos.

De acordo com Cambraia (2005), atualmente, o trabalho de edição estabelece-se a partir de métodos mais rigorosos e diferentes tipos de edição, divididas em duas classes: a monotestemunhal e a politestemunhal.

Se a edição baseia-se em apenas um testemunho, é denominada monotestemunhal, a qual pode se apresentar em quatro tipos, diferenciados pelo grau de mediação realizada pelo editor:

a) Fac-similar: baseia-se no grau zero de mediação visto que apenas reproduz a imagem do texto mecanicamente, utilizando meios como a fotografia, a escanerização, entre outros. Apesar de tornar disponível, ao consulente, o texto de forma direta, tem como desvantagem o fato de ser consultada apenas por especialistas;

b) Diplomática: apresenta um grau baixo de mediação, caracterizando-se como conservadora e limitada, já que transcreve rigorosamente todos os elementos presentes no modelo;

c) Semidiplomática: o editor intervém realizando modificações de forma a facilitar a leitura, o que a caracteriza como de grau médio de intervenção;

d) Interpretativa: este tipo de edição oferece ao público um texto mais apurado, o qual passa por um processo de uniformização gráfica e realização de conjecturas com o grau máximo de mediação admissível, aproximando o texto do que seria sua forma genuína.

Se a edição é baseada na comparação de dois ou mais testemunhos, a denominação passa a ser politestemunhal, a qual pode se dar de duas formas:

a) Crítica: quando a comparação de testemunhos almeja reconstituir a última forma que seu autor lhe dera;

b) Genética: quando a comparação de testemunhos objetiva registrar todas as diferenças entre as redações preliminares e a forma final conferida pelo autor.

Em nossa pesquisa, lidamos com quatro testemunhos, no entanto, ela não se configura nem como crítica, nem como genética. Diante disso, para atender aos critérios do estudo, adaptamos a classificação apresentada em Cambraia (2005) e escolhemos o tipo semidiplomático de edição, pois pretendemos preservar a escrita original dos textos, mas com algumas intervenções que venham facilitar sua leitura, e também porque como o texto deve ser preparado para ser lido pelo *software* "Léxico 3", o tipo escolhido adequa-se mais a tal objetivo, já que permite, por exemplo, o desenvolvimento de abreviaturas, alteração necessária para leitura do referido *software*. Lidamos, portanto, com a classe politestemunhal e o tipo semidiplomático.

Tomar manuscritos e impressos antigos como *corpora* para estudos científicos implica determinado conhecimento paleográfico, ou seja, conhecimento de caracteres gráficos antigos. A paleografia, de acordo com Cambraia (2005, p. 23), se constituiu como campo de conhecimento sistematizado a partir do século XVII e vem a ser basicamente o "estudo das escritas antigas".

Nos manuscritos, o tipo de escrita utilizado, de forma predominante, é a humanística, uma "escrita erudita", como aponta Higounet (2003, p. 143-4). Para ele, tal modelo surgiu como renovação/resgate da escrita carolíngia por obra dos humanistas italianos do Renascimento, os quais a encontraram nas bibliotecas das igrejas e mosteiros, no fim do século XIV, ao procurarem por obras da Antiguidade. "[...] seu aspecto geral é um pouco mais delgado que o da escrita carolíngia. [...] é uma escrita suave, traçada com penas pontudas, fortemente inclinada para a direita (escrita 'pendente'), com todas as letras de uma mesma palavra unidas".

Os textos foram copiados por mãos hábeis, pois o(s) copista(s) apresenta(m) desenvoltura caligráfica, regularidade em cada um dos textos (principalmente se considerarmos o número de páginas de cada versão), uniformidade nas margens e pouquíssimas rasuras, caracterizando-se cada uma das versões por apenas um punho.

Em relação à organização do texto no espaço das páginas, observamos que nestas não há pauta, nem utilização de espaço específico para indicar início de parágrafo, como o empregado atualmente. Para identificar mudanças de parágrafo, vemos que o locutor inicia nova linha mesmo ainda havendo espaço na linha anterior. Nos ms.1 e ms.2, é comum encontrarmos espaços entre linhas para indicar mudança de tópico; e antes e após os títulos e subtítulos, o espaço entre as linhas é, na maioria das vezes, empregado. No ms.3, ao final de

cada capítulo, retoma-se o texto em página diferente. O número médio de linhas por página é o de: 15, no ms.1; 16, no ms.2; e 18, no ms.3.

Na edição príncipe, o tipo de letra predominante é o seguinte:

daqui ficou a terra com eſte nome de Brafil,

sendo utilizado em todos os capítulos e em alguns dos elementos pré-textuais – na folha de aprovação, nos cabeçalhos para os tercetos e soneto, e na página da dedicatória. Outro tipo de letra é empregado na folha de rosto, nas últimas três linhas da folha de aprovação, nos tercetos e soneto, no prólogo ao leitor, e nos títulos dos capítulos:

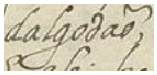
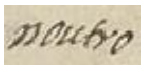
Capit. 2. Em que ſe descreue o ſitio & qualidades
deſta prouincia.

Sobre a organização do texto no espaço das páginas, observamos padronização nas margens e média de vinte e sete linhas por página. Para identificação de parágrafo, o locutor o inicia a partir do sinal ¶. Entre o final e início dos capítulos há espaços entre as linhas. Após os títulos dos capítulos, também o há, com exceção dos capítulos 2, 5, 8, 11 e 14. Ao final dos capítulos, não há mudança de página para novo capítulo.

Os critérios adotados à edição se baseiam nos critérios estabelecidos no II Seminário para a História do Português Brasileiro, realizado em Campos do Jordão (SP), ocorrido entre 10 e 16 de maio de 1998, bem como em Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012, p. 38-9), tendo havido, ainda, alterações que se fizeram necessárias em virtude das particularidades do objeto em estudo:

(1) As abreviaturas foram desenvolvidas marcando-se em itálico as letras omitidas: V.A. > V*ossa* A*lteza* (ms.1, f. 1v).

(2) As fronteiras de palavras foram mantidas. Nos casos de palavras formadas por pronomes oblíquos, não houve a inserção de hifens: escolhela > escolhela (ms.3, f. 8r). Em relação às palavras que aparecem juntas a partir de uma preposição, foram mantidas sem

inserção de apóstrofo:  > dalgodão (ms2. f.19v);  > noutro (ms2. f. 10v).

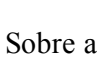
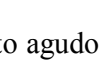
(3) A pontuação original foi mantida.

(4) A acentuação original foi mantida. Como há variação na utilização do *til*, a transcrição foi feita de acordo com a maior proximidade do sinal em relação à letra: > naõ (ms.2, p. 3v); > não (ms.2, f. 3r)

(5) O emprego de maiúsculas e minúsculas foi respeitado como se apresenta nos originais, embora seja necessário fazer duas observações: em palavras com dois "esses", sendo o primeiro grafado em módulo maior, decidimos transcrevê-lo também em minúscula: > nosso (ms.2, f. 1r); e para os casos de variação física dos sinais gráficos resultantes de fatores cursivos, a comparação do traçado da mesma letra propiciou a melhor solução.

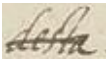
(6) No ms.3, a letra **e**, em início de sentença, apresenta variação (, , ,), sendo as últimas semelhantes ao ducto do **e** minúsculo, porém em tamanho maior. Assim, transcrevemos também em maiúscula os casos em que estas aparecem em contexto de maiúscula e em módulo maior.

(7) No ms.3, o **r**, em contexto de minúscula, também apresenta variação: . Casos como o último, foram transcritos em maiúscula (Redi), considerando o espaço ocupado na linha.

(8) Sobre a letra **y**, no ms.3, ora aparece acento agudo (), ora ponto (). De acordo com Higounet (2003, p. 156), o acento sobre o **i**, "surgido no século XI, foi substituído pelo ponto no século XV. Inversamente, o ponto sobre o *y* se transformou, desde a alta Idade Média, em acento no mesmo momento". Como o ms.3 fora escrito no século XVI, é provável que a variação se deva ao período de transição relacionado à mudança. Assim, decidimos transcrever todos os casos com acento, já que esta era a norma do período.

(9) Os eventuais erros do(s) copista(s) foram mantidos.

(10) As inserções feitas nas entrelinhas entraram na edição entre diples < >, na localização indicada.

(11) As supressões são tachadas:  > ~~desta~~ (ms.2, f. 3v).

(12) A divisão das linhas foi preservada ao longo dos textos e representada por uma barra vertical. A mudança de página, por sua vez, foi representada por duas barras verticais.

(13) A numeração da página foi representada pelo respectivo número, seguido da indicação por *r* (recto) e *v* (verso).

(14) Na edição príncipe, ao final das linhas, muitas das palavras não apresentam sinal de indicação de separação silábica, no entanto, foi inserido um sinal (=) antes da barra vertical indicativa de mudança de linha.

(15) Nos documentos manuscritos, o copista deixa, vez ou outra, espaços entre parágrafos, o que não foi conservado. O único caso para o qual foi feito uso de espaços foi entre as inserções dos nomes dos capítulos.

(16) Na versão príncipe, há o cabeçalho HISTORIA DA PROVINCIA, nas páginas pares; e, nas ímpares, SANCTA CRVZ. Isso não foi inserido, pois uma página editada compõe-se de mais de uma página original.

(17) As linhas foram numeradas continuamente de cinco em cinco, a partir da quinta, à esquerda do leitor.

3.3 EDIÇÕES SEMIDIPLOMÁTICAS DO *CORPUS*

3.3.1 Transcrição referente ao *Tractado da prouinçia do Brasil* (ms.1)

11r. Cap. 5. dũa çerta nação de gentio | que se acha nesta capitania.[37] |

Pellas terras desta capitania ate junto do | Spirito sancto se acha huã çerta nação || 11v. de indios que vieraõ do sertaõ á sinco | ou seis anños E dizem que outros contra= | rios destes vieraõ sobrelles e os desbara= | táraõ todos e os que fogiraõ saõ estes | que andaõ pella costa. Chamão lhe | Aýmorés, a lingoa delles he differente | dos outros indios ningẽ os entende: algũs | delles saõ taõ altos e taõ largos do corpo | q*ue* quasý pareçẽ gigantes. Saõ mui | aluos naõ tem pareçer dos outros indios | da terra nẽ tem casas nẽ pouoações onde | morẽ. Viuẽ antre os matos como bru= | tos animais, saõ mui forçosos enestremo. | Trazem hũs arcos mui compridos E grossos | conforme a suas forças e as frechas da || 12r. mesma maneira. Estes indios tem feito | muito dano aos moradores de pois que vierão | aesta costa E mortos algũs portugeses | e escrauos, por q*ue* saõ imigos de toda gente. | Naõ pelleiaõ em campo nẽ tem animo p*er*a | isso, poẽ se antre o matto junto dalgũ ca= | minho e tanto que passa algẽ attiraõ lhe | ao çoracão ou aparte onde o matem, e naõ | desdepem Frecha q*ue* naõ na empregẽ. Final= | mente q*ue* naõ Rosto direito a ningem se naõ | a treiçaõ fazem a sua. As molheres trazẽ | hũs paos grossos tostados com q*ue* pelleiaõ. | Estes indios não viuẽ se não pella frecha, | seu mantimento he caça, bichos, e carne | humana. fazem fogo debaixo do chaõ || 12v. por naõ serẽ sentidos nẽ saberẽ onde ã= | daõ. Muitas terras viçosas estaõ per= | didas junto desta capitania, as quais não | saõ possuidas dos portugeses por causa | destes indios. naõ se pode achar Reme= | dio pera os destruirẽ porq*ue* não tem mo= | rada çerta nẽ saẽ nũca dantre o matto. | E assi quando cuidamos q*ue* vaõ fogindo | ante quẽ os persege entaõ ficaõ atraz | escondidos e attiraõ aos que passaõ descui= | dados. E desta maneira mataõ algũa gẽte. | todos quãtos indios ha nesta prouinçia | do brasil saõ seus imigos e temẽ nos | muito porq*ue* he gente attreiçoada, e assý | onde os ha nenhũ morador vai a || 13r. sua fazenda por terra q*ue* não leue qũi= | ze vinte escrauos comsigo de arcos e frechas. | Estes Aimorés saõ muito feros e cueis, nã | se pode cõ pallauras encareçer a dureza | desta gente. Naõ andaõ todos juntos | derramã se por m*ui*tas partes, E quando se que= | rem ajuntar assubiaõ como passaros | ou como bogios de maneira q*ue* hũs aos ou= | tros se entendẽ e se conheçẽ. Tambẽ | os portugeses mataõ algũs delles, E tem | muitos destruidos principalmẽte nesta | capitania dos ilheos E guardaõ se muito | delles porq*ue* ja sabem suas manhas | E conheçẽ mui bem sua mallicia | e treiçoẽs. ||

32r. Cap. 7º. da condição e custu= | mes dos indios da terra. |

[37] Ilheos.

Naõ se pode numerar nẽ cõprender || 32v.a multidaõ do bárbaro gentio q*ue* semeou | a
35 natureza por toda esta terra do | Brasil porque ningem pode pello | sertaõ dentro caminhar
seguro, nem | passar por terra onde não ache pouo= | ações de indios armados contra todas | as
naçoẽs humanas, E assý como saõ | muitos permittio deos q*ue* fossem con= | trarios hũs dos
outros, e que ouuesse | antrelles grandes ôdios e discordias | porq*ue* se assý não fosse os
portugeses | naõ poderiaõ viuer na terra nẽ | seria possiuel conquistar tamanho | poder de
40 gente. | Auia muitos destes indios pella Côsta || 33r. junto das capitanias tudo enfin estava |
cheo delles quando começarão os Portuge= | ses a pouoala terra: mas porque | os mesmos
indios se leuantauaõ cõtra | elles, E faziam lhes muitas treiçoẽs, os | gouernadores e capitaẽs
da terra destru= | iraõ nos pouco apouco e matarão m*ui*tos | delles. outros fogiraõ pera o sertão
E | assý ficou a cósta despouoada de gentio | ao longo das capitanias. Junto dellas | ficaraõ
45 algũas aldeas destes indios que | saõ de paz e amigos dos portugeses. | A lingoa deste gentio ꝑ
toda pella côsta | he huã, careçe de tres letras *a saber* naõ | se acha nella f, nẽ l, nẽ R, cousa ||
33v. digna despanto, por q*ue* assý naõ tem fê | nẽ lei, nẽ Rei, E desta maneira viuẽ | sem
Justiça e desordenadamẽte. | Estes indios andaõ nûs sem cobertura | alguã assý machos como
femeas naõ | cobrẽ parte nenhuã de seu corpo E tra= | zem descuberto quanto a natureza lhes |
50 deu. Viuem todos em aldeãs. pode auer em cada huã sete oito ca= | sas, as quais saõ
compridas feitas a | maneira de cordoarias: e cada huã dellas está chea de gente duã parte | e
doutra. E cada hũ por sý tem sua | estançia, e sua Rede armada en que | dorme. E assý estaõ
todos hũs juntos || 34r. dos outros por ordem E pello meýo da | casa fica hũ caminho aberto
pera se | servirem. | Naõ ha (como digo) antrelles nenhum | Rei nẽ Justiça sômente em cada
55 aldea | tem hũ prinçipal q*ue* he como capitaõ | ao qual obedeçẽ por vontade e naõ por | força:
morrendo este prinçipal fica | seu filho no mesmo lugar, naõ serue | doutra cousa senão de ir
com elles a gerra | e conselhallos como se haõ dauer na pe= | leia. Mas naõ castiga seus erros |
nẽ manda sobrelles cousa algũa contra | sua vontade. Este prinçipal tẽ | tres quatro molheres, a
primeira tem || 34v. em mais conta, e faz della mais caso q*ue* | das outras, isto tem por estado
60 E por | honrra. Naõ adoraõ em cousa alguã | nẽ tem pera sý que ha na outra vida | gloria pera
os bos e pena pera os maos | tudo cuidaõ que se acaba nesta e que | as almas feneçẽ com os
corpos, e assý | viuẽ bestialmẽte sem ter conta nẽ | pezo ne medida. |
da gerra dos indios. |
Estes indios saõ mui bellicosos e tem | sempre grandes gerras hũs: contra os | outros nũca se
65 acha nelles paz nem | he possiuel auer antrelles amizade | porque hũas naçoẽs pelleiaõ contra ||
35r. outras e mataõ se muitos delles, e assý | vai creçendo o ôdio cada vez mais, E | ficaõ

imigos verdadeiros perpetuam*en*te. | As armas con que pelleiaõ saõ arcos E | frechas, a cousa q*ue* appontarẽ naõ na,. | errão, saõ mui çertos com esta arma | e mui temidos na gerra. Andaõ sempre | nella exercitados e saõ mui inclinados | a pelleiar, e mui vallentes e esforça= | dos
70 contra seus aduersarios: E assý pa= | reçe cousa estranha ver dous tres mil | homẽs nûs duã parte e doutra com | grandes assubios e gritta frechando | hũs aos outros, e enquanto dura esta | pelleia nunca estaõ com os corpos quedos, || 35v. meneando se duã parte pera outra | com muita ligeireza pera q*ue* nã possaõ | appontar nẽ fazer tiro em pessoa certa. | Alguãs velhas custumaõ ápanhar | lhes as frechas pello chaõ e seruillos | em quanto pelleiaõ. | Gente he esta
75 mui attreuida e que | teme muito pouco amorte, E quando | vaõ a gerra sempre lhes pareçe q*ue* | tem çerta avictoria E que nenhũ | de sua companhia á de morrer, E | quando partem dizem vamos ma= | tar sem mais consideração, E naõ | cuidaõ q*ue* taõbem podem ser ven= | çidos. naõ dão vida a nenhum || 36r. Captiuo todos mataõ e comẽ. Enfim | q*ue* suas gerras saõ mui perigosas E de= | uem se ter em muita conta: porque | huã das cousas q*ue* desbaratou muitos |
80 portugeses foi a pouco estima em que | tinhaõ a gerra dos indios e o pouco caso | q*ue* fazaõ delles E assi morreraõ muitos | miserauelmente por naõ se aperçebe= | rem como conuinha, destes ouue m*ui*tas | mortes desestradas: E isto aconteçe ca= | da paço nestas partes. |

Da morte q*ue* daõ aos captiuos |

Quando estes indios tomaõ algũs com= | trarios se logo com aquelle impito os || 36v. naõ
85 mataõ leuaõ nos viuos pera | suas aldeas (ou seiaõ portugeses, ou | quais quer outros indios seus imigos) | e tanto que chegaõ a suas casas | lançaõ huã corda mui grossa ao pes= | coço do captiuo pera q*ue* naõ possa | fugir, e armaõ lhe huã Rede enq*ue* | durma E daõ lhe huã india moça | a mais fermosa e honrrada que ha | naldea pera q*ue* durma conelle E tam= | bem tenha cuidado de o guardar, E | naõ vai pera parte q*ue* naõ no acõ= | panhe. Esta india tem cargo |
90 de lhe dar muito bem de comer E | beber: e depois de o terẽ desta ma= || 37r. neira sinco ou seis meses ou o tempo | q*ue* querẽ determinaõ de o matar e fazẽ | grandes serimonias e festas aquelles dias | e aparelhaõ muitos vinhos pera se em= | bebedarẽ E fazem nos da Raiz duã | herua q*ue* se chama Aýpim aqual | fervem primeiro, e de pois de cozida | mastigam na huãs moças virgens | e expremẽ na em hũs pottes grades. | e dallý a tres ou quatro dias o bebem. E |
95 o dia que haõ de matar este captiuo | pella manhaã se alguã Ribeira está | junto daldea leuão no abanhar nella | com grandes cantares e follias, e tanto | que chegaõ com elle a aldea attaõ no || 37v. pella çinta com quatro cordas cada | huã pera sua parte, E tres quatro indios | pegados em cada ponta destas, E assý | o leuaõ ao meýo dũ terreiro, E tiraõ ta= | to por estas cordas q*ue* naõ se possa bo= | llir pera huã parte nẽ pera outra | as maõs lhe deixão soltas
100 porque | folgaõ de o ver deffender co ellas. | Aquelle q*ue* o ha de matar empena se | primeiro

com penas de papagaýo de | muitas córes por todo corpo: ha de | ser este matador o mais vallente | da terra e o mais honrrado. Traz na | maõ huã espada dũ pao mui du= | ro e pezado com q*ue* Custumão de matar || 38r. E chega se ao padeçente dizendo lhe m*ui*tas | cousas e ameaçando lhe sua geração q*ue* | o mesmo á de fazer a seus parentes, | E de pois de o ter
105 affrontado com muitas | pallauras injuriosas da lhe huã grãm | pancada na cabeça e logo da prim*ei*ra | lha faz em pedaços. Está huã india | velha cõ hũ cabaço na mão, e assý | como elle cae acode muito de pressa | a meter lho na cabeça pera tomar os | meolos e o sange: tudo enfim cozem | e assaõ, e naõ fica delle cousa q*ue* naõ | comaõ. Isto he mais por vingança | e por ôdio q*ue* por se fartarẽ. | Depois q*ue* comẽ a carne destes contrarios || 38v. ficaõ nos ôdios
110 confirmados e sentem | muito esta iniuria E por isso andaõ | sempre a vingar se hũs contra os outros. | E se a moça q*ue* dormia com o captiuo | fica prenhe, aquella criança q*ue* pare | de pois de criada mataõ na e comẽ na | e dizem que aquella menina ou me= | nino era seu contrario verdadeiro | e por isso estimaõ muito comer lhe a | carne e vingar se delle. E por q*ue* a maj | sabe o fim q*ue* haõ de dar aesta crian= | ça, muitas vezes ~~aconteçe~~ quã= | do se sente
115 prenhe mataá dentro | da barriga e faz com q*ue* moua: e acõnte= | çe alguãs vezes affeiçoar se tanto || 39r. aeste catiuo e tomar lhe tanto amor q*ue* | foge com elle pera sua terra pello li= | urar da morte, e assý algũs portugeses | á que desta maneira escaparão, e estaõ | oje en dia viuos, e muitos indios q*ue* | do mesmo modo se saluaraõ, ainda que | saõ algũs taõ bruttos q*ue* naõ querem | fogir de pois de os terẽ presos por que | ouue algũ q*ue* estaua ja no terreiro |
120 attado para pedeçer e dauaõ lhe a | vida e naõ quis senão que o matassem | dizendo q*ue* seus parentes o naõ teriaõ | por vallente e que todos correriaõ cõ | elle e daqui vem naõ estimarẽ a | morte e quãdo chega aquella ora não || 39v. a temerẽ nẽ mostrarẽ nenhuã tristeza | naquelle passo. | Finalmente q*ue* saõ estes indios mui | desumanos e crueis naõ se mouem | anenhuã piedade. Viuẽ como bru= | tos animais sem ordem nẽ conçerto | de homẽs. Saõ mui
125 desonestos e da= | dos a sensuallidade e entregaõ se | aos viços como se nelles naõ ouuera | Rezaõ de humanos: ainda que todauia | sempre tem Resguardo os machos e | as femeas em seu aiuntamento | e mostraõ ter nisto alguã vergonha. Todos comẽ carne humana e tẽ na || 40r. pella milhor iguaria de quantas pode a= | uer: Naõ de seus amigos com quem | elles tem paz senaõ dos contrarios. Tem | esta qualidade estes indios que de qualq*ue*r | cousa que comaõ por
130 pequena que seja | haõ de conuidar com ella quantos esteue= | rem presentes, só esta proximidade | se acha antrelles. Comẽ de quantos Bichos se criaõ na terra, outro nenhum | engeitaõ por pessonhento q*ue* seia, sôm*en*te | Aranha. | Tem estes indios machos por custume tra= | zerem o beiço furado e huã pedra no | buraco metida por gallantaria. Outros | ha que trazẽ o Rosto todo cheo de buracos || 40v. e de pedras E assy parecem mui feos E | disformes.

135 Isto lhes fazem quando saõ me= | ninos. Tambem tem por custume ar= | rancarẽ toda barba e
não consentẽ nenhũ | cabello em parte alguã de seu corpo saluo | na cabeça ainda q*ue* orredor
della por | baixo todo arrancaõ. As femeas preza | se muito de seus cabellos e trazem nos |
muito e compridos e penteados e as mais | dellas ennastrados. Tambem algũs | indios andaõ
pintados por todo corpo | pello qual fazem hũs riscos de muitas | maneiras e poẽ lhes huã çerta
140 tinta | e ficaõ sempre os mesmos Riscos escritos | na carne. Isto naõ traz senaõ quem || 41r.
tem feito alguã vallentia. E assý tãbem | machos como femeas custumão a tingir se | com o
sumo duã fruita q*ue* se chama geni= | pâpo que he verde quando se piza e de= | pois q*ue* o
poem no corpo e se enxuga fica | mui negro e por muito q*ue* se laue não se | tira senaõ aos
noue dias: isto tudo fazẽ | por gallantaria. | Estas indias guardaõ castidade a seus ma= | ridos e
145 saõ muito suas amigas por que | tambem elles sofrem mal adulterios. | Casaõ os mais delles
com suas sobrinhas | filhas de seus irmãos ou jrmãas, estas | saõ suas molheres verdadeiras e
não lhas | podem negar seus pais. || 41v. Algũas indias se achaõ nestas partes que jurã | E
prometem castidade e assý naõ casaõ | nẽ conheçẽ homẽ algũ de nenhuã quallida= | de nẽ no
consentirão ainda q*ue* por isso | as matem. Estas deixão todo o exercício | de molheres e
150 immittaõ os homẽs e segẽ | seus offiçios como se naõ fossem molheres | e cortaõ seus cabellos
da mesma maneira | q*ue* os machos trazem e vaõ a gerra cõ | seu arco e frechas ea caça em
fim que | andaõ sempre na companhia dos homẽs | e cada hũa tem molher q*ue* as serue e q*ue* |
lhe faz de comer como se fossẽ casadas. | Estes indios viuẽ mui descansados, não tẽ || 42r.
cuidado de cousa alguã senão de comer | e beber e de matar gente e por isso saõ | mui gordos
155 em estremo e assý taõbem com | qualquer desgosto amagreçẽ muito e como | se agastaõ de
qualquer cousa, comẽ terra | e desta maneira morrẽ muitos delles besti= | almente. Todos
segem muito o con= | selho das velhas, tudo o que ellas lhe | dizem fazem e tem no por mui
certo. | daqui vem a muitos moradores não cõ= | prarẽ nenhuãs velhas por lhes naõ | fazerem
fogir seus escrauos. | Quando estas Indias parem a primeira | cousa q*ue* fazem de pois do parto
160 lauaõ | se todas nũ Ribeiro e ficaõ tã bem despostas || 42v. como se não pariraõ, em lugar
dellas se deitaõ | seus maridos nas Redes e assý os visitaõ | e curaõ como se elles fossem as
paridas. | Quando algũ destes Indios morre custumão | enterrallo assantado sobre os pêes com
sua | Rede as costas em que elle dormia e logo pel= | los primeiros dias poem lhe de comer em
| çima da coua, e totalmente cuidaõ que | come e que dorme na Rede q*ue* tem cõsigo | na
165 mesma coua. Outras muitas bes= | tiallidades vsaõ estes indios q*ue* aqui não | escreuo porq*ue*
minha tençaõ foi naõ ser | comprido neste summario e passar por | tudo isto com breuidade. ||
43r. Dos Resgates. |

Estes indios não possuẽ nenhuã fazenda nẽ | procuraõ acquirilla como os outros homẽs, | sômente cobiçaõ muito alguãs cousas q*ue* vaõ | deste Reino *a saber* camisas, pellotes, ferra= | mentas e outras cousas q*ue* elles <tem> em muita | estima e deseiaõ muito alcansar dos portu= | geses. A troco disto se vendiaõ hũs aos | outros, e os portugeses Resgatauão muitos delles | e salteauaõ quantos queriaõ sem ningem | lhes hir a maõ, mas jagora não ha isto | na terra nẽ Resgattes como soýa por q*ue* | de pois q*ue* os padres da companhia vierão | aestas partes proueraõ neste negoçio e vedarão || 43v. muitos saltos que faziaõ os portugeses por | esta costa os quais encarregauão muito suas | consçiençias com captiuarẽ muitos jndios | contra direito e mouerẽ lhes gerras injustas, | E por isso ordenáraõ os padres e fezerão cõ | os capitaẽs da terra q*ue* naõ ouuesse mais | Resgates nẽ consentissem que fosse ne= | nhũ portuges a suas aldeas sem liçença | do mesmo capitaõ, e quantos escrauos ago= | ra vem nouamẽte do sertaõ ou das outras | capitanias todos leuaõ primeiro a al= | fándega E allý os examinaõ e lhes fazẽ | preguntas quẽ os vendeo ou como forão | resgatados, por que ningẽ os pode vender | senão seus pais ou aquelles q*ue* ẽ justa || 44r. gerra os captiuão. E os que achaõ mal | acqueridos poem nos em sua liberdade, E | desta maneira quantos jndios se compra | saõ bem Resgatados e os moradores da terra | naõ deixaõ por isso dir muito auante | com suas fazendas. |

3.3.2 Transcrição referente ao *Tractado da terra do Brasil* (ms.2)

11r. Cap. 5º. dũa nascaõ de gentio q*ue* | se acha nesta capitania.[38] |

Pellas terras desta capitania ate junto do | Spiro sancto, se acha hũa çerta nasçaõ de | gentio que veo do çertaõ ha sinco ou seis | annos, e dizem q*ue* outros indios contra= | rios destes, vierão sobrelles a suas terras, | e os destruiraõ todos e os que fogiraõ saõ | estes q*ue* andaõ pella costa. Chamã se Ay= | mores, a lingoa delles he differente dos | outros indios, ningẽ os entende, saõ | delles tam altos e taõ largos do corpo q*ue* || 11v. quasi pareçẽ gigantes. Saõ mui aluos | naõ tem pareçer dos outros indios da terra | nẽ tem casas nẽ pouoações onde morẽ, | vivẽ antre os matos como brutos animais: | saõ mui forçosos em estremo, trazem | hũs arcos mui compridos e grossos con= | forme a suas forças e as frechas da | mesma maneira. Estes indios tem | feito muito dano aos moradores de pois | que vieraõ aesta costa e mortos algũs | portugeses e escrauos porq*ue* saõ imi= | gos de toda gente. Naõ pelleýaõ | em campo nẽ tem animo pera isso, | poẽ se antre o mato junto dalgũ cami= | nho e tanto q*ue* passa algem attiraõ lhe | ao coração ou a parte onde o matem || 12r. e naõ despedem frecha que naõ na em= | pregem. finalmente que não tem Rosto | direito a ningẽ se não a treiçaõ fazem | a sua. As molheres trazem hũs paos | tostados com que pelleiaõ. Estes indios não | viuem se não pella frecha, seu mantimẽto | he caça bichos e carne humana, | fazem fogo de baixo do chaõ por naõ serẽ | sentidos nẽ saberem onde andaõ. Mui= | tas terras viçosas estão perdidas junto | desta Capitania, as quais não saõ pos= | suidas dos Portugeses por causa destes | indios. Naõ se pode achar Remedio pe= | ra os destruirem por q*ue* não tem morada | certa, nem saem nunca dantre o matto: | E assi quando cuidamos q*ue* vaõ fogindo || 12v. ante quẽ os persegue entaõ ficam atraz es= | condidos e atirão aos que passaõ descuida = | dos, Desta maneira matão alguã gente. | Todos quantos indios ha no brasil saõ se= | us imigos e temẽnos muito porque he | gente atreiçoada. E assý onde os ha ne= | nhũ morador vai a sua fazenda por | terra q*ue* naõ leve quinze vinte escrauos | consigo de arcos e frechas. Estes Aýmores | são mui feros e crueis, naõ se pode cõ | pallauras encareçer a dureza desta gẽte. | Naõ andaõ todos juntos, derramam se | por muitas partes, e quando se querem | ajuntar assubiã como passaros ou co= | mo bogios de maneira que hũs aos outros | se entendem e se conheçẽ. Tambem || 13r. os portugeses mataõ algũs delles, e tem | muitos destruidos, principalmente nesta | Capitania dos ilheos, e guardaõ se muito delles | porque ja sabem suas manhas e conheçẽ | mui bem sua mallicia. |

[38] Ilheos.

29v. Cap. 7º. da Condiçaõ E | Custumes dos indios | da terra. |

35 Naõ se pode numerar nem comprẽ= || 30r. der a multidão do barbaro gentio que | semeou a natureza por toda esta terra | do brasil porque ningem pode pello | sertão dentro caminhar seguro, nẽ passar | por terra onde naõ ache pouoações de | indios armados contra todas as naçoẽs | humanas, E assi como saõ muitos permittio Deos que fossem contrarios | hũs dos outros, E que ouuesse antrelles | grandes odios E discordias porque se assý | não ~~fosse~~ fosse os
40 portugeses não poderiã | viuer na terra nem seria possiuel, | conquistar tamanho poder de gente, | Auia muitos destes indios pella costa | junto das capitanias, tudo enfim esta= | va cheo delles quando começaraõ os || 30v. Portugeses a pouoalla terra, mas porq*ue* os | mesmos indios se alleuãotavaõ contra elles | E faziaõ lhes muitas treições, os gouerna= | dores E capitaẽs da terra destruiraõ nos | pouco a pouco e matarão muitos delles | outros fogirão pera o
45 sertão, E assý | ficou a costa despouoada de gentio ao lon= | go das capitanias. Junto dellas ficarão | algũas aldeas destes indios que saõ de | paz E amigos dos portugeses. | A lingoa deste gentio toda pella costa | he huã: careçe de tres letras *a saber* naõ | se acha nella f nem L, nẽ R, cou= | sa digna despanto, porq*ue* assý naõ tem | fe nẽ lej, nẽ Rei E desta maneira | viuẽ sem Justiça e desordenadam*en*te. || 31r. Estes indios andaõ nũs sem cobertura | alguã assi machos
50 como femeas naõ cobrẽ | parte nenhũ de seu corpo E trazem descu= | berto quanto a natureza lhes deu. Viuẽ | todos em aldeas, Pode auer em cada huã | sete oito casas, as quais saõ compridas. feitas a maneira de cordoarias E cada huã | dellas está chea de gente duã parte E | d'outra, E cada hũ por sý tem sua | estançia e sua Rede armada em que | dorme E assý estão todos hũs Junto | dos outros por ordem, E pello meýo da | casa fica hũ caminho aberto pera |
55 se servirẽ. Naõ ha como digo an= | treelles nenhũ Rei nẽ Justiça somẽte | em cada aldea tem hũ prinçipal q*ue* he || 31v. como capitaõ ao qual obedeçẽ por vonta= | de E naõ por força, morrendo este prin= | çipal fica seu filho no mesmo lugar | naõ serue doutra cousa senão dir cõ | elles a gerra E conselhallos como se haõ | dauer na palleja, mas naõ castiga seus | erros nẽ manda sobrelles cousa alguã | contra sua vontade. Este prinçipal | tem tres quatro molheres, a
60 primeira tẽ | em mais conta, e faz della mais Caso | que das outras, jsto tem por estado E | por honrra. Naõ adoraõ em cousa | alguã nẽ tem pera sý que ha na | outra vida gloria pera os bõs, e pena | pera os maos, tudo cuidaõ que se a= | caba nesta E que as almas feneçem || 32r. com os corpos, E assi viuem bestialme*n*te | sem ter conta nẽ pezo, nẽ medida. | Estes indios saõ mui bellicosos e tem sem= | pre grandes gerras hũs contra os outros | nunca se acha nelles paz nẽ
65 he possiuel | auer antrelles amizade porque huãs | nasçoẽs pellejaõ contra outras e mataõ se muitos delles, E assý vaj creçendo o odio | cada vez mais e ficaõ imigos verdadeiros |

perpetuamente. As armas com que | pellejaõ saõ arcos e frechas a cousa que | apontarẽ naõ na erraõ, saõ mui çer= | tos com esta arma e mui temidos na ger= | ra, andaõ sempre nella exerçitados. E saõ mui inclinados a pellejar E muj || 32v. vallentes E esforçados contra seus aduersa= | rios, e assý pareçe cousa estranha ver dous | tres mil homẽs nus dũa parte e doutra cõ | grandes assubios e gritta frechando hũs | aos outros, E enquanto dura esta pelleja | nũca estaõ com os corpos quedos meneã= | do se duã parte pera outra com muita | ligeireza pera que naõ possaõ apontar | nẽ fazer tiro em pessoa certa alguãs | velhas custumão apanhar lhes as fre= | chas pello chaõ e seruillos emquanto | pellejaõ. Gente he esta mui atreui= | da E que teme muito pouco a morte, E | quando vaõ a gerra sempre lhes pareçe | que tem çerta a victoria e que nenhũ | de sua companhia ha de morrer, E quãdo || 33r. partem dizem vamos matar sem mais consi= | deraçaõ E naõ cuidaõ que taõbem podem ser | vençidos. Naõ dão vida a nenhũ Catiuo | todos mataõ e comẽ, emfim que suas gerras | saõ mui perigosas, E deuẽ se ter em muita | conta porque huã das cousas que desbara= | tou muitos portugeses foi a pouca estima | em q*ue* tinhaõ a gerra dos indios E o pouco | caso que faziaõ delles E assý morrerão m*ui*tos | miserauelmente por naõ se aperçeberẽ | como comuinha, destes ouue muitas mor= | tes desestradas: E isto acontece cada paço | nestas partes. | Quando estes indios tomaõ algũs contrarios | se llogo com aquelle impito os naõ mataõ | leuaõ nos viuos pera suas aldeas (ou || 33v. seiaõ portugeses ou quais quer outros indios | seus imigos) E tanto que chegaõ a suas ca= | sas lançaõ huã corda muj grossa ao pes= | coço do catiuo pera que naõ possa fogir, | E armaõ lhe huã Rede em que durma E daõ | lhe huã india moça a mais fermosa E | honrrada que ha naldea pera q*ue* durma | com elle, E tambem tenha cuidado de | o guardar, E naõ vaj pera parte que | naõ no acompanhe. Esta india tem cargo | de lhe dar muito bem de comer e beber, E depois de o terẽ desta maneira sinco ou | seis meses ou o tempo que querẽ determi= | naõ de o matar, E fazem grandes seri= | monias e festas aquelles dias E apare= | lhaõ muitos vinhos pera se embebeda= || 34r. rem E fazem nos da Raiz duã herua q*ue* se | chama aipim, a qual fervẽ primeiro E | depois de cozida mastigaõ na huãs moças | virgens, E espremem na nũs potes grã= | des E dalli a tres ou quatro dias o bebem. E | o dia que haõ de matar este catiuo pella | manhaã se alguã Ribeira está junto | daldea leuão no a banhar nella com grã= | des cantares e follias, e tanto q*ue* chegam | com elle a aldea, attam no pella cinta com | quatro cordas cada huã pera sua parte | E tres quatro indios pegados em cada ponta | destas e assi o leuão ao meýo dũ terreiro | e tiraõ tanto por estas cordas que não se | possa bollir pera huã parte nẽ pera ou= | tra, as maõs lhe deixaõ soltas porque || 34v. folgam de o ver deffender com ellas. Aquelle | que o ha de matar empena se primeiro | com penas de papagayo de muitas coores | por todo corpo: ha de ser este matador | o mais vallente da terra E o mais honra= | do.

Traz na maõ huã espada dũ pao | mui duro E pezado com que Custumaõ | de matar, E chega se ao padeçẽte dizẽdo | lhe muitas cousas e ameaçando lhe sua | geração que o mesmo ha de fazer a se= | us parentes, e de pois de o ter afronta= | do com muitas pallauras injuriosas | da lhe huã grãm pancada na cabeça | E logo da primeira o mata E lha faz, ẽ | pedaços. Está huã
105 india velha cõ | hũ cabaço na mão, E assi como elle || 35r. cae acode muito depressa com elle a me= | ter lho na cabeça pera tomar os meollos | e o sange: tudo emfim cozem e assaõ. E | naõ fica delle cousa qua naõ comaõ. Isto | he mais por vingança E por odio que | por se fartarẽ. Depois que comẽ a carne | destes contrarios ficam nos odios confirma= | dos, e sentem muito esta injuria, E por | isso andaõ sempre a vingar se hũs con= | tra os outros. E se a moça
110 que dormia | com o catiuo fica prenhe aquella crian= | ça que pare de pois de criada, mataõ | na e comẽ na E dizem que aquella me= | nina ou menino era seu contrario | verdadeiro, E por isso estimaõ muito | comer lhe a carne e vingar se delle. E || 35v. porque a mãý sabe o fim que haõ de dar | a esta criança, muitas vezes quando se | sente prenhe mataa dentro da barriga, | E faz con que moua. E aconteçe alguãs | vezes affeiçoar se tanto deste catiuo E | tomar lhe tanto
115 amor que foge com | elle pera sua terra pello liurar da | morte, E assý algũs portugeses ha que | desta maneira escaparão e estaõ oje ẽ| dia viuos, E muitos indios que do mes= | mo modo se saluaraõ, ainda que saõ | algũs taõ brutos que naõ querem fogir | depois de os terem presos: por que ouue | algũ que estaua ja no terrejro atado | para pedeçer E dauaõ lhe a vida e naõ | quis senão que o matassem, dizendo que || 36r. seus parentes o naõ terião por vallente | E que
120 todos correrião com elle E daqui vem. naõ estimarẽ a morte, E quando chega a= | quella ora naõ na terem em conta nẽ | mostrarẽ nenhuã tristeza naquelle passo. | Finalmente q*ue* saõ estes indios mui des= | humanos E crueis, naõ se mouẽ a nenhuã | piedade: viuem como brutos animais sẽ | ordem nẽ conçerto de homẽs saõ mui des= | onestos e dados a sensuallidade e entregã | se aos viços como se nelles naõ ouuera | Rezaõ de humanos, ainda que todauia |
125 sempre tem Resguardo os machos e as | femeas em seu ajuntamento e mostrã | ter nisto alguã vergonha. Todos comẽ | carne humana E tem na pella milhor || 36v. iguoaria de quantas pode auer: naõ de | seus amigos com quem elles tem paz | senaõ dos contrarios. Tem esta callida= | de estes indios que de qualquer cousa | que comaõ por pequena que seja haõ | de conuidar com ella quantas esteuerẽ | presentes, só esta proximidade se acha | antrelles. Comẽ de quantos
130 bichos se cri= | aõ na terra, outro nenhũ engeitaõ por | pessonhento que seja somente aranha. | Tem estes indios machos por custume arrã= | carem toda barba e naõ consentẽ nenhũ | cabello em parte alguã de seu corpo, sal= | uo na cabeça, ainda que orredor della | por baixo tudo arrancaõ. As femeas || 37r. prezaõ se muito de seus cabellos e trazem | nos muito compridos e penteados e as | mais dellas emnastrados. Os machos custu= | maõ trazerẽ o beiço furado e

huã pe= | dra no buraco metida por gallantaria | outros ha que trazem o Rosto todo cheo | de buracos e assý pareçẽ mui feos e | disformes: isto lhes fazem quando saõ | meninos. Tambem algũs indios andão | pintados por todo corpo, pello qual fazẽ | hũs Riscos de muitas maneiras E poẽ | lhes huã çerta tinta e ficam sempre | os mesmos Riscos escritos na carne: isto | naõ traz se naõ quẽ tem feito alguã va= | lentia. E assi tambem machos como | femeas custumaõ a tingir se cõ o sumo || 37v. duã fruita que se chama genipapo que he | verde quando se piza E depois que o poẽ | no corpo e se inxuga fica mui negro | E por muito que se laue naõ se tira | se naõ aos noue dias, isto tudo fazẽ | por gallantaria. | Estas indias guardaõ castidade a seus | maridos E saõ muito suas amigas por= | que tambem elles sofrem mal adulterios. | Casaõ os mais delles com suas sobrinhas | filhas de seus irmãos ou irmãas, estas | saõ suas molheres verdadeiras e não | lhas podem negar seus pais. | Algũas indias se achã nestas partes q*ue* | juraõ E prometem castidade, e assý | naõ casaõ nẽ conheçẽ homẽ algum || 38r. de nenhuã callidade, nẽ no consentirão | ainda que por isso as matem. Estas dei= | xaõ todo o exerçiçio de molheres E immi= | ttaõ os homẽs e segem seus offiçios como | se naõ fossem molheres, E cortaõ seus cabellos | da mesma maneira que os machos trazem | e vaõ a gerra com seu arco e frechas, e | a caça: enfim que andaõ sempre na | companhia dos homẽs, e cada hũa tem | molher que a serue e que lhe faz de | comer como se fossẽ casados. | Estes indios viuem mui descansados, não | tem cuidado de cousa alguã senão | de comer e beber e matar gente E por= | isso saõ mui gordos em estremo. E assý | tambem com quer desgosto amagreçẽ || 38v. muito, E como se agastaõ de qualquer cou= | sa comẽ terra e desta maneira morrẽ | muitos delles bestialmente. Todos segẽ | muito o conselho das velhas, tudo o | que ellas lhe dizem fazem e tẽ no por | mui çerto, daqui vem a muitos mora= | dores naõ comprarẽ nenhũas por lhes | naõ fazerẽ fogir seus escrauos. | Quando estas indias parem a primeira | cousa que fazem de pois do parto lauaõ se | todas nũ Ribeiro E ficam tambem despos= | tas como se não pariraõ, em lugar del= | las se deitaõ seus maridos nas Redes, | E assý os vesitaõ e curaõ como se elles | fossem as paridas. | Quando algũ destes indios morre cus = || 39r. tumão enterrallo nuã coua assentado sobre | os pees com sua Rede as costas em que elle | dormia, e logo pellos primeiros dias poem | lhe de comer em cima da couá. Outras | muitas bestiallidades vsaõ estes indios | que aqui não escreuo porque minha ten= | çaõ foi naõ ser comprido, E passar por | tudo isto com breuidade. |

Dos Resgates. |

Estes indios naõ possuẽ nenhuã fazenda, | nẽ procuraõ acquerilla como os outros ho= | mẽs, somente cobiçaõ muito algũas cousas | que vaõ deste Reino *a saber* camisas, pellotes, | ferramẽtas e outras cousas que elles tem | em muita estima e desejaõ muito alcã= | çar dos

portugeses. A troco disto se vẽ= | diaõ || 39v. hũs aos outros, e os portugeses Resgatauão
170 m*ui*tos | delles e salteauaõ quantos querião sem | ningem lhes ir a maõ, mas já gora não | ha
isto na terra nẽ Resgates como seýa, | porque de pois que os padres da compa= | nhia vieraõ
aestas partes proueraõ | neste negoçio e vedarão muitos saltos | que faziaõ os portugeses por
esta Costa | os quais emcarregauão muito suas consçi= | ençias com catiuarẽ muitos indios
cõtra | direito e mouerẽ lhes gerras injustas: | E porisso ordenarão os padres e fezerã | com os
175 capitaẽs da terra que não ouuesse | mais resgates nẽ consentissẽ que fosse | nenhũ portuges a
suas aldeas sem | liçença do mesmo capitaõ. E quantos || 40r. escrauos agora vem nouamente
do sertão | ou das outras capitanias todos leuão primei= | ro a Alfandega e alli os examinaõ E
lhes | fazem preguntas quẽ os vendeo, ou como | forão Resgatados, porque ningem os pode |
vender senão seus pais ou aquelles que | em justa gerra os catiuão, E os que a= | chaõ mal
180 acqueridos poem nos em sua | liberdade, e desta maneira quantos indios | se compraõ saõ bem
Resgatados E os mora= | dores da terra naõ deixaõ porisso dir m*ui*to | auante com suas
fazendas. |

3.3.3 Transcrição referente à *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* (ms.3)

54r. Cap. ix. em que se dá noticia da gen= | te que ha nesta prouincia, da con= | diçaõ e costumes della, e de co= | mo se gouernaõ na paz |

Ia qui tratamos da terra, e das cousas qui | nella foraõ criadas pera o homem, Razaõ | parece
5 que demos aqui noticia dos natu= | raes della: a qual posto que naõ seja de todos em geral, | sera especialmenti daquelles qui habitaõ pela | costa, e em partes pelo sertaõ dentro muitas lego= | as com que temos comunicação. Os quaes ainda | que estejaõ diuisos, e aja entre elles diuersos nomes de nações, todauia na semelhança, con= | diçaõ, costumes, e Ritos gentilicos, todos são hũs, | E se nalguã <man*ei*ra> differem nesta parte, he tam pou= | co, que se naõ
10 pode fazer caso disso, nem particu= | larizar cousas semelhantes entre outras mais || 54v. notaueis que todos geralmenti seguem, como logo | adianti direý. | Estes Indios, saõ de cor baça e cabello corredio: tẽ | o Rosto amassado, e alguãs feições delli á maneira | de Chins. Pela maýor parti saõ bem despostos, | rijos e de boa estatura: genti muy esforçada e q*ue* | estima pouco morrer, temeraria na guerra, e de | muito pouca consideração. Saõ
15 desagradecidos | em gram maneira, e muý dados á sensualidadi: | inclinados a pelejar, e vingatiuos por extremo. | Viuem todos muý descansados sem terem ou= | tros pensamentos, senaõ de comer, beber, e matar | genti: e por isso engordaõ muito. Mas com qual | quer desgosto pelo conseguinti tornaõ a emagrecer. | E muitas vezes pode nelles tanto a imaginação, | que se algum deseja a morti, ou alguem lhe me= | te em cabeça, que ha de
20 morrer tal dia ou tal | noiti, não passa daquelle termo que naõ morra. || 55r. São muý inconstantes e mudaueis: crem de ligei= | Ro tudo aquillo que lhes persuadem por difficultoso | e impossiuel que seja: e com qualquer dissuasão, fa= | cilmenti o tornão logo a negar. | A lingua de que vsão, toda pela costa he huã, ain= | da que em certos vocabulos differe nalguãs partes, | mas naõ de maneira que se deixem hũs aos outros de | entender: e isto ate altura de
25 27. graos, que dahi | por dianti, ha outra gentilidade de q*ue* nós não te= | mos tanta noticia, que falaõ ja outra lingua diffe= | renti. Esta de que trato que he geral pela costa, hi | muy branda, e a qualquer nação facil de tomar. Al= | gũs vocabulos ha nella de que naõ vsaõ senão as | femeas, e outros que não seruem senão pera os | machos. Carece ~~se~~ de tres letras, conuem a saber, não se acha nella f, nem l, nem R, cousa dig= | na d'espanto, por que assi não tem fee,
30 nẽ leý, nem Reý: e desta maneira viuem desordena= || 55v. menti, sem terem alem disto conta, nem peso, | nem medida. | Naõ adorão a cousa alguã, nem tem pera sý qui ha | depois da morti gloria pera os bõs e pena pera os | maos: e o que sentem da immortalidadi da alma, | naõ he mais que terem pera sý que seus diffuntos andã | na outra vida feridos , despedaçados, ou de qualquer | maneira que acabaram nesta. E quando algum | morri, costumão enterralo em huã

coua assentado | sobre os pees com sua Rede ás costas que em vida | lhi seruia de cama. E logo pelos primeiros | dias, poem lhe seus parentes de comer em cima da | coua, e tambem alguns lho costumão a meter den= | tro quando o enterrão, e totalmenti cuidaõ qui | come, e que Repousa na Redi que tem consigo | na mesma coua. | Esta genti naõ tem etre sý nenhũ Reý, nem ou= | tro gouerno de justiça, senão hum principal || 56r. em cada aldea, que he como capitaõ, ao qual obedecem por vontadi e naõ por força. Quando esti mor= | ri fica seu filho no mesmo lugar, e naõ serue dou= | tra cousa senão d'ir com elles á guerra, e aconselha= | los como se hão d'auer na peleja: mas não castiga se= | us erros nem manda sobre elles cousa alguã contra | suas vontades. E assi a guerra que agora tem | hũs contra os outros, naõ se leuantou na terra por | serem differentes em leis nem em costumes nem por | cobiça alguã de interessi: mas por que antiguameti | se algum acertaua de matar o outro (como elles sejaõ | vingatiuos e viuão como digo absolutameti sem | terem puperior algum a que obedeçaõ nem temão) | os parentes do morto, se conjurauaõ contra o ma= | tador e sua geração, e se perseguião com tam mor= | tal odio hũs aos outros, que daqui naceo diuidirẽ= | se em diuersos bandos, e ficarem immigos perpetuamenti da maneira que agora estaõ. E porq*ue* || 56v. estás dissensões não fossem <tanto> por dianti, deter= | minaram a talhar a isto, vsando do Remedio se= | guinti pera por esta via se poderem melhor cõ= | seruar na paz e fazerem mais fortes contra se= | us immigos. E he qui quando o tal caso aconte= | ce de hum matar a outro, os mesmos parentes | do matador, fazem justiça delle, e logo ali á vi= | sta de todos o affogam. E com isto os da parti | do morto ficão satisfeitos, e hũs e outros perma= | necem em suas amizades como dantes. Porem | como esta leý seja voluntaria, e executada sẽ | Rigor nem obrigaçaõ de justiça alguã, naõ que= | rem <ainda> algũs estar por ella, e daqui vem logo pelo | mesmo caso, <a> diuidirensi e leuantarense de | parti a parte hũs contra os outros como ja disse: | ainda que isto acontece já Raramente, porq*ue* | os mais delles por euitar estas differenças, vsaõ | desta leý qui digo. || 57r. As pouoaçoẽs destes Indios saõ aldeas, e cada huã | dellas tem seti oito casas: as quaes saõ compridas | feitas á maneira de cordoarias ou tarracenas, fa= | bricadas sómenti de madeira, e cubertas cõ pal= | ma ou com outras heruas do mato semelhantes. | Estaõ todas cheas de genti de huã parti e doutra, | e cada hum por sý tem sua estancia e sua redi | armada em qui dormi: e assi estaõ hũs junto dos | outros per ordem, e pelo meyo da casa fica hum | caminho aberto por ondi todos se seruem como | dormitorio ou coxia de galee. Em cada casa | destas, viuem todos muito conformes, sem auer | nunqua entre elles nenhuãs differenças. Antes | saõ tam amigos hũs dos outros, que o que hi | de hum, he de todos, e sempre de qualquer cou= | sa que hum coma por pequena que seja, to= | dos os circunstantes haõ de participar della. | E Quando alguem os vay visitar a suas || 57v. aldeas,

depois que se assenta, costumaõ chegarẽse | a elli alguãs moças escabelladas, e Recebẽ no |
70 com grandi pranto, derramando muitas lagri= | mas, preguntandolhi (se he seu natural) ondi |
andou, que trabalhos foram os que passou depo= | is que dahi se foy: trazendolhe a memoria
mui= | tos desastres que lhi poderam acontecer: bus= | cando enfim pera isto, as mais tristes e
senti= | das palauras que podem achar pera prouoca= | rem achoro. E se he Portugues; maldi=
| zem a pouca dita de seus diffuntos, pois forão | tam mal afortunados, que naõ alcançaram ver
75 genti tam valerosa e luzida como saõ os Por= | tugueses, de cuja terra todas as boas cousas
lhes | vém nomeando alguãs que elles tem em muita | estima. E este Recebimento que digo, |
he tam vsado entre elles, que nunqua ou de= | maravilha, deixaõ de o fazer, saluo quando ||
58r. Reinão alguã malicia contra os que os vaõ vi= | sitar, e lhes querem fazer alguã treiçaõ. |
As inuençoẽs e galantarias de que vsão, são | trazerem algũs o beiço de baixo furado, e huã
80 pe= | dra comprida metida no buraco. Outros ha q*ue* | trazem o Rosto todo cheo de buracos e
de pedras, | e assi parecem muý feos e disformes: e isto lhes | fazem em quanto saõ meninos.
Tambem costu= | mão todos arrancarem a barba, e naõ consenti= | rem nenhum cabello em
parte alguã de seu | corpo; saluo na cabeça, ainda que orredor del= | la por baixo tudo
arrancão. As femeas prezão= | se muito de seus cabellos, e trazem nos muý | limpos e
85 penteados, e as mais dellas ennastrados. | E assi tambem machos como femeas, costumão |
tingirse alguãs vezes com o çumo de hum pomo | a que chamão Genipapo, que he verdi
quando | se pisa, e de pois que o poem no corpo e se enxuga, || 58v. fica muý negro, e por
muito que se laui, não se tira | senão aos noue dias. | As molheres com que costumão casar,
saõ suas | sobrinhas filhas de seus jrmãos, ou jrmaãs: estas | tem por legitimas e verdadeiras
90 molheres, e | naõ lhas podem negar seus paýs, nem outra | pessoa algũa pode casar com ellas,
senaõ os tios. | Naõ fazem nenhuãs cerimonias em seus ca= | samentos, nem vsão de mais
neste acto, qui de | leuar cada hum sua molher pera sý como che= | ga a huã certa idade por
que esperaõ: qui será | pouco mais ou menos entaõ de quatorze ou quinze | annos. Algũs
delles, tem tres quatro molheres, | a primeira tem em muita estima, e fazem | della mais caso
95 que das outras. E isto pe= | la mór parti se acha nos principaes, qui o tẽ | por estado e por
honra, e prezaõ se muito de se | differençarem nisto dos outros. || 59r. Alguãs Indias ha
tambem entre elles, que de= | terminão de ser castas, as quaes naõ conhecem ho= | mem
algum de nenhuã qualidade nem o consen= | tirám ainda que por isso as matem. Estas Indi= |
as deixão todo o exercicio de molheres, e imittão | aos homẽs e seguem seus officios como se
100 não fossẽ | femeas. Trazem os cabellos cortados da mesma | maneira que os machos, e vaõ a
guerra com se= | us arcos e frechas e á caça perseuerando sẽ= | pre na companhia dos homẽs:
e cada huã tem mo= | lher que a serui com qui diz que he casada, | e assi se comunicão e

conuersaõ como marido | e molher. | Todas as outras quando parem, a primeira | cousa que fazem depois do parto, lauaõ se todas | em huã Ribeira, e ficam tam bem despostas | como se não pariram. Em lugar dellas se | deitaõ seus maridos nas Redes, e assi os visitaõ || 59v. e curaõ, como se elles fossem as mesmas paridas. | E isto nace de ellas terem em muita conta a seus | maridos; e desejarem em extremo depois qui | parem delles de em tudo lhes comprazer. | Todos crião seus filhos viciosamenti sem nenhũa | maneira de castigo, e mamão ate idadi de seti oito | annos, se as maỹs té então não acertaõ de parir | outros que os tirem das vezes. Naõ ha entre elles | nenhũas boas artes a que sedem, nem se occupaõ | noutro exercicio, senão em grangear com seus | paýs o que haõ de comer: debaixo de cujo emparo | estaõ agasalhados, ate que cada hum por sý, hi | capaz de buscar sua vida, sem mais esperarẽ | heranças delles nem legitimas de que enriqueção. | Só mente lhes pagão com aquella criação em qui | a natureza foy vniuersal a todos os outros animaes, | que participaõ de Razaõ. Mas avida que | buscaõ, e grangearia de que todos viuem, hi || 60r. á custa de pouco trabalho, e muito mais descansa= | da que a nossa: porque naõ possuem nenhuã fazẽ= | da, nem procuram acquirila como os outros ho= | mens. E assi viuem liures de toda cobiça e de= | sejo desordenado de Riquezas, de que as outras | naçoẽs não carecem: e tanto, que ouro nem prata | nem pedras preciosas, tem entre elles nenhũa va= | lia, nem pera seu vso tem necessidadi de nenhuã | cousa destas, nem doutras semelhantes. Todos andaõ | nús e descalços assi machos como femeas, e não | cobrem parti alguã de seu corpo. As camas em q*ue* | dormem, saõ huãs Redes de fio d'algodaõ, que as | Indias tecem em hum tear feito á sua arti: as qua= | es tem noui dez palmos de comprido, e apanhã= | nas em hũs cordeis que lhe Rematão nos cabos. | em qui lhes fazem huãs aselhas de cada banda por | ondi as penduraõ de huã parti e doutra: e assi | ficam dous palmos pouco mais ou menos suspẽ= || 60v. didas do chaõ, de maneira que lhe possão fazer fogo | debaixo pera se aquentarem de noiti ou quando lhes | for necessario. Os mantimentos que plantaõ em | suas Roças com que se sustentaõ, são aquelles | de que atras fiz menção, conuem a saber, man= | dioca e milho zaburro. Alem disto, ajudansi | da carni de muitos animaes, que matão, assi com | frechas, como por industria de seus laços e fojos | onde costumão caçar a maýor parti delles. Tam= | bem se sustentaõ do muito marisco, e peixes q*ue* | vaõ pescar pela costa em jangadas, que são hũs | tres ou quatro paos pegados nos outros, e juntos | de modo, que ficaõ á maneira dos dedos de huã | mão estendida: sobre os quaes podem ir duas | ou tres pessoas, ou mais se mais forem os paos, | porque saõ muý leues, e soffrem muito peso ẽ | cima d'agoa. Tem quatorze ou quinze palmos | de comprido, e de grossura orredor, occuparão || 61r. dous pouco mais ou menos. | Desta maneira viuem todos estes Indios sem | mais terem outras fazendas entre sý, nem gran= | gearias em que se

desuelem: nem tam pouco e= | stados nem opinioens de honra, nem pompas | pera que as ajaõ mister: porque todos, como di= | go, são iguaes, e em tudo tam conformes nas con= | diçoẽs, que ainda nesta parti viuem justamẽ= | ti e conformi a leý de natureza. |

Cap. x. das guerras que tem | hũs contra os outros, e a ma= | neira de como se haõ nellas |

Estes Indios, tem sempre grandes guer= | ras hũs contra os outros: e assi nunqua | se acha nelles paz, nem sera possiuel | (segundo saõ vingatiuos e odiosos) vedarense etre | elles estas discordias por outra nenhuã via, se | não for por meýos da doctrina Christaã, com q*ue* | os Padres da companhia pouco a pouco os vam | amansando, como adiante direý. As armas cõ | que pelejaõ, saõ arcos e frechas: nas quaes andaõ | tam exercitados, que de marauilha errão a cousa | que apontem por difficil que seja d'acertar. E | no dispidir dellas saõ muý ligeiros em extremo: | e sobre tudo muý arriscados nos perigos, e atre= || 62r. uidos em gram maneira contra seus aduersarios. | Quando vaõ á guerra, sempre lhes pareci que tẽ | certa a victoria, e que nenhũ de sua companhia ha | de morrer: e assi em partindo, dizem vamos matar | sem mais outro discurso nem consideraçaõ, e naõ | cuidaõ que tambem podem ser vencidos. E so= | menti com esta sedi de vingança sem esperanças | de despojos, nem doutro algum interesse que a isso | os moua, vaõ muitas vezes a buscar seus im=| migos muý longe caminhando por serras, matos, | desertos, e caminhos muý asperos. Outros costu= | maõ jr por mar de huãs terras pera outras em | huãs embarcaçoẽs a que chamão canoas quando que= | rem fazer algũs saltos ao longo da costa. Estas ca= | noas saõ feitas á maneira de lançadeiras de tear | de hum só pao; em cada huã das quaes, vão vĩ= | te trinta Remeiros. Alem destas ha outras, qui | saõ da casca de hum pao do mesmo tamanho, qui || 62v. se accomodaõ muito ás ondas, e saõ muý ligeiras, | ainda que menos seguras: porque se se alagaõ, vaõ= | se ao fundo: o que naõ as de pao, que de qualquer | maneira sempre andaõ em cima da agoa. E | quando acontece alagarse alguã, os mesmos In= | dios se lançaõ ao mar, e a sustentão, ate que a | acabam d'esgotar e outra vez se embarcão nel= | la, e tornaõ a fazer sua viagem. | Todos em seus combates, saõ muý determinados, | e pelejaõ muý animosamenti sem nenhuãs ar= | mas defensiuas: e assi parece cousa estranha, | ver dous tres mil homẽs nús de parti a parti fre= | char hũs aos outros com grandes assuuios e grita, | meneandose todos com muita ligeireza de huã | parti pera outra pera que naõ possaõ os imigos | apontar nem fazer tiro em pessoa certa. Porẽ | pelejaõ desordenadamenti, e desmandaõ se | muito hũs e outros em semelhantes brigas, porq*ue* || 63r. não tem capitão que os gouerni, nem outros offici= | aes da guerra a que ajaõ de obedecer nos taes tẽ= | pos. Mas ainda que desta ordenança careçaõ, to= | dauia per outra parti dão se a

grande manha em | seus cometimentos, e saõ muý cautos no escolher | do tempo em que haõ de fazer seus assaltos nas | aldeas dos immigos: sobre os quaes costumaõ dar | de noiti a horas que os achem mais descuidados. | E quando aconteci não poderem logo entra= | los por alguã cerca de madeira lhes ser impedi= | mento que elles tem orredor da aldea pera sua | defensão, fazem outra semelhanti algum tanto | separada da mesma aldea: e assi a vaõ chegan= | do cada noiti dez doze passos, ate que hũ dia | amanhece pegada com a dos contrarios, ondi muitas | vezes se acham tam vezinhos, que vem a quebrar | as cabeças com paos que arremessão hũs aos ou= | tros. Mas pela mór parti, os que estaõ na || 63v. Aldea, ficaõ melhorados da peleja, e as mais das | vezes se tornaõ os cometedores desbaratados pera | suas terras sem conseguirem victoria nem triũ= | pharem de seus immigos como pretendiaõ. E isto | assi por não terem armas defensiuas nem outros | aperceuimentos necessarios pera se interterem | nos cercos e fortificarem contra seus immigos, como | tambem por seguirem muito agouros, e qualquer | cousa que se lhes antolha, ser bastanti a Retira= | los de seu intento. E tam incõstantes e pu= | silanimes saõ nesta parti, que muitas vezes | com partirem de suas terras muý determina= | dos e desejosos de exercitarem sua cruelda= | de, se acontece encontar huã certa aui, ou qual= | quer outro animal que elles tenhão por Ruým pro= | nostico, não vaõ mais por dianti com sua de= | terminação, e dali consultaõ tornarẽse outra | vez, sem auer algum da companhia, que seja || 64r. contra este parecer. Assi que com qualquer abu= | saõ destas, a todo tempo se abalaõ muý facilmeti, | ainda que estejaõ muy perto de alcançar victoria: | porqui ja aconteceo, terem huã aldea quase Ren= | dida, e por hũ papagaýo que auia nella, fa= | lar huãs certas palauras que lhes elles tinhaõ en= | sinado, leuantaram o cerquo e fogiraõ todos, | sem esperarem o bom sucesso, que o tempo lhes | prometia, crendo sem duuida que se o assi não | fezeram, morréram todos a maõs de seus im= | migos. Mas afóra esta pusilanimidade a= | que estaõ sogeitos, saõ muý atreuidos (como digo) | e tam confiados em sua valentia, que naõ ha | forças de contrarios tam poderosas, que os assõ= | brem, nem que os faça desuiar de suas barbaras | e vingatiuas tençoẽs. A este proposito con= | tareý algũs casos notaueis que aconteceram en= | tre elles, deixando outros muitos a parti, de q*ue* eu || 64v. pudera fazer hũ grande volume, se minha tençaõ | fora escreuelos em particular como cada hũ dos | seguintes. | Na capitania de Sam Vicenti, sendo capitaõ Iorge Ferreira, aconteceo darem os contrarios em | huã aldea, que estaua naõ muý longe dos Portu= | gueses: e neste assalto mataram hum filho do | principal da mesma aldea. E porque elli | era bem quisto e amado de todos, não auia pes= | soa nella que o naõ pranteasse, mostrando | com lagrimas e palauras magoadas, o sentim*en*to | de sua morti. Mas o paý, como corrido e af= | frontado, de naõ auer ainda neste caso tomado | vingança, pedio a todos com muita efficacia qui | se o amauão, dissimulassem a perda de seu

205 fi= | lho, e que per nenhuã via o quisessem chorar. | Passados tres ou quatro meses depois da morti do | filho, mandou aperceuer sua genti como conui= || 65r. nha, por lhe parecer aquelle tempo mais fauo= | rauel, e accomodado a seu proposito. O qui | todos logo poseram em effecto, e dali a poucos | dias, deram consigo na terra dos contrarios | (que seria distancia de tres jornadas pouco mais | ou menos) onde fizeram suas siladas junto da | aldea em parti que
210 mais podessem offender | a seus immigos. E tanto que anoiteceo, o mesmo principal se apartou da companhia cõ | dez ou doze frecheiros escolhidos de que elle | mais se confiaua: e com elles entrou na mes= | ma aldea dos immigos que o auião offendido: | e deixando os a parti, só sem outra pessoa | o seguir, começou de Rodear huã casa e outra | espreitando com muita cautella, de maneira | que naõ fosse sentido. E da pratica que elles | tinhaõ hũs com os
215 outros, veo aconhecer pela | noticia do nomi, qual era e onde estaua o q*ue* || 65v. auia morto seu filho: e pera se acabar de satis= | fazer, chegouse da banda de fora á sua estan= | cia, e como foý bem certificado delle ser aquel= | le, deixouse ali estar lançado em terra espe= | rando que se aquietasse a genti. E tanto q*ue* | vio horas accomodadas pera fazer a sua, Rom= | peo a palma muy mansamenti de qui a casa | estaua cuberta, e entrando foýse direito ao |
220 matador, ao qual cortou logo a cabeça em breui | espaço com hum cutéllo que pera isso leuaua. | Feito isso tomou a nas maõs e sahio se fora a | seu saluo. Os immigos que neste tempo acor= | dáram ao Reuoliço e estrondo do morto, co= | nhecendo serem contrarios, começáram de os | seguir. Mas como seus companheiros que elli | auia deixado em guarda estauão promptos: ao sair da casa, mataram muitos delles, e | assi se foram defendendo ate
225 chegaram ás si= || 66r. ladas, donde todos sahiram com grandi impitu cõ= | tra os que os seguiaõ, e ali mataram muitos mais. | E com esta victoria, se vieraõ Recolhendo pe= | ra sua terra com muito prazer e contentamento. | E o Principal que consigo trazia a cabeça do | immigo, chegando a sua aldea, a primeira cou= | sa que fez, foyse ao meyo do terreiro da mes= | ma aldea, e ali a fixou em hũ pao á vista de to= | dos, dizendo estas palauras. Agora
230 companhei= | ros e amigos meus, que eu tenho vingada a mor= | ti de meu filho, e trazida a cabeça do que o ma= | tou dianti vossos olhos, vos dou licença que o cho= | reis muito embora: que dantes com mais Razaõ | me podereis a mim chorar em quanto vos parecia, q*ue* | per algum descuido dilataua esta vingança, ou | que por ventura esquecido de tam grandi of= | fensa, ja não pretendia tomala, sendo eu a= | quelle aquem mais deuia tocar o sentimento de ||
235 66v. sua morti. Dali por dianti foy sempre esti | Principal muý temido, e ficou seu nomi affamado | por toda aquella terra. | Outro caso de naõ menos admiração, aconteceo ẽ= | tre Porto seguro e o Spiritu Sancto, naquellas | guerras onde matáram Fernam de Saa filho | de Men de Saa, que entaõ era gouernador geral | destas partes. E foy que tendo os Portugue= | ses

Rendida huã aldea com fauor de algũs | Indios nossos amigos que tinhaõ de sua parti, | chegaram a huã casa pera fazerem presa nos immigos, como ja tinhão feito em cada huã das | outras. Mas elles deliberados a morrer, nam | consentiram que nenhũ entrasse dentro: e os de | fora vendo sua determinação, e que por nenhũa | via se queriaõ entregar, dixeram lhes que se | logo a hora o naõ faziaõ, lhes auião de pór fogo | á casa sem nenhua Remissaõ. E vendo os || 67r. nossos que com elles naõ aproueitaua este desen= | gano: antes se punhaõ de dentro em determinação | de matar quantos podessem, lhes poserão fogo. E | estando assi a casa ardendo, o Principal delles vẽ= | do que ja naõ tinhaõ nenhum Remedio de salua= | çaõ nem de vingança, e que todos comecauaõ ja | de arder, Remeteo de dentro com grandi furia a | outro principal dos contrarios que passaua por di | fronti da porta da banda de fora, e de tal maneira | o abarcou, que sem se poder liurar de suas mãos | o meteo consigo em casa, e no mesmo instanti se | lançou com elli na fogueira, onde ardéram am= | bos com os mais que la estauaõ sem escapar | nenhum. Nesti mesmo tempo e lugar, deu | hũ Portugues hũa tam gram cutilada a hũ Indio, | que quasi o cortou pelo meýo: o qual caindo no | chão ja como morto, antes que acabasse de spirar, | lançou a maõ a huã palha que achou dianti de sý || 67v. e atirou com ella ao que o matára; como que se dis= | sera. Recebemi a vontadi que te naõ posso ma= | is fazer que isto que te faço em sinal de vin= | gança. Donde verdadeiramenti se podi | inferir, que outra nenhuã cousa os atormeta | mais na hora de sua morti, que a magoa q*ue* | leuaõ de se não poderem vingar de seus im= | migos. ||

68r. Cap. xi. da morte que daõ | aos captiuos e crueldades | que vsaõ cõ elles |

Huã das cousas em qui estes Indios mais | Repugnam o ser da natureza humana, | e em qui totalmenti pareci que se extre= | maõ dos outros homens, he nas grandes e excessi= | uas crueldades que executão em qualquer pessoa q*ue* | podem auer ás mãos como naõ seja de seu Rebanho. | Porque naõ tam sómenti lhe dão cruel mórti em | tempo que mais liures e desempedidos estaõ de toda | paixaõ, mas ainda depois disso por se acabarem di | satisfazer, lhe comem todos a carni, vsando nesta | parti de cruezas tam diabolicas, que ainda nellas | excedem aos brutos animaes, qui naõ tem vso | de Razão, nem foraõ nacidos pera obrar clemẽcia. || 68v. Primeiramenti quando tomaõ algum contrario, | se logo naquelli fraganti o naõ mataõ, leuaõ no | a suas terras pera que mais a seu sabor se possaõ | todos vingar delli. E tanto que a genti da al= | dea tem noticia que elles trazem o tal catiuo, da= | hi lhe vaõ fazendo hum caminho ate obra de meýa | legoa pouco mais ou menos, onde o esperam. Ao= | qual em chegando, Recebem todos com grandes | afrontas e vituperios, tangendo lhi huãs frautas | que

costumaõ fazer das canas das pernas doutros | contrarios semelhantes que mataõ da mesma | maneira. E como entraõ na aldea de pois di | assi andarem com elle triumphando de huã par= | te pera outra, lançaõ lhe ao pescoço huã corda di | algodão que pera isso tem feita, a qual he muý | grossa quanto naquella parti que o abrange, | e tecida ou enlaçada de maneira, que ninguẽ | a pode abrir nem cerrar, se naõ he o mesmo || 69r. offial que a faz. Esta corda tem duas pontas | compridas por ondi o attaõ de noiti pera naõ fu= | gir. Dali o metem nũa casa, e junto da | estancia daquelle que o catiuou lhe armão huã | Rede, e tanto que nella se lança, cessaõ todos os | agrauos sem auer mais pessoa que lhe faça ne= | nhuã offensa. E a primeira cousa que logo | lhe apresentaõ, he huã moça a mais honrada | que ha na aldea, aqual lhe dão por molher: e | dali por dianti, ella tem cargo de lhe dar de co= | mer e de o guardar, e assi naõ vai nũca pera par= | te q*ue* o naõ acompanhe. E depois de assi o terẽ | muý Regalado hum anno ou o tempo que querẽ, | determinaõ di o matar. E aquelles primeiros | dias antes de sua morti por festejarem a execu= | çaõ desta vingança, aparelhaõ muita louça | noua, e fazem muitos vinhos do çumo de huã | planta que se chama Aipim, de que atras fiz || 69v. mençaõ. Neste mesmo tempo lhe ordenaõ hũa | casa noua onde o metem: e o dia que ha de pa= | decer pela manhaã muito cedo antes que o sol | saýa, o tiram della, e com grandes cantares e | folias, o leuaõ a banhar a huã Ribeira. E tã= | to que o tornaõ a trazer, vaõ se com elli a hũ | terreiro que está no meyo d'aldea, e alli lhe | mudaõ aquella corda do pescoço á cinta, pas= | sandolhe huã ponta pera tras, outra pera | dianti, e em cada huã dellas pegados tres qua= | tro Indios: as mãos lhe deixaõ soltas, porqui | folgaõ de o ver defender com ellas. E alli | lhe chegaõ hũs pomos duros que tem entre sý | á maneira de laranjas, com que possa atirar | e offender a quem quiser. E aquelle qui | está deputado pera o matar, he hum dos ma= | is valentes e honrados da terra, aquem por | fauor e preminencia d'honra concedem esti || 70r. officio. O qual se empenna primeiro por todo o | corpo com pennas de papagayos, e de outras a= | ues de varias cores. E assi sae desta maneira | com hum Indio que lhe traz a espada sobre | hum alguidar: a qual he de hũ pao muy duro e | pesado, feita á maneira de huã maça, ainda qui | na ponta tem alguã semelhança de pá. E | chegando ao padecenti a toma nas mãos, e lha | passa por baixo das pernas E dos braços mene= | andoa de huã parti pera outra: feitas estas ce= | rimonias, afasta se delli, e começa de lhe fazer | hũa fala a modo de pregaçaõ: dizendo lhi qui | se mostre muý esforçado em defender sua pessoa | pera que o não deshonre nem digaõ que matou | hum homem fraco, affeminado, e de pouco animo, | e que se lembre q*ue* dos valentes, he morrerem da | quella maneira em maõs de seus immigos, e naõ | em suas Redes como molheres fracas q*ue* naõ || 70v. foraõ nacidas pera com suas mortes ganharem | semelhantes honras. E se o padecenti he ho= | mem animoso, e naõ está desmaýado na quelle | passo como

aconteci a algũs: Respondelhi cõ mui= | ta soberba e ousadia, que o mati muito embora por= | que o mesmo tem elle feito a muitos seus parentes e | amigos. Porem que lhe lembre que assi como to= | maõ de suas mortes vingança nelli, que assi | tambem os seus o haõ de vingar como valentes ho= | mens, e aueremse ainda com elle e com toda sua | geração daquella mesma maneira. Ditas estas | e outras palauras semelhantes que elles costu= | mão arrezoar nos taes tempos, Remete o matador | a elli com a espada leuantada nas mãos em po= | stura de o matar, e com ella o ameaça muitas ve= | zes, fingindo que lhe quer dar. O miserauel | padecenti que sobre si ve a cruel espada en= | tregue naquellas violentas e Rigurosas maõs do || 71r. capital immigo, com os olhos e sentidos promptos nel= | la, em vaõ se defendi quanto podi. E andando | assi nestes cometimentos, aconteci alguãs vezes, vi= | rem a braços, e o padecenti tratar mal ao matador | com a mesma espada: mas isto Rarameti, porq*ue* | acodem logo com muita presteza os circunstates | a liurallo de suas maõs. E tanto que o matador | vé tempo opportuno, tal pancada lhe dá na cabeça | que logo lha faz em pedaços. Está huã India | velha prestes com hum cabaço grande na mão, e | como elli cae, acode muito depressa a meter lho | na cabeça pera tomar nelle os meolos e o sangui. | E como desta maneira o acabaõ de matar, fazẽ= | no em pedaços, e cada Principal que entaõ ahi | se acha, leua seu quinhaõ pera conuidar a genti | de sua aldea. Tudo enfim assaõ e cozem, e | naõ fica delli cousa que naõ comã todos quantos ha | na terra: saluo aquelli que o matou não comi || 71v. delle nada, e alem disso se manda sarjar por | todo corpo, porque tem por certo q*ue* logo morrerá senã | derramar de sý aquelli sangui tanto que acaba di | fazer seu officio. Algum braço ou perna, ou outro | qualquer pedaço de carni, costumão assar no fumo, | e tello guardado algũs meses, pera depois quando | o quiserem comer, fazerem nouas festas, e com as | mesmas cerimonias tornarem a Renouar outra vez | o gosto desta vingança como no dia em que o ma= | taram. E depois que assi chegaõ a comer a carni | destes contrarios, ficam os odios confirmados per= | petua mente, porque sentem muito esta injuria, | e por isso andam sempre a vingarse hũs dos | outros como ja tenho dito. | E se a molher que foý do padecenti, acerta di | ficar prenhe, aquella criança que pare, depois | de criada, mataõ na e comem na, sem auer en= | tre elles pessoa alguã qui se compadeça de tam || 72r injusta morti. Antes seus próprios auós, aquem | mais deuia chegar esta magoa, saõ aquelles qui | com maýor gosto aajudam a comer, e dizem qui | como filho de seu paý, se vingam delli, tendo | pera sý que em tal caso naõ toma esta criatura | nada da maỹ, nem crem que aquella immi= | ga sementi pode ter mistura com seu sangui. | E por este Respeito lhe daõ esta molher | com que conuersi: porque na verdade saõ elles | taes, que naõ se aueriaõ de todo ainda por vingados | do paý, se no innocenti filho naõ executassẽ esta | crueldadi. Mas porque a maỹ sabe o fim que hão | de dar a esta criança, muitas vezes

quando se | senti prenhe, mataa dentro da barriga e faz cõ | que naõ venha a luz. Tambem acontece algũ= | as vezes affeiçoarse tanto ao marido ou catiuo, | que chega a fogir com elle pera sua terra polo | liurar da morti: e assi algũs Portugueses desta || 72v. maneira escapáram, que ainda oje em dia viuem. | Porem o que por esta via se naõ salua, ou por outra | manha occulta, sera cousa impossiuel | escapar de suas mãos com vida, porque naõ cos= | tumaõ dalla a nenhum catiuo, nem desistiraõ | da vingança que esperam tomar delli, por | nenhuã Riqueza do mundo quer seja macho, | quer femea. Saluo se o principal ou outro qual= | quer d'aldea, acerta de casar com alguã escraua | sua contraria (como muitas vezes aconteci) pelo | mesmo caso fica Libertada, e assentaõ em naõ | pretenderem vingança della por comprazerẽ | aquelle que a tomou por molher. Mas tanto que | morre de sua morte natural, por comprirem as | Leis de sua crueldade, auendo que ja nisso nã | offendem ao marido: costumaõ quebrarlhe a | cabeça, ainda que isto Raras vezes, por que | se tem filhos, naõ deixaõ chegar ninguem a || 73r. ella, e estaõ guardando seu corpo ate que o dem | á sepultura. | Outros Indios doutra naçaõ differenti se achaõ | nestas partes, ainda mais feroces e de menos | Razaõ que estes. Chamaõse Aimorés, os qua= | es andaõ por esta costa como salteadores, e ha= | bitaõ da capitania dos Ilheos ate ade Porto se= | guro: aondi vieram ter do sertaõ no anno di | 1555. pouco mais ou menos. A causa de Re= | sidirem nesta parti mais que nas outras, hi | por serem aqui as terras mais accomodadas a seu | proposito: assi pelos grandes matos que tem on= | de sempre andaõ emboscados, como pela mui= | ta caça que ha nellas, que he o seu principal | mantimento de que se sustentão. Estes Ai= | morés, saõ mais aluos e de maýor estatura q*ue* | os outros Indios da terra, com a lingua dos qua= | es naõ tem a destes nenhuã semelhança nem || 73v. parentesco. Viuem todos entre os matos como | brutos animaes, sem terem pouoaçoẽs nem casas ẽ | que se Recolhaõ. Sam muý forçosos em extremo, | e trazem hũs arcos muy compridos e grossos con= | formes a suas forças, e as frechas da mesma ma= | neira. Estes Indios tem feito muito damno | nestas capitanias depois que decéram aesta costa, | e mortos algũs Portugueses e escrauos: por que saõ | muý barbaros e toda a genti da terra lhes he | odiosa. Naõ pelejaõ em campo nem tem ani= | mo pera isso: poem se entre o mato junto d'algũ | caminho, e tanto que alguem passa, atiram lhe | ao coração ou a parti onde o matem, e naõ des= | pedem frecha que naõ na empreguem. As molhe= | res trazem hũs paos grossos á maneira de maças | com que os ajudaõ a matar alguãs pessoas quã= | do se offereci occasiaõ. Ategora naõ se póde a= | char nenhũ Remedio pera distruir esta per= || 74r. fida genti: porque tanto que vem tempo opportu= | no, fazem seus saltos, e logo se Recolhem ao | mato muý depressa, onde saõ tam ligeiros e | manhosos, que quando cuidamos que vaõ fo= | gindo ante quem os persegue, entaõ ficam atras | escondidos atirando aos que passaõ descuidados: | E

375 desta maneira mataõ muita genti. Pela qual ra= | zaõ todos quantos Portugueses e Indios ha na | terra os temem muito: e assi onde os ha nenhũ | morador vaý a sua fazenda por terra que naõ | leue comsigo quinze vinti escrauos de arcos e | frechas pera sua defensaõ. O mais do tempo | andaõ derramados per diuersas partes, E quãdo | se querem ajuntar, assuuiaõ como passaros ou | como bogios, de maneira que hũs aos outros se | entendem e conhecem. Naõ daõ vida huã
380 | só hora a ninguem, porque saõ muý Repenti= | nos e acelerados no tomar de suas vinganças: || 74v. e tanto qui muitas vezes estando a pessoa viua lhi | cortam a carni, e lha estam assando e comendo | á vista de seus olhos. Saõ finalmenti estes sel= | uagens tam asperos e crueis, que naõ se podi cõ | palauras encarecer sua dureza. Algũs delles | ouueram ja os Portugueses ás maõs: mas como | sejaõ tam brauos e de condiçaõ tam esquiua, | nunqua os podéram amansar
385 nem someter | a nenhuã seruidaõ como os outros Indios da | terra, que naõ recusão como estes a sogeiçaõ | do catiueiro. | Tambem ha hũs certos Indios junto do rio do | Maranham da banda de loesti em altura di | dous graos pouco mais ou menos, que se chamaõ | Tapuýas: os quaes dizem que saõ da mesma na= | çaõ destes Aimorés, ou pelo menos jrmãos ẽ | armas, porqui ainda que se encontrem, nam | offendem hũs aos outros. Estes Tapuýas não || 75r. comem a
390 carni de nenhũs contrarios, antes saõ | immigos capitaes daquelles que acostumaõ comer, | e perseguem nos com mortal odio. Porem pelo | contrario tem outro Rito m*ui*to mais feo e diabolico, con= | tra natureza, e digno de maýor espanto. E hi | que quando algum chega a estar doenti de maneira | que se desconfie de sua vida, seu paý ou maỹ, ir= | mãos ou irmãas, ou quaes quer outros parentes ma= | is chegados, o acabam de matar com suas proprias |
395 maõs, auendo que usão assi com elli de mais pie= | dadi, que consentirem que a morti o esteja senho= | reando e consumindo por termos tam vagarosos. | E o pior qui hi, que depois disto, o assaõ e cozẽ | e lhe comem toda a carne: e dizem que naõ haõ | de sofrer que cousa tam baixa e vil como he a ter= | ra lhes coma o corpo de quem elles tanto amam. | E que pois he seu parenti, e entre elles ha | tanta Razaõ de amor, que sepultura mais || 75v. honrada lhe podem
400 dar, que metello dentro em sy, e | agasalhalo pera sempre em suas entranhas. | E porqui meu intento principal, naõ foý tratar | aqui se naõ daquelles Indios que saõ geraes pela | costa com que os Portugueses tem comunicação, não | me quis mais deter em particularizar algũs Ritos | desta e doutras naçoẽs differentes que ha nesta pro= | uincia, por me parecer que seria temeridade | e falta de consideração, escreuer em historia tã | verdadeira, cousas em que por
405 ventura podia | auer falsas informaçoẽs pela pouca noticia q*ue* | ainda temos da mais gentilidade que habita | pela terra dentro. ||

3.3.4 Transcrição referente à *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil* (edição príncipe)

33r. Capit. 10. Do gentio que ha nesta prouincia, da | condiçam e costumes delle, e de como se | gouernam na paz. |

IA que tratamos da terra, e das cousas que | nella foram criadas pera o homem, razam | parece
5 que demos aqui noticia dos natura= | es della: a qual posto q*ue* nam seja de todos | em geral, sera especialmente daquelles q*ue* | habitam pela costa, e em partes pelo sertã dentro mui= | tas legoas com q*ue* temos cõmunicaçam. Os quaes ainda | que estejam diuisos, e aja entre elles diuersos nomes de | nações, todauia na semelhança, condiçam, costumes, | e ritos gentilicos todos sam hũs. E se nalguã maneira | differem nesta parte, he tam pouco, que se nam pode fa=
10 | zer caso disso, nem particularizar cousas semelhantes, en= | tre outras mais notaueis, que todos geralmente seguem | como logo a diante direy. | Estes Indios sam de cor baça e cabello corridio: tem o | rosto amassado e algũas feições delle á maneira de | Chins. Pela mayor parte sam bem dispostos, rijos e de | boa estatura: gente muy esforçada e que estima pouco | morrer, temeraria na guerra e de muito pouca conside= | raçam. Sam desagradecidos em gram
15 maneira, e muy | deshumanos e crueis, inclinados a pelejar, e vingatiuos | por extremo. Viuem todos muy descansados sem terẽ | outros pensamentos, senam de comer, beber, e matar || 33v. gẽte, e por isso engordão muito: mas com qualq*ue*r des= | gosto pelo cõseguinte tornam a emmangrecer. E mui= | tas vezes pode nelles tanto a imaginaçam, q*ue* se algũ dese= | ja a morte, ou alguẽ lhes mete em cabeça q*ue* ha de morrer | tal dia, ou tal noite, nam passa
20 daq*ue*lle termo q*ue* nã morra. | São muy inconstantes e mudaueis: crem de ligeiro tu= | do aquillo q*ue* lhes persuadem por difficultoso e impossi= | uel q*ue* seja, e cõ qualquer dissuasam facilmente o tornã logo a negar. Sam muy deshonestos e dados á sensua= | lidade, e assi se entregam aos vicios como se nelles nam | ouuera razam de homẽs: ainda q*ue* todauia em seu ajunta= | mento os machos com as femeas tem o deuido resguar= | do, e nisto mostram ter
25 algũa vergonha. | A lingoa de que vsam, toda pela costa he huã: ainda q*ue* | em certos vocabulos differe nalgũas partes: mas não de | maneira q*ue* se deixem hũs aos outros de entender: e isto | ate altura de vinte e sete graos, que dahi por diante, ha | outra gentilidade de que nós nam temos tanta noticia, | que falão ja outra lingua differente. Esta de q*ue* trato q*ue* he | gèral pela costa, he muy branda, e a qualq*ue*r naçam facil | de tomar. Algũs vocabulos ha
30 nella de q*ue* nam vsam se= | nam as femeas: e outros q*ue* nam seruem senam pera os | machos. Carece de tres letras, conuem a saber, não se a= | cha nella, f, nem, l, nẽ, R cousa digna despanto, porq*ue* assi | nam tem Fé, nem Ley, nem Rey: e desta maneira vi= | uem desordenamente sem terẽ alem disto conta, nẽ | peso, nem medido. Nam adoram a cousa algũa, nem tẽ || 34r. pera sy q*ue* ha depois da morte gloria pera os bõs, e pena | pera os maos E

35 o q*ue* sentẽ da immortalidade dalma não | he mais q*ue* terẽ pera si que seus diffuntos andam
na outra | vida feridos, despedaçados, ou de qualquer maneira q*ue* a= | cabáram nesta. E
q*ua*ndo algũ morre, costumão enterralo | em hũa coua assentado sobre os pés cõ sua rede ás
costas | q*ue* em vida lhe seruia de cama. E logo pelos primeiros di= | as poem lhe seus parẽtes
de comer ẽm cima da coua, e tam= | bẽ algũs lho costumã a meter dẽtro q*ua*ndo o enterrã, e
40 to= | talmẽte cuidã q*ue* comẽ, e dormẽ na rede q*ue* tẽ cõsigo na | mesma coua. Esta gẽte nam
tẽ entre si nhũ Rey nẽ ou= | tro genero de justiça, senã hũ principal ẽ cada aldea, q*ue* he |
como capitã, ao q*ua*l obedecẽ por võtade e nã por força. | Quãdo este morre fiqua seu filho no
mesmo lugar per successam, e nã serue doutra cousa senam de yr cõ elles | á guerra, e
acõselhalos como se hã de auer na peleja: mas | nã castiga seus erros, nẽ mãda sobre elles
45 cousa algũa cõ= | tra suas võtades. E assy a guerra q*ue* agora tẽ hũs cõtra ou= | tros, nã se
leuãtou na terra por serẽ differẽtes ẽ leis nẽ ẽ | costumes, nẽ por cobiça algũa de interesse: mas
porq*ue* an= | tiguamẽte se algũ acertaua de matar o outro, como ainda | agora algũas vezes
acõtece (como elles sejã vingatiuos e | viuã como digo absolutamẽte sem terẽ superior algũ a
q*ue* obedeçã nẽ temã) os parẽtes do morto se cõjurauã cõtra | o matador e sua geraçã e se
50 perseguiã cõ tã mortal odio | hũs a outros, q*ue* daqui veo diuidirẽse ẽ diuersos bãdos, e |
ficarem immigos da maneira q*ue* agora estã. E porq*ue* estas || 34v. dissensoẽs nam fossem
tanto por diante, determináram | atalhar a isto vsando do remedio seguinte, pera por esta | via
se poderẽ melhor cõseruar na paz e fazerem mais | fortes contra seus imigos. E he q*ue* quando
o tal caso acõ= | tece de hũ matar a outro, os mesmos parentes do mata= | dor fazẽ justiça
55 delle, e logo ali á vista de todos o afogam. | E cõ isto os da parte do morto ficam satisfeitos, e
hũs e | outros permanecẽ em suas amizades como dantes. Porẽ | como esta ley seja volũtaria e
executada sem rigor, nẽ | obrigaçam de justiça algũa, nam querẽ algũs estar por | ella, e daqui
vẽ logo pelo mesmo caso a diuidirense, e | leuãtarense de parte a parte hũs contra os outros
como | ja disse. | As pouoações destes Indios, sam aldeas: e cada hũa del= | las tem sete oito
60 casas, as quaes sam muy cõpridas, feitas | á maneira de cordoarias ou tarracenas, fabricadas
sómẽ= | te de madeira, e cubertas cõ palma ou cõ outras heruas | do mato semelhantes: estam
todas cheas de gẽte de hũa | parte e doutra, e cada hũ por si, tem sua estancia e sua | rede
armada em q*ue* dorme: e assi estam hũs jũtos dos ou= | tros per ordem, e pelo meyo da casa
fica hũ caminho a= | berto por onde todos se seruẽ como dormitorio, ou co= | xia de galé. Em
65 cada casa destas viuem todos muito cõ= | formes, sem auer nunqua entre elles nenhuãs
differẽças: | antes sam tam amigos hũs dos outros, q*ue* o q*ue* he de hũ he | de todos, e sempre
de qualq*ue*r cousa q*ue* hũ coma por pe= | quena q*ue* seja todolos circũstãtes haõ de participar
della. || 35r. Quando alguem os vay visitar a suas aldeas, depois q*ue* | se assenta, costumão

chegarense a elle algũas moças es= | cabelladas, e recebẽ no com grande pranto derramãdo |
70 muitas lagrimas, perguntandolhe (se he seu natural) on= | de andou, q*ue* trabalhos foram os
q*ue* passou depois q*ue* dahi | se foy: trazẽdolhe á memoria muitos desastres q*ue* lhe po= |
déram acontecer: buscando enfim pera isto as mais tri= | stes e sentidas palauras q*ue* podem
achar, pera prouocarẽ | a choro. E se he Portugues, maldizem a pouca dita de se= | us diffuntos
pois foram tam mal afortunados q*ue* nam al= | cançáram ver gẽte tam valerosa e luzida como
75 sam os | Portugueses, de cuja terra todas as boas cousas lhes vem | nomeando algũas q*ue* elles
tem em muita estima. E este | recebimento q*ue* digo he tam vsado entre elles, q*ue* nunqua | ou
de maravilha deixam de o fazer: saluo quando reinã | algũa malicia contra os que os vaõ
visitar, e lhes querẽ | fazer algũa treiçam. | As inuẽções e galãtarias de q*ue* vsam, sam
trazerem algũs o beiço de baixo furado, e hũa pedra cõprida metida | no buraco. Outros ha q*ue*
80 trazẽ o rosto todo cheo de bura= | cos e de pedras, e assi parecẽ muy feos e disformes: e | isto
lhes fazem em qu*an*to sam mininos. Tãbem costumã | todos arrancarem a barba, e nam
cõsentem nenhũ ca= | bello em parte algũa de seu corpo: saluo na cabeça, ain= | da q*ue*
orredor della por baixo tudo arrancam. As femeas | prezanse muito de seus cabellos, e trazem
nos muy cõ= | pridos, limpos e penteados, e as mais dellas ennastra= || 35v. dos. E assi tambẽ
85 machos como femeas costumão tingir= | se alguãs vezes cõ o sumo de hũ certo pomo q*ue* se
chama | Genipápo, q*ue* he verde q*ua*ndo se pisa, e depois q*ue* o poẽ no | corpo e se enxuga,
fica muy negro, e por muito q*ue* se la= | ue, nam se tira senam aos noue dias. | As molheres cõ
q*ue* costumã casar, sam suas sobrinhas fi= | lhas de seus irmãos, ou irmaãs: estas tem por
ligitimas e | verdadeiras molheres, e nã lhas podem negar seus pais, | nem outra pessoa algũa
90 pode casar cõ ellas, senã os tios. | Nam fazẽ nhũas cerimonias ẽ seus casamentos, nẽ vsão | de
mais neste acto, q*ue* de leuar cada hũ sua molher pera si | como chega a hũa certa idade
porq*ue* esperaõ, que seram en= | tam de q*ua*torze ou quinze annos pouco mais ou menos. |
Algũs delles tẽ tres quatro molheres, | a primeira tẽ ẽ mui= | ta estima e fazẽ della mais caso
q*ue* das outras. E isto pela | mór parte se acha nos principaes, que o tẽ por estado e por | honra,
95 e prezãse muito de se differẽçarẽ nisto dos outros. | Algũas Indias ha tãbem entre elles q*ue*
determinam de | ser castas: as q*ua*es nam conhecem homẽ algũ de nhuã qua= | lidade, nẽ o
consentiram ainda q*ue* por isso as matẽ. Estas | deixam todo o exercicio de molheres e imittam
os ho= | mẽs e seguẽ seus officios como se nam fossem femeas. | Trazẽ os cabellos cortados
da mesma maneira q*ue* os ma= | chos, e vã á guerra cõ seus arcos e frechas e á caça perse= |
100 uerando sempre na companhia dos homes, e cada hũa | tem molher q*ue* a serue com q*ue* diz
que he casada, e assi se | comunicam e conuersam como marido e molher. || 36r. Todas as
outras Indias q*ua*ndo parem, a primeira cousa q*ue* | fazem depois do parto, lauãse todas em

hũa ribeira, e fi= | cam tambem dispostas como se nam pariram, e o mes= | mo fazem á criança q*ue* parem. Em lugar dellas se deitão | seus maridos nas redes, e assi os visitã e curam
105 como se | elles fossem as mesmas paridas. | Isto nace de ellas terem | em muita conta os pais de seus filhos e desejarem em | estremo depois q*ue* parem delles de em tudo lhes cõprazer. | Todos criã seus filhos viciosamente sem nhũa manei= | ra de castigo, e mamão ate idade de sete oito ãnos, se as | mãis te entam nam acertam de parir outros q*ue* os tirẽ das | vezes. Nã ha entre elles nhũas boas artes a q*ue* se dẽ, nẽ se occupam noutro exercicio, senam em grangear
110 com se= | us pais o q*ue* ham de comer, debaixo de cujo emparo estam | agasalhados ate q*ue* cada hũ por si he capaz de buscar sua | vida sem mais esperarem herãças delles, nem legitimas | de q*ue* enriqueçam, sómente lhes pagam com aq*ue*lla cria= | çam em que a natureza foy vniuersal a todos os outros | animaes q*ue* nam participam de razam. Mas a vida q*ue* bus= | cam, e grangearia de q*ue* todos viuem, he á custa de pou= | co trabalho, e muito mais
115 descansada q*ue* a nossa: porque | nam possuem nhuã fazẽda, nem procuram acquirila co= | mo os outros homẽs, e assi viuem liures de toda cobiça | e desejo desordenado de riquezas, de que as outras na= | çoens nam carecem: e tanto, que ouro nem prata nem | pedras preciosas tem entre elles nenhũa vallia, nem | pera seu vso tem necessidade de nenhuã cousa destas || 36v. nem doutras semelhantes. Todos andam nús e descal= | ços, assi machos como femeas, e nã
120 cobrem parte algũa de seu corpo. As camas em q*ue* dormẽ, sam hũas redes de | fio dalgodam q*ue* as Indias tecem nũ tear feito á sua arte: | as q*ua*es tẽ noue dez palmos de cõprido, e apanhã nas cõ | hũs cordeis q*ue* lhe rematã nos cabos em q*ue* lhes fazẽ hũas | aselhas de cada banda por onde as pendurã de hũa par= | te e doutra, e assi ficam dous palmos, pouco mais ou | menos suspendidas do cham, de maneira q*ue* lhes possam | fazer fogo debaixo pera se
125 aquentarẽ de noite, ou quan= | do lhes for necessario. Os mantimentos q*ue* plantam em | suas roças cõ q*ue* se sustentam, sam aq*ue*lles de q*ue* atras fiz mẽ= | çam, conuem a saber, mandioca e milho zaburro. Alẽ disto ajudanse | da carne de muitos animaes q*ue* matam, assi cõ frechas co= | mo por industria de seus laços e fojos, onde costumão | caçar a mor parte delles. Tambẽ se sustentam do mui= | to marisco e peixes q*ue* vam pescar pela costa em
130 jãgadas, que sam hũs tres ou quatro paos pegados nos outros e jũ= | tos, de modo q*ue* ficam á maneira dos dedos de hũa mão | estendida, sobre os q*ua*es podem yr duas ou tres pessoas, ou | mais se mais forẽ os paos, porq*ue* sam muy leues e soffrẽ | muito peso encima dagoa. Tem quatorze, ou quinze | palmos de cõprimento, e de grossura orredor occupa= | rám dous pouco mais ou menos. Desta maneira viuem | todos estes Indios sem mais terem outras fazẽdas entre
135 | si, nem grangearias em q*ue* se desuellem: nem tam pouco | estados nem opiniões de honra, nem põpas pera q*ue* as a= | 37r. jam mister: porq*ue* todos (como digo) sam iguaes, e em | tudo

tam conformes nas condições, q*ue* ainda nesta parte | viuem justamente e conforme a ley de natureza. |

Capitu. 11. Das guerras que tem hũs com outros e | a maneira de como se hão nellas. |

EStes Indios tẽ sempre grandes guerras hũs | cõtra os outros e assi nũqua se acha nelles | paz, nem sera possiuel (segũdo sam vingati= | uos e odiosos) vedarense entre elles estas | discordias por outra nenhũa via, se nã for por meyos da | doctrina Christaã, cõ q*ue* os Padres da cõpanhia pouco a | pouco os vão amansando como adiãte direy. As armas | cõ q*ue* pelejam, sam arcos e frechas, nas q*ua*es andam tã exer= | citados q*ue* de marauilha erram a cousa q*ue* apõtem por diffi= | cil q*ue* seja dacertar. E no despidir dellas sam muy ligei= | ros em extremo, e sobre tudo muy arriscados nos peri= | gos e atreuidos ẽ gram maneira cõtra seus aduersarios. | Quando vã á guerra sempre lhes parece q*ue* tẽ certa a victo= | ria, e q*ue* nenhũ de sua cõpanhia ha de morrer, e assi em | partindo, dizem, vamos matar sem mais outro discurso | nẽ cõsideraçã: e nã cuidã q*ue* tambẽ podem ser vencidos. | E sómente cõ esta sede de vingança, sem esperanças de | despojos, nẽ doutro algũ interesse q*ue* a isso os moua, vaõ | muitas vezes buscar seus immigos muy lõge caminhan= | do por serras, matos, desertos e caminhos muy asperos. | Outros costumão yr por mar de hũas terras pera outras || 37v. em hũas embarcações a q*ue* chamão Canoas q*ua*ndo querẽ | fazer algũs saltos ao lõgo da costa. Estas Canoas sam fei= | tas á maneira de lançadeiras de tear de hũ só pao; em ca= | da hũa das quaes vam vinte trinta remeiros. Alem destas | ha outras, q*ue* sam da casca de hũ pao do mesmo tamanho, | q*ue* se accomodam muito ás ondas, e sam muy ligeiras, | ainda q*ue* menos seguras: porq*ue* se se alagã, vanse ao fundo | o q*ue* nam tem as de pao, q*ue* de qualquer maneira sempre | andam encima dagoa. E quando acõtece alagarse algũa | os mesmos Indios, se lançam ó mar, e a sustentam ate q*ue* | acabam desgotar, e outra vez se embarcam nella e tor= | nam a fazer sua viagem. | Todos em seus cõbates sam determinados, e pelejam | muy animosamẽte sem nhuãs armas defensiuas: e assi | parece cousa estranha ver dous tres mil homẽs nús de par= | te a parte frechar hũs aos outros cõ grandes suuios e gri= | ta, meneandose todos cõ grande ligeireza, de hũa par= | te pera outra, pera que nam possam os imigos apontar | nem fazer tiro em pessoa certa. Porem pelejam desorde= | nadamente, e desmandanse muito hũs e outros em se= | melhãtes brigas, porq*ue* nam tẽ capitam q*ue* os gouerne, nẽ | outros officiaes de guerra, a q*ue* ajam de obedecer nos taes | tẽpos. Mas ainda q*ue* desta ordenança careçam, toda uia por | outra parte, danse a grande manha em seus cometimen= | tos, e sam muy cautos no escolher do tempo em q*ue* hão | de fazer seus assaltos nas aldeas dos imigos: sobre os quaes | costumã

dar de noite a hora q*ue* os achem mais descuida= | dos. E q*ua*ndo acõtece nam poderem logo entralos por al= || 38r. gũa cerca de madeira lhes ser impedimẽto q*ue* elles tẽ orre= | dor daldea pera sua defensam, fazẽ outra semelhante al= | gũ tanto separada da mesma aldea: e assi a vã chegando | cada noite dez doze passos ate q*ue* hũ dia amanhece pega= | da cõ a dos
175 cõtrarios, onde muitas vezes se achã tam ve= | zinhos q*ue* vem a quebrar as cabeças, cõ paos q*ue* arremessã | hũs aos outros. Mas pela mór parte os q*ue* estam na aldea | ficão melhorados da peleja, e as mais das vezes se tornã | os cometedores desbaratados pera suas terras sem conse= | guirem victoria, nẽ triumpharem de seus imigos, como | pretẽdiam: e isto assi por nam terem armas defensiuas | nem outros apercebimentos necessarios pera se interte= | rem
180 nos cercos, e forticarem contra seus imigos, como | tambem por seguirẽ muito agouros, e qualquer cousa | que se lhes antolha ser bastante a retirallos de seu intẽto, e tam incõstãtes e pusilanimes sam nesta parte, q*ue* mui= | tas vezes cõ partirem de suas terras muy determinados: | e desejosos de exercitarem sua crueldade, se acontece en= | cõtrar hũa certa aue, ou q*ua*lquer outra cousa semelhãte q*ue* | elles tenhã por ruim pronostico, nã vã mais por
185 diãti cõ | sua determinaçã, e dali cõsultã tornarse outra vez sem | auer algũ da cõpanhia q*ue* seja cõtra este parecer. Assi q*ue* cõ | q*ua*lquer abusam destas a todo tẽpo se abalam muy facil= | mẽte, ainda q*ue* estejam muy perto de alcançar victoria: por | q*ue* ja acõteceo terẽ hũa aldea q*ua*se rẽdida, e p*or* hũ papagayo | q*ue* auia nella falar hũas certas palauras q*ue* lhe elles tinhã ẽsi= | nado, leuãtarã o cerco e fogirã sem esperarẽ o bõ sucesso || 38v. q*ue* o tẽpo lhes
190 prometia, crendo sem duuida q*ue* se assi o nam | fezeram, morréram todos a mãos de seus imigos. Mas | afora esta pusilanimidade a q*ue* estam sogeitos, sam muy | atreuidos (como digo) e tam cõfiados em sua valentia, | q*ue* nam ha forças de cõtrarios tam poderosas q*ue* os assom= | brem, nem q*ue* os façam desuiar de suas barbaras e vinga= | tiuas tenções. A este proposito cõtarey algũs casos no= | taueis q*ue* acontecéram entre elles, deixando outros mui= |
195 tos a parte, de q*ue* eu pudéra fazer hũ grãde volume, se mi= | nha tẽçam fora escreuellos em particular como cada hũ | dos seguintes. | Na capitania de S*am* Vicẽte sendo capitam Iorge Ferreira, | aconteceo darem os cõtrarios em hũa aldea q*ue* estaua nã | muy longe dos Portugueses, e neste assalto matarẽ hũ fi= | lho do Principal da mesma aldea. E porq*ue* elle era bẽ qui= | sto e amado de todos, nã auia pessoa nella q*ue* o nã pran= | teasse, mostrãdo cõ
200 lagrimas e palauras magoadas o sen= | timẽto de sua morte. Mas o pay como corrido e afrõnta= | do de nã auer ainda neste caso tomado vingãça, pedio a | todos cõ efficacia q*ue* se o amauã dissimulassẽ a perda de | seu filho, e q*ue* per nhuã via o quisessẽ chorar. Passados tres | ou q*ua*tro meses depois da morte do filho, mãdou aperce= | uer sua gente como conuinha, por lhe parecer aquelle | tempo mais fauorauel e accomodado a seu proposito: o que todos logo

poseram em effecto. E dali a poucos | dias derã consigo na terra dos cõtrarios (q*ue* seria distãcia | de tres jornadas pouco mais ou menos) onde fezerã suas || 39r. siladas junto da aldea em parte q*ue* mais podessem offen= | der a seus imigos: e tanto que anoiteceo, o mesmo Prin= | cipal se apartou da cõpanhia cõ dez ou doze frecheiros | escolhidos de q*ue* elle mais se confiaua, e cõ elles entrou | na mesma aldea dos imigos, que o auiam offendido: e | deixando os a parte, só sem outra pessoa o seguir, come= | çou de rodear hũa casa e outra espreitãdo cõ muita cau= | tella de maneira q*ue* nam fosse sentido: e da pratica q*ue* elles | tinham hũs com os outros veo a conhecer pela noticia | do nome qual era, e onde estaua o que auia morto seu | filho, e pera se acabar de satisfazer, chegouse da bãda de | fora a sua estãcia, e como foy bem certificado de elle ser | aq*ue*lle, deixouse ali estar lançado em terra esperando q*ue* se | aquietasse a gente. E tanto que vio horas acomodadas | pera fazer a sua, rõpeo a palma muy mansamente, de q*ue* | a casa estaua cuberta, e entrando foyse direito ao mata= | dor, ao qual cortou logo a cabeça em breue espaço com | hũ cutello que pera isso leuaua. Feito isso tomou a nas | mãos e sahiose fora a seu saluo. Os imigos q*ue* neste tem= | po acordáram ao reuoliço e estrondo do morto, conhe= | cendo serem contrarios, começáram de os seguir. Mas | como seus cõpanheiros que elle auia deixado em guar= | da estauam promptos, ao sair da casa matáram muitos | delles, e assi se foram defendendo ate chegaram as sila= | das, donde todos sairam com grande impetu contra os q*ue* | os seguiã, e ali matáram muitos mais. E cõ esta victoria | se vierã recolhendo pera sua terra cõ muito prazer e cõ= || 39v. tentamento. E o Principal que consigo trazia a cabeça | do imigo, chegãdo a sua aldea a primeira cousa q*ue* fez | foise ao meyo do terreiro da mesma aldea, e ali a fixou | nũ pao á vista de todos dizẽdo estas palauras. Agora cõ= | panheiros e amigos meus q*ue* eu tenho vingada a morte | de meu filho, e trazida a cabeça do que o matou diante | vossos olhos, vos dou licença que o choreis muito em= | bora: que dantes cõ mais razam me podereis a my cho= | rar, em quanto vos parecia que por algum descuido di= | lataua esta vingança, ou que por ventura esquecido de | tam grande offensa ja nam pretendia tomalla, sendo eu | aquelle a quem mais deuia tocar o sentimento de sua | morte. Dali por diante foy sempre este Principal muy | temido, e ficou seu nome affamado por toda aquella | terra. | Outro caso de nam menos admiraçam aconteceo en= | tre Porto seguro e o Spirito Sancto, naquellas guerras | onde matáram Fernão de Sá filho de Men de Sá, q*ue* en= | tam era Gouernador géral destas partes. E foy q*ue* tendo | os Portugueses rendida hũa aldea com fauor dalgũs In= | dios nossos amigos que tinham de sua parte, chegarão | a hũa casa pera fazerem presa nos imigos como ja tinhã | feito em cada hũa das outras. Mas elles deliberados a | morrer, nam consintiram que nenhum entrasse den= | tro: e os defora vendo sua determinaçam, e que por | nenhũa via se queriam entregar, dixeranlhes que

se lo= | go a hora o nam faziam, lhes auiam de por fogo á casa || 40r. sem nenhua remissam. E
240 vendo os nossos que cõ elles | nam aproueitaua este desengano, antes se punham de | dentro
em determinaçam de matar quantos podessem, | lhes poseram fogo: e estando a casa assi
ardendo, o Prin= | cipal delles vendo que ja nam tinham nenhũ remedio | de saluaçam nem de
vingança, e que todos comecauã | de arder, remeteo de dentro com grande furia a outro |
Principal dos cõtrarios que passaua por defronte da por= | ta da banda de fora, e de tal maneira
245 o abarcou, q*ue* sem | se poder liurar de suas mãos, o meteo consigo em casa, | e no mesmo
instante se lançou com elle na fogueira, | onde arderam ambos com os mais que la estauam
sem | escapar nenhum. | Neste mesmo tempo e lugar deu hũ Portugues hũa | tam gram cutilada
a hum Indio, que quase o cortou | pelo meyo: o qual caindo no chão ja como morto, an= | tes
que acabasse de espirar, lançou a mão a hũa palha | que achou diante de si, e atirou com ella
250 ao que o ma= | tara, como que se dixera. Recebeme a vontade que te | nam posso mais fazer
que isto que te faço em sinal de | vingança. Donde verdadeiramente se pode inferir que | outra
nenhũa cousa os atormenta mais na hora de sua | morte, que a magoa que leuam de se nam |
poderem vingar de seus | imigos. ||

255 40v. Capitulo 12. Da morte que dam aos catiuos | e crueldades que vsam com elles. |

HVA das cousas em que estes Indios mais | repugnam o ser da natureza humana, e ẽ | que
totalmente parece que se extremam | dos outros homẽs, he nas grãdes e exces= | siuas
crueldades q*ue* executam em qualq*ue*r | pessoa que podem auer ás mãos como nam seja de seu
260 | rebanho. Porque nã tam sómente lhe dão cruel morte | em tẽpo que mais liures e
desempedidos estã de toda a | paixam: mas ainda depois disso, por se acabarem de sa= |
tisfazer lhe comem todos a carne, vsando nesta parte de | cruezas tam diabolicas, que ainda
nellas excedem aos | brutos animaes que nam tem vso de razam, nem forão | nacidos pera
obrar clemencia. | Primeiramente quando tomão algum contrario, se lo= | go naquelle fragante
265 o nam matam, leuã no a suas terras | pera que mais a seu sabor se possam todos vingar delle. ||
41r. E tanto q*ue* a gente da aldea tem noticia que elles trazem | o tal catiuo, dahi lhe vão
fazendo hũ caminho ate obra | de meya legoa pouco mais ou menos onde o esperam. | Ao q*ua*l
em chegando, recebem todos cõ grandes afrontas | e vituperios, tangendo lhe hũas frautas q*ue*
costumam fa= | zer das canas das pernas doutros cõtrarios semelhantes | q*ue* matam da mesma
270 maneira. E como entram na aldea | depois de assi andarem cõ elle triumphando de hũa par= |
te pera outra, lançanlhe ao pescoço hũa corda de algo= | dam q*ue* pera isso tem feita, a qual he
muy grossa, quanto | naq*ue*lla parte q*ue* o abrãge, e tecida ou enlaçada de manei= | ra, q*ue*

ninguem a pode abrir nem cerrar, senam he o mes= | mo official q*ue* a faz. Esta corda tem duas pontas compri= | das por onde o atam de noite pera nam fogir. Dali o me= | tem nũa casa, e junto da estancia daquelle q*ue* o catiuou | lhe armão hũa rede, e tanto q*ue* nella se lança, cessam to= | dos os agrauos sem auer mais pessoa q*ue* lhe faça nhuã of= | fensa. E a primeira cousa que logo lhe apresentam, he | hũa moça a mais fermosa e honrada que ha na aldea, a | qual lhe dam por molher: e dahi por diãte ella tem car= | go de lhe dar de comer e de o guardar, e assi nam vay | nunqua pera parte que o nam acõpanhe. E depois de o | terem desta maneira muy regalado hũ anno, ou o tẽpo | que querem, determinam de o matar, e aquelles vlti= | mos dias antes de sua morte, por festejarem a execuçam | desta vingança, aparelham muita louça noua, e fazẽ muitos vinhos do çumo de hũa planta, que se chama Ai= || 41v. pim, de que atras fiz mẽçam. Neste mesmo tempo lhe | ordenam hũa casa noua onde o metẽ. E o dia q*ue* ha de pa= | decer, pela menhaã muito cedo antes que o sol saya, o ti= | ram della, e com grandes cantares e folias, o leuam a ba= | nhar a hũa ribeira. E tanto que o tornam a trazer vanse | com elle a hũ terreiro q*ue* está no meyo da aldea e ali lhe | mudam aquella corda do pescoço á cinta, passandolhe | hũa ponta pera tras outra pera diãte: e em cada hũa de= | las pegados dous tres Indios. As mãos lhe deixam soltas | porque folgam de o ver deffender cõ ellas: e alli lhe che= | gam hũs pomos duros que tem entre si á maneira de la= | rãjas com que possa atirar e offender a quem quiser. E | aquelle que está deputado pera o matar, he hũ dos mais | valentes e honrados da terra, a quem por fauor e primi= | nencia de honra concedem este officio. O qual se empẽ= | na primeiro por todo o corpo com pẽnas de papagayos | e de outras aues de varias cores. E assi sae desta manei= | ra com hum Indio que lhe traz a espada sobre hũ algui= | dar, a qual he de hum pao muy duro e pesado, feita á | maneira de hũa maça, ainda que na ponta tem algũa se= | melhança de paa. E chegando ao padecẽte a toma nas | mãos, e lha passa por baixo das pernas e dos braços me= | neandoa de hũa parte pera outra. Feitas estas cerimonias afastase algum tãto delle, e começa de lhe fazer hũa fala | a modo de pregaçam: dizendolhe que se mostre muy | esforçado em defender sua pessoa, pera que o nam des= | honre, nem digam q*ue* matou hũ homẽ fraco, afiminado || 42r. e de pouco animo, e que se lembre que dos valẽtes he | morrerem daquella maneira em mãos de seus imigos, | e nam em suas redes como molheres fracas, que não fo= | ram nacidas pera com suas mortes ganharem semelhã= | tes honras. E se o padecente he homem animoso, e nã | está desmayado naquelle passo (como acontece a algũs) | respondelhe com muita soberba e ousadia, que o mate | muito embora, porque o mesmo tem elle feito a mui= | tos seus parẽtes e amigos. Porem que lhe lembre q*ue* assi | como tomã de suas mortes vingança nelle, q*ue* assi tambẽ | os seus o hão de vingar como valentes homẽs, e aueren | se ainda com elle e com toda sua

geraçam daq*ue*lla mes= | ma maneira. Ditas estas e outras palauras semelhan= | tes, que elles costumão arrezoar nos taes tempos, reme= | te o matador a elle com a espada leuantada nas mãos, | em postura de o matar, e com ella o ameaça muitas ve= | zes, fingindo que lhe quer
310 dar. O miserauel padecente | que sobre si vé a cruel espada entregue naquellas violen= | tas e rigurosas mãos do capital imigo, cõ os olhos e sen= | tidos prontos nella, em vão se defende quanto pode. E | andando assi nestes cometimentos, acontece algũas ve= | zes virem a braços, e o padecente tratar mal ao mata= | dor com a mesma espada. Mas isto raramete, porque | acodem logo com muita presteza os circunstantes a li= | uralo de suas mãos. E tanto que o
315 matador ve tempo | opportuno, tal pancada lhe dá na cabeça, que lo= | go lha faz em pedaços. Está hũa India velha prestes || 42v. com hũ cabaço grande na mão, e como elle cae, acode | muito de pressa a meter lho na cabeça pera tomar nelle | os miolos e o sangue. E como desta maneira o acabam | de matar, fazẽno em pedaços, e cada principal q*ue* ahi se | acha, leua seu quinhão pera cõuidar a gente de sua aldea. | Tudo enfim assam e cozem, e nam fica delle
320 cousa q*ue* | nam comão todos quantos ha na terra. Saluo aq*ue*lle que | o matou nã come delle nada, e alem disso mandase sar= | jar por todo o corpo, porq*ue* tem por certo q*ue* logo morre= | rá se nam derramar de si aquelle sangue tanto q*ue* acaba | de fazer seu officio. Algũ braço ou perna, ou outro qual= | quer pedaço de carne costumão assar no fumo, e tello | guardado algũs meses, pera depois quando o quiserẽ co= | mer, fazerem nouas festas, e cõ as mesmas
325 cerimonias | tornarem a renouar outra vez o gosto desta vingança co= | mo no dia em q*ue* o matáram. E depois q*ue* assi chegã a co= | mer a carne de seus contrarios, ficam os odios confirma= | dos perpetuamente, porq*ue* sentem muito esta injuria, e | por isso andam sempre a vingarse hũs dos outros como | ja tenho dito. E se a molher q*ue* foy do catiuo acerta de fi= | car prenhe, aquella criança q*ue* pare, depois de criada, ma= | tãna e comẽna sem auer entre
330 elles pessoa algũa q*ue* se cõ= | padeça de tam injusta morte. Antes seus próprios auós | (a quem mais deuia chegar esta magoa) sam aq*ue*lles que | cõ mayor gosto o ajudam a comer, e dizẽ q*ue* como filho | de seu pay se vingam delle: tendo pera si que em tal caso | nam toma esta criatura nada da mãy, nẽ crem q*ue* aquella || 43r. imiga semente pode ter mistura com seu sangue. E por | este respeito sómente lhe dam esta molher com q*ue* con= | uerse: porque na
335 verdade sam elles taes, que nam se aue= | riam de todo ainda por vingados do pay, se no innocẽte | filho nam executassem esta crueldade. Mas porq*ue* a mãy | sabe o fim que hão de dar a esta criãça, muitas vezes q*ua*n= | do se sente prenhe, mataa dentro da barriga, e faz com | q*ue* nam venha a luz. Tambem acontece algũas vezes af= | feiçoarse tanto ao marido, que chega a fogir com elle pe= | ra sua terra pelo liurar da morte. E assi algũs Portugue= | ses
340 desta maneira escapáram, que ainda oje em dia viuẽ. | Porẽ o que por esta via se nam salua, ou

por outra qualquer manha occulta, sera cousa impossiuel escapar de su= | as mãos com vida: porque nam costumam dalla a nhũ | catiuo, nem disistirám da vingança que esperam tomar | delle por nenhũa riqueza do mundo, quer seja macho | quer femea. Saluo se o Principal, ou outro qualquer da aldea acerta de casar com algũa escraua sua contraria (co= | mo muitas
345 vezes acontece) pelo mesmo caso fica liberta= | da, e assentam em nam pretenderem vingança della, | por comprazerem á quelle que a tomou por molher. | Mas tanto que morre de sua morte natural, por compri= | rem as leis de sua crueldade (auendo que ja nisto nam | offendem ao marido): costumam quebrarlhe a cabeça, ainda que isto raras vezes, porque se tem filhos nam dei= | xam chegar ninguem a ella, e estam guardando seu cor= | po ate que o dem á sepultura.
350 || 43v. Outros Indios doutra naçam differente, se acham ne= | stas partes, ainda mais feroces e de menos razão q*ue* estes. | Chamanse Aimorés, os quaes andam por esta costa co= | mo salteadores, e habitam da capitania dos Ilheos ate a | de Porto seguro, aonde vierã ter do sertam no anno de | 55, pouco mais ou menos. A causa de residirẽ nesta par= | te mais que nas outras, he por serem aqui as terras mais | accomodadas a seu proposito, assi pelos grandes
355 matos | que tem onde sempre andam emboscados, como pela | muita caça que ha nellas, que he o seu principal manti= | mento de que se sustentam. Estes Aimorés sam mais al= | uos e de mayor estatura que os outros Indios da terra, | com a lingua dos q*ua*es nam tem a destes nenhũa semelhã= | ça nem parentesco. Viuem todos antre os matos como | brutos animaes, sem terem pouoações nem casas em q*ue* | se recolham. São muy forçosos em extremo, e
360 trazem | hũs arcos muy compridos e grossos cõformes a suas for= | ças, e as frechas da mesma maneira. Estes Alarues tem | feito muito dãno nestas capitanias depois que deceram | a esta costa, e mortos algũs Portugueses e escrauos, porque sam muy barbaros, e toda a gente da terra lhes he | odiosa. Nam pelejam em campo, nem tem animo pera | isso: poense antre o mato junto de algũ caminho, e tan= | to que alguem passa, atiranlhe ao coraçam ou a parte on=
365 | de o matem, e nam despedem frecha que nam na em= | preguem. As molheres trazẽ hũs paos grossos á manei= || 44r. ra de maças com que os ajudam a matar algũas pessoas | q*ua*ndo se offerece occasiam. Ate gora nam se pode achar | nenhũ remedio pera destruir esta perfida gente: porque | tanto q*ue* vem tempo opportuno, fazem seus saltos, e lo= | go se recolhem ao mato muy de pressa, onde sam tam li= | geiros e manhosos, que quando cuidamos que vam
370 fo= | gindo ante quem os persegue, entam ficam atras escon= | didos atirando aos q*ue* passam descuidados: e desta ma= | neira matam muita gente. Pela q*ua*l razam todos quãtos | Portugueses e Indios ha na terra os temẽ muito: e assi | onde os ha, nenhũ morador vai a sua fazenda por terra, | que nam leue consigo quinze vinte escrauos de arcos e | frechas pera sua defensam. O mais do tẽpo andam der= | ramados per diuersas partes, e quando se querem

375 ajun= | tar assuuiam como passaros, ou como bugios, de manei= | ra q*ue* hũs aos outros se entendem e conhecem, sem serem da outra gente conhecidos. Nam dam vida hũa só | hora a ninguem, porque sam muy repentinos e acele= | rados no tomar de suas vinganças: e tanto, que mui= | tas vezes estando a pessoa viua, lhe cortam a carne, e | lha estam assando e comẽdo á vista de seus olhos. Sam | finalmente estes Seluagẽs tam asperos e crueis, q*ue* nam |
380 se pode cõ palauras encarecer sua dureza. Algũs delles | ouueram ja os Portugueses ás mãos: mas como sejã tã | brauos e de cõdiçã tã esquiua nũqua os podérã amãsar || 44v. nem someter a nenhũa seruidam, como os outros In= | dios da terra que nam recusam como estes a sogeiçam | do catiueiro. | Tambem ha hũs certos Indios junto do rio do Mara= | nham, da bãda do Oriente em altura de dous graos, pou= | co mais ou menos, que se chamão Tapuyas, os
385 quaes di= | zem que sam da mesma naçam destes Aimorés, ou pe= | lo menos irmãos em armas, porque ainda que se encõ= | trem nam offendem hũs aos outros. Estes Tapuyas nã | comem a carne de nenhũs contrarios, antes sam imigos | capitaes daquelles que acostumão comer, e perseguẽ | com mortal odio. Porem pelo contrario tem outro ri= | to muito mais feo e diabolico, contra natureza, e di= | gno de mayor espanto. E he, que quando algũ chega a | estar
390 doente de maneira que se descõfie de sua vida, seu | pay ou mãy, irmãos, ou irmaãs, ou quaesq*ue*r outros pa= | rentes mais chegados, o acabam de matar com suas pro= | prias mãos, auendo q*ue* vsam assi com elle de mais pieda= | de, que consintirem que a morte o esteja senhoreando | e consumindo por termos tam vagarosos. E o pior que | he, que depois disto o assam e cozem e lhe comem to= | da a carne, e dizem que nam hão de soffrer q*ue* cousa tão |
395 baixa e vil, como he a terra, lhes coma o corpo de quem | elles tanto amam, e q*ue* pois he seu parente, e entre elles | ha tãta razam de amor, que sepultura mais honrada lhe | podem dar que metello dentro em si e agasalhalo pe= | ra sempre em suas entranhas. || 45r. E porque meu intento principal nam foy tratar aqui | senam daquelles Indios q*ue* sam géraes pela costa, cõ q*ue* os | Portugueses tem cõmunicaçam, nã me quis mais deter | em particularizar algũs ritos
400 desta e doutras nações dif= | ferentes que ha nesta prouincia, por me parecer q*ue* seria | temeridade e falta de consideraçam escreuer em histo= | ria tam verdadeira, cousas em que por ventura podia a= | uer falsas informações, pola pouca noticia que ainda te= | mos da mais gentilidade que habita pela terra dentro. |

4. ÍNDICE DE FREQUÊNCIA E DE OCORRÊNCIA DE ITENS LEXICAIS: LEVANTAMENTO DE VOCABULÁRIO EMPREGADO POR GÂNDAVO

Apresentamos, neste capítulo, um recorte do vocabulário empregado por Gândavo para utilização na análise. Inicialmente, comentamos os critérios considerados à composição do Índice, a importância deste e sua estrutura; depois, o Índice; e finalmente, considerações acerca da frequência dos itens lexicais levantados.

4.1 ÍNDICE: CRITÉRIOS, IMPORTÂNCIA, ESTRUTURA

A apresentação dos itens lexicais no formato de Índice vem ao encontro de um dos objetivos da pesquisa, a saber, a descrição do léxico. Dessa forma, acreditamos que venha a ser, para o consulente, uma forma prática e fácil de conhecer o vocabulário empregado por Gândavo, permitindo uma rápida localização das ocorrências no *corpus*. Como este se refere ao século XVI, decidimos apresentar os itens lexicais, assim como suas variantes e flexões, de acordo com sua grafia original, com o intuito de dar a conhecer as mudanças e/ou permanências ocorridas com os itens empregados. Tal metodologia de apresentação contribui para os estudos do léxico, já que os dados podem ser tomados como base para tratamentos analíticos a partir de diferentes teorias, além de oferecer informações precisas quanto à frequência e localização dos itens lexicais. Dispomos, no Índice, somente os itens lexicais da versão príncipe, já que estamos considerando a legitimidade desta enquanto obra publicada.

Para o levantamento inicial dos itens, utilizamos um programa computacional denominado "Léxico 3", o qual é composto por ferramentas de estatística textual com função de gerar arquivos com a estatística das formas[39] empregadas nos textos submetidos. Foi desenvolvido pela Universidade de Sorbonne Nouvelle – Paris 3, em 2001, estando ligado ao sistema "Lexico", cuja primeira versão se deu em 1990.

> Suas [Léxico 3] funções foram melhoradas e a originalidade desse sistema reside na possibilidade que o usuário tem de armazenar os resultados de sua análise lexicométrica desde a segmentação até a edição dos resultados finais. A facilidade de visualizar os dados e de criar diferentes composições, desde a mais simples análise estatística até os cruzamentos de dados fatoriais permite ao pesquisador, cujo objeto é o texto, avançar sobre hipóteses quantificando e qualificando seus dados (LAMALLE *et alli*., 2001, p. 2).

[39] O termo "forma" é empregado sempre que a referência às palavras se dá a partir do programa em questão.

Para a submissão de textos ao programa, estes devem ser preparados em formato que atenda às exigências operacionais. Atendidas as exigências, o programa gera, em torno de dois a três segundos, o arquivo com a estatística das formas utilizadas no texto. No caso específico de nossa pesquisa, para reconhecimento do texto pelo programa, foi necessário fazermos algumas alterações junto à edição semidiplomática anteriormente realizada, a saber: junção de sílabas em palavras cuja separação se dá em função de mudança de linha; retirada de barras indicadoras de mudança de linha e fólio; atualização em alguns tipos de acentuação; entre outras. Tais alterações foram necessárias em função da necessidade de termos à disposição a totalidade de formas vocabulares empregadas pelo locutor. A forma "corpo", por exemplo, numa de suas ocorrências, aparece como "cor = po"; sem a devida alteração, o programa reconheceria como duas formas ("cor" e "po"), o que não atenderia às exigências da pesquisa.

A partir da submissão do texto ao referido programa, chegamos a um total de 1.824 formas, cada uma delas contendo a indicação do número de frequência no texto. Tais formas compreendem todas as ocorrências delimitadas por dois espaços brancos, podendo ser palavras, números e sinais de pontuação. O passo seguinte veio a ser o de classificar (manualmente) todas as palavras da lista de acordo com o uso no documento. Nos casos de dúvida em relação à função da palavra, recorríamos a uma das ferramentas do programa (*Concordances et inventaires distributionnels*), a qual nos permite a localização da referida forma, de uma só vez, em todos os trechos nos quais ela se faz presente. Para a classificação, consideramos, portanto, os critérios morfológico, sintático e semântico. Definimos como classe de palavra para cotejo a dos substantivos, separando-a da totalidade das formas, e por esse motivo, nos casos cujas formas desempenhem mais de uma função, consideramos apenas as formas com função de substantivo de forma a atender ao recorte estabelecido.

A classe dos substantivos foi selecionada devido à proposta de tentarmos compreender o processo de nomeação empreendido pelo colonizador perante o colonizado, classe esta que se caracteriza como "basicamente designadora" (CASTILHO, 2012, p. 453) e "categorizada de modo especial dentro do léxico de uma língua" (BIDERMAN, 1978, p. 200).

> *Substantivo* significa literalmente "o que está debaixo, na base", e é a tradução latina do grego *hypokéimenon*. Com este termo, os gramáticos gregos aparentemente desejavam dizer que os substantivos são o fundamento do texto, pois não se pode construir um texto sem utilizar essa classe (CASTILHO, 2012, p. 455).

Na primeira gramática grega, Dionísio da Trácia (TRACIO, 2003, p. 236, tradução nossa) trata dos substantivos (assim como também dos adjetivos) na classe dos nomes, definindo-os como "a parte declinável da oração que indica matéria (*pedra*), ou ação (*educação*), e que pode ser comum (*homem*, *cavalo*) e própria (*Sócrates*)"[40], sendo cinco os acidentes gramaticais os quais podem acompanhá-lo: gêneros, classes, formas, números e casos, classificação esta que atende a critérios morfológicos. Apolônio Díscolo (1987, p. 81, tradução nossa), por sua vez, ao tratar desta parte da oração sob um critério sintático, aponta que uma oração perfeita "muito justamente coloca em primeiro lugar o nome, depois o verbo, pois sem eles nenhuma oração se dá por completa"[41]. Para ele, ao se suprimir o nome de uma oração, esta estará incompleta, corroborando sua importância junto aos fundamentos de um texto.

Tais afirmações ancoram nosso recorte no sentido de selecionarmos aquela classe que entendemos ser a que melhor pudesse responder às questões de pesquisa.

Entre as formas inventariadas com função de substantivo, desconsideramos "Capit", "Capitu" e "Capitulo", referentes à atual forma ortográfica "capítulo", já que pertencem ao vocabulário utilizado para nomear a organização das partes da obra; e também os substantivos próprios, pois, "sendo lexemas historicamente individualizados, não entram como tais em oposições lexemáticas"[42] (COSERIU, 1977, p. 89, tradução nossa), chegando-se, portanto, a quatrocentos e nove (409) substantivos, número este que passa para quinhentos e trinta e um (531) considerando as variantes e flexões de cada lema.

As unidades homônimas e polissêmicas são dispostas na mesma entrada, como:

a) "meyo" e "meyos"

a.1) "e pelo **meyo** da casa fica hũ caminho aberto por onde todos se seruẽ como dormitorio" (GÂNDAVO, 1576, f. 34v, grifo nosso);

a.2) "nem sera possiuel (segũdo sam vingatiuos e odiosos) vedarense entre elles estas discordias por outra nenhũa via, se nã for por **meyos** da doctrina Christaã" (GÂNDAVO, 1576, f. 37r, grifo nosso);

b) "passo" e "passos"

b.1) "E se o padecente he homem animoso, e nã está desmayado naquelle **passo**" (GÂNDAVO, 1576, f. 42r, grifo nosso);

---

[40] "[...] la parte declinable de la oración que indica materia, v.g.: *piedra*, o acción, v.g.: *educación*, y que puede ser común, v.g.: *hombre*, *caballo* y propia, v.g.: *Sócrates*" (TRACIO, 2003, p. 236).

[41] "[...] muy justamente coloca en primer lugar el nombre, después el verbo, puesto que sin ellos ninguna oración queda cerrada" (DÍSCOLO, 1987, p. 81).

[42] "[...] siendo lexemas históricamente individualizados, no entran como tales em oposiciones lexemáticas" (COSERIU, 1977, p. 89).

b.2) “e assi a vã chegando cada noite dez doze **passos**” (GÂNDAVO, 1576, f. 38r, grifo nosso);

c) “costa” e “costas”

c.1) “Tambẽ se sustentam do muito marisco e peixes q*ue* vam pescar pela **costa** em jãgadas” (GÂNDAVO, 1576, f. 36v, grifo nosso);

c.2) “E q*ua*ndo algũ morre, costumão enterralo em hũa coua assentado sobre os pés cõ sua rede ás **costas** q*ue* em vida lhe seruia de cama” (GÂNDAVO, 1576, f. 34r, grifo nosso);

d) “pena” e “pena”

d.1) “nem tẽ pera si q*ue* ha depois da morte gloria pera os bõs, e **pena** pera os mãos” (GÂNDAVO, 1576, f. 33v-34r, grifo nosso);

d.2) “O qual se empẽna primeiro por todo o corpo com **pẽnas** de papagayos e de outras aues de varias cores” (GÂNDAVO, 1576, f. 41v, grifo nosso).

A forma de apresentação é baseada no índice de Megale e Toledo Neto (2005) e recebe a seguinte estrutura: os lemas são apresentados em ordem alfabética, negritados, de acordo com a ortografia contemporânea, em letra minúscula, e com sua frequência total entre parênteses, seguidos de suas variantes e flexões com a frequência parcial destas entre parênteses e sua localização (linha) na edição semidiplomática dos fólios. Os lemas cuja ortografia atual não apareça no texto, estão entre colchetes.

4.2 ÍNDICE DE FREQUÊNCIA E DE OCORRÊNCIA DOS ITENS LEXICAIS

[**abuso**] (1) abusam (1) 186

[**admiração**] (1) admiraçam (1) 232

[**adversário**] (1) aduersarios (1) 148

afronta (1) afrontas (1) 268

agouro (1) agouros (1) 180

[**agravo**] (1) agrauos (1) 276

[**água**] (2) agoa (2) 132, 160

aipim (1) Aipim (1) 282

ajuntamento (1) ajuntamento (1) 24

[**alarve**] (1) Alarues (1) 361

[**aldeia**] 21 aldea (19) 41, 59, 173, 173, 176, 187, 197, 198, 206, 209, 224, 225, 234, 266, 270, 277, 286, 319, 344; aldeas (2) 68, 170

[**algodão**] (2) algodam (2) 120, 271

alguidar (1) alguidar (1) 294

alma (1) alma (1) 35

altura (2) altura (2) 27, 384

amigo (3) amigos (3) 226, 235, 304

amizade (1) amizades (1) 56

amor (1) amor (1) 396

[**amparo**] (1) emparo (1) 110

[**animal**] (4) animaes (4) 113, 127, 263, 358

[**ânimo**] (2) animo (2) 299, 363

[**ano**] (4) anno (2) 280, 353; annos (1) 92; anos (1) 108

apercebimento (1) apercebimentos (1) 179

arco (4) arcos (4) 99, 146, 360, 373

arma (4) armas (4) 145, 163, 179, 386

arte (2) arte (1) 121; artes (1) 109

aselha (1) aselhas (1) 122

assalto (4) assalto (1) 198; assaltos (1) 170; saltos (2) 155, 369

[**assobio**] (1) suuios (1) 164

[**ato**] (1) acto (1) 91

[ave] (2) aue (1) 184; aues (293)

[**avó**] (1) auós (1) 330

banda (4) bãda (2) 213, 383; banda (2) 123, 244

[**bando**] (1) bãdos (1) 50

barba (1) barba (1) 81

barriga (1) barriga (1) 337

beiço (1) beiço (1) 79

braço (3) braço (1) 322 braços (2) 296, 312

briga (1) brigas (1) 167

bugio (1) bugios (1) 375

buraco (2) buraco (1) 79; buracos (1) 80

cabaço (1) cabaço (1) 316

cabeça (9) cabeça (8) 19, 82, 217, 224, 227, 315, 317, 348; cabeças (1) 175

[**cabelo**] (4) cabello (2) 11, 82; cabellos (2) 83, 98

cabo (1) cabos (1) 122

caça (2) caça (2) 99, 355

cama (2) cama (1) 38; camas (1) 120

caminho (4) caminho (3) 64, 267, 364; caminhos (153)

campo (1) campo (1) 363

cana (1) canas (1) 269

canoa (2) Canoas (2) 155, 155

cantar (1) cantares (1) 285

capitania (3) capitania (2) 196, 352; capitanias (1) 361

[**capitão**] (3) capitã (1) 42; capitam (2) 167, 196

cargo (1) cargo (1) 278

carne (7) carne (7) 127, 262, 323, 326, 378, 387, 394

casa (13) casa (11) 63, 65, 210, 216, 220, 236, 239, 241, 245, 274, 283; casas (2) 60, 359

casamento (1) casamentos (1) 90

casca (1) casca (1) 157

caso (9) caso (8) 10, 54, 58, 93, 201, 232, 332, 345; casos (1) 194

castigo (1) castigo (1) 107

[**cativeiro**] (1) catiueiro (1) 383

[**cativo**] (4) catiuo (3) 266, 328, 342; catiuos (1) 255

causa (1) causa (1) 353

[**cautela**] (1) cautella (1) 211

cerca (1) cerca (1) 172

cerco (2) cerco (1) 189; cercos (1) 180

[**cerimônia**] (3) cerimonias (3) 90, 297, 325

chão (2) cham (1) 124; chão (1) 248

choro (1) choro (1) 73

[**cilada**] (2) siladas (2) 206, 221

cinta (1) cinta (1) 287

circunstante (2) circunstantes (1) 314; circũstãtes (1) 67

[**clemência**] (1) clemencia (1) 264

cobiça (2) cobiça (2) 46, 116

[**coisa**] (22) cousa (17) 31, 33, 43, 45, 67, 102, 118, 146, 163, 181, 184, 224, 252, 277, 320, 341, 394; cousas (5) 4, 10, 75, 257, 401

[**combate**] (1) cõbates (1) 162

cometedor (1) cometedores (1) 177

cometimento (2) cometimentos (2) 169, 312

[**companheiro**] (2) cõpanheiros (2) 220, 226

companhia (5) companhia (1) 100; cõpanhia (4) 145, 150,185, 208

[**comprimento**] (1) cõprimento (1) 133

[**comunicação**] (2) cõmunicaçam (2) 7, 399

[**condição**] (4) cõdiçã (1) 381; condiçãm (2) 1, 8; condições (1) 137

[**consideração**] (3) cõsideraçã (1) 151; consideraçam (2) 14, 401

conta (2) conta (2) 33, 105

[**contentamento**] (1) cõtentamento (1) 223

[**contrário**] (9) contrario (1) 264; contrarios (2) 326, 387; cõtrarios (6) 175, 192, 197, 205, 244, 269

cor (2) cor (1) 11; cores (1) 293

[**coração**] (1) coraçam (1) 364

corda (3) corda (3) 271, 273, 286

[**cordel**] (1) cordeis (1) 122

cordoaria (1) cordoarias (1) 60

corpo (7) corpo (7) 82, 86,120, 292, 321, 349, 395

costa (9) costa (8) 6, 25, 29, 129, 155, 351, 366, 398; costas (1) 38

costume (3) costumes (3) 1, 8, 46

[**cova**] (3) coua (3) 37, 39, 40

coxia (1) coxia (1) 64

[**criação**] (1) criaçam (1) 112

criança (3) criãça (1) 337; criança (2) 104, 329

criatura (1) criatura (1) 333

crueldade (5) crueldade (3) 183, 336, 347; crueldades (2) 255, 259

crueza (1) cruezas (1) 262

[**cutelo**] (1) cutello (1) 217

cutilada (1) cutilada (1) 247

[**dano**] (1) dãno (1) 361

dedo (1) dedos (1) 131

[**defesa**] (2) defensam (2) 173, 374

[**defunto**] (2) diffuntos (2) 35, 73

desastre (1) desastres (1) 71

descuido (1) descuido (1) 229

desejo (1) desejo (1) 116

desengano (1) desengano (1) 240
deserto (1) desertos (1) 153
desgosto (1) desgosto (1) 17
despojo (1) despojos (1) 152
[**determinação**] (3) determinaçã (1) 185; determinaçam (2) 238, 241
dia (9) dia (5) 19, 174, 284, 325, 340; dias (4) 38, 87, 205, 281
[**diferença**] (1) diffferẽças (1) 66
[**discórdia**] (1) discordias (1) 144
discurso (1) discurso (1) 150
[**dissensão**] (1) dissensoẽs (1) 51
[**dissuasão**] (1) dissuasam (1) 21
[**distância**] (1) distãcia (1) 206
dita (1) dita (1) 73
[**dormitório**] (1) dormitorio (1) 64
[**doutrina**] (1) doctrina (1) 144
dureza (1) dureza (1) 380
[**dúvida**] (1) duuida (1) 190
[**efeito**] (1) effecto (1) 205
[**eficácia**] (1) efficacia (1) 201
embarcações (1) embarcações (1) 154
entranha (1) entranhas (1) 397
erro (1) erros (1) 44
[**erva**] (1) hervas (1) 61
[**escravo**] (3) escraua (1) 344; escrauos (2) 362, 373
espaço (1) espaço (1) 217
espada (4) espada (4) 293, 308, 310, 313
espanto (2) espanto (2) 32, 389
esperança (1) esperanças (1) 152
estado (2) estado (1) 94; estados (1) 135
[**estância**] (3) estãcia (1) 213; estancia (2) 62, 275
estatura (2) estatura (2) 13, 357
estima (2) estima (2) 76, 93
estrondo (1) estrondo (1) 219
[**execução**] (1) execuçam (1) 281

[**exercício**] (2) exercicio (2) 97, 109

fala (1) fala (1) 297

falta (1) falta (1) 401

[**favor**] (2) fauor (2) 235, 291

fazenda (3) fazẽda (1) 115; fazẽdas (1) 134; fazenda (1) 373

fé (1) Fé (1) 32

feição (1) feições (1) 12

[**fêmea**] (7) femea (1) 343; femeas (6) 24, 30, 83, 85, 98, 119

festa (1) festas (1) 324

filho (13) filhas (1) 88; filho (9) 42, 198, 202, 203, 213, 226, 233, 332, 336; filhos (3) 106, 107, 348

fim (1) fim (1) 336

fio (1) fio (1) 120

[**flagrante**] (1) fragante (1) 264

[**flauta**] (1) frautas (1) 268

[**flecha**] (6) frecha (1) 365; frechas (5) 99, 128, 146, 360, 373

[**flecheiro**] (1) frecheiros (1) 208

fogo (3) fogo (3) 124, 239, 241

fogueira (1) fogueira (1) 246

fojo (1) fojos (1) 128

folia (1) folias (1) 285

força (3) força (1) 42; forças (2) 192, 360

fumo (1) fumo (1) 323

fundo (1) fundo (1) 159

[**fúria**] (1) furia (1) 243

[**galantaria**] (1) galãtarias (1) 78

galé (1) galé (1) 64

[**gênero**] (1) genero (1) 41

[**genipapo**] (1) Genipápo (1) 86

gente (13) gente (9) 13, 203, 215, 266, 319, 362, 368, 371, 376; gẽte (4) 17, 40, 62, 74

gentilidade (2) gentilidade (2) 27, 403

gentio (1) gentio (1) 1

[**geração**] (2) geraçã (1) 49; geraçam (1) 307

[**glória**] (1) gloria (1) 34

gosto (2) gosto (2) 325, 331

[**governador**] (1) Gouernador (1) 234

[**granjearia**] (2) grangearia (1) 114; granjearias (1) 135

[**graus**] (2) graos (2) 27, 384

[**grito**] (1) grita (1) 164

grossura (1) grossura (1) 133

guarda (1) guarda (1) 220

guerra (9) guerra (6) 14, 43, 45, 99, 149, 167; guerras (3) 140, 142, 233

[**herança**] (1) herãças (1) 111

[**história**] (1) historia (1) 401

homem (12) homẽ (2) 96, 299; homẽs (6) 23, 98, 116, 163, 258, 306; homes (1) 100; homem (2) 4, 302

honra (4) honra (3) 94, 135, 291; honras (1) 302

hora (5) hora (4) 171, 239, 252, 376; horas (1) 215

idade (2) idade (2) 91, 107

[**imaginação**] (1) imaginaçam (1) 18

[**imortalidade**] (1) immortalidade (1) 35

[**impedimento**] (1) impedimẽto (1) 172

[**ímpeto**] (1) impetu (1) 222

[**índio**] (20) India (1) 316; Indias (3) 95, 102, 121; Indio (2) 248, 293; Indios (14) 11, 59, 134, 142, 160, 235, 257, 288, 350, 357, 372, 382, 383, 398

[**indústria**] (1) industria (1) 128

informações (1) informações (1) 402

[**inimigo**] (16) imigo (2) 224, 311; imigos (13) 53, 165, 170, 178, 180, 191, 207, 209, 218, 236, 253, 300, 387; immigos (1) 153

[**injúria**] (1) injuria (1) 327

instante (1) instante (1) 246

[**intenção**] (2) tẽçam (1) 195; tenções (1) 193

intento (2) intento (1) 398; intẽto (1) 181

interesse (2) interesse (2) 46, 152

[**invenção**] (1) inuẽções (1) 78

irmão (5) irmaãs (2) 88, 390; irmãos (3) 88, 385, 390

[**jangada**] (1) jãgadas (1) 130

jornada (1) jornadas (1) 206

justiça (3) justiça (3) 41, 54, 57
laço (1) laços (1) 128
lágrima (2) lagrimas (2) 70, 200
lançadeira (1) lançadeiras (1) 156
[**laranja**] (1) larãjas (1) 289
[**légua**] (2) legoa (1) 267; legoas (1) 7
lei (5) leis (2) 45, 347; Ley (1) 32; ley (2) 56, 137
letra (1) letras (1) 31
licença (1) licença (1) 227
ligeireza (1) ligeireza (1) 165
[**língua**] (3) lingoa (1) 25; lingua (2) 28, 357
louça (1) louça (1) 282
lugar (3) lugar (3) 43, 104, 247
luz (1) luz (1) 338
[**maçã**] (2) maça (1) 294; maças (1) 366
macho (6) macho (1) 343; machos (5) 24, 31, 85, 99, 119
madeira (2) madeira (2) 61, 172
[**mãe**] (4) mãis (1) 108; mãy (3) 333, 336, 390
[**mágoa**] (2) magoa (2) 252, 331
[**malícia**] (1) malicia (1) 77
mandioca (1) mandioca (1) 127
maneira (34) 9, 12, 15, 26, 32, 36, 51, 60, 99, 107, 124, 131, 134, 140, 148, 156, 159, 211, 244, 270, 272, 280, 289, 293, 294, 300, 307, 318, 340, 361, 366, 371, 375, 390
manha (2) manha (2) 169, 341
[**manhã**] (1) menhaã (1) 284
mantimento (2) mantimento (1) 356; mantimentos (1) 125
mão (16) mão (3) 131, 249, 316; mãos (13) 190, 218, 245, 259, 288, 296, 300, 309, 311, 314, 341, 380, 391
mar (2) mar (2) 154, 160
marido (4) marido (3) 101, 338, 348; maridos (1) 104
marisco (1) marisco (1) 129
matador (6) matador (6) 49, 54, 216, 308, 313, 315
mato (6) mato (3) 61, 364, 369; matos (3) 153, 355, 358
[**medida**] (1) medido (1) 33

[**meio**] (5) meyo (4) 63, 225, 248, 286; meyos (1) 144)
[**memória**] (1) memoria (1) 71
[**menção**] (1) mẽçam (1) 283
[**menino**] (1) mininos (1) 81
mês (2) meses (2) 203, 324
milho (1) milho (1) 127
miolo (1) miolos (1) 317
mister (1) mister (1) 136
mistura (1) mistura (1) 333
moça (2) moça (1) 277; moças (1) 69
modo (2) modo (2) 130, 297
morador (1) morador (1) 372
morte (16) morte (14) 19, 34, 200, 203, 226, 231, 252, 255, 260, 281, 330, 339, 346, 392; mortes (2) 301, 305
morto (4) morto (4) 49, 55, 219, 248
[**mulher**] (13) molher (7) 91, 100, 101, 278, 328, 334, 346; molheres (6) 87, 89, 93, 97, 301, 365
mundo (1) mundo (1) 343
nação (6) naçam (3) 29, 350, 385; naçoens (1) 117; nações (2) 8, 400
[**natural**] (1) naturaes (1) 5
natureza (4) natureza (4) 112, 138, 257, 389
necessidade (1) necessidade (1) 118
noite (5) noite (5) 19, 125, 171, 174, 274
nome (3) nome (2) 212, 231; nomes (1) 8
[**notícia**] (5) noticia (5) 5, 28, 212, 266, 402
[**obrigação**] (1) obrigaçam (1) 57
[**ocasião**] (1) occasiam (1) 367
[**ódio**] (3) odio (2) 50, 388; odios (1) 326
[**ofensa**] (2) offensa (2) 230, 276
[**oficial**] (2) officiaes (1) 167; official (1) 273
[**ofício**] (3) officio (2) 292, 322; officios (1) 98
olho (3) olhos (3) 227, 311, 379
onda (1) ondas (1) 158
opinião (1) opiniões (1) 135

ordem (1) ordem (1) 63

ordenança (1) ordenança (1) 168

ouro (1) ouro (1) 117

ousadia (1) ousadia (1) 303

[**pá**] (1) paa (1) 295

padecente (4) padecente (3) 302, 310, 313; padecẽte (1) 295

padre (1) Padres (1) 144

pai (7) pais (3) 89, 105, 110; pay (4) 200, 332, 335, 390

[**paixão**] (1) paixam (1) 261

[**palavra**] (6) palauras (6) 72, 188, 200, 226, 307, 380

palha (1) palha (1) 249

palma (2) palma (2) 61, 215

palmo (3) palmos (3) 121, 123, 133

pancada (1) pancada (1) 315

[**papagaio**] (2) papagayo (1) 188; papagayos (1) 292

parecer (1) parecer (1) 186

parente (6) parente (1) 396; parentes (2) 54, 391; parẽtes (3) 38, 49, 304

parentesco (1) parentesco (1) 358

parte (34) parte (29) 9, 12, 55, 58, 58, 62, 82, 94, 120, 123, 128, 137, 163, 164, 165, 169, 176, 182, 195, 207, 210, 235, 262, 270-1, 272, 279, 296, 353, 364; partes (5) 6, 26, 234, 350, 374

parto (1) parto (1) 102

[**pássaro**] (1) passaros (1) 375

passo (2) passo (1) 303; passos (1) 174

[**pau**] (9) pao (5) 156, 157, 159, 225, 294; paos (4) 130, 132, 175, 365

paz (3) paz (3) 2, 53, 142

pedaço (3) pedaço (1) 323; pedaços (2) 315, 318

pedra (3) pedra (1) 79; pedras (2) 80, 117

peixe (1) peixes (1) 129

peleja (2) peleja (2) 44, 177

pena (2) pena (1) 34; pẽnas (1) 292

pensamento (1) pensamentos (1) 16

perda (1) perda (1) 202

perigo (1) perigos (1) 148

perna (3) perna (1) 323; pernas (2) 269, 296

pé (1) pés (1) 37

pescoço (2) pescoço (2) 271, 287

peso (2) peso (2) 33, 132

pessoa (11) pessoa (9) 89, 166, 199, 210, 259, 276, 298, 330, 378; pessoas (2) 131, 366

piedade (1) piedade (1) 392

planta (1) planta (1) 282

pomo (2) pomo (1) 85; pomos (1) 289

[**pompa**] (1) põpas (1) 136

ponta (3) ponta (2) 287, 295; pontas (1) 274

porta (1) porta (1) 244

[**português**] (10) Portugues (2) 73, 247; Portugueses (8) 75, 198, 234, 339, 362, 372, 380, 399

postura (1) postura (1) 309

[**povoação**] (2) pouoações (2) 59, 359

pranto (1) pranto (1) 69

prata (1) prata (1) 117

[**prática**] (1) pratica (1) 211

prazer (1) prazer (1) 223

[**preeminência**] (1) priminencia (1) 291

[**pregação**] (1) pregaçam (1) 298

presa (1) presa (1) 236

presteza (1) presteza (1) 314

principal (10) principaes (1) 94; principal (2) 41, 318; Principal (7) 198, 224, 231, 242, 244, 343, 207-8

[**prognóstico**] (1) pronostico (1) 184

[**propósito** (3) proposito (3) 194, 204, 354

[**província**] (2) prouincia (2) 1, 400

pusilanimidade (1) pusilanimidade (1) 191

qualidade (1) qualidade (1) 96

quinhão (1) quinhão (1) 319

razão (8) razam (7) 4, 23, 113, 228, 263, 371, 396; razão (1) 351

rebanho (1) rebanho (1) 260

[**rebuliço**] (1) reuoliço (1) 218

recebimento (1) recebimento (1) 76

rede (7) rede (4) 37, 40, 62, 275; redes (3) 104, 120, 301

[**rei**] (2) Rey (2) 32, 41

[**remédio**] (3) remedio (3) 52, 242, 367

remeiro (1) remeiros (1) 157

[**remissão**] (1) remissam (1) 239

resguardo (1) resguardo (1) 24

respeito (1) respeito (1) 334

ribeira (2) ribeira (2) 103, 285

rigor (1) rigor (1) 57

rio (1) rio (1) 383

riqueza (2) riqueza (1) 343; riquezas (1) 116

rito (3) rito (1) 388; ritos (2) 8, 399

roça (1) roças (1) 126

rosto (2) rosto (2) 12, 80

sabor (1) sabor (1) 265

salteador (1) salteadores (1) 352

[**salvação**] (2) saluaçam (1) 242; saluo (1) 218

sangue (3) sangue (3) 317, 322, 334

sede (1) sede (1) 151

[**selvagem**] (1) Seluagẽs (1) 379

semelhança (3) semelhãça (1) 358; semelhança (2) 8, 295

semente (1) semente (1) 333

sensualidade (1) sensualidade (1) 22

sentido (1) sentidos (1) 311

sentimento (2) sentimento (1) 230; sentimẽto (1) 200

sepultura (2) sepultura (2) 349, 396

ser (1) ser (1) 257

serra (1) serras (1) 153

[**sertão**] (2) sertã (1) 6; sertam (1) 353

[**servidão**] (1) seruidam (1) 382

sinal (1) sinal (1) 251

soberba (1) soberba (1) 303

sobrinha (1) sobrinhas (1) 88

sol (1) sol (1) 284

[**sucessão**] (1) sucessam (1) 43

sucesso (1) sucesso (1) 189

[**sujeição**] (1) sogeiçam (1) 383

sumo (2) çumo (1) 282; sumo (1) 85

superior (1) superior (1) 48

tamanho (1) tamanho (1) 157

[**teracena]** (1) tarracenas (1) 60

tear (2) tear (2) 121, 156

temeridade (1) temeridade (1) 401

tempo (14) tempo (7) 170, 204, 218, 247, 283, 315, 368; tempos (1) 308; tẽpo (5) 186, 189, 260, 280, 374; tẽpos (1) 168

termo (2) termo (1) 20; termos (1) 393

terra (22) terra (17) 4, 46, 75, 205, 214, 223, 232, 291, 320, 339, 357, 363, 372, 373, 382, 395, 403; terras (5) 154, 177, 182, 265, 354

terreiro (2) terreiro (2) 225, 286

tio (1) tios (1) 90

tiro (1) tiro (1) 165

trabalho (2) trabalho (1) 114; trabalhos (1) 70

[**traição**] (1) treiçam (1) 78

[**uso**] (2) vso (2) 118, 263

valentia (1) valentia (1) 192

[**valia**] (1) vallia (1) 118

ventura (2) ventura (2) 229, 402

verdade (1) verdade (1) 335

vergonha (1) vergonha (1) 25

vez (18) vez (3) 161, 185, 325; vezes (15) 18, 47, 85, 108, 152, 175, 177, 182, 309, 312, 337, 338, 345, 348, 378

via (5) via (5) 52, 144, 202, 238, 340

viagem (1) viagem (1) 162

[**vício**] (1) vicios (1) 23

vida (7) vida (7) 36, 38, 111, 113, 341, 376, 390

vingança (11) vingãça (1) 201; vingança (9) 151, 229, 243, 251, 281, 305, 325, 342, 345; vinganças (1) 377

vinho (1) vinhos (1) 282

[**vitória**] (4) victoria (4) 149, 178, 187, 223

[**vitupério**] (1) vituperios (1) 268

[**vizinho**] (1) vezinhos (1) 175

[**vocábulo**] (2) vocabulos (2) 26, 29

volume (1) volume (1) 195

vontade (3) vontade (1) 250; võtade (1) 42; võtades (1) 45

4.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FREQUÊNCIA DOS ITENS LEXICAIS LEVANTADOS

A proposta desta seção é a de discutir os dados quantitativos levantados anteriormente, os quais adiantam algumas considerações ao se correlacionar a frequência/ocorrência de itens lexicais e a temática do *corpus*. Lidar com tais dados junto ao estudo de textos é uma prática antiga, conforme aponta Conde (2011, p. 2):

> Não é da segunda metade do século XX que técnicas quantitativas foram empregadas por pesquisadores para se fazer levantamentos sobre textos. Segundo Guiraud (1960: 5) os estudiosos alexandrinos já haviam feito o levantamento das *hapax legomena* dos textos homéricos e os massoretas já haviam feito levantamentos sobre a quantidade de palavras dos textos bíblicos hebraicos.

Acreditamos, pois, que partir de dados quantitativos possa auxiliar-nos junto à compreensão de fatos linguístico-discursivos, ademais, por se caracterizar esta como uma investigação do léxico, entendemos haver pertinência em mostrar a frequência de cada substantivo mobilizado no texto de forma a procurar compreender as escolhas do locutor de acordo com a temática.

Expomos, a seguir, uma tabela, a partir da qual é possível visualizar a proporção de substantivos relacionada à ocorrência no texto, tendo nos extremos: com apenas uma ocorrência, um total de duzentas e vinte e nove palavras; e com trinta e quatro ocorrências, apenas duas palavras:

Oc. no texto	**Nº de palavras**	**Palavras**
1	229	abuso, admiração, adversário, afronta, agouro, agravo, aipim, ajuntamento, alarve, alguidar, alma, amizade, amor, amparo, apercebimento, aselha, assobio, ato, avó, bando, barba, barriga, beiço, briga, bugio, cabaço, cabo, campo, cana, cantar, cargo, casamento,

		casca, castigo, cativeiro, causa, cautela, cerca, choro, cinta, clemência, combate, cometedor, comprimento, contentamento, coração, cordel, cordoaria, coxia, criação, criatura, crueza, cutelo, cutilada, dano, dedo, descuido, desejo, desengano, deserto, desgosto, despojo, diferença, discórdia, discurso, dissensão, dissuasão, distância, dita, dormitório, doutrina, dureza, dúvida, efeito, eficácia, embarcações, entranha, erro, erva, espaço, esperança, estrondo, execução, fala, falta, fé, feição, festa, fim, fio, flagrante, flauta, flecheiro, fogueira, fojo, folia, fumo, fundo, fúria, galantaria, galé, gênero, genipapo, gentio, glória, governador, grito, grossura, guarda, herança, história, imaginação, imortalidade, impedimento, ímpeto, indústria, informações, injúria, instante, invenção, jangada, jornada, laço, lançadeira, laranja, letra, licença, ligeireza, louça, luz, malícia, mandioca, manhã, marisco, medida, memória, menção, menino, milho, miolo, mister, mistura, morador, mundo, natural, necessidade, obrigação, ocasião, onda, opinião, ordem, ordenança, ouro, ousadia, pá, padre, paixão, palha, pancada, parecer, parentesco, parto, pássaro, pé, peixe, pensamento, perda, perigo, piedade, planta, pompa, porta, postura, pranto, prata, prática, prazer, preeminência, pregação, presa, presteza, prognóstico, pusilanimidade, qualidade, quinhão, rebanho, rebuliço, recebimento, remeiro, remissão, resguardo, respeito, rigor, rio, roça, sabor, salteador, sede, selvagem, semente, sensualidade, sentido, ser, serra, servidão, sinal, soberba, sobrinha, sol, sucessão, sucesso, sujeição, superior, tamanho, temeridade, teracena, tio, tiro, traição, valentia, valia, verdade, vergonha, viagem, vício, vinho, vitupério, vizinho, volume
2	77	água, algodão, altura, ânimo, arte, ave, buraco, caça, cama, canoa, cerco, chão, cilada, circunstante, cobiça, cometimento, companheiro, comunicação, conta, cor, defesa, defunto, desastre, espanto, estado, estatura, estima, exercício, favor, gentilidade, geração, gosto, granjearia, graus, idade, intenção, intento, interesse, lágrima, légua, maçã, madeira, mágoa, manha, mantimento, mar, mês, moça, modo, ofensa, oficial, palma, papagaio, passo, peleja, pena, pescoço, peso, pomo, povoação, província, rei, ribeira, riqueza, rosto, salvação, sentimento, sepultura, sertão, sumo, tear, termo, terreiro, trabalho, uso, ventura, vocábulo
3	35	amigo, braço, capitania, capitão, cerimônia, consideração, corda, costume, cova, criança, determinação, escravo, estância, fazenda, fogo, força, justiça, língua, lugar, nome, ódio, ofício, olho, palmo, paz, pedaço, pedra, perna, ponta, propósito, remédio, rito, sangue, semelhança, vontade
4	18	animal, ano, arco, arma, assalto, banda, cabelo, caminho, cativo, condição, espada, honra, mãe, marido, morto, natureza, padecente, vitória
5	9	companhia, crueldade, hora, irmão, lei, meio, noite, notícia, via
6	7	flecha, macho, matador, mato, nação, palavra, parente
7	6	carne, corpo, fêmea, pai, rede, vida
8	1	Razão
9	7	cabeça, caso, contrário, costa, dia, guerra, pau
10	2	português, principal
11	2	pessoa, vingança

12	1	Homem
13	4	casa, filho, gente, mulher
14	1	Tempo
16	3	inimigo, mão, morte
18	1	Vez
20	1	Índio
21	1	Aldeia
22	2	coisa, terra
34	2	maneira, parte

Tabela 16 – Proporção de substantivos por ocorrência(s) no texto

Ao representarmos tal proporção em gráfico, complementamos a visibilidade da variedade lexical no texto, já que a quantidade de substantivos que não se repete se sobressai em relação aos que se repetem muito:

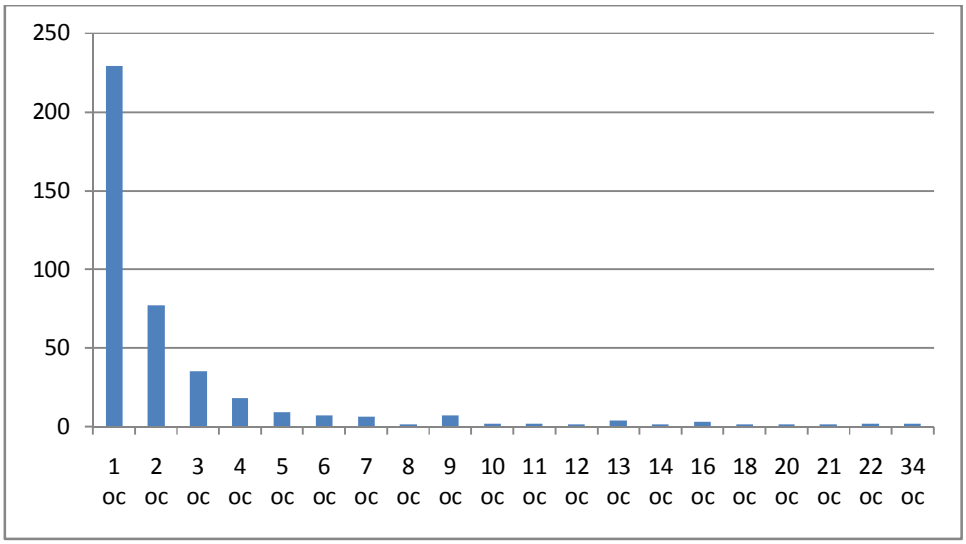


Gráfico 2 – Proporção de substantivos por ocorrência(s) no texto

Ainda para a análise da frequência dos substantivos, recorremos aos padrões estabelecidos por Borba (2003, p. 124), a saber: "muito baixa (1 oc), baixa (de 2 a 6 oc), média (de 7 a 150 oc), alta (de 150 a 1.500 oc), altíssima (mais de 1.500)". Adaptando-se tais padrões ao número de ocorrências consideradas nesta pesquisa, tomamos como referência, os seguintes parâmetros: a) uma ocorrência, frequência muito baixa; b) de duas a cinco ocorrências, frequência baixa; c) de seis a treze ocorrências, frequência média; d) de quatorze a vinte ocorrências, frequência alta; e) de vinte e uma a trinta e quatro ocorrências, frequência altíssima. Assim, dos quatrocentos e nove (409) substantivos, 56% caracterizam-se como *hapax*, com frequência muito baixa; 34% apresentam frequência baixa; 7%, frequência média;

e apenas 1% é o valor para cada um dos parâmetros alta e altíssima, representados no gráfico abaixo:

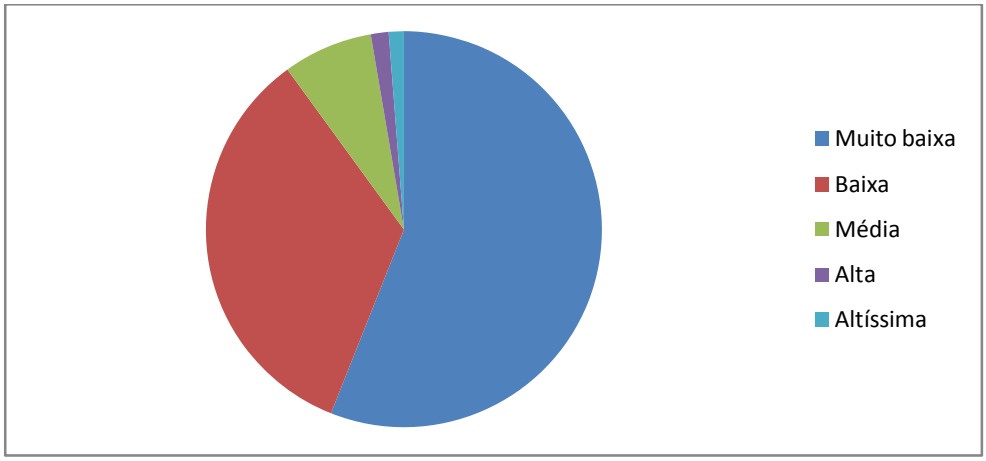


Gráfico 3 – Frequência dos substantivos

Os dados apresentados corroboram a hipótese inicial de que a análise textual disponibilizaria uma grande diversidade lexical passível de descrição em muitos campos léxicos. Os substantivos que mais se repetem representam apenas 1% do total empregado; já a porcentagem maior (56%) representa os substantivos que aparecem apenas uma vez, ou seja, a diversidade lexical do locutor foi determinante para escrever sobre o nativo. Entendemos que pelo fato de se tratar de um referente novo para o leitor português, houve o propósito de tentar escrever sobre o máximo que se pudesse para dar a conhecer tal referente.

Acreditamos que esta proporção – reveladora de variedade lexical para tratamento do assunto – seja, em parte, determinada pelo gênero do discurso. Como o locutor propõe uma "História", a qual, inicialmente, é concebida como "tratado", é esperado para o gênero que se faça uso de tal diversidade em função da quantidade de tópicos mobilizados, já que se está contando uma história sobre um lugar "novo" para leitores desconhecedores do referente, justificando-se, portanto, o tratamento lexical detalhado.

Entre os onze substantivos com frequência altíssima e alta, estão aqueles cuja recorrência se dá em virtude da necessidade de se repetir em função do conteúdo tratado, sendo mais recorrentes por indicarem o foco lexical. O "vai e vem" do texto recorre a tais itens por serem indispensáveis à desenvoltura da narrativa, os quais são dispostos, na próxima tabela, em ordem decrescente de frequência:

Substantivos	Nº de ocorrências
maneira	34
parte	34
coisa	22
terra	22
aldeia	21
índio	20
vez	18
inimigo	16
mão	16
morte	16
tempo	14

Tabela 17 – Substantivos com frequências altíssima e alta

Podemos afirmar que os itens cuja frequência seja maior indicam a preocupação do locutor em se fazer recorrente devido à necessidade da relação de tais itens ao movimento de ir e vir do texto. Já as de menor frequência, as quais representam o maior número, indicam a mobilização de diversos campos lexicais para se escrever sobre o nativo, o qual, por ser um referente novo tanto para o locutor quanto para seus leitores, exigiu daquele um tratamento pormenorizado e variado lexicalmente. Em termos quantitativos, os substantivos com frequência altíssima e alta representam, pois, a imagem que o locutor faz do seu objeto.

Entendendo que, novamente, a análise do *corpus* direciona aos estudos do discurso, sustentamos, teoricamente, a análise da frequência destes substantivos em Pêcheux (1997, p. 82), a partir do conceito de formações imaginárias, as quais

> designam o lugar que A e B [interlocutores] se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações).

Com base nesse conceito, temos a indicação de que o locutor, ao empregar os itens em questão com maior recorrência, aponta a imagem que faz do objeto descrito/narrado considerando tanto o seu lugar de locutor quanto o de seu destinatário.

Mobilizamos o quadro de jogos de imagens de Pêcheux (1997, p. 83-4) e elaboramos um quadro com as formações imaginárias relacionadas ao *corpus* em estudo, a partir do qual esboçamos "a maneira pela qual a posição dos protagonistas do discurso[43] intervém a título de condições de produção do discurso", as quais apontarão os sentidos imagéticos dos

[43] "[...] efeito de sentidos entre os pontos A e B [enunciador e destinatário]" (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

substantivos com frequência altíssima e alta. Utilizamos como nomenclatura: I, para imagem; A, para locutor (Gândavo); B, para destinatário (leitores portugueses comuns; Censura Inquisitorial; membros da Coroa; entre outros); e R, para referente (província de Santa Cruz; nativo das terras brasileiras).

Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente
I_A (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	"Quem sou eu para lhe falar assim?"
I_A (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	"Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
I_B (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	"Quem sou eu para que ele me fale assim?"
I_B (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	"Quem é ele para que me fale assim?"
I_A (R)	"Ponto de vista" de A sobre R	"De que lhe falo assim?"
I_B (R)	"Ponto de vista" de B sobre R	"De que ele fala assim?"

Tabela 18 – Formações imaginárias

Diante das formações imaginárias apontadas, elencamos nosso entendimento para cada uma delas:

a) em I_A (A), temos a formação da imagem do locutor por ele mesmo, sendo a de um escrevente que fala em nome da Coroa, possuidor de informações pertencentes a poucos e que após "mais de setenta e tantos anos" de descoberta da província, põe em execução a tarefa de contar sua história, desejoso em vê-la autorizada pela Censura Inquisitorial;

b) em I_A (B), temos a formação da imagem do destinatário pelo locutor. Tratando-se do leitor comum, a imagem formada é a daquele que desconhece o referente e que precisa ser persuadido a se aventurar à nova terra. Tratando-se da Censura Inquisitorial, a imagem formada é a de uma instituição rígida que precisa ser persuadida quanto ao conteúdo a ser publicado. Tratando-se dos membros da Coroa, a imagem é a de uma instituição que anseia serem preservadas informações específicas da província descoberta;

c) em I_B (B), temos a formação da imagem que o destinatário faz de si mesmo, o qual se questiona do lugar que ocupa em relação ao que o locutor lhe dirige. A imagem formada vem a ser a do leitor comum, Censura Inquisitorial, membros da Coroa, entre outros, a qual determina as escolhas lexicais do locutor;

d) em I_B (A), temos a formação da imagem do locutor pelo destinatário, sendo a daquele que conhece informações pertencentes a poucos, que busca autorização para publicação de sua obra, e que pretende divulgar informações sobre a nova província;
e) em I_A (R), temos a formação da imagem do referente pelo locutor, sendo a de uma nova província desconhecida por grande parte de seus destinatários, e, especificamente, de acordo com nosso recorte, a dos nativos da província;
f) em I_B (R), temos a formação da imagem do referente pelo destinatário. Tratando-se do leitor comum, vem a ser de uma terra desconhecida. Tratando-se da Censura Inquisitorial, vem a ser a de uma nova província habitada por povos pagãos. Tratando-se dos membros da Coroa, vem a ser a de uma província com grande potencial de exploração.

Tomando os capítulos sobre os nativos, e especificamente, as escolhas lexicais do locutor para tratar do objeto, vemos que as formações imaginárias se mostram determinantes como condições de produção do discurso pelo locutor. Ao tratar dos nativos, ao mesmo tempo em que precisa descrevê-los como o são, precisa ser de forma que não afaste/assuste os possíveis aventureiros à nova terra; também precisa ser de forma que a Censura aprove a publicação; e ainda de forma que preserve determinadas informações relacionadas à exploração, atendendo à Coroa.

Acreditamos, dessa forma, que os onze itens com frequência altíssima e alta (os quais representam o foco lexical do texto) "projetem" (Pêcheux, 1997, p. 82) as imagens formadas. O item **maneira** é empregado quantas são as vezes em que o locutor necessita escrever sobre as formas, circunstâncias, condições pelas quais os nativos se utilizam e nas quais os nativos se encontram, revelando a preocupação em descrever o modo, o jeito, a forma daquilo que se refere ao nativo, o que vai ao encontro do emprego do item **vez**, que é mobilizado sempre que o locutor pretende enumerar as vezes em que determinadas situações se realizam. **Parte**, por sua vez, é mobilizada tanto para escrever sobre a porção de um todo, como partes do corpo do nativo, como para se referir à área ou região, sendo comum a referência à nova terra como uma parte. O item lexical **coisa** é utilizado para nomear genericamente, e pode ter sido muito utilizado justamente pelo fato de o referente ser novo e por isso, algumas vezes, pelo fato de não se saber como proceder junto à nomeação, utilizar-se de um nome genérico. **Terra**, **aldeia** e **índio** pertencem ao vocabulário específico do texto. O locutor aborda uma nova terra, cujos habitantes são nomeados como índios, os quais se organizam em agrupamentos denominados aldeias. Assim, a construção do texto não fluiria sem que se fizesse referência recorrente a estes substantivos. A ênfase ao emprego dos itens lexicais **inimigo** e **morte** se justifica pelo fato de o locutor descrever os embates que se dão entre nativos de grupos

inimigos, e entre nativos e não nativos, ocasionando muitas mortes. O emprego de **mão**, por sinal, é muito relacionado a tais embates, sendo que a referência ao item é fundamental para descrever a maioria das ações. Finalmente, a partir do emprego do substantivo **tempo**, o locutor refere-se à marcação do momento específico.

Pelo emprego destes itens, o locutor indica: conhecimento do assunto; generalização para determinados referentes; foco no principal referente (**aldeia**, **índio**, **terra**); alusão à prática dos embates entre os nativos; marcação do tempo. Ao mesmo tempo em que passa a imagem de conhecedor do assunto, "projeta" a imagem deste.

Finalizamos o capítulo, assegurando que a apresentação dos dados quantitativos representa apenas uma das etapas da pesquisa, etapa esta que nos adianta a importância em se descrever e analisar o léxico sem desconsiderá-lo de sua situação de enunciação, o que vem a ser desenvolvido em etapa posterior.

No próximo capítulo, tomando como procedimento metodológico a categorização de substantivos em campos léxicos, analisamos o vocabulário empregado por Gândavo para escrever sobre o nativo e demais referentes a ele relacionados.

5. VOCABULÁRIO DO SÉCULO XVI: CATEGORIZAÇÃO DE SUBSTANTIVOS EM CAMPOS LÉXICOS

O interesse pela investigação do léxico de uma língua acompanha pesquisadores há tempos. O conceito de palavra (a unidade operacional básica do estudo lexical), especificamente, divide opiniões e delimita linhas de investigação. Constituído como um conjunto "aberto", no léxico se encontra a riqueza "livre" da língua:

> Como a língua está em perpétuo movimento, seu caráter de inacabado e de devir está sempre presente, sobretudo no léxico, visto que essa é a parte do sistema linguístico mais suscetível a mudanças por constituir um conjunto aberto [...] formado por unidades extremamente heterogêneas (BIDERMAN, 1999, p. 96).

Nesse sentido, pretendemos, neste capítulo, analisar um conteúdo lexical empregado no século XVI – substantivos utilizados por Gândavo para nomear tanto o nativo da terra brasileira então encontrada quanto outros referentes a ele relacionados – com o objetivo de procurar compreender o processo de nomeação do colonizador frente ao "novo mundo" que se lhe apresenta.

Para isso, dividimos o capítulo em quatro seções. Na primeira ("A 'palavra' diante diferentes perspectivas"), fazemos uma discussão envolvendo a palavra a partir de diferentes posturas teóricas, vindo a abordar questões como conceituação, delimitação, classificação, terminologias, identificação, entre outras. Na segunda ("Campos léxicos e relações de sentido"), discutimos a teoria dos campos lexicais junto à constituição de uma metodologia para a descrição do léxico, bem como relações de sentido entre palavras. Na terceira ("Categorização de substantivos"), apresentamos os substantivos selecionados para amostragem analítica a partir de sua categorização em campos léxicos, discutindo sua constituição, semas, entre outros. Ao final do capítulo, na quarta seção ("Análise estrutural de lexias: alguns apontamentos"), mencionamos indicadores referentes à análise descritiva do léxico e a contribuição de um estudo léxico estrutural junto aos estudos da linguagem.

5.1 A "PALAVRA" DIANTE DIFERENTES PERSPECTIVAS

Desenvolver uma pesquisa que tome como um dos objetivos a investigação do léxico é esbarrar, de início, num problema linguístico que vem a ser a conceituação de palavra. Biderman (1999) cita a ocorrência do VI Congresso de Linguística, de Paris, em 1948, onde o

conceito de palavra fora "seriamente questionado", tendo havido, inclusive, a proposta de proscrição do termo da nomenclatura linguística haja vista a imprecisão e a impossibilidade de se chegar a uma definição ideal. Segundo a autora, bem antes disso, na obra clássica de Bloomfield (*Language*), não há nenhum capítulo sobre a palavra, tendo ele proposto conceitos operacionais como o morfema e a forma livre mínima. Assim, Pedreiro seria uma forma livre mínima, e o sufixo -eiro, por sua vez, um morfema, forma presa ao radical pedr-.

Biderman (1999, p. 82) acredita que "o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto; ele é relativo e varia de língua para língua. [...] essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade", não sendo possível defini-la de modo universal. Para ela, seus contornos formais situam-se entre o morfema e o sintagma – a unidade mínima gramatical significativa e a unidade sintagmática maior. Dessa forma, apenas no interior da língua é possível proceder à identificação, delimitação e conceituação da unidade léxica.

Harris (1968 *apud* BIDERMAN, 1999, p. 83) defende a utilização do conceito de morfema como operador básico da análise linguística, desconsiderando veementemente o de palavra, de modo que "os enunciados nada mais seriam que combinatórias e somatórios de morfemas", ficando a palavra destituída de sua função como instrumento de descrição e análise. Biderman (1999), no entanto, critica tal radicalismo defendendo que apesar de o morfema ser um operador necessário e básico na descrição e análise de línguas, há outra unidade intermediária existente – a palavra – que carece de investigação. São muitas as dificuldades as quais tornam complexa tal investigação, entre elas o fato de haver muitas palavras que funcionam como morfemas em determinadas línguas, mesmo não sendo formas presas, como as preposições e artigos nas línguas latinas.

Três são os critérios a partir dos quais se pode delimitar a palavra: o fonológico, o morfossintático e o semântico. Para o primeiro, uma palavra seria "uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa e após a qual a pausa seria possível (BIDERMAN, 1999, p. 83). Diante de sequências possíveis, é importante considerar que a separação em unidades lexicais se ampara no nível morfossintático, como também no acento de cada palavra. Em função dos acentos específicos a cada palavra, a maioria das línguas ocidentais desenvolveu o hábito de deixar espaços em branco para marcar suas fronteiras. No segundo nível de análise, atuam dois critérios simultâneos – o formal e o funcional. Este se relaciona à função que a palavra exerce na sentença; aquele, à classificação gramatical da palavra e sua filiação a determinados paradigmas. O terceiro critério é decisório na delimitação e identificação da palavra, se fundamentando a autora em Ullmann (1952 *apud* BIDERMAN, 1999, p. 87) para

considerar a palavra como unidade semântica indecomponível, a unidade mínima do discurso: "Se existem unidades gramaticais significantes menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma". Dessa forma, a autora acredita que a dimensão semântica seja decisória junto à identificação da unidade léxica ainda que congregue de informações dos outros níveis.

O léxico é um dos módulos componentes do sistema abstrato que é a língua (o outro é a gramática). A palavra, portanto, é um elemento permanente da língua, diferentemente do vocabulário, relacionado às realizações discursivas, aos atos de linguagem efêmeros, o que implica numa operação não tão simples: "a segmentação do discurso em vocábulos supõe a identificação das unidades léxicas no plano da língua" (BIDERMAN, 1999, p. 88), a qual aponta, por sua vez, a um problema crucial da Lexicologia, que vem a ser a definição dos fatores determinantes de uma unidade lexical e sua configuração.

Em relação à terminologia, a autora esclarece algumas definições no sentido de evitar equívocos, haja vista termos como palavra e vocábulo serem usuais na linguagem comum. Ambas, segundo ela, são usadas para as realizações discursivas, no entanto, destaca que é preciso designar diferentemente as unidades do sistema e do discurso quando a língua estiver sendo tratada cientificamente. Para a unidade lexical abstrata, tem-se o termo lexema para as unidades virtuais que compõem o léxico, e lema para sua representação canônica no dicionário. Consequentemente, léxico vem a ser "o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua"; e vocabulário, "o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades" (BIDERMAN, 1999, p. 88). Por outro lado, levando em consideração o plano das realizações discursivas, qualquer sequência significativa será chamada indistintamente de palavra ou vocábulo; lexema ou lema, a unidade denominativa para um conjunto de formas flexionadas que compõem um paradigma; e lema, a entrada canônica nos dicionários. A autora acredita que a utilização dos termos técnicos evitaria ambiguidades, destacando que o termo "palavra" é pertencente à linguagem comum, e não à científica. Quanto ao termo monema, proposto por Martinet, ela descarta a sua funcionalidade em Lexicologia, diferentemente do de lexia, proposto por Pottier, que por ser técnico, não se confunde com palavra e vocábulo. Conclui, portanto, que no plano da língua, a unidade abstrata do léxico vem a ser o lexema; e as manifestações discursivas dos lexemas, as lexias.

De acordo com Pottier (1974, p. 266-7, tradução nossa), há quatro tipos de lexias: simples, composta, complexa e textual. A simples "corresponde à <<palavra>> tradicional em

muitos casos”[44]; a composta “é o resultado de uma integração semântica, que se manifesta formalmente”[45]; a complexa, por sua vez, “é uma sequência em processo de lexicalização, em graus diversos”[46]; finalmente, a textual “é uma lexia complexa que atinge o nível de um enunciado ou de um texto” [47]. Como exemplos em nossa língua, podemos ter, respectivamente: filho, pão-de-queijo, “acabar em pizza” e oração da Ave Maria.

Para proceder à identificação de uma unidade léxica, Biderman (1999) lembra que muitas delas não apresentam problemas. É o caso das lexias simples. No entanto, nas realizações discursivas, as fronteiras entre as palavras deixam dúvidas. Assim, ela propõe dois testes para distinguir uma lexia complexa de uma sequência discursiva variável: o de substituição e o de inserção. Ambos, respectivamente, provocam estranhamento para os casos já lexicalizados: “bom dia” – ótimo dia, “dor de cabeça” – dor terrível de cabeça, entre outros. A autora questiona a produção lexicográfica brasileira por não oferecer parâmetros seguros no tratamento da unidade léxica, sendo a identificação dos lemas nos dicionários muito criticável. Um dos motivos apontados para a antiga prática vem a ser o fato de a maioria dos dicionaristas terem pouca ou nenhuma formação em ciência linguística.

Ao tratar especificamente das unidades complexas, Biderman (1999) apresenta como primeira questão um problema terminológico: devem ser chamadas de fraseologias, fraseolexemas, expressões cristalizadas, expressões idiomáticas? Outra questão apresentada é a ortográfica, já que, para a autora, tais unidades deveriam ser grafadas com hífen. Questiona, ainda, qual seria o momento de consolidação do processo de lexicalização, de cristalização da lexia complexa, a qual gera um novo item lexical, sugerindo que o papel da significação é fundamental e a frequência de uso é que vai propiciar a cristalização da sequência discursiva: “Se a combinatória lexical refere um referente único e perfeitamente identificável no universo extra-lingüístico, é quase certo que o sentimento linguístico dos falantes os induzirá a considerar esse sintagma lexicalizado” (BIDERMAN, 1999, p. 92). A economia linguística é, em parte, propiciadora desse “problema”, já que unidades simples são utilizadas em diferentes domínios do conhecimento, gerando a polissemia, e ainda combinam-se entre si, infinitamente, resultando em unidades complexas. A ambiguidade surge porque unidades lexicais já categorizadas são grafadas como se fossem várias unidades, consequência de uma ortografia conservadora e inconsistente, lembrando, ainda, o caso das unidades complexas de

---

[44] “[...] corresponda au <<mot>> traditionnel dans de nombreux cas” (POTTIER, 1974, p. 266).
[45] “[...] est le résultat d’une intégration sémantique, qui se manifeste formellement” (POTTIER, 1974, p. 266).
[46] “[...] est une séquence en voie de lexicalisation, à des degrés divers” (POTTIER, 1974, p. 266).
[47] “[...] est une lexie complexe qui atteint le niveau d’um énoncé ou d’um texte” (POTTIER, 1974, p. 267).

valor gramatical e não referencial (locuções adverbiais, prepositivas, conjuncionais, pronominais).

Outra questão apontada é o caso das sequências de combinatórias lexicais maiores, para as quais a autora apresenta duas categorias: os sintagmas nominais ("centro de alta pressão", "zona de pressão atmosférica") e os verbais ("ficar de pés e mãos amarrados", "dar murro em ponta de faca"). Há determinadas combinatórias discursivas que já fazem parte do acervo léxico da língua, e por isso são consideradas combinatórias cristalizadas ("bater as botas"), as quais se aplicam a frases relativamente idênticas, não aceitando modificações em frases quaisquer. "Entre os sintagmas cristalizados como *lexias complexas*, as *expressões idiomáticas* exibem grande fixidez, típicas de unidades lexicalizadas. Isso evidencia que elas têm uma existência própria, fazendo parte do léxico da língua" (BIDERMAN, 1999, p. 94).

A autora cita Corazzari (1992 *apud* BIDERMAN, 1999, p. 95) para quem as unidades lexicais complexas são denominadas unidades fraseológicas, as quais "são sequências de palavras que têm uma coesão interna do ponto de vista semântico e que possuem propriedades morfossintáticas específicas". Constituem-se por pelo menos duas palavras separadas por brancos, hífens ou apóstrofos e classificam-se funcionalmente como uma única categoria lexico-gramatical, possuindo graus diversos de idiomaticidade e cristalização. Assim, as expressões idiomáticas são semanticamente opacas, cujo sentido não depende da somatória dos sentidos de seus componentes; já as colocações são semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais coocorrentes.

Quemada (1981 *apud* ALVES, 1999, p. 69-70), ao tratar da delimitação da unidade lexical, propõe três planos, demonstrando uma expansão em relação aos limites da dicotomia saussuriana (língua/fala) ao introduzir o elemento norma, assim como outros linguistas europeus o fizeram, o que permite "considerar, ao mesmo tempo, fatos concretos e observáveis, regras de funcionamento e conceitos, categorias ou funções abstratas". No plano do <u>código</u> se concentram as unidades de significação estereotipadas (lexicalizadas), marcadas pela frequência de emprego e uso social e organizadas de maneira sincrônica funcional – as lexias, cujo domínio é o da Lexilogia. No caso de serem científicas e técnicas, tem-se os termos. Se naturalizadas, têm-se os empréstimos. No plano do <u>discurso</u> estão as unidades em situação de enunciação, realizadas contextualmente – as lexes. Em função do traço característico da variabilidade, podem ser classificadas em vocábulos e lexoides. As primeiras "são lexias atualizadas no discurso, que assumem diferentes valores significativos de acordo com o contexto"; as últimas envolvem os neologismos e estrangeirismos. Seu domínio é o da Lexigrafia. No plano do <u>sistema</u> se observam as unidades abstratas reunidas, organizadas e

associadas de forma acrônica – os lexemas e formantes. Pertencentes ao domínio da Lexemática, "representam os signos lexicais mínimos, morfossemanticamente determinados no interior de conjuntos organizados, em que são neutralizadas e confundidas todas as referências relacionadas à cronologia e ao uso e todas as avaliações normativas" Os lexemas designam toda unidade livre mínima; os formantes, as unidades lexicais mínimas presas.

Pretendemos apresentar nesta pesquisa, um estudo de itens lexicais no plano do discurso, na modalidade escrita, a partir de um vocabulário empregado em obra do século XVI. Tais itens são tomados como lexias, a partir da denominação atribuída por Pottier (1974), e categorizados em campos léxicos, os quais são abordados teoricamente na seção seguinte, juntamente a relações de sentido.

5.2 CAMPOS LÉXICOS E RELAÇÕES DE SENTIDO

O conceito de campo léxico é abordado a partir de Eugenio Coseriu (1977, p. 11-2, tradução nossa), o qual se encontra inserido em sua proposta de estudo diacrônico estrutural das significações das palavras, especificamente do plano do conteúdo, "entendendo por <<conteúdo>> a <<forma>> e a <<substância>> semânticas de uma só vez ou, melhor dizendo, a <<substância>> semântica como substância linguisticamente <<formada>>"[48]. A obra apresenta pressupostos teóricos e metodológicos para o estudo funcional do léxico, denominado pelo autor de lexemática ou semântica estrutural. Por língua funcional, ele entende um sistema dentro de uma língua histórica (como o francês, o inglês etc.), sendo que esta, em sua totalidade, abrange uma série de línguas funcionais diferentes. "Isto significa que toda descrição estrutural (assim como toda história <<interna>>) de uma língua histórica deve fazer-se, em princípio, para cada uma das <<línguas funcionais>> que nela se distingam"[49]. O termo semântica, por sua vez, justifica-se devido ao autor acreditar que todas as funções da linguagem sejam semânticas, ressaltando, ainda, que o emprego restrito do termo deve-se ao fato de que, de acordo com o uso corrente, a semântica relaciona-se primeiramente à semântica léxica.

O autor afirma que, diferentemente da gramática, a lexicologia tradicional não vinha sendo desenvolvida de forma estrutural, deixando de fundar-se em oposições funcionais. Ao

---

[48] "[...] entendiendo por <<contenido>> la <<forma>> y la <<sustancia>> semánticas a la vez o, mejor dicho, la <<sustancia>> semántica como sustancia lingüísticamente <<formada>>" (COSERIU, 1977, p. 11).

[49] "Esto significa que toda descripción estructural (así como toda historia <<interna>>) de uma lengua histórica debe hacerse, em principio, para cada una de las <<lenguas funcionais>> que en ella se distingan" (COSERIU, 1977, p. 12).

procurar mostrar a possibilidade de tratamento estrutural do léxico, de descrição integral de todo o léxico de uma língua como um só sistema, faz algumas comparações com o que é feito pela gramática e pela fonologia, ressaltando que "se pode ser certo que o léxico é o domínio menos estruturado da língua, isto não impede que seja suscetível de um tratamento estrutural, ao menos à medida em que está estruturado" (COSERIU, 1977, p. 26, tradução nossa)[50]. Numa das comparações, destaca o caráter empírico junto à dificuldade de descrição unitária e coerente do léxico: na fonologia, há um número limitado de unidades e sistemas parciais; na gramática, há um número mais numeroso, porém, considerado limitado em relação ao léxico, cujas unidades são da ordem dos milhares e os sistemas parciais, também numerosos. Assim, propõe que se comece estabelecendo sistemas parciais simples para, num momento posterior, ordená-los em sistemas mais complexos; e, se a facilidade não for a mesma para o estabelecimento dos sistemas, sugere que se comece por estabelecer oposições imediatas.

Coseriu (1977, p. 28-9, tradução nossa) segue, então, com comparações entre o léxico e a fonologia e defende que se é possível entender estrutura como "delimitação e organização de uma substância por meio de unidades funcionais que são diferentes em línguas diferentes"[51], é indubitavelmente lícito conferir às estruturas léxicas um tratamento análogo ao das estruturas fonológicas, visto que "a organização da experiência do real por meio das unidades léxicas e a organização da substância fônica por meio dos fonemas são totalmente comparáveis"[52].

Os sistemas limitados e imediatos do léxico se relacionam aos "campos conceituais", propostos por Trier e Weisgerber, porém, estes são concebidos sócio-culturalmente e a proposta de Coseriu (1977) aponta para uma direção estrutural, no entanto, apesar de não ser estrutural, a teoria dos campos de Trier e Weisgerber oferecem importantes contribuições e sugestões para uma análise estrutural do léxico:

> Desta forma, pensamos que a teoria dos campos conceituais deve ser combinada com a doutrina funcional das oposições linguísticas (que, aliás, se faz implícita nesta teoria) e que a prova da comutação deve aplicar-se também às relações léxicas, não para identificar as unidades – que, neste caso, podem estar dadas como tais – , mas para estabelecer os traços distintivos que as caracterizam e, deste modo, as oposições de conteúdo nas quais elas funcionam. Somente pelas oposições distintivas, a <<configuração

[50] "[...] si puede ser cierto que el léxico es el dominio menos estructurado de la lengua, ello no impide que sea susceptible de un tratamiento estructural, al menos en la medida en que está estructurado (COSERIU, 1977, p. 26)".

[51] "[...] delimitación y organización de una sustancia por medio de unidades funcionales que son diferentes en lenguas deferentes" (COSERIU, 1977, p. 28).

[52] "[...] la organización de la experiencia de lo real por medio de las unidades léxicas y la organización de la sustancia fónica por medio de los fonemas son totalmente comparables" (COSERIU, 1977, p. 29).

> semântica>> de um campo se torna uma verdadeira <<estrutura linguística>> (p. 39-40, tradução nossa)[53].

Um campo conceitual apresenta um conteúdo unitário o qual se subdivide por meio de oposições entre as unidades pertencentes, de forma que a partir do conteúdo unitário, os campos entrem em oposição. Assim, o estabelecimento de um campo se inicia a partir de oposições simples entre os itens lexicais e termina quando uma nova oposição exija que o valor unitário se converta em traço distintivo, se admitindo, portanto, "a redução dos campos conceituais a sistemas léxicos organizados e delimitados por meio de oposições distintivas imediatas" (COSERIU, 1977, p. 40, tradução nossa)[54], o que possibilitou a identificação do objeto da semântica diacrônica estrutural: as estruturas léxicas de conteúdo.

A semântica diacrônica estrutural é duplamente justificada pelo autor: tanto pela existência do seu objeto quanto pelo fato de a semântica tradicional não ocupar-se das estruturas de conteúdo enquanto tais, ressaltando, ainda, que tal teoria poderia resultar frutífera em vários sentidos, especificamente à etimologia, aos estudos dos contatos interlinguísticos, à tipologia linguística e à comparação de línguas.

Em relação à estrutura do léxico, Coseriu (1977) aborda, inicialmente, a função léxica, ou seja, a estruturação primária da experiência por meio de unidades lexicais, sendo, pois, anterior às funções de combinação destas no enunciado (do ponto de vista lógico). Assim, deixa claro que as únicas palavras das quais se ocupará a teoria serão as lexemáticas, consideradas como lexemas, ou seja, portadoras de função léxica, excluindo-se, portanto, as palavras com equivalência de oração, as morfemáticas e as categoremáticas. Também deixam de fazer parte do material de análise da teoria os nomes próprios (já que são considerados lexemas historicamente individualizados) e os numerais. Define, portanto, a estrutura léxica como "a configuração semântica do léxico, ou seja, das palavras lexemáticas" (p. 90, tradução nossa)[55].

O autor desenvolve, então, uma discussão destacando que a possibilidade de uma descrição propriamente estrutural, homogênea e coerente é vista com muita desconfiança e ceticismo em razão dos seguintes motivos: complexidade das relações léxicas; imprecisão das

---

[53] "Asimismo, pensamos que la teoría de los campos conceptuales debe ser combinada con la doctrina funcional de las oposiciones lingüísticas (que, por lo demás, se halla implícita en esta teoría) y que la prueba de la conmutación debe aplicarse también a las relaciones léxicas, no para identificar las unidades – que, en este caso, suelen estar dadas como tales –, sino para establecer los rasgos distintivos que las caracterizan y, de este modo, las oposiciones de contenido en las que ellas funcionan. Sólo por las oposiciones distintivas la <<configuración semántica>> de um campo se vuelve una verdadera <<estructura lingüística>>" (COSERIU, 1977, p. 39-40).

[54] "[...] la reducción de los campos conceptuales a sistemas léxicos organizados y delimitados por medio de oposiciones distintivas immeditas" (COSERIU, 1977, p. 40).

[55] "[...] la configuración semántica del léxico, o sea, de las palavras lexemáticas" (COSERIU, 1977, p. 90).

estruturas léxicas; papel da subjetividade; e organização distinta do léxico em diferentes indivíduos da mesma comunidade linguística. No entanto, afirma que estas questões também se referem, de certa forma, à linguística estrutural em geral, com a diferença de que, por exemplo, a começar pelas relações complicadas, elas não o são menos do que as da gramática (salvo o número de unidades), mas na gramática, há resultados dispostos há mais de dois mil anos, e na lexicologia, as investigações estão apenas começando. E, se há imprecisão nas estruturas, uma análise estrutural poderá apresentá-las como são, ressaltando que "não é razoável afirmar que as estruturas léxicas são imprecisas *antes* de tê-las estabelecido por meio de um método rigoroso" (COSERIU, 1977, p. 91, tradução nossa)[56]. Em relação à subjetividade, questiona se vem a ser uma subjetividade linguística, a qual possa se manifestar no funcionamento das formas linguísticas. Finalmente, sobre as distintas organizações léxicas para diferentes indivíduos de uma mesma comunidade, assevera que isto afeta a unidade do léxico, não sua estrutura. Destaca, portanto, que as dificuldades afetarão a quantidade de trabalho, não a sua natureza.

Como as unidades léxicas são constituídas por expressão e conteúdo, três estruturações diferentes são admitidas: da expressão; da expressão e do conteúdo; e do conteúdo. Para Coseriu (1977), um estudo estrutural coerente só é possível a partir das relações de conteúdo, distinguindo-se em cinco tipos de estruturações: "campo léxico", "modificação", "desenvolvimento", "derivação" e "solidariedade"[57]. As três primeiras são da ordem do paradigma; as duas últimas, do sintagma. A primeira é do tipo oposicional; as outras, relacionais. São estas, portanto, as estruturas a que denomina de estruturas lexemáticas. Diante da escolha, neste trabalho, pela utilização do primeiro tipo como procedimento metodológico para o tratamento do *corpus*, a seguir, passamos a comentar apenas o referido tipo de estrutura lexemática.

A proposta de Coseriu (1977, p. 135, tradução nossa) é, pois, a de categorizar o conjunto das unidades de significação de uma língua funcional em campos léxicos, os quais são concebidos como "um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo), que aqueles lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico (<<traços distintivos lexemáticos>> ou semas)"[58]. Tais campos funcionam, portanto, como categorias, e são representados, geralmente, por uma

---

[56] "[...] no es razonable afirmar que las estruturas léxicas son imprecisas *antes* de haberlas establecido por medio de um metodo riguroso" (COSERIU, 1977, p. 91).

[57] "Campo léxico", "modificación", "desarrollo", "derivación" e "solidaridad" (COSERIU, 1977).

[58] "[...] un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos lexemas subdividen en valores más determinados, oponiéndose entre sí por diferencias mínimas de contenido léxico (<<rasgos distintivos lexemáticos>> o *semas*)" (COSERIU, 1977, p. 135).

palavra arquilexemática, a qual corresponde ao seu valor unitário; e admitem vários níveis de estruturação, de modo que um campo pode estar incluído como unidade num campo de nível superior. O autor elege esta estrutura lexemática como "uma estrutura paradigmática primária do léxico; [...] a estrutura paradigmática por excelência" (COSERIU, 1977, p. 210)[59].

Como características gerais dos campos léxicos, Coseriu (1977, p. 136) elenca as seguintes: não estão organizados completamente por suas subdivisões, sendo que uma grande parte só o é pelos arquilexemas; há interferências entre os campos, não representando uma classificação homogênea, mas classificações simultâneas a partir de diferentes critérios; não são campos de objetos; não coincidem com os campos conceituais; e não são campos associativos, já que estes são "centrífugos" em relação às palavras, e os campos léxicos são "centrípetos".

Em relação às principais diferenças entre as línguas, relacionadas aos campos léxicos, Coseriu (1977, p. 137) explica: as línguas estruturam "realidades" diferentes; as delimitações das "realidades" são nelas diferentes; e os princípios de estruturação e delimitação são frequentemente diferentes.

O autor concebe os campos, portanto, como estruturas, concepção esta muito pouco refletida nos estudos realizados até aquele momento, a qual é mobilizada nesta investigação ao se propor a análise da estrutura léxica presente no *corpus*.

Como os itens lexicais se articulam nos campos por meio de relações de sentido, inserimos breves comentários acerca de algumas delas, a saber: hiponímia, hiperonímia, sinonímia, antonímia, homonímia e polissemia.

Hiponímia e hiperonímia são consideradas noções de implicação, dependentes do conhecimento extralinguístico dos interlocutores. "A hiponímia pode ser definida como uma relação estabelecida entre palavras quando o sentido de uma está incluído no sentido de outra. [...] é uma relação linguística que estrutura o léxico das línguas em classes" (CANÇADO, 2012, p. 32). O item lexical específico, constituinte de uma cadeia, é chamado de hipônimo; já o termo geral, que está contido nos itens de uma cadeia, vem a ser o hiperônimo.

Assim, tomando os itens lexicais **espada** e **arma** (empregados pelo locutor num dos campos léxicos), entendemos que, na cadeia, **espada** é hipônimo e **arma**, hiperônimo, relacionados assimetricamente, já que "o hipônimo contém o seu hiperônimo, mas o hiperônimo não contém o seu hipônimo" (CANÇADO, 2012, p. 32), de modo que **espada** é

[59] "[...] una estructura paradigmática primaria del léxico; [...], la estructura paradigmática por excelencia" (COSERIU, 1977, p. 210).

uma **arma**, mas nem toda **arma** é uma **espada**. O sentido do item **arma** está contido no item **espada**, mas o inverso não ocorre.

A sinonímia caracteriza-se como uma relação complexa de se definir, sendo objeto de estudos há séculos. Cançado (2012, p. 47) ressalta que não basta concebê-la como identidade de significados, tendo em vista a amplitude da afirmação, salientando que para haver sinonímia, as palavras não devam ter apenas a mesma referência, mas também o mesmo sentido. Ilari e Geraldi (1994, p. 44) afirmam que foi desenvolvido o seguinte teste de sinonímia: "Duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa", destacando que, apesar de surtir os efeitos desejados em muitos casos, falha em determinados contextos, indo ao encontro do que afirma Cançado (2012, p. 48):

> [...] percebemos que não é possível pensar em sinonímia de palavras fora do contexto em que estas são empregadas. [...] na maioria dos casos, pode-se dizer apenas que existe uma sinonímia baseada somente no significado conceitual da palavra, sem se levar em conta o estilo, as associações sociais ou dialetais, ou mesmo os registros.

Dessa forma, a sinonímia é concebida como um fenômeno gradual, cujos diferentes contextos implicarão de forma mais ou menos exigente em relação ao teste supracitado, de maneira que: "Se [...] a significação de uma palavra é o conjunto de contextos lingüísticos em que pode ocorrer, então é impossível encontrar dois 'sinônimos perfeitos'", levando-nos a considerar que: "Palavras presumivelmente sinônimas sofrem sempre algum tipo de especialização, de sentido ou de uso" (ILARI; GERALDI, 1994, p. 46-7).

No tratamento do *corpus*, decidimos, como procedimento metodológico, comentar os semas das lexias constituintes de cada campo léxico, justamente por considerarmos que não se tratam de lexias sinônimas, mas de diferentes escolhas lexicais para fins específicos.

No caso da oposição de sentidos entre palavras, temos a antonímia. Assim como na noção anterior, Cançado (2012, p. 52) reforça que tal definição deva ser relativizada, visto que "os sentidos das palavras podem se opor de várias formas, ou mesmo que existem palavras que nem têm um oposto verdadeiro". Citando Hurford e Heasley (1983 *apud* CANÇADO, 2012, p. 52), ela delimita três tipos de oposições existentes: binária ou complementar, inverso e gradativo. O primeiro se refere a pares de palavras cuja aplicação de uma impede a aplicação do seu par. O tipo inverso ocorre quando "uma palavra descreve a relação entre duas coisas ou pessoas e uma outra palavra descreve essa mesma relação, mas em uma ordem inversa". Finalmente, no último tipo, os pares se encontram em "terminais opostos de uma

escala contínua de valores", para o qual, "a negação de um termo não implica a afirmação do outro", já que pode haver um termo entre os pares que possa expressar o contexto.

Ao se tomar exemplos do *corpus*, para o primeiro tipo temos o par: "**ruim** pronostico" e "**boas** cousas". Se o "pronostico" é ruim, não pode ser bom, e se as "cousas" são boas, não podem ser ruins. Para o segundo tipo: "os **pais** de seus **filhos**", termos estes que apontam a relação entre duas pessoas dependendo da ordem enunciada. Para o terceiro tipo, enfim, o par: "molheres **fracas**" e "e fazerem mais **fortes** contra seus imigos", cuja escala de valores aponta, no primeiro termo do par, que o fato de as mulheres não serem fracas, não quer dizer que sejam fortes, podendo haver uma escala entre os dois termos; o segundo termo do par, por sua vez, indica que pode se referir a pessoas menos fortes, mas não fracas.

Homonímia e polissemia (CANÇADO, 2012, p. 71) caracterizam-se como noções semânticas no interior da ambiguidade lexical, a qual vem a ocorrer quando uma palavra se associa a mais de um significado. Na homonímia, "os sentidos da palavra ambígua não são relacionados"; na polissemia, o são, haja vista um determinado sentido ser recuperado em todos os outros.

> Existe uma diferença entre homonímia e polissemia tradicionalmente assumida pela literatura semântica, mais especificamente pela Lexicologia. Todos os dois fenômenos lidam com os vários sentidos para uma mesma palavra fonológica; entretanto, polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si (CANÇADO, 2012, p. 71-2).

Cançado (2012, p. 72) adverte que não é simples estabelecer se os sentidos são ou não relacionados (citando como causas o fato de poder haver discordância entre os falantes e também a recuperação histórica ser tão antiga a ponto de não se poder ser reconhecida na atualidade), o que torna a polissemia como um dos temas mais investigados na literatura linguística. "Em muitos casos, a mesma palavra pode ser considerada uma homonímia em relação a determinado sentido e ser polissêmica em relação a outros".

Assim sendo, como exemplo de homonímia, no *corpus*, podemos apontar a lexia **pena**, haja vista em um dos casos se referir a castigo e, em outro, a revestimento do corpo de uma ave:

a) "nem tẽ pera si q*ue* ha depois da morte gloria pera os bõs, e **pena** pera os maos" (GÂNDAVO, 1576, f. 33v-34r);

b) "se empẽna primeiro por todo o corpo com **pẽnas** de papagayos e de outras aues de varias cores" (GÂNDAVO, 1576, f. 41v).

Como exemplo de polissemia, temos a lexia **costa**, pois num dos casos se refere a área próxima ao mar, e no outro, ao dorso do corpo, havendo, pois, uma relação entre ambos, já que se referem à traseira, margem, dorso do seu referente:

a) "Tambẽ se sustentam do muito marisco e peixes q*ue* vam pescar pela **costa** em jãgadas" (GÂNDAVO, 1576, f. 36v);

b) "q*ua*ndo algũ morre, costumão enterralo em hũa coua assentado sobre os pés cõ sua rede ás **costas** q*ue* em vida lhe seruia de cama" (GÂNDAVO, 1576, f. 34r).

A seguir, apresentamos a descrição do vocabulário empregado por Gândavo, conforme os pressupostos teóricos e metodológicos tratados.

5.3 CATEGORIZAÇÃO DE SUBSTANTIVOS

De acordo com Biderman (1978, p. 139-141), da tensão em movimento entre os pólos indivíduo e sociedade, se origina o Léxico, o qual em "qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos" representando "a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades", cujo aprendizado jamais cessa durante a vida do indivíduo. Está sujeito à expansão e/ou contração. Alguns termos podem entrar em desuso; outros, voltar a circular com novas conotações. Sua forma de armazenamento na memória é desconhecida, mas é inegável que seu registro se dê de forma ordenada.

Partindo de dados empíricos, a referida autora afirma que a categorização vem a ser um processo mental a partir do qual "os indivíduos estruturam o seu repertório léxico, seguindo os modelos e os usos de sua comunidade linguística", apontando duas operações complementares junto a tal classificação categorial:

> a) o conhecimento do mundo e da taxionomia que a sua língua e a sua cultura atribuem a essa mesma realidade;
> b) o seu esforço cognitivo pessoal de armazenar e catalogar os denotadores léxicos, segundo o modelo semântico de sua língua e, eventualmente, de potencialidades linguísticas de cunho universal, de que ele seria dotado desde o seu nascimento (BIDERMAM, 1978, p. 142).

A autora ainda ressalta que "os processos de categorização léxica são específicos de cada língua" (BIDERMAN, 1978, p. 142), e, nesse sentido, acreditamos na especificidade de tais processos se considerados em diferentes momentos de uso de uma língua específica, principalmente se tal uso coincide com o período de formação da língua descrita.

Categorização de substantivos é, portanto, o método "ordenado" que selecionamos para analisar o vocabulário empregado por Gândavo para escrever sobre referentes da "prouincia Sãcta Cruz". Essa classificação categorial de substantivos empregados no século XVI pode contribuir, por exemplo, para o conhecimento de aspectos diversos relacionados à formação do léxico do português brasileiro. Neste caso específico, podemos compreender o processo de nomeação, pelo não nativo, do nativo e de referentes a este associados. Por isso, se fez fundamental o inventário de lexias empregadas com a função de substantivos.

Dada a importância "designadora" desta classe (CASTILHO, 2012, p. 453) na elaboração de um texto, selecionamos substantivos empregados por Gândavo os quais pudessem apontar o registro lexical feito pelo não nativo nos capítulos da obra dedicados ao nativo e ao que se lhe refere, de forma que pudéssemos verificar, pelas lexias, como este é visto por aquele. Segundo Biderman (1998, p. 91),

> o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.

A proposta, então, nesta seção, é a de descrever uma amostra de vocabulário empregado em obra publicada no século XVI, período de formação do português brasileiro (especificamente, de seu léxico), com a discussão de semas distintivos de lexias, demonstrando que uma obra que foi elaborada com o objetivo de dar a conhecer a nova terra, com capítulos específicos para tratar do seu habitante, traz itens lexicais fundamentais à construção da imagem do nativo pelos leitores da *Historia da prouincia Sãcta Cruz*. A partir do acesso ao registro lexical no primeiro século de contato entre colonizadores e colonizados, pretendemos discutir o registro que Gândavo faz desse "novo referente" e daquilo a que se lhe refere.

Os campos léxicos são ordenados tomando-se como referência um arquilexema, o qual, segundo Coseriu (1977, p. 171, tradução nossa), vem a ser "uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo (ou de todo um campo léxico)"[60]. Os itens lexicais de um campo léxico se permitem categorizar de acordo com a significação comum expressa pelo arquilexema, e ao mesmo tempo se opõem uns aos outros por traços que os distinguem de forma imediata, denominados por Coseriu (1977, p. 172,

[60] "[...] una unidad cuyo contenido es idéntico al contenido común de dos o más unidades de un campo (o de todo un campo léxico)" (COSERIU, 1977, p. 171).

tradução nossa) de semas, os quais desempenham um importante papel junto à constituição do campo:

> [...] propomos, [...], partir de oposições imediatas, por exemplo, entre dois ou três lexemas, identificar os traços distintivos que opõem estes termos e <<construir>> o campo léxico de forma gradual, estabelecendo novas oposições entre os termos já considerados e outros termos. Em cada etapa de análise temos, por um lado, traços distintivos mínimos já identificados e, por outro, um valor comum aos termos considerados, valor que poderá ser analisado, por sua vez, em traços distintivos mínimos e em um valor comum mais reduzido sobre a base de outras oposições[61].

Nesse sentido, os itens agrupados nos campos léxicos estabelecidos apresentam um conteúdo lexical comum, mas traços distintivos entre si (visto não serem sinônimos), considerando-se, portanto, como base fundamental da análise a discussão de tais traços. Para isso, foi necessária a consulta a obras lexicográficas, selecionando-se Cardosi (1562), Pereyra (1647), Bluteau (1712-1721), Houaiss (2009) e Ferreira (2010). Em relação às três primeiras, esclarecemos que, como o material de análise é do ano de 1576, e o primeiro dicionário de Língua Portuguesa somente fora publicado entre 1712 e 1721, utilizamos os primeiros para atestação do verbete[62], e o terceiro para aferição das acepções[63]. Primeiramente, os verbetes eram procurados em Cardosi (1562), visto ser coetâneo de Gândavo, e para os casos de não atestação, consultávamos Pereyra (1647). Apesar de não ser coetânea de Gândavo, esta obra foi consultada por ter sido publicada a menos de um século após a publicação da "Historia".

---

[61] "[...] proponemos, [...], partir de oposiciones inmediatas, por ejemplo, entre dos o tres lexemas, identificar los rasgos distintivos que oponen estos términos y <<construir>> el campo léxico de forma gradual, estableciendo nuevas oposiciones entre los términos ya considerados y outros términos. En cada etapa del análisis tendremos, por un lado, rasgos distintivos mínimos ya identificados y, por el otro, un valor común a los términos considerados, valor que podrá ser analizado, a su vez, en rasgos distintivos mínimos y en un valor común más reducido, sobre la base de otras oposiciones" (COSERIU, 1977, p. 172).

[62] "[...] a menor sequência que dentro do dicionário tem autonomia, e está constituíd[a] por uma unidade léxica, a qual representa uma série de formas que se podem obter a partir dela, mais o conjunto de informações que sobre esta unidade se proporciona, denominado parte *definitória* ou *corpo* (CARBALLO, 2003, p. 81, tradução nossa). Cf.: "[...] la secuencia más pequeña que dentro del diccionario tiene autonomía, y está constituid[a] por uma unidad léxica, que representa una serie de formas que se pueden obtener a partir de ella, más el conjunto de informaciones que sobre esta unidad se proporciona, denominado parte *difinitoria* o *cuerpo* (CARBALLO, 2003, p. 81).

[63] "[...] cada um dos sentidos realizados de um significado, aceito e reconhecido pelo uso, que no dicionário aparece verbalizado por meio da definição lexicográfica" (HERNÁNDEZ, 1991, p. 133 *apud* GUERRA, 2003, p. 130, tradução nossa), sendo que esta, "não é mais que o procedimento lexicográfico pelo qual tradicionalmente toma forma nas páginas do dicionário cada um destes sentidos fixados pelo uso de uma comunidade (GUERRA, 2003, p. 130, tradução nossa). Cf.: "[..] cada uno de los sentidos realizados de un significado, aceptado y reconocido por el uso, que en el diccionario aparece verbalizado por medio de la definición lexicográfica" (HERNÁNDEZ, 1991, p. 133 *apud* GUERRA, 2003, p. 130), sendo que esta, "no es más que el procedimiento lexicográfico por el que tradicionalmente se plasma en las páginas del diccionario cada uno de esos sentidos fijados por el uso de una comunidad (GUERRA, 2003, p. 130).

As duas últimas obras (HOUAISS, 2009 e FERREIRA, 2010) foram consultadas apenas quando houve necessidade de complementarmos a compreensão do significado da lexia.

A forma de apresentação da análise é a seguinte: cada campo é, inicialmente, disposto em uma tabela com as lexias constituintes, a indicação do número de ocorrências destas no texto e uma das abonações empregadas (quando o item contempla mais de um sentido, citamos o número de abonações correspondente). Comparando-se a frequência de determinadas lexias ao Índice de frequência apresentado no capítulo anterior, é possível perceber diferença em algumas das quantidades apontadas, posto que diante dos empregos analisados, consideramos apenas aqueles relacionados à especificidade do campo léxico, vindo, a seguir, a comentar a constituição do campo com a análise dos semas de suas respectivas lexias. Os verbetes consultados, em sua grande maioria, apresentam definições extensas, levando-nos a citar, na análise, apenas as acepções relacionadas ao arquilexema considerado.

No Índice de frequência, todas as lexias são apresentadas em sua forma simples, lematizada, no entanto, a análise mostra que algumas delas – parafraseando livremente Pottier (1974) – "se integraram semanticamente manifestando-se na forma composta", a saber: **coxia de galé**, **lançadeira de tear** e **oficial de guerra**, as quais, por tomarem um único referente, são assim consideradas nos campos que as abrigam.

Como as lexias tomam como referência a edição príncipe (GÂNDAVO, 1576), ao citarmos as abonações, tanto nas tabelas como em meio à sua discussão, informamos apenas as folhas e linhas. Assim, toda citação relacionada ao recorte editado, segue o critério: 43v, 361-363 (por exemplo), sendo a primeira indicação referente à folha, e a segunda, às linhas da edição.

Categorizamos um total de seis campos léxicos, cujos arquilexemas são denominados de forma que melhor possam "representar" seus constituintes, variando entre um item lexical a um sintagma, a saber: "nomeação para nativo", "objetos", "alimentos", "aspectos da terra", "espaço" e "autoridades".

5.3.1 Campo léxico "nomeação para nativo"

Lexias	Abonações
alarve (1)	"Estes **Alarues** tem feito muito dãno nestas capitanias depois que deceram a esta costa, e mortos algũs Portugueses e escrauos, porque sam muy barbaros, e toda a gente da terra lhes he odiosa" (43v, 361-363).
criatura (1)	"Antes seus próprios auós (a quem mais deuia chegar esta magoa) sam

	aq*ue*lles que cõ mayor gosto o ajudam a comer, e dizẽ q*ue* como filho de seu pay se vingam delle: tendo pera si que em tal caso nam toma esta **criatura** nada da mãy, nẽ crem q*ue* aquella imiga semente pode ter mistura com seu sangue" (42v, 330-334).
gente (13)	"Viuem todos muy descansados sem terẽ outros pensamentos, senam de comer, beber, e matar **gẽte**, e por isso engordão muito: mas com qualq*ue*r des gosto pelo cõseguinte tornam a emmangrecer" (33r-v, 15-18).
gentio (1)	"Capit. 10. Do **gentio** que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz" (33r, 1-2).
índio (20)	"Estes **Indios** sam de cor baça e cabello corridio: tem o rosto amassado e algũas feições delle á maneira de Chins" (33r, 11-12).
natural (1)	"IA que tratamos da terra, e das cousas que nella foram criadas pera o homem, razam parece que demos aqui noticia dos **naturaes** della: a qual posto q*ue* nam seja de todos em geral, sera especialmente daquelles q*ue* habitam pela costa, e em partes pelo sertã dentro muitas legoas com q*ue* temos cõmunicaçam" (33r, 4-7).
pessoa (11)	"E se a molher q*ue* foy do catiuo acerta de ficar prenhe, aquella criança q*ue* pare, depois de criada, matãna e comẽna sem auer entre elles **pessoa** algũa q*ue* se cõpadeça de tam injusta morte" (42v, 328-330). "Feitas estas cerimonias afastase algum tãto delle, e começa de lhe fazer hũa fala a modo de pregaçam: dizendolhe que se mostre muy esforçado em defender sua **pessoa**, pera que o nam deshonre, nem digam q*ue* matou hũ homẽ fraco, afiminado" (41v, 297-299).
selvagem (1)	"Sam finalmente estes **Seluagẽs** tam asperos e crueis, q*ue* nam se pode cõ palauras encarecer sua dureza" (44r, 379-380).

Tabela 19 – Campo lexical "nomeação para nativo"

O primeiro campo em discussão é o relacionado aos nomes recebidos pelo habitante nativo, sobre o qual selecionamos as lexias empregadas com a função de denominá-lo no sentido de informar "o que é" esse novo referente para o leitor da *Historia da prouincia Sãcta Cruz*: alarve, criatura, gente, gentio, índio, natural, pessoa e selvagem. Todas as oito lexias são empregadas com a função de referirem-se ao nativo, mas cada qual com seu traço semântico distintivo.

Em relação à primeira lexia, de acordo com Bluteau (1712, p. 208-9): "Os **Alarves** procedem de huns Arabes, que da Asia passaraõ para a costa de Berberia na Africa; e por isso cõ mais propriedade os castelhanos lhe chamaõ Alarabes", os quais se caracterizavam por andarem sempre no campo, sem sociedade. Empregado no discurso familiar, refere-se a "homem muito rustico sem policia, nem disciplina alguma", "gente campestre". Houaiss (2009) corrobora a origem apontando a forma árabe *al-Harab* ("os árabes; o povo árabe") e dentre as quatro acepções apresentadas, refere-se, em três delas, a emprego com função pejorativa, relacionando-se a "rústico, abrutado, grosseiro, ignorante, tolo, parvo, estúpido e glutão". A outra acepção aponta ser um diacronismo, cujo uso antigo referia-se a "árabe

beduíno". No texto, Gândavo emprega a lexia para se referir aos nativos pertencentes à tribo dos Aimorés ("Chamanse Aimorés, os quaes andam por esta costa como salteadores (43v, 351-352)), e, pela abonação, podemos afirmar que o emprego da lexia retoma o sentido de barbarismo e destruição conferido historicamente pelos portugueses aos árabes em função da invasão seguida de domínio muçulmano ao território da então Península Ibérica, entre o período de 711 a 1492 (TEYSSIER, 2004, p. 5-6). Em outro trecho, assim se refere Gândavo a tal grupo:

> Ate gora nam se pode achar nenhũ remedio pera destruir esta perfida gente: porque tanto q*ue* vem tempo opportuno, fazem seus saltos, e logo se recolhem ao mato muy de pressa, onde sam tam ligeiros e manhosos, que quando cuidamos que vam fogindo ante quem os persegue, entam ficam atras escondidos atirando aos q*ue* passam descuidados: e desta maneira matam muita gente (44r, 367-371),

o que vai ao encontro da afirmação de Bluteau em uma das acepções: "Não tem sociedade, nem policia alguma, e vivem de latrocínios".

Criatura refere-se a "qualquer cousa creada" (BLUTEAU, 1712, p. 611). Houaiss (2009) informa ser esta lexia originária da forma latina *creatūra* ("todo o ser criado") e a define como "seres ou coisas materialmente existentes; pessoa ou coisa resultante de uma criação". Apesar de se referir a "algo que foi criado", como todos os seres o foram, Gândavo emprega a lexia para denominar, especificamente, a criança que foi originada da união de um inimigo cativo com uma das moças da aldeia –"a mais fermosa e honrada que ha na aldea, a qual lhe dam por molher: e dahi por diãte ella tem cargo de lhe dar de comer e de o guardar, e assi nam vay nunqua pera parte que o nam acõpanhe" (41r, 278-280). Após morto, a carne do inimigo é comida pelos integrantes da tribo. E se a moça que "cuidou" do cativo, por ventura, engravidar, após o nascimento, a criança é também morta e sua carne servida como alimento. Por extensão de sentido, podemos fazer referência ao verbete "criaturinha", em Bluteau (1712, p. 612): "Diz-se às vezes do homem por lastima, ou por desprezo", acepção esta que vai ao encontro do sema relacionado ao nativo recém nascido.

Bluteau (1713, p. 55) define **gente** como "pessoas, homens, e molheres", e também como sinônimo de: "Nação. Povos", ou seja, um termo genérico. Originária da forma latina *gens*, *gentis* ("família, clã, povo, raça, prole"), Houaiss (2009) define-a como "número indeterminado de pessoas; os habitantes de um país; bando". **Gentio**, por sua vez, é definido como: "Gentîo. Pagão. [...]. Gente baixa, popular" (BLUTEAU, 1713, p. 57). Em Houaiss (2009), aparece como sinônimo de selvagem: "que professa o paganismo; que não é

civilizado; selvagem". O único emprego desta lexia se dá no título do primeiro dos capítulos referentes aos nativos, introduzindo o assunto, como se a partir daquele trecho da obra, o autor estivesse dando a conhecer a tal "gente baixa e pagã" aos leitores. Como apontamos anteriormente, a escolha pela lexia apenas no título, e diferentemente do que é feito na terceira versão manuscrita, pode estar relacionada à busca pela aprovação do texto pela censura inquisitorial, já que para esta, na pessoa dos católicos, os nativos eram tidos como pagãos.

Pelo verbete "paganismo", Bluteau (1720, p. 180) define "hum estado que tem os que nunca receberão fé"; e pelo verbete "pagão", conhece-se que o referente deste é tratado como sinônimo de **gentio** (BLUTEAU, 1720, p. 181). Tal paganismo fora visto pelos colonizadores como um aspecto negativo, haja vista a colonização ter se constituído "com base no catolicismo jesuítico" (MARIANI, 2004, p. 21). Ao afirmar que os nativos "nam tem Fé" (33v, 32) e que "Nam adoram a cousa algũa, nem tẽ pera sy q*ue* ha depois da morte gloria pera os bõs, e pena pera os mãos" (33v-34r, 33-34), Gândavo transfere o imaginário do catolicismo europeu à realidade dos nativos e, falando em nome da Coroa, de certa forma, justifica as ações dos católicos junto à tentativa destes em "amansá-los":

> EStes Indios tẽ sempre grandes guerras hũs cõtra os outros e assi nũqua se acha nelles paz, nem sera possiuel (segũdo sam vingatiuos e odiosos) vedarense entre elles estas discordias por outra nenhũa via, se nã for por meyos da doctrina Christaã, cõ q*ue* os Padres da cõpanhia pouco a pouco os vão amansando como adiãte direy (37r, 142-145).

Diante da necessidade de ter de "amansá-lo", podemos entender que o sema relacionado a bárbaro (conforme discutimos no item **alarve**) fazia parte da concepção que a Igreja tinha do nativo, concepção esta já apontada em momentos bem anteriores à chegada dos portugueses à "prouincia de Sãcta Cruz". Desde o século X, a partir dos Concílios Católicos, entre as ações da Igreja, estava a de enfatizar

> a necessidade de pregar e catequisar [*sic*] os povos bárbaros nas línguas destes mesmos povos. As Bulas Papais expressam os termos destas recomendações, que serão rigorosamente seguidas séculos mais tarde, quando da expansão européia de cristãos portugueses e espanhóis para o Novo Mundo (MARIANI, 2004, p. 37).

O **gentio** caracteriza, portanto, o nativo fora dos preceitos do catolicismo jesuítico; e **gente**, uma lexia empregada para tomá-lo genericamente.

Índio é definido por Bluteau (1713, p. 110), primeiramente, como: "Natural da India", sema este que fora "transferido" ao nativo do continente americano em função do equívoco

dos descobridores da América ao acreditarem que tivessem chegado às Índias, o que sustenta a justificativa de tentarmos compreender o processo de nomeação do nativo pelo não nativo já que, diante do novo, tal processo se sustentou não pelo que era o referente, mas pelo que parecia ser. Numa segunda acepção, denota o **índio** como "povos da América", ressaltando que, no Brasil, os portugueses dividiam os

> Barbaros, que vivem no Sertaõ em Indios mansos, e bravos. Indios mansos chamaõ aos que com algum modo de Republica (ainda, que tosca) saõ mais tratáveis, e capazes de instrução. Pello contrario chamaõ Indios bravos aos que pella sua natural indocilidade, naõ tem forma alguma de governo, nem admittem outras leys, que as que lhes dicta a sua fera natureza.

Esta acepção pode ser relacionada a do verbete **alarve**, a qual concebe os nativos como bárbaros, conforme ilustra a respectiva abonação. Conforme a citação anterior, ao se referir ao grupo dos "bravos", tomando como diferencial a ausência de forma de governo e a capacidade de se não se deixarem dominar, Bluteau "repete" Gândavo, quando este afirma que: "Esta gẽte nam tẽ entre si nhũ Rey nẽ outro genero de justiça, senã hũ principal ẽ cada aldea, q*ue* he como capitã, ao q*ua*l obedecẽ por võtade e nã por força" (34r, 40-42). Tal afirmação evidencia a transferência do mundo referencial presente no imaginário europeu à realidade do nativo, pois, como apontamos, este é nomeado como parece ser, e não como é, efetivamente: "porq*ue* todos (como digo) sam iguaes, e em tudo tam conformes nas condições, q*ue* ainda nesta parte viuem justamente e conforme a ley de natureza" (37r, 136-138). O texto comprova que havia uma forma de governo, no entanto, como não era similar a do colonizador e impedia as ações de dominação, registrou-se sua ausência. A divisão a qual se refere Bluteau "repete", especificamente, a seguinte passagem do texto: "Algũs delles ouueram ja os Portugueses ás mãos: mas como sejã tã brauos e de cõdiçã tã esquiua nũqua os podérã amãsar nem someter a nenhũa seruidam, como os outros Indios da terra que nam recusam como estes a sogeiçam do catiueiro" (44r-v, 380-383).

A lexia **natural** é definida por Bluteau (1716, p. 683-4) como: "Condição, genio, inclinação, e propriedades ingenitas de qualquer individuo", na função de substantivo; e como: "Cousa procedida, ou propria da natureza", na função de adjetivo. Ainda sob esta função, o ator acrescenta: "Aquelle que he natural desta, ou aquella terra, que nasceo nella. *Indigena* [...]", acepção esta que vai ao encontro da abonação apresentada. Em Houaiss (2009), as três acepções se encontram na definição com função de substantivo: "índole, caráter, gênio", "o que se apresenta ou ocorre segundo as leis da natureza" e "aquele que nasceu num país, numa região etc; nativo", além de informar que o item é originário da forma

latina *naturālis* ("feito ou dado pela natureza"). Como o único emprego se dá no início do primeiro parágrafo do texto, acreditamos que a escolha pelo item (assim como a do item **gentio**) tenha se dado no sentido de apresentar o nativo com uma lexia que significasse, da forma mais aproximada possível, a visão do colonizador – coisa bruta, da natureza.

O item **pessoa** é empregado para se referir ao nativo de forma genérica (primeira abonação), e ainda como sinônimo de corpo, figura (segunda abonação), como apontam algumas das acepções apresentadas por Bluteau (1720, p. 466-7): "masculino, ou feminino individuo da natureza humana. [...]. Todo o genero de pessoas. [...]. Alguma pessoa. [...] Por pessoa às vezes se entende o corpo, a figura, e o exterior do homem, ou da mulher".

Ao nomear o nativo como **selvagem**, em seu único emprego, Gândavo também se refere aos pertencentes à tribo dos Aimorés. Ao consultar Bluteau (1720, p. 560), este orienta que seja consultado o item "salvagem", se tratando, pois, de variações da mesma lexia. Assim, a primeira acepção deste verbete informa que se trata de um animal, "hũa espécie de Satyro, que se acha no Reyno de Angola, ao qual os Portuguezes derão este nome; os naturaes lhe chamão *Quojas Morrou*" (BLUTEAU, 1720, p. 457). A segunda acepção, por sua vez, informa: "metaforicamente, chamamos a hum homem rude, aspero, villão, rustico, de costumes barbaros". Finalmente, consultando-se o item "Satyro" (BLUTEAU, 1720, p. 510-11), chegamos ao conhecimento de que se tratava de seres fictícios rústicos (extraídos das obras dos Poetas Gentios) que viviam "nos matos, e nos montes":

> O Satyro, que segundo S. Jeronymo appareceo no deserto a Santo Antaõ, conforme a mais sã opinião, era o demonio em figura de Satyro. Na materia dos Satyros excogitarão os Rabbinos cousas muyto mais ridiculas, e extravagantes, que as dos Poetas. Rabbi Abraham he de opinião, que os Satyros saõ verdadeyras creaturas, mas imperfeytas, e com impia necedade acrescenta que a causa desta imperfeyção foy, que sobrevindo a noyte do Sabbado não tivera Deos tempo para dar a esta sua ultima obra o ultimo complemento; e que por esta razão os Satyros, como inimigos da santidade daquelle dia, sempre andão fugindo, e escondendose nas espessuras dos matos, e nas cavernas dos montes.

Houaiss (2009) define **selvagem** como "próprio das selvas; que habita as selvas; que manifesta crueldade; bárbaro, feroz". Duas de suas acepções apontam que, relacionada a animal, refere-se àquele "que ainda não foi domesticado; que se enfurece facilmente".

Entendemos, portanto, que o conteúdo semântico da lexia **selvagem** apresenta em seu histórico algo relacionado a um ser imperfeito, um animal "do mato", o que pode ser complementado com a seguinte afirmação, referente aos Aimorés: "Viuem todos antre os matos como brutos animaes" (43v, 358).

As lexias **alarve**, **gente**, **gentio**, **índio** e **pessoa** são atestadas no dicionário de Cardosi (1562). **Natural**, tanto em Cardosi (1562) quanto em Pereyra (1647), é atestada junto ao item "cousa": "natural cousa". Já os itens **criatura** e **selvagem**, não são atestados em nenhum dos dois dicionários.

De acordo com a frequência de uso de cada item lexical no texto, o campo pode ser representado da seguinte forma:

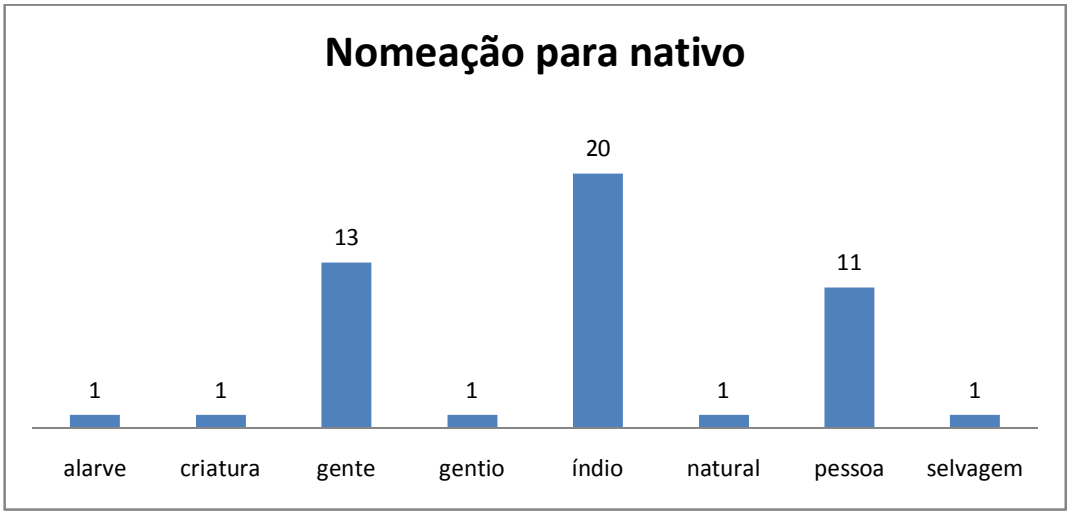


Gráfico 4 – Campo léxico "nomeação para nativo"

Predomina o uso das lexias que se referem ao nativo como **gente**, **índio** e **pessoa**, ou seja, para "apontar" o nativo, são utilizadas formas com sentidos genéricos, como se fosse uma escolha lexical transparente: trata-se de gente – um povo de uma região; de pessoas – seres humanos; de índios – originários de um grupo indígena. Considerando que se trata de um texto com caráter histórico, o qual, segundo seu locutor, busca a objetividade, tal predominância pode assim ser justificada. No entanto, precisamos destacar a importância das unidades empregadas como *hapax*, pois a partir delas, certos efeitos de sentido que poderiam passar imperceptíveis, devido seu único emprego, passam a ser fundamentais junto à compreensão da nomeação recebida pelos nativos da "prouincia de Sãcta Cruz".

De acordo com o estudo das acepções das lexias **alarve**, **criatura**, **gentio**, **natural** e **selvagem**, seus conteúdos léxicos específicos apontam para uma imagem descaracterizadora do nativo. É importante esclarecermos que os itens **criatura** e **natural**, não menos descaracterizadores, mostram que: o fato de ser um **natural** já é fator que o diminui perante o não nativo, civilizado; **criatura**, por sua vez, apesar de se referir a "algo que foi criado", como todos os seres o foram, significa, especificamente, um ser desprezível. É como se essas

cinco lexias representassem o conteúdo semântico "negativo" (estúpido, rústico, pagão, não civilizado, bárbaro, animal, entre outros semas) daqueles que, justamente por serem nativos, naturais, se encontram em nível inferior ao grupo representado por aquele que os descreve.

Para sustentarmos nossa afirmação, fizemos um levantamento de adjetivos referentes ao nativo, empregados no *corpus*, e apresentamos alguns deles (de acordo com a ordem de aparecimento no texto) por meio de enunciados os quais corroboram a formação, pelo locutor, de uma imagem descaracterizadora do nativo, a qual vai ao encontro dos semas das lexias **alarve**, **criatura**, **gentio**, **natural** e **selvagem**:

a) "Sam **desagradecidos** em gram maneira, e muy **deshumanos** e **crueis**, inclinados a pelejar, e **vingatiuos** por extremo" (33r, 14-15);

b) "Sam muy **deshonestos"** (33v, 22);

c) "Outros ha q*ue* trazẽ o rosto todo cheo de buracos e de pedras, e assi parecẽ muy **feos** e **disformes**" (35r, 79-80);

d) "excedem aos **brutos** animaes que nam tem vso de razam" (40v, 263);

e) "Outros Indios doutra naçam differente, se acham nestas partes, ainda mais **feroces** e de menos razão q*ue* estes" (43v, 350-351);

f) "sam muy **barbaros**, e toda a gente da terra lhes he odiosa" (43v, 362-363);

g) "Ate gora nam se pode achar nenhũ remedio pera destruir esta **perfida** gente" (44r, 367-368);

h) "mas como sejã tã **brauos** e de cõdiçã tã esquiua nũqua os podérã amãsar" (44r, 381).

Os adjetivos supracitados confirmam, a nosso ver, a descaracterização da imagem do nativo, já que carregam semas relacionados a, respectivamente: ingratidão, desumanidade, crueldade, vingança, desonestidade, fealdade, imperfeição, brutalidade, ferocidade, barbarismo, perfídia e braveza indomável. E assim como os substantivos **alarve**, **criatura**, **gentio**, **natural** e **selvagem**, os adjetivos consultados também apresentam frequência muito baixa no *corpus*, estando a grande maioria entre casos de *hapax*: desagradecidos – 1; desumanos – 1; cruéis – 2; vingativos – 3; desonestos – 1; feios – 1; disformes – 1; brutos – 2; ferozes – 1; bárbaros – 1; pérfida – 1; bravos – 1.

Dessa forma, o emprego das *hapax* mostra que ao lidar com dados quantitativos, a frequência muito baixa de determinadas lexias pode ser fundamental à compreensão de vocabulários empregados, pois, como neste caso, as lexias **gente**, **índio** e **pessoa** apenas mascaram com teor objetivo a imagem do nativo, concentrando-se nos casos de *hapax* – **alarve**, **criatura**, **gentio**, **natural** e **selvagem** – marcas subjetivas de tratamento do objeto.

5.3.2 Campo léxico "objetos"

Lexias	Abonações
alguidar (1)	"E assi sae desta maneira com hum Indio que lhe traz a espada sobre hũ **alguidar**" (41v, 293-294).
arco (4)	"As armas cõ q*ue* pelejam, sam **arcos** e frechas, nas q*ua*es andam tã exercitados q*ue* de marauilha erram a cousa q*ue* apõtem por difficil q*ue* seja dacertar" (37r, 145-147).
arma (4)	"Todos em seus cõbates sam determinados, e pelejam muy animosamẽte sem nhuãs **armas** defensiuas" (37v, 162-163). "dizem que sam da mesma naçam destes Aimorés, ou pelo menos irmãos em **armas**, porque ainda que se encõtrem nam offendem hũs aos outros" (44v, 385-386).
aselha (1)	"As camas em q*ue* dormẽ, sam hũas redes de fio dalgodam q*ue* as Indias tecem nũ tear feito á sua arte: as q*ua*es tẽ noue dez palmos de cõprido, e apanhã nas cõ hũs cordeis q*ue* lhe rematã nos cabos em q*ue* lhes fazẽ hũas **aselhas** de cada banda por onde as pendurã de hũa parte e doutra" (36v, 120-123).
cabaço (1)	"E tanto que o matador ve tempo opportuno, tal pancada lhe dá na cabeça, que logo lha faz em pedaços. Está hũa India velha prestes com hũ **cabaço** grande na mão, e como elle cae, acode muito de pressa a meter lho na cabeça pera tomar nelle os miolos e o sangue" (42r-v, 314-317).
cama (2)	"E q*ua*ndo algũ morre, costumão enterralo em hũa coua assentado sobre os pés cõ sua rede ás costas q*ue* em vida lhe seruia de **cama**" (34r, 36-38).
corda (3)	"Esta **corda** tem duas pontas compridas por onde o atam de noite pera nam fogir" (41r, 274-275).
cordel (1)	"As camas em q*ue* dormẽ, sam hũas redes de fio dalgodam q*ue* as Indias tecem nũ tear feito á sua arte: as q*ua*es tẽ noue dez palmos de cõprido, e apanhã nas cõ hũs **cordeis** q*ue* lhe rematã nos cabos" (36v, 120-122).
cutelo (1)	"e entrando foyse direito ao matador, ao qual cortou logo a cabeça em breue espaço com hũ **cutello** que pera isso leuaua" (39r, 216-217).
espada (4)	"remete o matador a elle com a **espada** leuantada nas mãos, em postura de o matar, e com ella o ameaça muitas vezes, fingindo que lhe quer dar" (42r, 308-310).
flauta (1)	"Ao q*ua*l em chegando, recebem todos cõ grandes afrontas e vituperios, tangendo lhe hũas **frautas** q*ue* costumam fazer das canas das pernas doutros cõtrarios semelhantes q*ue* matam da mesma maneira" (41r, 267-270).
flecha (6)	"poense antre o mato junto de algũ caminho, e tanto que alguem passa, atiranlhe ao coraçam ou a parte onde o matem, e nam despedem **frecha** que nam na empreguem" (43v, 363-365).
laço (1)	"Alẽ disto ajudanse da carne de muitos animaes q*ue* matam, assi cõ frechas co mo por industria de seus **laços** e fojos" (36v, 127-128).
lançadeira de tear (1)	"Estas Canoas sam feitas á maneira de **lançadeiras de tear** de hũ só pao" (37v, 155-156).
louça (1)	"E depois de o terem desta maneira muy regalado hũ anno, ou o tẽpo que querem, determinam de o matar, e aquelles vltimos dias antes de sua morte, por festejarem a execuçam desta vingança, aparelham muita **louça** noua, e

	fazẽ muitos vinhos do çumo de hũa planta, que se chama Aipim" (41r-v, 279-282).
maça (2)	"As molheres trazẽ hũs paos grossos á maneira de **maças** com que os ajudam a matar algũas pessoas q*ua*ndo se offerece occasiam (43v-44r, 365-367).
pá (1)	"lhe traz a espada sobre hũ alguidar, a qual he de hum pao muy duro e pesado, feita á maneira de hũa maça, ainda que na ponta tem algũa semelhança de **paa**" (41v, 293-295).
palha (1)	"caindo no chão ja como morto, antes que acabasse de espirar, lançou a mão a hũa **palha** que achou diante de si, e atirou com ella ao que o matara" (40r, 248-250).
pau (2)	"As molheres trazẽ hũs **paos** grossos á maneira de maças com que os ajudam a matar algũas pessoas" (43v-44r, 365-366).
pedra (2)	"As inuẽções e galãtarias de q*ue* vsam, sam trazerem algũs o beiço de baixo furado, e hũa **pedra** cõprida metida no buraco" (35r, 78-79).
pena (1)	"O qual se empẽna primeiro por todo o corpo com **pẽnas** de papagayos e de outras aues de varias cores" (41v, 292-293).
rede (7)	"Em lugar dellas se deitão seus maridos nas **redes**, e assi os visitã e curam como se elles fossem as mesmas paridas" (36r, 104-105).
tear (1)	"As camas em q*ue* dormẽ, sam hũas redes de fio dalgodam q*ue* as Indias tecem nũ **tear** feito á sua arte" (36v, 120-121).

Tabela 20 – Campo léxico "objetos"

A importância da descrição deste campo se dá pelo fato de procurarmos conhecer os itens presentes na obra para se referirem a objetos utilizados pelo nativo, contemplando em seu conjunto utensílios e instrumentos, o qual se compõe de vinte e três lexias: alguidar, arco, arma, aselha, cabaço, cama, corda, cordel, cutelo, espada, flauta, flecha, laço, lançadeira de tear, louça, maça, pá, palha, pau, pedra, pena, rede e tear. Consideramos necessário conhecer os nomes empregados pelo não nativo para se referir aos objetos (utensílios e/ou instrumentos) utilizados pelos nativos, pois, assim, além de conhecer aspectos relacionados ao processo de nomeação, conhecemos o conjunto de objetos citados pelo autor.

Constituído o campo, os usos das lexias mostram que dos vinte e três itens presentes no texto, dezesseis deles são empregados apontando a utilização dos objetos em combates e em situações de vingança e/ou morte, restando sete, os quais apontam utilização em situações diferentes. O gráfico a seguir representa a referida distribuição:

Gráfico 5 – Utilização dos objetos

Diante da distribuição, comentamos, inicialmente, as dezesseis lexias referentes ao grupo de objetos utilizados em combates e em situações de vingança e/ou morte, a saber: alguidar, arco, arma, cabaço, corda, cutelo, espada, flauta, flecha, laço, louça, maça, pá, palha, pau e pena.

A lexia **alguidar**, em Bluteau (1712, p. 251), indica tratar-se de um: "Vaso de barro, com mayor cincumferencia, que fundo". O autor informa ainda que "[...] entre os Romanos era hum vaso largo, e especie de alguidar, de que usavão nos seus sacrificios", o que vai ao encontro da utilização no texto de Gândavo, pois este informa que a espada a ser utilizada no sacrifício do inimigo é trazida sobre um alguidar.

Arco vem a ser uma arma que serve para disparar flechas. Em Bluteau, tem-se: "com que se tiraõ settas" (1712, p. 477). É uma das armas mais utilizadas pelos nativos em seus combates, o que justifica sua alta frequência em relação aos outros itens. Classifica-se como hipônimo da lexia **arma**.

Ao consultarmos o verbete **arma** em Bluteau (1712, p. 497), este indica que se consulte o verbete "armas", já que: "Esta palavra he mais usada no plurar, que no singular". Assim, a partir do segundo verbete, chegamos à indicação de que se refere a: "Instrumentos de guerra, offensivos, ou defensivos" (BLUTEAU, 1712, p. 500). Funciona, portanto, como hiperônimo das lexias **arco**, **cutelo**, **espada**, **flecha**, **maça** e **pau**.

No texto de Gândavo, a lexia aparece no plural em todos os seus quatro empregos. Em três deles, denota o sentido de instrumentos de guerra ofensivos ou defensivos:

As **armas** cõ q*ue* pelejam, sam arcos e frechas (37r, 145-146);

> Todos em seus cõbates sam determinados, e pelejam muy animosamẽte sem nhuãs **armas** defensiuas (37v, 162-163);
> [...] por nam terem **armas** defensiuas nem outros apercebimentos necessarios pera se interterem nos cercos, e forticarem contra seus imigos (38r, 178-180).

O quarto emprego, por sua vez, indica tribos não inimigas:

> Tambem ha hũs certos Indios junto do rio do Maranham, da bãda do Oriente em altura de dous graos, pouco mais ou menos, que se chamão Tapuyas, os quaes dizem que sam da mesma naçam destes Aimorés, ou pelo menos **irmãos em armas**, porque ainda que se encõtrem nam offendem hũs aos outros (44v, 383-386).

Dois dos empregos ressalta o fato de os nativos não possuírem armas defensivas, o que causa estranhamento ao português cuja ação em combates prevê o uso destas, as quais são enumeradas em Bluteau (1712, p. 501) como: "Capacetes, Braçaes, Grevas, Arnezes, etc". Assim, podemos apontar que para o português era como se a preocupação do nativo nos combates fosse, prioritariamente, a de ofender, atacar aos inimigos.

Cabaço é definido por Bluteau (1712, p. 4) como: "Vaso de casca de abobora de carneyro seca, e sem miolo, em que os rusticos costumaõ guardar as sementes", e é utilizado no texto de Gândavo para se referir ao utensílio que uma índia utiliza para aparar os miolos e o sangue que caem da cabeça do inimigo, feita em pedaços, ao ser morto com pancada de espada.

A lexia **corda**, que para Bluteau (1712, p. 545) vem a ser objeto torcido "de fios de Linho canhemo, ou outra materia flexivel, e dobradiça", tem seus três empregos no *corpus* fazendo referência a objeto utilizado para amarrar prisioneiros cativos durante rituais de vingança e morte.

Para compreendermos os semas da lexia **cutelo** (hipônimo de arma), consultamos dois verbetes em Bluteau (1712, p. 648). O primeiro deles, "cutela", vem a ser: "Instrumento de ferro, de largura de mais de meyo palmo, a modo de faca, mas naõ tem ponta; tem seu pé, aonde só cabe a maõ. Tem hum só córte". Em relação ao segundo, **cutelo**, Bluteau informa que "chamaõ os cortidores a certo ferro largo, e semicircular, com que cortaõ os couros". Atualmente, Houaiss (2009) informa, numa de suas acepções do verbete **cutelo**, que se trata de "instrumento composto de uma lâmina cortante e semicircular, presa a um cabo de madeira, empr. outrora em execuções por decapitação". E em Ferreira (2010, p. 215): "1. Instrumento cortante, semicircular, de ferro. 2. Utensílio semelhante a esse, especial para cortadores e correeiros". Como Gândavo emprega a lexia para se referir ao instrumento

utilizado por um nativo para cortar a cabeça do prisioneiro inimigo em ritual de vingança e morte, entendemos que se trata de um instrumento cortante utilizado para esse fim específico, e, possivelmente, também como arma em combates.

Espada, lexia com frequência alta entre os itens do campo, é definida por Bluteau (1712, p. 253) como: "Arma offensiva, composta de huma folha de ferro, que tem fio, e ponta, guarnição, punhos, maçaã, e se traz na cinta". Os quatro empregos se referem a situações nas quais o instrumento vem a ser utilizado para matar prisioneiro inimigo em ritual específico. Classifica-se como hipônimo de arma.

A lexia **flauta** também é empregada fazendo-se referência a utilização em rituais de vingança e morte. Gândavo informa que o prisioneiro inimigo, ao ser conduzido à aldeia, é recebido com "grandes afrontas | e vituperios, tangendo lhe hũas frautas", as quais são feitas das "canas das pernas" de outros inimigos já mortos em rituais anteriores. Bluteau (1713, p. 205) registra o verbete como "frauta", definindo-o como: "Instrumento Musico com certo numero de agulheiros, que com o sopro, que se lhe dá por alto, vareaõ o som ao mudar dos dedos".

A lexia **flecha** (hipônimo de arma) é a que registra maior frequência entre os itens deste subgrupo e a segunda no campo, o que se justifica haja vista ser a principal arma dos nativos. A partir do verbete "setta", Bluteau (1720, p. 623-4) informa sua relação sinonímica com "frecha": "SETTA, ou seta. Frecha". Pelo verbete "arma" (BLUTEAU, 1712, p. 501), temos a informação de que "setta" trata-se de "arma, que se despede".

Laço é empregado por Gândavo para se referir a um objeto utilizado junto ao exercício da caça de animais, sendo a única das lexias desse subgrupo a não se referir, especificamente, à morte de pessoas. Apesar disso, pode-se ressaltar a prática violenta dos nativos ao se relacionar a função do objeto à seguinte afirmação encontrada em Bluteau (1716, p. 13): "Formar hũ laço de cordas, apertar com elle a garganta, fechar a respiração, e matar entre portas a vida, rigor he de morte violento, terrível".

Gândavo emprega a lexia **louça** para se referir ao conjunto de utensílios preparados para utilização em rituais de vingança e morte, o que a pode torná-la classificável como hiperônimo de **alguidar** e **cabaço**. Numa das acepções apresentadas, Bluteau (1716, p. 186) a define como: "A louça da cozinha. Todo o genero de vasos, que tem serventia para cozinhar". Percebemos, portanto, que Gândavo transfere a denominação de **louça**, a partir da realidade portuguesa, para os utensílios utilizados nos rituais, haja vista parecerem ser de uso em cozinha.

Maça, numa das acepções apresentadas por Bluteau (1716, p. 228), se refere a arma "com que antigamente se pelejava. *Clava militaris*". Ao definir **Maça** de Calceteiro, assim o faz: "Instrumento de pao grosso, e redondo pela parte inferior, e com cabo direito, e comprido, que tem duas azas, a modo de braços". **Maça** de Ladrilhador, por sua vez, é assim definida: "He um pao grosso, quasi redondo, de palmo e meyo de comprimento, com cabo em que pega a mão do official". Houaiss (2009), na primeira acepção, informa que **maça** é o mesmo que "*CLAVA* ('arma')"; e em seguida, que vem a ser "arma formada por um cabo comprido, com uma pesada bola de ferro dentada, numa das extremidades, us. antes do advento das armas de fogo". Nos dois empregos de Gândavo, a lexia é utilizada com o objetivo de comparação: "hum pao muy duro e pesado, feita á maneira de hũa maça" (41v, 294) e "paos grossos á maneira de maças" (43v-44r, 365-366); e como o objeto em questão é utilizado em situação de combate e morte, consideramo-la como hipônimo de **arma**.

A lexia **pá** também é utilizada para se fazer comparação, no sentido de explicar ao leitor como seria a espada utilizada para matar um nativo inimigo: "he de hum pao muy duro e pesado, feita á maneira de hũa maça, ainda que na ponta tem algũa semelhança de paa" (p. 41v, 294-295). Decidimos inseri-la neste campo léxico, pois se trata do nome de um instrumento; e é inserida no subgrupo específico, pois se refere a uma situação de morte.

Palha, apesar de não se tratar de um objeto, é inserida no campo haja vista seu emprego tomá-la como se o fosse. Gândavo descreve um embate entre tribos inimigas contando que após um nativo receber uma "cutilada" e cair quase morto ao chão, antes de desfalecer apanha uma **palha** e a atira ao que o matara como se com o gesto pudesse dizer: "Recebeme a vontade que te nam posso mais fazer que isto que te faço em sinal de vingança" (40r, 250-251).

Dos nove usos da lexia **pau**, dois deles podem ser inseridos neste campo, os quais tomam o referido objeto como um instrumento utilizado em combates: "muitas vezes se achã tam vezinhos q*ue* vem a quebrar as cabeças, cõ paos q*ue* arremessã hũs aos outros" (38r, 175-176). Seis usos se referem a algo que seja feito "de pau", ou seja, **pau** enquanto material do qual seja feito o objeto ou meio de locomoção, como: espada "de pau", jangada "de pau" e canoa de "pau"; o outro uso se refere a uma estaca posicionada no centro da aldeia. A diversidade de usos para a lexia pode ser relacionada a acepções apresentadas por Bluteau (1720, p. 228): "Diz-se genericamente de qualquer lenha, e madeyra", "Cousa de pao".

A lexia **pena** apresenta dois usos. Um deles, o qual é desconsiderado para o campo, refere-se a pena enquanto castigo divino após a morte. O uso considerado refere-se a **penas** de aves utilizadas enquanto objeto de adorno para o corpo. No texto, Gândavo descreve uma

situação na qual um dos nativos do grupo, escolhido por ser um dos mais valentes e honrados da terra, se empena por todo o corpo para matar um prisioneiro cativo, com **penas** (de várias cores) de papagaios e de outras aves.

As lexias **alguidar**, **arco**, **arma**, **corda**, **cutelo**, **espada**, **flauta**, **flecha**, **laço**, **pá**, **palha**, **pau** e **pena** são atestadas em Cardosi (1562). Neste, é atestada a variação "cabaça" para o item **cabaço**, mas em Pereyra (1647) já é atestado o item **cabaço**. **Louça** e **maça** são atestadas, nos dois dicionários, como lexias compostas: "louça de barro" e "maça de porteiro", sendo que à frente desta temos a palavra "clava", o que contribui para a certificação da lexia.

O gráfico, a seguir, representa os itens deste subgrupo e sua frequência no texto:

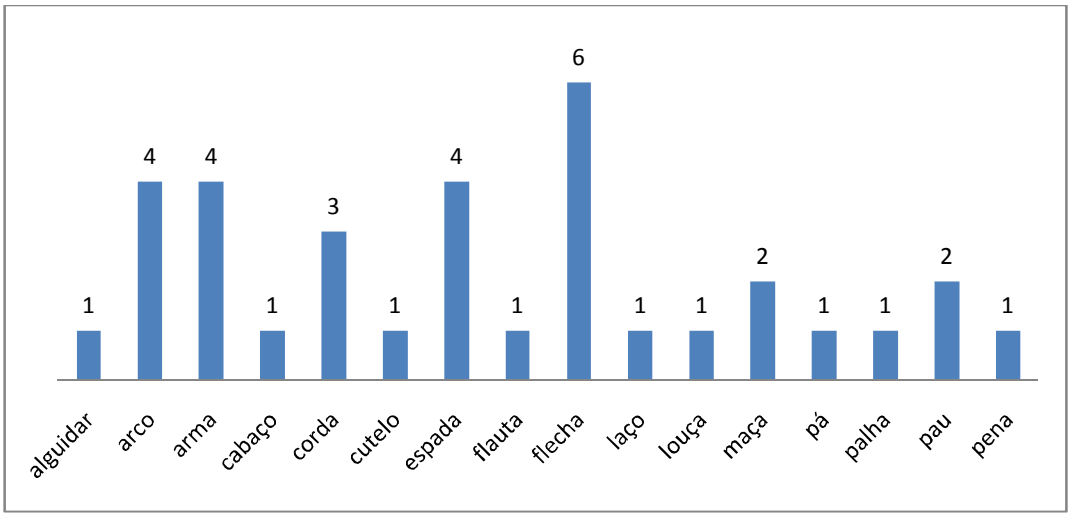


Gráfico 6 – Objetos utilizados em combates e em situações de vingança e/ou morte

O gráfico mostra que os itens de maior frequência são os que mais comumente estão relacionados a combates e rituais de vingança e morte. Já os de frequência baixa apontam para objetos que, embora tenham sido referidos nessas situações, não se utilizam exclusivamente nestas.

O segundo subgrupo, com lexias relacionadas a situações diferentes das já mencionadas no grupo anterior, compõe-se de oito itens: aselha, cama, cordel, lançadeira de tear, pedra, rede e tear.

Duas destas lexias são empregadas para se fazer comparação: **cama** e **lançadeira de tear**. O objeto **cama** não faz parte do mundo referencial dos nativos, sendo a lexia empregada para se explicar que o objeto **rede** é o utilizado para esta função. Bluteau (1712, p. 66) define-a como: "em que se dorme. [...] leito", o que nos faz entender a primazia do seu referente para

o locutor, justificando seu uso na relação comparativa. A lexia **lançadeira de tear**, por sua vez, é empregada para explicar que os nativos utilizavam um meio de locomoção, denominado canoa, o qual era feito de "hu só pao", como uma **lançadeira de tear**, objeto este também não presente no mundo referencial dos nativos, mas dos não nativos. Para esta afirmação, consideramos os semas das lexias **lançadeira** e **tear**. A primeira: "Instrumento, com que o tecelão vay lançando no tear os fios transversaes da sua obra" (BLUTEAU, 1716, p. 32). A segunda: "O engenho, com que faz o Tecelão as suas Teas" (BLUTEAU, 1721, p. 63).

Ao consultarmos o verbete **aselha**, em Bluteau (1712, p. 586), este orienta que se consulte o verbete "azelha". Neste, pudemos conhecer que se trata de: "Presilha, feyta de hũa fitta, ou de hum cordel, cozido por ambos os cabos, a modo de hum circulo pequeno, por onde se enfião botoens, ou qualquer outra cousa" (Bluteau, 1712, p. 693). No texto, Gândavo emprega a lexia para explicar que dos cordéis que ficam nos cabos das redes são feitas "aselhas" nas duas pontas, a partir das quais se penduram as redes.

A lexia **cordel**, uma espécie de: "Corda delgada" (BLUTEAU, 1712, p. 547), indica, portanto, o objeto utilizado para arrematar as redes em seus cabos/pontas.

Dos três usos da lexia **pedra**, desconsideramos, para este campo, o referente à pedra preciosa, já que, neste caso, acreditamos que devesse fazer parte de um campo voltado a riquezas minerais, e não a objetos:

> [...] e assi viuem liures de toda cobiça e desejo desordenado de riquezas, de que as outras naçoens nam carecem: e tanto, que ouro nem prata nem **pedras preciosas** tem entre elles nenhũa vallia, nem pera seu vso tem necessidade de nenhuã cousa destas nem doutras semelhantes (36r-v, 116-119).

Os dois usos considerados referem-se a **pedras** utilizadas como adorno e "galãtaria", ora trazidas, especificamente, em buraco feito no "beiço de baixo" (como aponta a abonação já apresentada), ora no rosto como um todo: "Outros ha q*ue* trazẽ o rosto todo cheo de buracos e de pedras, e assi parecẽ muy feos e disformes" (35r, 79-80), prática esta que recebe reprovação de Gândavo ao [des]caracterizá-los como "feos e disformes".

A lexia **rede** é a mais frequente neste subgrupo e no campo léxico como um todo. É o objeto no qual os nativos dormem, descansam. Bluteau (1720, p. 171), numa das acepções para o verbete, informa:

> Tecido grande de algodão, em que o Gentio do Brasil, e outro das Indias Occidentaes dorme, pendurando.o do tronco de hũa arvore a outro; com esta

> cama pensil se livra de bichos, e féras. Dizem, que os Caraibas fazem estas redes cõ supersticiosas ceremonias. Nas pontas do tear suspendem hũs saquinhos de cinza, por imaginarem, que sem elles não duraria a rede; não comem figos em quanto a rede he nova, por entenderem, que apodreceria brevemente; e não ousaõ comer peyxe, que tenha bons dentes, crendo que a sua rede ficaria logo cortada, e retalhada. (Dormẽ suspensos em Redes, que tecem de algodão, as quaes pendurão por duas pontas de esteyo a esteyo).

A alta frequência desta lexia pode ser justificada pelo fato de ter causado estranhamento ao português a forma usada pelos nativos para dormirem e descansarem, fazendo menção ao objeto algumas vezes.

A lexia **tear** (cuja definição fora apresentada anteriormente), no texto, é o objeto que as nativas utilizam para tecer suas redes. Pela abonação, entende-se que o instrumento seja diferente do conhecido pelo não nativo, já que Gândavo afirma ser um **tear** "feito à sua arte" (p. 36v, 121).

As lexias **aselha**, **cama**, **cordel**, **pedra**, **rede** e **tear** são atestadas em Cardosi (1562). **Lançadeira de tear**, por sua vez, não é atestada neste como lexia composta, mas apenas a partir das formas simples "lançadeira" e "tear". Já em Pereyra (1647), é atestada em sua forma composta, o qual, a propósito, deixa de atestar a forma simples "lançadeira".

Como no subgrupo anterior, a seguir, apresentamos um gráfico, o qual aponta as lexias deste subgrupo e sua frequência no texto:

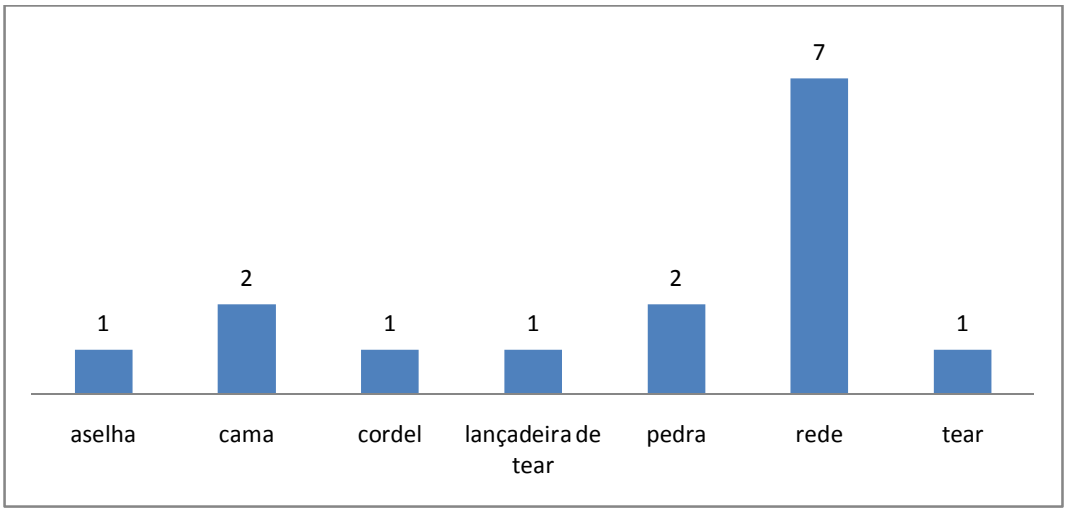


Gráfico 7 – Objetos utilizados em situações não envolvendo combate e morte

Pelo gráfico, podemos perceber que o item **rede** apresenta altíssima frequência em relação às demais lexias, frequência esta que se amplia ao considerarmos que os itens **aselha**, **cama**, **cordel** e **tear** estão a ele relacionados. As lexias de baixa frequência apontam para um

objeto utilizado com o fim de comparação, não se fazendo presente no mundo referencial do nativo (**lançadeira de tear**), e para um objeto utilizado como adorno (**pedra**).

Considerando o campo léxico como um todo, podemos afirmar que ao categorizar uma lista de lexias sob um campo denominado "objetos", esperávamos que houvesse uma diversidade de nomes os quais envolvessem variadas tarefas dos nativos em seu dia a dia de forma geral, no entanto, o que predomina é uma quantidade de lexias relacionadas à morte, combate e rituais de vingança e morte, conforme mostra o gráfico de número cinco.

Assim, com exceção das lexias **pedra** e **lançadeira de tear** (sendo que a segunda serviu apenas para se fazer comparação), ou Gândavo se refere a instrumentos e utensílios utilizados em combates, mortes e rituais (subgrupo um), ou se refere a objetos relacionados à **rede** (subgrupo dois). É como se, pelos objetos, houvesse a indicação de que o nativo ou está matando ou está dormindo/descansando, o que nos leva a concluir que os itens deste campo léxico são indicadores de uma construção da imagem do nativo pelo português, a qual pode ser resumida em duas lexias [des]caracterizadoras: violência e preguiça.

Tal indicação pode ser sustentada, em relação à lexia "preguiça", já no ms.2, quando o locutor responsabiliza os nativos pelo fato de a terra brasileira "naõ floreçe[r] muito mais" haja vista fugirem e não se permitirem ser escravizados:

> E huã das cousas porq̃ o Brasil naõ floreçe muito mais, he pellos escrauos que se alleuantaraõ e fogiraõ pera suas terras, e fogem cada dia: E se estes indios naõ foraõ tam fogitiuos e mudaueis, não teuera Comparaçaõ a Riqueza do Brasil (GÂNDAVO, ms2, f. 18r).

No recorte do *corpus* para amostragem analítica, encontramos algumas afirmações de Gândavo, a partir das quais deixa subentendido que os vê como preguiçosos, apontando, inicialmente, o fato de se preocuparem apenas em "comer, beber e matar gente": "Viuem todos muy descansados sem terẽ outros pensamentos, senam de comer, beber, e matar gẽte, e por isso engordão muito" (33r-v, 15-17), destacando, a seguir, que vivem de pouco trabalho: "a vida q*ue* buscam, e grangearia de q*ue* todos viuem, he á custa de pouco trabalho, e muito mais descansada q*ue* a nossa" (36r, 113-115).

E em relação à lexia "violência", o próprio campo léxico em questão, bem como os capítulos onze e doze que constituem o *corpus*, já que dão ênfase a este referente. Para corroborar nossa afirmação, citamos alguns enunciados empregados pelo locutor referindo-se ao "violento" nativo, e destacamos adjetivos a este correspondentes:

a) “Sam [...] muy deshumanos e **crueis**, inclinados a pelejar, e **vingatiuos** por extremo” (33r, 14-15);

b) “EStes Indios tẽ sempre grandes guerras hũs cõtra os outros e assi nũqua se acha nelles paz, nem sera possiuel (segũdo sam **vingatiuos** e **odiosos**) vedarense entre elles estas discordias” (37r, 142-144);

c) “nam ha forças de cõtrarios tam poderosas q*ue* os assombrem, nem q*ue* os façam desuiar de suas **barbaras** e **vingatiuas** tenções” (38v, 192-193);

d) “nã tam sómente lhe dão **cruel** morte em tẽpo que mais liures e desempedidos estã de toda a paixam: mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comem todos a carne, vsando nesta parte de cruezas tam **diabolicas**, que ainda nellas excedem aos **brutos** animaes que nam tem vso de razam” (40v, 260-263);

e) “E tanto que o matador ve tempo **opportuno**, tal pancada lhe dá na cabeça, que logo lha faz em pedaços. Está hũa India velha prestes com hũ cabaço grande na mão, e como elle cae, acode muito de pressa a meter lho na cabeça pera tomar nelle os miolos e o sangue” (42r-v, 314-317);

f) “Outros Indios [...] se acham nestas partes, ainda mais **feroces** e de menos razão q*ue* estes” (43v, 350-351);

g) “sam muy **barbaros**, e toda a gente da terra lhes he odiosa” (43v, 362-363);

h) “Ate gora nam se pode achar nenhũ remedio pera destruir esta **perfida** gente” (44r, 367-368);

i) “mas como sejã tã **brauos** e de cõdiçã tã esquiua nũqua os podérã amãsar” (44r, 381).

Tomando os enunciados citados, os adjetivos destacados nos permitem relacionar os seguintes semas: crueldade, vingança, ódio, barbarismo, diabolismo, brutalidade, oportunismo, ferocidade, perfídia e braveza, os quais sustentam nossa afirmação de que o locutor “elabora” a imagem do nativo como a de um ser violento.

5.3.3 Campo léxico “alimentos”

Lexias	Abonação
aipim (1)	“por festejarem a execuçam desta vingança, aparelham muita louça noua, e fazẽ muitos vinhos do çumo de hũa planta, que se chama **Aipim**” (41r-v, 281-282).
carne (7)	“Alẽ disto ajudanse da **carne** de muitos animaes q*ue* matam, assi cõ frechas como por industria de seus laços e fojos, onde costumão caçar a mor parte delles” (36v, 127-129).
mandioca (1)	“Os mantimentos q*ue* plantam em suas roças cõ q*ue* se sustentam, sam

	aq*ue*lles de q*ue* atras fiz mẽçam, conuem a saber, **mandioca** e milho zaburro" (36v, 125-127).
mantimento (2)	"A causa de residirẽ nesta parte mais que nas outras, he por serem aqui as terras mais accomodadas a seu proposito, assi pelos grandes matos que tem onde sempre andam emboscados, como pela muita caça que ha nellas, que he o seu principal **mantimento** de que se sustentam" (43v, 353-356).
marisco (1)	"Tambẽ se sustentam do muito **marisco** e peixes q*ue* vam pescar pela costa" (36v, 129).
milho (1)	"Os mantimentos q*ue* plantam em suas roças cõ q*ue* se sustentam, sam aq*ue*lles de q*ue* atras fiz mẽçam, conuem a saber, mandioca e **milho** zaburro" (36v, 125-127).
peixe (1)	"Tambẽ se sustentam do muito marisco e **peixes** q*ue* vam pescar pela costa" (36v, 129).
vinho (1)	"por festejarem a execuçam desta vingança, aparelham muita louça noua, e fazẽ muitos **vinhos** do çumo de hũa planta, que se chama Aipim" (41r-v, 281-282).

Tabela 21 – Campo léxico "alimentos"

Para este campo, consideramos os itens referentes a alimentos (sólidos e líquidos) presentes no cotidiano dos nativos, sendo oito as lexias: aipim, carne, mandioca, mantimento, marisco, milho, peixe e vinho.

A lexia **aipim** é inserida neste campo, pois se trata, segundo Gândavo, de planta utilizada pelos nativos para a produção de **vinho**s, sendo assim, própria para ingestão. Em Bluteau (1712, p. 196), é registrada sob a forma "aipyi" e definida como: "Erva do Brasil, de cujas raizes fazem os Indios Pão, e Vinho. Ha desta erva muitas especies. [...] O a que chamão *Aipyi Machaxera* he o melhor, mais saudavel, e mais gostoso". A lexia **vinho**, por sinal, é a única a se referir a alguma bebida dos nativos, a qual é preparada para se beber em rituais de morte de prisioneiro cativo. Bluteau (1721, p. 502) a define como:

> Nectar da terra, e ambrosia dos mortaes, he çumo de uvas maduras, espremido e fermentado. [...] Consiste a bondade do vinho usual numa certa proporção, e união natural dos seus principios, que no nervo da lingoa faz hũa agradavel impressão, e acelerando o movimento dos espiritos animaes, alegrão o estomago, o coração e o cerebro.

De acordo com o uso no texto, entendemos que é uma lexia também empregada com o intuito de comparação, pois, ainda que seja "nectar da terra", não vem a ser exatamente um **vinho** (já que este se faz do "çumo de uvas"), mas uma bebida feita da raiz do **aipim**. A relação comparativa pode ser justificada, pois sua utilização em ritual pode ser vista como a dos **vinhos** perante o olhar do português: "alegrão o estomago, o coração, e o cérebro" – uma verdadeira "ambrosia dos mortaes", presente numa situação de deleite.

Carne é a lexia mais frequente no campo. Um dos usos se refere à **carne** de animal, sendo este tipo o principal mantimento dos nativos, conforme a quarta abonação apresentada na tabela referente a este campo léxico. Os outros seis usos se referem à **carne** humana, um tipo de **carne** também ingerido pelos nativos. Duas situações nas quais isso acontece são tratadas por Gândavo. A primeira, representada cinco vezes pela lexia, é quando praticam um ritual de morte com algum nativo inimigo e, ao final, comem de toda a sua **carne**:

> Porque nã tam sómente lhe dão cruel morte em tẽpo que mais liures e desempedidos estã de toda a paixam: mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comem todos a carne, vsando nesta parte de cruezas tam diabolicas, que ainda nellas excedem aos brutos animaes que nam tem vso de razam, nem forão nacidos pera obrar clemencia (40v, 260-264).

A segunda se refere ao fato de uma tribo ter como prática a sacrificação de um ente caso este seja tomado por alguma doença que o aflija. Comem da sua **carne** com a justificativa de que não pode haver sepultura mais honrada para seu parente do que estar agasalhado para sempre em suas entranhas:

> E o pior que he, que depois disto o assam e cozem e lhe comem toda a carne, e dizem que nam hão de soffrer q*ue* cousa tão baixa e vil, como he a terra, lhes coma o corpo de quem elles tanto amam, e q*ue* pois he seu parente, e entre elles ha tãta razam de amor, que sepultura mais honrada lhe podem dar que metello dentro em si e agasalhalo pera sempre em suas entranhas (44v, 393-397).

Incluímos estes usos no campo porque, independentemente da situação, se trata de uma forma de alimentar-se.

A lexia **mandioca** é definida, a partir de Bluteau (1716, p. 286), como: "Raiz como cinoura, ou nabo, que he toda a fartura do Brasil". Deve ser cultivada

> fazendoa em bocados que se metem debaixo do chão, e se fazem muito grossos: a cor he branca, e antes de preparada he para o homem veneno; come-se reduzida em farinha grossa, a modo de polvora; he pesada, e quase insipida; e causa obstruções a quem não està acostumado a ella. Della se fazem os bolinhos, a que chamão *Beijús*.

No verbete "aipyi", citado anteriormente, Bluteau afirma haver muitas espécies deste, destacando como melhor o "*Aipyi Machaxera*". No verbete "mandioca", este autor afirma haver nove espécies, entre elas "Aipiy Tapecima" e "Macaxera", o que se leva a entender que

havia uma variação lexical para se referir a esta raiz. Tal variação pode ter levado Gândavo a ter empregado **mandioca** para se referir a uma espécie diferente de **aipim**, sendo esta utilizada especificamente para a produção de **vinho**s.

A lexia **mantimento** indica o conjunto de alimentos presentes na rotina dos nativos, funcionando, portanto, como hiperônimo de **carne**, **mandioca**, **marisco**, **milho** e **peixe**. Bluteau (1716, p. 302) a define como: "Alimentos necessarios para o sustento da vida".

A lexia **marisco** é definida por Bluteau (1716, p. 336) como: "Peixinho do mar, metido em concha, ou cuberto de escama forte, e dura". Assim como os peixes, são pegos a partir da prática da pesca, prática esta muito comum entre os nativos, e, por isso, certamente, um alimento bastante presente em sua rotina.

Similar à mandioca, a lexia **milho** indica uma planta que precisa ser cultivada. No texto, Gândavo se refere à planta como **milho** zaburro, o que de acordo com Bluteau (1721, p. 625) seria uma espécie de **milho** grande.

Pela lexia **peixe**, Gândavo se refere a animais presentes nas águas dos rios e mares brasileiros, os quais são pegos a partir da prática da pesca, cuja **carne** serve de alimento. Havia tanta diversidade de peixes na "prouincia de Sãcta Cruz", que o autor dedica um capítulo específico, na obra, para tratar do assunto, o que aponta a fartura do alimento para os nativos.

As lexias **carne**, **mantimento**, **marisco**, **milho**, **peixe** e **vinho** são atestadas em Cardosi (1562). **Aipim** e **mandioca** não o são nem em Cardosi (1562), nem em Pereyra (1647).

Ao representarmos a distribuição e frequência dos itens deste campo, temos o gráfico:

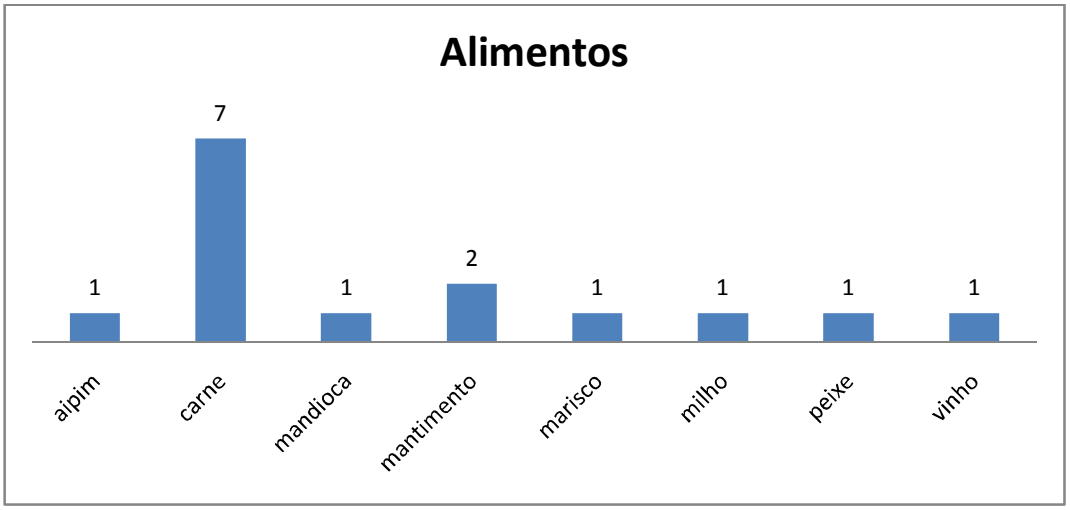


Gráfico 8 – Campo léxico "alimentos"

Entendemos que apesar de certa diversidade de lexias a respeito do campo léxico "alimentos", a frequência destas foi baixa, no texto. Ainda que o item **carne** tenha apresentado alta frequência em relação às demais, precisamos fazer uma observação. De acordo com a quarta abonação do campo (cf. tabela 19), o mantimento do qual mais se nutrem os nativos é a "carne de caça", no entanto, dos sete empregos da lexia **carne**, apenas um se refere à carne de animal; os outros seis se referem à carne humana comida em rituais de morte. Assim, compreendemos que Gândavo procura informar a seus leitores a respeito do assunto de forma breve; e que o alto registro da lexia enquanto carne humana deve-se ao fato de o autor descrever alguns rituais de morte, sobre os quais, a referência à prática antropofágica não deixaria de estar presente.

5.3.4 Campo léxico "aspectos da terra"

Lexias	Abonações
campo (1)	"Nam pelejam em **campo**, nem tem animo pera isso" (43v, 363).
costa (8)	"meu intento principal nam foy tratar aqui senam daquelles Indios q*ue* sam géraes pela **costa**" (45r, 397-398).
deserto (1)	"vaõ muitas vezes buscar seus immigos muy lõge caminhando por serras, matos, **desertos** e caminhos muy ásperos" (37r, 152-154).
mar (2)	"Outros costumão yr por **mar** de hũas terras pera outras em hũas embarcações a q*ue* chamão Canoas q*ua*ndo querẽ fazer algũs saltos ao lõgo da costa" (37r-v, 154-155).
mato (6)	"Viuem todos antre os **matos** como brutos animaes, sem terem pouoações nem casas em q*ue* se recolham" (43v, 358-359).
ribeira (2)	"Todas as outras Indias q*ua*ndo parem, a primeira cousa q*ue* fazem depois do parto, lauãse todas em hũa **ribeira**" (36r, 101-103).
rio (1)	"Tambem ha hũs certos Indios junto do **rio** do Maranham, da bãda do Oriente em altura de dous graos, pouco mais ou menos, que se chamão Tapuyas" (44v, 383-384).
serra (1)	"vaõ muitas vezes buscar seus immigos muy lõge caminhando por **serras**, matos, desertos e caminhos muy ásperos" (37r, 152-154).
sertão (2)	"IA que tratamos da terra, e das cousas que nella foram criadas pera o homem, razam parece que demos aqui noticia dos naturaes della: a qual posto q*ue* nam seja de todos em geral, sera especialmente daquelles q*ue* habitam pela costa, e em partes pelo **sertã** dentro muitas legoas com q*ue* temos cõmunicaçam" (33r, 4-7).
terra (3)	"e da pratica q*ue* elles tinham hũs com os outros veo a conhecer pela noticia do nome qual era, e onde estaua o que auia morto seu filho, e pera se acabar de satisfazer, chegouse da bãda de fora a sua estãcia, e como foy bem certificado de elle ser aq*ue*lle, deixouse ali estar lançado em **terra** esperando q*ue* se aquietasse a gente" (39r, 211-215).

	"E o pior que he, que depois disto o assam e cozem e lhe comem toda a carne, e dizem que nam hão de soffrer q*ue* cousa tão baixa e vil, como he a **terra**, lhes coma o corpo de quem elles tanto amam, e q*ue* pois he seu parente, e entre elles ha tãta razam de amor, que sepultura mais honrada lhe podem dar que metello dentro em si e agasalhalo pera sempre em suas entranhas" (44v, 393-397).

Tabela 22 – Campo léxico "aspectos da terra"

Considerando o fato de, pela obra, Gândavo se propor a escrever sobre uma terra então descoberta, decidimos analisar este campo léxico enquanto inserido em capítulos específicos que tratam dos nativos, o qual é composto por dez lexias: campo, costa, deserto, mar, mato, ribeira, rio, serra, sertão e terra.

A lexia **campo** é referida na acepção de: "Pedaço de terra cultivada "(BLUTEAU, 1712, p. 86), a partir da qual Gândavo aponta o fato de os nativos não "pelejarem", não se prestarem ao plantio, à prática da agricultura.

Dos nove empregos da lexia **costa** (a mais frequente neste campo), um deles é desconsiderado, haja vista se referir à parte do corpo. Os outros oito se referem à: "*Ora maritma*" (BLUTEAU, 1712, p. 584), conforme definição para o verbete, o qual é registrado da seguinte forma: "COSTA do mar". Entre parênteses, Bluteau afirma que é "assi chamada, porque de ordinario he montuosa, e costumamos dizer, *A costa do monte*; ou porque a terra junto ao mar de ordinario he curva a modo de costela". Como a definição do verbete **costa** é apresentada em latim, consultamos o verbete "orla", o qual é definido como: "Derivase do latim *Ora*, que he borda, ou extremidade" (BLUTEAU, 1720, p. 121). Assim, ao registrar **costa**, Gândavo refere-se à extremidade marítima da província. Como este afirma no início dos capítulos específicos aos nativos, que trataria "especialmente daquelles q*ue* habitam pela costa" (33r, 6), os usos se referem a diversas situações nas quais tais nativos estejam envolvidos.

Ao registrar as lexias **deserto** e **serra**, Gândavo informa que os nativos caminham longe, muitas vezes por **desertos** e **serras**, em busca de seus inimigos. Como Bluteau define a primeira como: "Lugar não habitado" (1712, p. 138), e relaciona a segunda a "certos mõtes, em razão dos picos, quebradas, caminhos asperos, e escabrosos, que em certo modo os cortão em muytas partes" (1720, p. 609), entendemos que aquele se propôs a apontar a animosidade dos nativos em busca de vingança.

A lexia **mar** é citada quando Gândavo se refere às viagens que os nativos faziam em embarcações denominadas canoas, tomando o **mar** como via de acesso. Bluteau (1716, p. 314-5) a define como: "Immenso, inesgotavel, e universal receptaculo do liquido elemento,

donde se recolhem, e de donde sahem todas as aguas, que ou juntas, ou repartidas cercaõ, e atravessaõ o globo da terra".

Mato, a segunda mais frequente neste campo léxico, é definida por Bluteau (1716, p. 366) como: "Multidão de plantas agrestes, espessas, e baixas". Tal aspecto da terra é citado por Gândavo ao apontar sua utilização pelo nativo em situações diversas: caminho para percorrer em busca de inimigos, fonte para busca de ervas para cobrir moradias, vegetação para se preparar emboscadas.

Numa das acepções do verbete **ribeira**, em Bluteau (1720, p. 328), tem-se: "Ribeyra de rio. A borda do rio". Em outra, é tomada como sinônimo de "ribeiro" e **rio**. O primeiro é definido como: "A agua de um manancial, que corre pelo caminho, que se tem aberto" (BLUTEAU, 1720, p. 329). E o segundo, "he corrente caudalosa de muytas aguas juntas, que vão desembocar no mar" (BLUTEAU, 1720, p. 339). Junto à definição deste, Bluteau trata de alguns rios, entre eles, o "Rio grande":

> Rio da America Meridional, no Brasil, chamado *Poteingi* dos Indios. Deste Rio tomou o nome a Capitanîa do Rio grande, ultima Capitanîa do Brasil, que se termina ao Norte com a primeyra do Maranhão; he habitada dos Tapuyas, Gentios mais barbaros da America.

A lexia **ribeira** é citada por Gândavo para se referir a duas situações diferentes: a primeira, quando descreve a prática das nativas, as quais se banham numa **ribeira** logo após darem à luz seus filhos; a segunda, quando descreve um ritual de vingança e morte, no qual, ao chegar o dia do sacrifício, bem cedo o inimigo cativo é levado para ser "banhado" numa **ribeira**. A lexia **rio**, por sua vez, é citada para fazer referência ao "rio do Maranham", o qual traz junto a si "hũs certos Indios [...] que se chamão Tapuyas". Apesar de serem tomados por Bluteau como sinônimos, entendemos que não o sejam, pois os traços que os distinguem são: **ribeira** tem como referente a "borda do rio"; já o referente de **rio** vem a ser "corrente caudalosa de muytas aguas juntas", como apontam as próprias acepções deste autor.

Dois são os usos da lexia **sertão**. O primeiro deles, de acordo com a abonação apresentada, Gândavo o faz para, inicialmente, esclarecer que trataria em seu texto de alguns dos nativos que habitam "sertã dentro muitas legoas" (33r, 6-7); o segundo, para informar que a tribo dos Aimorés habita uma capitania determinada, os quais vieram do sertão no ano de cinquenta e cinco, o que vai ao encontro da definição de Bluteau (1720, p. 613): "Regiaõ, apartada do mar, e por todas as partes, metida entre terras".

A lexia **terra** é empregada, no *corpus*, obedecendo a três acepções diferentes: enquanto região ou país (dezenove empregos); enquanto chão, solo (dois empregos); e enquanto parte interna do solo que serve como sepultura (um emprego), desconsiderando-se, portanto, para este campo, os usos relacionados à primeira acepção. Nesse sentido, ressaltamos que a lexia enquanto um dos itens do campo não é sinônima do item presente no sintagma que o denomina como arquilexema, pois este se refere à terra enquanto região, e aquela, a apenas um dos seus aspectos, restringindo-se, pois, a três usos. A primeira abonação indica que um dos nativos encontra-se sob vigília, aguardando o momento de atacar o inimigo, em **terra**, ou seja, no chão, do lado de fora da estância, acepção esta, presente em Bluteau (1721, p. 118): "Chão". A segunda é empregada para informar que alguns dos nativos comiam a carne de seus entes para que a **terra** não o fizesse, tomando-a como sepultura, acepção também presente em Bluteau (1721, p. 121): "Terra, às vezes se toma por sepultura".

As lexias **campo**, **costa**, **deserto**, **mar**, **mato**, **ribeira**, **serra** e **terra** são atestadas em Cardosi (1562). Para **rio**, verificamos a variação sinonímica "ribeiro" em Cardosi (1562), mas **rio** em Pereyra (1647). **Sertão**, por sua vez, não é atestado em nenhum dos dois dicionários.

O gráfico a seguir representa as lexias do campo em questão:

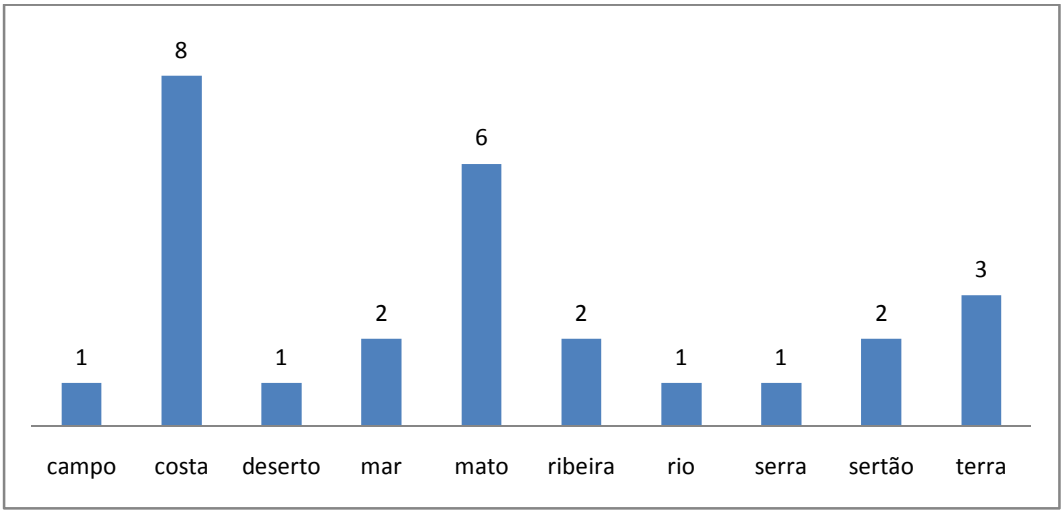


Gráfico 9 – Campo léxico "aspectos da terra"

As lexias registradas indicam os aspectos da terra de acordo com o alcance do olhar do locutor português. Ao registrá-las, entendemos que ele escreve sobre o que vê, especificamente, em relação ao nativo. Assim, elas indicam, ao mesmo tempo, não apenas o conjunto de aspectos naturais da nova terra, mas a ocupação plena do território pelo nativo, visto que todos os empregos estão relacionados a alguma situação envolvendo-lhe. É como se

Gândavo afirmasse que havia nativos em todas as partes da terra, preenchendo seus mais diferentes aspectos.

A frequência destas lexias também pode indicar um dado importante: a zona de ocupação portuguesa. Não gratuitamente, as lexias mais recorrentes são **costa** e **mato**, sendo que a primeira tem como referente um dos aspectos mais explorados pelos colonizadores, e a segunda, um dos mais tomados pelos nativos, o que, necessariamente, leva os portugueses a ocuparem-no em função da busca por escravos e riquezas minerais. Os nativos ocupam toda a terra, mas os portugueses, apenas a **costa** e parte do **mato**, o que vai ao encontro da afirmação de Gândavo:

> IA que tratamos da terra, e das cousas que nella foram criadas pera o homem, razam parece que demos aqui noticia dos naturaes della: a qual posto q*ue* nam seja de todos em geral, sera especialmente daquelles q*ue* habitam pela costa, e em partes pelo sertã dentro muitas legoas com q*ue* temos cõmunicaçam (33r, 4-7).

Assim, ao afirmar que não tratará de todos os "naturaes", especificando seu objeto, evidencia a zona de acesso do colonizador.

Podemos apontar, ainda, que o gráfico representa, com a diversidade de registros, um panorama amplo de algumas das riquezas naturais presentes na terra, as quais apontam a tentativa de convencer aos que

> viuem em pobreza [para que] nam duuidem escolhela pera seu emparo: porque a terra he tal, e tam fauorauel aos que a vam buscar, que a todos agasalha e conuida com remedio por pobres e desemparados que sejam. E tambem ha nellas cousas dignas de grande admiraçam, e tam notaveis, que parecéra descuido e pouca curiosidade nossa, nam fazer mençam dellas (Gândavo, 1576, p. 5r).

Como os capítulos analisados se referem aos nativos, a direção considerada não é a de entender que ao tratar dos aspectos da terra, Gândavo se refira a eles, mas a de que ao tratar destes, houve necessariamente a referência aos aspectos naturais devido justamente à ligação estreita entre o nativo e a sua terra.

5.3.5 Campo léxico "espaço"

Lexias	Abonações
aldeia (21)	"As pouoações destes Indios, sam **aldeas**: e cada hũa dellas tem sete oito casas, as quaes sam muy cõpridas, feitas á maneira de cordoarias ou

	tarracenas, fabricadas sómẽte de madeira, e cubertas cõ palma ou cõ outras heruas do mato semelhantes" (34v, 59-61).
capitania (3)	"Chamanse Aimorés, os quaes andam por esta costa como salteadores, e habitam da **capitania** dos Ilheos ate a de Porto seguro, aonde vierã ter do sertam no anno de 55, pouco mais ou menos" (43v, 351-353).
casa (13)	"E tanto que vio horas acomodadas pera fazer a sua, rõpeo a palma muy mansamente, de q*ue* a **casa** estaua cuberta, e entrando foyse direito ao matador, ao qual cortou logo a cabeça em breue espaço com hũ cutello que pera isso leuaua" (39r, 215-217).
cova (3)	"E q*ua*ndo algũ morre, costumão enterralo em hũa **coua** assentado sobre os pés cõ sua rede ás costas q*ue* em vida lhe seruia de cama" (34v, 36-38).
coxia de galé (1)	"e assi estam hũs jũtos dos outros per ordem, e pelo meyo da casa fica hũ caminho aberto por onde todos se seruẽ como dormitorio, ou **coxia de galé**" (34v, 63-64).
dormitório (1)	"e assi estam hũs jũtos dos outros per ordem, e pelo meyo da casa fica hũ caminho aberto por onde todos se seruẽ como **dormitorio**, ou coxia de galé" (34v, 63-64).
estância (3)	"Dali o metem nũa casa, e junto da **estancia** daquelle q*ue* o catiuou lhe armão hũa rede, e tanto q*ue* nella se lança, cessam todos os agrauos sem auer mais pessoa q*ue* lhe faça nhuã offensa" (41v, 274-276).
fazenda (3)	"nam possuem nhuã **fazẽda**, nem procuram acquirila como os outros homẽs, e assi viuem liures de toda cobiça e desejo desordenado de riquezas" (36r, 115-116).
lugar (1)	"Neste mesmo tempo e **lugar** deu hũ Portugues hũa tam gram cutilada a hum Indio, que quase o cortou pelo meyo" (40r, 247-248).
mundo (1)	"sera cousa impossiuel escapar de suas mãos com vida: porque nam costumam dalla a nhũ catiuo, nem disistirám da vingança que esperam tomar delle por nenhũa riqueza do **mundo**, quer seja macho quer femea" (43r, 341-343).
nação (3)	"Outros Indios doutra **naçam** differente, se acham nestas partes, ainda mais feroces e de menos razão q*ue* estes. Chamanse Aimorés" (43v, 350-351).
província (2)	"E porque meu intento principal nam foy tratar aqui senam daquelles Indios q*ue* sam géraes pela costa, cõ q*ue* os Portugueses tem cõmunicaçam, nã me quis mais deter em particularizar algũs ritos desta e doutras nações differentes que ha nesta **prouincia**, por me parecer q*ue* seria temeridade e falta de consideraçam escreuer em historia tam verdadeira, cousas em que por ventura podia auer falsas informações, pola pouca noticia que ainda temos da mais gentilidade que habita pela terra dentro" (45r, 397-403).
terra (19)	"Dali por diante foy sempre este Principal muy temido, e ficou seu nome affamado por toda aquella **terra**" (39v, 231-232).
terreiro (2)	"E tanto que o tornam a trazer vanse com elle a hũ **terreiro** q*ue* está no meyo da aldea e ali lhe mudam aquella corda do pescoço á cinta, passandolhe hũa ponta pera tras outra pera diãte: e em cada hũa delas pegados dous tres Indios" (41v, 285-288).

Tabela 23 – Campo léxico "espaço"

Como o *corpus* analisado toma como objeto a apresentação/descrição, por Gândavo, de uma **gente** diferente a seus leitores, estabelecemos este campo léxico para verificarmos os

registros de nomes dos "espaços" específicos nos quais essa "**gente**" se encontra, o qual se constitui de quatorze lexias: aldeia, capitania, casa, cova, coxia de galé, dormitório, estância, fazenda, lugar, mundo, nação, província, terra e terreiro.

A lexia mais frequente é **aldeia**, a qual tem como referente o espaço no qual se encontra um grupo específico: "Povoação, menor, que Lugar" (BLUTEAU, 1712, p. 229). Pela abonação apresentada, Gândavo tenta descrever o referido espaço, indicando que são "pouoações" com um número médio de casas, e o formato e material de construção dessas. Acreditamos que a frequência da lexia seja grande devido seu referente se tratar da principal forma de organização espacial dos nativos.

O referente da lexia **capitania** diz respeito à forma de divisão político territorial que os portugueses implementaram na terra brasileira. Fausto (2004, p. 43-4) afirma que tal divisão do espaço se deu pela convicção política da Coroa "de que era necessário colonizar a nova terra" dividindo-a

> em quinze quinhões, por uma série de linhas paralelas ao equador que iam do litoral ao meridiano de Tordesilhas, sendo os quinhões entregues aos chamados capitães-donatários. Eles constituíam um grupo diversificado, no qual havia gente da pequena nobreza, burocratas e comerciantes, tendo em comum suas ligações com a Coroa.

Ao registrar a lexia, portanto, Gândavo toma como referência não a forma de divisão espacial dos nativos, mas a da Coroa, divisão esta que, "em essência, mesmo na sua forma original" representou "uma tentativa transitória e ainda tateante de colonização, com o objetivo de integrar a Colônia à economia mercantil européia" (FAUSTO, 2004, p. 45). Em Bluteau (1712, p. 125-6), em uma das acepções do verbete, temos:

> Capitania do Brasil vem a ser o mesmo, que Provincia. Saõ estas Capitanias quatorze. Comprehende em particular cada huma dellas atè cincoenta legoas de costa, e quanto se quer alargar ao Sertaõ. Na sua Histor. da Guerra Brasilica, pag. 23. diz Francisco de Britto Freire. ElRey Dom Manuel, por estar muito empenhado no Oriente, attendeo pouco ao Brasil, e assim pela menos estimaçaõ, que se fez delle, o repartiraõ inconsideradamẽte a diversas pessoas, chamãdo às terras Capitanias, e aos Donatarios Capitaens; aos quaes concederão de juro, e herdade demasiado dominio no poder, e excessiva largueza no destricto.

Bluteau ainda informa que, por serem consideradas uma espécie de governo, podem ser chamadas de "praefecturas", e que à página vinte da referida fonte consultada, as ditas

capitanias são chamadas de províncias. Dessa forma, o emprego da lexia em textos sobre o Brasil colonial é possibilitado devido à criação do novo referente pela Coroa portuguesa.

O item **casa** é empregado para se referir à habitação dos nativos, a qual é descrita por Gândavo da seguinte forma: "sam muy cõpridas, feitas á maneira de cordoarias ou tarracenas, fabricadas sómẽte de madeira, e cubertas cõ palma ou cõ outras heruas do mato semelhantes" (34v, 60-61). A partir de Bluteau (1712, p. 172), podemos considerar que o referente a que os europeus tinham para a lexia era bem diferente do equivalente na "prouincia de Sãcta Cruz": "edificio, em que vive huma familia com seus moveis, e alfayas, amparada das injurias do tempo", considerando que "alfaya" vinha a ser "móvel, e adereço da casa, como bancos, cadeiras, bofetes, tapetes, tapeçarias, alcatifas" (BLUTEAU, 1712, p. 239). Assim, a diferença se dá não apenas pelas "alfayas", mas também pela ocupação não se dar por apenas uma família, mas por um grupo maior:

> estam todas cheas de gẽte de hũa parte e doutra, e cada hũ por si, tem sua estancia e sua rede armada em q*ue* dorme: e assi estam hũs jũtos dos outros per ordem, e pelo meyo da casa fica hũ caminho aberto por onde todos se seruẽ como dormitorio, ou coxia de galé. Em cada casa destas viuem todos muito cõformes, sem auer nunqua entre elles nenhuãs differẽças: antes sam tam amigos hũs dos outros, q*ue* o q*ue* he de hũ he de todos, e sempre de qualq*ue*r cousa q*ue* hũ coma por pequena q*ue* seja todolos circũstãtes haõ de participar della (34v, 61-68).

É tratada, no texto, como sinônimo de "estância": "Dali o metem nũa casa, e junto da estancia daquelle q*ue* o catiuou lhe armão hũa rede" (p. 41r, 274 a 275).

A lexia **cova** diz respeito ao espaço no qual os nativos enterravam seus mortos, como aponta uma das acepções do verbete em Bluteau (1712, p. 592): "Cova de enterrar".

A lexia **coxia de galé** é empregada apenas para fazer comparação, para facilitar a compreensão do leitor junto à descrição dos **dormitórios** das habitações dos nativos, fazendo sentido apenas ao mundo referencial do colonizador. Inserimo-la no campo, pois se trata de um nome de um espaço específico e a proposta é a de inventariar todos os nomes relacionados ao campo. Ao consultarmos o verbete **coxia**, em Bluteau (1712, p. 598), a primeira informação é: "ou Cuxia da galé", o que reforça a decisão de tratar os itens **coxia** e **galé** como formadores de uma lexia composta[64], a qual tem como referente, numa das acepções: "A passagem da popa à proa, no meyo da galé". O verbete **galé**, por sua vez, é definido,

[64] Bluteau citou "Cuxia **da** galé" e Gândavo, "coxia **de** galé". Para o primeiro caso, a presença do artigo classificaria a lexia como complexa, mas como a análise toma como referência os usos de Gândavo, é classificada como composta.

inicialmente, por Bluteau (1713, p. 12-3), como de origem grega, significando: “Lugar, ou Banco de muytos assentos, cousa propria de galés”. Em outra acepção, informa se tratar de “baixel comprido de remo, e vela, que tem vinte cinco, ou trinta bancos por cada banda, cada hum com quatro, cinco, ou seis remos”, o que nos leva a entender o motivo pelo qual Gândavo empregue a lexia: era como se os nativos ficassem quase uns sobre os outros.

A lexia **dormitório** refere-se ao espaço interno das casas no qual os nativos armam suas redes e se organizam para dormir, espaço este comparado a uma **coxia de galé**, conforme tratamos anteriormente. Bluteau (1712, p. 295) define o verbete como: “O quarto da casa, em que se dorme”, informando também que “costumaõ alguns Religiosos chamar o lugar, em que estaõ as suas cellas, e as suas camas”. Dessa forma, como as habitações dos nativos não possuíam divisões, nem camas, acreditamos que o referente relacionado à lexia em questão também faça sentido apenas ao mundo referencial do colonizador, tendo sido utilizado com função comparativa, já que este tipo de espaço, conforme as acepções do termo, inexistia entre os nativos.

Estância, tratada como sinônimo de casa, por Gândavo, também o é em Bluteau (1712, p. 307), o qual aponta “morada” como primeira acepção. E ainda: “Lugar, em que se para”.

A lexia **fazenda**, em Bluteau (1713, p. 48), tem como referente, em uma das acepções: “Bens de rays, terras, quintas”. Em dois dos empregos, no texto, Gândavo afirma que os nativos vivem ser ter **fazendas** nem procuram adquiri-las. Ou seja, não possuem bens “de raiz” como ambicionam os não nativos. O terceiro emprego, por outro lado, aponta o colonizador como possuidor de **fazendas**: “Pela q*ua*l razam todos quãtos Portugueses e Indios ha na terra os temẽ muito: e assi onde os ha, nenhũ morador vai a sua fazenda por terra, que nam leue consigo quinze vinte escrauos de arcos e frechas pera sua defensam” (44r, 371-374). Destacamos que apesar de “morador” poder se referir tanto a colonizador quanto a colonizado, o fato de tal morador fazer dos nativos escravos desfaz a aparente ambiguidade, vindo a apontar a diferença de interesse de ambos.

A lexia **lugar** pode ser compreendida como sinônima do seu arquilexema. No texto, são três os empregos, mas apenas um deles se refere à acepção em questão. Bluteau (1716, p. 199) define-a como: “O espaço em que se comprehende hum corpo natural, ou a superficie que o cerca”.

A lexia **mundo** é empregada com a acepção enquanto espaço maior que todos os outros, funcionando, pois, como hipônimo das outras lexias do campo, visto que todas elas se

inserem neste referente: “Este globo da terra, habitado por homens, e sucessivamente povoado nesta fórma” (BLUTEAU, 1716, p. 632).

O item **nação**, com três registros no texto, é empregado duas vezes para indicar nativos de grupos diferentes, tribos diferentes, como na abonação apresentada. O outro emprego se refere à nação enquanto espaço maior:

> A lingoa de que vsam, toda pela costa he huã: ainda q*ue* em certos vocabulos differe nalgũas partes: mas não de maneira q*ue* se deixem hũs aos outros de entender: e isto ate altura de vinte e sete graos, que dahi por diante, ha outra gentilidade de que nós nam temos tanta noticia, que falão ja outra lingua differente. Esta de q*ue* trato q*ue* he gèral pela costa, he muy branda, e a qualq*ue*r naçam facil de tomar (33v, 25-29).

Neste trecho, Gândavo se refere à língua usada na costa brasileira, a qual vem a ser branda e fácil a qualquer **nação**, entendendo-se esta na acepção de um espaço com um grupo maior do que o de tribos, como **nação** portuguesa, por exemplo. Interpretamos assim, pois Gândavo demonstra conhecer alguns aspectos da língua (lexicais e fonéticos): “Algũs vocabulos ha nella de q*ue* nam vsam senam as femeas: e outros q*ue* nam seruem senam pera os machos. Carece de tres letras, conuem a saber, não se acha nella, f, nem, l, nẽ, R” (33v, 29-31), o que comprova se tratar de **nação** enquanto espaço maior, indo ao encontro de uma das acepções do verbete, em Bluteau (1716, p. 658): “Nome collectivo, que se diz da Gente, que vive em alguma grande região, ou Reyno, debaixo do mesmo Senhorio. Nisto se differença nação de povo, porque nação comprehende muitos povos”.

Dessa forma, os grupos de nativos (tribos, povos diversos) estão inseridos no espaço maior **nação** (prouincia de Sãcta Cruz), no entanto, Gândavo os concebe como: “Os da mesma nação” (BLUTEAU, 1716, p. 659). Acreditamos que o autor o tenha feito pelo fato de serem numerosos os grupos de nativos se comparados à **gente** da **nação** portuguesa. Era como se Gândavo estivesse diante de diferentes **nações**. Tal hipótese pode ser corroborada por uma das acepções de Bluteau (1716, p. 658): “Nações de extraordinário, e monstruoso feitio de que fazem menção Authores antigos e modernos”, a qual vem seguida dos nomes de algumas **nações**, entre elas, a dos “Goayazis”, no Brasil: “*Goayazis*. Casta de Anãos nas prayas do Grão Parâ, de estatura tão pequena, que parecem afronta dos homens”.

A partir da lexia **província**, Gândavo refere-se à extensão territorial da nova terra como um todo, sendo, pois, assim, nomeado/tratado o lugar. Bluteau (1720, p. 807) informa, inicialmente, que “os antigos Romanos chamavaõ *Provincias* às terras que vencião, ou por qualquer modo sojugavão fóra da Italia”, informando, em seguida, o sema então atual da

lexia: “Hoje Provincia he a parte de hum Reyno, Monarquia, ou Estado, que tem a mesma lingua, e os mesmos costumes, e de ordinario se distingue pela extensão de hũa jurisdição temporal, ou espiritual, em certo numero de Villas, Aldeas, e Cidades”.

Nesse sentido, entendemos que a nova terra é tratada como **província** haja vista ser de domínio português, portanto, parte do reino. Apesar de, no ano de publicação da “Historia” (1576), a “prouincia de Sãcta Cruz” e Portugal não terem a mesma língua, tal similaridade passa a existir, oficialmente, a partir do ano de 1759 com a publicação do documento “Diretório dos Índios”.

> A língua portuguesa, instituição da nação portuguesa, foi institucionalizada na colônia, ou seja, foi necessário um ato político jurídico – o [...] Diretório dos Índios – para institucionalizar, oficializar de modo impositivo que era essa, e apenas essa, a língua que devia ser falada, ensinada e escrita, exatamente nos moldes da gramática portuguesa vigente na Corte (MARIANI, 2004, p. 33).

E em relação aos costumes, estes foram, aos poucos, sendo alterados com a chegada cada vez maior de portugueses à **província**.

Esta lexia é empregada apenas duas vezes, no *corpus*: uma, no título do primeiro dos três capítulos em análise (linha 1), e a outra, no último parágrafo (linha 400). No primeiro caso, Gândavo afirma que tratará “do gentio que ha nesta prouincia”, e no segundo, que como seu objetivo é o de tratar dos índios que são gerais pela costa, não quis particularizar ritos das diferentes nações da **província**, empregando, pois, a lexia, para iniciar e concluir o texto.

Tal lexia é empregada no título da obra, mas é importante destacarmos que houve variação na denominação do lugar nas diferentes versões: a primeira toma-o como **província** (*Tractado da prouinçia do Brasil* – ms.1), a segunda, como **terra** (*Tractado da terra do Brasil* – ms.2), e na terceira e quarta, há o emprego de **província** (*Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* – ms.3; *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil* – edição príncipe). Acreditamos (diante do conhecimento do histórico dos semas referentes às lexias **província** e **terra**) que Gândavo emprega **província**, inicialmente, pelo fato de o lugar se incluir nos domínios do reino de Portugal; na segunda versão, pode ter preferido **terra** por considerar a extensão territorial do lugar, sua grandiosidade; já a terceira versão, a qual seria encaminhada para publicação, pode ter sido estampada com o termo **província** devido à tentativa de tentar autoafirmar a posse do lugar, pois, publicar uma obra sobre uma “**terra** chamada Brasil” e uma “**província** chamada

Brasil" produziria efeitos de sentido diferentes aos olhos dos leitores, pois não estariam conhecendo uma **terra** qualquer, mas uma **província** sob o domínio dos seus.

A lexia **terra**, segunda mais frequente no campo, é tomada na acepção de: "Região. Certo espaço de terra" (BLUTEAU, 1721, p. 119). Como a proposta do autor é a de dar a conhecer uma nova **terra**, podemos, por isso, justificar sua alta frequência, e, ainda, compreender a variação dos nomes junto à denominação da obra, estando esta lexia presente em sua segunda versão.

A lexia **terreiro** se refere ao espaço externo das casas, nas aldeias. Em Bluteau (1721, p. 125), o verbete "terreeiro" é definido como: "Pedaço de chão espaçoso, com plana superficie".

Os itens **aldeia**, **capitania**, **casa**, **cova**, **dormitório**, **estância**, **fazenda**, **lugar**, **mundo**, **nação** e **terra** são atestados em Cardosi (1562). **Coxia de galé** não aparece neste, nem na forma simples **coxia**, mas em Pereyra (1647), é atestada como lexia composta. **Província** não é atestada em Cardosi (1562), apenas a forma "provincial", mas é atestada em Pereyra (1647). **Terreiro**, por sua vez, aparece na forma da lexia composta "terreiro de trigo", em Cardosi (1562), mas é atestada como a lexia simples "terreyro", em Pereyra (1647).

As lexias deste campo léxico, de acordo com sua constituição e frequência, podem ser representadas a partir do seguinte gráfico:

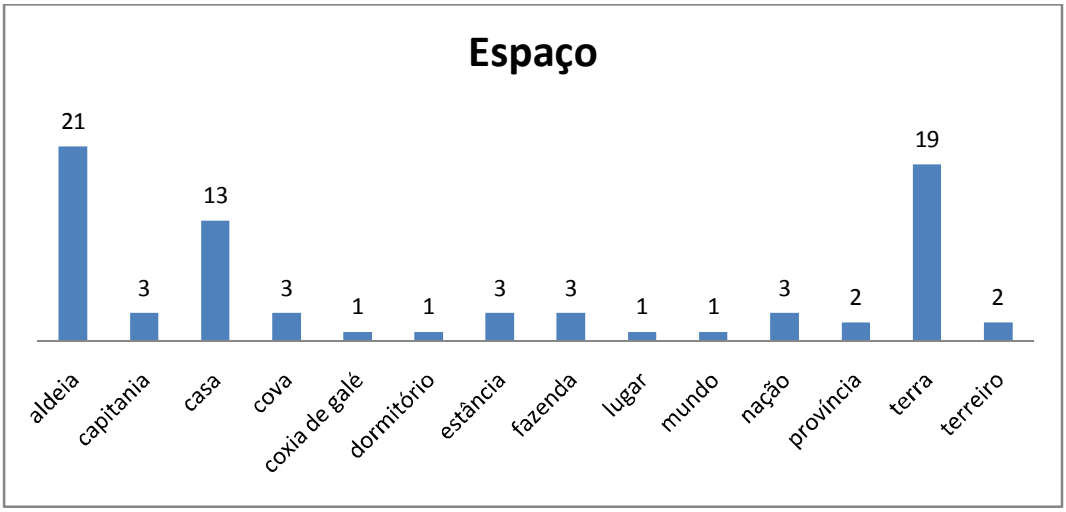


Gráfico 10 – Campo léxico "espaço"

A análise deste campo pode mostrar que Gândavo faz uso de lexias relacionadas a espaços diversos: amplos, específicos e delimitados politicamente, os quais oferecem a possibilidade de serem recategorizados entre si a partir de diferentes campos. A frequência

alta para a lexia **aldeia** é compreendida por se tratar esta do espaço específico dos nativos, espaço onde estes se encontram em grande parte das situações [d]escritas.

5.3.6 Campo léxico "autoridades"

Lexias	Abonações
capitão (3)	"Na capitania de S*am* Vicẽte sendo **capitam** Iorge Ferreira, aconteceo darem os cõtrarios em hũa aldea q*ue* estaua nã muy longe dos Portugueses, e neste assalto matarẽ hũ filho do Principal da mesma aldea" (38v, 196-198).
governador (1)	"Outro caso de nam menos admiraçam aconteceo entre Porto seguro e o Spirito Sancto, naquellas guerras onde matáram Fernão de Sá filho de Men de Sá, q*ue* entam era **Gouernador** géral destas partes" (39v, 232-234).
oficial (1)	"lançanlhe ao pescoço hũa corda de algodam q*ue* pera isso tem feita, a qual he muy grossa, quanto naq*ue*lla parte q*ue* o abrãge, e tecida ou enlaçada de maneira, q*ue* ninguem a pode abrir nem cerrar, senam he o mesmo **official** q*ue* a faz" (41r, 271-273).
oficial de guerra (1)	"Porem pelejam desordenadamente, e desmandanse muito hũs e outros em semelhãtes brigas, porq*ue* nam tẽ capitam q*ue* os gouerne, nẽ outros **officiaes de guerra**, a q*ue* ajam de obedecer nos taes tẽpos" (37v, 166-168).
padre (1)	"se nã for por meyos da doctrina Christaã, cõ q*ue* os **Padres** da cõpanhia pouco a pouco os vão amansando como adiãte direy" (37r, 144-145).
principal (10)	"E o **Principal** que consigo trazia a cabeça do imigo, chegãdo a sua aldea a primeira cousa q*ue* fez foise ao meyo do terreiro da mesma aldea, e ali a fixou nũ pao á vista de todos" (39v, 223-225).
rei (2)	"Esta gẽte nam tẽ entre si nhũ **Rey** nẽ outro genero de justiça, senã hũ principal ẽ cada aldea, q*ue* he como capitã, ao q*ua*l obedecẽ por võtade e nã por força" (34r, 40-42).
superior (1)	"E assy a guerra q*ue* agora tẽ hũs cõtra outros, nã se leuãtou na terra por serẽ differẽtes ẽ leis nẽ ẽ costumes, nẽ por cobiça algũa de interesse: mas porq*ue* antiguamẽte se algũ acertaua de matar o outro, como ainda agora algũas vezes acõtece (como elles sejã vingatiuos e viuã como digo absolutamẽte sem terẽ **superior** algũ a q*ue* obedeçã nẽ temã) os parẽtes do morto se cõjurauã cõtra o matador e sua geraçã e se perseguiã cõ tã mortal odio hũs a outros" (34r, 45-50).

Tabela 24 – Campo léxico "autoridades"

Com o fim de conhecer e tentar compreender os itens empregados por Gândavo com a função de se referirem a autoridades, discutimos oito lexias neste campo: capitão, governador, oficial, oficial de guerra, padre, principal, rei e superior.

Além da abonação apresentada, a lexia **capitão** é referida para se fazer comparação ("Esta gẽte nam tẽ entre si nhũ Rey nẽ outro genero de justiça, senã hũ principal ẽ cada aldea,

q*ue* he como capitã" (34r, 40-42)) e para registrar a falta desse tipo de autoridade ("nam tẽ capitam q*ue* os gouerne" (37v, 167)). Pelos três usos, no texto, compreendemos que o sema seja o de: "Capitaõ mór", conforme uma das acepções de Bluteau (1712, p. 126), indicando ser alguém que comanda um grupo menor se comparado a um exército, o qual é comandado por um "Capitâõ":

> Deve ser das pessoas principaes da terra. Está obrigado a ter sempre prestes a sua gente para serviço del-Rey, e defensaõ da Cidade, Villa, ou Concelho, donde he Capitaõ, a fazer exercitar a gente de Cavallo huma vez cada mez, corrẽdo à carreira, e escaramuçando, etc e a ter especial cuidado de saber como os Capitaens das Companhias, e cabos de esquadras, e mais officiaes da Ordenança servem seus cargos, e se tem a sufficiencia, e abilidade, que para isto se requere, e tẽdo certa, e verdadeira informaçaõ do contrario, os póde privar dos seus cargos, etc.

Na abonação exposta na tabela anterior, Iorge Ferreira é citado como **capitão** de São Vicente. Nesse sentido, a lexia assume, especificamente, o sema enquanto "donatário" da referida capitania, considerando que a estas autoridades "concederão de juro, e herdade demasiado dominio no poder, e excessiva largueza no destricto" (BLUTEAU, 1712, p. 126).

A lexia **governador** é empregada para citar um caso ocorrido entre Porto Seguro e Espírito Santo, partes estas que tinham como **governador** geral Mem de Sá. Bluteau (1713, p. 103) traz o verbete da seguinte forma: "GOVERNADOR de huma Prouincia", sendo aquele o responsável pelo governo desta.

Vemos importância em apontar que estes dois tipos de autoridades desempenharam suas funções em momentos diferentes no Brasil colonial: o das Capitanias Hereditárias e o do Governo Geral. Em relação ao primeiro momento, iniciado em 1532, foi marcado pela exploração e necessidade de ocupação, povoamento da terra.

> Os donatários receberam uma doação da Coroa, pela qual se tornavam possuidores mas não proprietários da terra. Isso significava, entre outras coisas, que não podiam vender ou dividir a capitania, cabendo ao rei o direito de modificá-la ou mesmo extingui-la. A posse dava aos donatários extensos poderes tanto na esfera econômica (arrecadação de impostos) como na esfera administrativa. [...] Do ponto de vista administrativo, eles tinham o monopólio da justiça, autorização para fundar vilas, sesmarias, alistar colonos para fins militares e formar milícias sob seu comando (FAUSTO, 2004, p. 44),

entendendo donatário como **capitão**, o que se relaciona à acepção deste considerada por meio de Bluteau. Excetuando-se as capitanias de Pernambuco e São Vicente, as demais fracassaram

e, com o decorrer dos anos, foram sendo retomadas pela Coroa através de compra, conservando-se, pois, como unidade administrativa, mas mudando de caráter devido ao pertencimento ao Estado. Assim, a partir de 1549, o estabelecimento do governo geral representou "um passo importante na organização administrativa da Colônia" (FAUSTO, 2004, p. 46). Apesar de representar

> um esforço de centralização administrativa, [...] isso não significa[va] que o governador detivesse todos os poderes, nem que em seus primeiros tempos pudesse exercer uma atividade muito abrangente. A ligação entre as capitanias era bastante precária, limitando o raio de ação dos governadores (FAUSTO, 2004, p. 47).

Como o período de elaboração e publicação da obra de Gândavo se dá após 1549, justificamos sua referência ao governador Mem de Sá.

A lexia **oficial** apresenta dois empregos diferentes, sendo um deles constituído como uma lexia composta (**oficial de guerra**). Assim Bluteau (1720, p. 47) apresenta o respectivo verbete: "OFFICIAL de qualquer obra de maõs", informando, em seguida, diferentes tipos de **oficiais**, entre eles: "Official de guerra", definida como: "Os principaes officiaes de guerra". No *corpus*, Gândavo emprega a lexia **oficial** para indicar a pessoa que, num ritual de vingança e morte, deve cerrar a corda que está enlaçada ao pescoço do inimigo cativo, sendo, pois, o mesmo que a enlaçou, correspondendo, portanto, à primeira definição. Já a lexia composta **oficial de guerra** é empregada para atestar a falta do seu referente entre os nativos. Ressaltamos que ao citar **oficial de guerra**, primeiramente, à página 37v, e, seguidamente, **oficial**, à página 41r, referindo-se àquele que executaria uma ação no ritual, é como se estivesse transferindo a nomeação portuguesa à nativa, tomando tal **oficial** como um **oficial de guerra**.

Gândavo emprega a lexia **padre** para se referir aos "**Padres** da cõpanhia" que estão amansando os nativos por meio da doutrina cristã. Bluteau (1720, p. 177) define-a como "os Sacerdotes de todas as Ordens Religiosas, e Congregações Regulares", enumerando algumas das ordens e congregações, entre elas, os "da Companhia". Esta companhia trata-se da Companhia de Jesus, a qual exercera "intensa influência [...] no processo colonizador. [...] até a sua expulsão da metrópole e das colônias portuguesas, pode-se dizer que os jesuítas construíram um império em terras no Brasil" (MARIANI, 2004, p. 35). Destacamos o emprego de letra maiúscula no único uso da lexia, corroborando o papel desta autoridade na colônia.

Para se referir à única autoridade nativa, Gândavo emprega a lexia **principal** (a mais frequente no campo), mais comumente empregada com a função de adjetivo, utilizando-se da comparação para se fazer melhor compreendido: "hũ principal ẽ cada aldea, q*ue* he como capitã". Ao final do texto, pela referência a certo **capitão** Iorge Ferreira, vemos a possibilidade de o leitor de Gândavo relacionar as funções e compreender o sema do item **principal**. Bluteau (1720, p. 742-3) define-o, inicialmente, como: "O que entre outras cousas tem o primeyro lugar. O que he mais digno de estimação". E a seguir, especificamente: "He o titulo q se dá no Brasil ao Gentio, mais estimado da Aldea, e que a governa como Capitaõ della".

Os dois empregos da lexia **rei** se referem à falta do seu referente entre os nativos, o qual vem a ser, de acordo com o mundo referencial de Gândavo, "despotico, e soberano Senhor de hum Estado" (BLUTEAU, 1720, p. 207).

A lexia **superior** é empregada para informar que os nativos não tinham esse tipo de autoridade a quem devessem obediência e temor, justificando-se assim o fato de viverem em guerras e vinganças. O sema vai encontro da seguinte acepção, em Bluteau (1720, p. 788): "Posto em lugar mais alto".

Os itens **capitão**, **padre**, **principal** e **rei** são atestados em Cardosi (1562). **Governador** é atestado apenas em Pereyra (1647). **Oficial** aparece em Cardosi (1562) por meio da lexia composta "official macanico", mas como lexia simples em Pereyra (1647). A lexia composta **oficial de guerra** não é atestada em nenhum dos dicionários. Por fim, o item **superior** é atestado apenas em Pereyra (1647), a partir da lexia composta "superior cousa".

A constituição deste campo léxico, com a frequência de suas respectivas lexias se representa, pois, da seguinte forma:

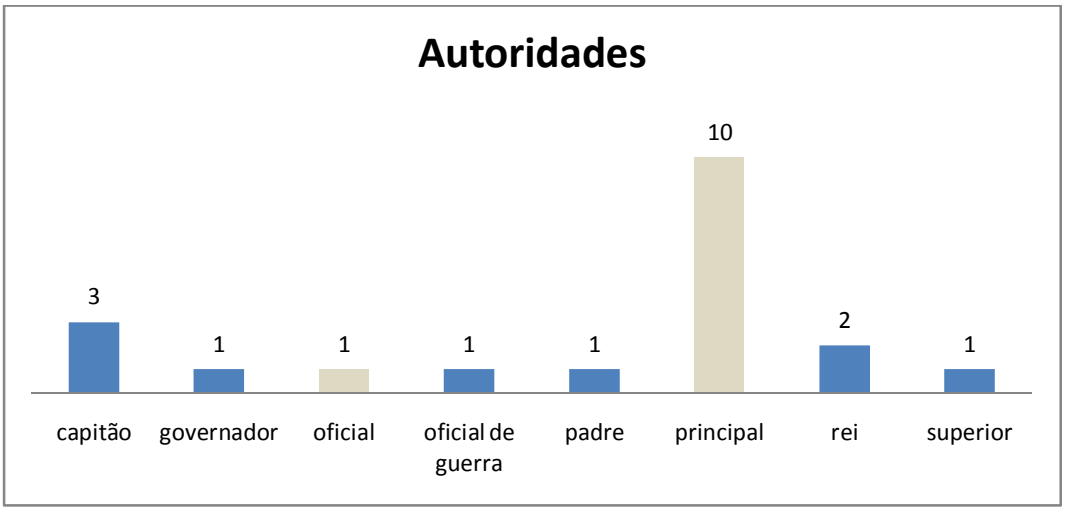


Gráfico 11 – Campo léxico “autoridades”

De acordo com as lexias apresentadas e as abonações citadas, Gândavo utiliza seis lexias para se referir a autoridades não nativas: **capitão**, **governador**, **oficial de guerra**, **padre**, **rei** e **superior**; e duas para autoridades nativas: **oficial** e **principal**. Predominam, portanto, itens utilizados para se referirem a autoridades a partir do sistema administrativo português.

Nos casos em que cita lexias para informar que não há o referente na “prouincia de Sãcta Cruz” (**capitão**, **oficial de guerra**, **rei** e **superior**), Gândavo dá mostras de tentar descrever o sistema de governo desta a partir do português, apontando uma lacuna, como se não houvesse organização nenhuma entre os nativos. Ressaltamos que dos nove empregos de lexias referentes a autoridades não nativas, cinco deles são para se apontar tal lacuna.

Entendemos que apesar de o texto ter como objeto os nativos, e exija que o autor se refira numa quantidade maior de vezes a suas autoridades, como o número de frequência pode indicar (onze empregos relacionados a autoridades nativas, e nove, a não nativas), o que ocorre é o emprego em grande quantidade de lexias referentes a denominações de autoridades do sistema português. Também entendemos que no processo de denominação deste campo, a referência não vem a ser o que a autoridade nativa é, mas o que parece ser, pois na falta de um termo para referi-la, emprega-se algo que possa ser comparado à organização eurocêntrica, como é o caso de **oficial**. Para **principal**, o emprego da lexia se justifica pela extensão de sentido.

5.4 ANÁLISE ESTRUTURAL DE LEXIAS: ALGUNS APONTAMENTOS

Diante da proposta de fazermos uma análise estrutural de vocabulário utilizado no século XVI, por meio da categorização de substantivos em campos léxicos, investigamos seis campos, discutimos o conteúdo semântico e os traços distintivos das setenta e uma lexias que os constituem e levantamos alguns apontamentos.

A análise empreendida aponta a contribuição de um estudo léxico estrutural (especificamente, o vocabulário empregado por Gândavo) junto aos estudos da linguagem, o qual, neste caso específico, contribui para que possamos visualizar um conjunto de lexias empregadas no século XVI, por locutor português, em período anterior à institucionalização/oficialização da língua portuguesa europeia, as quais passaram a fazer

parte do vocabulário do português brasileiro, cuja atestação e semas correspondentes podem ser verificados nas obras lexicográficas atuais citadas.

Apesar de Bluteau (1712-1721) indicar relação sinonímica entre algumas das lexias de um mesmo campo léxico, a análise mostra que todas elas apresentam traços que as distinguem (como o caso de **capitania** e **província**, referindo-se esta à terra brasileira como um todo, e aquela a uma unidade administrativa da **província**), não havendo, portanto, sinônimos entre os itens dos campos.

Ao estabelecermos os campos, percebemos que diferentes critérios permitem vários níveis de estruturação e classificações simultâneas, havendo possibilidades de subdivisões; assim, tomando o campo "espaço" como exemplo, poderíamos ter considerado a lexia **aldeia** como arquilexema de um novo campo, o qual abrigaria os itens: **casa**, **cova**, **coxia de galé**, **dormitório**, **estância** e **terreiro**. A lexia **casa**, por sua vez, poderia abrigar os itens: **coxia de galé** e **dormitório**. Dos itens inventariados e apresentados no Índice de frequência, excetuando-se os já comentados, seria possível estabelecer mais campos léxicos, no entanto, optamos apenas pelos seis, ora analisados, haja vista oferecerem indicadores suficientes os quais nos permitissem chegar a resultados satisfatórios.

Algumas lexias não são atestadas nos dicionários de Cardosi (1562) e Pereyra (1647), a saber: **aipim**, **criatura**, **mandioca**, **oficial de guerra** e **selvagem**. No caso dos itens **aipim** e **mandioca**, podemos justificar por serem termos originários de língua indígena. Como os termos **criatura** e **selvagem** são empregados para se referirem ao nativo da província recém descoberta, entendemos que a partir do contato e nomeação é que se amplia a necessidade do uso, vindo a serem inseridas em momentos seguintes, como atesta Bluteau (1712 e 1720). Já **oficial de guerra**, apesar de não ser atestada em sua forma composta, o é a partir das formas simples "oficial" e "guerra", o que pode se justificar como uma opção dos autores dos dicionários.

A nomeação e a referência ao nativo e ao que lhe alude, por meio das lexias em análise, remetem-nos a Guimarães (2005, p. 9), o qual define a primeira como "o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome", e a segunda como "a particularização de algo na e pela enunciação". Para ele, ambas são "elementos constitutivos da designação" (GUIMARÃES, 2005, p. 27), conceituando esta como aquilo a

> que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao

> real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história (GUIMARÃES, 2005, p. 9).

Nesse sentido, tomando a análise empreendida, constatamos que para discutirmos o que cada lexia analisada se mostra designar, necessitamos recorrer a informações históricas do século XVI, a obras lexicográficas coevas, entre outros, considerando, pois, as lexias "expostas ao real", "tomadas na história", enunciadas.

Ao considerar a nomeação e a referência como constitutivas da designação, Guimarães (2005, p. 26-7) estabelece a diferença entre "designar e nomear" e "designar e referir":

> No caso da relação entre designação e nomeação, o que se deve observar é uma relação entre enunciações, entre acontecimentos de linguagem. Num acontecimento em que um nome funciona [*sic*] a nomeação é recortada como memorável por temporalidades específicas. [...] No caso da relação entre designação e referência, o que se deve buscar é como um nome aparece referindo no texto em que ocorre. Assim [*sic*] é fundamental observar como o nome está relacionado pela textualidade com outros nomes ali funcionando sob a aparência da substituibilidade. Nesse caso [*sic*] os conjuntos de modos de referir organizados em torno de um nome são um modo de determiná-lo, de predicá-lo.

No tocante à relação entre nomear e designar, observamos que o processo de nomeação do nativo e dos demais referentes a ele correspondentes, pelo não nativo, pode, então, ser concebido como "um acontecimento recortado como memorável por temporalidades específicas", como aponta a designação de cada lexia discutida. A relação entre referir e designar, por sua vez, pode ser pensada quando da referência pelo locutor, por meio de determinadas lexias,em torno de um nome predicando-o.

Atendo-nos, pois, ao processo de nomeação que o não nativo implementa diante do mundo referencial do nativo, vemos que assim como cada lexia, especificamente, se mostra designadora de algo, o campo léxico como um todo também o faz. O nativo é designado, portanto, no conjunto dos seis campos da seguinte forma: no campo "nomeação para nativo", como um ser pertencente a um grupo inferior ao do colonizador (cf. subseção 5.3.1); no campo "objetos", como um ser violento e preguiçoso (cf. subseção 5.3.2); no campo "alimentos", como um ser antropofágico (cf. subseção 5.3.3); no campo "aspectos da terra", como um ser estreitamente ligado à terra (cf. subseção 5.3.4); no campo "espaço", como um ser ocupante de um espaço desordenado (cf. subseção 5.3.5); e no campo "autoridades", como um ser pertencente a um grupo desorganizado administrativamente (cf. subseção 5.3.6).

Ao nomear e se referir ao nativo e respectivo mundo referencial, o locutor designa as lexias aos moldes do seu mundo referencial, seu sistema administrativo, seu espaço, entre outros, haja vista a enunciação ser "uma prática política" (GUIMARÃES, 2005, p. 8), e não algo isolado da história, da cena em si, sendo determinante, portanto, para o estabelecimento dos sentidos, quem fala, de quem fala e de onde fala. Nesse sentido, o político é considerado "algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem e [...] o acontecimento da enunciação" (GUIMARÃES, 2005, p. 15); e a voz que ecoa, então, é a do locutor (não nativo) que "olha" o outro (nativo) e o significa de forma "remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história" (GUIMARÃES, 2005, p. 9).

Entendemos, pois, que as lexias designam historicamente; que o processo de nomeação é histórico, não estando alheio à enunciação. Ao serem enunciadas, perpassa por elas o que já fora dito anteriormente por outrem. As designações para o nativo, compreendidas pela análise dos seis campos léxicos, não podem, portanto, ser atribuídas unicamente ao locutor da "Historia", mas ao que está na memória dos sujeitos que, ao tratarem do nativo, "repetem" tais designações.

O estudo apresentado neste capítulo pode permitir, também, compreender o aspecto lexical como determinante junto ao surgimento, na formação do português brasileiro, de imagens a respeito do nativo e daquilo a que lhe referia. Como os campos indicam formações imaginárias, e estas estão ligadas à cena de enunciação, no capítulo seguinte, a partir de pressupostos teóricos da análise de discurso de orientação francesa, apresentamos uma análise da cena enunciativa do *corpus*, bem como dos *ethé* construídos pelo sujeito Gândavo, além, também, de relacionar a análise dos campos léxicos tratada neste ao enfoque discursivo. Desenvolvemos, ao final, uma discussão acerca da nomeação sob o viés discursivo, e analisamos o primeiro dos campos léxicos ("nomeação para nativo") tomando as quatro versões como referência.

6. DISCURSO NO SÉCULO XVI: O QUE SE "MOSTRA"?

Em capítulos anteriores, em diferentes momentos, a análise do *corpus*, tanto filológica, quanto lexical, direcionou a possibilidade de relação com os estudos do discurso: marcas de autoria, tomadas de si, formações imaginárias. Assim, partindo de tal constatação, e utilizando os pressupostos teóricos da análise do discurso de orientação francesa, analisamos neste: a cena enunciativa do *corpus*; imagens e *ethé* construídos pelo locutor; e a nomeação, aprofundando, portanto, a relação desta pesquisa aos estudos discursivos.

Dividimos o capítulo em três seções. Na primeira ("Por que a interdisciplinaridade? Por que explorar o texto discursivamente?"), justificamos a interdisciplinaridade do estudo. Na segunda ("A *Historia da prouincia Sãcta Cruz* em cena[s]"), analisamos, inicialmente, a cena de enunciação do *corpus*; em seguida, a partir de uma das cenas da enunciação, a cenografia, comentamos uma de suas dimensões – o *ethos*; por fim, comentamos as imagens e os *ethé* construídos por Gândavo tomando como referência a análise estrutural dos campos léxicos. Na terceira e última ("A nomeação sob a perspectiva do discurso"), discutimos a nomeação na perspectiva discursiva, tomando o primeiro dos campos léxicos nas quatro versões do texto.

6.1 POR QUE A INTERDISCIPLINARIDADE? POR QUE EXPLORAR O *CORPUS* DISCURSIVAMENTE?

Os longos períodos da história, de acordo com Foucault (2000), por muitos anos, foram a preferência dos historiadores. "Por trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar" (p. 3), citando como um dos exemplos, a história dos caminhos marítimos. No entanto, interrogações substituíram as "velhas questões da análise tradicional" e

> mais ou menos na mesma época, nessas disciplinas chamadas histórias das idéias, das ciências, da filosofia, do pensamento e da literatura [...], nessas disciplinas que, apesar de seu título, escapam, em grande parte, ao trabalho do historiador e a seus métodos, a atenção se deslocou, ao contrário, das vastas unidades descritas como 'épocas' ou 'séculos' para fenômenos de ruptura (p. 4).

(Podemos entender a análise do discurso como uma disciplina que já surgiu atentando aos fenômenos de ruptura).

Foucault (2000) aponta para o problema d'"a crítica do documento", afirmando que a disciplina História, desde seu surgimento, serviu a todos com objetos de interrogações e indagações com o fim de "reconstituir [...] o passado de onde emanam e que se dilui, agora, bem distante deles" (p. 7). Via-se no documento algo decifrável, portador de uma voz (do passado) que foi reduzida ao silêncio, mas que, por conta de uma mudança de posição da história a qual ainda não se concluiu, a tarefa primordial desta deixou de ser a interpretação e a determinação da verdade e do valor expressivo para dar lugar ao trabalho no interior do texto, de forma a organizar, recortar, distribuir, ordenar e reparti-lo em níveis, estabelecendo séries, distinguindo a pertinência do que o constitui, identificando elementos, definindo unidades, descrevendo relações.

> O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2000, p. 7).

Ao enumerar os problemas metodológicos da nova história, informando serem, a partir de então, merecedores de atenção, inclui: "as palavras empregadas, com suas regras de uso e os campos semânticos por ela traçados, ou ainda, a estrutura formal das proposições e os tipos de encadeamento que as unem" e "a especificação de um método de análise (tratamento quantitativo dos dados, decomposição segundo um certo número de traços assinaláveis, cujas correlações são estudadas, decifração interpretativa, análise das freqüências e distribuições)" (FOUCAULT, 2000, p. 12-3), o que vai ao encontro de nossa investigação.

Ao referir-se à distinção entre as escalas micro e macroscópicas da história, feita por Canguilhem, Foucault (2000) afirma que os acontecimentos e suas consequências se distribuem de formas diferentes, como uma descoberta, por exemplo, cuja incidência e descrição serão diferentes "onde a história contada não é a mesma" (p. 5). Enquanto as disciplinas supracitadas multiplicam as rupturas, buscando as perturbações da continuidade, "a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos" (p. 6).

Diante de tais afirmações, e do fato de nosso material de investigação se tratar da primeira história sobre o Brasil, contada pelo viés do colonizador, vemos na análise do discurso um campo teórico que possa fazer irromper sentidos [in]quietos no texto analisado estruturalmente, cujos rastros lexicais deixados pelo colonizador contador da história possam

ser compreendidos de forma interdisciplinar, inserindo nosso estudo junto às investigações da filologia "ampla".

Fiorin (2012, p. 9) afirma que "parece haver duas formas básicas de fazer ciência", sendo uma regida pelo princípio de exclusão, o qual opera com um regime de funcionamento denominado triagem; e a outra, pelo de participação, cujo regime funcional vem a ser o da mistura. Esta, predominou até meados do século XVII; aquela, iniciou-se a partir do século XVIII, estabelecendo "objetos muito precisos, que não se misturam". O que ocorre é que ele acredita assistir a uma mudança, a qual aponta a passagem "de um fazer científico presidido pela triagem para um fazer investigativo governado pela mistura", asseverando que

> estamos num tempo do elogio das margens, do descentramento, da alteridade, da heterogeneidade, do dialogismo, vivemos num tempo de mestiçagens e de imigrações, de recusa da pureza. Esse ar do tempo leva a pôr em questão as divisões disciplinares, as fronteiras rígidas entre os campos do saber.

Adverte, no entanto, que, diante de uma exigência prévia da multidisciplinaridade numa pesquisa, podem acontecer apropriações superficiais, diluição das fronteiras das disciplinas, o que se caracteriza como uma "confusão", haja vista a multidisciplinaridade ser "uma exigência do objeto e não um a *priori* estabelecido pelo pesquisador", acrescentando que:

> Na multidisciplinaridade, várias disciplinas analisam um dado objeto, sem que haja ligação necessária entre essas abordagens disciplinares. O que se faz é pôr em paralelo diferentes maneiras de enfocar um tema, que são coordenadas com vistas ao conhecimento global de uma determinada matéria (FIORIN, 2012, p. 10).

Em relação a esta pesquisa, em meio ao tratamento do objeto, constatamos que a mobilização de conceitos do campo do discurso poderia contribuir para sua melhor compreensão, caracterizando-a, portanto, como interdisciplinar. Diferentemente do termo utilizado por Fiorin (2012), optamos por este por entendermos que na multidisciplinaridade, como é o caso do estudo de Andrade, Santiago-Almeida e Baronas (2012), o objeto é analisado por várias disciplinas sem necessitar haver ligação entre as diferentes abordagens; já na interdisciplinaridade, como mostra nossa pesquisa, a relação entre as abordagens se faz presente, e vai, especificamente, sendo construída à medida que a investigação do objeto oferece "caminhos" para tal.

De acordo com Spina (1994, p. 83-4), são três as funções da filologia, especificamente, do trabalho do editor crítico: a substantiva, a adjetiva e a transcendente. Apesar de nossa pesquisa não se caracterizar como uma edição crítica, adaptamo-las às suas etapas. A primeira delas, a partir da qual se observa o caráter erudito do labor filológico, é mobilizada quando discutimos a tradição da obra em estudo e apresentamos sua edição, concentrando-nos, pois, no texto para explicá-lo filologicamente; a função adjetiva não é mobilizada, pois se refere à dedução de informações as quais não estejam presentes na obra; a partir da transcendente, o *corpus* deixa de ser tomado apenas como um fim filológico vindo a permitir um olhar léxico-discursivo a referentes específicos da "prouincia de Sãcta Cruz", já que para esta função,

> o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou. É importante observar [...] na função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura.

Mobilizamos, portanto, a terceira função quando apresentamos o estudo do léxico e ao estabelecermos um diálogo entre este e a discursividade constitutiva do texto. Assim, após explorarmos o texto filologicamente, transformamo-lo num "instrumento" para procedermos à compreensão léxico-discursiva.

Na etapa referente à função transcendente, responsável pela "vocação ensaística do filólogo", a que transcende o labor filológico, primeiramente, exploramos o aspecto estrutural do texto, a partir de pressupostos teóricos dos estudos lexicais, para, depois, explorá-lo discursivamente. Tal relação nos faz mobilizar afirmações de Pêcheux (2008, p. 53) a respeito do espaço de trabalho da análise do discurso. Segundo ele: "Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente suscetível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a [*sic*] interpretação", o que nos leva a pensar a análise estrutural do léxico como um desses espaços de trabalho. A descrição do vocabulário empregado por Gândavo nos permite, pois, trilhar em busca dos possíveis sentidos em deriva, visto que "toda descrição [...] está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua'.

Michel Pêcheux (2008, p. 54) aponta como principal problema o da determinação do lugar e momento da interpretação, em relação aos da descrição, nas práticas de análise de

discurso, afirmando que apesar de se tratar "de uma alternância ou de um batimento", as fases de descrição e interpretação não devem ser condenadas ao "se entremisturar no indiscernível", defendendo a não sucessão de fases e sim a ideia de batimento.

O estabelecimento do diálogo entre a descrição lexical e a discursividade encontra em Dubois *et al* (2006, p. 377) um dos seus principais fundamentos:

> Os progressos da análise de discurso, bem como da teoria da enunciação, levam a colocar em termos novos os problemas lexicológicos. O estudo da unidade léxica isolada não deve ser privilegiado, na única medida em que a análise do vocabulário não constitui senão uma parte da análise do discurso e não pode ser isolada desta.

E, especificamente, a investigação discursiva do aspecto lexical de um texto elaborado no primeiro século de formação do português brasileiro fundamenta-se na seguinte afirmação de Baronas (2012, p. 396), ao referir-se aos oito volumes de artigos já publicados do projeto *Para a História do Português Brasileiro*:

> Os estudos linguísticos diacrônico brasileiros, [...], têm contribuído enormemente para descrever e explicar como se constituiu historicamente o português brasileiro nos seus mais diversos níveis (fonético; fonológico; morfológico; lexical; sintático; semântico). Nos âmbitos pragmático e, sobretudo, no discursivo, o que dá conta de uma visada mais heurística dessa história, o que exige, além da postura descritivo-explicativa, um gesto, que no mesmo processo, une descrição e interpretação, no entanto, poucos trabalhos têm sido realizados.

Acreditamos, portanto, que a etapa de descrição do léxico com uma investigação voltada ao discurso contribua para a compreensão da constituição do português brasileiro. Em relação ao aspecto lexical, apesar de a "Historia" ser um texto escrito por um português, apresenta em sua elaboração conteúdo lexical específico do referente descrito, como pudemos discutir na análise do capítulo anterior. O aspecto discursivo, por sua vez, pode mostrar como determinadas imagens e *ethé* acerca do referente contribuem para a formação do discurso sobre o nativo brasileiro, o que não implica a análise de textos elaborados, exclusivamente, por locutor brasileiro.

Para encerrarmos esta seção, citamos Maingueneau (2010), o qual trata da relação entre Filologia e Análise do discurso. Para ele, "é preciso que a análise do discurso se interrogue mais sobre as relações com uma filologia com a qual, curiosamente, ela é raramente confrontada de maneira direta" (p. 44). Diante da "grande plasticidade" da noção de filologia, esclarece que tratará de sua versão recente, surgida no século XIX, concentrando-

se no discurso literário, o que é considerado por ele "uma zona crucial quando se quer refletir sobre essa questão" (p. 45).

Mesmo considerando o fato de a análise do discurso ter surgido nos anos 1960, Maingueneau (2010) se declara surpreso por ter sido "necessário aguardar tanto tempo para que a questão das relações entre filologia e análise do discurso fosse colocada explicitamente" (p. 45-6), afirmando que: "Mesmo no caso em que a análise do discurso parecia ter de definir-se de maneira privilegiada contra a filologia, é sobretudo em relação à análise de conteúdo ou à semântica linguística que aconteceu o trabalho de delimitação" (p. 46). Cita, então, dois autores, testemunhas desse paradoxo, que tocam na questão sem explicitá-la. O primeiro é Régine Robin, a qual, na obra *História e linguística*, de 1973, "critica a atitude dos historiadores tradicionais em relação aos textos, sem recorrer ao paradigma filológico", sendo que ataca justamente "as maneiras de fazer e de pensar da filologia, ciência por excelência da inscrição histórica dos textos" (p. 46). O segundo é Michel Foucault, que também evita "o confronto direto com a filologia", a partir de *A arqueologia do saber*, de 1969, a qual "pode, legitimamente, ser lida como uma máquina de guerra contra os principais pressupostos da abordagem filológica. Entretanto, Foucault prefere dizer que ataca a 'história das ideias'" (p. 46).

Em seguida, trata da definição de filologia, algo que considera difícil, mesmo limitando-se ao recorte estabelecido – século XIX. Para isso, estabelece uma dupla dimensão: a filologia "estreita" e a filologia "ampla". A "estreita" envolve práticas e técnicas de análise, como decifração de escritas antigas, estudo de manuscritos, trabalhos de lexicologia histórica, entre outros. A "ampla" caracteriza-se como um trabalho "ambicioso", uma ciência das culturas nacionais, ligada à etnografia, devendo "ser capaz de restituir a um documento verbal legado pelo passado o mundo do qual participava e, a esse mundo, os documentos que o revelavam" (MAINGUENEAU, 2010, p. 47), vindo a consistir como o trabalho mais importante do pesquisador o de restaurar a identidade primária de um texto antigo, redescobrir sua versão mais original possível, e seguir suas transformações.

> Na sua versão estreita, ela elaborava técnicas eficientes, mostrava que era uma disciplina respeitável; por outro lado, inscrevendo essas técnicas em um empreendimento de apreensão global de uma cultura, dava-lhes essa transcendência, essa parte de sonho sem a qual as instituições do saber não podem mobilizar suas energias e perdurar (MAINGUENEAU, 2010, p. 47).

Apesar de a filologia não ter tido razão, por direito, a limitar-se ao estudo dos traços verbais antigos, acabou dedicando-se às "antiguidades", deixando de lado os textos

posteriores à Idade Média, já que com a autonomização das ciências modernas, teve concorrência para o estudo das produções verbais recentes, havendo, portanto, uma espécie de divisão das tarefas: as civilizações perdidas e a literatura foram dedicadas à filologia; já às ciências humanas e sociais, coube o estudo dos textos próximos no tempo e considerados como desprovidos de valor estético, o que leva Maingueneau (2010, p. 48) a ressaltar que "esse recolhimento da filologia às antiguidades e aos textos literários foi favorecido pela determinação das ciências sociais e da linguística de distinguir-se das preocupações estéticas, comumente associadas a uma falta de cientificidade".

Especificamente em relação à linguagem, com a autonomização da linguística, a filologia foi enfraquecida. Apesar de a Sociedade de Linguística de Paris não excluir as preocupações filológicas, não privilegiava os textos literários de referência dos filólogos, vindo a se consumar a separação entre linguística e filologia após a Primeira Guerra Mundial: "cada vez mais os linguistas legitimaram sua posição dissociando o estudo das línguas, pensadas como sistemas arbitrários, e o estudo da cultura, erodindo assim os fundamentos do empreendimento filológico" (MAINGUENEAU, 2010, p. 48).

A tendência de a filologia retrair-se, cada vez mais, ao espaço literário, foi consagrada pela constituição de uma "história literária", na universidade francesa, no final do século XIX, a qual é vista por Maingueneau (2010) como

> uma forma de filologia reservada às faculdades de Letras, uma disciplina que atesta a autonomia relativa dos estudos literários em relação às ciências sociais. É uma disciplina que se afastou da análise textual, confiada à estilística, que se afastou também das interpretações sutis, confiadas aos ensaístas e às revistas literárias (p. 49).

Cabe a ela examinar minuciosamente os acervos documentais, classificar e estabelecer fatos, sendo alvo de eruditos pacientes. No caso em que se torna biográfica, o faz para "compreender a época através do escritor, e o escritor através da época" (p. 49). Assim, na universidade francesa, a história da filologia, foi marcada por um "contínuo encolhimento": "o amplo projeto, sustentado pelo idealismo filosófico alemão, de uma ciência da cultura reduziu-se a uma disciplina voltada para os textos antigos ou medievais ou [...] empobreceu-se em uma história literária separada dos estudos linguísticos e da interpretação dos textos" (p. 49-50).

A análise do discurso, numa evolução oposta, e sem alterar sua natureza, passou a se interessar não apenas por *corpora* de pouco prestígio, mas também pelo discurso literário e

por *corpora* "antigos", evolução esta que veio a questionar a distribuição de autoridade em relação ao estudo da literatura.

As obras eram comentadas, antes dos anos 60, ou por uma crítica universitária, de orientação filológica, ou por uma crítica estética, com finalidade interpretativa e recebendo um público mais amplo. A partir dos anos 1960, com o aumento do número de estudantes, de universidades e de docentes de Letras no ensino secundário (entre outros fatores), esse quadro se modificou, culminando numa

> produção que não seria nem o estudo filológico nem o simples comentário pessoal. Assim, surgiram obras críticas que não se encaixavam na divisão tradicional entre filólogos e letrados: uma produção, ao mesmo tempo, erudita e sedutora que reivindicava para si 'métodos' fundamentados mais ou menos rigorosamente nas ciências humanas e sabia construir novas interpretações (MAINGUENEAU, 2010, p. 51).

O trabalho nos novos cursos de Letras Modernas concentrou-se no plano dos métodos de análise e um espaço de pesquisa foi se consolidando: o comentário universitário não foi mais visto como um discurso neutro, e diferentes correntes críticas e métodos passaram a ser compreendidos, se caracterizando o espaço do analista sempre como conflituoso. Transformaram-se, então, os modos de legitimação daqueles que realizavam um discurso sobre a literatura.

> Não podendo reconhecer-se nem na figura do crítico eminentemente subjetivo [...], nem na do filólogo, assimilado, um pouco apressadamente, ao erudito, o 'novo crítico' pretendia cumular a legitimidade universitária do modelizador e o carisma do ensaísta, os poderes do homem de ciência e os do escritor (MAINGUENEAU, 2010, p. 53).

Em seguida, iniciou-se uma rivalidade entre os ensaios de ciências humanas e literatura, junto à venda de livros, e os laços entre os estudos literários e as ciências humanas ou sociais tenderam a se enfraquecer. No entanto, Maingueneau (2010, p. 53-4) pontua que, atualmente, "a penetração progressiva das práticas científicas nos estudos literários" confere a estes um novo quadro, vindo a favorecer e restituir "sua atualidade a certos procedimentos filológicos".

Ao pontuar a distância entre o "crítico" e o " pesquisador", aborda a intervenção dos instrumentos de informática como um fator ampliador, haja vista modificarem o objeto e a posição do pesquisador, destacando que a análise de uma obra precisa construir percursos que vão além da intuição; além de uma leitura enfática e "contato vivo" com um texto; além de uma leitura atenta. Para entrar em um espaço de conhecimento, o analista precisa "construir

sequências de operações explícitas para espaços textuais configurados em função de hipóteses a serem permanentemente reformuladas" (MAINGUENEAU, 2010, p. 55), sendo que muitas hipóteses já podem ser atestadas com o auxílio de aplicativos que percorrem os *corpora*.

Novos recortes começam a surgir junto aos recortes tradicionais dos estudos literários em função das disciplinas e abordagens, sendo importante a constituição de grupos de pesquisadores que compartilhem referências teóricas e objetos de estudo, ressaltando-se "uma certa relação de forças", o que faz com que Maingueneau (2010, p. 55) aponte que: "O caráter fundamentalmente cooperativo desse tipo de atividade aumenta a conexidade dos diferentes trabalhos".

O autor ressalta que mesmo com o enfraquecimento da posição do crítico tradicional, os comentários pessoais não se arruinarão diante das novas tecnologias, no entanto, deixarão de se fazerem presentes no centro da pesquisa universitária, espaço de conexões mais densas com as outras disciplinas.

> A divergência tende a aumentar entre um discurso de ensino voltado para um público com referências culturais cada vez menos enraizadas no universo da escrita tradicional e um discurso de pesquisa produzido no interior de uma comunidade fechada e associado a tratamentos de *corpora* que um simples comentário oralizado não pode mais restituir (MAINGUENEAU, 2010, p. 56).

Com a pressão conjugada das disciplinas do discurso e das mutações tecnológicas, a superioridade do autor passa a ser contestada, concluindo-se que se trata de *corpus* e não somente de *opus* (autor), lacuna esta conferida ao fato de os materiais literários parecerem diferentes dos que se manipulavam em ciências sociais, área esta na qual a questão do *corpus* apresenta-se claramente desde o início. O trabalho com o *corpus*, restrito unicamente ao material verbal, depende do critério do pesquisador. Nas ciências humanas e sociais, tal material é associado a fenômenos paraverbais e paralinguísticos, o que não se aplica ao especialista tradicional da literatura, já que "seu objeto aparece em geral como puramente verbal e [...] como já constituído pela tradição que, como seu nome indica, nada faz senão transmitir esse objeto" (MAINGUENEAU, 2010, p. 57). A construção do *opus*, em relação ao *corpus*, aparece numa direção de confronto. É como se a importância da obra fosse tal que independesse de qualquer construção e prática não verbal. Nesse sentido, ele afirma que: "Certamente, numerosos trabalhos filológicos, no sentido estrito, visam a estabelecer os textos, mas trata-se, justamente, de constituí-los como obras, de subtraí-los ao regime do *corpus*: idealmente, uma vez a obra 'estabelecida', nada resta senão comentá-la"

(MAINGUENAEU, 2010, p. 57), ressaltando que tais pressupostos não são partilhados por todos os filólogos, mas reforçam a separação entre as práticas das Ciências Humanas e as dos Estudos Literários.

Maingueneau (2010, p. 57-8) finaliza afirmando que a filologia tem uma melhor imagem, hoje, elencando três fatores a partir dos quais explica a volta do interesse por ela:

a) a filologia (como também a análise do discurso) se caracteriza como uma "disciplina polimorfa" – ao mesmo tempo em que constrói um saber positivo, também constitui uma zona de interação forte entre vários espaços de saber;

b) diante da reflexão sobre contextualidade estabelecida pelas correntes pragmáticas, a filologia é favorecida, passando a ser entendida, intuitivamente, como "empreendimento de contextualização de enunciados";

c) o desenvolvimento de tecnologias digitais favorece as pesquisas filológicas, as quais tratam de grandes conjuntos de dados.

Ao iniciar o texto, Maingueneau (2010) levanta a questão de a análise do discurso ter de se interrogar mais sobre as relações com a filologia, questionando se há continuidade ou não entre esta e aquela, "se as pesquisas desenvolvidas há décadas sobre o 'discurso' constituem uma 'nova filologia' ou se é preciso ver nelas uma apreensão dos enunciados profundamente diferente" (p. 44). Ao concluí-lo, afirma que se trata de configurações diferentes: "A filologia do século XIX apareceu e prosperou em uma certa configuração de saber, ela própria situada em uma certa sociedade; a análise do discurso apareceu e se desenvolveu no interior de uma outra configuração" (p. 58), destacando, então, a necessidade de a análise do discurso ter de refletir, portanto, "sobre a importância da ruptura da qual ela se prevalece" (p. 58).

A partir de tais apontamentos, reafirmamos a importância do caráter interdisciplinar de nossa pesquisa, a qual se insere, segundo nosso entendimento, em um conjunto de "novos recortes", sendo um exemplo de conexão entre duas disciplinas que, apesar de terem se desenvolvido sob diferentes configurações, oferecem um leque de possibilidades de trabalho conjunto. Entre estas, destacamos a relação que o estudo [lexical] de textos produzidos no século XVI possa estabelecer entre jogos de imagens e construção de *ethé*.

6.2 A "HISTORIA DA PROUINCIA SÃCTA CRUZ" EM CENA[S]

Pretendemos discutir, nesta seção, a cena de enunciação na qual se inscreve o texto de Gândavo, sobre a qual Maingueneau (2012, p. 250) afirma: "Como todo enunciado, a obra

literária implica uma situação de enunciação", advertindo inicialmente que é equívoco entender uma situação de enunciação como "o entorno físico ou social no qual estão os interlocutores", haja vista não se tratar de uma situação de comunicação socialmente descritível, mas de um "sistema no qual se definem as três pessoas fundamentais do *enunciador*, do *coenunciador* e da *não pessoa*".

O autor assevera que seria insuficiente responder qual seria a situação de enunciação tomando-se as circunstâncias de sua produção – a sua situação de comunicação (período e lugar da escrita, entre outros), sendo esta uma compreensão reducionista, já que uma obra deve ser apreendida como dispositivo de comunicação, e não em sua gênese, pois não resultaria em avanço algum, visto continuar-se no exterior do ato de comunicação literário.

> Na verdade, ao partir da *situação de comunicação*, considera-se o processo de comunicação, de certo modo, "do exterior", de um ponto de vista sociológico. Em contrapartida, quando se fala de *cena de enunciação*, considera-se esse processo "do interior", mediante a situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no próprio movimento em que se desenrola. Um texto é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é *encenada* (MAINGUENEAU, 2012, p. 250).

A cena de enunciação associa, pois, três cenas de fala operantes em planos complementares: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia – as duas primeiras estão necessariamente presentes, e a terceira, quando ocorre, se apresenta de forma "mostrada".

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso (religioso, político, publicitário...), sendo ela aquilo que o situa para interpretação e "em nome de que ele interpele aquele que o recebe" (MAINGUENEAU, 2012, p. 251). O *corpus* desta pesquisa se trata do discurso histórico-literário, o qual implica um escritor dirigindo-se a possíveis leitores, num momento diferente do da produção do enunciado, caracterização esta que vem a definir o estatuto dos parceiros num certo espaço pragmático, vinculando-se, portanto, como todo discurso histórico-literário, numa cena englobante histórico-literária.

Como não se pode ter contato com o histórico-literário enquanto atividade verbal, necessita-se de um gênero do discurso para que este seja enunciado, tendo-se, assim, a cena genérica, neste caso, o gênero relato de viagens [65], cujas condições de enunciação correspondem "a certo numero [*sic*] de expectativas do público e de antecipações possíveis dessas expectativas pelo autor" (MAINGUENEAU, 2012, p. 251), a partir das quais

[65] Cf. seção 1.2 desta, a qual trata dos relatos de viagens como pertencentes ao período conhecido como Literatura de Informação.

formulam-se circunstâncias de enunciação legítimas, como por exemplo, o fato de se tratar de narrativas não fictícias com descrições de lugares não antes conhecidos.

A cena de enunciação reduz-se, em muitos casos, às duas cenas supracitadas, as quais "definem em conjunto o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido, isto é, o espaço do tipo e do gênero de discurso" (MAINGUENEAU, 2008, p. 116), podendo ser, conjuntamente, chamadas de "quadro cênico do texto" (MAINGUENEAU, 2001, p. 87). A cenografia, por sua vez, se trata de outra cena que pode ocorrer, não sendo imposta pelo tipo ou gênero discursivos, mas instituída pelo próprio discurso, a qual "leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano" (MAINGUENEAU, 2001, p. 87).

Maingueneau (2012, p. 252) ressalta que é comum, na literatura, o leitor ou ouvinte "ver" o texto diretamente pela cenografia, porque este lhe chega primeiro por ela do que pelas suas cenas englobante e genérica, definindo-a como a "cena na qual o leitor vê atribuído a si um lugar", acrescentando que:

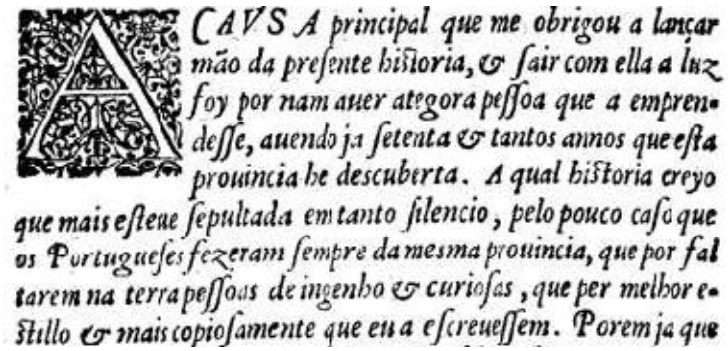
> É nessa cenografia, que é tanto condição como produto da obra, que ao mesmo tempo está "na obra" e a constitui, que são validadas [*sic*] os estatutos do enunciador e do coenunciador, mas também o espaço (*topografia*) e o tempo (*cronografia*) a partir dos quais a enunciação se desenvolve.

Os estatutos do enunciador e do coenunciador (locutor e destinatários discursivos), bem como o espaço (topografia) e o tempo (cronografia) constituem as três instâncias da dêixis discursiva (MAINGUENEAU, 1993), a qual, apesar de se relacionar à dêixis, do âmbito dos estudos da língua, cuja função é a de definir "as coordenadas espaço-temporais implicadas em um ato de enunciação" (p. 41), se manifesta num nível diferenciado, sendo "o do universo de sentido que uma formação discursiva[66] constrói através de sua enunciação" (p. 41). Nesse sentido, a dêixis discursiva implica que uma formação discursiva enuncie não a partir de um sujeito, de uma conjuntura histórica e de um espaço determináveis exteriormente, mas "por atribuir-se a cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar" (p. 42). As instâncias da dêixis discursiva "não correspondem a um número idêntico de designação nos textos, mas cada uma recobre uma família de expressões em relação de substituição" (p. 41).

[66] Segundo Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166-7), formação discursiva vem a ser aquilo que determina "o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes".

Considerando que: “Todo discurso [...] pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima” (MAINGUENEAU, 2001, p. 87), destacamos o caráter argumentativo da cenografia. Assim, tomando a obra em estudo, especificamente no “PROLOGO AO LECTOR” (GÂNDAVO, 1576, f. 5r-5v), ao tratarmos dos três pólos indissociáveis de uma cenografia (as três instâncias da dêixis discursiva), discutimos, a seguir, algumas marcas textuais.

Em relação aos parceiros da enunciação, temos como locutor o próprio Pero de Magalhães de Gândavo, o qual se apresenta como aquele que foi “obrigado”/interpelado a escrever a história da província, haja vista ninguém ainda tê-lo feito, passados mais de setenta anos de descoberta, ressaltando que tal demora se dera pelo pouco caso que os portugueses faziam da referida província, e não pela falta de pessoas habilitadas para tal, ressaltando, portanto, que o empreendimento não se deu por ser mais habilidoso que outros:


ACAVSA principal que me obrigou a lançar mão da presente historia, & sair com ella a luz foy por nam auer ategora pessoa que a emprendesse, auendo ja setenta & tantos annos que esta prouincia he descuberta. A qual historia creyo que mais estene sepultada em tanto silencio, pelo pouco caso que os Portugueses fezeram sempre da mesma prouincia, que por faltarem na terra pessoas de ingenho & curiosas, que per melhor estillo & mais copiosamente que eu a escreuessem. Porem ja que

Diante das marcas/expressões apresentadas a respeito do locutor, entendemos que a cenografia “mostra” muito mais do que “diz”, iniciando-se por um locutor que se ancora numa “falsa obrigação” para justificar o empreendimento da escrita. Acreditamos nisso, pois, ao estabelecer contato com seu coenunciador, já inicia informando que teve de o fazer por não ter havido pessoa que o tivesse feito até aquele momento, de forma que não ficasse dúvida a respeito da “causa principal”. Só depois, resolve esclarecer que não foi por falta de pessoas habilitadas, mas por pouco caso pela história da província, ancorando-se numa “falsa modéstia” para “mostrar” que não é melhor do que ninguém. “Falsa modéstia”, no nosso entender, pois, logo à frente, se “mostra” tão conhecedor da terra que é como se estivesse legitimando seu papel de autor diferenciado que a história esperava por mais de setenta anos, comparando-se, inclusive aos Gregos e Romanos, “aos quaes nam escapaua cousa algũa que por extenso nam reduzissem a historia”. Ao afirmar:

> se os antiguos Portugueses, e ainda os modernos nam foram tam pouco affeiçoados a escriptura como sam, nam se perderam tantas antiguidades entre nôs de que agora carecemos, nem ouuera tam profundo esquecimento de muitas cousas,

legitima-se como afeiçoado à escrita e habilitado para tal, criticando tanto os antigos quanto seus coetâneos. Para corroborar nosso entendimento, ao final do prólogo, relaciona a escritura à memória, e esta à imortalidade, aspirando, pois, tornar-se imortal a partir de sua obra: "Como pois a escriptura seja vida da memoria, e a memoria hũa semelhança da immortalidade a que todos deuemos aspirar, pela parte que della nos cabe, quis mouido destas razões, fazer esta breue historia". Dessa forma, o locutor "mostra" que a escrita da história da província se dera não simplesmente por não ter havido, anteriormente, pessoa com habilidade para fazê-lo, mas por conceber o empreendimento como uma forma de perpetuar seu nome.

Ainda tratando dos parceiros da enunciação, a referência aos coenunciadores se dá a partir de expressões como:

a) nossos naturaes;

b) todos aquelles que nestes Rei nos viuem em pobreza;

c) todos os que della quiserem ter noticia.

Inicia apontando que os estrangeiros têm outra estima pela província e conhecem-na melhor que os portugueses, sendo, portanto, necessário que estes também a conheçam:

> ja que os estrangeiros a tem noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e mais de raiz que nós (aos quaes lançáram ja os Portugueses fora della a força darmas per muitas vezes) parece cousa decente e necessaria, terem tambem os nossos naturaes a mesma noticia.

Ao tratá-los por "nossos naturaes", procura estabelecer uma aproximação e autoafirma uma preocupação nacionalista: não são apenas os "naturaes" do locutor, mas da Coroa. A seguir, a referência se especifica, ressaltando que a necessidade de conhecimento da província se dá "pera que todos aquelles que nestes Reinos viuem em pobreza nam duuidem escolhela pera seu emparo". Ou seja, faz uma propaganda da província, de modo a convencer os ditos pobres de que lá se encontra seu amparo, já que "a mesma terra he tal, e tam fauorauel aos que a vam buscar, que a todos agasalha e conuida com remedio por pobres e desemparados que sejam". Ao final do prólogo, tenta generalizar novamente: "Somente procurey escreuer esta [...] desejoso de agradar a todos os que della quiserem ter noticia". Inicia com uma preocupação nacionalista, depois, oferece uma saída, um amparo aos "pobres do reino", e, finalmente,

deseja agradar a todos que quiserem ter notícia da província. No nosso entendimento, o locutor "mostra" uma "falsa preocupação" com seu coenunciador, pois ao tentá-lo na busca por amparo, atende aos interesses da Coroa, a qual necessita povoar a província, havendo, portanto, uma preocupação ligada aos interesses da Coroa, e não aos pobres do Reino. Assim, quanto mais interessados seu texto puder agradar, melhor para a Coroa.

Na instância da topografia (espaço), temos: *prouincia* e *terra*. Primeiramente, o locutor autoafirma a posse, já que província "he a parte de hum Reyno" (BLUTEAU, 1720, p. 807); e depois, considerando que terra vem a ser: "Região. Certo espaço de terra" (BLUTEAU, 1721, p. 119), apresenta o espaço de forma generalizada, mantendo a variação, como ocorre nos títulos escolhidos para as diferentes versões da "Historia". Dessa forma, "mostra" província como posse, e terra, como região para exploração ("a mesma terra he tal, e tam fauorauel aos que a vam buscar, que a todos agasalha e conuida com remedio por pobres e desemparados que sejam").

Finalmente, na instância da cronografia (tempo), destacamos: *auendo ja ſetenta & tantos annos que eſta prouincia he descuberta*, marcando, portanto, o tempo no qual se passa a cena. Ao marcar o tempo, "mostra" a importância do seu empreendimento haja vista até aquele momento não ter havido quem escrevesse obra de tamanha importância.

Pelo que se "mostra" na cenografia em questão, entendemos a inscrição do sujeito locutor numa formação discursiva cujos sujeitos enunciam em nome dos interesses da Coroa junto à exploração da nova terra, considerada esta de extrema importância econômica para o Reino de Portugal.

Maingueneau (1993, p. 42) destaca que a dêixis discursiva é apenas o "primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva", sendo possível o alcance desta a partir da dêixis fundadora, a qual "deve ser entendida como a(s) situação(ões) de enunciação anterior(es) que a dêixis atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade", acrescentando que: "Uma formação discursiva, na realidade, só pode enunciar de forma válida se puder inscrever sua alocução nos vestígios de uma outra dêixis, cuja história ela institui ou 'capta' a seu favor" (MAINGUENEAU, 1993, p. 42).

Nesse sentido, a cenografia "mostrada" legitima-se a partir de um conjunto de enunciações anteriores que repetem a "necessidade" de exploração da nova terra, em nome dos interesses da Coroa. Não se trata, isoladamente, de um enunciador e coenunciadores específicos, num referido espaço e tempo de uma dada cenografia. Os pólos indissociáveis desta se ancoram numa dêixis fundadora, entendida por nós como a Carta de Pero Vaz de

Caminha (CAMINHA, 2001), a qual "mostra" uma cenografia fundadora do discurso da exploração e da crença na fertilidade da terra: "Eem tal maneira he graciosa que querendoa ap*ro*ueitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem" (p. 79).

O discurso deste enunciado se repete quando Gândavo (1576, f. 5r) afirma que "a mesma terra he tal, e tam fauorauel aos que a vam buscar, que a todos agasalha e conuida com remedio por pobres e desemparados que sejam", ambos enfatizando a fertilidade e riqueza da terra: Caminha (2001) aponta que tudo nela se dá; Gândavo (1576), na mesma direção, ressalta que a terra é tão favorável que a todos agasalha, difundindo, portanto, aos seus coenunciadores, a certeza de sucesso no investimento na terra. Num primeiro momento, enuncia-se ao rei a necessidade da exploração; depois, em nome de tal necessidade, e em função dos interesses da Coroa, enuncia-se aos pobres e desamparados do reino, a oportunidade junto à exploração da nova terra, haja vista a urgência em povoá-la.

Em Caminha (2001, p. 77), destacamos, inclusive, um trecho a partir do qual podemos ler o diálogo com Gândavo (1576) quando da importância/interesse, para a Coroa, da ida de portugueses para se fixarem à província: "Ebem creo que se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande que todos seram tornados ao desejo de vosa alteza". Num primeiro momento, era necessário deixar portugueses entre os nativos para a consolidação da tomada do território destes; depois, povoar para assegurar a posse diante outras nações invasoras.

Cabe ressaltar, em relação à topografia, que no início da carta, ao enunciar "acha mento desta **vossa** terra", Caminha (2001, p. 29, grifo nosso) inaugura o discurso de posse, reafirmado em Gândavo (1576) a partir da lexia "província". A lexia "terra", por sua vez, assim como neste princípio da carta, a partir de "ouuemos vista de terra" (CAMINHA, 2001, p. 31), funda o tratamento do espaço, repetido por Gândavo (1576) nas diferentes versões da obra, inclusive, no título da segunda delas. Afirmamos, anteriormente, que a cronografia na cenografia analisada, "mostra" um locutor "setenta e tantos anos" após a descoberta da província, o que nos remete ao tempo da cenografia fundadora – ano de 1500: "deste po*r*to seguro davosa jlha da vera cruz oje sesta feira p*r*im*eir*o dia demayo de 1500" (CAMINHA, 2001, p. 81).

Quando Gândavo (1576) afirma que escrevera sobre a nova província, haja vista ninguém ainda tê-lo feito após tantos anos, marca a cronografia, e, ao mesmo tempo em que ressalta seu feito, destaca que nem o foi por não haver pessoas mais capacitadas, "mostrando" uma falsa modéstia, como já apontamos. Caminha (2001, p. 29) faz algo parecido, ressaltando que:

> posto queo capitam moor desta vossa frota *e* asy os outros capitãães sc*re*uam avossa alteza anoua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta nauegaçom achou . nom leixarey tam bem de dar nisso minha comta avossa alteza asy como eu milhor poder ajmda que p*er*ao bem contar *e* falar o saiba pior que todos fazer / p*er*o tome vossa alteza minha Jnoramçia po*r* boa vomtade . aqual bem çerto crea q*ue* po*r* afremosentar nem afear aja aquy de poer mais caaquilo que vy *e* me pareçeo.

Ainda cabe-nos destacar que a afirmação de que colocara apenas aquilo que viu e lhe pareceu, repete-se na afirmação de Gândavo (1576, f. 4v) de que escrevera como "testemunha de vista".

Consideramos, dessa forma, que o diálogo estabelecido entre os discursos constitutivos dos textos de Caminha (2001) e Gândavo (1576), apontados em nossa análise, assegura nossa proposição de que a cenografia deste funda-se na daquele. O discurso de Caminha, por sinal, se manifesta não apenas no texto de Gândavo (1576), mas num conjunto de textos que repetem o discurso da exploração da nova província em função dos interesses da Coroa.

A cenografia não é dita, mas mostrada no texto, havendo neste ou no paratexto variados índices localizáveis, os quais servem para caracterizá-la, validando-a, podendo ser de diferentes tipos: marcas textuais, indicações paratextuais e indicações explícitas. Pode acontecer de as obras basearem sua cenografia em cenas já validadas, ressaltando Maingueneau (2012, p. 256) que: "*Validado* não significa valorizado, mas já instalado no universo de saber e de valores do público". Acreditamos que Gândavo (1576, p. 5r-5v) tenha procurado validar a obra como um todo baseado nas produções gregas e romanas, quando, também no prólogo da "Historia", afirma que se os portugueses, tanto os antigos como os modernos, fossem mais "affeiçoados a escriptura", como o foram os antigos gregos e romanos, não se perderiam tantos feitos, e suas produções os imortalizariam, justificando, pois, sua enunciação, e validando-a junto à cena dos feitos históricos.

O discurso pressupõe uma cenografia para poder ser enunciado e em troca ele a valida por meio de sua própria enunciação. Assim,

> a cenografia é ao mesmo tempo origem do discurso e aquilo que engendra esse mesmo discurso; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, estabelecer que essa cenografia de onde vem a fala é precisamente *a* cenografia necessária para enunciar como convém (MAINGUENEAU, 2012, p. 253).

Nesse sentido, à medida que o enunciador avança no texto, deve ser persuadido de que é aquela a cenografia correspondente ao mundo configurado, lembrando Maingueneau (2008, p. 117) que: "O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início".

A leitura da "Historia", como um todo, leva-nos a entender que, além das cenas englobante e genérica, se faz presente a cenografia de um tratado, o que, de certa forma, pode ter justificado a escolha pelo termo no título de sua segunda versão. É como se, em sua reescrita, ao apresentar a terra em questão sob diferentes aspectos, o locutor tivesse sido levado a ler seu relato de viagem como um tratado. Tomando o recorte selecionado para amostragem analítica, composto por capítulos relacionados aos nativos, podemos ler quatro cenografias diferentes, "mostrando-se" não apenas a de tratado, as quais são comentadas a seguir.

O primeiro dos três capítulos analisados ("Do gentio que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz") se "mostra" como um verdadeiro tratado demográfico, expondo detalhes a respeito do habitante da "prouincia Sãcta Cruz". Em suas primeiras linhas, o locutor afirma que:

> IA que tratamos da terra, e das cousas que nella foram criadas pera o homem, razam parece que demos aqui noticia dos naturaes della: a qual posto q*ue* nam seja de todos em geral, sera especialmente daquelles q*ue* habitam pela costa, e em partes pelo sertã dentro muitas legoas com q*ue* temos cõmunicaçam (33r, 4-7),

e segue escrevendo a respeito de: forma de agrupamento, descrição física (feição, estatura), sentimentos, costumes, língua (léxico, fonética), religião, organização administrativa, moradia, alimentação, meios de locomoção, entre outros.

No segundo dos capítulos, intitulado "Das guerras que tem hũs com outros e a maneira de como se hão nellas", é "mostrada" a cenografia de um tratado bélico, apresentando detalhes dos combates havidos entre os nativos: frequência, armas, habilidades, forma de organização, estratégias, entre outros. Em meio a este capítulo, quando começa a se referir às "barbaras e vingatiuas tenções" dos nativos, o locutor assume o lugar de um contador de casos: "A este proposito cõtarey algũs casos notaueis q*ue* acontecéram entre elles, deixando outros muitos a parte, de q*ue* eu pudéra fazer hũ grãde volume, se minha tẽçam fora escreuellos em particular como cada hũ dos seguintes" (38v, 193-196), mostrando-se, a partir de então, a cenografia de narração oral de casos, como se ele estivesse com seu leitor numa situação muito próxima, como a de um conhecido que volta de uma viagem e senta para contar o que viu/viveu. Dois casos são contados.

Na maior parte do terceiro dos capítulos ("Da morte que dam aos catiuos e crueldades que vsam com elles"), o locutor descreve um ritual de morte incluindo neste a ingestão de carne do inimigo morto e da criança fruto da união do referido inimigo com uma das moças da aldeia. Ao final do capítulo, trata de especificidades de duas tribos, a dos Aimorés e a dos Tapuyas: sobre os primeiros, após apresentar algumas informações gerais, informa que costumam cortar, assar e comer a carne de seus inimigos "à vista de seus olhos"; sobre os Tapuyas, informa que diante de doença em algum parente, acabam de matá-lo e comem-lhe a carne com a justificativa de que assim estariam dando uma sepultura mais honrada do que a "baixa e vil" terra. Diante do conteúdo do capítulo em questão, entendemos que este se "mostra" como um tratado antropofágico, cenografia esta que corrobora a imagem de crueldade dos nativos, conforme discorremos na análise dos campos léxicos[67]. Apesar da ênfase à prática antropofágica, fazendo suscitar uma cenografia a ela relacionada, assim como no capítulo anterior, o locutor deixa entrever que estivesse contando casos, oralmente, a seus leitores. As últimas linhas evidenciam o efeito de proximidade estabelecido pelo autor:

> E porque meu intento principal nam foy tratar aqui senam daquelles Indios q*ue* sam géraes pela costa, cõ q*ue* os Portugueses tem cõmunicaçam, nã me quis mais deter em particularizar algũs ritos desta e doutras nações differentes que ha nesta prouincia, por me parecer q*ue* seria temeridade e falta de consideraçam escreuer em historia tam verdadeira, cousas em que por ventura podia auer falsas informações, pola pouca noticia que ainda temos da mais gentilidade que habita pela terra dentro (45r, 397-403).

A cenografia de narração oral de casos "mostra" um locutor que conhece e viu as situações podendo falar sobre elas com propriedade. Além do mais, como numa conversa entre amigos, é como se estivesse aconselhando "de perto" o possível morador da nova província, apoiando, assim, as cenografias de tratado em cenas de fala validadas, "já instaladas na memória coletiva" (MAINGUENEAU, 2001, p. 92).

Vemos, então, que a cena genérica relato de viagem chega ao leitor a partir das cenografias de tratado e de narração oral de casos, sendo estas consideradas por Maingueneau (2013, p. 192), como exógenas, haja vista serem importadas de uma cena de enunciação exterior. Segundo este autor, quando há a importação de cenografia(s), é com o objetivo de se aumentar a eficácia da cena genérica. Nos casos nos quais a cenografia "não é importada de outro gênero, mas está nos limites do contrato implicado pela cena genérica", é considerada endógena.

---

[67] Cf. seção 5.3 desta.

Sobre o fato de o *corpus* se sustentar em mais de uma cenografia, reporta-se ao que Maingueneau (2012, p. 260-1) denomina de "função integradora", o qual esclarece que o termo "integrar" não deve ser compreendido como significativo de uma configuração estável, haja vista não haver "uma hierarquia clara entre as cenografias mostradas de uma obra, mas uma tensão entre [...] cenografias colocadas no mesmo plano". Há uma "interação entre essas cenografias, cujas modalidades variam de acordo com as obras envolvidas", sendo sua combinação instável oferecida pela ordem do movimento da leitura, não podendo ser, portanto, representável.

Entendemos que, em relação às cenografias "mostradas" no *corpus*, ao mesmo tempo em que o locutor faz entrever um tratado da terra, o faz estabelecendo certa proximidade com seu leitor. As cenografias de tratado demográfico, tratado bélico e tratado antropofágico buscam validar o conhecimento do locutor em relação ao objeto, já que como se propõe a dar notícia dos naturais da terra, esperava-se que fosse o mais fiel possível haja vista se tratar de um referente ausente no mundo referencial dos seus leitores. Mostrava-se necessário colocar o leitor frente a essas cenas, pois diante da possibilidade de que viesse a atravessar o Atlântico, poderia ter uma prévia do contato com o nativo. A cenografia de narração oral de casos, por sua vez, valida a própria necessidade de o locutor "passar como" alguém bem próximo ao leitor, que tenta convencê-lo de algo, pois é do interesse daquele que seu discurso atraia pessoas à "prouincia de Sãcta Cruz", visto falar em nome da nação, da Coroa. As cenografias não se "mostram" numa hierarquia, mas interagindo de forma instável, sendo que esta instabilidade é atenuada pelo próprio movimento do texto, o qual a faz ser esquecida.

Podemos afirmar, portanto, que o *corpus* não se dá a ler apenas como um relato de viagem pertencente a uma Literatura Informativa, como indicam suas cenas genérica e englobante, mas como três tratados recebidos por meio de uma interação face a face, como indicam as cenografias "mostradas", as quais fazem o leitor cair numa espécie de armadilha, haja vista receber, ao mesmo tempo, um discurso histórico-literário, um relato de viagem e três tratados apresentados como numa conversa entre amigos para narração oral de casos.

Considerado "uma das dimensões da cenografia" (MAINGUENEAU, 2012, p. 282), o conceito de *ethos* é investigado, sendo apresentado a seguir.

6.2.1 Cenografia e *ethos*

O conceito de *ethos*, apesar de pertencer à tradição retórica, é abordado a partir da análise do discurso de orientação francesa. O *ethos*, sob esta perspectiva, liga-se à enunciação,

e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador. Tem, dessa forma, uma ligação crucial com a reflexividade enunciativa, implicando uma ligação entre corpo e discurso. Envolve a enunciação sem ser explicitado no enunciado. Não é dito, mas mostrado. Segundo Barthes (*apud* Maingueneau, 2005, p. 70),

> são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão. [...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, ele diz: eu sou isto, eu não sou aquilo.

O sujeito enunciador efetua em seu discurso uma apresentação de si: "todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si" (AMOSSY, 2005, p. 09). Sua imagem (*ethos*) é construída de tal forma que cause impacto e suscite a adesão de seu ouvinte. E como, de acordo com Maingueneau (2005, p. 73): "O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir 'fisicamente' a um certo universo de sentido", acreditamos que ao enunciar, o sujeito constrói, ao mesmo tempo, a imagem/*ethos* de si mesmo e de seu destinatário.

Em relação à "Historia", podemos afirmar, inicialmente, que seu locutor, ao dedicá-la em suas duas primeiras versões a membros da Realeza, constrói o *ethos* de alguém legitimado e digno para tal, não se "mostrando" um vassalo qualquer, como se autoapresenta, ainda o de conhecedor da nova terra à medida que a descreve (maravilhado) tentando incentivar a vinda de portugueses que vivem em pobreza. Assim, a construção do *ethos* possibilita e favorece um discurso de incentivo/apelo a portugueses que possam se aventurar à nova terra, enunciando em favor da Coroa, já que é do interesse desta colonizar para assegurar o território. Ao mesmo tempo, ao apresentar um texto com cenografia de tratado, espera convencer o leitor do conhecimento que tem do objeto, e assumindo, em alguns momentos, o lugar de contador oral de casos, procura criar um efeito de proximidade na tentativa de despertar o interesse deste em se aventurar, como se estivesse oferecendo um conselho "seguro" e "amigo".

Maingueneau (2005, p. 72) vê no sujeito enunciador o papel de fiador, "cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens". Tal fiador, por meio de um tom (vocalidade específica que indica quem o disse, constitutiva tanto do discurso oral quanto do escrito), se investe de um caráter (traços psicológicos) e de uma corporalidade (compleição corporal, forma de vestir-se e mover-se no espaço social):

> O *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se,

> então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar.

Assim, o poder de persuasão do discurso do enunciador vai decorrer do fato de "levar o leitor" a identificar-se com ele – "um corpo investido de valores historicamente especificados" – devendo sua fala ser compatível com o mundo que se supõe fazer parte. É constitutivo, portanto, do *ethos*, que o fiador legitime sua maneira de dizer a partir de seu próprio enunciado: "Por sua própria maneira de se enunciar, o discurso mostra uma regulação eufórica do sujeito que o sustenta e do leitor que ele pretende ter" (MAINGUENEAU, 2005, p. 91). Nessa direção, a escolha das cenografias contribuem para a argumentação do texto, haja vista, a partir delas, o enunciador "mostrar-se" numa cena que legitima seu enunciado.

No processo de identificação do fiador, de acordo com Maingueneau (2008, p. 65), o destinatário apoia-se num conjunto difuso de representações sociais, estereótipos reforçados ou transformados pela enunciação, ressaltando que "a incorporação do leitor ultrapassa a simples identificação a uma personagem fiadora. Ela implica um '*mundo ético*' do qual o fiador é parte pregnante e ao qual ele dá acesso", mundo este que é ativado pela leitura. Nesse sentido, define a incorporação como "a maneira pela qual o destinatário em posição de intérprete [...] se apropria desse *ethos*", apontando, pois, três registros indissociáveis de sua atuação: a enunciação confere uma "corporalidade" ao fiador, dando-lhe corpo; o destinatário "incorpora" um conjunto de esquemas correspondentes a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo; as duas incorporações anteriores permitem a constituição de um "corpo", da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

Para Maingueneau (2012), apesar de o *ethos* estar ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar que o público construa representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale – é o *ethos* pré-discursivo: "mesmo que o destinatário nada saiba antes do *ethos* do locutor, o simples fato de um texto estar ligado a um dado gênero do discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas no tocante ao *ethos*" (p. 269). Apesar de haver, segundo este autor, muitas circunstâncias nas quais isso não aconteça, como quando se abre o romance de um autor desconhecido, acreditamos que representações prévias do *ethos* do locutor da "Historia" puderam ser construídas pelos seus leitores coetâneos, estando estas relacionadas à sua procedência, instrução, publicação anterior, filiação ideológica, viagem à província, entre outras. E tais representações prévias continuam sendo construídas pelos leitores não coetâneos, atemporais.

Além do *ethos* pré-discursivo e do *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), Maingueneau (2008, p. 71) ressalta a importância do *ethos* dito, o qual vem a ser "fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação [...]: diretamente ('é um amigo que lhes fala'), ou indiretamente, por exemplo, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala [...]", representando as referidas instâncias conforme o gráfico a seguir:

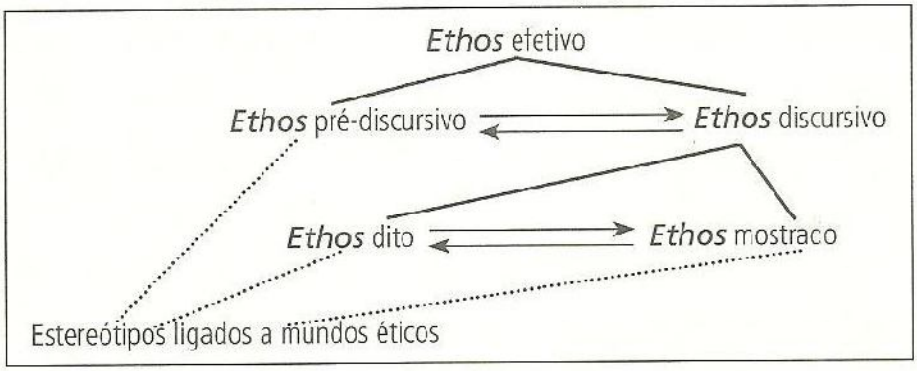


Gráfico 12 – Instâncias do *ethos*

Em relação ao *ethos* dito diretamente, podemos apontar algumas tomadas de si, como as seguintes:

a) "como logo a diante direy" (33r, 11);

b) "q*ue* trato" (33v, 28);

c) "como digo" (34r, 48; 37r, 136; 38v, 191-192);

d) "como ja disse" (34v, 59);

e) "q*ue* digo" (35r, 76);

f) "de q*ue* atras fiz mẽçam" (36v, 126; 41v, 283);

g) "como adiãte direy" (37r, 145);

h) "cõtarey algũs casos" (38v, 194);

i) "como ja tenho dito" (42v, 328);

j) "por me parecer" (45r, 400).

Tais fragmentos indicam, ao mesmo tempo, o efeito de conversa próxima e a autoafirmação relacionada ao conhecimento que se tem do objeto, corroborando as cenografias "mostradas".

O fato de o locutor falar em nome da Coroa se sustenta a partir dos seguintes fragmentos de *ethos* dito, de forma direta, a partir dos quais se coloca como um dos "donos da terra", assim validando sua cena enunciativa:

> razam parece que demos aqui noticia dos naturaes della: a qual posto q*ue* nam seja de todos em geral, sera especialmente daquelles q*ue* habitam pela costa, e em partes pelo sertã dentro muitas legoas **com q*ue* temos cõmunicaçam** (33r, 4-7, grifos nossos);
>
> seria temeridade e falta de consideraçam escreuer em historia tam verdadeira, cousas em que por ventura podia auer falsas informações, pola pouca noticia **que ainda temos** da mais gentilidade que habita pela terra dentro (45r, 400-403, grifos nossos);
>
> e logo se recolhem ao mato muy de pressa, onde sam tam ligeiros e manhosos, que **quando cuidamos que vam fogindo** ante quem os persegue, entam ficam atras escondidos atirando aos q*ue* passam descuidados (44r, 368-371, grifos nossos).

Nas primeiras citações, o locutor se refere aos nativos com os quais os portugueses têm comunicação. No último, descreve uma situação na qual os nativos são espreitados pelos portugueses. Em ambas, se inclui como um dos que estão na terra, como um dos que têm comunicação, como um dos que estão a cuidar, enfim, ao se colocar como um dos que ocupam o lugar de "possuidor", se permite a "convidar pobres e desamparados" para escolherem a nova terra "pera seu emparo".

Na seção seguinte, discutimos, especificamente, as imagens e *ethé* construídos pelo locutor tomando-se como referência os campos léxicos analisados no capítulo anterior, de forma a procurar compreender como os elementos linguísticos mobilizados por ele podem ativar determinadas imagens e *ethé* em seu destinatário.

6.2.2 Campos léxicos: formações imaginárias e construção de *ethé*

Diante da orientação de Dubois *et al* (2006, p. 377), de que não se deva estudar a unidade léxica isolada, visto a análise do vocabulário ser considerada uma parte da análise do discurso, pretendemos – tomando o emprego das lexias categorizadas nos campos léxicos já analisados estruturalmente – discutir as imagens (PÊCHEUX, 1997)[68] construídas pelo locutor e, a partir delas, comentar os *ethé* "mostrados".

A investigação do primeiro campo – "nomeação para nativo" – mostra que entre os nomes recebidos pelo nativo, predominam aqueles que o veem como **gente**, **índio** e **pessoa**. As outras lexias, apesar de utilizadas como *hapax*, indicam uma importante marca de subjetividade, sendo o nativo visto como **alarve**, **criatura**, **gentio**, **natural** e **selvagem**, cujos lemas apontam uma imagem descaracterizadora. Podemos afirmar que ao fazer circular os

[68] Cf. conceito junto à p. 167, desta.

semas correspondentes a estas lexias, o locutor constrói, ao mesmo tempo, as imagens de estúpido, rústico, pagão, não civilizado, bárbaro, animal, entre outras, fazendo, pois, circular uma imagem negativa do nativo.

O segundo campo – "objetos" – indica que dos nomes citados, 70% se refere a situações de morte e combate, e 30% a situações diferentes dessas. Das sete lexias do segundo grupo, cinco se relacionam ao objeto **rede**, o que pode levar a afirmar que, pela leitura dos objetos, apresenta-se o nativo ou lutando ou deitado a descansar ou dormir. Assim, sua imagem, neste campo, é construída a partir de duas lexias, a saber, violência e preguiça, podendo-se afirmar, portanto, que vêm a contribuir para circulação de discursos, como, por exemplo, os de que "índio é violento" e "índio não gosta de trabalhar".

O terceiro campo léxico – "alimentos" – mostra que, com exceção do item **carne**, os alimentos utilizados no dia a dia são citados com pouca frequência. E, especificamente, o alimento **carne** tem dois semas: o de **carne** de caça como mantimento principal, e o de **carne** humana, ingerida em rituais de morte. Dos seus sete usos, apenas um se refere ao primeiro sema, indicando que, pelo campo, o locutor constrói a imagem do nativo como antropófago, associando-lhe a imagem de violência apregoada tanto no primeiro quanto no segundo campo.

O quarto campo – "aspectos da terra" – aponta alguns dos aspectos naturais da nova terra. Apesar de o *corpus* tratar especificamente dos nativos, a referência a tais aspectos é inevitável, já que ocupam todas as partes da terra, em seus diversos aspectos. O locutor constrói, assim, a partir das lexias empregadas, a imagem de uma terra abundante em riquezas naturais, a qual, se explorada, pode beneficiar aos que a tomarem "pera seu emparo", deixando evidente que apenas a **costa** e parte do **mato** são até então ocupados.

O quinto campo – "espaço" – pode oferecer ao coenunciador uma visão geral da terra a partir de seus mais diferentes espaços (amplos, específicos e delimitados politicamente). Os espaços específicos dos nativos são descritos e contribuem para a construção da organização nativa ser totalmente diferente da portuguesa, como a dos **dormitórios** comparados a **coxias de galé**, cujos semas denotam desordem e bagunça. Por outro lado, ao se referir aos semas de espaços delimitados politicamente como **capitania** e **província**, o locutor constrói, a partir desta, a imagem da posse, e daquela, a de uma terra que já oferece um sistema de organização espacial aos moldes da dos portugueses, indicando a interferência destes, e servindo, de certa forma, como garantia aos possíveis interessados em povoá-la.

O sexto e último campo – "autoridades" – mostra que há predominância de lexias as quais tomam como referência o sistema administrativo português, a maioria delas para indicar

a sua falta entre os nativos, podendo-se afirmar, pela constituição do campo, que o locutor tenha construído a imagem de extrema desorganização administrativa entre os nativos.

O quadro, a seguir, resume as imagens atribuídas ao referente do locutor (província de Santa Cruz e seu nativo), conforme discutimos, sendo que as correspondentes aos campos 1, 2, 3, 5 e 6 se referem ao nativo; e à do campo 4, à província:

CL	**I_A (R)**
1	estúpido, rústico, pagão, não civilizado, bárbaro, animal
2	violento, preguiçoso
3	cruel, antropófago
4	abundante em riquezas naturais
5	desorganizados (espacialmente)
6	desorganizados (administrativamente)

Tabela 25 – Imagens que o locutor faz do referente

A partir de Pêcheux (1997), entendemos que o locutor constrói inscrito/interpelado por determinadas formações imaginárias, as quais designam seu lugar junto aos interesses da Coroa, favorecendo, assim, por meio das imagens atribuídas ao nativo e à província, o projeto de colonização português.

Ao mesmo tempo em que atribui imagens ao referente, o locutor constrói *ethé* de si mesmo. Assim, pela constituição dos campos léxicos, entendemos que ele "mostra" ter conhecimento detalhado do seu objeto, condição necessária para se empreender a escrita de uma obra cujo objetivo é o de dar a conhecer uma nova terra, e que funciona como propaganda de oportunidade aos "pobres e desamparados". Assim, à medida que informa sobre o lugar, procura, com a enunciação, despertar o interesse destes, os quais, caso se aventurem à nova terra, comprovam a "incorporação" ao discurso do locutor.

É importante ressaltar que ao construir determinada imagem, o fiador tenta fazer seu coenunciador aderir ao universo de sentido "mostrado", o qual "toma corpo ao colocar em cena um discurso que deve encarnar sua verdade por meio da enunciação" (MAINGUENEAU, 2005, p. 91). Assim, ao construir uma imagem como a de preguiçoso, por exemplo, coloca em cena a imagem construída, independente do que o nativo realmente é. Segundo Fausto (2004, p. 49): "Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intensivo e regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeus. Não eram vadios ou preguiçosos. Apenas faziam o necessário para garantir sua subsistência". No entanto, a imagem que o fiador faz circular é a associada à preguiça.

Para a construção de seus *ethé*, o fiador se apresenta como alguém legitimado para falar sobre, haja vista o fato de ter estado na "prouincia de Sãcta Cruz", justificando o conhecimento do objeto em vários aspectos; legitimado, também, por se "mostrar" como alguém próximo ao leitor; e legitimado, ainda, por falar em nome da Coroa colocando-se como um dos donos da terra, como apontam algumas marcas.

A construção do *ethos* de conhecedor do assunto valida a cenografia de tratado, pois é como se estivesse apresentando ao seu coenunciador um estudo detalhado dividido em vários assuntos; assim, ao mesmo tempo em que sua enunciação encena um tratado, a cena deste a valida.

A mobilização de imagens detalhadas do nativo e ao que lhe refere indica a construção do *ethé* de um fiador que procura preparar seu leitor para o que o espera, caso haja interesse deste em se aventurar à província, como se estivesse aconselhando-o, comparando-se a um conhecido que volta de viagem, oferecendo dicas aos que também a farão, o que corrobora o efeito de proximidade ao fazer "mostrar" a cenografia de contador oral de casos, histórias.

Construir o *ethos* de alguém que fala em nome da Coroa, colocando-se como um dos donos do lugar, valida a propaganda que faz da terra, assegurando o possível futuro colono da administração que se está moldando na província, comparando sua fala como a de um anfitrião que convida conhecidos para irem à sua casa, confirmando, mais uma vez, o estabelecimento do efeito de proximidade.

Por meio das lexias estudadas, podemos entender que a construção dos *ethé*, junto às cenografias "mostradas", mascara vários efeitos de sentido. "Mostrar-se" conhecedor do assunto, detalhando a imagem dos nativos por intermédio de seus hábitos e costumes, indica o interesse em se conhecer o habitante da terra haja vista a necessidade de povoá-la e fazer deles escravos. Detalhar o espaço e aspectos naturais da terra indica a necessidade de se conhecer o ambiente a ser explorado visto que apenas a costa e uma pequena parte do sertão era ocupada pelos portugueses, oferecendo aos possíveis interessados a dimensão do que havia e deveria ser explorado em vistas a assegurar a posse da província. Informar a respeito da ausência de um sistema nativo de organização administrativo com autoridades específicas aponta o espaço que os colonizadores têm frente aos embates e ocupação. Descaracterizar os nativos como bárbaros, pagãos, violentos, preguiçosos, entre outros, justifica as ações da Coroa e da Igreja em intervir junto à sua violenta civilização, impondo-lhes a cultura eurocêntrica, o que facilita a colonização, já que ao se apagar aquilo que se refere ao nativo, anula ações de resistência.

6.3 A NOMEAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO

Diante da proposta inicial deste capítulo, de transpor um olhar discursivo ao estudo estrutural das lexias anteriormente empreendido, relacionando léxico e discurso, consideramos necessário apresentar alguns apontamentos observados em relação ao processo de nomeação, sobre o qual se registram várias

> descrições que começam a partir de "semelhanças" – isto é, com tentativas explícitas de vincular o sentido que se constrói ao que já é familiar, a uma espécie de tipologia que permitirá enquadrar o novo "objeto" em um tipo reconhecível, ao domínio de saber já existente no mundo europeu, o qual de certa maneira pré-constrói a inteligibilidade do discurso como um todo (MARIANI, 2004, p. 71).

Entre elas, podemos citar:

a) "Estas Canoas sam feitas **á maneira de lançadeiras de tear** de hũ só pao" (37v, 155-156, grifos nossos);

b) "na ponta **tem algũa semelhança de paa**" (41v, 295, grifos nossos);

c) "As pouoações destes Indios, sam aldeas: e cada hũa dellas tem sete oito casas, as quaes sam muy cõpridas, feitas **á maneira de cordoarias ou tarracenas**" (34v, 59-60, grifos nossos);

d) "Esta gẽte nam tẽ entre si nhũ Rey nẽ outro genero de justiça, senã hũ principal ẽ cada aldea, q*ue* **he como capitã**" (34r, 40-42, grifos nossos).

De acordo com Mariani (2004, p. 71-2), se trata, em relação às "semelhanças", da constituição de uma espécie de interpretabilidade já configurada, a qual estabelece uma direção de sentido em relação às "diferenças", sendo que estas se apresentam para complementar um sentido já configurado. A autora acredita que o ato de nomear esteja ligado à ideia de transparência já que pressupõe uma "vinculação direta entre as coisas e as palavras, entre o referente e o nome que o designa", ressaltando seu papel fundamental no processo de colonização e de domesticação do desconhecido.

Pelos exemplos ilustrados, percebemos, a partir de Mariani (2004, p. 73), que "a denominação de 'coisas do Brasil' desconhecidas do mundo europeu é usualmente precedida da declaração de existência de algo já conhecido". Após declarar a existência, por exemplo, do meio de locomoção **canoa**, segue-se a comparação com um referente do mundo eurocêntrico – **à maneira de lançadeiras de tear**, forma de descrição esta que a referida autora considera como um "tipo de funcionamento discursivo".

> Desta forma, o processo de dar transparência às denominações [...] encontra-se inicialmente ancorado em um domínio de pensamento prévio. A denominação é, então, seguida de explicações minuciosas feitas através da adjetivação, da comparação e de analogias com o que já é conhecido [...]. As nomeações são sempre seguidas de similitudes e diferenças que se mostram como complementos (MARIANI, 2004, p. 73-4).

Como exemplos da adjetivação, podemos citar os adjetivos apontados para sustentar nossa discussão junto ao primeiro dos campos léxicos estudados, a respeito da descaracterização do nativo[69].

No processo de nomear o nativo e ao que lhe refere, os sentidos que se pretendem ser produzidos pela enunciação das lexias com seus respectivos semas, são os que o fiador toma de seu mundo referencial:

> Nessa tentativa linguística de produção de um efeito pictural, os referentes vão sendo construídos através de comparações, produzindo um efeito de realidade e, dessa forma, vão ganhando a impressão de existência para o pensamento. Em outras palavras, a busca de uma transparência da linguagem está em consonância com a construção discursiva de uma referência para a 'coisa' denominada. Para que as palavras e as coisas façam sentido, são necessários outros sentidos se colando a estas denominações (MARIANI, 2004, p. 74).

Nesse sentido, tomando o tipo de descrição empregado e os *ethé* construídos a partir da análise dos campos léxicos, podemos afirmar que o fiador escreve não o que o nativo vem a ser, mas o que parece ser (como indica, por exemplo, a análise da lexia **oficial**), e o que o colonizador precisa que ele o seja (**bárbaro** e **gentio**, por exemplo, para justificar a catequização), levando-nos a considerar, portanto, o ato de nomeação empreendido no *corpus* como um processo não apenas linguístico, mas também discursivo.

A seguir, discutimos a nomeação a partir de um dos campos léxicos, a saber, o primeiro deles – nomeação para nativo. Para tal, observamos suas lexias nas quatro versões da "Historia".

6.3.1 : Campo léxico "nomeação para nativo": as quatro versões

Tomamos o primeiro dos campos léxicos em estudo, o qual se constitui de lexias as quais, especificamente, nomeiam o nativo, e fizemos um levantamento de sua ocorrência e

[69] Cf. seção 5.3.1

frequência nas quatro versões da "Historia" de forma a tentar compreender as implicações das escolhas lexicais em relação ao que se "mostra" na cena enunciativa e, assim, corroborar a importância da análise discursiva junto aos estudos lexicais.

A partir da versão príncipe, comparamos o emprego das lexias constituintes do campo em questão aos manuscritos, e elaboramos a tabela que segue, a partir da qual podemos verificar sua ocorrência (ou não) em cada uma das versões:

lexias	**ms.1**	**ms.2**	**ms.3**	**edição príncipe**	**Total**
alarve	-	-	-	1	1
criatura	-	-	1	1	2
gente	8	8	13	13	42
gentio	4	5	-	1	10
índio	36	35	21	20	112
natural	-	-	1	1	2
pessoa	1	1	11	11	24
selvagem	-	-	1	1	2

Tabela 26 – Frequência e ocorrência das lexias do CL "nomeação para nativo" nas quatro versões

Cabe lembrar que, pela organização do texto, na fase enquanto "tratado" (ms.1 e ms.2), o tratamento do nativo se dá em dois momentos: no quinto capítulo da primeira parte, especificamente sobre os Aimorés; e no sétimo capítulo da segunda parte, a partir do qual trata de aspectos diversos a respeito dos nativos da terra. Já na fase "história" (ms.3 e edição príncipe), o tratamento do nativo se dá em três capítulos consecutivos, os quais concentram todo o conteúdo sobre o nativo. Assim, as proporções se assemelham ao compararmos as diferenças entre as duas fases de escrita.

Separamos as lexias em dois grupos para análise, considerando a baixa e a alta quantidade de seu emprego total no *corpus*. Como referência, tomamos os seguintes números: de um a dez empregos, baixa quantidade; a partir de vinte e quatro empregos, alta quantidade. No gráfico seguinte, temos a disposição das lexias em ordem crescente de emprego. As cinco primeiras (**alarve**, **criatura**, **natural**, **selvagem** e **gentio**) são analisadas no primeiro grupo; as outras três (**pessoa**, **gente** e **índio**), no segundo.

Dada a apresentação de citações das quatro versões da obra, inserimos, junto à indicação de folhas e linhas, a indicação da versão (ms.1, ms.2, ms.3 ou e.p.).

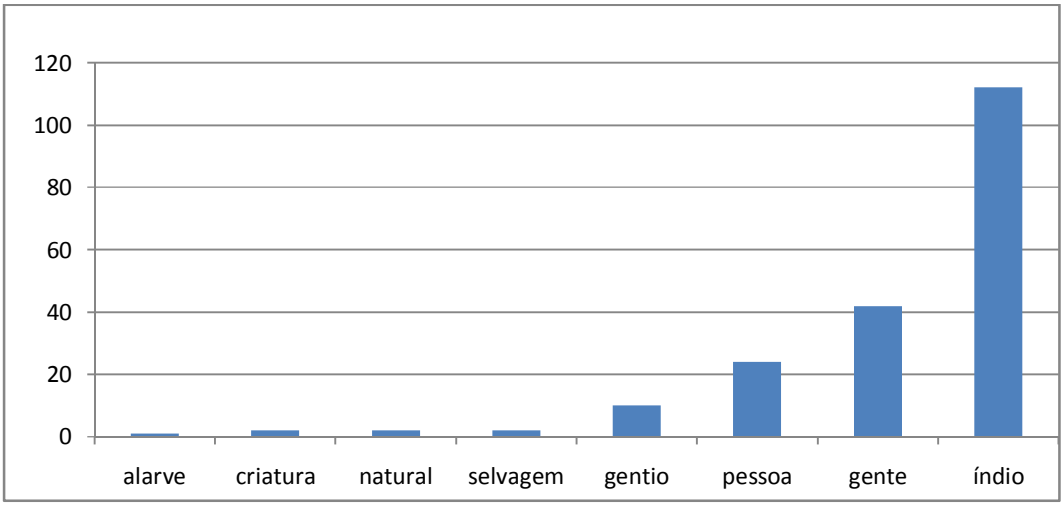


Gráfico 13 – Lexias do CL "nomeação para nativo" em ordem crescente de emprego

Para discutirmos o primeiro grupo, como seus constituintes apresentam pequena quantidade de ocorrências, trazemos do recorte todos os empregos a partir de comparações entre as quatro versões, apontando, quando da sua ausência em alguma das versões, qual lexia ocupa seu lugar, ou a indicação de elipse.

A lexia **alarve** só aparece na versão príncipe (e como *hapax*). Nas outras versões, o locutor emprega a lexia **índios**:

Estes **indios** tem feito muito dano aos moradores de pois que vierão aesta costa E mortos algũs portugueses e escrauos, por q*ue* saõ imigos de toda gente (ms.1, 12r, 10-12).

Estes **indios** tem feito muito dano aos moradores de pois que vieraõ aesta costa e mortos algũs portugeses e escrauos porq*ue* saõ imigos de toda gente (ms.2, 11v, 10-12).

Estes **Indios** tem feito muito damno nestas capitanias depois que decéram aesta costa, e mortos algũs Portugueses e escrauos: por que saõ muý barbaros e toda a genti da terra lhes he odiosa (ms.3, 73v, 364-367).

Estes **Alarues** tem feito muito dãno nestas capitanias depois que deceram a esta costa, e mortos algũs Portugueses e escrauos, porque sam muy barbaros, e toda a gente da terra lhes he odiosa (e.p., 43v, 361-363).

A lexia **criatura** aparece no ms.3 e na edição príncipe com apenas uma ocorrência em cada versão. Inserimos os trechos das quatro versões sublinhando, nas versões da fase "história", a parte inserida na qual se encontra a lexia em questão, a qual pode ter sua não ocorrência na fase "tratado" justificada pelo fato de estar presente num trecho que fora incluído para complementar o fato narrado.

E se a moça q*ue* dormia com o captiuo fica prenhe, aquella criança q*ue* pare de pois de criada mataõ na e comẽ na e dizem que aquella menina ou menino era seu contrario verdadeiro e por isso estimaõ muito comer lhe a carne e vingar se delle. E por q*ue* a maj sabe o fim q*ue* haõ de dar aesta criança, muitas vezes ~~aconteçe~~ quãdo se sente prenhe mataá dentro da barriga e faz com q*ue* moua (ms.1, 39r, 111-115).

E se a moça que dormia com o catiuo fica prenhe aquella criança que pare de pois de criada, mataõ na e comẽ na E dizem que aquella menina ou menino era seu contrario verdadeiro, E por isso estimaõ muito comer lhe a carne e vingar se delle. E porque a mãý sabe o fim que haõ de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mataa dentro da barriga, E faz con que moua (ms.2, 35r, 109-114).

E se a molher que foý do padecenti, acerta di ficar prenhe, aquella criança que pare, depois de criada, mataõ na e comem na, sem auer entre elles pessoa alguã qui se compadeça de tam injusta morti. Antes seus próprios auós, aquem mais deuia chegar esta magoa, saõ aquelles qui com maýor gosto aajudam a comer, e dizem qui como filho de seu paý, se vingam delli, tendo pera sý que em tal caso naõ toma esta **criatura** nada da maỹ, nem crem que aquella immiga sementi pode ter mistura com seu sangui. E por este Respeito lhe daõ esta molher com que conuersi: porque na verdade saõ elles taes, que naõ se aueriaõ de todo ainda por vingados do paý, se no innocenti filho naõ executassẽ esta crueldadi. Mas porque a maỹ sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se senti prenhe, mataa dentro da barriga e faz cõ que naõ venha a luz (ms.3, 71v-72r, 332-341).

E se a molher q*ue* foy do catiuo acerta de ficar prenhe, aquella criança q*ue* pare, depois de criada, matãna e comẽna sem auer entre elles pessoa algũa q*ue* se cõpadeça de tam injusta morte. Antes seus próprios auós (a quem mais deuia chegar esta magoa) sam aq*ue*lles que cõ mayor gosto o ajudam a comer, e dizẽ q*ue* como filho de seu pay se vingam delle: tendo pera si que em tal caso nam toma esta **criatura** nada da mãy, nẽ crem q*ue* aquella imiga semente pode ter mistura com seu sangue. E por este respeito sómente lhe dam esta molher com q*ue* conuerse: porque na verdade sam elles taes, que nam se aueriam de todo ainda por vingados do pay, se no innocẽte filho nam executassem esta crueldade. Mas porq*ue* a mãy sabe o fim que hão de dar a esta criãça, muitas vezes q*ua*ndo se sente prenhe, mataa dentro da barriga, e faz com q*ue* nam venha a luz (e.p., 42v-43r, 329-338).

A lexia **natural** aparece, também, no ms.3 e na edição príncipe, como *hapax*. É empregada no primeiro período do capítulo para iniciar o tratamento do nativo na obra.

Ia qui tratamos da terra, e das cousas qui nella foraõ criadas pera o homem, Razaõ parece que demos aqui noticia dos **naturaes** della (ms.3, 54r, 4-5);

IA que tratamos da terra, e das cousas que nella foram criadas pera o homem, razam parece que demos aqui noticia dos **naturaes** della (e.p., 33r, 4-5).

Na fase "tratado", na primeira parte, o locutor aborda os nativos da nação Aimorés; e na segunda, os nativos de forma geral. Em nenhuma delas, emprega a lexia **natural**. Na fase "história", o locutor concentra todo o conteúdo acerca do nativo a partir do nono capítulo, no ms.3, e do décimo, na edição príncipe. Em ambos, o inicia tratando seu objeto por **naturaes**; e

como no processo de reestruturação do texto, ao reorganizá-lo, elabora um período diferenciado na fase "história", não trazemos exemplos da fase "tratado".

A lexia **selvagem**, como as duas últimas mostradas, está presente no ms.3 e na edição príncipe, também com apenas uma ocorrência em cada uma delas.

Estes **Aimorés** saõ muito feros e cueis, nã se pode cõ pallauras encareçer a dureza desta gente (ms.1, 13r, 25-26).

Estes **Aýmores** são mui feros e crueis, naõ se pode cõ pallauras encareçer a dureza desta gẽte (ms.2, 12v, 25-26).

Saõ finalmenti estes **seluagens** tam asperos e crueis, que naõ se podi cõ palauras encarecer sua dureza (ms.3, 74v, 382-383).

Sam finalmente estes **Seluagẽs** tam asperos e crueis, q*ue* nam se pode cõ palauras encarecer sua dureza (e.p., 44r, 379-380).

Pelos exemplos apresentados, percebemos que na passagem para a fase "história", no processo de reestruturação da obra, há uma preocupação em detalhar mais o objeto com a inserção de lexias não antes empregadas. Tais lexias, no entanto, não aparecem simplesmente para variar o léxico, mas para reforçar a descaracterização perniciosa que se pretende "mostrar" do nativo, conforme os semas já discutidos.

A lexia **gentio** é empregada mais vezes do que as outras lexias do grupo. Uma característica que nos chama a atenção é a diferença do número de ocorrências entre as fases de elaboração do texto: de nove ocorrências na primeira fase cai para apenas uma, na segunda, a saber, na edição príncipe. Dos nove empregos na fase "tratado", quatro deles se dá no ms.1, e cinco, no ms.2. Assim, apresentamos cinco blocos de exemplos:

a) em título do primeiro capítulo na obra a tratar do nativo:

Cap. 5. dũa çerta nação de **gentio** que se acha nesta capitania (ms.1, 11r, 1).

Cap. 5º. dũa nascaõ de **gentio** q*ue* se acha nesta capitania (ms.2, 11r, 1).

Cap. ix. em que se dá noticia da **gente** que ha nesta prouincia, da condiçaõ e costumes della, e de como se gouernaõ na paz (ms.3, 54r, 1-2).

Capit. 10. Do **gentio** que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz. (e.p., 33r, 1-2).

b) para iniciar o tratamento dos nativos da nação dos Aimorés:

Pellas terras desta capitania ate junto do Spirito sancto se acha huã çerta nação de **indios** que vieraõ do sertaõ á sinco ou seis añnos (ms.1, 11r, 3-4).

Pellas terras desta capitania ate junto do Spiro sancto, se acha hũa çerta nasçaõ de **gentio** que veo do çertaõ ha sinco ou seis annos (ms.2, 11r, 3-4).

Outros **Indios** doutra naçaõ differenti se achaõ nestas partes, ainda mais feroces e de menos Razaõ que estes. Chamaõse Aimorés, os quaes andaõ por esta costa como salteadores, e habitaõ da capitania dos Ilheos ate ade Porto seguro: aondi vieram ter do sertaõ no anno di 1555. pouco mais ou menos (ms.3, 73r, 353-357).

Outros **Indios** doutra naçam differente, se acham nestas partes, ainda mais feroces e de menos razão q*ue* estes. Chamanse Aimorés, os quaes andam por esta costa como salteadores, e habitam da capitania dos Ilheos ate a de Porto seguro, aonde vierã ter do sertam no anno de 55, pouco mais ou menos (e.p., 43v, 350-353).

c) para tratar dos nativos de forma geral, em início de capítulo:

Naõ se pode numerar nẽ cõprender a multidaõ do bárbaro **gentio** q*ue* semeou a natureza por toda esta terra do Brasil (ms.1, 32r-32v, 34-35).

Naõ se pode numerar nem comprẽder a multidão do barbaro **gentio** que semeou a natureza por toda esta terra do brasil (ms.2, 29v-30r, 35-36).

Não inserimos exemplos para o ms.3 e edição príncipe, pois o início do texto, nestes, se dá a partir de um período diferenciado, e nele, a primeira referência ao nativo é feita pela lexia **natural**, como já apresentado.

d) para tratar dos nativos de forma geral:

[...] mas porque os mesmos indios se leuantauaõ cõtra elles, E faziaõ lhes muitas treiçoẽs, os gouernadores e capitaẽs da terra destruiraõ nos pouco apouco e matarão m*ui*tos delles. outros fogiraõ pera o sertão E assý ficou a cósta despouoada de **gentio** ao longo das capitanias (ms.1, 33r, 41-44).

[...] mas porq*ue* os mesmos indios se alleuãotavaõ contra elles E faziaõ lhes muitas treições, os gouernadores E capitaẽs da terra destruiraõ nos pouco a pouco e matarão muitos delles outros fogirão pera o sertão, E assý ficou a costa despouoada de **gentio** ao longo das capitanias (ms.2, 30r, 42-45).

Não temos um período equivalente na fase “história”.

e) para tratar da língua dos nativos:

A lingoa deste **gentio** ꝑ toda pella côsta he huã (ms.1, 33r, 45-46).

A lingoa deste **gentio** toda pella costa he huã (ms.2, 30v, 46-47).

A lingua de que vsão, toda pela costa he huã (ms.3, 55r, 22-23).

A lingoa de que vsam, toda pela costa he huã (e.p., 33v, 25).

De acordo com as comparações (desconsiderando os dois blocos sem equivalência de períodos entre as duas fases), percebemos que nos locais nos quais não se empregam a lexia **gentio**, temos as lexias **gente**, **índio** e casos de elipse. As substituições para **gente** e **índio** podem ter tido como objetivo apresentar o nativo, respectivamente, como: "pessoas, homens, e molheres" (BLUTEAU, 1713, p. 55) e como "povos da América" (BLUTEAU, 1713, p. 110), apresentando-o, portanto, a partir de sentidos genéricos. No processo de passagem para a fase "história", o ms.3 não traz nenhum caso da lexia **gentio**, o que pode ter ocorrido para evitar que o tratamento do assunto passasse com teor subjetivo, já que o sema para tal lexia indica: "Gentîo. Pagão. [...]. Gente baixa, popular" (BLUTEAU, 1713, p. 57). No entanto, a edição príncipe traz uma ocorrência e justamente no título do primeiro dos capítulos a abordar o assunto, o que é por nós entendida como uma forma de apresentá-lo ao leitor "mostrando", assim, uma falsa objetividade: diminui o emprego da lexia, mas a insere em trecho estratégico.

Reafirmamos a proposição de que lexias com baixo emprego na obra, diferentemente de parecerem passar imperceptíveis, camuflam sentidos, neste caso, a descaracterização do nativo, sua imagem ruim.

Para comentarmos o segundo grupo de lexias, ilustramos, primeiramente, a partir de gráfico, a ocorrência das três lexias no decorrer da produção da obra. Para a elaboração do gráfico em questão, submetemos todo o recorte editado ao programa de estatística textual "Léxico 3", explorando a função "estatística por parte":

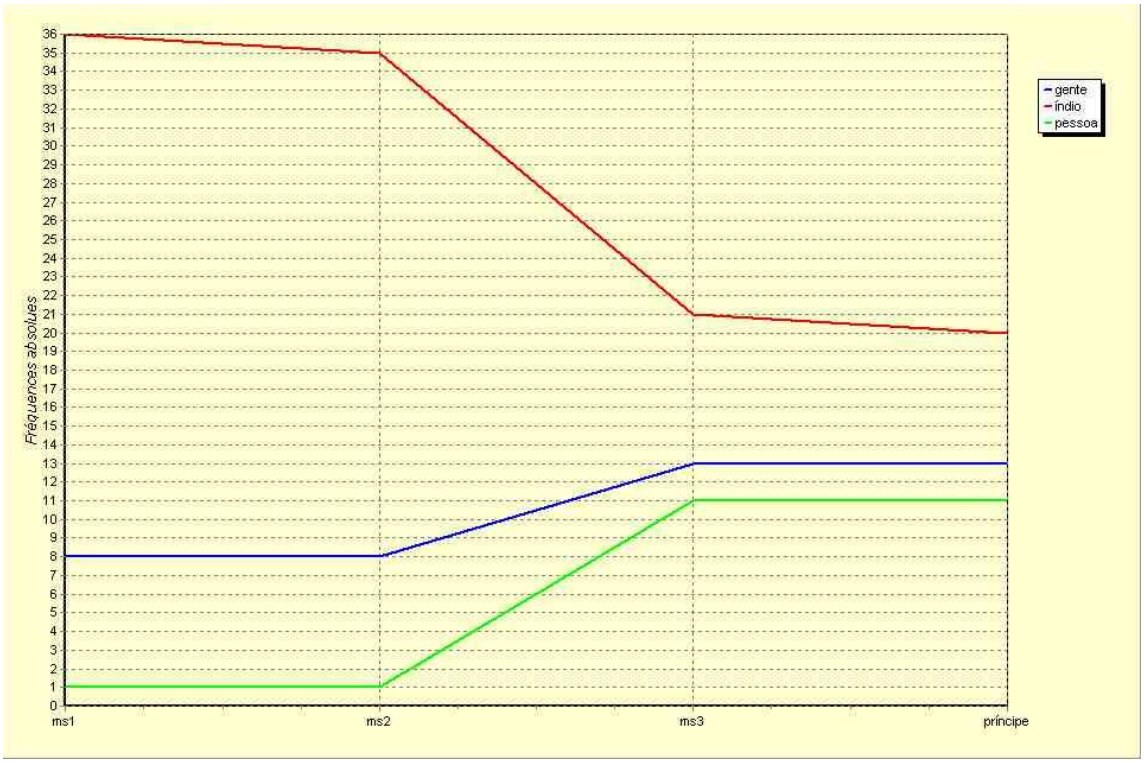


Gráfico 14 – Ocorrências das lexias **gente**, **índio** e **pessoa** nas quatro versões

De acordo com o que se mostra no gráfico, a diferença se dá no processo de passagem da obra para o caráter de história, sendo que ao passo que o número de ocorrências da lexia **índio** diminui, o das lexias **gente** e **pessoa** aumenta.

A lexia **gente** passa de dezesseis ocorrências, na primeira fase (oito empregos em cada versão), para vinte e seis, na segunda (treze empregos em cada versão), geralmente em informações inseridas, conforme mostra o exemplo a seguir:

naõ se pode achar Remedio pera os destruirẽ porq*ue* não tem morada çerta nẽ saẽ nũca dantre o matto. E assi quando cuidamos q*ue* vaõ fogindo ante quẽ os persege entaõ ficaõ atraz escondidos e attiraõ aos que passaõ descuidados. E desta maneira mataõ algũa **gẽte** (ms.1, 12v, 19-22).

Naõ se pode achar Remedio pera os destruirem por q*ue* não tem morada certa, nem saem nunca dantre o matto: E assi quando cuidamos q*ue* vaõ fogindo ante quẽ os persegue entaõ ficam atraz escondidos e atirão aos que passaõ descuidados, Desta maneira matão alguã **gente** (ms.2, 12r-12v, 19-23).

Ategora naõ se póde achar nenhũ Remedio pera distruir esta perfida **genti**: porque tanto que vem tempo opportuno, fazem seus saltos, e logo se Recolhem ao mato muý depressa, onde saõ tam ligeiros e manhosos, que quando cuidamos que vaõ fogindo ante quem os persegue, entaõ ficam atras escondidos atirando aos que passaõ descuidados: E desta maneira mataõ muita **genti** (ms.3, 73v-74r, 371-375).

Ate gora nam se pode achar nenhũ remedio pera destruir esta perfida **gente**: porque tanto q*ue* vem tempo opportuno, fazem seus saltos, e logo se recolhem ao mato muy de pressa, onde sam tam ligeiros e manhosos, que quando cuidamos que vam fogindo ante quem os persegue, entam ficam atras escondidos atirando aos q*ue* passam descuidados: e desta maneira matam muita **gente** (e.p., 44r, 367-371).

Na fase "história", no primeiro dos capítulos, o locutor reescreve a introdução do assunto, tratando de características gerais do nativo com a inserção de informações não antes registradas na fase "tratado":

Pela maýor parti saõ bem despostos, rijos e de boa estatura: **genti** muy esforçada e q*ue* estima pouco morrer, temeraria na guerra, e de muito pouca consideração (ms.3, 54v, linhas 13-4).

Pela mayor parte sam bem dispostos, rijos e de boa estatura: **gente** muy esforçada e que estima pouco morrer, temeraria na guerra e de muito pouca consideraçam (e.p., 33r, linhas 12-4).

A lexia **índio** teve seu número de ocorrências reduzido de setenta e uma ocorrências na primeira fase (trinta e seis empregos no ms.1, e trinta e cinco, no ms.2), para quarenta e uma, na segunda (vinte e um empregos no ms.1, e vinte, no ms.2). Eis alguns blocos de exemplos para comparação[70]:

a) nos títulos dos capítulos, há a substituição por **gente** (no ms.3) e **gentio** (na edição príncipe):

Cap. 7º. da condição e custumes dos **indios** da terra (ms.1, 32r, 32).

Cap. 7º. da Condiçaõ E Custumes dos **indios** da terra (ms.2, 29v, 33).

Cap. ix. em que se dá noticia da **gente** que ha nesta prouincia, da condiçaõ e costumes della, e de como se gouernaõ na paz (ms.3, 54r, 1-2).

Capit. 10. Do **gentio** que ha nesta prouincia, da condiçam e costumes delle, e de como se gouernam na paz. (e.p., 33r, 1-2).

b) em subtítulo e títulos. A parte referente à guerra dos nativos é apresentada de forma diferente nas versões: no ms.1, é tratada num subcapítulo; no ms.2, é iniciada a partir de um espaço em branco, o que pressupõe um subcapítulo; no ms.3 e na edição príncipe, recebe um capítulo específico. Assim, temos um caso de elipse da lexia no mesmo trecho nas versões seguintes ao ms.1:

[70] Considerar também o exemplo apresentado para a discussão da lexia **alarve**, nesta seção.

da gerra dos **indios** (ms.1, 34v, 63).

Cap. x. das guerras que tem hũs contra os outros, e a maneira de como se haõ nellas (ms.3, 61v, 141).

Capitu. 11. Das guerras que tem hũs com outros e a maneira de como se hão nellas (e.p., 37r, 140).

c) no tratamento do assunto, mostrando-se casos de elipse:

Quando estes **indios** tomaõ algũs comtrarios se logo com aquelle impito os naõ mataõ leuaõ nos viuos pera suas aldeas (ou seiaõ portugeses, ou quais quer outros **indios** seus imigos) (ms.1, 36r-36v, 84-86).

Quando estes **indios** tomaõ algũs contrarios se llogo com aquelle impito os naõ mataõ leuaõ nos viuos pera suas aldeas (ou seiaõ portugeses ou quais quer outros **indios** seus imigos) (ms.2, 33r-33v, 82-84).

Primeiramenti quando tomaõ algum contrario, se logo naquelli fraganti o naõ mataõ, leuaõ no a suas terras pera que mais a seu sabor se possaõ todos vingar delli (ms.3, 68v, 268-269).

Primeiramente quando tomão algum contrario, se logo naquelle fragante o nam matam, leuã no a suas terras pera que mais a seu sabor se possam todos vingar delle (e.p., 40v, 264-265).

A lexia **pessoa** apresenta uma grande diferença entre as fases, sendo a elevação de duas ocorrências, na primeira fase (um emprego em cada versão), para vinte e duas, na segunda (onze empregos em cada versão). Ao observarmos os trechos nos quais se encontra, percebemos que a maioria deles é parte inserida no processo de reescrita da obra. O exemplo que trazemos refere-se a um caso no qual a lexia se encontra em trecho inserido como complemento de fato narrado:

Casaõ os mais delles com suas sobrinhas filhas de seus irmãos ou jrmãas, estas saõ suas molheres verdadeiras e não lhas podem negar seus pais (ms.1, 41r, 145-147).

Casaõ os mais delles com suas sobrinhas filhas de seus irmãos ou irmãas, estas saõ suas molheres verdadeiras e não lhas podem negar seus pais (ms.2, 37v, 143-145).

As molheres com que costumão casar, saõ suas sobrinhas filhas de seus jrmãos, ou jrmaãs: estas tem por legitimas e verdadeiras molheres, e naõ lhas podem negar seus paýs, nem outra **pessoa** algũa pode casar com ellas, senaõ os tios (ms.3, 58v, 88-91).

As molheres cõ q*ue* costumã casar, sam suas sobrinhas filhas de seus irmãos, ou irmaãs: estas tem por ligitimas e verdadeiras molheres, e nã lhas podem negar seus pais, nem outra **pessoa** algũa pode casar cõ ellas, senã os tios (e.p., 35v, 87-90).

Pelo levantamento feito, e alguns dos exemplos mostrados, percebemos que, da primeira para a segunda fase de elaboração da obra, a lexia **índio**, em alguns casos, é substituída por um dos constituintes do campo em discussão, o que favorece a variedade de lexias; em outros, fica elíptica, evitando-se a repetição em alguns períodos. Apesar de ter seu número de ocorrências diminuído, mantém a posição de lexia mais empregada para nomear o nativo. As lexias **gente** e **pessoa**, por sua vez, aparecem, principalmente, em trechos inseridos na segunda fase de elaboração da obra, o que contribui para um menor desequilíbrio em relação ao emprego das lexias que tratam o nativo de forma genérica. Em tais inserções, outras lexias poderiam ter sido utilizadas, mas são estas as que estão entre as escolhas do locutor.

Tratar o nativo como **índio**, **gente** ou **pessoa** remete-nos à Bula de Paulo III (MARIANI, 2004, p. 132), datada de 1537, a qual "atribui humanidade e racionalidade aos índios das Américas", passando a não mais considerá-los como animais, como bárbaros. (Importa comentar que tal atribuição atendia aos interesses da Coroa e da Igreja, e não dos nativos, já que estes, "deixando o 'estado bárbaro' através da catequese, poderiam se tornar súditos de sua majestade, contribuindo para a colonização e defesa do Brasil"). Como a obra passaria pelo crivo da censura inquisitória, o locutor pode ter procurado adequar o vocabulário à determinação da Igreja, às "ordens" religiosas.

Nesse entendimento, percebemos como o cenário de enunciação determina as escolhas lexicais: o nativo é tratado na obra, predominantemente, de forma genérica, a partir das três lexias supracitadas, já que assim "deve" sê-lo, mascarando uma "falsa" objetividade, pois em alguns poucos momentos do texto, o locutor emprega as lexias do primeiro grupo, as quais o descaracterizam e o veem como bárbaro, animal, pagão, selvagem, desprezível.

O gráfico, a seguir, representa a frequência de cada uma das lexias nas quatro versões:

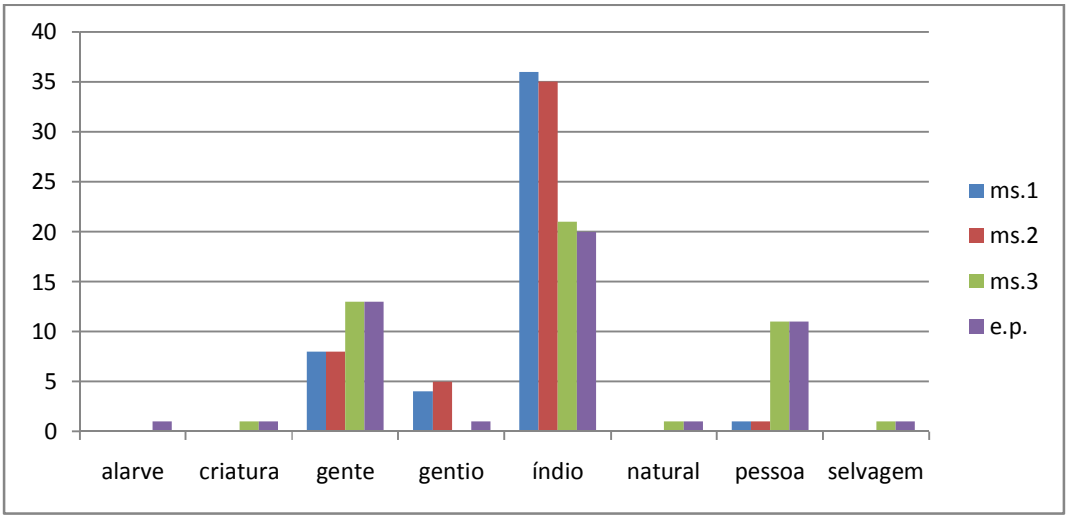


Gráfico 15 – Lexias do CL "nomeação para nativo" nas quatro versões

Considerando que os manuscritos sejam anônimos, não podendo certificar se foram ou não redigidos pelo locutor, vemos, pelas informações quantitativas, uma marca da presença de sua voz no conjunto dos textos, pois predomina a nomeação do nativo de forma genérica. As únicas lexias que aparecem em todas as versões são justamente as do segundo grupo: **gente**, **índio** e **pessoa**. Tal constatação nos permite relacionar a seguinte afirmação de Pereira Filho (1965, p. 25) ao estudo de indícios autorais:

> Há maneiras de ser, de pensar e sentir, gostos e idiossincrasias, que revelam de modo irrefutável uma personalidade, porque são coisas que jamais se plagiam, manifestações mais ou menos inconscientes da complexidade interior de cada um. Ainda a sua ausência pode deixar margem para dúvidas e hesitações. Mas a presença, não; revela imediatamente um traço da individualidade que, na maioria das vêzes, é inconfundível,

sobre a qual, destacamos a expressão "traço da individualidade", lida por nós, na perspectiva do discurso, como marca autoral.

Apesar de a lexia **pessoa** aparecer em pequena quantidade na primeira fase, cresce consideravelmente na segunda. A lexia **gentio**, por outro lado, diminui na segunda fase, mantendo-se, assim, o equilíbrio e sustentando-se a ideia de que na segunda fase, ao tentar revestir o texto com caráter de história e prepará-lo para publicação, o locutor tenta adequar o vocabulário ao leitor da censura inquisitória. O número de ocorrências dessas duas lexias contribui, portanto, para vermos na passagem da primeira à segunda fase de elaboração da obra, sua preparação efetiva aos diferentes leitores – era preciso "agradar" ao leitor da censura

inquisitória, mas também se fazia necessário informar aos portugueses o olhar específico que se tinha do nativo.

A inserção das lexias **alarve**, **criatura**, **natural** e **selvagem**, na segunda fase, e a volta da lexia **gentio** à edição príncipe, apontam que apesar de predominar a nomeação de forma genérica, a publicação traz, também, a nomeação que descaracteriza, desqualifica o nativo. Assim, ainda que a obra o trate como **gente**, "mostra", pelo processo de nomeação, as especificidades dessa **gente**, as quais o desqualificam como tal.

Acreditamos, a partir do exposto, que as escolhas lexicais não são aleatórias, inscrevendo-se numa formação discursiva a qual aponta que o discurso "é este e não aquele", no caso em questão, o que atende aos interesses da Coroa. A nomeação "mostra-se", portanto, na obra em estudo, como um processo discursivo, trazendo consigo, junto à cena na qual se encontra inserida: um interdiscurso que se repete desde a Carta de Caminha (2001); campos léxicos formando imagens e construindo *ethé* de acordo com a formação discursiva do locutor; cenografias "mostradas" de forma a fazer o leitor aderir ao discurso enunciado; marcas da presença da voz do locutor nas quatro versões. A nomeação funciona, pois, discursivamente.

A investigação discursiva do material analisado lexicalmente corrobora a afirmação de Dubois *et al* (2006) de não se privilegiar o estudo da unidade léxica isoladamente. Por esta pesquisa, especificamente, a relação entre léxico e discurso indica que na formação do léxico do português brasileiro, determinadas lexias empregadas são fundamentais junto à construção de *ethé* do fiador da enunciação, os quais permitem conhecer o perfil do escrevente do século XVI. As imagens do nativo e daquilo a que lhe referia, compreendidas a partir da análise dos campos léxicos, levam a entender que contribuem para a estabilização de certos discursos como "índio é selvagem", "índio é preguiçoso", "índio é violento", "índio come gente", "índio é desorganizado", entre outros.

Mesmo estando certos de que a investigação filológica com um fim em si mesma representa um sólido lugar junto aos estudos da linguagem, quisemos, a partir do estudo filológico do *corpus*, tomá-lo na relação com outros olhares e acreditamos que a mobilização da função transcendente (SPINA, 1994), nesta pesquisa, corrobora a posição de Fiorin (2012, p. 9), a qual versa a respeito de estarmos vivendo um tempo de "elogio das margens", de revisão das "divisões disciplinares" e das "fronteiras rígidas entre os campos do saber". Nessa direção, entendemos que investigar o discurso no século XVI, especificamente, contribui substancialmente para a compreensão do conjunto de textos do referido século, estudados filologicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como proposta desenvolver uma investigação interdisciplinar tomando como objeto a *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo, publicada em 1576, e as três versões manuscritas que a antecederam, relacionando os pressupostos teóricos e metodológicos da Filologia, da Lexicologia e da Análise do Discurso, de forma a mostrar que um material analisado pela Filologia, ao receber a investigação complementar/interdisciplinar das áreas em questão pode oferecer muitas respostas a questões de linguagem diversas[71]; e, ademais, apontar que um estudo interdisciplinar muito contribui ao colocar em questionamento "as fronteiras rígidas entre os campos do saber" (FIORIN, 2012, p. 9).

Diante das poucas informações biográficas acerca de Gândavo, procuramos, a partir de suas obras e outras publicações brasileiras e portuguesas, construir um quadro biográfico desse, que foi um dos principais escritores do período colonial no Brasil, período este que abriga uma discussão (BOSI, 2003; CANDIDO, 1999; MOISÉS, 2008; RONCARI, 1995; ZUMTHOR, 1993) acerca da literariedade [ou não] de seus textos, devido à ênfase ao aspecto informativo. Partindo de Candido (1999, p. 20), o qual concebe tais textos como "manifestações literárias", consideramos o valor literário da obra em estudo; e mais: como se trata da primeira história sobre o Brasil em Língua Portuguesa, classificamo-la como histórico-literária.

Fundamentados em estudos anteriores, comentamos a tradição textual acerca da "Historia", apresentando informações a respeito de cada uma das quatro versões. Após esta etapa, fizemos um estudo das quatro dedicatórias, o qual apontou a importância da relação com os estudos do discurso.

Para amostragem analítica, tomamos (das quatro versões) os capítulos referentes aos nativos, visto procurarmos compreender o processo de nomeação empreendido pelo não nativo ao nativo; e editamos o *corpus* semidiplomaticamente, com a conservação da escrita do período, totalizando cento e vinte e sete fólios do conjunto de textos. Elencamos a edição textual como uma das etapas de investigação do objeto porque acreditávamos que pudesse ser a melhor forma de entendimento do material, o que foi comprovado, haja vista a tarefa ter contribuído muito para o conhecimento de aspectos histórico-linguísticos, pois apesar da realização da leitura dos manuscritos, da edição príncipe e da consulta a algumas das edições

[71] Consideramos relevante lembrar o parentesco histórico entre as disciplinas em questão, sobretudo o fato de a Análise do Discurso ter ascendência na Filologia e na Lexicologia.

existentes, o exercício de edição fora fundamental para que conhecêssemos melhor alguns dos aspectos internos da língua utilizada no século XVI, como também, o processo de elaboração textual, e, especificamente, as escolhas lexicais. Ademais, com a edição, pudemos dar fidedignidade às nessárias citações mobilizadas.

Com o *corpus* editado, iniciamos o estudo linguístico: inventariamos (da versão príncipe, para que fosse, em momento, posterior comparada às versões manuscritas) a totalidade de lexias com a função de substantivos e elaboramos um Índice de frequência e ocorrência, o qual nos mostrou como o trabalho com dados quantitativos pode contribuir para o entendimento de questões da língua. Para o inventário das lexias, preparamos o material para ser submetido a um *software* denominado "Léxico 3", um programa de estatística textual desenvolvido pela Universidade de Sorbonne Nouvelle, Paris 3, a partir do qual chegamos a um total de quatrocentos e nove substantivos (quinhentos e trinta e um, se considerarmos as variantes e flexões de cada lema). As lexias foram apresentadas em sua forma lematizada, com a indicação da frequência e devida localização na edição semidiplomática, demonstrando ter relevância não apenas para esta, mas também a pesquisas futuras. O Índice revelou que os substantivos que mais se repetem representam apenas 1% do total, e os que aparecem apenas uma vez, 56% do total, confirmando, portanto a hipótese de que haveria o emprego de uma diversidade lexical para tratamento do nativo – um referente novo para o locutor do texto.

A partir da totalidade de substantivos inventariada, selecionamos setenta e uma lexias as quais pudessem representar um panorama acerca do nativo em diversos aspectos, e categorizamo-las em seis campos léxicos, a saber: nomeação para nativo; objetos; alimentos; aspectos da terra; espaço; e autoridades, tomando Coseriu (1977) como referente teórico-metodológico. As lexias respectivas a cada campo foram analisadas a partir da distinção de seus semas, utilizando-se, para isso, obras lexicográficas coetâneas e não coetâneas de Gândavo (BLUTEAU, 1712-1721; CARDOSI, 1562; FERREIRA (2010); HOUAISS, 2009; e PEREYRA, 1647). A apresentação das abonações e a análise dos semas distintivos de cada lexia indicaram que cada campo léxico permitiu a construção, pelo locutor, de diversas imagens (muitas delas, descaracterizadoras) do nativo, outras, ressaltando-se as qualidades da terra e sua organização espacial e administrativa: pelo campo "nomeação para nativo", considerando-se as lexias enquanto *hapax*, as quais se fizeram em maior número do que as outras, fez circular a imagem de um selvagem, pagão, ser desprezível, estúpido, rústico, não civilizado, bárbaro, entre outras; em "objetos", a imagem de um ser que ou estava matando ou descansando, sendo, pois, relacionado à violência e à preguiça e, consequentemente aos discursos de que "índio é violento" e "índio é preguiçoso"; em "alimentos", ressaltou o culto

ao antropofagismo; em “aspectos da terra”, apontou o que havia a ser explorado; em “espaço”, evidenciou espaços específicos dos nativos, mas também espaços determinados e instituídos politicamente pelo colonizador, denotando os dos nativos como desorganizados; finalmente, em “autoridades”, construiu a imagem de total desorganização autoritária na província.

A constatação, nas análises filológica e lexical, de marcas de autoria, tomadas de si e formações imaginárias pelo locutor, funcionou como uma ponte para a relação com o discurso. Assim, considerando a afirmação de Dubois *et al* (2006, p. 377) de que não se deve isolar a análise do vocabulário do discurso, tomamos o estudo empreendido e voltamos sobre ele, um olhar discursivo. Seguindo os pressupostos teóricos de Maingueneau (1993, 2001, 2005, 2008, 2010, 2012 e 2013), acerca da cena de enunciação e *ethos*, lemos que: como cena englobante, foi utilizado o discurso histórico-literário; como cena genérica, o relato de viagens; e como cenografias, “mostraram-se” as de tratados (demográfico, bélico e antropofágico) e a de narração oral de casos. Ao mesmo tempo em que o locutor legitima seu texto como uma história sobre uma província específica, “mostra-o” como três importantes tratados, construindo um efeito de proximidade na interação com o leitor. Constrói o *ethos* de um dos donos da terra, autorizando-se a convidar “pobres e desamparados” para explorarem-na, e, especificamente, em relação aos campos léxicos, pela escolha lexical representada, o de conhecedor do assunto, buscando a incorporação do leitor aos *ethé* construídos. Pelas formações imaginárias construídas, se configura a posição favorável do locutor ao projeto de colonização português, mascarando efeitos de sentido. O olhar específico ao processo de nomeação do nativo, ao final do capítulo, confirmou a hipótese de que tal processo não se restringe ao âmbito linguístico, mas também ao discursivo; e a comparação entre os empregos das lexias do campo léxico “nomeação para nativo”, nas quatro versões, indicou marcas autorais, conforme a ocorrência e frequência das lexias em cada uma delas.

O emprego dos itens lexicais na nomeação do nativo e seu mundo referencial indicaram a construção de imagens descaracterizadoras do objeto de Gândavo. As imagens construídas pelos campos léxicos contribuíram para o surgimento de discursos acerca do nativo brasileiro e, especificamente, a análise da cena da enunciação e de *ethé* apontaram para um fiador possuidor de vasto conhecimento sobre a nova terra, o qual, ao falar em nome da Coroa, se colocou no lugar de anfitrião da terra como um de seus donos, “mostrando” um texto com cenografia de verdadeiros tratados, mas “recebidos” pelo leitor como numa conversa de conhecidos próximos.

O *corpus* trata do Brasil em suas primeiras décadas de formação após a interferência/ chegada do não nativo, momento no qual as línguas nativas e não nativas entram em contato. Como é comum nas relações de dominação de território, a língua portuguesa é imposta na nova província, sendo que tal imposição só se formaliza/ institucionaliza no século XVIII, com o *Diretório dos Índios*, promulgado por Marquês de Pombal, quando passa a ser proibido, por questões políticas, o uso da língua geral (língua nativa mais falada na costa brasileira), já que ameaça o projeto de colonização (MARIANI, 2004); e a língua portuguesa que então se impõe já não se configura como a língua que chegou de Portugal:

> [...] o português que se passou a falar aqui traz uma memória européia, mas historicizou-se de modo diferente em função do contato com as demais línguas e em função da própria formação histórico-social e posterior transformação política da colônia em nação independente (MARIANI, 2004, p. 22).

Nesse sentido, entendemos ser de grande importância a investigação de um texto produzido, no Brasil, no período colonial, pelo colonizador, pois nos permite conhecer a língua portuguesa num momento sincrônico no qual a língua portuguesa do Brasil está se constituindo, especificamente, seu léxico; e, junto à necessária nomeação, um discurso de colonização. "Há um conjunto de práticas de linguagem, um como dizer o Novo Mundo pelo europeu, marcado por uma ideologia da dominação e da domesticação de sentidos diferentes e considerados estranhos ao imaginário existente" (MARIANI, 2004, p. 64).

Utilizar texto português, produzido nas primeiras décadas de contato entre nativos e não nativos permitiu-nos, portanto, conhecer: a sincronia da língua portuguesa empregada no período medieval; o vocabulário empregado pelo colonizador para nomear o colonizado; a construção de imagens descaracterizadoras acerca do nativo brasileiro; o discurso constitutivo em obra histórico-literária do século XVI. Ademais, pudemos conhecer, inicialmente, o perfil do escrevente do século XVI, e, na relação com o discurso, o *ethos* de um locutor o qual, pelas lexias que emprega e pelo lugar discursivo que ocupa, fez circular, em processo de nomeação na formação do léxico do português brasileiro, língua e discurso capazes de fazerem "falar e ecoar" a voz do colonizador.

Vemos a contribuição dessa tese pelos resultados alcançados ao mobilizarmos conceitos das áreas da Filologia, Léxico e Discurso, sobretudo, por desenvolvermos a pesquisa com as áreas se permitindo dialogar conforme a análise do *corpus* ia "solicitando", se mostrando relevante, portanto, a proposta interdisciplinar, e funcionando como exemplo de um "fazer investigativo governado pela mistura" (FIORIN, 2012, p. 9).

Importante também foi poder constatar, em pesquisa, que mesmo ocupando um lugar sólido, nem todas as perguntas podem ser respondidas por um campo teórico, como é o caso específico da Filologia, a qual demonstra fragilidade no que se refere às fontes, à autoria documental. Neste caso, o estudo do Léxico e do Discurso mostraram que podem amparar estudos filológicos e se mostrarem fundamentais para que se respondam determinadas questões.

À esteira de Drummond (2008), citado na epígrafe, entendemos que, diante do desafio aceito em compreender o combate travado pelas "palavras do século XVI", podemos afirmar que a descrição estrutural do léxico contribuiu para a compreensão de aspectos históricos e linguísticos. E como, nos dizeres do poeta, "o inútil duelo jamais se resolve", não nos limitamos a "lutar" no terreno da língua, "deixando-nos enlaçar" pelo terreno do discurso, assim mostrando, de forma interdisciplinar, e não "vã" / "inútil", a concepção de nativo expressa pelo não nativo, especificamente, o português, que, diante de um novo mundo, "desafiou-se" a [d]escrevê-lo.

Consideramos importante ressaltar que o recorte analisado não pretende ser um retrato transparente do período, mas uma representação opaca deste. Gândavo (1576) procurou construir o *ethos* de um historiador – o escritor da primeira história de uma província, o primeiro "auendo já setenta e tantos annos" de descoberta, que o fez "por faltarem na terra pessoas de ingenho e curiosas, que per melhor estillo e mais copiosamente que [ele] a escrevessem" (f. 5r). Demonstrou preocupação em "mostrar" o texto como história: "seria temeridade e falta de consideraçam escreuer em historia tam verdadeira, cousas em que por ventura podia auer falsas informações" (f. 45r). Tentou construir uma imagem transparente do objeto, especificamente dos nativos, mas na verdade, "mostra" aos seus leitores (atemporais), um retrato opaco.

REFERÊNCIAS[72]

ALVES, Ieda Maria. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: BASÍLIO, Margarida (org). **Revista Palavra**. Volume Temático I: A delimitação de unidades lexicais. Departamento de Letras. PUC-Rio. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE, Elias Alves de; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; BARONAS, Roberto Leiser. **Plano de Guerra da Capitania de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

BANCO de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). In: Portal de periódicos da CAPES/MEC. Disponível em: http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses. Acesso em: 28.out.2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARONAS, Roberto Leiser. A propósito da cena da enunciação e do *ethos* no manuscrito geopolítico de Ricardo Franco. In: ANDRADE, Elias Alves de; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; BARONAS, Roberto Leiser. **Plano de Guerra da Capitania de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. Dimensões da palavra. In: **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. DLCV-FFLCH-USP. Nº 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP2/Biderman1998.pdf Acesso em: 20.fev.2013.

_____. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (org). **Revista Palavra**. Volume Temático I: A delimitação de unidades lexicais. Departamento de Letras. PUC-Rio. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1721. 10 vol. Disponível em: http://purl.pt/13969/4/ Acesso em: 19.ago.2013.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

[72] De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Introdução. In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da Língua Portuguesa**. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Disponível em: http://purl.pt/324/3/ Acesso em: 06.set.2012

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta**: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. 2. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação À literatura brasileira**: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. Disponível em: http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Candido,%20Antonio/Inicia%C3%A7%C3%A3o%20-%20Literatura%20Brasileira%20-%20Antonio%20Candido.pdf Acesso em: 07.fev.2014

CARBALLO, Maria Auxiliadora Castillo. La macroestructura del diccionario. In: GUERRA, Antonia María Medina (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel, 2003.

CARDOSI, Hieronymi. **Dictionarivm ex lvsitanico in latinvm sermonem**. Ex Officina Ioannis Aluari typographi Regij, 1562. Disponível em: http://purl.pt/15192 Acesso em: 19.ago.2013

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COLLECÇÃO de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios Portuguezes, ou lhe são visinhas. Tomo IV. Num. 1. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1826.

CONDE, Dirceu Cleber. **Por que (não) utilizar ferramentas de informática e estatística em estudos semânticos e discursivos?** Revista Eletrônica Linguasagem. 16. ed. São Carlos (SP), 2011. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao16/artigo_conde.pdf Acesso em: 13.mar.2013

COSERIU, Eugenio. **Principios de Semántica Estructural**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSTA, Alexandre José Barboza da. **Pero de Magalhães Gandavo**: um cronista beletrista no Brasil colonial. 2010. 145p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COX, Maria Inês Pagliarini. Deus: uma presença quase obrigatória nos “agradecimentos”. In: BARONAS, Roberto Leiser; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de; PONSONI, Samuel. **Análise de discurso: continuidades, calibragens, interfaces**. Paulistana: São Paulo, 2014.

DÍSCOLO, Apolonio. **Sintaxis**. Introducción, traducción e notas por Vicente Bécares Botas. Editorial Gredos, S.A., Madrid, 1987.

DUBOIS, Jean *et al*. **Dicionário de Lingüística**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 17 a 140.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: ANDRADE, Elias Alves de; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; BARONAS, Roberto Leiser. **Plano de Guerra da Capitania de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da prouincia do Brasil**. ms.1. In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da província do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965. Edição preparada por Emanuel Pereira Filho.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Tractado da terra do Brasil**. ms.2. Disponível em: http://purl.pt/211 Acesso em: 30.out.2011

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil**. ms.3.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Regras qve ensinam a maneira de escrever e orthographia da língua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma língua**. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1574. Disponível em: http://purl.pt/12144/3/ Acesso em: 06.set.2012

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil**. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1576. Disponível em: http://purl.pt/121 Acesso em: 02.abr.2012

[GANDAVO] Pero de Magaglhães de. Tratado da Terra do Brazil. In: **Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos Dominios Portuguezes, ou lhe são visinhas**. Tomo IV. Num. 1. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1826. Num. IV, p. 181-216.

GANDAVO, Pedro de Magalhães de. Historia da provincia Sãta Cruz a que vulgarméte chamamos Brasil. In: Revista **Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**.

Tomo XXI. Quarto trimestre. Rio de Janeiro: Tipographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858a, p. 367-430.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Historia da prouincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858b.

GUERRA, Antonia María Medina. La microestructura del diccionario: la definición. In: GUERRA, Antonia María Medina (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas (SP): Pontes, 2005.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOUAISS eletrônico. Versão monousuário 3.0. Instituto Antônio Houaiss. Objetiva, 2009.

HUE, Sheila Moura. *Introdução: Peripécias de um livro.* In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **A primeira História do Brasil: História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil** [Modernização do texto original de 1576 e notas, Sheila Moura Hue, Ronaldo Menegaz; revisão das notas botânicas e zoológicas, Ângelo Augusto dos Anjos; prefácio, Cleonice Berardinelli]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 13-25.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LAMALLE, Cédric *et alli*. **Léxico 3**: Ferramentas de estatística textual. Manual resumido de utilização (Tradução: Dirceu Cleber Conde). Universidade de la Sorbonne Nouvelle - Paris 3: Paris, 2001.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo I. Século XVI – O estabelecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Lisboa: Livraria Portugália, 1938.

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica, e Cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo prezente**. Tomo II. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1747.

_____. **Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica, e Cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo presente**. Tomo III. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1752.

MARIANI, Bethania. **Colonização linguística**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. Campinas (SP): Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Cenas da enunciação**. (Organização: Sírio Possenti; Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Filologia e análise do discurso. In: RODRIGUES, Maria das Graças Soares; SILVA NETO, João Gomes da; PASSEGI, Luis (orgs.). ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute; MAINGUENEAU, Dominique. **Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 44-58.

_____. **Discurso literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Argumentação e cenografia. In: Brunelli, Anna Flora; Mussalim, Fernanda; Fonseca-Silva, Maria da Conceição (orgs). **Língua, texto, sujeito e (inter)discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (org.). **Por minha letra e sinal**: documentos do ouro do século XVIII. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: das origens ao romantismo**. 3.ed. Vol. I. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOURA, Vasco Graça. **Sobre Camões, Gândavo e outras personagens: hipóteses de história da cultura.** Porto: Campo das Letras, 2000.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1997.

PEREIRA FILHO, Emanuel. Introdução. In: GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **Tratado da província do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

PEREYRA, Bento. **Thesovro da Lingoa Portvguesa**. Lisboa: Officina de Paulo Craesbeeck, 1647.

PLATÃO. **Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1973.

POTTIER, Bernard. **Linguistique génerale**: théorie et description. Paris, Klincksieck, 1974.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: Dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Fontes manuscritas e impressas: reflexos da nossa base cultural e linguística. In: DIAS, Marieta Prata de Lima (org.). **Língua e literatura: discurso pedagógico**. São Paulo: Ensino Profissional, 2007.

_____. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil (orgs). **Modelos de análise linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-234.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario Bibliographico Portuguez**: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

SPAGGIARI, Barbara. A censura na transmissão da obra de Luís de Camões. In: SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. 2. ed. revisada e atualizada. São Paulo: Ars Poetica: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

STETSON JR., John B. Foreword and Introductory Notes. In: MAGALHÃES, Pero de. **The histories of Brazil**. [Translation of Historia da provincia sãcta Cruz. Reprint of the 1922 ed. published by the Cortes Society, New York, which was issued as no. 5 of Documents and narratives concerning the discovery and conquest of Latin America], Longwood Press, 1978.

TERNAUX, Henri. **Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique**. [Histoire de la province de Sancta-Cruz, par Pero de Magalhanes de Gandavo. Lisbonne, 1576]. Paris: Arthus Bertrand, Libraire-éditeur, 1837. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=yCMTAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=true Acesso em: 14.fev.2014

TEYSSIER, Paul**. História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRACIO, Dionisio. Ars Grammatica. In: **Forma y Función 16**. Departamento de Lingüística, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, D.C., 2003, p. 222-264.

VIANA, Hélio. A primeira versão do 'Tratado da Terra do Brasil', de Pero de Magalhães Gandavo. In: **Revista de História**. Publicação Trimestral. USP, 1953, ano IV, nº 15, p. 89-95.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Conexões léxico-culturais sobre As minas goianas setecentistas no *Livro para servir no registro do Caminho Novo de Parati***. 2012. 580p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXOS

Início Mail Notícias Esportes Finanças Tempo Jogos Grupos Respostas Screen Flickr Celular Mais
Buscar no Yahoo Mail Buscar na Web Início Rejane
Escrever Apagar Mover Spam Mais
Entrada
Rascunhos
Enviadas
Spam
Lixeira
Pastas
Recente
Publicidade
NET
A NET ganhou pernas
NET Virtua
20 Mega
Wi-fi grátis + 4G
Assine 3003 3448

RE: manuscrito - Gândavo

Cristina Pinto Basto 25 Set 2012
Para eu

O Ms. que pretende, a cópia, encontra-se no Cód. 51-VII-31 e não está disponível, em versão digital.

[*ca.* 1574]
TRATADO DA PROVÍNCIA DO BRASIL / PEDRO DE MAGALHÃES GANDAVO
Tratado da Província do Brasil no qual se contém a informação das cousas que há na terra, assim das capitanias, e fazendas dos moradores que vivem pela costa, de outras particularidades que aqui se contam, como também da condição, e béstias, costumes dos índios da terra e de outras estranhezas de bichos que há nestas partes, oferecido a D, Catarina Rainha de Portugal.
[*começa*]: Não me parece cousa fora de preposito...

Cópia do séc. XVII. O original está em Inglaterra. Existe uma versão impressa pela Academia Real das Ciências de Lisboa, no tomo IV *das Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas* (...), publicada em 1826. O texto impresso apresenta variações em relação ao manuscrito da Ajuda, que é mais falho de informação e provavelmente tendo origem num original diferente e mais coevo: a cópia ms. é dedicada à rainha D. Catarina de Áustria; da versão impressa em 1826, consta na dedicatória o cardeal-infante D. Henrique; o capítulo IX é inexistente na cópia da Ajuda, de onde apenas consta a parte final, omitindo a epígrafe e trecho de "*Da terra que certos homens da Capitania de Porto Seguro forão descobrir, e do que achárão nela.*" *Vid. tb.* Inocêncio, VI, 360.

(*Papéis vários sobre notícias diferentes*, sécs. XV-XVIII, n.º 5, fls. 83-102)

Cod. 51-VII-31 (Catálogo Brasil 2307)

Com os melhores cumprimentos

Cristina Pinto Basto
Biblioteca da Ajuda
cbasto@bnportugal.pt

Biblioteca da Ajuda
Palácio Nacional da Ajuda - 1349-021 Lisboa - Portugal
Tel. (+351) 213638592
Fax. (+351) 213638592
Biblioteacdaajuda@bnportugal.pt

-
Aviso. Esta mensagem, e eventuais anexos, é privada e confidencial. Se a recebeu por engano, por favor, não divulgue, apague e contacte o remetente. A informação transmitida não vincula, necessariamente, a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e pode estar sujeita a sigilo profissional, direitos de autor ou ao regime legal de protecção de dados pessoais.
***
Notice: This e-mail message and any attachments are private and confidential. If you have received it in error, please notify the sender and remove it from your system. The BNP does not necessarily endorse the information transmitted. The information may be privileged, subject to copyright or legal protection of personal data.

De: Rejane Centurion Gambarra e Gomes [mailto:rejanecenturion@yahoo.com.br]
Enviada: terça-feira, 25 de Setembro de 2012 16:14
Para: Cristina Pinto Basto
Assunto: Re: manuscrito - Gândavo

Muito obrigada.

O *link* enviado trata da edição impressa. Gostaria, entretanto, de detalhes do manuscrito "Tratado da província do Brasil" (nº 51, v. 31), de Pero de Magalhães de Gândavo.

Aguardo.

Rejane

por radimersky em flickr

De: Cristina Pinto Basto <cbasto@bnportugal.pt>

Início Mail Notícias Esportes Finanças Tempo Jogos Grupos Respostas Screen Flickr Celular Mais
Buscar no Yahoo Mail Buscar na Web Início Rejane
Escrever Apagar Mover Spam Mais
Entrada
Rascunhos
Enviadas
Spam
Lixeira
Pastas
Visualizações inteligentes
Não lido
Favorito
Pessoas
Compras
Financeiro
Recente
Publicidade
NET
A NET ganhou pernas
NET Virtua
20 Mega
Wi-fi grátis + 4G
Assine 3003 3448

RE: manuscrito - Gândavo

REAL BIBLIOTECA MONASTERIO DEL ESCORIAL 11 Set 2012

Para eu

Muy Sr. nuestro:
El manuscrito b-IV-28 es obra de un copista anónimo.
La fecha del manuscrito es incierta, pero está en torno a 1575. En este año entra en la Biblioteca del Escorial.
Un atento saludo,
José Luis del Valle Merino

-----Mensaje original-----
De: Rejane Centurion Gambarra e Gomes [mailto:rejanecenturion@yahoo.com.br]
Enviado el: jueves, 06 de septiembre de 2012 18:52
Para: REAL BIBLIOTECA MONASTERIO DEL ESCORIAL
Asunto: Re: manuscrito - Gândavo

Buenos dias.
Me pregunto si el manuscrito (b-IV-28) es el original Gandavo, o copista anónimo.
¿Cuál es el año del manuscrito?
Cuando el manuscrito fue encontrado?
Cuando la biblioteca comenzó a revelar el material?
Espero respuesta.
Rejane

De: REAL BIBLIOTECA MONASTERIO DEL ESCORIAL <real.biblioteca@ctv.es>
Para: Rejane Centurion Gambarra e Gomes <rejanecenturion@yahoo.com.br>
Enviadas: Sexta-feira, 8 de Junho de 2012 5:31
Assunto: RE: manuscrito - Gândavo

http://rbme.patrimonionacional.es/

-----Mensaje original-----
De: Rejane Centurion Gambarra e Gomes [mailto:rejanecenturion@yahoo.com.br]
Enviado el: jueves, 07 de junio de 2012 19:24
Para: REAL BIBLIOTECA MONASTERIO DEL ESCORIAL
Asunto: Re: manuscrito - Gândavo

Buenos dias.
Gracias por el envío.
Me pregunto si el manuscrito (b-IV-28) es el original Gandavo, o copista anónimo.
¿Cuál es el año del manuscrito?
Espero respuesta.

Rejane

De: REAL BIBLIOTECA MONASTERIO DEL ESCORIAL <real.biblioteca@ctv.es>
Para: Rejane Centurion Gambarra e Gomes <rejanecenturion@yahoo.com.br>
Enviadas: Quarta-feira, 16 de Maio de 2012 6:12
Assunto: RE: pedido 079 - URGENTE

Muy Sr. nuestro:
Ayer llegó el pago que usted hizo y ayer le enviamos por correo certificado las reproducciones.
Atentamente,
José Luis del Valle Merino

-----Mensaje original-----
De: Rejane Centurion Gambarra e Gomes [mailto:rejanecenturion@yahoo.com.br]
Enviado el: martes, 15 de mayo de 2012 16:03
Para: Biblioteca Espanha-2
Asunto: pedido 079 - URGENTE

Espero respuesta.

Rejane

por radimersky em flickr

PRIMEIRA VERSÃO MANUSCRITA

11

dentro hũa certa arvore donde se tira Balsamo mui precioso de suavissimo cheiro e grande Vertude, e quando querẽ tiralo daõ certos golpes no tronco da mesma arvore e porelles está destillando pouco a pouco este licor precioso. Mas achaõ se destas arvores muito poucas e q̃ as Viaõ buscar corrẽ muito risco suas Vidas por causa dos indios q̃ andão sempre pello mato.....

Cap. 5. dũa certa nação de gentio que se acha nesta capitania.

Pellas terras desta capitania ate junto do Spirito sancto se acha hũa certa nação

de indios que vierão do sertão á sinco
ou seis annos e dizem que outros contra-
rios destes vierão sobrelles e os desbara-
tárão todos e os que fogirão são estes
que andão pella costa. Chamão lhe
Aymorés, a lingoa delles he differente
dos outros indios ninguẽ os entende: algũs
delles são tão altos e tão largos do corpo
q̃ quasi parecẽ gigantes. São mui
altos não tem parecer dos outros indios
da terra nẽ tem casas nẽ povoações onde
morẽ. Viuẽ antre os matos como bru-
tos animais, são mui forçosos e nestremo.
Trazem hũs arcos mui compridos e grossos
conforme a suas forças e as frechas da

mesma maneira. Estes indios tem feito
muito dano aos moradores de Paiz q̃ vierão
a esta costa E mortos algũs Portugeses
e escrauos, por q̃ são imigos de toda gente.
Não pelleião em campo nẽ tem animo pa
isso, poẽ se antre o mato junto dalgũ ca-
minho e tanto que passa algẽ attirão lhe
ao coração ou a parte onde o matem, e não
despedem flecha q̃ não na empregẽ. Final-
mente q̃ não posto direito a ningem se não
a traição fazem a sua. As molheres traẽ
hũs paos grossos tostados com q̃ pelleião.
Estes indios não viuẽ se não pella flecha.
Seu mantimento he caça, bichos, e carne
humana. fazem fogo debaixo do chão

por não serẽ sentidos nẽ saberẽ onde dão? Muitas terras viçosas estão perdidas junto desta capitania, as quais não são possuidas dos portugeses por causa destes indios. não se pode achar remedio para os destruirẽ porq̃ não tem morada çerta nẽ saẽ nũca dantre o matto. e assi quando cuidamos q̃ vão fugindo ante quẽ os persege então ficão atras escondidos e atirão aos que passão descuidados. e desta maneira matão alguã gente. todos quãtos indios ha nesta provinçia do brasil são seus imigos e temẽnos muito porq̃ he gente attreiçoada, e aos onde os ha nenhũ morador vai a

13

sua fazenda por terra q̃ não leue q̃ui-
ze vinte escrauos comsigo de arcos e frechas.
Estes Aimorés são mui feros e cruels, nã
se pode cõ pallauras encarecer a dureza
desta gente. Não andão todos juntos.
derramã se por m^tas partes, e quando se quer-
rem ajuntar assubeião como passaros
ou como bogios demaneira q̃ hũs aos ou-
tros se entendẽ e se conhecẽ. Tambẽ
os portugeses matão algũs delles, e tem
muitos destruidos principalmẽte nesta
capitania dos ilheos e guardão se muito
delles porq̃ ja sabem suas manhas
e conhecẽ mui bem sua malicia
e treiçoẽs.....

se dão nestas partes - S. muitos melloẽs pepinos e figos de muitas castas, romããs, muitas parreiras q̃ dão humas duas tres vezes no anno, e tanto que huũas se acabão começão logo outras nouamẽte, e desta maneira nũca está o Brasil sem fruitas. De limões e laranjas há muita infinidade: dão se muito na terra estas arvores despinho e multiplicão mais q̃ as outras.....

Cap. 7. da condição e costumes dos indios da terra.....

Não se pode numerar nẽ cõprender

a multidão do barbaro gentio q̃ semeou
a natureza por toda esta terra do
Brasil porque ninguem pode pello
sertão dentro caminhar seguro nem
passar por terra onde não ache poua-
ções de indios armados contra todas
as nações humanas. E assi como são
muitos permitte deos q̃ fossem con-
trarios huns dos outros, e que ouuesse
entre elles grandes ódios e discordias
porq̃ se assi não fosse os portugeses
não poderiaõ viuer na terra nẽ
seria possiuel conquistar tamanho
poder de gente.

Auia muitos destes indios pella Costa

Junto das capitanias tudo enfim estava
cheo delles quando começarão os Portuge-
ses a pouoala terra: mas porque
os mesmos indios se leuantauão cõtra
elles, e faziam lhes muitas treições, os
gouernadores e capitães da terra destru-
irão nos pouco a pouco e matárão m~tos
delles. outros fogirão pera o sertão e
assi ficou a cõsta despouoada de gentio
ao longo das capitanias. Junto dellas
ficarão algũas aldeas destes indios que
são de paz e amigos dos Portugeses.
A lingoa deste gentio p toda pella cõsta
he huã, careçe de tres letras S. não
se acha nella F, nẽ L, nẽ R. Cousa

digna de spanto por q̃ assi não tem fé
nẽ lei, nẽ Rei, e desta maneira viuẽ
sem Justiça e desordenadamẽte...
Estes indios andaõ nús sem cobertura
alguã assi machos como femeas não
cobrẽ parte nenhũa de seu corpo estã
tem descuberto quanto a natureza lhes
deu. Viuem todos em aldeas.
Pode auer em cada hũa sete oito ca-
sas asquais saõ compridas feitas a
maneira de cordoarias: e cada hũa
dellas está cheia de gente dũa parte
e doutra. E cada hũ por si tem sua
estancia, e sua Rede armada enque
dorme. E assi estão todos hũs juntos

dos outros por ordem e pello mejo da
casa fica hũ caminho aberto pera se
seruirem.

Não ha (comodigo) antrelles nenhum
Rei nẽ Justiça, sómente em cada aldea
tem hũ principal q̃ he como capitão
aoqual obedeçẽ por Vontade e não por
força: morrendo este principal fica
seu filho no mesmo lugar, não serue
doutra cousa senão de ir com elles agerra
e conselhallos como se hão dauer na pe-
leia. Mas não castiga seus erros
nẽ manda sobrelles cousa alguã contra
sua Vontade. Este principal tẽ
tres quatro molheres, a primeira tem

em mais conta e faz della mais caso q
das outras, isto tem por estado e por
honra. Não adorão em cousa alguã
nẽ tem fera sy que ha na outra vida
gloria pera os bos e pena pera os maos
tudo cuidão que se acaba nesta e que
as almas fenecẽ com os corpos, e assy
viuẽ bestialmẽte sem ter conta nẽ
peso nem medida....

A da gerra dos indios...

Estes indios são mui bellicosos e tem
sempre grandes gerras huũ contra os
outros nũca se acha nelles paz nem
he possivel auer ambelles amizade
porque huũs nações pelleião contra

35

outras e matão se muitos delles, e assy.
Vai crecendo o ódio cada vez mais, e
ficão inimigos verdadeiros perpetuam.te.
As armas com que pelleião são arcos e
frechas, a cousa q̃ apontarẽ não na-
errão, são mui certos com esta arma
e mui temidos na guerra. Andão sempre
nella exercitados e são mui enclinados
a pelleiar, e mui vallentes e esforça-
dos contra seus aduersarios: e assy pa-
rece cousa estranha ver dous tresmil
homẽs nũs dũa parte e doutra com
grandes assubios e gritos frechando
hũs aos outros, e enquanto dura esta
pelleia nunca estão com os corpos quedos,

mencandose duã parte pera outra
com muita ligeireza pera q̃ naõ podaõ
apontar nẽ fazer tiro em pessoa certa.
Alguãs velhas custumaõ apanhar
lhes as frechas pello chaõ e seruillas
emquanto peleiaõ.
Gente he esta mui atreuida e que
teme muito pouco a morte, e quando
vaõ agerra sempre lhes parece q̃
tem certa a vitoria e que nenhũ
de sua companhia a de morrer, e
quando partem dizem vamos ma-
tar sem mais consideraçaõ, e naõ
cuidaõ q̃ tambem podem ser ven-
çidos. naõ daõ vida a nenhum

captiuo todos matarão e comẽ. Enfim
a suas gerras são mui perigosas e de-
uem se ter em muita conta: porque
huã das cousas q̃ desbaratou muitos
portugeses foi a pouca estima em que
tinhão a gerra dos indios e o pouco caso
q̃ fazão delles e assi morrerão muitos
miserauelmente por não se apercabe-
rem como conuinha, destes ouue m^tas
mortes desestradas: e isto acontece ca-
da passo nestas partes.....

Da morte q̃ dão aos captiuos

Quando estes indios tomão algũ con-
trarios se logo com aquelle impeto os

não matarão leuarão nos Viuos pera
suas aldeas Conseiro Portugeses, ou
quais quer outros indios seus imigos)
e tanto que chegarão a suas casas
lançarão hũa corda mui grossa ao pes-
coço do captiuo pera q̃ não possa
fugir, e armarão lhe hũa Rede enq̃
durma e darão lhe hũa india moça
a mais fermosa e honrrada que ha
na aldea pera q̃ durma comelle e tam-
bem tenha cuidado de o guardar, e
não vai pera parte q̃ não no acõ=
panhe. Esta india tem cargo
de lhe dar muito bem de comer e
beber: e depois de o terẽ desta ma-

37 A

neira Sinco ou Seis meses ou o tempo
q̃ querẽ determinão de o matar e fazẽ
grandes serimonias e festas aquelles dias
e aparelhão muitos Vinhos pera se em-
bebedarẽ E fazem nos da Raiz duã
herua q̃ se chama Ajpim a qual
feruem primeiro, e de pois de cozida
mastigam na huãs moças Virgens
e expremẽ na em huũs potes grãdes.
e dally a tres ou quatro dias o bebem. E
o dia que hão de matar este captiuo.
pela manhaã se alguã Ribeira está
junto da aldea leuão no abanhar nella
com grandes cantares e follias, e tanto
que chegão com elle a aldea atãõ o

pella çinta com quatro cordas cada
huã pera sua parte, E tres quatro indios
pegados em cada ponta destas, E assy
o leuão ao meyo dũ terceiro, E tirão tã-
to por estas cordas q̃ não se possa bo-
llir pera huã parte nẽ pera outra
as mãos lhe deixão soltas porque
folgão de o ver deffender cõ ellas.
Aquelle q̃ o ha de matar empenase
primeiro com penas de papagaio de
muitas côres por todo corpo: ha de
ser este matador o mais vallente
da terra e o mais honrrado. Traz na
mão hũa espada dũ pao muito du-
ro e pelado com q̃ costumão de matar

39

E chegase ao padecente dizendolhe m^tas
cousas e ameaçandolhe sua geração q̃
o mesmo á de fazer a seus parentes,
e depois de o ter affrontado com muitas
pallauras injuriosas dalhe hũa gram
pancada na cabeça e logo da primeira
lha faz em pedaços. Está hũa india
velha com hũ cabaço na mão, e assi
como elle cae acode muito de pressa
ameterlhe na cabeça pera tomar os
meolos e o sange; tudo enfim comem
e assaõ, e naõ fica delle cousa q̃ naõ
comeõ. Isto he mais por vingança
e por ódio q̃ por se fartarẽ.
E depois q̃ comẽ a carne destes contrarios

ficaõ nos ódios confirmados e sentem
muito esta iniuria. E por isso andaõ
sempre a vingar se hũs contra os outros.
E se amoça q̃ dormia com o captivo
fica prenhe, aquella criança q̃ pare
depois de criada matão na e comẽna
e dizem que aquella menina ou me-
nino era seu contrario verdadeiro
e por isso estimaõ muito comerlhe a
carne e vingar se delle. E por q̃ ainda
sabe o fim q̃ heõ de dar aesta criaõ-
ça, muitas vezes ~~acontece~~ quã-
do se sente prenhe mataõ dentro
da barriga e faz com q̃ moua: e acõte-
ce algũas vezes affeiçoarse tanto

39 154

a este captiuo e tomar lhe tanto amor q̃
foge com elle pera sua terra pello li=
urar da morte, e assy algũs portugeses
a que desta maneira escaparão, e estão
oje em dia viuos, e muitos indios q̃
do mesmo modo se saluarão, ainda que
são algũs tão bruttos q̃ não querem
fogir depois de os terẽ presos porque
ouue alguũ q̃ estaua ja no terreiro
atado pera padeçer e dauão lhe a
vida e não quis senão que o matassem
dizendo q̃ seus parentes o não terião
por valente e que todos correrião cõ
elle, e daqui vem não estimarẽ a
morte e quãdo chega aquella ora não

Don Juan
asta me
q siendo el
el brasil
cio tenien
alemania p
para vnca
quererla el
tar

a temerẽ nẽ mostrarẽ nenhuã tristeza
naquelle passo.

Finalmente q̃ são estes indios mui
desumanos e crueis não se movem
a nenhuã piedade. Viuẽ como bru-
tos animais sem ordem nẽ concerto
de homẽs. São mui desonestos e da-
dos a sensualidade e entregão se
aos vicios como se nelles não houvera
Razão de humanos: ainda que tolerão
sempre tem Resguardo os machos e
as femeas em seu ayuntamento
e mostrão ter nisto alguã vergonha.
Todos comẽ carne humana e té na

40

pella melhor iguaria de quantas pode a-
uer: Não de seus amigos com quem
elles tem paz senão dos contrarios. Tem
esta qualidade estes indios que de qualquer
cousa que comão por pequena que seja
hão de convidar com ella quantos estiue-
rem presentes, Só esta proximidade
se acha antre elles. Come de quantos
bichos se crião na terra, outro nenhum
engeitão por peçonhento q̃ seja, sõ
Aranha.

Tem estes indios machos por costume tra-
zerem o beiço furado e hũa pedra no
buraco metida por gallantaria. Outros
ha que trazẽ o Rosto todo cheo de buracos

e de pedras e assy parecem mui feos e
disformes. Isto lhes fazem quando são me-
ninos. Tambem tem por costume ar-
rancarẽ toda barba e não consentẽ nenhũ
cabello em parte alguã de seu corpo salvo
na cabeça ainda q̃ o resto della por
baixo todo arrancão. As femeas preçã
se muito de seus cabellos e trazem nos
muito e compridos e penteados e as mais
dellas enmastrados. Tambem alguũs
indios andão pintados por todo corpo
pello qual fazem hũs riscos de muitas
maneiras e põẽ lhes hũa certa tinta
e ficão sempre os mesmos Riscos escritos
na carne. Isto não trazem senão quem

41

tem feito alguã Vallentia. Lassy tãbem
machos como femeas cusumão a tingirse
com o sumo dũa fruita q̃ se chama geni-
páfo que he verde quando se pisa e de-
pois q̃ o poem no corpo e se enxuga fica
mui negro e por muito q̃ se laue não se
tira senão aos noue dias: isto tudo faẽ
por gallantaria.

Estas indias guardão castidade a seus ma-
ridos e são muito suas amigas porque
tambem elles sofrem mal adulterios.

Casão os mais delles com suas sobrinhas
filhas de seus irmãos ou irmãs, estas
são suas molheres verdadeiras e não lhes
podem negar seus pais.—

Algũas indias se achão nestas partes que juraõ
e prometem castidade e assy naõ casaõ
nẽ conheçẽ homẽ algũ de nenhũa qualidade
nẽ no consentiraõ ainda q̃ por isso
as matem. Estas deixaõ todo o exercicio
de molheres e imittaõ os homẽs e seguẽ
seus officios como se naõ fossem molheres
e cortaõ seus cabellos da mesma maneira
q̃ os machos trazem e vaõ agerrados
seu arco e frechas e caça em fim que
andaõ sempre na companhia dos homẽs
e cada hũa tem molher q̃ as serve e q̃
lhe faz de comer como se fossẽ casados.

Estes indios viuẽ mui descansados, naõ tẽ

cuidado de cousa alguã senão de comer
e beber e de matar gente e por isso são
mui gordos em estremo e assy tãbem com
qualquer desgosto amagreçã muito e como
se agastão de qualquer cousa comẽ terra
e desta maneira morrẽ muitos delles besti=
almente. — Todos segem muito o con=
selho das velhas, tudo o que ellas lhe
dizem fazem e tem no por mui çerto.
daqui vem a muitos moradores não cõ=
prarẽ nenhuãs velhas por lhes não
fazerem fazer seus escravos.
Quando estas Indias parem a primeira
cousa q̃ fazem de fois do parto lavão
se todas nũ Ribeiro e ficão tãbem desfastas

como se não pariraõ, em lugar delles se deitaõ
seus maridos nas Redes e assy os visitaõ
e curaõ como se elles fossem as paridas.

Quando algũ destes Indios morre custumaõ
enterralo assentado sobre os pées com sua
Rede as costas em que elle dormia e logo pel-
los primeiros dias poem lhe de comer em
cima da cova, e totalmente cuidaõ que
come e que dorme na Rede q̃ tem cõsigo
na mesma cova. Outras muitas bes-
tialidades usaõ estes indios q̃ aqui naõ
escreuo porq̃ minha tençaõ foi naõ ser
comprido neste summario e passar por
tudo isto com breuidade. — — — —

43
~~46~~

Dos Resgates....

Esses indios não possuẽ nenhuã fazenda nẽ procurão acquirilla como os outros homẽs, Sómente cobição muito alguãs cousas q̃ vão deste Reino - S. camisas, Bellotes, ferramentas e outras cousas q̃ elles tem em muita estima e deseião muito alcansar dos Portugeses. A troco disto se vendião hũs aos outros, e os Portugeses Resgatauão muitos delles e saltearão quantos querião sem ninguem lhes hir amão, mas Jagora não ha isto na terra nẽ Resgates como seja por q̃ de pois q̃ os padres da companhia vierão a estas partes procurarão neste negocio e vedarão

muitos saltos que faziaõ os portugeses por
esta costa os quais encarregauão muito suas
consciencias com captiuarẽ muitos Indios
contra direito e mouerẽ lhes gerras injustas,
e por isso ordenárão os padres e fezerão cõ
os capitães da terra q̃ não houesse mais
Resgates nẽ consentissem que fosse ne
nhũ portuges a suas aldeas sem licença
do mesmo capitão, e quantos escrauos ago
ra vem nouamẽte do sertão ou das outras
capitanias todos hauião primeiro a al
fandega e alli os examinão e lhes faze
pregunta que os vendeo ou como forão
resgatados, porque ninguẽ os pode vender
senão seus paies ou aquelles q̃ é justa

gerra os captiuão. E os que achão mal
acqueridos Joem nos em sua liberdade, e
desta maneira quantos Indios se compraõ
saõ bem Resgatados e os moradores da terra
naõ deixão por isso dir muito auante
com suas fazendas.....

Cap. 8. dos Bichos da terra...

Ha nestas partes muitos bichos muiferos
e pesonhentos, principalmente Cobras
de muitas castas e de nomes diuersos. —
huas ha taõ grandes e taõ disformes q̃
engollem hũ Veado todo inteiro, e af-
firmão q̃ tem esta cobra tal qualidade

SEGUNDA VERSÃO MANUSCRITA

que ha no Brasil he esta capitania dos
ilheos.....

Cap. 5.º dũa nascaõ de gentio q̃ se acha nesta capitania.....

Pellas terras desta capitania ate junto do Spiro sancto, se acha hũa certa nasçaõ de gentio que veo do çertaõ ha sinco ou seis annos, e dizem q̃ outros indios contrarios destes, vieraõ sobrelles a suas terras e os destruiraõ todos e os que fogiraõ saõ estes q̃ andaõ pella costa. Chamã se Aymores, a lingoa delles he differente dos outros indios, ninguẽ os entende, saõ delles tam altos e taõ largos do corpo q̃

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

quasi parecẽ gigantes. Saõ mui alros
naõ tem parecer dos outros indios da terra
nẽ tem casas nẽ pouoações onde morẽ,
Viuẽ antre os matos como brutos animais:
saõ mui forçosos em estremo, trazem
huũs arcos mui compridos e grossos con-
forme a suas forças e as frechas da
mesma maneira. Estes indios tem
feito muito dãno aos moradores de pois
que vierão aesta costa e mortos algũs
portugeses e escrauos porq̃ saõ imi-
gos de toda gente. Naõ pelleijão
em campo nẽ tem animo pera isso,
poẽ se antre o mato junto dalgũ cami-
nho e tanto q̃ passa algem attiraõlhe
ao coraçaõ ou a parte onde o matem

e não despedem frecha que não na em=
pregem. finalmente que não tem rosto
direito aninge Senão a treição fazem
a Sua. As molheres trazem hũs paos
tostados comque pelleião. Estes indios não
viuem Senão pella frecha, seu mantimẽto
he caça bichos e carne humana
fazem fogo debaixo do chão pornão serẽ
sentidos nẽ saberem onde andão. Mui=
tas terras viçosas estão perdidas junto
desta capitania, as quais não são pos=
suidas dos Portugeses por causa destes
indios. Não se pode achar Remedio pe=
ra os destruirem porq̃ não tem morada
certa, nem saem nunca dantre o matto:
E assi quando cuidamos q̃ vão fogindo

ante que os persege então ficam atraz es-
condidos e atirão aos que passão descuida-
dos, Desta maneira matão alguã gente.
todos quantos indios ha no brasil são se-
us imigos e temenos muito porque he
gente atreiçoada. E assi onde os ha ne-
nhũ morador vai a sua fazenda por
terra q̃ não leve quinze vinte escravos
consigo de arcos e flechas. Estes Aymores
são mui feros e crueis, não se pode cõ
pallavras encareçer a dureza desta gẽte.
Não andão todos juntos, derramamse
por muitas partes, e quando se querem
ajuntar assubiã como passaros ou co-
mo bogios demaneira que hũs aos outros
se entendem e se conheçe. Tambem

os portugeses matão alguũ delles, e tem muitos destruidos, principalmente nesta capitania dos ilheos, e guardão se muito delles por que ja sabem suas manhas e conheçẽ muibem sua mallicia.....

Cap. 6. da capitania de Porto Seguro.....

A capitania de Porto seguro está trinta leguas dos ilheos em dezaseis graos e meio. He do Duque daveiro, na qual tem posto capitão de sua mão. Tem tres povoaçoẽs a principal he Porto Seguro que está junto do porto onde os navios entrão. outra está dahi huã legoa q̃ se chama Sancto amaro

tem antre si em mais estima e as melhores da terra. Algũas fruitas deste Reino se dão nestas partes -S- muitos melloẽs, pepinos e figos de muitas castas. Romãs m^tas parreiras que dão humas duas tres vezes no anno e tanto que huãs se acabão, começão logo outras nouamẽte, e desta maneira nũca esta o brasil sem fruitas. De limoẽs e laranjas ha muita infinidade: dão se muito na terra estas arvores de espinho e multiplicão mais que as outras.~.~.~.~.

Cap. 9. da condição e costumes dos indios da terra.~.~.~.

Não se pode numerar nem compre=

der a multidão do barbaro gentio que
semeou a natureza por toda esta terra
do brasil porque ningem pode pello
sertão dentro caminhar seguro, ne passar
por terra onde não ache povoações de
indios armados contra todas as nações
humanas, e assi como são muitos per-
mittio Deos que fossem contrarios
hũs dos outros, e que ouuesse antrelles
grandes odios e discordias porque se assy
não ~~fosse~~ fosse os portugeses não poderia
viuer na terra nem seria possiuel
conquistar tamanho poder de gente,
Auia muitos destes indios pella costa
junto das capitanias, todo enfim esta-
ua cheo delles quando começarão os

Portugeses a pouoalla terra, mas porq̃ os
mesmos indios se alleuãotauão contra elles
e fazião lhes muitas treições, os gouerna-
dores e capitães da terra destruirão nos
pouco a pouco e matarão muitos delles,
outros fogirão pera o sertão, e assy
ficou a costa despouoada de gentio ao lon-
go das capitanias. Dentro dellas ficarão
alguãs aldeas destes indios que são de
paz e amigos dos portugeses.
A lingoa deste gentio toda pella costa
he huã: careça de tres letras - S - não
se acha nella F, nem L, nẽ R, cou-
sa digna despanto, porq̃ assy não tem
fe nẽ lej, nẽ Rei e desta maneira
viuẽ sem Justiça e desordenadamte.

Estes indios andão nũs sem cobertura
alguã assi machos como femeas não cobrẽ
parte nenhũ de seu corpo E trazem descu-
berto quanto a natureza lhes deu. Viuẽ
todos em aldeas, pode auer em cada huã
sete oito casas, as quais são compridas.
feitas a maneira de cordoarias E cada huã
dellas está chea de gente d'uã parte E
doutra, E cada hũ por si tem sua
estançia e sua Rede armada em que
dorme E assi estão todos hũs junto
dos outros por ordem, E pello meio da
casa fica hũ caminho aberto pera
se seruire. Não ha comodigo an-
treelles nenhũ Rei nẽ Justiça somẽte
em cada aldea tem hũ principal q̃ he

como capitão aoqual obedeçe por vonta=
de e não por força, morrendo este prin=
çipal fica seu filho no mesmo lugar
não serue doutra cousa senão dir cõ
elles a gerra e conselhallas como se hão
dauer na pelleja, mas não castiga seus
erros nẽ manda sobrelles cousa alguã
contra sua vontade. Este principal
tem tres quatro molheres, a primeira tẽ
em mais conta, e faz della mais caso
que das outras, isto tem por estado e
por honrra. Não adorão em cousa
alguã nẽ tem pera si que ha na
outra vida gloria pera os bõs, e pena
pera os maos, tudo cuidão que se a=
caba nesta e que as almas feneçem

com os corpos, e assi viuem bestialmẽte
sem ter conta nẽ pezo, nẽ medida.

Estes indios são mui bellicosos e tem sem-
pre grandes gerras huũs contra os outros
nunca se acha nelles paz nẽ he possivel
auer antrelles amizade porque huũas
nasçoẽs pellejaõ contra outras e mataõse
muitos delles, e assi vaj crecendo o odio
cada vez mais e ficaõ imigos verdadeiros
perpetuamente. As armas com que
pellejaõ saõ arcos e frechas a cousa que
apontarẽ naõ na erraõ, saõ mui cer-
tos com esta arma e mui temidos na ger-
ra, andaõ sempre nella exercitados.
e saõ mui inclinados a pellejar e muj

Vallentes e esforçados contra seus aduersa=
rios, e assi parece cousa estranha ver dous
tres mil homẽs nus dũa parte e doutra cõ
grandes assubios e grita frechando hũs
aos outros, e enquanto dura esta pelleja
nũca estão com os corpos quedos menea=
dose dũa parte pera outra com muita
ligeireza pera que não possão apontar
nẽ fazer tiro em pessoa certa algũas
velhas custumão apanharlhes as fre=
chas pello chão e seruillos emquanto
pellejão. Gente he esta mui atreui=
dã e que teme muito pouco a morte, e
quando vão agerra sempre lhes parece
que tem certa a victoria e que nenhũ
de sua companhia ha de morrer, e quãdo

parten dizem vamos matar sem mais consi=
deração & não cuidão que tão bem podem ser
vençidos. Não dão vida a nenhũ catiuo
todos matão e comẽ, emfim que suas gerras
são mui perigosas, & deue se ter em muita
conta porque huã das cousas que desbara=
tou muitos portugeses foi a pouca estima
em q̃ tinhão a gerra dos indios & o pouco
caso que fazião delles & assy morrerão tos
miseraueelmente por não se aperçeberẽ
como comuinha, destes ouue muitas mor=
tes desestradas: & isto acontece cada paço
nestas partes.

Quando estes indios tomão algũs contrarios
sellogo com aquelle impito os não matão
leuão nos viuos para suas aldeas (ou

seiaõ portugeses ou quaisquer outros indios
seus imigos) E tanto que chegaõ a suas ca-
sas lançaõ huã corda muj grossa ao pes-
coço do catiuo pera que naõ possa fogir,
E armaõ lhe huã Rede em que durma E daõ
lhe huã india moça a mais fermosa E
honrrada que ha naldea pera q̃ durma
com elle, E tambem tenha cuidado de
o guardar, E naõ vaj pera parte que
naõ no acompanhe. Esta india tem cargo
de lhe dar muito bem de comer e beber, E
de pois de oterẽ desta maneira sinco ou
seis meses ou o tempo que querẽ determi-
naõ de o matar, E fazem grandes seri-
monias e festas aquelles dias E apare-
lhaõ muitos vinhos pera se embeeda-

rem E fasemnos da Raiz dũa herua q̃ se
chama aipim, a qual ferũe primeiro E
depois de cozida mastigaõ na huãs moças
Virgens, E espremem na nũs potes grã-
des E dalli a tres ou quatro dias o bebem. E
o dia que haõ de matar este catiuo pella
manhãa se alguã Ribeira está junto
daldea leuaõ no abanhar nella com grã-
des cantares e follias, e tanto q̃ chegam
com elle a aldea, attamno pella cinta com
quatro cordas cada hũa pera sua parte
E tres quatro indios pegados em cada ponta
destas e assi o leuaõ ao meyo dũ terreiro
e tiraõ tanto por estas cordas que não se
possa bollir pera hũa parte nẽ pera ou-
tra, as maõs lhe deixaõ soltas porque

folgam de o ver defender com ellas. Aquelle que o ha de matar emplena se primeiro com penas de papagayo de muitas cores por todo corpo: ha de ser este matador o mais vallente da terra e o mais honrado. Tras na mão hũa espada dũ pao mui duro e pesado com que cushumão de matar, e chegase ao padecẽte dizẽdo lhe muitas cousas e ameaçandolhe sua geração que o mesmo ha de fazer a seus parentes, e depois de o ter afrontado com muitas pallauras injuriosas dalhe hũa grãm pancada na cabeça e logo da primeira o mata e lha fazẽ pedaços. Está hũa india velha cõ hũ cabaço na mão, e assi como elle

cae a code muito de presa com elle a me-
terlho na cabeça pera tomar os meollos
e o sangue: tudo emfim cozem e assaõ e
não fica delle cousa que naõ comaõ. Isto
he mais por vingança e por ódio que
por se fartarẽ. Depois que comẽ a carne
destes contrarios ficam nos ódios confirma-
dos, e sentem muito esta injuria, e por
isso andaõ sempre a vingar se huns con-
tra os outros. E se amoca que dormia
com o catiuo fica prenhe aquella crian-
ça que pare depois de criada, matão
na e comẽ na e dizem que aquella me-
nina ou menino era seu contrario
verdadeiro, e por isso estimão muito
comerlhe a carne e vingar se delle. E

porque a mãy sabe o fim que hão de dar
a esta criança, muitas vezes quando se
sente prenhe matta dentro da barriga,
e fas conque moua. E acontece algũas
vezes affeiçoar se tanto a este catiuo e
tomar lhe tanto amor que foge com
elle pera sua terra pello liurar da
morte, E assy algũs portugeses ha que
desta maneira escaparão e estão oje e
dia viuos, E muitos indios que do mes=
mo modo se saluarão, ainda que são
algũs tão brutos que não querem fogir
depois de os terem presos: porque ouue
algũ que estaua sa no terreyro atado
pera padeçer E dauão lhe a vida e não
quis senão que o matassem, dizendo que

seus parentes o não terião por vallente
e que todos correrião comelle e daqui vem.
não estimarẽ a morte, e quando chega a
quella ora não na terem em conta nẽ
mostrarẽ nenhũa tristeza naquelle passo.
Finalmente q̃ são estes indios mui des=
humanos e crueis, não se moue a nenhũa
piedade: viuem como brutos animais sẽ
ordem nẽ concerto de homẽs são mui des=
onestos e dados a sensuallidade e entrega=
se aos vicos como se nelles não ouuera
rezão de humanos, ainda que todauia
sempre tem resguardo os machos e as
femeas em seu ajuntamento e mostrã
ter nisto alguã vergonha. Todos comẽ
carne humana e tem na pella milhor.

iguaria de quantas pode auer: não de
seus amigos comquem elles tem paz
se não dos contrarios. Tem esta callida-
de estes indios que de qualquer cousa
que comão por pequena que seja hão
de comidar com ella quantos estiuerẽ
presentes, so esta proximidade se acha
antrelles. Comẽ de quantos bichos se cri-
ão na terra, outro nenhũ engeitão por
pesonhento que seja somente aranha.

Tem estes indios machos por custume arra-
carem toda barba e não consentẽ nenhũ
cabello em parte alguã de seu corpo, sal-
uo na cabeça, ainda que orre dor della
por baixo tudo arrancão. As femeas

presão se muito de seus cabellos e trazem
nos muito compridos e penteados e as
mais dellas emmastrados. Os machos costu-
mão trazere o beiço furado e hũa pe-
dra no buraco metida por gallantaria
outros ha que trazem o Rosto todo cheo
de buracos e assi parecẽ mui feos e
disformes: isto lhes fazem quando são
meninos. Tambem algũs indios andão
pintados por todo corpo, pello qual fazẽ
hũs Riscos de muitas maneiras e poẽ-
lhes hũa certa tinta e ficam sempre
os mesmos Riscos escritos na carne: isto
não traz se não quẽ tem feito alguã va-
lentia. E assi tambem machos como
femeas costumão a tingir se cõ o sumo

duã fruita que se chama genipapo que he
verde quando se piza e depois que o põe
no corpo e se inxuga fica mui negro
e por muito que se laue não se tira
se não aos noue dias, isto tudo faze
por gallantaria.
Estas indias guardão castidade a seus
maridos e são muito suas amigas por-
que tambem elles sofrem mal adulterios.
Casão os mais delles com suas sobrinhas
filhas de seus irmãos ou irmãas, estas
são suas molheres verdadeiras e não
lhas podem negar seus pais.
Algũas indias se achã nestas partes q̃
furão e prometem castidade, e assi
não casão nẽ conhece homẽ algum

de nenhuã callidade, nẽ no consentirão
ainda que por isso as matem. Estas dei-
xão todo o exercicio de molheres e immi-
tão os homẽs e segem seus officios como
senão fossem molheres, e cortão seus cabellos
da mesma maneira que os machos trazem
e vão agerra com seu arco e frechas, e
acaça: enfim que andão sempre na
companhia dos homẽs, e cada hũa tem
molher que a serue e que lhe faz de
comer como se fossẽ casados.
Estes indios viuem mui descansados, não
tem cuidado de cousa alguã se não
de comer e beber e matar gente e por-
isso são mui gordos em estremo. Assi
tambem com quer desgosto amagreçe

muito, e como se agastão de qualquer cou-
sa comẽ terra e desta maneira morrẽ
muitos delles bestialmente. Todos segẽ
muito o conselho das velhas, tudo o
que ellas lhe dizem fazem e tẽno por
mui çerto, daqui vem a muitos mora-
dores não comprarẽ nenhũas porlhes
não fazerẽ fogir seus escravos.
Quando estas indias parem a primeira
cousa que fazem depois do parto lavão se
todas nũ Ribeiro e ficam tambem desposs-
tas como se não parirão, em lugar del-
las se deitão seus maridos nas Redes,
e assy os vesitão e curão como se elles
fossem as paridas.
Quando algũ destes indios morre cus-

humão enterrado nũa coua assentado sobre os pees com sua Rede as costas emquelle dormia, e logo pellos primeiros dias poem lhe de comer em cima da coua. Outras muitas bestiallidades vsão estes indios que aqui não escreuo porque minha tenção foi não ser comprido, e passar por tudo isto com breuidade.

Dos Resgates.----

Estes indios não possuẽ nenhũa fazenda, nẽ procurão acquerilla como os outros hamẽs, somente cobição muito alguãs cousas que vão deste Reino -S- Camisas, pellotes, ferramẽtas e outras cousas que elles tem em muita estima e desejão muito alcãçar dos Portugeses. A troco disto se vẽdião

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

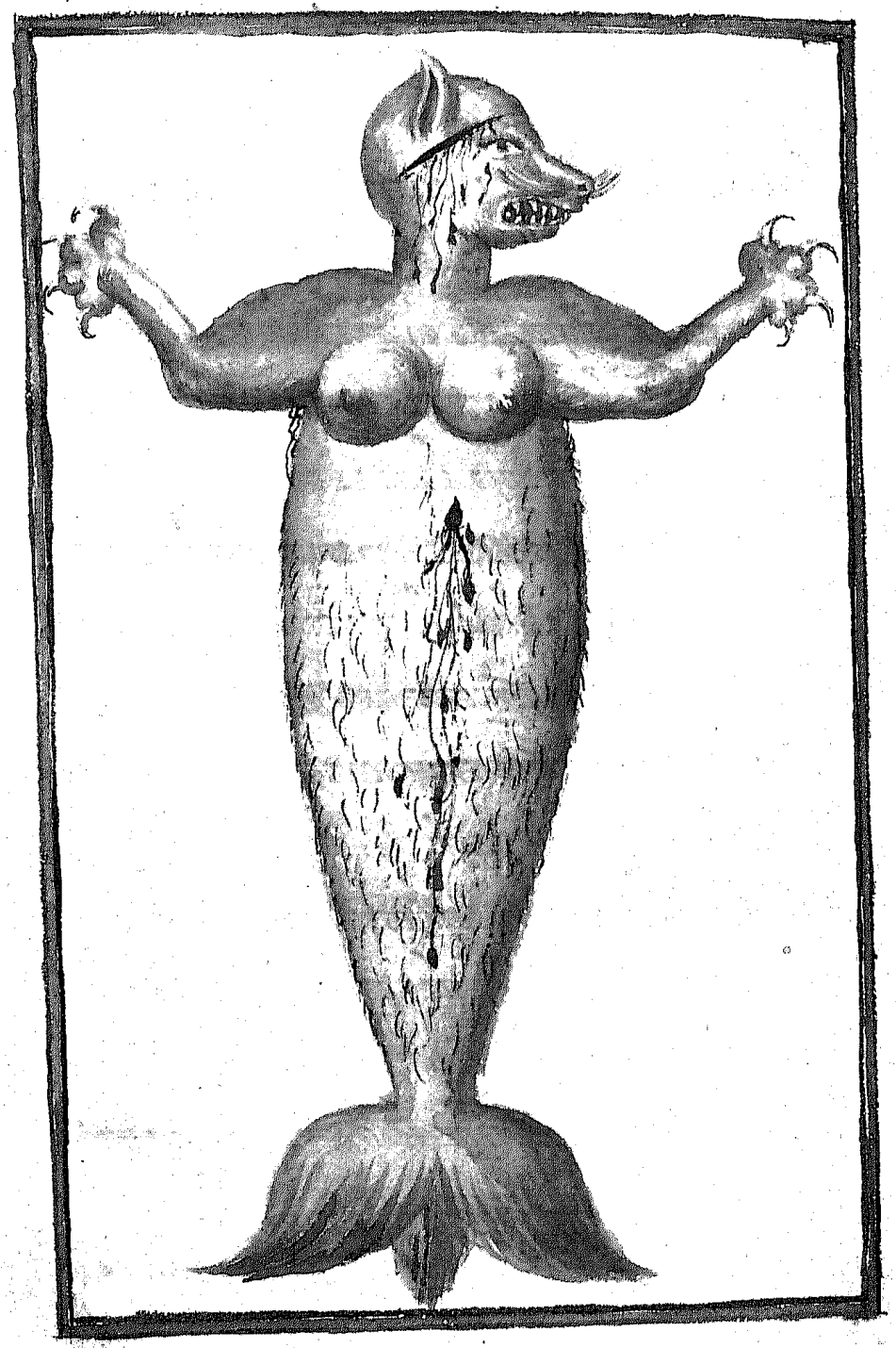
hũs aos outros, e os portugeses Resgatauão m.tos
delles e salteauão quantos querião sem
ningem lhes ir a mão, mas ja gora não
ha isto na terra nẽ Resgates como sera,
porque de pois que os padres da compa-
nhia vierão a estas partes prouerão
neste negocio e vedarão muitos saltos
que fazião os portugeses por esta Costa
os quais emcarregauão muito suas consci-
encias com cativare muitos indios cõtra
direito e mouerẽ lhes gerras injustas:
E por isso ordenarão os padres e fezerã
com os capitães da terra que não ouuesse
mais resgates nẽ consentisse que fosse
nenhũ portuges a suas aldeas sem
licença do mesmo capitão. E quantos

escrauos agora vem nouamente do Sertão
ou das outras Capitanias todos leuão primei-
ro a Alfandega e alli os examinão e lhes
fazem preguntas que os vendeo, ou como
forão Resgatados, porque ningem os pode
vender se não seus pais ou aquelles que
em justa gerra os Catiuão, e os que a-
chão mal acqueridos poem nos em sua
liberdade, e desta maneira quantos indios
se comprão são bem Resgatados e os mora-
dores da terra não deixão por isso dir m̃
auante com suas fazendas.....

Cap. 8. dos bichos da terra....

Não me pareço cousa fora de preposito

TERCEIRA VERSÃO MANUSCRITA



Cap. ix. em que se dá noticia da gente que ha nesta prouincia, da condição & costumes della, & de como se gouernão na paz.

Aqui tratamos da terra, e das cousas que nella foraõ criadas pera o homem, razaõ parece que demos aqui noticia dos naturaes della: e qual posto que não seja de todos em geral, sera especialmente daquelles que habitaõ pela costa, e em partes pelo sertaõ dentro muitas legoas com que temos comunicaçaõ. Os quaes ainda que estejaõ diuisos, e aja entre elles diuersos nomes de nações, todauia na semellança, condiçaõ, costumes, e ritos gentilicos, todos saõ huũs, e se nalguũa manera differem nesta parte, he tam pouco, que se naõ pode fazer caso disso, nem particularizar cousas semellantes entre outras mais

notaueis que todos geralmente seguem, como logo adiante direy.

Estes Indios, são de cor baça e cabello corredio: tem o rosto amassado, e alguas feições delle a maneira de Chins. Pela mayor parte são bem desposlos, rijos e de boa estatura: gente muy esforçada e q̃ estima pouco morrer, temeraria na guerra, e de muito pouca consideração. Saõ desagradecidos em gram maneira, e muy dados á sensualidade: inclinados a pelejar, e vingatiuos por extremo. Viuem todos muy descansados sem terem outros pensamentos, senão de comer, beber, e matar gente: e por isso engordão muito. Mas com qualquer desgosto pelo conseguinte tornão a amagrecer. E muitas vezes pode nelles tanto a imaginação, que se algum deseja a morte, ou alguem lhe mete em cabeça, que ha de morrer tal dia ou tal noite, não passa daquelle termo que não morra.

Saõ muy inconstantes e mudaueis: crem de ligeiro tudo aquillo que lhes persuadem por difficultoso e impossiuel que seja: e com qualquer dissuasão, facilmente o tornão logo a negar.

A lingua de que vsão, toda pela costa he huã, ainda que em certos vocabulos differe nalguas partes, mas não de maneira que se deixem huns aos outros de entender: e isto a te altura de 27. graos, que dali por diante, ha outra gentilidade de q̃ nós não temos tanta noticia, que falão ja outra lingua differente. Esta de que trato que he geral pela costa, he muy branda, e a qualquer nação facil de tomar. Alguns vocabulos ha nella de que não vsão senão as femeas, e outros que não seruem senão pera os machos. Carece ~~se~~ de tres letras, conuem a saber, não se acha nella f, nem l, nem r, cousa digna d'espanto, por que assi não tem fee, nẽ ley, nem rey: e desta maneira viuem desordena-

damente, sem terem alem disso conta, nem peso, nem medida.

Não adorão a cousa alguã, nem tem pera si que da depois da morte gloria pera os bons e pena pera os maos: e o que sentem da immortalidade da alma, não se mais que terem pera si que seus diffuntos andão na outra vida feridos, despedaçados, ou de qualquer maneira que acabaram nesta. E quando algum morre, costumão enterralo em huã coua assentado sobre os pees com sua Rede ás costas que em vida lhe seruia de cama. E logo pelos primeiros dias, poem lhe seus parentes de comer em cima da coua, e tambem alguns lhe costumão a meter dentro quando o enterrão, e totalmente cuidão que come, e que repousa na Rede que tem consigo na mesma coua.

Esta gente não tem Rei nem hũ Rei, nem outro gouerno de justiça, senão hum principal em cada aldea, que he como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força. Quando este morre fica seu filho no mesmo lugar, e não seruem doutra cousa senão d'ir com elles á guerra, e aconselhalos como se hão diauer na peleja: mas não castiga seus erros nem manda sobre elles cousa alguã contra suas vontades. E assi a guerra que agora tem hũs contra os outros, não se leuantou na terra por serem differentes em leis nem em costumes nem por cobiça alguã de interesse: mas porque antiguamente se algum acertaua de matar outro (como elles sejão vingatiuos e viuão como digo absolutamente sem terem superior algum a que obedecão nem temão) os parentes do morto, se conjurauão contra o matador e sua geração, e se perseguião com tam mortal odio hũs aos outros, que da qui nace diuidirem-se em diuersos bandos, e ficarem immigos perpetuamente da maneira que agora estão. E porq

estas dissensões não fossem tanto por diante, determinaram a tallar a isto, usando do remedio seguinte pera por esta via se poderem melhor conseruar na paz e fazerem mais fortes contra seus immigos. E he que quando o tal caso acontece de hum matar a outro, os mesmos parentes do matador, fazem justiça delle, e logo ali á vista de todos o affogam. E com isto os da parte do morto ficão satisfeitos, e hũs e outros permanecem em suas amizades como dantes. Porem como esta ley seja voluntaria, e executada sem rigor nem obrigação de justiça alguã, não querem ainda algũs estar por ella, e daqui vem logo pelo mesmo caso, diuidirensi e leuantarense de parte a parte hũs contra os outros como ja disse: ainda que isto acontece ja raramente, porq os mais delles por euitar estas differenças, vsão desta ley que digo.

As pouoações destes Indios são aldeas, e cada hũa dellas tem sete oito casas: as quaes são compeidas feitas á maneira de cordoarias ou tarracenas, fabricadas sómente de madeira, e cubertas com palma ou com outras herbas do mato semelhantes. Estão todas cheas de gente de hũa parte e doutra, e cada hum por si tem sua estancia e sua rede armada em que dorme: e assi estão hũs junto dos outros por ordem, e pelo meyo da casa fica hum caminho aberto por onde todos se seruem como dormitorio ou corpo de galee. Em cada casa destas, viuem todos muito conformes, sem auer nunqua entre elles nenhũas differenças. Antes são tam amigos hũs dos outros, que o que he de hum, he de todos, e sem pec de qualquer cousa que hum coma por pequena que seja, todos os circunstantes são de participar della. E Quando alguem os vay visitar a suas

aldeas, depois que se assenta, costumão chegarese
delle alguãs moças escabelladas, e recebẽno
com grande pranto, derramando muitas lagri-
mas, preguntandolhe (se he seu natural) onde
andou, que trabalhos foram os que passou depo-
is que dahi se foy: trazendolhe a memoria mui-
tos desastres que lhe poderam acontecer: bus-
cando enfim peza isto, as mais tristes e senti-
das palauras que podem achar peza provoca-
rem acores. E se he Portugues, maldi-
zem a pouca dita de seus diffunctos, pois forão
tam malafortunados, que não alcançaram ver
gente tam valerosa e luzida como são os Por-
tugueses, de cuja teza todas as boas cousas lhes
vem nomeando alguãs que elles tem em muita
estima. E este recebimento que digo,
he tam vsado entre elles, que nunqua ou de-
maz a uilha, deixão de o fazer, salvo quando
reinão alguã malicia contra os que os vão vi-
sitar, e lhes querem fazer alguã treição.

As inuenções e galantarias de que vsão, são
trazerem alguns o beiço debaixo furado, e hũa pe-
dra comprida metida no buraco. Outros ha q̃
trazem o rosto todo cheo de buracos e de pedras,
e assi parecem muy feos e disformes: e isto lhes
fazem emquanto são meninos. Tambem costu-
mão todos arrancarem a barba, e não consenti-
rem nenhum cabello em parte alguã de seu
corpo: salvo na cabeça, ainda que o rezedor del-
la por baixo tudo arrancão. As femeas prezão-
se muito de seus cabellos, e trazem nos muy
limpos e penteados, e as mais dellas ennastrados.
E assi tambem machos como femeas, costumão
tingirse alguãs vezes com o çumo de hum pomo
que chamão Genipapo, que he vezado quando
se pisa, e depois que o poem no corpo e se enxuga,

fica muy negro, e por muito que se laui, não se tira senão aos noue dias.

As mollheres com que costumão casar, são suas sobrinhas filhas de seus irmãos, ou irmãas: estas tem por legitimas e verdadeiras mollheres, e não lhas podem negar seus pays, nem outra pessoa alguã pode casar com ellas, senão os tios. Não fazem nenhuãs cerimonias em seus casamentos, nem vsão de mais neste acto, qui de huar cada hum sua mollher peza sy como che-ga a huã certa idade porque espera: qui será pouco mais ou menos então de quatorze ou quinze annos. Algũs delles, tem tres quatro mollheres, a primeira tem em muita estima, e fazem della mais caso que das outras. E isto pela mor parte se acha nos principaes, qui ote por estado e por honra, e prezão se muito de se differençarem nisto dos outros.

Alguãs Indias ha tambem entre elles, que determinão de ser castas, as quaes não conhecem homem algum de nenhuã qualidade nem o consentiram ainda que por isso as matem. Estas Indias deixão todo o exercicio de mollheres, e imittão aos homẽs e seguem seus officios como se não fosse femeas. Trazem os cabellos cortados da mesma maneira que os machos, e vão agueza com seus arcos e frechas e á caça pesenzeando se-pre na companhia dos homẽs: e cada huã tem mo-lher que a serui com qui diz que he casada, e assi se comunicão e conuersão como marido e mollher.

Todas as outras quando paeem, a primeira cousa que fazem depois do parto, lauão se todas em huã ribeira, e ficam tam bem despostas como se não pariram. Em lugar dellas se deitão seus maridos nas redes, e assi os visitão

e curão, como se elles fossem as mesmas paridas.
E isto nace de ellas terem em muita conta a seus
maridos, e desejarem em extremo depois que
parem delles de em tudo lhes compraazer.
Todos crião seus filhos viciosamente sem nenhuũ
maneira de castigo, e mamão ate idade de seis oito
annos, se as mãys te então não acertão de parir
outros que os tirem das vezes. Não ha entre elles
nenhuãs boas artes a que se dem, nem se occupão
noutro exercicio, senão em grangear com seus
pays o que são de comer: debaixo de cujo amparo
estão agasalhados, ate que cada hum por si, se
capaz de buscar sua vida, sem mais esperar
herranças delles nem legitimas de que enriqueção.
Somente lhes pagão com aquella criação em que
a natureza for viuecesal a todos os outros animaes,
que participão de razão. Mas a vida que
buscão, e grangearia de que todos viuem, se
á custa de pouco trabalho, e muito mais descansa=
da que a nossa: porque não possuem nenhuũ faze=
da, nem procuram acquirila como os outros ho=
mens. E assi viuem liures de toda cobiça e de=
sejo desordenado de riquezas, de que as outras
nações não carecem: e tanto, que ouro nem prata
nem pedras preciosas, tem entre elles nenhuũa va=
lia, nem para seu uso tem necessidade de nenhuũa
cousa destas, nem doutras semelhantes. Todos andão
nús e descalços assi machos como femeas, e não
cobrem parte alguũa de seu corpo. As camas em q̃
dormem, são huãs redes de fio d'algodão, que as
Indias tecem em hum tear feito a sua arte: asqua=
es tem nove dez palmos de comprido, e a pantã=
nas em hũs cordeis que lhe rematão nos cabos.
em que lhes fazem huãs ascellas de cada banda por
onde as pendurão de huũa parte e doutra: e assi
ficam dous palmos pouco mais ou menos sus pe=

didas do chão, demaneira que lhe possão fazer fogo debaixo pera se aquentarem de noite ou quando lhes for necessario. Os mantimentos que plantão em suas Roças com que se sustentão, são aquelles de que atras fiz menção, conuem a saber, mandioca e milho zaburro. Alem disto, ajudansi da carne de muitos animaes, que matão, assi com frechas, como por industria de seus laços e fojos onde costumão caçar a mayor parti delles. Tambem se sustentão do muito marisco, e peixes q̃ vão pescar pela costa em jangadas, que são huũs tres ou quatro paos pegados nos outros, e juntos de modo, que ficão á maneira dos dedos de huã mão estendida: sobre os quaes podem ir duas outras pessoas, ou mais se mais forem os paos, porque são muy leves, e soffrem muito peso e cima d'agoa. Tem quatorze ou quinze palmos de comprido, e de grossura ozzedor, occupaõ

dous pouco mais ou menos.

Desta maneira viuem todos estes Indios sem mais terem outras fazendas entre sy, nem grangearias em que se desuelem: nem tam pouco estados nem opinioens de honra, nem pompas pera que as ajão mister: porque todos, como digo, são iguas, e em tudo tam conformes nas condições, que ainda nesta parti viuem justamẽti e conformi á Ley de natureza.

Cap. x. das guerras que tem hũs contra os outros, & a maneira de como se hão nellas.

Estes Indios, tem sempre grandes guerras hũs contra os outros: e assi nunqua se acha nelles paz, nem seria possivel (segundo são vingativos e odiosos) vedarem se entre elles estas discordias por outra nenhũa via, se não for por meyos da doctrina Christãa, com q os Padres da companhia pouco a pouco os vam amansando, como adiante direy. As armas cõ que pelejão, são arcos e frechas: nas quaes andão tam exercitados, que demarauilha erão a cousa que apontem por difficil que seja d'acertar. E no dispidir dellas são muy ligeiros em extremo: e sobre tudo muy arriscados nos perigos, e atreuidos em gram maneira contra seus aduersarios. Quando vão á guerra, sempre lhes parece que tẽ certa a victoria, e que nenhũ de sua companhia ha de morrer: e assi em partindo, dizem vamos matar sem mais outro discurso nem consideração, e não cuidão que tambem podem ser vencidos. E somente com esta sede de vingança sem esperanças de despojos, nem doutro algum interesse que aisso os moua, vão muitas vezes a buscar seus inmigos muy longe caminhando por serras, matos, desertos, e caminhos muy ásperos. Outros costumão ir por mar de hũas terras para outras em hũas embarcações a que chamão canoas quando querem fazer alguns saltos ao longo da costa. Estas canoas são feitas á maneira de lançadeiras de tear de hum só pau; em cada hũa das quaes, vão vinte trinta remeiros. Alem destas ha outras, que são da casca de hum pau do mesmo tamanho, que

se accomodão muito ás ondas, e são muy ligeiras, ainda que menos seguras: porque se se alagão, vão-se ao fundo: o que não as de pao, que de qualquer maneira sempre andão em cima da agoa. E quando acontece alagarse alguã, os mesmos Indios se lanção ao mar, e a sustentão, a te que a acabam d'esgotar e outra vez se embarcão nella, e tornão a fazer sua viagem.

Todos em seus combates, são muy determinados, e pelejão muy animosamente sem nenhuãs armas defensiuas: e assi parece cousa estranha, vez dous tres mil homẽs nús de parte a parte frechar hũs aos outros com grandes assuuios e grita, mencandose todos com muita ligeireza de huã parte pera outra pera que não possão os imigos apontar nem fazer tiro em pessoa certa. Porẽ pelejão desordenadamente, e desmandão se muito hũs e outros em semelhantes brigas, porq não tem capitão que os gouerne, nem outros officiaes da guerra a que ajão de obedecer nos taes tẽpos. Mas ainda que desta ordenança careção, todauia por outra parte dão se a grande manha em seus cometimentos, e são muy cautos no escolher do tempo em que hão de fazer seus assaltos nas aldeas dos immigos: sobre os quaes costumão dar de noite a horas que os acham mais descuidados. E quando acontece não poderem logo entrados por alguã cerca de madeira lhes ser impedimento que elles tem o redor da aldea pera sua defensão, fazem outra semelhante algum tanto separada da mesma aldea: e assi a vão chegando cada noite dez doze passos, ate que hũ dia amanhece pegada com a dos contrarios, onde muitas vezes se acham tam vezinhos, que vem a quebrar as cabeças com paos que arremessão hũs aos outros. Mas pela mor parte, os que estão na

Aldea, ficão melhorados da peleja, e as mais das vezes se tornão os cometedores desbaratados pera suas terras sem conseguirem victoria nem triũpharem de seus immigos como pretendião. E isto assi por não terem armas defensiuas nem outros aparecuimentos necessarios pera se intertenem nos cercos e fortificarem contra seus immigos, como tambem por seguirem muito agouros, e qualquer cousa que se lhes antolha, ser bastante a retirallos de seu intento. E tam incõstantes e pusilanimes são nesta parte, que muitas vezes com partirem de suas terras muy determinados e desejosos de exercitarem sua crueldade, se acontece encontar sua certa auẽ, ou qualquer outro animal que elles tenhão por Ruym prognostico, não vão mais por diante com sua determinação, e dali consultão tornare se outra vez, sem auer algum da companhia, que seja contra este parecer. Assi que com qualquer abusão destas, a todo tempo se abalão muy facilmete, ainda que estejão muy perto de alcançar victoria: porque ja aconteceo, terem sua aldea quasi rendida, e por su papagayo que auia nella, falar suas certas palauras que lhes elles tinhão ensinado, leuantaram o cerco e fogirão todos, sem esperarem o bom sucesso, que o tempo lhes prometia, crendo sem duuida que se o assi não fizeram, morrerão todos a mãos de seus immigos. Mas a força esta pusilanimidade a que estão sogeitos, são muy atreuidos (como digo) e tam confiados em sua valentia, que não ha forças de contrarios tam poderosas, que os assombrem, nem que os faça desuiar de suas barbaras e vingatiuas tenções. A este proposito contarey algũs casos notaueis que acontecerão entre elles, deixando outros muitos a parte, de que eu

pudera fazer hũ grande volume, se minha tençam
fora escreuelos em particular como cada hũ dos
seguintes.

Na capitania de sam Vicente, sendo capitam
Jorge Ferreira, aconteceo darem os contrarios em
hũa aldea, que estaua não muy longe dos Portu-
gueses: e neste assalto matarem hum filho do
principal da mesma aldea. E porque elle
era bemquisto e amado de todos, não auia pes-
soa nella que o não prantearse, mostrando
com lagrimas e palauras magoadas, o sentim.to
de sua morte. Mas o pay, como cozido e af-
frontado, de não auer ainda neste caso tomado
vingança, pedio a todos com muita efficacia que
se o amauão, dissimulassem a perda de seu fi-
lho, e que per nenhũa via o quisessem chorar.
Passados tres ou quatro meses depois da morte do
filho, mandou aperceuer sua gente como conui-
nha, por se parecer aquelle tempo mais fauo-
rauel, e accomodado a seu proposito. O que
todos logo poseram em effeito, e dali a poucos
dias, deram consigo na terra dos contrarios
(que seria distancia de tres jornadas pouco mais
ou menos) onde fizeram suas siladas junto da
aldea em parte que mais podessem offender
a seus immigos. E tanto que anoiteceo, o
mesmo principal se apartou da companhia cõ
dez ou doze frecheiros escolhidos de que elle
mais se confiaua: e com elles entrou na mes-
ma aldea dos immigos que o auião offendido:
e deixando os a parte, só sem outra pessoa
o seguir, começou de rodear hũa casa e outra
espreitando com muita cautella, de maneira
que não fosse sentido. E da pratica que elles
tinhão hũs com os outros, veo a conhecer pela
noticia do nome, qual era e onde estaua o q

auia morto seu filho: e pera se acabar de satis-
fazer, chegouse da banda de fora á sua estan-
cia, e como foy bem certificado delle ser aquel-
le, deixouse ali estar lançado em terra esperando que se aquietasse a gente. E tanto q̃
vio lozas accomodadas pera fazer a sua, rom-
peo a palma muy mansamente de que a casa
estaua cuberta, e entrando foyse direito ao
matador, ao qual cortou logo a cabeça em breue
espaço com hum cutello que pera isso leuaua.
Feito isto tomou a nas mãos e sahio se fora a
seu saluo. Os immigos que neste tempo acor-
dáram ao reuolto e estrondo do morto, co-
nhecendo serem contrarios, começáram de os
seguir. Mas como seus companheiros quelli
auia deixado em guarda estauão promptos:
ao sair da casa, mataram muitos delles, e
assi se foram defendendo ate chegarem ás si
ladas, donde todos sahiram com grande impitu cõ-
tra os que os seguião, e ali mataram muitos mais.
E com esta victoria, se vierão recolhendo pe-
ra sua terra com muito prazer e contentamento.
E o Principal que consigo trazia a cabeça do
immigo, chegando a sua aldea, a primeira cou-
sa que fez, foyse ao meyo do terceiro da mes-
ma aldea, e ali a fixou em hũ pau á vista de to-
dos, dizendo estas palauras. Agora companhei-
ros e amigos meus, que eu tenho vingada a mór-
te de meu filho, e trazida a cabeça do que o ma-
tou diante vossos olhos, vos dou licença que ocho-
reis muito embora: que dantes com mais razão
me podereis a mim chorar em quanto vos parecia, q̃
por algum descuido dilataua esta vingança, ou
que porventura esquecido de tam grande of-
fensa, ja não pretendia tomala, sendo eu a-
quelle a quem mais deuia tocar o sentimento de

sua morte. Dali por diante foy sempre este Principal muy temido, e ficou seu nome affamado por toda aquella terra.

Outro caso de não menos admiração, aconteceo entre Porto seguro e o Spiritu sancto, naquellas guerras onde matáram Fernam de Saa filho de Mendesaa, que então era gouernador geral destas partes. E foy que tendo os Portugueses rendida huã aldea com fauor de algũs Indios nossos amigos que tinhão de sua parte, chegaram a huã casa para fazerem presa nos immigos, como ja tinhão feito em cada huã das outras. Mas elles deliberados a morrer, nam consentiram que nenhũ entrasse dentro: e os de fora vendo sua determinação, e que por nenhũa via seguerião entregar, dixeram lhes que se logo a hora o não fazião, lhes auião de pôr fogo a casa sem nenhũa remissão. E vendo os nossos que com elles não aproueitaua este descengano: antes se punhão de dentro em determinação de matar quantos podessem, lhes poserão fogo. E estando assi a casa ardendo, o Principal delles vendo que ja não tinhão nenhum remedio de saluação nem de vingança, e que todos começauão ja de arder, remeteo de dentro com grande furia a outro principal dos contrarios que passaua por diante da porta da banda de fora, e de tal maneira o abarcou, que sem se poder liurar de suas mãos ometeo consigo em casa, e no mesmo instante se lançou com elle na fogueira, onde arderam ambos com os mais que la estauão sem escapar nenhum. Neste mesmo tempo e lugar deu hũ Portugues hũa tam gram cutilada a hũ Indio, que quasi o cortou pelo meio: o qual caindo no chão ja como morto, antes que acabasse de spirar, lançou a mão a huã palla que achou diante de si

e atirou com ella ao que o matara; como que se dissera. Recebem a vontade que te não posso mais fazer que isto que te faço em sinal de vingança. Donde verdadeiramente se pode inferir, que outra nenhũa cousa os atormenta mais na hora de sua morte, que a magoa q̃ leuão de senão poderem vingar de seus inimigos.

Cap. xi. da morte que dão aos captiuos, & crueldades que vsaõ cõ elles.

Huã das cousas em que estes Indios mais repugnam o ser da natureza humana, e em que totalmente parece que se extremão dos outros homens, he nas grandes e excessiuas crueldades que executão em qualquer pessoa q̃ podem auer ás mãos como não seja de seu rebanho. Porque não tam somente lhe dão cruel morte em tempo que mais liures e desempedidos estão de toda paixão, mas ainda depois disso por se acabarem de satisfazer, lhe comem todos a carne, vsando nesta parte de cruezas tam diabolicas, que ainda nellas excedem aos brutos animaes, que não tem vso de razão, nem forão nacidos para obrar clemencia.

Primeiramente quando tomão algum contrario, se logo naquelle fragante o não matão, lendo-o a suas terras peza que mais a seu sabor se possão todos vingar delle. E tanto que a gente da aldea tem noticia que elles trazem o tal catiuo, dali lhe vão fazendo hum caminho atecobra de meia legoa pouco mais ou menos, onde o esperam. Ao qual em chegando, recebem todos com grandes afrontas e vituperios, tangendo lhe huas frautas que costumão fazer das canas das perenas doutros contrarios semellantes que matão da mesma maneira. E como entrão na aldea de pois de assi andarem com elle triumphando de hua parte peza outra, lanção lhe ao pescoço hua corda de algodão que peza isso tem feita, a qual he muy grossa quanto naquella parte que o abrange, e tecida ou enlaçada de maneira, que ninguẽ a pode abrir nem cortar, senão he o mesmo-

offial que a faz. Esta corda tem duas pontas compridas pozondo o attão de noite peza não fugir. Dali o metem nũa casa, e junto da estancia daquelle que o catiuou lhe armão hũa redé, e tanto que nella se lança, cessão todos os agrauos sem auer mais pessoa que lhe faça nenhũa offensa. E a primeira cousa que logo lhe apresentão, he hũa moça a mais honrada que ha na aldea, a qual lhe dão por molher: e dali por diante, ella tem cargo delle dar de comer e de o guardar, e assi não vai nũca peza parte q̃ o não acompanhe. E de pois de assi o ter muy regalado hum anno ou o tempo que quizer, determinão de o matar. E aquelles primeiros dias antes de sua morte por festejarem a execução desta vingança, aparelhão muita louça noua, e fazem muitos vinhos do cumo de hũa planta que se chama Aipim, de que atras fiz

menção. Neste mesmo tempo lhe ordenão sua
casa noua onde o metem: e o dia que ha de pa=
decer pela manhaã muito cedo antes que o sol
saya, o tiram della, e com grandes cantares e
folias, o leuão abanhar a sua Ribeira. E ta=
to que o tornão a trazer, vão se com elle a su
terceiro que esta no meyo daldea, e alli lhe
mudão aquella corda do pescoço á cinta, pas=
sandolhe sua ponta peza tras, outra peza
diante, e em cada hũa dellas pegados tres qua=
tro Indios: as mãos lhe deixão soltas, porque
folgão de o verem defender com ellas. E alli
lhe chegão sus pomos duros que tem entre si
á maneira de lazanjas, com que possa atirar
e offender a quem quiser. E aquelle que
está deputado peza o matar, he hum dos ma=
is valentes e honrados da terra, a quem por
fauor e preminencia d'honra concedem este

officio. O qual se empenna primeiro por todo o
corpo com pennas de papagayos, e de outras a=
ues de varias cores. E assi sae desta maneira
com hum Indio que lhe traz a espada sobre
hum alguidar: a qual he de hũ pao muy duro e
pesado, feita á maneira de hũa maça, ainda que
na ponta tem alguã semelhança de pá. E
chegando ao padecente a toma nas mãos, e lha
passa por baixo das pernas e dos braços mene=
andoa de hũa parte peza outra: feitas estas ce=
rimonias, afasta se delle, e começa de lhe fazer
hũa fala a modo de pregação: dizendolhe que
se mostre muy esforçado em defender sua pessoa
peza que o não desonre nem digão que matou
hum homem fraco, affeminado, e de pouco animo,
e que se lembre q̃ dos valentes, he morrerem da
quella maneira em mãos de seus immigos, e não
em suas Redes como molheres fracas q̃ não

forão nacidas peza com suas mortes ganharem semelhantes honras. E se o padecente he homem animoso, e não está desmayado na quelle passo como acontece a algũs: Respondelhe cõ muita sobeeba e ousadia, que o mate muito embora porque o mesmo tem elle feito a muitos seus parentes e amigos. Porem que lhe lembre que assi como tomão de suas mortes vingança nelle, que assi tambem os seus o hão de vingar como valentes homens, e aurem se ainda com elle e com toda sua geração daquella mesma maneira. Ditas estas e outras palauras semelhantes que elles costumão arrezoar nos taes tempos, Pemete o matador a elle com a espada leuantada nas mãos em postura de o matar, e com ella o ameaça muitas vezes, fingindo quelhe quer dar. O miseauel padecente que sobre si ve a cruel espada entregue naquellas violentas e rigurosas mãos do capital immigo, com os olhos e sentidos promptos nella, em vão se defende quanto podi. E andando assi nestes cometimentos, aconteci algũas vezes, virem a braços, e o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada: mas isto raramente, porq acodem logo com muita presteza os circunstates a liurallo de suas mãos. E tanto que o matador ve tempo opportuno, tal pancada lhe da na cabeça que logo lha faz em pedaços. Esta hũa India velha pedestes com hum cabaço grande na mão, e como elle cae, acode muito de pressa a meter lho na cabeça peza tomar nelle os meolos e o sangui. E como desta maneira o acabão de matar, fazem no em pedaços, e cada Principal que então ali se acha, leua seu quinhão peza conuidar a gente de sua aldea. Tudo enfim assão e cozem, e não fica delle cousa que não comã todos quantos ha na terra: salvo aquelle que o matou não come

delle nada, e alem disso se manda sarjar por todo corpo, porque tem por certo q logo morrerá senão desejamar de ser aquelle sangue tanto que acaba de fazer seu officio. Algum braço ou perna, ou outro qualquer pedaço de carne, costumão assar no fumo, e tello guardado alguns meses, pera depois quando o quiserem comer, fazerem nouas festas, e com as mesmas cerimonias tornarem a renouar outra vez o gosto desta vingança como no dia em que o mataram. E depois que assi chegão a comer a carne destes contrarios, ficam os odios confirmados perpetua mente, porque sentem muito esta injuria, e por isso andam sempre a vingarse huns dos outros como ja tenho dito.

E se a molher que foy do padecente, acerta de ficar prenhe, aquella criança que pare, depois de criada, matão na e comem na, sem auer entre elles pessoa alguã que se compadeça de tam injusta morte. Antes seus proprios auós, a quem mais deuia chegar esta magoa, são aquelles que com maior gosto a ajudam a comer, e dizem que como filho de seu pay, se vingam delle, tendo pera ser que em tal caso não toma esta criatura nada da mãy, nem crem que aquella immiga sementi pode ter mistura com seu sangue. E por este respeito lhe dão esta molher com que conuersa: porque na verdade são elles taes, que não se auerião de todo ainda por vingados do pay, se no innocente filho não executasse esta crueldade. Mas porque a mãy sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe, mata a dentro da barriga e faz co que não venha a luz. Tambem acontece algũas vezes affeiçoarse tanto do marido ou catiuo, que chega a fogir com elle pera sua terra polo liurar da morte: e assi algũs Portugueses desta

maneira escapáram, que ainda oje em dia viuem.
Porem o que por esta via se não salua, ou por outra
qualquer manha occulta, sera cousa impossiuel
escapar de suas mãos com vida, porque não cos-
tumão dalla a nenhum catiuo, nem desistirão
da vingança que esperam tomar delle, por
nenhuã riqueza do mundo quer seja macho,
quer femea. Salus se o principal ou outro qual-
quer d'aldea, acerta de casar com alguã escraua
sua contraria (como muitas vezes acontece) pelo
mesmo caso fica Libertada, e assentão em não
pretendezem vingança della por comprazere
áquelle que a tomou por molher. Mas tanto que
morre de sua morte natural, por compreirem as
Leis de sua crueldade, auendo que ja nisso nã
offendem ao marido: costumão quebrarlhe a
cabeça, ainda que isto raras vezes, porque
se tem filhos, não deixão chegar ninguem a
ella, e estão guardando seu corpo ate que o dem
á sepultura.
Outros Indios doutra nação differente se achão
nestas partes, ainda mais feroces e demenos-
razão que estes. Chamão se Aimorés, os qua-
es andão por esta costa como salteadores, e ha-
bitão da capitania dos Illeos ate a de Porto se-
guro: aonde viueram tres do sertão no anno de
1555. pouco mais ou menos. A causa de re-
sidirem nesta parte mais que nas outras, he
por serem aqui as terras mais accomodadas a seu
proposito: assi pelos grandes matos que tem on-
de sempre andão emboscados, como pela mui-
ta caça que ha nellas, que he o seu principal
mantimento de que se sustentão. Estes Ai-
morés, são mais aluos e de maior estatura q
os outros Indios da terra, com a lingua dos qua-
es não tem a destes nenhua semelhança nem

parentesco. Viuem todos entre os matos como brutos animaes, sem terem pouoações nem casas e que se recollão. Sam muy forçosos em extremo, e trazem sus arcos muy compridos e grossos conformes a suas forças, e as frechas da mesma maneira. Estes Indios tem feito muito damno nestas capitanias depois que decceam acesta costa, e mortos algus Portugueses e escrauos: porque são muy barbaros e toda a gente da terra lhes se odiosa. Não pelejão em campo nem tem animo pera isso: poem se entre o mato junto d'algu caminho, e tanto que alguem passa, atiramlhe ao coração ou a parte onde o matem, e não despedem frecha que não na empreguem. As molheres trazem sus paos grossos á maneira de maças com que os ajudão a matar alguas pessoas quando se offerece occasião. Ategora não se póde achar nenhu remedio pera distruir esta perfida gente: porque tanto que vem tempo opportuno, fazem seus saltos, e logo se recolhem ao mato muy depressa, onde são tam ligeiros e manhosos, que quando cuidamos que vão fogindo ante quem os persegue, então ficam atras escondidos atirando aos que passão descuidados: e desta maneira matão muita gente. Pela qual razão todos quantos Portugueses e Indios da naterra os temem muito: e assi onde os da nenhu morador vay a sua fazenda por terra que não leue comsigo quinze vinte escrauos de arcos e frechas pera sua defensão. O mais do tempo andão derramados pee diuersas partes, e quãdo se querem ajuntar, assuuião como passaros ou como bogios, de maneira que sus aos outros se entendem e conhecem. Não dão vida sua só fora a ninguem, porque são muy repentinos e acelerados no tomar de suas vinganças:

e tanto, que muitas vezes estando a pessoa viua lhe costam a carne, e lha estam assando e comendo á vista de seus olhos. São finalmente estes selvagens tam asperos e crucis, que não se pode cõ palauras encarecer sua dureza. Alguns delles ouueram ja os Portugueses ás mãos: mas como sejão tambrauos e de condição tam esquiua, nunqua os poderam amansar nem someter a nenhuã seruidão como os outros Indios da terra, que não recusão como estes a sogeição do catiueiro.

Tambem ha hũs certos Indios junto do rio do Maranham da banda de Oeste em altura de dous graos pouco mais ou menos, que se chamão Tapuyas: os quaes dizem que são da mesma nação destes Aimorés, ou pelo menos irmãos e armas, porque ainda que se encontrem, nam offendem hũs aos outros. Estes Tapuyas não comem a carne de nenhũs contrarios, antes são immigos capitaes daquelles que acostumão comer, e perseguem nos com mortal odio. Porem pelo contrario tem outro ritom mais feo e diabolico, contra natureza, e digno de mayor espanto. E he que quando algum chega a estar doente de maneira que se desconfie de sua vida, seu pay ou mãy, irmãos ou irmãas, ou quaes quer outros parentes mais chegados, o acabam de matar com suas proprias mãos, auendo que vsão assi com elle de mais piedade, que consentirem que a morte o esteja senhoreando e consumindo por tormos tam vagarosos. E o pior que he, que depois disto, o assão e coze e lhe comem toda a carne: e dizem que não hão de sofrer que cousa tam baixa e vil como he a terra lhes coma o corpo de quem elles tanto amam. E que pois he seu parente, e entre elles ha tanta razão de amor, que sepultura mais

honrada lhe podem dar, que metello dentro em si, e agasalhalo peza sempre em suas entranhas.

E porque meu intento principal, não foy tratar aqui senão daquelles Indios que são geraes pela costa com que os Portuguezes tem comunicação, não me quis mais detez em particularizar algũs Ritos desta e doutras nações differentes que ha nesta prouincia, porque me parecez que seria temeridade e falta de consideração, escreuer em historia tã verdadeira, cousas em que por ventura podia auer falsas informações pela pouca noticia q̃ ainda temos da mais gentilidade que habita pela terra dentro.

Cap. xii. do fruito q̃ fazem nestas partes os Padres da companhia com sua doctrina.

Em todas as capitanias desta prouincia estão edificados mosteiros dos Padres da companhia de Jesu, e feitas, algũas partes, algũas igrejas entre os Indios que são de paz: onde residem alguns padres peza os doutrinar e fazer christãos. O que todos aceitão facilmẽte sem contradição alguã: porque como elles não tenhão nenhũa ley, nem cousa entre si a que adorem: he lhes muito facil, tomar esta nossa.

E assi tambem com a mesma facilidade porque alguer cousa leue, a tornão a deixar, e muitos fogem peza o sertão depois de baptizados e instruidos na doutrina christãa. E porq̃ os

EDIÇÃO PRÍNCIPE

¶ *Capit. 10. Do gentio que ha nesta prouincia, da condiçam & costumes delle, & de como se gouernam na paz.*

TA que tratamos da terra, & das cousas que nella foram criadas pera o homem, razam parece que demos aqui noticia dos naturaes della: a qual posto q̃ nam seja de todos em geral, sera especialmente daquelles q̃ habitam pela costa, & em partes pelo sertã dentro muitas legoas com q̃ temos cõmunicaçam. Os quaes ainda que estejam diuisos, & aja entre elles diuersos nomes de nações, todauia na semelhança, condiçam, costumes, & ritos gentilicos todos sam hũs. E se nalgũa maneira differem nesta parte, he tam pouco, que se nam pode fazer caso disso, nem particularizar cousas semelhantes, entre outras mais notaueis, que todos geralmente seguem como logo a diante direy.

¶ Estes Indios sam de cor baça & cabello corridio: tem o rosto amassado & algũas feições delle á maneira de Chins. Pela mayor parte sam bem dispostos, rijos & de boa estatura: gente muy esforçada & que estima pouco morrer, temeraria na guerra & de muito pouca consideraçam. Sam desagradecidos em gram maneira, & muy deshumanos & crueis, inclinados a pelejar, & vingatiuos por extremo. Viuem todos muy descansados sem terẽ outros pensamentos, senam de comer, beber, & matar

gẽte, & por isso engordão muito: mas com qualq̃r desgosto pelo cõseguinte tornam a emmangrecer. E muitas vezes pode nelles tanto a imaginaçam, q̃ se algũ deseja a morte, ou algũ lhes mete em cabeça q̃ha de morrer tal dia, ou tal noite, nam passa daq̃lle termo q̃ nã morra. São muy inconstantes & mudaueis: crem de ligeiro tudo aquillo q̃ lhes persuadem por difficultoso & impossiuel q̃ seja, & cõ qualquer dissuasam facilmente o tornã logo a negar. Sam muy deshonestos & dados á sensualidade, & assi se entregam aos vicios como se nelles nam ouuera razam de homẽs: ainda q̃ todauia em seu ajuntamento os machos com as femeas tem o deuido resguardo, & nisto mostram ter algũa vergonha.

¶ A lingoa de que vsam, toda pela costa he hũa: ainda q̃ em certos vocabulos differe nalgũas partes: mas não de maneira q̃ se deixem hũs aos outros de entender: & isto ate altura de vinte & sete graos, que dahi por diante, ha outra gentilidade de que nós nam temos tanta noticia, que falão ja outra lingua differente. Esta de q̃ trato q̃he gèral pela costa, he muy branda, & a qualq̃r naçam facil de tomar. Algũs vocabulos ha nella de q̃ nam vsam senam as femeas: & outros q̃ nam seruem senam pera os machos. Carece de tres letras, conuema saber, nam se acha nella, f, nem, l, né, R, cousa digna despanto, porq̃ assi nam tem Fé, nem Ley, nem Rey: & desta maneira viuem desordenadamente sem teré alem disto conta, né peso, nem medido. Nam adoram a cousa algũa, nem té

pera

pera si q̃ ha depois da morte gloria pera os bõs, & pena pera os maos E o q̃ sente da immortalidade dalma não he mais q̃ terẽ pera si q̃ seus diffuntos andam na outra vida feridos, despedaçados, ou de qualquer maneira q̃ acabáram nesta. E q̃ndo algũ morre, costumão enterralo em hũa coua assentado sobre os pés cõ sua rede ás costas q̃ em vida lhe seruia de cama. E logo pelos primeiros dias poemlhe seus parẽtes de comer ẽ cima da coua, & tambẽ algũs lhocostumã a meter dẽtro q̃ndo oenterrã, & totalmẽte cuidã q̃ comẽ, & dormẽ na rede q̃ tẽ cõsigo na mesma coua. Esta gẽte nam tẽ entre si nhũ Rey nẽ outro genero de justiça, senã hũ principal ẽ cada aldea, q̃ he como capitã, ao q̃l obedecẽ por võtade & nã por força. Quãdo este morre fiqua seu filho no mesmo lugar per successam, & nã serue doutra cousa senam de yr cõ elles á guerra, & acõselhalos como se hãde auer na peleja: mas nã castiga seus erros, nẽ mãda sobre elles cousa algũa cõtra suas võtades. E assy a guerra q̃ agora tẽ hũs cõtra outros, nã se leuãtou na terra por serẽ differẽtes ẽ leis nẽ ẽ costumes, nẽ por cobiça algũa de interesse: mas porq̃ antiguamẽte se algũ acertaua de matar outro, como ainda agora algũas vezes acõtece (como elles sejã vingatiuos & viuã como digo absolutamẽte sem terẽ superior algũ aq̃ obedeçã nẽ temã) os parẽtes do morto se cõjurauã cõtra o matador & sua geraçã & se perseguiã cõ tãmortal odio hũs a outros, q̃ daqui veo diuidirẽse ẽ diuersos bãdos, & ficarem immigos da maneira q̃ agora estã. E porq̃ estas

Acer da R ligia

dissensoẽs nam fossem tanto por diante, determináram atalhar a isto vsando do remedio seguinte, pera por esta via se poderẽ melhor cõseruar na paz & se fazerem mais fortes contra seus imigos. E he q̃ quando o tal caso acõtece de hũ matar a outro, os mesmos parentes do matador fazẽ justiça delle, & logo á vista de todos o afogam. E cõ isto os da parte do morto ficam satisfeitos, & hũs & outros permanecẽ em suas amizades como dantes. Porẽ como esta ley seja volũtaria & executada sem rigor, nẽ obrigaçam de justiça algũa, nam querẽ algũs estar por ella, & daqui vẽ logo pelo mesmo caso a diuidirense, & leuãtarense de parte a parte hũs contra os outros como ja disse.

¶ As pouoações destes Indios, sam aldeas: cada hũa dellas tem sete oito casas, as quaes sam muy cõpridas, feitas á maneira de cordoarias ou tarracenas, fabricadas sómẽte de madeira, & cubertas cõ palma ou cõ outras heruas do mato semelhantes: estam todas cheas de gẽte de hũa parte & doutra, & cada hũ por si, tem sua estancia & sua rede armada em q̃ dorme: & assi estam hũs jũtos dos outros per ordem, & pelo meyo da casa fica hũ caminho aberto por onde todos se seruẽ como dormitorio, ou coxia de galé. Em cada casa destas viuem todos muito cõformes, sem auer nunqua entre elles nenhũas differẽças: antes sam tam amigos hũs dos outros, q̃ o q̃ he de hũ he de todos, & sempre de qualq̃r cousa q̃ hũ coma por pequena q̃ seja todolos circũstãtes hão de participar della.

¶ Quando

¶ Quando alguem os vay visitar a suas aldeas, depois q̃ se assenta, costumão chegarense a elle algũas moças escabelladas, & recebẽno com grande pranto derramãdo muitas lagrimas, perguntandolhe (se he seu natural) onde andou, q̃ trabalhos foram os q̃ passou depois q̃ dahi se foy: trazẽdolhe á memoria muitos desastres q̃ lhe podẽram acontecer: buscando en fim pera isto as mais tristes & sentidas palauras q̃ podem achar, pera prouocarẽ a choro. E se he Portugues, maldizem a pouca dita de seus diffuntos pois foram tam mal afortunados q̃ nam alcançáram ver gẽte tam valerosa & luzida como sam os Portugueses, de cuja terra todas as boas cousas lhes vem nomeando algũas q̃ elles tem em muita estima. E este recebimento q̃ digo he tam vsado entre elles, q̃ nunqua ou de marauilha deixam de o fazer: saluo quando reinã algũa malicia contra os que os vão visitar, & lhes querẽ fazer algũa treiçam.

¶ As inuẽções & galãtarias de q̃ vsam, sam trazerem algũs o beiçodebaixo furado, & hũa pedra cõprida metida no buraco. Outros haq̃ trazẽ o rosto todo cheo de buracos & de pedras, & assi parecẽ muy feos & disformes: & isto lhes fazem emq̃nto sam mininos. Tãbem costumã todos arrancarem a barba, & nam cõsentem nenhũ cabello em parte algũa de seu corpo: saluo na cabeça, ainda q̃ orredor della por baixo tudo arrancam. As femeas prezanse muito de seus cabellos, & trazem nos muy cõpridos, limpos & penteados, & as mais dellas emnastra-

dos. E assi tambẽ machos como femeas costumão tingir se algũas vezes cõ o sumo de hũ certo pomo q̃ se chama Genipápo, q̃ he verde q̃ndo se pisa, & depois q̃ o poẽ no corpo & se enxuga, fica muy negro, & por muito q̃ se laue, nam se tira senam aos noue dias.

¶ As molheres cõ q̃ costumã casar, sam suas sobrinhas filhas de seus irmãos, ou irmãas: estas tem por ligitimas & verdadeiras molheres, & nã lhas podem negar seus pais, nem outra pessoa algũa pode casar cõ ellas, senã os tios. Nam fazẽ nhũas cerimonias ẽ seus casamentos, nẽ viam de mais neste acto, q̃ de leuar cada hũ sua molher pera si como chega a hũa certa idade porq̃ esperam, q̃ seram entam de q̃torze ou quinze annos pouco mais ou menos. Algũs delles tẽ tres quatro molheres, a primeira tẽ ẽ muita estima & fazẽ della mais caso q̃ das outras. E isto pela mór parte se acha nos principaes, q̃ o tẽ por estado & por hõra, & prezãse muito de se differẽçarẽ nisto dos outros.

¶ Algũas Indias ha tãbem entre elles q̃ determinam de ser castas: as q̃es nam conhecem homẽ algũ de nhũa qualidade, nẽ o consentiram ainda q̃ por isso as matẽ. Estas deixam todo o exercicio de molheres & imittam os homẽs & seguẽ seus officios como se nam fossem femeas. Trazẽ os cabellos cortados da mesma maneira q̃ os machos, & vã á guerra cõ seus arcos & frechas & á caça persuerando sempre na companhia dos homes, & cada hũa tem molher q̃ a serue com q̃ diz que he casada, & assi se comunicam & conuersam como marido & molher.

¶ Todas

¶ Todas as outras Indias q̃ndo parem, a primeira cousa q̃ fazem depois do parto, lauáse todas em hũa ribeira, & ficam tambem dispostas como se nam pariram, & o mesmo fazem á criança q̃ parem. Em lugar dellas se deitão seus maridos nas redes, & assi os visitã & curam como se elles fossem as mesmas paridas. Isto nace de ellas terem em muita conta os pais de seus filhos & desejarem em estremo depois q̃ paré delles de em tudo lhes cõprazer. ¶ Todos criã seus filhos viciosamente sem nhũa maneira de castigo, & mamão ate idade de sete oito ãnos, se as mãis te entam nam acertam de parir outros q̃ os tirẽ das vezes. Nã ha entre elles nhũas boas artes a q̃ se dẽ, nẽ se occupam noutro exercicio, senam em grangear com seus pais o q̃ ham de comer, debaixo de cujo emparo estã agasalhados ate q̃ cada hũ por si he capaz de buscar sua vida sem mais esperarem herãças delles, nem legitimas de q̃ enriqueçam, sómente lhes pagam com aq̃lla criaçam em que a natureza foy vniuersal a todos os outros animaes q̃ nam participam de razam. Mas a vida q̃ buscam, & grangearia de q̃ todos viuem, he á custa de pouco trabalho, & muito mais descansada q̃ a nossa: porque nam possuem nhũa fazẽda, nem procuram acquirila como os outros homẽs, & assi viuem liures de toda cobiça & desejo desordenado de riquezas, de que as outras naçoens nam carecem: & tanto, que ouro nem prata nem pedras preciosas tem entre elles nenhũa vallia, nem pera seu vso tem necessidade de nenhũa cousa destas,

nem doutras ſemelhantes. Todos andam nús & descalços, aſsi machos como femeas, & nã cobrem parte algũa de ſeu corpo. As camas em q̃ dormẽ, ſam hũas redes de fio dalgodam q̃ as Indias tecem nũ tear feito á ſua arte: as q̃es tẽ noue dez palmos de cõprido, & apanhãnas cõ hũs cordeis q̃ lhe rematã nos cabos em q̃ lhes fazẽ hũas aſelhas de cada banda por onde as pendurã de hũa parte & doutra, & aſsi ficam dous palmos, pouco mais ou menos ſuspendidas do cham, de maneira q̃ lhes poſſam fazer fogo debaixo pera ſe aquentarẽ denoite, ou quando lhes for neceſſario. Os mantimentos q̃ plantam em ſuas roças cõ q̃ ſe ſuſtentam, ſam aq̃lles de q̃ atras fiz mẽçam. ſ. mandioca & milho zaburro. Alẽ diſto ajudanſe da carne de muitos animaes q̃ matam, aſsi cõ frechas como por induſtria de ſeus laços & fojos, onde coſtumão caçar a mór parte delles. Tambẽ ſe ſuſtentam do muito mariſco & peixes q̃ vam peſcar pela coſta em jãgadas, q̃ ſam hũs tres ou quatro paos pegados nos outros & jũtos, de modo q̃ ficam á maneira dos dedos de hũa mão eſtendida, ſobre os q̃es podem yr duas ou tres peſſoas, ou mais ſe mais forẽ os paos, porq̃ ſam muy leues & ſoffrẽ muito peſo encima dagoa. Tem quatorze, ou quinze palmos de cõprimento, & de groſſura orredor occupamám dous pouco mais ou menos. Deſta maneira viuem todos eſtes Indios ſem mais terem outras fazẽdas entre ſi, nem grangearias em q̃ ſe desuellem: nem tam pouco eſtados nem opiniões de honra, nem põpas pera q̃ as a

jam

jam mister: porq̃ todos (como digo) sam iguães, & em tudo tam conformes nas condições, q̃ ainda nesta parte viuem justamente & conforme á ley de natureza.

¶ *Capitu. 11. Das guerras que tem hũs com outros & a maneira de como se hão nellas.*

ESTes Indios té sempre grandes guerras hũs cõtra os outros & assi nũqua se acha nelles paz, nem sera possiuel (segũdo sam vingatiuos & odiosos) vedarense entre elles estas discordias por outra nenhũa via, se nã for per meyos da doctrina Christaã cõ q̃ os Padres da cõpanhia pouco a pouco os vão amansando como a diãte direy. As armas cõ q̃ pelejam, sam arcos & frechas, nas q̃es andam tã exercitados q̃ de marauilha erram a coula q̃ apõtem por difficil q̃ seja dacertar. E no despedir dellas sam muy ligeiros em extremo, & sobre tudo muy arriscados nos perigos & atreuidos é gram maneira cõtra seus aduersarios. Quando vã á guerra sempre lhes parece q̃ té certa a victoria, & q̃ nenhũ de sua cõpanhia ha de morrer, & assi em partindo, dizem, vamos matar sem mais outro discurso né cõsideraçã: & nã cuidã q̃ tambẽ podem ser vencidos. E sómente cõ esta sede de vingança, sem esperanças de despojos, né doutro algũ interesse q̃ a isso os moua, vão muitas vezes buscar seus immigos muy lõge caminhando por serras, matos, desertos & caminhos muy asperos. Outros costumão yr por mar de hũas terras pera outras

em

em hũas embarcações a q̃ chamão Canoas q̃ndo querẽ fazer algũs saltos ao lõgo da costa. Estas Canoas sam feitas á maneira de lançadeiras de tear de hũ só pao, em cada hũa dasquaes vam vinte trinta remeiros. Alem destas ha outras q̃ sam da casca de hũ pao do mesmo tamanho, q̃ se accomodam muito ás ondas, & sam muy ligeiras, ainda q̃ menos seguras: porq̃ se se alagã vanse ao fundo o q̃ nam tem as de pao, q̃ de qualquer maneira sempre andam encima dagoa. E quando acõtece alagarse algũa os mesmos Indios, se lançam ó mar, & a sustentam ate q̃ a acabam desgotar, & outra vez se embarcam nella & tornam a fazer sua viagem.

¶ Todos em seus cõbates sam determinados, & pelejam muy animosamẽte sem nhũas armas defensiuas: & assi parece cousa estranha ver dous tres mil homẽs nús de parte a parte fiechar hũs aos outros cõ grandes sumios & grita, meneandose todos cõ grande ligeireza, de hũa parte pera outra, pera que nam possam os imigos apontar nem fazer tiro em pessoa certa. Porem pelejam desordenadamente, & desmandanse muito hũs & outros em semelhãtes brigas, porq̃ nam tẽ capitam q̃ os gouerne, nẽ outros officiaes de guerra, a q̃ ajam de obedecer nos taes tẽpos. Mas ainda q̃ desta ordenança careçã, toda via por outra parte, danse a grande manha em seus cometimentos, & sam muy cautos no escolher do tempo em q̃ hão de fazer seus assaltos nas aldeas dos imigos: sobre osquaes costumã dar de noite a hora q̃ os achem mais descuidados. E q̃ndo acõtece nam poderem logo entralos por al

gũa cerca de madeira lhes ser impedimẽto q̃ elles tẽ orre dor daldea pera sua defensam, fazẽ outra semelhante al gũ tanto separada da mesma aldea: & assi a vã chegando cada noite dez doze passos ate q̃ hũ dia amanhece pega- da cõ a dos cõtrarios, onde muitas vezes se achã tam ve- zinhos q̃ vem a quebrar as cabeças, cõ paos q̃ arremessã hũs aos outros. Mas pela mór parte os q̃ estam na aldea ficão melhorados da peleja, & as mais das vezes se tornã os cometedores desbaratados pera suas terras sem conse guirem victoria, nẽ triumpharem de seus imigos, como pretẽdiam: & isto assi por nam terem armas defensiuas nem outros apercebimentos necessarios pera se interte- rem nos cercos, & forticarem contra seus imigos, como tambem por seguirẽ muito agouros, & qualquer cousa que selhes antolha ser bastante a retirallos de seu intẽto, & tam incõstãtes & pusilanimes sam nesta parte, q̃ mui tas vezes cõpartirem de suas terras muy determinados: & desejosos de exercitarem sua crueldade, se acontece en cõtrar hũa certa aue, ou q̃lquer outra cousa semelhãte q̃ elles tenhã por ruim pronostico, nã vã mais por diãte cõ sua determinaçã, & dali cõsultã tornarse outra vez sem auer algũ da cõpanhia q̃ seja cõtra este parecer. Assi q̃ cõ q̃lquer abusam destas a todo tẽpo se abalam muy facil- mẽte, ainda q̃ estejã muyperto de alcançar victoria: por q̃ ja acõteceo terẽ hũa aldea q̃si rẽdida, & p hũ papagayo q̃ auia nella falar hũas certas palauras q̃ lhe elles tinhã ẽsi nado, leuãtarã o cerco & fugirã sem esperarẽ o bõ sucesso

q̃ o tempo

tẽpo lhes prometia, crendo sem duuida q̃ se assi o nam fezeram, morréram todos a mãos de seus imigos. Mas afora esta pusilanimidade a q̃ estam sogeitos, sam muy atreuidos (como digo) & tam cõfiados em sua valentia, q̃ nam ha forças de cõtrarios tam poderosas q̃ os assombrem, nem q̃ os façam desuiar de suas barbaras & vingatiuas tenções. A este proposito cõtarey algũs casos notaueis q̃ acontecéram entre elles, deixando outros muitos a parte de q̃ eu pudéra fazer hũ grãde volume, se minha téçam fora escreuellos em particular como cada hũ dos seguintes.

¶ Na capitania de S. Vicẽte sendo capitam Iorge Ferreira, aconteceo darem os cõtrarios em hũa aldea q̃ estaua nã muy longe dos Portugueses, & neste assalto matarẽ hũ filho do Principal da mesma aldea. E porq̃ elle era bẽ quisto & amado de todos, nã auia pessoa nella q̃ o nã pranteasse, mostrãdo cõ lagrimas & palauras magoadas o sentimẽto de sua morte. Mas o pay como corrido & afrõtado de nã auer ainda neste caso tomado vingãça, pedio a todos cõ efficacia q̃ se o amauã dissimulassẽ a perda de seu filho, & q̃ per nhũa via o quisessẽ chorar. Passados tres ou q̃tro meses depois da morte do filho, mãdou aperceuer sua gente como conuinha, por lhe parecer aquelle tempo mais fauorauel & accomodado a seu proposito: o que todos logo poseram em effecto. E dali a poucos dias derã consigo na terra dos cõtrarios (q̃ seria distãcia de tres jornadas pouco mais ou menos) onde fezerã suas

filadas

ſiladas junto da aldea em parte q̃ mais podeſſem offen der a ſeus imigos: & tanto que anoiteceo, o mesmo Prin cipal ſe apartou da cõpanhia cõ dez ou doze frecheiros eſcolhidos de q̃ elle mais ſe confiaua, & cõ elles entrou na mesma aldea dos imigos, que o auiam offendido: & deixandoos a parte, ſó ſem outra peſſoa o ſeguir, come çou de rodear hũa caſa & outra eſpreitãdo cõ muita cau tella de maneira q̃ nam foſſe ſentido: & da pratica q̃ elles tinham hũs com os outros veo a conhecer pela noticia do nome qual era, & onde eſtaua o que auia morto ſeu filho, & pera ſe acabar de ſatisfazer, chegouſe da bãda de fora a ſua eſtãcia, & como foy bem certificado de elle ſer aq̃lle, deixouſe ali eſtar lançado em terra eſperando q̃ ſe aquietaſſe a gente. E tanto que vio horas acomodadas pera fazer a ſua, rõpeo a palma muy manſamente, de q̃ a caſa eſtaua cuberta, & entrando foiſe direito ao mata- dor, ao qual cortou logo a cabeça em breue espaço com hũ cutello que pera iſſo leuaua. Feito iſto tomou a nas mãos & ſahioſe fora a ſeu ſaluo. Os imigos q̃ neſte tem- po acordáram ao reuoliço & eſtrondo do morto, conhe cendo ſerem contrarios, começáram de os ſeguir. Mas como ſeus cõpanheiros que elle auia deixado em guar- da eſtauam promptos, ao ſair da caſa matáram muitos delles, & aſsi ſe foram defendendo ate chegarem as ſila- das, donde todos ſairam com grande impetu contra os q̃ os ſeguiã, & ali matáram muitos mais. E cõ eſta victoria ſe vierã recolhendo pera ſua terra cõ muito prazer & cõ

tentamento.

tentamento. E o Principal que consigo trazia a cabeça do immigo, chegãdo a sua aldea a primeira cousa q̃ fez foise ao meyo do terreiro da mesma aldea, & ali a fixou nũ pao á vista de todos dizẽdo estas palauras. Agora cõ panheiros & amigos meus q̃ eu tenho vingada a morte de meu filho, & trazida a cabeça do que o matou diante vossos olhos, vos dou licença que o choreis muito embora: que dantes cõ mais razam me podereis a my chorar, em quanto vos parecia que por algum descuido dilataua esta vingança, ou que por ventura esquecido de tam grande offensa ja nam pretendia tomalla, sendo eu aquelle a quem mais deuia tocar o sentimento de sua morte. Dali por diante foy sempre este Principal muy temido, & ficou seu nome assamado por toda aquella terra.

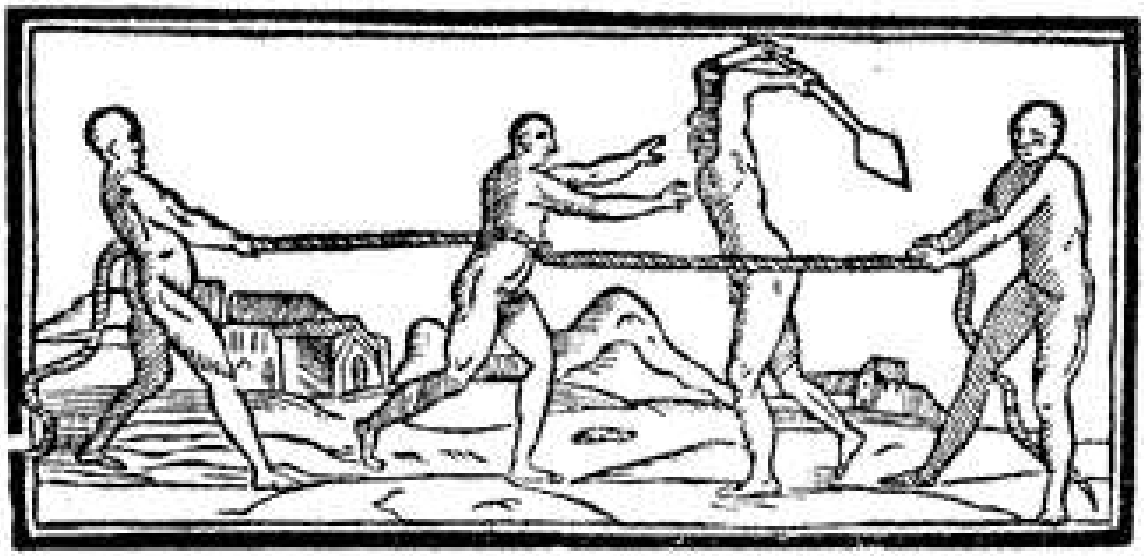
¶ Outro caso de nam menos admiraçam aconteceo entre Porto seguro & o Spirito Sancto, naquellas guerras onde matáram Fernão de Sá filho de Mem de Sá, q̃ entam era Gouernador géral destas partes. E foy q̃ tendo os Portugueses rendida hũa aldea com fauor dalgũs Indios nossos amigos que tinham de sua parte, chegárão a hũa casa pera fazerem presa nos imigos como ja tinhã feito em cada hũa das outras. Mas elles deliberados a morrer, nam consintiram que nenhum entrasse dentro: & os defora vendo sua determinaçam, & que por nenhũa via se queriam entregar, dixeranlhes que se logo a hora o nam faziam, lhes auiam de por fogo á casa

sem

ſem nenhũa remiſſam. E vendo os noſſos que cõ elles nam aproueitaua eſte deſengano, antes ſe pùnham de dentro em determinaçam de matarquantos podeſſem, lhes poſeram fogo: & eſtando a caſa aſsi ardendo, o Principal delles vendo que ja nam tinham nenhũ remedio de ſaluaçam nem de vingança, & que todos começauã de arder, remeteo de dentro com grande furia a outro Principal dos cõtrarios que paſſaua por defronte da porta da banda de fora, & de tal maneira o abarcou, q̃ ſem ſe poder liurar de ſuas mãos, o meteo conſigo em caſa, & no mesmo inſtante ſe lançou com elle na fogueira, onde arderam ambos com os mais que la eſtauam ſem eſcapar nenhum.

¶ Neſte mesmo tempo & lugar deu hũ Portugues hũa tam gram cutilada a hum Indio, que quaſi o cortou pelo meyo: o qual caindo no chão ja como morto, antes que acabaſſe de eſpirar, lançou a mão a hũa palha que achou diante de ſi, & atirou com ella ao que o matára, como que ſe dixera. Recebeme a vontade que te nam poſſo mais fazer que iſto que te faço em ſinal de vingança. Donde verdadeiramente ſe pode infirir que outra nenhũa couſa os atormenta mais na hora de ſua morte que a magoa que leuam de ſe nam poderem vingar de ſeus imigos.

¶ Capi. 12.



¶ *Capitulo 12. Da morte que dam aos catiuos & crueldades que vsam com elles.*

HVA das cousas em que estes Indios mais repugnam o ser da natureza humana, & ẽ que totalmente parece que se extremam dos outros homẽs, he nas grãdes & excessiuas crueldades q̃ executam em qualq̃r pessoa que podem auer ás mãos, como nam seja de seu rebanho. Porque nã tam sómente lhe dão cruel morte em tẽpo que mais liures & desempedidos estã de toda a paixam: mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comem todos a carne, vsando nesta parte de cruezas tam diabolicas, que ainda nellas excedem aos brutos animaes que nam tem vso de razam, nem forão nacidos pera obrar clemencia.

¶ Primeiramente quando tomão algum contrario, se logo naquelle fragante o nam matam, leuã no a suas terras pera que mais a seu sabor se possam todos vingar delle.

E tanto

E tanto q̃ a gente da aldea tem noticia q̃ue elles trazem o tal catiuo, dahi lhe vão fazendo hũ caminho ate obra de meya legoa pouco mais ou menos onde o esperam. Ao q̃l em chegando, recebem todos cõ grandes afrontas & vituperios, tangendolhe hũas frautas q̃ costumam fazer das canas das pernas doutros cõtrarios semelhantes q̃ matam da mesma maneira. E como entram na aldea depois de assi andarem cõ elle triumphando de hũa parte pera outra, lançanlhe ao pescoço hũa corda de algodam q̃ pera isso tem feita, a qual he muy grossa, quanto naq̃lla parte q̃ o abrãge, & tecida ou enlaçada de maneira, q̃ ninguem a pode abrir nem cerrar, senam he o mesmo official q̃ a faz. Esta corda tem duas pontas compridas por onde o atam denoite pera nam fogir. Dali o metem nũa casa, & junto da estancia daquelle q̃ o catiuou lhe armão hũa rede, & tanto q̃ nella se lança, cessam todos os agrauos sem auer mais pessoa q̃ lhe faça nhũa offensa. E a primeira cousa que logo lhe apresentam, he hũa moça a mais fermosa & honrada que ha na aldea, a qual lhe dam por molher: & dahi por diãte ella tem cargo de lhe dar de comer & de o guardar, & assi nam vay nunqua pera parte que o nam acõpanhe. E depois de o terem desta maneira muy regalado hũ anno, ou o tẽpo que querem, determinam de o matar, & aquelles vltimos dias antes de sua morte, por festejarem a execuçam desta vingança, aparelham muita louça noua, & fazẽ muitos vinhos do çumo de hũa planta, q̃ se chama Ai-

pim, de que atras fiz mẽçam. Neste mesmo tempo lhe ordenam hũa casa noua onde o metẽ. E o dia q̃ ha de padecer, pela menhaã muito cedo antes que o sol saya, o tiram della, & com grandes cantares & folias, o leuam a banhar a hũa ribeira. E tanto que o tornam a trazer vanse com elle a hũ terreiro q̃ está no meyo da aldea & ali lhe mudam aquella corda do pescoço á cinta, passandolhe hũa ponta pera tras outra pera diãte: & em cada hũa delas pegados dous tres Indios. As mãos lhe deixam soltas porque folgam de o ver deffender cõ ellas: & ali lhe chegam hũs pomos duros que tem entre si á maneira de larãjas com que possa atirar & offender a quem quiser. E aquelle que está deputado pera o matar, he hũ dos mais valentes & honrados da terra, a quem por fauor & preminencia de honra concedem este officio. O qual se empẽna primeiro por todo o corpo com pẽnas de papagayos & de outras aues de varias cores. E assi sae desta maneira com hum Indio que lhe traz a espada sobre hũ alguidar, a qual he de hum pao muy duro & pesado, feita á maneira de hũa maça, ainda que na ponta tem algũa semelhança de paa. E chegando ao padecẽte a toma nas mãos, & lha passa por baixo das pernas & dos braços meneandoa de hũa parte pera outra. Feitas estas cerimonias afastase algum tãto delle, & começa de lhe fazer hũa fala a modo de pregaçam: dizendolhe que se mostre muy esforçado em defender sua pessoa, pera que o nam deshonre, nem digam q̃ matou hũ homẽ fraco, afiminado

& de

& de pouco animo, & que se lembre que dos valẽtes he morrerem daquella maneira em mãos de seus imigos, & nam em suas redes como molheres fracas, que não foram nacidas pera com suas mortes ganharem semelhãtes honras. E se o padecente he homem animoso, & nã está desmayado naquelle passo (como acontece a algũs) respondelhe com muita soberba & ousadia, que o mate muito embora, porque o mesmo tem elle feito a muitos seus parẽtes & amigos. Porem que lhe lembre q̃ assi como tomã de suas mortes vingança nelle, q̃ assi tambẽ os seus o hão de vingar como valentes homẽs, & aueren se ainda com elle & com toda sua geraçam daq̃lla mesma maneira. Ditas estas & outras palauras semelhantes, que elles costumão arrezoar nos taes tempos, remete o matador a elle com a espada leuantada nas mãos, em postura de o matar, & com ella o ameaça muitas vezes, fingindo que lhe quer dar. O miserauel padecente que sobre si vẽ a cruel espada entregue naquellas violentas & rigurosas mãos do capital imigo, cõ os olhos & sentidos prontos nella, em vão se defende quanto pode. E andando assi nestes cometimentos, acontece algũas vezes virem a braços, & o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada. Mas isto raramente, porque acodem logo com muita presteza os circunstantes a liuralo de suas mãos. E tanto que o matador ve tempo opportuno, tal pancada lhe dá na cabeça, que logo lha faz em pedaços. Está hũa India velha prestes

com hũ cabaço grande na mão, & como elle cae, acode muito de pressa a meterlho na cabeça pera tomar nelle os miolos & o sangue. E como desta maneira o acabam de matar, fazéno em pedaços, & cada principal q̃ ahi se acha, leua seu quinhão pera cõuidar a gente de sua aldea. Tudo enfim assam & cozem, & nam fica delle cousa q̃ nam comão todos quantos ha na terra. Saluo aq̃lle que o matou nã come delle nada, & alem disso mandase sarjar por todo o corpo, porq̃ tem por certo q̃ logo morrerá, se nam derramar de si aquelle sangue tanto q̃ acaba de fazer seu officio. Algũ braço ou perna, ou outro qualquer pedaço de carne costumão assar no fumo, & tello guardado algũs meses, pera depois quando o quiserẽ comer, fazerem nouas festas, & cõ as mesmas cerimonias tornarem a renouar outra vez o gosto desta vingança como no dia em q̃ o matáram. E depois q̃ assi chegã a comer a carne de seus contrarios, ficam os odios confirmados perpetuamente, porq̃ sentem muito esta injuria, & por isso andam sempre a vingarse hũs dos outros como ja tenho dito. E se a molher q̃ foy do catiuo acerta de ficar prenhe, aquella criança q̃ pare, depois de criada, matãna & comẽna sem auer entre elles pessoa algũa q̃ se cõpadeça de tam injusta morte. Antes seus proprios auós (a quem mais deuia chegar esta magoa) sam aq̃lles que cõ mayor gosto o ajudam a comer, & dizẽ q̃ como filho de seu pay se vingam delle: tendo pera si que em tal caso nam toma esta criatura nada da mãy, nẽ crem q̃ aquella

imiga

imiga ſemente pode ter miſtura com ſeu ſangue. E por eſte respeito ſómente lhe dam eſta molher com q̃ conuerſe: porque na verdade ſam elles taes, que nam ſe aueriam de todo ainda por vingados do pay, ſe no innocẽte filho nam executaſſem eſta crueldade. Mas porq̃ a mãy ſabe o fim que hão de dar a eſta criãça, muitas vezes q̃ndo ſe ſente prenhe, mataa dentro da barriga, & faz com q̃ nam venha a luz. Tambem acontece algũas vezes affeiçoarſe tanto ao marido, que chega a fogir com elle pera ſua terra pelo liurar da morte. E alsi algũs Portugueſes deſta maneira eſcapáram, que ainda oje em dia viuẽ. Porẽ o que por eſta via ſe nam ſalua, ou por outra qualquer manha occulta, ſera couſa impoſsiuel eſcapar de ſuas mãos com vida: porque nam coſtumam dalla a nhũ catiuo, nem diſiſtirám da vingança que eſperam tomar delle por nenhũa riqueza do mundo, quer ſeja macho quer fẽmea. Saluo ſe o Principal, ou outro qualquer da aldea acerta de caſar com algũa eſcraua ſua contraria (como muitas vezes acontece) pelo mesmo caſo fica liberta da, & aſſentam em nam pretenderem vingança della, por comprazerem á quelle que a tomou por molher. Mas tanto que morre de ſua morte natural, por compprirem as leis de ſua crueldade (auendo que já niſto nam offendem ao marido) coſtumam quebrarlhe a cabeça, ainda que iſto raras vezes, porque ſe tem filhos nam deixam chegar ninguem a ella, & eſtam guardando ſeu corpo ate que o dem á ſepultura.

¶ Outros Indios doutra naçam differente, se acham nestas partes, ainda mais feroces & de menos razão q̃ estes. Chamanse Aimorés, os quaes andam por esta costa como salteadores, & habitam da capitania dos Ilheos ate a de Porto seguro, aonde vierã ter do sertam no anno de 55, pouco mais ou menos. A causa de residirẽ nesta parte mais que nas outras, he por serem aqui as terras mais accomodadas a seu proposito, assi pelos grandes matos que tem onde sempre andam emboscados, como pela muita caça que ha nellas, que he o seu principal mantimento de que se sustentam. Estes Aimorés sam mais alnos & de mayor estatura que os outros Indios da terra, com a lingua dos q̃es nam tem a destes nenhũa semelhãça nem parentesco. Viuem todos antre os matos como brutos animaes, sem terem pouoações nem casas em q̃ se recolham. São muy forçosos em extremo, & trazem hũs arcos muy compridos & grossos cõformes a suas forças, & as frechas da mesma maneira. Estes Alarues tem feito muito dãno nestas capitanias depois que deceram a esta costa, & mortos algũs Portugueses & escrauos, porque sam muy barbaros, & toda a gente da terra lhes he odiosa. Nam pelejam em campo, nem tem animo pera isso: poense antre o mato junto de algũ caminho, & tanto que alguem passa, atiranlhe ao coraçam, ou a parte onde o matem, & nam despedem frecha que nam na empreguem. As molheres trazẽ hũs paos grossos á maneira de

ra de maças com que os ajudam a matar algũas pessoas q̃ndo se offerece occasiam. Ate gora nam se pode achar nenhũ remedio pera destruir esta perfida gente: porque tanto q̃ vem tempo opportuno, fazem seus saltos, & logo se recolhem ao mato muy de pressa, onde sam tam ligeiros & manhosos, que quando cuidamos que vam fogindo ante quem os persegue, entam ficam atras escondidos atirando aos q̃ passam descuidados: & desta maneira matam muita gente. Pela q̃l razam todos quãtos Portugueses & Indios ha na terra os temẽ muito: & assi onde os ha, nenhũ morador vai a sua fazenda por terra, que nam leue consigo quinze vinte escrauos de arcos & frechas pera sua defensam. O mais do tẽpo andam derramados por diuersas partes, & quando se querem ajuntar assuuiam como passaros, ou como bugios, de maneira q̃ hũs aos outros se entendem & conhecem, sem serem da outra gente conhecidos. Nam dam vida hũa só hora a ninguem, porque sam muy repentinos & acelerados no tomar de suas vinganças: & tanto, que muitas vezes estando a pessoa viua, lhe cortam a carne, & lha estam assando & comẽdo á vista de seus olhos. Sam finalmente estes Seluagẽs tam asperos & crueis, q̃ nam se pode cõ palauras encarecer sua dureza. Algũs delles ouueram ja os Portugueses ás mãos: mas como sejã tã brauos & de cõdiçã tã esquiua nũqua os podérã amãsar

ñ em ſometer a nenhũa ſeruidam, como os outros Indios da terra que nam recuſam como eſtes a ſogeiçam do catiueiro.

¶ Tambem ha hũs certos Indios junto do rio do Maranham, da bãda do Oriente em altura de dous graos, pouco mais ou menos, que ſe chamão Tapuyas, os quaes dizem que ſam da mesma naçam deſtes Aimorés, ou pelo menos irmãos em armas, porque ainda que ſe encõtrem nam offendem hũs aos outros. Eſtes Tapuyas nã comem a carne de nenhũs contrarios, antes ſam imigos capitaes daquelles que acoſtumão comer, & os perſeguẽ com mortal odio. Porem pelo contrario tem outro rito muito mais feo & diabolico, contra natureza, & digno de mayor eſpanto. E he, que quando algũ chega a eſtar doente de maneira que ſe descõfie de ſua vida, ſeu pay ou mãy, irmãos, ou irmaãs, ou quaesq̃r outros parentes mais chegados, o acabam de matar com ſuas proprias mãos, auendo q̃ vſam aſsi com elle de mais piedade, que conſintirem que a morte o eſteja ſenhoreando & conſumindo por termos tam vagaroſos. E o pior que he, que depois diſto o aſſam & cozem & lhe comem toda a carne, & dizem que nam hão de ſoffrer q̃ couſa tão baixa & vil, como he a terra, lhes coma o corpo de quem elles tanto amam, & q̃ pois he ſeu parente, & entre elles ha tãta razam de amor, que ſepultura mais honrada lhe podem dar que metello dentro em ſi & agaſalhalo pera ſempre em ſuas entranhas.

¶ E porq̃

¶ E porque meu intento principal nam foy tratar aqui senam daquelles Indios q̃ sam gêraes pela costa, cõ q̃ os Portugueses tem cõmunicaçam, nã me quis mais deter em particularizar algũs ritos desta & doutras nações differentes que ha nesta prouincia, por me parecer q̃ seria temeridade & falta de consideraçam escreuer em historia tam verdadeira, cousas em que por ventura podia auer falsas informações, pola pouca noticia que ainda temos da mais gentilidade que habita pela terra dentro.

¶ *Capitulo 13. Do fruito que fazem nestas partes os Padres da Companhia com sua doctrina.*

POr todas as Capitanias desta prouincia estam edificados mosteiros dos Padres da companhia de IESV, & feitas em algũas partes algũas Igrejas entre os Indios q̃ sam de paz, onde residem algũs Padres pera os doutrinar & fazer Christãos: o que todos aceitam facilmente sem contradiçam algũa. Porque como elles nam tenham nhũa ley, nem cousa entre si a que adorem, helhes muito facil tomar esta nossa. E assi tambem com a mesma facilidade, por qualquer cousa leue a tornam a deixar, & muitos fogem pera o sertam, depois de baptizados & instruidos na doutrina Christaã. E porque os Padres vem a inconstancia que ha nelles, & a pouca capacidade que tem pera obseruarem os Mandamẽtos da ley de Deos (principal-